

[GATACA]

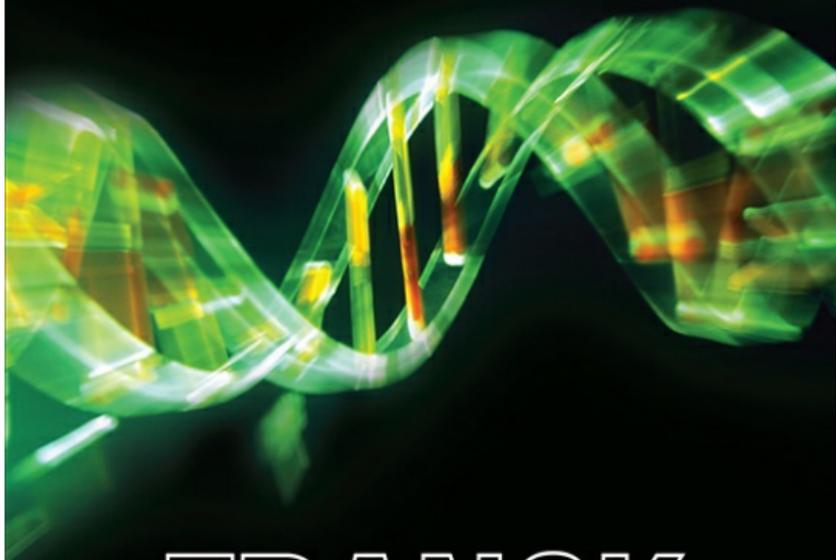
intrínseca



FRANCK
THILLIEZ

[GATACA]


intrínseca



FRANCK
THILLIEZ

FRANCK THILLIEZ

Gataca

TRADUÇÃO DE
Mauro Pinheiro



Copyright © 2011 Fleuve Noir, département d'Univers Poche

TÍTULO ORIGINAL
GATACA

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Suelen Lopes

REVISÃO DE EPUB
Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-384-8

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



*Para Esteban e Tristan que, como outros sete bilhões de formiguinhas,
participam modestamente dessa obra formidável que é a Evolução.*

Os seres vivos já existiam na Terra há mais de três bilhões de anos sem ter a menor ideia do porquê, antes que, finalmente, a verdade ocorresse a um deles.

O gene egoísta, Richard Dawkins

A ciência não consiste só em saber aquilo que se deve ou se pode fazer, mas também em saber aquilo que se poderia fazer e que talvez não se deva fazer.

O nome da rosa, Umberto Eco

[C]om frequência, me perguntam de onde vêm as ideias. Surgem a partir de uma notícia no jornal? Diante de uma paisagem? Na esquina de uma rua ou na página de uma revista? Para falar a verdade, não sei ao certo. Não existe segredo ou método. Não acredito mais na noção de uma inspiração súbita ou de um acaso, como se víssemos mil folhas de árvores arrebatadas pela tempestade e, de repente, passássemos a acompanhar com o olhar aquela que virá se colar em nosso rosto.

Há mais de dois anos, em minha busca de ideia para a segunda parte do díptico dedicado à violência, assisti, digamos que não por acaso, à conferência de um cientista sobre a Evolução. Durante seu discurso, esse professor explicou o seguinte: Charles Darwin, certa vez, recebeu de um correspondente uma orquídea originária de Madagascar, a *Angraecum sesquipedale*, vulgarmente conhecida como *estrela de Madagascar*. Essa flor possui um labelo de cerca de vinte e cinco a trinta centímetros de comprimento, em cuja base o néctar é abundante. Nenhuma das borboletas conhecidas por Darwin tinha condições de alcançar tal profundidade. Como então poderia ser realizada a polinização das flores, sem a qual esta orquídea teria desaparecido? Ele supôs que devia existir em Madagascar uma borboleta dotada de uma tromba suficientemente longa para aspirar o néctar no fundo do labelo.

Essa borboleta foi descoberta quarenta e um anos depois e lhe deram o nome simbólico de *Xanthopan morgani praedicta*, em homenagem à previsão de Darwin. Sua tromba media entre vinte e cinco e trinta centímetros de comprimento.

Eu achei essa descoberta tão extraordinária que disse a mim mesmo que deveria haver ali, sem dúvida, alguma história. Passei então a me interessar por biologia, por Evolução, por DNA, e a refletir sobre a trama que vocês irão descobrir. A alquimia das palavras cuidou do restante.

Neste livro, voltam a entrar em cena Lucie Henebelle e Franck Sharko. No fim de *A síndrome E*, a aventura deles não havia terminado, visto que um evento inesperado ocorreu nas derradeiras páginas. Embora os personagens estejam dando continuidade psicológica ao que foi vivido no livro anterior, faço questão de frisar que esta narrativa é de todo independente e pode, portanto, ser absorvida como tal por novos leitores.

Resta-me apenas desejar uma excelente leitura.

PRÓLOGO

Agosto 2009

[N]ão deveria ter feito sol naquele dia. Em nenhum lugar sobre a Terra as pessoas deveriam ter o direito de rir, correr pela praia ou trocarem presentes. Alguém deveria impedir tudo isso. Não, não tinham direito à felicidade nem à tranquilidade. Porque, em algum lugar, em uma sala refrigerada no final de abjetos corredores iluminados de néon, uma garotinha estava no frio.

Um frio que nunca mais a deixaria. Nunca mais.

De acordo com as autoridades, o corpo irreconhecível de uma menina — idade estimada entre sete e dez anos — fora encontrado nas proximidades de uma estrada, entre as cidades de Niort e Poitiers. Lucie Henebelle ainda ignorava as circunstâncias exatas da descoberta, mas, assim que a notícia chegou à Divisão de Homicídios de Lille, ela não perdeu tempo. Depois de mais de quinhentos quilômetros repletos de adrenalina, apesar do cansaço, do sofrimento, do medo do pior que aumentava a cada segundo, sempre a mesma frase saía de sua boca: “Espero que não seja uma de minhas filhas, por piedade, que não seja uma de minhas filhas.” Ela, que jamais rezava, que esquecera o cheiro de uma vela, agora suplicava. Chegou a pensar que talvez se tratasse de outra criança, uma menininha qualquer cujo desaparecimento não fora notificado à polícia. Talvez uma menina sequestrada na véspera, ou durante aquele dia. Desse modo, outros pais estariam sofrendo, mas não ela.

Não, ela não.

Lucie tentou se convencer mais uma vez: tratava-se de outra criança. A distância relativamente pequena entre o local do sequestro de Clara e Juliette Henebelle — Les Sables-d’Olonne — e aquele em que tinham descoberto o corpo só podia ser fruto do acaso. Assim como o curto período, cinco dias, entre o desaparecimento e o instante preciso em que Lucie colocava o pé no estacionamento do Instituto Médico Legal de Poitiers.

Outra criança... Então por que Lucie estava ali, sozinha, tão longe de casa? Por que um ácido violento escorria no fundo de sua garganta provocando ânsias de vômito?

Apesar de o dia estar chegando ao fim, o asfalto do estacionamento continuava fervendo. Entre os poucos carros da polícia e dos funcionários, os odores acres de alcatrão derretido e de pneus empasteavam o ar. O verão de 2009 havia sido um inferno, em todos os aspectos. Pessoal e privado. Pensar que o pior estava por vir, com aquela palavra abominável pulsando em sua cabeça: irreconhecível.

A menina estendida lá dentro não é uma de minhas filhas.

Lucie pegou seu celular outra vez, verificou as mensagens recebidas, embora a tela de cristal líquido não exibisse o ícone de envelope. Talvez tivesse havido um problema de rede durante o percurso, talvez tivessem lhe enviado uma mensagem

urgente: Clara e Juliette tinham sido encontradas, passavam bem e logo estariam em casa, brincando.

A batida da porta traseira de uma caminhonete a trouxe de volta à realidade. Não havia mensagem. Ela guardou o celular e entrou no prédio. Lucie conhecia de cor as instalações de um IML. Todos tinham a mesma estrutura. A recepção bem à frente, os laboratórios de análise no andar superior e no andar térreo, o necrotério e as salas de necropsia, emblematicamente, no subsolo. Os mortos não tinham mais direito à luz.

Com o rosto encovado, os olhos semicerrados, a tenente de polícia pediu informação à secretária. Sua voz estava hesitante, insegura. As cordas vocais esfoladas por tantos choros, gritos e noites insones. Segundo o registro, a vítima — outra palavra atroz que lhe comprimiu o peito — chegara às seis e trinta e dois. A essa altura, o médico legista devia estar terminando os exames superficiais. Sem dúvida, preparava-se, naquele exato momento, para ler o relato dos últimos minutos da vítima contado por sua própria carne.

Outra menina. Nem Clara nem Juliette.

Lucie tinha dificuldades para se manter em pé, as pernas trêmulas ordenando que desse meia-volta. Ela seguiu pelos corredores apoiando-se na parede, andando devagar, envolvida pelas sombras, enquanto lá fora, em algum lugar, em pleno verão, pessoas dançavam e cantavam. Este era o contraste mais difícil de suportar; em todo canto, a vida prosseguia, ao passo que ali...

Trinta segundos depois, ela se encontrava diante de uma porta com um vidro oval. O local cheirava a morte, sem qualquer artifício para amenizar essa impressão. Lucie já acompanhara pais, irmãos e irmãs por aqueles túneis escuros rumo à “identificação”. A maioria deles desabava antes mesmo de ver o corpo. Entrar naquele lugar tinha algo de desumano. Era contra a natureza.

Dentro de seu campo de visão, do outro lado do vidro, um rosto com máscara, olhar concentrado, estava voltado para uma mesa de aço inoxidável que Lucie não podia ver. Lucie passara por isso tantas e tantas vezes e todas essas vezes ela vira apenas a materialização de um novo caso, um dossiê que esperava ser emocionante, extraordinário. Lucie havia agido como aquele maldito legista, que tratava de um caso entre muitos outros e que, voltando para casa depois do expediente, ligaria a televisão e beberia alguma coisa.

Mas hoje, tudo era bem diferente. Ela era a policial e a vítima. O caçador e a presa. E apenas uma mãe, diante do corpo de uma criança morta.

Não é minha filha. É outra menina. Outros pais logo estarão sofrendo em meu lugar.

Extraindo dessas palavras um resto de coragem, ela colocou as duas mãos contra a porta, respirou o mais profundamente que pôde e a empurrou.

Um homem na faixa dos cinquenta anos parou no fundo do estacionamento do Instituto

Médico Legal, atrás de uma caminhonete de entrega de materiais hospitalares. Um local estratégico que lhe permitia observar a movimentação dentro do prédio sem chamar atenção. Com os olhos ocultos por trás de óculos escuros remendados, a barba espessa de vários dias, ele dava a impressão de alguém prestes a fazer alguma maldade. O suor escorria pela testa. Aquele calor, aquele calor perverso, esmagador e úmido... Ele ergueu os óculos e enxugou as pálpebras com um lenço, sem deixar de analisar a situação. Deveria entrar e conseguir mais informações sobre o corpo da criança? Ou deveria aguardar a saída dos agentes de polícia encarregados de assistir à necropsia e então fazer as perguntas?

Encolhido no banco do carro, Franck Sharko massageou longamente suas têmporas. Há quantas horas não dormia? Há quanto tempo ele se revirava na cama durante a noite, encolhido como uma criança culpada? A música baixa do rádio, o sopro fino de ar sufocante circulando entre as duas janelas abertas lhe fizeram fechar as pálpebras. De repente sua cabeça pendeu para o lado e essa queda involuntária lhe provocou um sobressalto. Sua cabeça queria dormir, sua mente o impedia.

O comissário de polícia da Divisão de Repressão à Violência despejou água mineral na palma da mão, esfregou-a no rosto e saiu para esticar as pernas. Do lado de fora, o ar pareceu colar-se em suas roupas já encharcadas. Nesse momento, ele se achou estúpido. Poderia ter entrado no prédio, mostrado sua identificação policial e assistido ao exame, recolhendo as informações de maneira mecânica e profissional. Em mais de vinte e cinco anos de carreira, dos quais vinte na Divisão de Homicídios, quantos cadáveres já havia visto sendo recortados pelos instrumentos de um legista? Duzentos? Três vezes mais que isso?

Mas há muito tempo não suportava ver crianças. O bisturi brilhando exageradamente sobre aqueles jovens peitos sem pelos, tão brancos. Era como um beijo do Mal. Ele vira o olhar das irmãs Henebelle na praia. Tinham jogado bola, corrido juntos sobre as poças, sob a vigilância delicada de sua mãe. Um período de férias, despreocupado, um momento de felicidade simples compartilhada. E, meu Deus, as gêmeas de belos olhos azuis haviam desaparecido por causa dele.

Isso fora apenas uma semana antes.

Uma das semanas mais longas, mais dolorosas, desde o aniquilamento de sua própria família.

O que revelaria a necropsia, os exames biológicos e toxicológicos? Que inferno cuspirão no papel branco as impressoras dos laboratórios? Ele conhecia de cor o circuito da morte, aquela lógica implacável dentro do absurdo. Sabia perfeitamente que, mesmo após o falecimento, um ser humano nas mãos da polícia e dos legistas não encontraria a paz definitiva enquanto a investigação não fosse concluída. Revoltava-o aquela total degradação de um corpo que havia um dia acolhido a luz. Ao pensar nos assassinos de crianças, o comissário contraiu os dedos até as falanges perderem a cor.

Um ruído de motor, e Sharko soube que um carro estacionava. Protegido por uma caminhonete, ele se espreguiçou mais dois segundos sobre o asfalto ardente. Suas articulações estalavam como lenha seca. Finalmente, ele entrou em seu velho carro enfermo, à beira da agonia, mas que resistia, resistia...

Foi nesse mesmo instante que a viu, e todo o interior de seu ser se fragmentou ainda mais

Calça jeans, camiseta cinza para fora da calça, o cabelo desajeitadamente preso em um rabo de cavalo. Os olhos de um azul-celeste que não chegava a iluminar seu rosto. Ela parecia a tela de um mestre, a pintura desbotada e arruinada, como ele, sem dúvida. Ao vê-la assim, oscilando como um infeliz veleiro, a dor se anunciou em suas entranhas.

Então, Lucie Henebelle também tinha sido imediatamente informada. Ela vigiava todos os arquivos digitalizados, os casos de todas as delegacias relacionadas a crianças, tinha feito e recebido as ligações necessárias. E não perdera tempo, pisando fundo no acelerador ao primeiro sinal de alerta. Mas merda, o que ela viera fazer naquele sepulcro? Assistir ao esarteamento de uma de suas próprias filhas? Nem mesmo ele fora capaz de enfrentar a necropsia de sua pequena Éloïse, tanto tempo antes. Era pior que engolir uma granada destravada.

Mas então, como podia uma mãe, um ser de amor, achar forças para tal coisa? Por que essa necessidade de sofrer, e de incitar ainda mais seu ódio? E se, afinal de contas, se tratasse de outra criança? Lucie Henebelle estaria condenada a ser uma errante, de necrotério em necrotério, em busca de suas duas filhas, até ir se consumindo a fogo lento? E se encontrasse uma, e não a outra? Como não enlouquecer?

Com os dedos crispados no volante, Sharko hesitou um bom tempo sobre que atitude tomar. Deveria entrar agora? Permanecer ali e esperar que ela reaparecesse? Mas como deixar Lucie sair do prédio, parcialmente devastada, ébria de tristeza, sem se jogar em seus braços? Como não apertá-la contra o peito com todas as forças, murmurando em seu ouvido que um dia aquilo tudo certamente acabaria e então ela se sentiria melhor?

Não, só havia uma solução. Fugir. Ele amava demais essa mulher.

Girou a chave na ignição e arrancou em direção a Paris.

Quando a silhueta grotesca do IML desapareceu no espelho retrovisor, Sharko compreendeu que ele não a veria mais.

Sua tristeza e seu ódio nunca haviam sido tão grandes.

Precisava seguir pela estrada sem se preocupar com a dor de cabeça, com as lágrimas ardentes e com as mãos infantis arranhando o interior de seu ventre. Afastar-se o mais rápido possível desse lugar assombrado pela marca da morte. Lucie não tinha comido, nem bebido. Somente vomitado. Seu corpo funcionava à base de adrenalina, os nervos à flor da pele. Muito além da velocidade permitida, ela avançava contra a gritante torrente de iluminação da autoestrada rumo ao norte. E se ela se espatifasse contra as grades de proteção da pista, azar. Dirigir até o esgotamento, encadear os quilômetros de asfalto para não pensar, nunca mais pensar. Apesar de tudo, as imagens vinham em abundância e inundavam sua memória. O corpo muito pequeno, em perfeita contradição com a imensa mesa de necropsia. O brilho sorridente dos instrumentos sob a iluminação fria da sala...

E não saber. Nem sequer ser capaz de dizer se seria uma de suas próprias filhas. Aquelas vidas que ela havia carregado, acompanhado durante oito anos, noite e dia,

durante as doenças e as festas na escola, aquelas das quais conhecia cada traço, o menor detalhe escondido, até a mais ínfima variação de suas expressões.

Sangue de seu sangue.

A partir de agora seria preciso ter paciência, os segundos escorreriam como um lento veneno nas veias e, ao fim do caminho, o horror: ou uma das gêmeas estava morta, ou sofria ainda nas mãos de seu carrasco. O pior ou o pior do pior...

Que monstro as raptara? Por quê? Clara e Juliette tinham desaparecido quando foram comprar sorvete na praia de Les Sables-d'Olonne. Bastou menos de um minuto para que se evaporassem na multidão. Teriam sido sequestradas por um sinistro acaso? Estavam sendo vigiadas? Com que intenção? Lucie não parava de imaginar todas as possibilidades, todos os desvios concebíveis das histórias sórdidas, até se sentir doente. E cada possibilidade era substituída por outra, ainda pior. A bobina do horror não parava mais de girar.

Essa onda de escuridão por causa de Franck Sharko. Ela o odiava mortalmente e nunca, nunca mais queria vê-lo. Era melhor assim: sentia que seria capaz de esganá-lo até a morte.

Como seriam os dias seguintes à espera das análises, da investigação, das buscas pelo assassino? Que demônio poderia atormentar assim a vida de uma criança? Onde quer que se escondesse, Lucie o pegaria, nem que precisasse usar todas as suas forças.

Não era Clara nem Juliette. Não era Clara nem Juliette quem eu vi esta noite. Era... outra coisa.

Uma claridade tímida tremulava pela janela de seu apartamento, no coração do bairro universitário de Lille. Um lugar agradável, comum, cheio de vida, conversas, calor humano. A avenida estava deserta, os sinais de trânsito projetavam suas luzes verde, vermelha e amarela continuamente no mesmo ritmo monótono. Lucie tentava voltar para casa. Sem Clara e Juliette aquele apartamento parecia mais atroz que um sarcófago.

Sua mãe, Marie Henebelle, alternava xícaras de café e remédios para se manter consciente. Eram três horas da manhã e a senhora de mechas loiras desbotadas, de uma energia normalmente incontestável, ganhara dez anos no espaço de poucos dias. Fora ela que criara as meninas, desde o nascimento, por conta da profissão de Lucie. Fora ela que trocava as fraldas, preparara as mamadeiras, ficara acordada ao lado da cama quando estavam doentes ou quando as missões policiais ocupavam Lucie por toda a noite.

E hoje, meu Deus, hoje...

Lucie ficou imóvel no vão da porta, os maxilares trincados, diante de sua mãe. Se pelo menos pudesse fugir para longe, longe dali, sem nunca virar para trás. Andar por uma longa extensão de areia que imergisse no meio do mar. Já pensava no dia seguinte, nas chamas de cada despertar, se conseguisse adormecer, nas camas vazias no quarto verde e rosa, nos bichinhos de pelúcia à espera de carinho. O elefante que Juliette ganhara na pescaria do parque de diversões, o hipopótamo que Clara gostava tanto de apertar contra o peito. Todas essas lembranças já haviam se tornado feridas

abertas.

Como Lucie não se mexia mais, sua mãe veio abraçá-la, respirando sofregamente em seu pescoço sem dizer coisa alguma. O que dizer, em uma hora dessas? Que acabariam encontrando as gêmeas com vida e que tudo voltaria aos eixos? Uma policial e, conseqüentemente, a mãe de uma policial sabiam melhor do que ninguém que após quarenta e oito horas as chances de encontrar uma criança viva eram quase nulas. Era o que diziam a realidade e as estatísticas.

Marie notou o saco hermético e transparente que sua filha apertava em sua mão lívida. Compreendeu imediatamente. O kit empacotado contendo uma máscara, um tubo transparente, um par de luvas de borracha, uma ficha de cartolina e três escovilhões, aquelas espécies de cotonetes utilizados para recolher amostras de DNA.

Lucie murmurou, abraçada à mãe.

— O que vou fazer, mamãe? Como vou conseguir?

Marie Henebelle sentou-se no sofá, esgotada. Alta, magra, ela era uma mulher que, com quase sessenta anos, tinha conservado todo seu encanto. Naquela noite, seu organismo inteiro implorava, pedindo ajuda, mas ela resistia...

— Eu estarei com você. Sempre estarei com você.

Lucie assentiu, fungando.

— A criança na mesa de necrópsia... Eu a amaldiçoei, mamãe, amaldiçoei-a por me deixar na dúvida. Não é minha filha. No fundo, eu sei que não é minha filha. Como poderia uma de minhas filhas estar ali? Como... como poderiam ter-lhe feito mal? É simplesmente impossível.

— Sei que é impossível.

— Tenho certeza de que... de que esse monstro ficou parado quando... quando o fogo inflamou. Ele ficou observando.

— Lucie...

— Talvez consigam prendê-lo bem rápido. Talvez ele tenha aprisionado outras garotinhas, e então minhas filhas...

— Talvez, Lucie, talvez — respondeu Marie, com uma voz resignada, sinal, segundo Lucie, de uma fatalidade implacável.

A policial não tinha mais forças para falar. Na penumbra, ela foi lavar as mãos e rasgar o pacote fornecido pelo laboratório de polícia técnica. Cada um de seus gestos pesava uma tonelada e parecia admitir o impossível. Depois de calçar as luvas, ela voltou à sala. Seus olhos cruzaram com os da mãe, que recuou, os dedos tremendo sobre os lábios.

Com sua habilidade de policial, Lucie enfiou cuidadosamente o escovilhão na própria boca, mexendo-o com calma a fim de que a extremidade em espuma branca se impregnasse com sua saliva. Enxugou com os ombros seu rosto molhado de lágrimas, nada devia contaminar seus movimentos, nem mesmo sua tristeza de mãe. Sabia que aquele ato era odioso, irreal: buscava em seu DNA as provas de que uma de suas filhas talvez estivesse morta.

Em seguida, Lucie aplicou a ponta do escovilhão no local indicado sobre um cartão

rosa — o cartão FTA — até impregná-lo com seu DNA, depois o guardou dentro de um saquinho, fechando-o meticulosamente com uma fita adesiva vermelha em que estava escrito: “Lacre judicial. Não abrir.”

A amostra seguiria na manhã seguinte, o mais cedo possível, para um laboratório particular, onde seria empilhada sobre centenas de outras. Seu futuro — o futuro delas — repousava sobre uma banal molécula que nem sequer se podia enxergar. Uma sucessão de milhões de letras A, T, G, C que constituem um código genético único — exceto no caso de gêmeos monozigóticos — e que tantas vezes orientaram as investigações para confrontar os suspeitos.

Apesar de suas convicções, de suas esperanças, Lucie não pôde se impedir de pensar que talvez fosse preciso, em breve, viver sem suas pequenas estrelas. Se isso acontecesse, como ela conseguiria continuar existindo?

Um ano depois

[A]equipe de Manien, da Divisão de Homicídios de Paris, foi a primeira a chegar ao local do crime. O drama se produzira no bosque de Vincennes, perto do jardim zoológico, não muito longe do lago Daumesnil e a apenas alguns quilômetros do famoso 36 Quai d'Orfèvres, sede do Comando Central da Polícia Judiciária de Paris. O céu estava azul, as águas, límpidas, mas com temperaturas amenas naquele início do mês de setembro. Um verão agradável, variado, frequentemente atravessado por chuvas torrenciais, permitia que a capital recuperasse o fôlego.

Um corpo sem vida havia sido encontrado de manhãzinha por um homem praticando corrida. O corredor, com o celular dentro de uma bolsa presa à cintura, tentou primeiro telefonar para o número de emergência. Em menos de uma hora, a informação foi transferida pelo policial para a central telefônica da Divisão de Homicídios, antes de se propagar até o terceiro andar da escadaria A e arrancar de suas cadeiras os agentes da polícia judiciária.

Instalado no banco do motorista de seu Polo verde, um homem na faixa dos quarenta anos tinha, ao que parecia, recebido vários golpes de alguma arma branca no tórax. Ainda estava com o cinto de segurança. Foi a estranha posição da cabeça — o queixo repousando pesadamente sobre o peito — que intrigara o corredor. Quanto ao vidro da janela do lado do motorista, ele se encontrava totalmente aberto.

Franck Sharko, o número dois do grupo de quatro agentes, avançava à frente dos demais, com passadas firmes, decidido a ser o primeiro a chegar ao local. Seguido pelo chefe e por seus colegas a uma dezena de metros, ele atravessou o perímetro isolado pelos policiais, a fim de se aproximar do carro estacionado em uma área cercada de árvores, protegida do olhar dos curiosos.

Os agentes do Quai d'Orfèvres conheciam bem o bosque de Vincennes, especialmente na altura dos bulevares e as perigosas zonas onde travestis, prostitutas e transexuais faziam ponto. Esse local, contudo, ficava um pouco afastado e era considerado tranquilo. Por isso mesmo, com o zoológico de um lado e o lago do outro, era o lugar ideal para um assassinato sem testemunhas.

Depois de calçar suas luvas de borracha, Sharko, usando uma calça jeans larga demais, uma camisa de malha preta e mocassins em fim de carreira, enfiou a mão pela janela aberta do veículo, segurou o queixo da vítima e virou a cabeça em sua direção. O capitão Manien, cinquenta anos, dos quais mais de vinte e dois na polícia, precipitou-se então e agarrou Sharko pela camisa.

— Porra, o que você está fazendo?

Sharko empurrou delicadamente a cabeça do cadáver para o interior do carro. Ele observava a roupa manchada de sangue, os olhos mortos, a expressão lívida.

— Acho que eu o conheço... Não lembra alguém?

Manien se enfureceu. Ele puxou o comissário como teria feito com um delinquente qualquer.

— Você não respeita mais os regulamentos? Está brincando comigo?

— Frédéric Hurault... Isso mesmo, Frédéric Hurault. Nós o conhecemos faz uns dez anos. Fui eu que cuidei do caso na época, quando você estava sob minhas ordens, lembra?

— Neste momento, o que me interessa é você.

Sharko olhou fixamente para aquele chefe menos graduado que ele. Depois de seu pedido de reintegração, ele só era comissário porque alguns ainda o chamavam assim: “Tudo bem, *Comissário?*” Ele assumira o posto de um simples inspetor de polícia. O preço a ser pago para voltar ao lixo das ruas, ao submundo, à imundície dos crimes crapulosos, após vários anos nos escritórios extremamente limpos de Nanterre, no serviço de análise comportamental. Mas Sharko tinha desejado essa reintegração, mesmo que para isso tivesse que trabalhar com um babaca como Manien. Sua solicitação surpreendera toda sua antiga hierarquia: os casos de rebaixamento de cargo eram muitíssimo raros na polícia francesa. Para compensar, tinham então lhe proposto o comando de um grupo na Divisão de Homicídios. Ele recusou. Queria acabar como começara: de baixo, uma arma na mão, diante das trevas.

— E você se lembra por que foi condenado? — perguntou com a voz seca. — Por matar duas meninas de menos de dez anos. Suas próprias filhas.

Manien pegou um cigarro e o acendeu entre os dedos de unhas roídas. Era um sujeito magro e nervoso, parecia um papel de cigarro: esbranquiçado, áspero e tenso. Trabalhava muito, comia pouco e ria menos ainda. Um homem pouco sociável, segundo alguns, um homem desprezível, segundo outros. Para Sharko, ele era as duas coisas.

Bertrand Manien era direto:

— Você está me provocando. Depois que ingressou em minha equipe, não parou de me encher o saco. Não preciso de gente descontrolada em meu grupo. Vai abrir uma vaga na equipe de Bellanger. Fontès parte para um dos territórios ultramarinos depois de amanhã. Caia fora de meu grupo, sem estardalhaço. É melhor para você e para mim.

Sharko concordou.

— Que assim seja.

Manien tragou seu cigarro avidamente, fechando os olhos atrás de uma nuvem de fumaça que logo se dispersou.

— Me diga uma coisa, há quanto tempo você está sem dormir? Quero dizer, mais de duas horas por noite?

Sharko esfregou a testa. Três rugas profundas, perfeitamente paralelas, se desenharam sob as mechas quase grisalhas dos cabelos que já lhe cobriam as orelhas. Ele, que durante toda sua carreira de policial tinha usado os cabelos curtos, já não visitava um

barbeiro havia meses.

— Não tenho a menor ideia.

— Tem sim. Não pensei que fosse fisiologicamente possível alguém conseguir aguentar tanto tempo assim. Sempre achei que pudéssemos morrer por falta de uma dose mínima de sono. Você está pirando, *Comissário*, nunca deveria ter saído do escritório em Nanterre. Você se lembra desse sujeito que não vê há mais de dez anos, mas é incapaz de recordar onde deixou sua arma. Agora, você vai voltar para casa e dormir até não poder mais. Vai ficar esperando que Bellanger o chame. Vá, saia da minha frente.

Com essas palavras, Manien o deixou. Conduta rigorosa de militar. Um grande babaca, e orgulhoso disso. Ele foi apertar as mãos dos peritos policiais e do agente processual, que desembarcavam com suas maletas, papeladas e expressões graves. Sempre os mesmos, um bando de insetos necrófagos prontos a se lançar sobre o cadáver, pensou Sharko. Certas coisas não mudam nunca.

Com os lábios contraídos, ele observou mais uma vez a vítima, cujas pupilas já se embaçavam. Frédéric Hurault morrera com surpresa no olhar, provavelmente sem compreender. No meio da noite, na escuridão, sem nem sequer um poste de luz por perto. Tinham batido no vidro, ele abrira. A arma surgira então, perfurando várias vezes sua barriga. Um crime executado em menos de vinte segundos, sem grito, sem efusão de sangue. E sem testemunha. Em seguida, viriam a coleta de indícios, a necrópsia e a investigação local. Um circuito já bem experimentado, que permitia resolver noventa e cinco por cento dos casos de crime.

Mas sobravam os famosos cinco por cento com milhares de páginas processuais abarrotando os sótãos das delegacias. Um punhado de assassinos espertos, que passavam pelo pente fino da polícia. Esses eram os mais difíceis de prender, era preciso muito empenho para conseguir.

Como se quisesse desafiar a autoridade, Sharko voltou à cena do crime, deu uma volta de inspeção do veículo, e por fim desapareceu sem se despedir de ninguém. Todos o viram se afastar sem abrir a boca, exceto Manien, que ainda vociferava.

Não tinha importância. Por ora, Sharko não estava mais enxergando direito e estava morrendo de sono...

No meio da noite, Sharko estava no banheiro, os dois pés juntos sobre uma balança eletrônica novinha, com precisão centesimal. Não havia erro ou problema de ajuste, ela marcava mesmo setenta quilos e duzentos gramas. O peso que tinha aos vinte anos. Seus músculos abdominais haviam ressurgido, assim como os ossos sólidos de suas clavículas. Com desgosto, ele apalpou seu corpo de um metro e oitenta e cinco. Em um papel colado à parede, marcou um ponto na parte inferior de uma tabela elaborada meses antes. Uma das linhas representava a evolução de seu peso, que diminuía.

Naquele ritmo, ela acabaria saindo do papel e se prolongaria sobre o azulejo da parede.

Com o torso nu, ele voltou para seu quarto, um cômodo destituído de vida. Uma cama, um armário, um monte de trilhos desmontados e trens em miniatura jogados no canto. O rádio relógio, cuja melodia ele não escutava há uma eternidade, marcava três e sete.

Estava quase na hora.

Sentado com as pernas cruzadas, bem no meio do colchão, ele aguardou. Suas pálpebras piscavam. Seus olhos fixavam os números vermelhos e agressivos.

Três e oito... Três e nove... Sharko começou a fazer uma contagem regressiva em sua cabeça, contra a vontade, sessenta, cinquenta e nove, cinquenta e oito, cinquenta e sete... Um ritual do qual era incapaz de se livrar, que se reproduzia a cada noite. O inferno no fundo de seus miolos esturrados.

Os minutos avançaram.

Três e dez. A impressão de uma explosão, de fim do mundo.

Há um ano e dezesesseis dias, exatamente, seu telefone tocara. Ele não dormia, tampouco, naquela noite. Lembrou-se então da voz masculina, falando do laboratório da polícia técnica de Poitiers. Palavras jorrando do além-túmulo:

“Os resultados são formais. Os exames comparativos de DNA de Lucie Henebelle e da vítima queimada no bosque são positivos Trata-se, portanto, de Clara ou de Juliette Henebelle, mas não dispomos de meio algum para saber mais do que isso por ora. Lamento.”

Com um gesto cansado, Sharko se enfiou sob o lençol e o puxou até o queixo, com a vaga esperança de cochilar umas duas horas, talvez três. O bastante para continuar sobrevivendo. Somente os verdadeiros insones sabem o quanto as noites são longas, e até que ponto os fantasmas berram. Os ruídos noturnos ressoam... E depois, os pensamentos vêm e incendeiam a cabeça... Para conter essa tortura, o velho policial tentara quase tudo, em vão. A imobilidade, os soníferos, a sincronia respiratória, até mesmo o exercício físico até desabar de cansaço. O corpo se submetia, mas o espírito não. E ele se recusava a consultar um psiquiatra. Já não aguentava mais todos aqueles médicos que o acompanhavam há vários anos por conta de sua esquizofrenia.

Nunca, nunca ficaria em paz.

Ele fechou os olhos e imaginou bolas amarelas que se deixavam arrastar pela crista das ondas — era com essas imagens que tentava adormecer. Depois de algum tempo, percebeu enfim a ressaca no mar, o rumor do vento, o ranger dos grãos de areia. Seus braços foram ficando entorpecidos, tomando-o por completo. Podia até escutar seu coração alimentando seus músculos esgotados. Mas sempre que começava a adormecer, a espuma das ondas se tingia de vermelho sangrento, lançando as bolas murchas para a praia, onde se deslocavam somente as sombras negras de crianças.

E ele pensa nela, outra vez, sempre. Ela, Lucie Henebelle, cuja imagem se resumia

a um rosto, um sorriso e lágrimas. Por onde andaria? Sharko ficou sabendo discretamente que tinha se demitido alguns dias após a prisão do assassino e aquela tragédia que teria soterrado qualquer ser humano. E depois, teria ela conseguido voltar à tona ou teria, como ele, chegado ao fundo do poço? Como seriam agora seus dias, suas noites?

Seu grande coração de policial doente começou a bater mais rápido. Um tanto rápido demais para quem espera adormecer. Então Sharko se virou e recomeçou. As ondas, as bolas, a areia quente...

Na segunda-feira, 6 de setembro, seu telefone tocou às sete e vinte e dois, enquanto tomava um café descafeinado, sozinho, diante de um jogo de palavras cruzadas nem um terço completo. Para a definição “Deus da violência e do mal”, ele escrevera “Seth”, depois largou o jogo em silêncio, com a mente confusa. Em outros tempos, ele teria concluído em poucas horas, mas agora...

No outro lado da linha, Nicolas Bellanger, seu novo superior, lhe pedia para comparecer imediatamente ao Centro de Primatologia de Meudon, a quatro quilômetros de Paris. Tinham acabado de encontrar uma mulher morta em uma jaula, espancada e mutilada, aparentemente, por um chimpanzé.

Sharko desligou com um gesto brusco. Sua carreira chegava ao fim e o faziam investigar macacos. Já podia até ver seus colegas debochando e passando a batata quente para ele. Imaginava a zombaria, os olhares enviesados e piadas do tipo “E aí, *Comissário*, está paquerando as macacas, agora?”.

Do ponto mais profundo de sua tristeza, ele se sentiu miseravelmente rebaixado.

[A]pós deixar para trás o Observatório de Meudon, Sharko seguiu lentamente por uma estradinha no meio do bosque, acompanhado por seu novo colega da equipe Bellanger, Jacques Levallois, de trinta anos. Com jeito de primeiro da classe, torso musculoso, Levallois entrara para a Divisão de Homicídios um ano antes, após obter excelentes resultados no concurso para inspetor, além de seu tio, subchefe da Divisão de Narcóticos, ter mexido alguns pauzinhos.

Naquela manhã, o comissário não se mostrava muito disposto a conversar. Os dois homens nunca haviam trabalhado juntos e Levallois, como todo mundo, conhecia o passado turbulento de seu novo parceiro. As perseguições sem fim aos assassinos violentos... O mergulho nos casos mais complicados... Sua mulher e sua filha mortas em circunstâncias trágicas, alguns anos antes... E aquela estranha doença que se desencadeara em sua cabeça até finalmente desaparecer de uma hora para outra... Levallois o considerava um verdadeiro sobrevivente, um desses heróis caídos a quem só se pode admirar ou detestar. Por enquanto, o jovem inspetor ainda não sabia que atitude tomar. Uma única certeza: Sharko fora um bom investigador.

Embora bem próximo da capital, o local por onde os dois policiais se deslocavam parecia apartado do mundo: árvores a perder de vista, uma claridade branda, vegetação profusa. Uma placa discreta indicava “Centro de Primatologia, UMR 6552 EEE”.

— EEE significa Etologia-Evolução-Ecologia — informou Levallois, a fim de diminuir a tensão.

— E Etologia-Evolução-Ecologia quer dizer exatamente o quê?

— Para falar a verdade, não tenho a menor ideia.

Sharko pegou um desvio e estacionou em um espaço onde já se encontravam uma dúzia de carros de funcionários e uma viatura da polícia. Situado no coração do bosque, o centro de pesquisas tinha a aparência de um campo militar isolado, protegido por paliçadas de madeira altas e sólidas que formavam um recinto circular. O acesso era feito por um portão de ferro que, no atual estado das coisas, encontrava-se escancarado. Sem dizer uma palavra, os dois policiais, o velho e o jovem, penetraram no enclave, seguindo na direção de alguns homens e mulheres que travavam uma discussão, ao final de uma das alamedas de terra batida.

O Centro nada tinha de realmente espetacular. De um lado a outro, os imensos espaços haviam sido adaptados, dando uma impressão de liberdade aos animais, mas eles estavam presos por uma cerca discreta e as árvores tinham sido revestidas por redes verdes. Macacos de todos os tamanhos brincavam ou se penduravam pelo rabo, soltando urros, bandos de lêmures encaravam os dois intrusos com seus olhos grandes de jade. Uma cópia esmaecida da selva amazônica ajustada ao estilo parisiense.

Uma mulher de cabelos castanhos com a expressão cansada afastou-se do grupo e se aproximou deles. Devia ter uns cinquenta anos e fazia lembrar de longe Sigourney

Weaver em *Nas montanhas dos gorilas*. Levallois sacou com orgulho sua identificação policial.

— Divisão de Homicídios de Paris. Sou o inspetor Levallois e este é o...

— Comissário Sharko — completou Shark.

Eles apertaram as mãos com firmeza. A mulher tinha uma força incomum.

— Clémentine Jaspas. Sou primatologista e também a responsável por este Centro. Foi horrível o que aconteceu.

— Um de seus macacos atacou uma funcionária?

Clémentine balançou a cabeça, com o ar triste. Uma mulher em contato com a natureza, observou Sharko, vendo seus dedos fissurados, a pele escurecida por um sol que não era o da França. Uma cicatriz grande atravessava seu antebraço, dessas que podiam ter sido causadas por um golpe de facão.

— Não entendo o que aconteceu. Shery nunca faria mal a uma mosca. Não é possível que tenha cometido tal atrocidade.

— Shery é a...

— Minha macaca. Um chimpanzé do oeste africano que está comigo há muito tempo.

— Pode nos mostrar onde aconteceu?

Ela concordou e apontou para uma instalação longa, branca e moderna, de um único pavimento.

— Ali ficam os animais e é onde funciona nosso laboratório de estudo. Dois policiais fardados estão aqui. Um lá dentro e o outro... não sei bem, deve estar dando uma volta nas alamedas, o telefone grudado ao ouvido. Sigam-me.

Os dois policiais cumprimentaram os funcionários com um gesto rápido de cabeça, todos visivelmente transtornados pelo drama. Eram cinco ou seis jovens, com suas xícaras de café na mão, discutindo energicamente. Sharko observou com atenção cada rosto, depois se virou para Jaspas.

— O que vocês fazem exatamente neste centro de pesquisas?

— Etologia, principalmente. Tentamos compreender como as organizações sociais dos primatas e suas faculdades cognitivas foram moldadas ao longo da evolução biológica. A partir daí, estudamos seus deslocamentos, seus modos de utilizar ferramentas, suas formas de reprodução. Nestes oito hectares, temos uma centena de primatas, repartidos em dez espécies diferentes. A maioria vem da África.

Nem Sharko nem seu colega tinha se dado o trabalho de pegar um bloco para anotar aquelas informações. Para quê, visto que o caso estava praticamente concluído? No alto das árvores, como em um balé sincronizado, duas silhuetas ruivas se balançavam languidamente de galho em galho: uma família de orangotangos, com o filhote à frente da mãe.

— E a vítima? Qual era exatamente sua função?

— Éva Louts estudava na universidade de Jussieu. Tinha se especializado em biologia evolutiva e trabalhava aqui há três semanas, preparando seu trabalho de fim de curso.

— E o que é biologia evolutiva?

— Primeiro de tudo, o senhor sabe o que é o genoma?

— Não exatamente.

— É a compilação completa do DNA que compõe nossos vinte e três pares de cromossomos. Isso resulta em uma sequência de mais de três bilhões de dados, que são, de certo modo, o manual de instruções de nosso organismo. Com esse genoma, nós reconstituímos a história da vida. A biologia evolutiva tenta entender por que e como aparecem as novas espécies, os novos vírus como o da Aids e o SARS, ao passo que outros se extinguem. E também tenta responder a uma série de questões sobre a evolução da vida. Por que, por exemplo, nós envelhecemos e morremos. O senhor certamente já ouviu falar em seleção natural, em mutações, em herança genética.

— Darwin e companhia? Já ouvi falar por alto.

— Pois bem, nós estamos mergulhados nisso.

Eles entraram na instalação onde viviam os animais. Depois de passarem por um pequeno escritório com equipamentos básicos de informática, eles alcançaram uma sala espaçosa, repleta de jaulas de diferentes tamanhos, a maioria vazia. De vez em quando alguns lêmures gesticulavam. Sobre as estantes, acumulava-se uma bela coleção de brinquedos de plástico. Formas geométricas coloridas, quebra-cabeças com peças enormes, recipientes. Reinava naquele local um odor desagradável de couro envelhecido e excremento. Aparentemente transtornada, Jaspas parou de repente e apontou com o dedo.

— Foi ali que aconteceu. Podem se aproximar. Desculpem, mas prefiro ficar por aqui, ainda não estou me sentindo muito bem.

— Nós entendemos.

Sharko se aproximou do colega. Os dois homens apertaram a mão de um terceiro, um policial de bigode que vigiava o local da tragédia. Na última jaula, um enorme cubo constituído de barras de três metros de altura, a vítima se encontrava negligentemente caída sobre a palha e os cavacos, os braços jogados para trás, como se tomasse um banho de sol. O sangue escorrera da parte posterior de seu crânio. Uma grande ferida — provavelmente causada por uma mordida — marcava seu rosto da bochecha direita até o queixo. A moça devia ter uns vinte e três ou vinte e quatro anos. Sua blusa fora arrancada, os sapatos, lançados a alguns metros do corpo, no meio da jaula. Na poça de sangue, havia um grande peso de metal para papéis, talvez de cobre ou de bronze.

No canto direito, no fundo dessa mesma jaula, havia um chimpanzé agachado, o pelo brilhando com o sangue na altura do antebraço, nas mãos e nos pés. Ele era grande e preto, com um dorso vigoroso, braços magros, longos e felpudos. Olhou na direção dos novos intrusos. Em suas pupilas, Sharko pôde ler, em uma fração de segundo, a expressão de uma profunda aflição. Shery, a grande primata, retomou sua posição prostrada, dando as costas para os observadores.

O policial de bigode manipulava um cigarro apagado entre os dedos.

— Nada a fazer. Já faz um bom tempo que essa macaca imunda não se mexe nem sequer um centímetro. Recebemos ordens para esperar vocês, antes de pôr o bicho para dormir.

Sharko se virou na direção de Jaspur, que mantivera-se afastada.

— Quem descobriu o corpo?

A primatologista não ouviu a pergunta. Aproximando-se rapidamente do policial fardado, ela lançou-lhe um olhar severo.

— Shery não é um chimpanzé. É um chimpanzé da qual eu cuído há mais de trinta e sete anos.

O policial encolheu os ombros.

— Macaco ou não, eles acabam sempre se virando contra nós, cedo ou tarde. Olha aí a prova.

O inspetor Jacques Levallois insinuou discretamente para que ele sáisse e tomasse um pouco de ar. A tensão era palpável; a atmosfera, elétrica. Sharko repetiu calmamente sua pergunta:

— Quem descobriu o corpo?

Jaspur estava agora a seu lado. Pequena, forte, ela torcia nervosamente os dedos, fazendo de tudo para que seu olhar não cruzasse com o da vítima infeliz. Sharko sabia que, para a maioria das pessoas, passado o fenômeno da curiosidade, torna-se impossível encarar a morte. Além do que, a visão daquela criatura parcialmente nua era de fato insuportável.

— Hervé Beck, nosso cuidador de animais. Todos os dias, ele vem limpar as jaulas às seis da manhã. Ao entrar aqui hoje, chamou imediatamente a polícia.

— Então, a porta da jaula estava fechada quando ele chegou?

— Não, estava escancarada. Foi Hervé que a fechou assim que viu o corpo, para impedir que Shery fugisse.

— Onde está Hervé?

— Lá fora, com os outros.

— Muito bem. Esse peso para papéis perto do corpo... Alguma ideia de onde ele vem?

— Do escritório onde Éva trabalhava.

— Alguma ideia sobre o que pode ter levado uma estudante a abrir a jaula e entrar com um peso para papéis?

— Shery é a mascote deste Centro. Ao contrário dos outros animais, ela entra na jaula apenas para dormir. O resto do tempo, ela pode passear por onde bem entender. De vez em quando, ela subtrai alguns objetos, principalmente os mais brilhantes. Éva devia ter conduzido Shery para dentro da jaula, assim que concluiu suas observações. Como estava frequentemente ausente durante o dia, ela vinha trabalhar mais tarde e era a última a sair. Confiávamos nela.

A primatologista olhou para sua infeliz companheira.

— Shery é totalmente inofensiva. É conhecida por todos os primatologistas da França

por sua gentileza, sua inteligência e, sobretudo, por sua capacidade de se expressar.

— De se expressar?

— Ela fala *ameslan*, a língua gestual praticada pelos surdos-mudos americanos. Aprendeu há mais de trinta anos no Instituto de Comunicação do Chimpanzé e do Ser Humano, em Ellensburg. Sempre me surpreendi com seus progressos, compartilhando suas alegrias e tristezas. Eu repito, ela não é capaz de...

Clémentine se calou bruscamente, aterrada pela terrível evidência: um sínio coberto de sangue, uma vítima a seu lado, agredida com um peso para papéis e mordida. O que poderia ter acontecido? Como Shery podia ter cometido um ato tão abominável? A cientista tentou se comunicar com o animal, mas apesar de suas exortações e chamados através das grades, a fêmea continuou prostrada.

— Ela não quer nos dizer nada. Acho que está realmente traumatizada.

Sharko e seu parceiro Levallois trocaram olhares cúmplices. O jovem inspetor pegou seu celular e saiu. Sharko enfiou as mãos nos bolsos de sua calça larga demais. Não se sentia muito à vontade diante daquele animal agachado no canto e daquele cadáver tão jovem que o encarava com suas pupilas vazias.

— Senhora, um inquérito será realizado, um juiz será designado. Meu colega saiu para chamar uma equipe de técnicos que virá colher algum material, além de outros agentes para uma investigação local.

Essas palavras pareceram tranquilizar a primatologista. Mas tratava-se simplesmente de um procedimento habitual. Até mesmo um homem pendurado pelo pescoço na ponta de uma corda dentro de um cômodo trancado por dentro acarretaria a abertura de um inquérito. Era preciso distinguir o suicídio de um acidente ou de um crime disfarçado. Sharko observava o animal. No espaço de alguns segundos, ele se perguntou se esses bichos também possuíam impressões digitais.

— A senhora sabe que eles precisarão entrar na jaula e recolher dados de sua... companheira, principalmente no que diz respeito às gengivas e unhas, a fim de verificar se acham o sangue da vítima, o que poderia provar a agressão. Vai ser preciso fazê-la dormir.

Após um instante sem se mexer diante das sólidas barras de ferro, Clémentine Jaspas assentiu sem muita convicção.

— Eu entendo. Mas me prometa que não vão machucá-la enquanto toda a verdade não for apurada. Esse animal é bem mais humano do que a maior parte das pessoas a nossa volta. Eu a encontrei moribunda na selva, ferida por caçadores clandestinos. Sua mãe foi morta diante de seus olhos. Ela é como minha filha. Ela é tudo em minha vida.

Sharko sabia que aquilo significava melhor do que qualquer um, arrancar um ser amado de alguém, fosse ele um animal ou não. Ele tentou achar a resposta mais neutra possível.

— Não posso prometer nada, mas farei o possível.

Clémentine Jaspas respirou com tristeza.

— Muito bem. Vou buscar a seringa hipodérmica.

Ela disse isso com a voz bem baixa. Sharko se aproximou da jaula e se agachou, tomando cuidado para não tocar nas barras. Não havia a menor dúvida: a marca do maxilar do animal no rosto era clara. O macaco era o culpado, o cenário não deixava dúvida. O animal a acertara com o peso para papéis, mordera seu rosto e sem dúvida jamais haveria uma explicação para sua atitude. O comissário já havia ouvido falar da violência repentina desses primatas, que se tornam capazes de massacrar a própria prole, sem razão aparente. Éva Louts provavelmente tinha sido imprudente, talvez tivesse provocado o macaco no momento errado. Uma coisa era certa: o futuro daquele pobre animal com orelhas afastadas e expressão graciosa não parecia nada promissor.

— Trinta e sete anos, minha velhinha. Você tem a idade de uma mulher que eu amei... Sabia? Nunca é tarde demais para perder as estribeiras, hein? Por que você simplesmente não nos explica o que aconteceu?

Clémentine reapareceu com um aparelho que estranhamente lembrava uma pistola de pintura. Sharko se ergueu e olhou para o teto.

— Há câmeras de segurança em quase todo o lugar. Vocês já...

— Não serviram para nada. Era para Éva Louts ter acionado o sistema de alarme e ligar as câmeras assim que fêchasse a porta.

Com um suspiro, a diretora apontou sua arma para o chimpanzé.

— Desculpe, minha querida...

Neste exato instante, Shery se virou e fixou os olhos na mulher. Com os punhos cerrados no chão, ela avançou lentamente até a extremidade da jaula. No gatilho, os dedos de Jaspas tremiam.

— Lamento. Não consigo.

Sharko pegou a arma de suas mãos.

— Pode deixar. Eu faço isso.

Grudada às barras, a macaca se levantou um pouco, juntou as mãos, com as palmas para o exterior, em seguida as levou até o focinho, recuando ligeiramente. Quando Sharko apontou a pistola na direção do animal, Jaspas interrompeu seu gesto.

— Espere! Ela finalmente começou a falar.

Shery fez outros sinais: uma mão em cada lado da cabeça, agitando as palmas para baixo, como um fantasma tentando assustar uma criança. Depois colocou sua mão direita nos lábios, antes de baixá-la até o chão. E recomeçou a série de gestos, três, quatro vezes. Em seguida, se aproximou do corpo de Éva Louts e o acariciou ternamente sobre a bochecha arrancada. Sharko nunca havia identificado tamanha emoção no olhar de um ser vivo. Aquele animal transmitia algo de profundamente humano. Contrariando sua própria vontade, seu coração de policial ficou apertado. Como seria possível que se emocionasse diante de um macaco?

— O que ela disse?

— Ela não para de repetir a mesma coisa: “Medo, monstro, malvado... Medo, monstro, malvado...”

Clémentine pareceu recuperar a esperança.

— Como eu dizia, Shery é inocente. Alguém veio até aqui. Alguém atacou Éva.

— Pergunte a Shery se ela conhece o “monstro malvado”.

Com as mãos e os lábios, a primatologista executou uma série de sinais que o chimpanzé observou atentamente.

— O vocabulário dela é de mais de quatrocentos e cinquenta palavras. Ela vai entender, basta se expressar com clareza.

Depois de algum tempo, Shery balançou negativamente a cabeça. Sharko estava perplexo: a mulher a seu lado conversava com um macaco, nosso primo mais velho na escala da Evolução.

— Pergunte a ela por que esse monstro veio até aqui.

Mais gestos, aos quais Shery reagiu. O dedo indicador e o anular da mão direita formando um V, que a mão esquerda aberta cruzava rapidamente. Depois, apontou para o cadáver, com um movimento nítido do braço.

— “Matar.” “Matar Éva.”

Sharko coçou o queixo, céptico e estupefato.

— Em sua opinião, o que significa “monstro” para ela?

— Uma figura agressiva, nefasta, que procura fazer o mal. Certamente, não pode se tratar de um homem, pois ela teria empregado o termo adequado, “homem”. É isso... É isso que eu não consigo entender.

— Os macacos podem inventar coisas ou mentir?

— No caso de um reflexo para sobreviver, pode acontecer que eles tentem “enganar”. Se dois indivíduos se põem a brigar mortalmente, outro que esteja apenas observando pode soltar um berro, indicando um ataque pelo alto, com o único objetivo de espantar os membros e dispersar o grupo. Se Shery diz que viu um monstro, é porque ela de fato viu um monstro. Talvez outro macaco, maior e mais agressivo, que ela teria interpretado como um monstro.

Sharko realmente não sabia mais o que pensar. O cansaço começava a pesar, sua mente se emaranhava. Um macaco, uma jaula, um cadáver mordido no rosto, e até um objeto contundente comum a todas as histórias policiais, tudo parecia tão simples. Quase perfeito demais, por sinal. Mas um “monstro” talvez tivesse vindo até ali. E nesse caso, o macaco falante havia sido testemunha de um crime.

Ele precisava tomar outro café, pôr algo na barriga. Enquanto refletia, o chimpanzé acabou voltando para seu canto, dando-lhe as costas de novo. O policial apontou mais uma vez:

— Quero acreditar em você, Shery, mas por ora, não tenho escolha.

Ele disparou. Uma flechinha de ponta vermelha foi se plantar nas costas do animal, que tentou arrancá-la, antes de oscilar e desabar a poucos centímetros do corpo de Éva Louts. Clémentine apertou os lábios.

— Não temos escolha. Lamento, minha querida...

Sharko devolveu a pistola hipodérmica e perguntou:

— Em sua opinião, por que um “monstro malvado” teria atacado Éva Louts?

— Ignoro completamente. Mas descobri algo bem curioso a respeito de Éva, anteontem. Talvez haja uma ligação...

— E o que é?

A cientista observou uma última vez o cadáver e em seguida o corpo inerte de Shery. Depois, suspirou profundamente.

— Vá beber um café, você não para de bocejar. Em seguida, explicarei tudo. Enquanto isso, eu... vou avisar aos pais da moça.

Sharko segurou seu pulso.

— Não, deixe com a gente. Isso vai deixar a vida deles em frangalhos. Não se anuncia a morte de uma jovem dessa maneira, por telefone. Nossa equipe cuidará disso. Esses aborrecimentos, infelizmente, fazem parte de nosso trabalho.

[A]volta às aulas, em uma escola primária, é sempre um momento de alegria para a garotada. Após dois meses afastados, todos reencontram finalmente seus colegas, contam suas férias, mostram a nova mochila do Homem-Aranha ou o estojo da Dora, a Aventureira. Os tênis novinhos em folha, cheiro de couro fresco, canetas e borrachas nunca usadas... A criançada se avalia, se cumprimenta, se provoca. O mundo da infância explode em mil cores e lampejos.

Quando Lucie chegou perto das grades, naquela manhã de segunda-feira, os alunos estavam reunidos no pátio coberto. Berros, gritos estridentes e, às vezes, lágrimas. Em poucos minutos, a chamada seria feita e as meninas e os meninos se achariam misturados em suas novas salas para mais um ano de aprendizado. Alguns pais acompanhavam seus filhos, especialmente os menores, recém-saídos da escola maternal. Uma etapa importante na marcha da vida.

A escola particular Sainte-Hélène não era a escola à qual Lucie estava acostumada a acompanhar Juliette, antes da tragédia. Ouvira da boca do psiquiatra infantil que não havia regras precisas quanto à maneira de sobreviver a uma irmã morta, e era ainda mais complicado no caso de gêmeas. Desse modo, Lucie se decidira por uma ruptura com o antigo estabelecimento escolar. Novos amigos, novos professores, novos hábitos para a menina. E também para Lucie esta ruptura com o passado era melhor. Não queria que as pessoas olhassem de soslaio para ela ou que não ousassem abordá-la sem antes lançar a velha frase: “Eu sinto muito pelo que aconteceu.” Ali, ninguém a conhecia, ninguém olhava para ela... Era apenas uma mãe, afogada pela multidão.

Colada às grades, Lucie observou as crianças sob a área coberta, procurou por alguns segundos em meio àquela massa colorida até finalmente localizar Juliette. A menina sorria, saltitando de impaciência, manifestando verdadeira ansiedade para voltar à escola. Ela ficou por um momento sozinha em meio às outras crianças, indiferentes a ela, depois foi para a fila que se formava, puxando sua mochila de rodinhas novinha. Ninguém prestava muita atenção nela, as crianças já se conheciam e juntas conversavam e riam. A professora lançou um olhar na direção das grades, onde estavam os pais, com uma expressão que dizia que tudo correria bem, depois retomou seu trabalho. A Terra não parou de girar, a vida prossegue em todos os lugares, custe o que custar.

Após o último chamado para as crianças, enquanto a maior parte dos pais se afastava, Lucie se precipitou na direção do pátio e das salas de aula. Ela interpelou uma professora, quando todas as crianças já tinham sumido do corredor.

— Desculpe, senhora. Eu me esqueci de perguntar uma coisa importante. É em relação aos recreios. Os professores saem para vigiar os alunos? E aquele portão, ele fica sempre fechado?

— Assim que todos os pais saem do pátio. Não se preocupe com seu filho. Se existe um lugar onde podem se sentir seguros, este lugar é aqui. Qual é o nome da senhora?

— Henebelle. A mãe de Juliette.

A professora pensou por um momento.

— Juliette Henebelle... Não me lembro. Sinto muito, mas ainda não fixei os nomes e os rostos direito. Mas vou acabar conseguindo. E, agora, se puder me dar licença...

Ela subiu os degraus e desapareceu no corredor.

Lucie saiu do pátio, tranquilizada. A professora tinha razão, não havia com o que se preocupar. Aquele era um dos estabelecimentos mais conceituados de Lille, por sua segurança e responsabilidade com as crianças.

Sozinha, cabisbaixa, as mãos nos bolsos, Lucie subiu lentamente a pé o bulevar Vauban, um dos bairros estudantis da cidade, próximo às mais importantes instituições de ensino superior, como as escolas de administração e engenharia. As calçadas estavam repletas de jovens, executivos de terno e entregadores de todos os tipos. Após dois lânguidos meses de verão, a capital da Flandres francesa recuperava suas cores. Lucie pensou que já não era sem tempo.

Seu relógio marcava oito horas e trinta e cinco minutos. Ela tinha mais de uma hora livre, antes de ir para o trabalho, em um *call center* perto de Euralille, importante centro financeiro da França, a menos de dois quilômetros de sua casa. Das nove e quarenta e cinco até as seis e meia, com quarenta e cinco minutos de intervalo para o almoço. Conseguira um contrato de trabalho temporário de seis meses para ser insultada durante o dia todo, mas era suficientemente embrutecedor para impedi-la de ficar ruminando os pensamentos. Dadas as circunstâncias, era o emprego ideal.

Ela hesitou. Seria melhor dar um tempo em um café e gastar alguns euros esperando durante uma hora, ou então voltar para casa e levar seu Labrador para um passeio? Ela escolheu a segunda opção, melhor evitar despesas inúteis. E depois, conseguindo se organizar, em breve teria tempo para recomeçar a ginástica e correr com o cachorro na Citadelle, pelo menos meia hora todas as manhãs. Oxigenar a mente e os músculos lhe faria muito bem. As raízes de seu corpo precisavam voltar à vida.

Lucie entrou em uma rua que levava até sua residência, um grupo de apartamentos ocupados por locatários permanentes e por estudantes de passagem. Um prédio com bela aparência, na tradição de Vauban: tijolos escuros, arquitetura refinada, sólida, sem frescuras. Por um bom tempo, Lucie hesitara em largar tudo. Mudar de cidade, de rostos, de paisagem. Zerar. Mas, para quê, afinal de contas? Para ir aonde, exatamente? Com que dinheiro? E deixar Lille era também deixar sua mãe. E já fazia trinta e oito anos que se sentia incapaz disso.

— Lucie?

Ela parou na rua ao ouvir seu nome. Aquele voz, dura, rígida, como se surgida do além. Ela se virou e ficou estática. Era ele mesmo, seu antigo chefe de equipe na Divisão de Homicídios de Lille.

Ela não tentou esconder sua surpresa.

— Comandante Kashmareck?

Ele não mudara nada em um ano. O mesmo corte de cabelo à escovinha, o mesmo

rosto espesso, as mesmas mandíbulas de pitbull. Usava uma calça jeans preta, suas incansáveis botas Doc Martens com proteção nos bicos, uma camisa listrada azul que lhe conferia um ar elegante. Ele se aproximou. Sentiram-se um pouco estúpidos quando ela estendeu a mão para cumprimentá-lo e ele se inclinou para dar-lhe um beijo. Por fim, apenas um aperto de mãos e sorrisos embaraçados.

Kashmareck, uns dez anos mais velho que ela, encarou-a sem demonstrar espanto. Não se podia dizer que sua aparência era resplandecente, mas o comandante de polícia havia esperado o pior. Seus cabelos louros haviam crescido e chegavam ao meio das costas. Sua face, um pouco mais encovada, os traços finos, realçavam seus olhos azuis, que ela não maquiava. Uma mulher ao natural, bela, capaz de se misturar em uma multidão sem que ninguém pudesse adivinhar a tristeza de sua história. Com mínimas diferenças, a Lucie que sempre conhecera.

— Você me convida para tomar um café?

— É que... eu começo a trabalhar daqui a pouco e...

— Vai ser rápido. Tenho algo importante a lhe dizer. Não gostaria de fazer isso aqui.

Lucie sentiu o coração apertar, seus sentidos se puseram em estado de alerta: a presença de seu antigo comandante de polícia ali certamente não era algo trivial. — É a respeito de Carnot?

— Vamos entrar, por favor.

Lucie poderia ter perdido o controle naquele momento. Só a evocação do nome do assassino de sua filha a fazia ter ânsias de vômito. Ela fez um grande esforço para parecer forte e conduziu o ex-chefe até seu apartamento. Seu cérebro estava a cem por hora. O que ele iria anunciar? Grégory Carnot fora condenado a trinta anos, dos quais vinte e cinco em regime fechado. Aquele crápula mofava atrás das grades da penitenciária de Vivonne, a mais de seiscentos quilômetros dali. Iriam transferi-lo? Ele se casaria na prisão? Escreveria um livro sobre sua vida de merda?

Kashmareck entrou no apartamento em silêncio. Durante os poucos anos em que tinham trabalhado juntos, ele nunca estivera na casa de sua subordinada. Os dois sempre respeitaram a barreira da hierarquia.

Um jovem labrador de pelo cor de areia se aproximou. Ele o acariciou com entusiasmo, pois adorava cães.

— Como ele se chama?

— Klark. Com dois k.

— Oi, Klark. Quantos anos tem?

— Quase um ano.

O vestibulo dava para uma sala onde se acumulavam coisas de criança. Brinquedos, livros de colorir, roupas e cadernos educativos que serviam de atividade durante as férias.

— Não repare na bagunça — disse Lucie.

O comandante olhou para aqueles objetos e soltou um suspiro melancólico.

— Não precisa dar explicações.

Sobre o armário de louças, havia uma dezena de fotos emolduradas. As gêmeas, lado a lado. Impossível diferenciar Clara e Juliette, a não ser observando com muita atenção. Lucie lhe explicara certa vez que uma das duas — ele não se lembrava qual — tinha uma falha na íris esquerda, uma manchinha preta na forma de um vaso. Kashmareck cerrou os lábios, pouco à vontade. Já vira tantos pais infelizes desfilando em seu escritório e tanta aflição tatuada em seus rostos! Lucie se impunha aquele confronto com as fotografias como uma tortura, um castigo; ou teria decidido enfrentar a tragédia, superá-la? Como reagiam de fato os pais, no caso da perda de um filho? Negação total? Guardariam o ódio para sempre, perguntando-se “Por que eu?”. Será que os católicos renegavam Deus ou, ao contrário, se tornavam ainda mais devotos? Tantas e tantas perguntas, que não deveriam jamais ser feitas.

Na cozinha, Lucie ligou a cafeteira.

— Antes que você me pergunte como estou, eu respondo: não passa um segundo sem que eu pense no que aconteceu. Desde a tragédia, comandante, e eu atravessei para o outro lado. Faço parte daquelas pessoas com as quais nós nos relacionamos sem nunca realmente nos preocuparmos: as vítimas. Mas as vítimas continuam respirando, e acontece mesmo de rirem. O jeito é ir tocando a vida. Assim sendo, estou tão bem quanto possível.

Lucie indicou com o queixo duas bonecas, em um canto da sala, vestidas e penteadas exatamente iguais.

— E depois — continuou ela —, ainda me resta Juliette... Agora tenho que lhe dar o máximo.

O comandante olhou para as bonecas, depois para Lucie, a expressão grave. Ela percebeu e achou melhor explicar:

— Você está chocada com essas duas bonecas, não é? Duas bonecas e só uma filha...

Ela pegou uma delas e arrumou seu pequeno colete com gestos delicados.

— Para Juliette, Clara ainda existe. O psiquiatra disse que isso vai levar tempo, talvez anos, antes que Juliette se desligue *fisicamente* da irmã, mas que ela ficará bem. Alguma coisa a protege dentro de sua cabeça, um mecanismo que traz Clara de volta, quando Juliette precisa dela. É o que nos torna às vezes tão tolerantes com as dores físicas, e que nos faz suportar muito mais do que somos capazes. De todo modo, a ligação que une os gêmeos monozigotos é indestrutível. Clara estará para sempre em algum lugar de sua cabeça, mesmo daqui a cinquenta anos. Ela viverá para sempre. É o que eu mais quero no mundo. Que continue vivendo na cabeça dela, e na minha.

O policial puxou uma cadeira e se instalou com os cotovelos sobre a mesa, as mãos fechadas sob o queixo. Ele encarou Lucie em silêncio e, em seguida, olhou rapidamente ao redor. Não havia qualquer garrafa de bebida alcoólica, qualquer embalagem de comprimidos. Nenhum vestígio de desleixo. Louça limpa e arrumada. Um bom odor de limão se espalhando pela sala.

— E você, tem alguém a ajudando? Um psiquiatra, quero dizer.

— Sim e não. Digamos que eu consultei um, no início, mas... eu tinha a impressão de que não servia para nada. Na verdade, não me lembro bem de nossas sessões. Acho que minha mente ergueu uma barreira.

Ela se refugiou no silêncio e Kashmareck resolveu que era melhor mudar de assunto.

— Você nos faz muita falta no trabalho. Foi duro para nós também, sabe?

— Foi duro para todo mundo.

— Você consegue se virar financeiramente?

— Tudo bem... Não falta trabalho, quando estamos dispostos a fazer qualquer coisa.

Depois de inserir uma cápsula de café na máquina, Lucie apertou o botão. As duas xícaras se encheram rapidamente. A hora avançava, os ponteiros batiam ruidosamente a cada segundo. Dez para as nove. Em uma hora, o telefone começaria a tocar, as vozes a berrar, as orelhas a arder. Lucie se instalou bem em frente ao policial, entregou-lhe sua xícara e foi direto ao ponto.

— O que está havendo com Carnot?

— Foi encontrado morto no fundo da cela, sangrou até a morte.

[Q]uatro peritos da polícia técnica e o assistente do procurador, que se encarregaria de autorizar a remoção do corpo de Éva Louts, tinham acabado de chegar ao local. Um de terno e gravata, os outros com o macacão de capuz branco, de modo a melhor preservar os vestígios na cena do crime. A veterinária do centro de pesquisas, outros investigadores e os funcionários do necrotério, por sua vez, não tardariam a chegar. Logo, haveria uma dezena de pessoas entrando e saindo do local com um só objetivo: a verdade.

Enquanto Levallois interrogava o cuidador de animais, Hervé Beck, Sharko e Clémentine Jaspas andavam pelos caminhos de terra batida, entre os grupos animados de macacos. Em torno deles, as folhas das árvores se balançavam e os galhos estalavam. Berros agudos, exóticos, atravessavam as ramagens espessas. Indiferentes ao drama, os primatas desenvolviam suas atividades matinais: removiam os piolhos, catavam cupins nos troncos e brincavam com suas proles.

A primatologista parou diante de um pequeno mirante artificial, de onde era possível observar algumas colônias de símios abaixo deles. Ela se apoiou em um tronco de madeira, uma pasta de elásticos na ponta de seus dedos espessos e ásperos.

— Éva estava escrevendo sua tese de doutorado. O objeto de estudo de seu trabalho referia-se, inicialmente, aos grandes princípios da Evolução biológica, depois à lateralidade entre os grandes primatas: entender por quê, entre os homens, por exemplo, a maioria dos indivíduos é destra e não canhota.

— Era por isso que ela estava neste Centro?

— Exatamente. Ficaria até o fim de outubro. Ela começou seu trabalho em 2007, mas só se debruçou de fato sobre a lateralidade no final do verão de 2009. Foi quando passou a se interessar pelos cinco grandes primatas: os homens, os bonobos, os chimpanzés, os gorilas e os orangotangos. Aqui no Centro, ela devia começar estabelecendo estatísticas e preenchendo tabelas gráficas. Observar as diferentes espécies, ver com que mão eles seguram os bastões que lhes permitem colher formigas em um tronco, fabricar ferramentas ou quebrar nozes. Em seguida, tiraria as conclusões.

Sharko bebia seu quarto café descafeinado da manhã.

— Ela trabalhava sozinha?

— Completamente. Ela circulava por aqui como um elétron livre. Uma moça simpática e discreta, que adorava os animais.

Jaspas também devia adorar os animais, pensou Sharko. Ela observa esses primatas com uma afeição particular, como se cada um fosse uma criança a ser amada.

Ela lhe entregou uma pasta.

— E agora, olhe com atenção, são os resultados de suas observações, desde que chegou ao Centro, há vinte dias. Estavam sobre a mesa, ela ia certamente apanhá-los ontem, antes de sair...

Sharko soltou os elásticos da pasta.

— O que seriam esses resultados?

— Para cada indivíduo de cada colônia, Éva devia anotar com precisão um conjunto de parâmetros. A repetição de certos gestos mencionados nas listas para um mesmo indivíduo provaria ou não sua lateralização.

Sharko abriu a pasta e observou os papéis. As tabelas previamente impressas com informações que serviriam como referência para os macacos reagrupados por espécie estavam todas em branco.

— Então ela não estava fazendo o trabalho?

— Não. Ou, pelo menos, não com o tema imposto pelo seu orientador. No entanto, ela me afirmava o contrário. Ela me garantiu que em três semanas suas pesquisas tinham avançado e que ela estaria em condição de concluir seu trabalho a tempo.

— Para que ela vinha aqui, se não fazia nada?

— Porque seu orientador exigia, porque ele não largaria mais de seu pé se soubesse que ela não estava seguindo suas instruções. Olivier Solers não é um professor gentil com os alunos. Dificilmente toleraria desvios. Se implicasse com ela, Éva perderia qualquer chance de conseguir seu doutorado.

— Ela era ambiciosa?

— Muito. Eu a conhecia mais por sua reputação. Apesar da pouca idade, ela já havia realizado estudos sérios sobre a lateralização em certas aves e peixes. A exatidão e a profundidade de seus trabalhos renderam artigos em importantes revistas científicas, algo extremamente raro para uma estudante de vinte e cinco anos. Éva era brilhante, já sonhava com o glamour e os coquetéis a caminho do Prêmio Nobel.

Sharko não conseguiu conter um sorriso. Ele era um homem extremamente pragmático, e não entendia os ridículos objetos de estudo dos pesquisadores.

— Desculpe, mas... Não consigo entender. De que nos serve saber se um peixe é destro ou canhoto? E, francamente, não consigo visualizar o que seria um peixe destro. Um macaco vá lá, mas um peixe?

— Compreendo sua confusão. Vocês perseguem e prendem assassinos, enchem as prisões, é algo concreto.

— Infelizmente, sim.

— Nós nos dedicamos a pesquisas para saber de onde viemos a fim de entender para onde vamos. Caminhamos sobre o fio da vida. E a observação das espécies, seja de plantas, vírus, bactérias ou animais, nos ajuda. A lateralidade em certos peixes vivendo em comunidades é da mais alta importância. O senhor já observou o comportamento de um cardume de peixes diante de um predador? Eles se viram todos na mesma direção, para permanecerem unidos e se defenderem dos ataques. Eles não raciocinam, eles não pensam: “Atenção, tenho que virar à esquerda, como meus companheiros.” Não, esse comportamento social realmente faz parte da natureza deles, de seus genes, se o senhor quiser uma imagem clara. No caso desses peixes, a lateralização permite a

sobrevivência dos mais aptos, e é por esta razão que ela existe e foi selecionada.

— Selecionada? Por quem? Uma inteligência superior?

— Certamente não. As proposições criacionistas, do tipo “Deus criou o homem, assim como todas as espécies vivas que povoam o planeta”, não têm lugar em nosso centro de pesquisas; aliás, tampouco dentro da comunidade científica. Não, ela foi selecionada pela Evolução, com E maiúsculo. A Evolução favorece a propagação de tudo que é benéfico à difusão dos melhores genes, eliminando o restante.

— A famosa seleção natural, que se livra dos patos mancos.

— Pode-se dizer que sim. Às vezes, quando os cardumes de peixes se viram para um lado, alguns indivíduos se viram para outro, pois falta-lhes aptidão para seguir esse comportamento. Defeito genético? “Patos mancos”, como o senhor disse. O fato é que esses morrem mais rapidamente, ao serem comidos, por exemplo, pois são mal adaptados, mais suscetíveis do que os outros. É uma das expressões da seleção natural. No homem, se tivesse havido uma verdadeira vantagem em ser canhoto, então, provavelmente, seríamos todos canhotos, funcionaríamos um pouco como um cardume de peixes. A questão é que este não é o caso, e, ainda assim, os canhotos existem. Por que a Evolução favoreceu essa assimetria entre destros e canhotos? Por que em tais proporções? Por que um homem em cada dez ainda nasce canhoto em um mundo em que tudo é elaborado para destros? O objeto de estudo da tese de Éva Louts era tentar oferecer uma resposta a essa pergunta.

Sharko precisou admitir para si mesmo que nunca havia se questionado sobre isso, pois, seguramente, tais delírios científicos pouco lhe importavam. Em sua opinião, havia muitos outros assuntos de maior gravidade e importância para se pensar, mas era preciso satisfazer todos os gostos. E ele voltou ao que o interessava, ao que era concreto.

— Éva Louts então vinha trabalhar todos os dias aqui, no fim da tarde?

— Por volta das cinco horas, na verdade. Hora, aliás, em que normalmente nós fechamos as portas do Centro. Ela afirmava preferir vir quando o ambiente estava mais calmo, a fim de observar os símios sem que seus hábitos fossem perturbados.

— Então, levando em conta essas tabelas em branco, ficava aqui à noite só para marcar presença... Para que ninguém, principalmente seu orientador, percebesse a fraude.

— Ou então, ela ocupava seus dias de trabalho com outra coisa... Eu fiquei extremamente surpresa ao descobrir essas tabelas vazias. Por que motivo uma moça assim tão séria começaria de repente a mentir? O que poderia preocupá-la a ponto de colocar em risco seu futuro?

— A senhora tem alguma opinião sobre isso?

— Realmente, não. Mas ela pesquisava a lateralidade das populações humanas, passadas e presentes, e já fazia mais de um ano que trabalhava nesse projeto específico. Ela deve ter metido o nariz em muitos e variados domínios. Há apenas dois ou três dias, Éva me confidenciou estar perto de algo de grande envergadura.

— De que tipo?

— Infelizmente, não sei. Mas isso a entusiasmava, eu via em seus olhos. Logo no início de suas pesquisas, Éva passava regularmente informações a seu orientador, o que permitia um acompanhamento e um reajuste, se necessário. Depois, pelo que me contou Olivier Solers, em meados de junho, a transmissão de dados se tornou mais rara. Como esse tipo de coisa acontece com frequência, ele não se preocupou: o orientador quer segurar as rédeas e o aluno quer se livrar de sua influência, adquirir autonomia. Mas, a partir de meados de julho, um mês antes de vir para cá, Éva começou a se recusar a fornecer qualquer informação ao laboratório de sua pesquisa, dissimulando a essência de seus trabalhos, prometendo vez após outra uma futura conferência e garantindo que, caso suas pesquisas dessem frutos, apresentaria algo “consistente”.

Sharko triturou nervosamente seu copo de papel vazio, e não havia uma lata de lixo em que pudesse jogá-lo. Mentalmente, tentou visualizar o caso por outro ângulo. Louts, por conta de suas pesquisas, multiplicara seus contatos e se encontrara com algumas pessoas. De uma maneira ou de outra, tal qual um jornalista, ela tinha posto o dedo em algo muito quente, e se retraiu.

O estalo de uma porta o trouxe de volta a si. Lá adiante, perto do abrigo dos animais, dois rapazes do necrotério colocavam o cadáver de Éva Louts sobre uma maca. A capa plástica preta envolvendo o corpo lembrava um tronco carbonizado. *Ao pé retornarás...* Em seguida, os homens voltaram com a maca vazia. Clémentine Jaspas levou a mão aos lábios.

— Vieram apanhar Shery? Por que vão levá-la ao necrotério?

— O médico legista vai apenas colher material para exame, não se preocupe.

Sharko não lhe deu tempo para se compadecer.

— Éva, por acaso, tinha um namorado?

— Nós duas costumávamos conversar um pouco. Não, não era essa sua prioridade. A carreira em primeiro lugar. Ela era bem solitária, e bastante ligada à ecologia. Não tinha telefone celular nem televisão, ela me disse. E era também uma esportista. Mais jovem fazia esgrima e chegou a participar de várias competições. Um espírito são em um corpo são.

— Havia alguém em quem ela pudesse confiar?

— Eu não a conhecia tão bem assim. Mas... não sei. Como policial, você pode revistar a casa dela. Os resultados da pesquisa que estava fazendo só podem estar lá.

Diante do silêncio e do ceticismo evidente de Sharko, ela apontou para os chimpanzés, aqueles grandes primatas que ela parecia apreciar mais do que tudo no mundo.

— Olhe bem para eles por uma última vez, comissário, e me diga o que está vendo.

— O que estou vendo? Famílias. Animais que vivem pacificamente, em harmonia.

— Deveria também ver grandes macacos, seres que se parecem conosco.

— Só estou vendo primatas. Lamento.

— Mas nós somos primatas! Geneticamente, os chimpanzés estão mais próximos de nós do que dos gorilas. Dizem com frequência que temos mais de noventa e oito por

cento de DNA em comum com eles, mas eu prefiro usar essa frase de outro modo: noventa e oito por cento de nosso DNA é igual ao de um chimpanzé.

Sharko meditou sobre o comentário por um instante.

— É uma imagem provocante, mas olhando por esse ângulo, de fato...

— Não há nada de provocante, é a realidade. Agora, suponha somente que o senhor seja privado da palavra e que o coloquem nu dentro de uma jaula ao lado deles. O senhor seria visto como é: o terceiro chimpanzé, ao lado do chimpanzé pigmeu e o chimpanzé comum da África. Um chimpanzé quase desprovido de pelos e que anda em pé. A única diferença seria que nenhum de seus primos destrói conscientemente seu meio ambiente. Nossas vantagens evolutivas, como a capacidade de falar, a inteligência, nossa capacidade de colonizar o planeta, têm também um custo darwiniano: somos animais capazes de difundir as maiores desgraças. Mas a Evolução “julgou” que esse custo era inferior às vantagens obtidas. Por enquanto...

Havia força em sua voz e, ao mesmo tempo, resignação. Sharko se sentiu atravessado pela potência de seu olhar animal e a virulência de suas ideias. Aquela mulher devia ter vivido momentos extraordinários nas selvas, nas savanas, devia saber mais do que qualquer um sobre os segredos da vida, e, mais do que qualquer um, tinha consciência de que estávamos indo direto ao muro.

Ela fechou as mãos sobre o tronco de madeira que delimitava o mirante.

— O senhor tem filhos, comissário?

Sharko fez um gesto com a cabeça, os lábios cerrados.

— Eu tinha uma filha... Chamava-se Éloïse.

Seguiu-se um grande silêncio. Ambos sabiam o que significava falar de uma criança no passado. Sharko observou mais uma vez os macacos, respirou fundo e, por fim, disse:

— Farei tudo que estiver a meu alcance para descobrir a verdade. Eu prometo.

[A]tordoada com a informação de seu comandante, Lucie largou o açúcar sobre a mesa da cozinha. Suas mãos foram parar no alto do nariz e ela inspirou longamente.

— Carnot, morto... Não é possível. O que aconteceu?

— Ele conseguiu arrancar uma artéria da garganta com os dedos.

— Ele se suicidou? Por quê?

Kashmareck não tocou no café. Contar algo assim não era nada prazeroso, mas Lucie acabaria descobrindo cedo ou tarde e ele preferia que a notícia viesse de sua boca que de um telefonema.

— Ele havia se tornado extremamente violento.

— Isso eu sei.

— Mas nesses últimos tempos foi excepcional. Agredia e insultava todos que se aproximavam. Chegou até a morder e espancar quase à morte um dos detentos, durante um passeio no pátio. Carnot era um veterano da prisão. Ao mesmo tempo, a ovelha negra e o mártir dos guardas penitenciários. Só que acabaram o encontrando mergulhado no próprio sangue. Deve ter sido necessária uma... motivação fora do comum para realizar um gesto assim.

Lucie se levantou e foi olhar pela janela, os braços cruzados, como se estivesse com frio. No bulevar, pessoas circulavam, despreocupadas.

— Quando? Quando isso aconteceu?

— Há dois dias.

Um longo silêncio seguiu-se a essas palavras. A notícia havia sido tão brutal que Lucie sentiu-se envolvida por uma névoa cinzenta.

— Não sei se devo me sentir aliviada ou não. Eu teria gostado que ele sofresse. A cada hora, a cada dia. Que pudesse ter uma ideia do mal que fez.

— Esses caras não funcionam como você e eu, Lucie, você sabe melhor do que ninguém.

Ah, sim, ela sabia. Tinha estudado sobre eles no passado. Os desequilibrados, os assassinos em série, as escórias imundas fora da normalidade. Ela se lembrou do tempo em que era uma simples policial, em Dunquerque, vendo as ondas baterem nos cascos das embarcações, à frente de seu escritório. As gêmeas, recém-nascidas, murmurando em seus berços. Longos dias arrumando as papeladas nas quais o termo “psicopata” era pura abstração. Aquelas horas vagas em que se deleitava lendo obras especializadas sobre crápulas como Carnot. Se ela soubesse... Se ao menos soubesse que a maldade mais abjeta pode se abater sobre qualquer um, a qualquer momento.

Voltou à mesa e molhou os lábios no café. A superfície negra ondulava, de tanto que sua mão tremia. Ao falar com seu comandante, afinal, livrava-se daquele nó que lhe obstruía a garganta.

— Todas as noites eu tentava imaginar o que aquele canalha estaria fazendo de seus

dias na prisão. Eu o via andando, conversando, até rindo com outros detentos. Eu imaginava que, talvez, contasse como tinha sequestrado Clara e como quase também levava Juliette. Diariamente, eu repito para mim que foi um milagre termos encontrado Juliette viva, depois de treze dias trancada dentro de um quarto...

O comandante de polícia notou uma dor tão imensa nos olhos de Lucie que não se atreveu a reagir. Ela continuou a falar, como se aquelas palavras tivessem ficado tempo demais no fundo de seu coração.

— ...Assim que fechava as pálpebras, eu via os olhos negros de Carnot, seus malditos cabelos colados na testa, seu corpo poderoso como um carvalho... Não pode imaginar quanto tempo seu rosto ficou girando em minha cabeça. Todos os dias e noites em que quase podia sentir sua respiração em minha nuca. Não pode imaginar o inferno que eu atravessei, desde o momento em que identifiquei o corpo de uma de minhas filhas até quando a outra foi encontrada com vida. Sete dias infernais, sete dias durante os quais eu ignorava se se tratava de Clara ou de Juliette. Sete dias em que tudo se passou pela minha cabeça, em que tiveram de me injetar remédios para que eu aguentasse... para que não enlouquecesse.

— Lucie...

— E ela estava viva, meu Deus! Minha pequena Juliette estava viva, quando entrei na casa de Carnot com os policiais. Foi tão... inesperado, estranho. Eu estava feliz, enquanto minha outra filha tinha sido encontrada carbonizada sete dias antes. Feliz, enquanto o pior desabava sobre minha cabeça...

Lucie deixou seu punho se abater sobre a mesa, suas unhas fincadas sobre a toalha.

— Dezesseis facadas, comandante! Ele mata Clara dentro do carro, a uns cem metros da praia, com dezesseis facadas, uma violência insana e, em seguida, dirige por mais de cem quilômetros, calmamente, para abandoná-la em uma floresta. Joga gasolina, acende o fogo, observa durante longos minutos, enquanto Juliette berra dentro do porta-malas do carro. E depois ele parte, tranca a sobrevivente em sua casa, não toca nela, dá-lhe de comer e beber. Como se nada tivesse acontecido. Quando foi preso em casa, ainda havia sangue no volante, que nem sequer tinha sido limpo. Por quê? Por que tudo isso?

Lucie girava a colher dentro de seu café, embora o açúcar ainda estivesse sobre a mesa.

— Agora que ele está morto estou privada do essencial: as respostas. As malditas respostas.

Kashmareck hesitou em prosseguir com a conversa. Não deveria ter ido perturbar ainda mais Lucie. Mas, como ela o encarava intensamente, à espera de uma resposta, ele reagiu:

— Você nunca as teria. Tal comportamento não é explicável, tampouco humano. O que é certo é que Carnot havia realmente perdido o juízo há mais de um ano, e isso só piorou, ao que parece. Seus acessos de violência eram totalmente inesperados. Segundo o psiquiatra da penitenciária, Carnot podia ser meigo como um cordeiro e,

um segundo depois, atacar brutalmente.

O comandante soltou um suspiro, parecendo calcular cada uma de suas palavras.

— Talvez eu não devesse dizer isso, mas sei que você cedo ou tarde vai acabar sabendo: o psiquiatra lutava para conseguir um laudo psiquiátrico, por conta do comportamento de seu paciente, que o levava a pensar em uma patologia mental.

Ele viu a reação de Lucie, ela parecia prestes a desabar. Ele a segurou pelo pulso e colocou sua mão sobre a mesa.

— Aqui entre nós, é ótimo que esse verme esteja morto. É melhor assim, Lucie.

Lucie balançava a cabeça. Ela soltou sua mão bruscamente.

— Uma patologia mental? Como assim, uma patologia mental? De que tipo?

Kashmareck procurou no bolso interior do casaco e retirou um pacote de fotos, colocando-as sobre a mesa.

— Desse tipo.

Lucie pegou as fotografias e as examinou, cerrando as pálpebras.

— O que é isso?

— Os desenhos que ele fez em uma das paredes de sua cela, com canetas de hidrocor que pegou do ateliê de pintura da prisão.

A foto mostrava uma paisagem magnífica. O sol se pondo sobre o mar, rochedos cintilantes, pássaros no céu e veleiros.

Mas o desenho, localizado a mais ou menos um metro do chão, havia sido feito de cabeça para baixo.

Lucie virou a foto em todos os sentidos. O comandante de polícia bebeu um longo gole de café. O gosto permaneceu na garganta.

— Estranho, não acha? É como se Carnot tivesse se suspendido no teto, como um morcego, e começado a desenhar. Ao que parece, ele passou a fazer esse tipo de desenhos pouco antes de chegar à prisão.

— Por que ele fez o desenho invertido?

— Ele não se contentava em fazer um desenho invertido. Ele dizia também que via o mundo ao contrário, com uma frequência cada vez maior. Segundo ele, isso durava alguns minutos, às vezes mais, como se tivesse colocado óculos que invertiam as imagens do mundo real. Quando isso acontecia, ele chegava a perder o equilíbrio e cair duro no chão.

— Isso é um delírio...

— Exatamente. O psiquiatra evidentemente pensou que fossem alucinações. Talvez mesmo uma...

— Esquizofrenia?

O policial aquiesceu.

— Carnot tinha vinte e três anos. Não é raro que as doenças psiquiátricas se manifestem ou se desenvolvam na prisão, principalmente nessa idade.

Lucie deixou as fotos caírem das mãos. Elas se espalharam sobre a mesa.

— Você está me dizendo que ele talvez tivesse uma doença mental?

Ela cerrou os lábios, as mãos. Todo seu corpo tinha uma só vontade: berrar.

— Não quero que atribuam a causa da morte de minha filha a essas suposições psiquiátricas imbecis. Carnot era responsável por seus atos. Tinha consciência do que estava fazendo.

Kashmareck concordou com convicção.

— Penso como você. É por esta razão que foi julgado e acabou na cadeia.

Ele percebia que ela estava perturbada, perplexa, ainda que tentasse esconder seus sentimentos o melhor possível.

— Está acabado, Lucie. Louco ou não, não importa. Está tudo terminado. Amanhã Carnot será enterrado.

— Você diz que não importa. Mas é o contrário, comandante, não há nada mais importante.

Lucie se levantou e começou a andar a esmo pela sala.

— Grégory Carnot tirou a vida da minha filhinha. Se... Se a menor suspeita de loucura dissimulada tiver algo a ver com isso, eu quero saber.

— Tarde demais.

— Esse psiquiatra, quem é ele?

O policial olhou a hora, terminou seu café de uma vez e se ergueu.

— Não quero aborrecê-la por mais tempo. O trabalho me espera.

— O nome dele, comandante!

Ele suspirou. Não deveria ter esperado por isso? Durante os poucos anos em que tinham trabalhado juntos, Lucie nunca deixara nada de lado. Dentro dela, em algum lugar de seu cérebro, deviam ainda residir os mais puros instintos de predação.

— Dr. Duvette.

— Consiga uma autorização para eu ir até lá amanhã.

Kashmareck cerrou os dentes e depois concordou sem entusiasmo.

— Vou tentar, se isso puder ajudá-la a ver a situação com mais clareza e organizar seus pensamentos... Mas você vai tomar cuidado, promete?

Lucie assentiu, com a expressão neutra, agora desprovida de sentimentos. Kashmareck conhecia tão bem aquela expressão da antiga policial que sentiu um arrepio.

— Prometo.

— E não deixe de vir nos ver. Será um prazer para todos nós.

Lucie sorriu educadamente.

— Lamento, comandante. Tudo isso deverá ficar longe de mim, a partir de agora. Mas mande meus cumprimentos a todos. Diga a eles que... está tudo bem.

Ele aquiesceu e quis apanhar as fotos, mas Lucie deteve seu gesto.

— Vou ficar com elas, se não se incomodar. Vou queimá-las. É uma maneira de dizer que tudo isso está terminado. E... Obrigada, comandante.

Ele lhe lançou um olhar amistoso.

— Romuald. Acho que agora você pode me chamar de Romuald.

Ela o acompanhou até a porta. Pouco antes de sair, ele acrescentou:

— Se um dia você quiser voltar a trabalhar conosco... As portas estarão sempre abertas.

— Adeus, comandante.

Lucie fechou a porta, mantendo a mão sobre a maçaneta por um longo tempo, com um profundo suspiro. Tinha recebido um verdadeiro choque, que acabou perturbando sua manhã.

De volta à cozinha, ela se pendurou em um móvel com a ajuda de uma cadeira e passou a mão em cima. Ali ficavam escondidos um envelope pardo, um isqueiro Zippo e uma pistola semiautomática Mann, calibre 6.35 mm. Uma arma de colecionador em perfeito estado. Deixou a arma no lugar e pegou o resto.

Dentro do envelope havia duas fotos recentes de Carnot. De frente e de perfil. Aquele monstro tinha o nariz levemente achatado, a testa proeminente, os olhos enterrados nas órbitas. Media um metro e noventa e cinco, seu rosto era apavorante, o físico, gigantesco.

Ele conseguiu arrancar uma artéria da garganta com os dedos. Aquelas palavras ainda ecoavam na cabeça de Lucie. Podia imaginar perfeitamente o horror da cena, no fundo de uma cela de prisão. Aquele colosso de homem deitado no próprio sangue, escuro e quente, as mãos retorcidas na altura do pescoço... Têria a loucura algo a ver com aquilo tudo? Que tipo de delírio poderia ter se abatido sobre Carnot para que viesse a se mutilar de forma assim tão radical?

Diante das fotos, Lucie sentiu somente rancor. Desde a morte de Clara, ela não conseguira mais ver Carnot como um ser humano, ainda que, por uma razão incompreensível, ele tivesse poupado Juliette. Para ela, ele não passava de um erro da natureza, um parasita cujo único propósito era, cedo ou tarde, espalhar o mal. E tinham buscado todas as explicações possíveis, atribuindo tudo a um sadismo, uma perversão, um ato pulsional, mas, no fundo, não havia uma única resposta satisfatória. Grégory Carnot estava à parte do restante do mundo. Clara e Juliette tinham tido o azar de cruzar seu caminho, naquele momento, como há pessoas que são picadas por um mosquito ao sair do aeroporto e contraem uma doença. O acaso, a coincidência. Mas não a loucura, não a loucura...

As fotos de Carnot já tinham sido rasgadas, recoladas, várias vezes. Lucie as colocou dentro da pia, com as outras, representando os desenhos invertidos.

— Sim. É bom que você esteja morto. Vai queimar no inferno com todos seus pecados. Você é inteiramente responsável por seus atos, e vai pagar por isso.

Ela acionou o isqueiro.

A chama devorou o rosto de Carnot.

Lucie não sentiu satisfação nem alívio.

No máximo, a vaga impressão de espalhar uma pomada sobre uma queimadura de terceiro grau.

[O]Quai de la Rapée é uma passagem obrigatória em toda investigação criminal atribuída aos policiais nos limites do 36 Quai d'Orfèvres. Eles raramente vão até lá para admirar o rio Sena e suas barcas. Digamos que o espetáculo a que assistem pouco os incita a sonhar.

De braços cruzados, Sharko estava em pé entre duas mesas de necrópsia em uma das grandes salas do Instituto Médico Legal de Paris. Ao redor, paredes sem janelas, corredores intermináveis, as luzes de néon despejando cores de fim de outono. Sem mencionar um odor de cervo morto que, com o tempo, acabava por impregnar até os pelos das costas. Levallois se encontrava bem atrás do comissário, apoiado na parede. Um pouco pálido, por sinal. Ele admitira ao entrar que necrópsias não eram seu programa preferido. O contrário é que seria preocupante.

Paul Chénaix, o legista, já havia testemunhado cenas bizarras, mas era a primeira vez que via um macaco entre aquelas paredes. O animal adormecido estava deitado de bruços, pernas e braços estendidos. Os dedos enormes ligeiramente dobrados, como se segurassem uma maçã invisível. À direita, o corpo nu de Éva Louts parecia devorado pela luz inquisitorial da lâmpada utilizada também em centros cirúrgicos e que tinha a particularidade de não criar sombra alguma.

Sharko esfregava o queixo, calado, impressionado com a visão daqueles dois corpos inertes, lado a lado, em posição mais ou menos parecida e evidenciando as semelhanças morfológicas. *Noventa e oito por cento de nosso DNA é igual ao de um chimpanzé*, dissera a primatologista.

No momento em que os dois policiais chegaram, Chénaix acabava de concluir o exame do corpo de Éva. O crânio havia sido raspado, deixando nitidamente aparente uma fratura e um grande hematoma no nível occipital. Estendida grosseiramente sobre a mesa de aço, a pobre Éva Louts tinha perdido o pouco de humanidade que lhe restava.

— Pode ter sido qualquer coisa, menos um acidente. Se me permite invadir seu território, a Chita não tem nada a ver com isso.

Primeira boa notícia do dia. Clémentine Jaspas reencontraria seu chimpanzé, seu “bebê” de trinta e sete anos, são e salvo. Por outro lado, isso significava que havia de fato ocorrido um assassinato, e que um caso particularmente difícil se anunciava.

— O golpe no crânio foi fatal. A vítima provavelmente foi agredida e o sangramento pelo corte no escalpo fez o resto. A morte ocorreu entre oito e meia-noite. A lividez sobre as omoplatas e no nível das nádegas tende a demonstrar que o corpo não foi deslocado após a morte. Quanto à mordida, difícil estimar se foi feita antes ou após o óbito.

Em quinze anos, Chénaix tinha cortado toneladas de carne. Com sua barbicha geometricamente talhada, óculos pequenos e redondos, a expressão determinada e seu

jaleco, ele poderia facilmente ser confundido com um professor universitário, ainda mais porque seus conhecimentos em diferentes campos médicos eram surpreendentes. Aquele homem era um poço de ciência e tinha respostas para praticamente qualquer pergunta. Ele e Sharko se conheciam bem.

Em silêncio, o comissário deu a volta ao redor da mesa, analisou a vítima de todos os ângulos. Depois de passado o primeiro contato, sempre difícil, agora ele não via mais o corpo de uma mulher nua, mas um terreno de investigação no qual os indícios se sobressaíam, como pequenas bandeiras.

— Você viu o peso para papéis?

— Vi. O objeto corresponde.

— E por que descartar imediatamente o macaco? Ela foi mordida, afinal de contas. E ficamos sabendo, pouco antes de chegar aqui, que ele manuseou o peso para papéis. Não poderia ter apanhado esse objeto e agredido a vítima?

— Talvez o tenha manuseado após a morte. De qualquer modo, as dimensões da mordida não correspondem às que seriam dessa macaca. Os indícios são bem claros. O diastema, que é o intervalo entre os dentes incisivos da mandíbula superior, não é exatamente o mesmo. Assim como o espaçamento entre as mandíbulas. Acrescentemos a isso que as gengivas da macaca não apresentam traço algum de sangue. Quanto ao sangue em seu corpo, nos pelos, é certamente porque ela tocou na vítima após a morte. O assassino quis cometer um crime quase perfeito e foi esperto, mas não o bastante para nos enganar.

Ele se virou para o chimpanzé anestesiado.

— Shery, minha querida, fico feliz em informar que você vai continuar comendo suas bananas ainda por muito tempo.

Esse comentário relaxou a tensão por dez curtos segundos, antes que retornassem às questões concretas.

— O que ou quem foi o autor dessa mordida?

— Alguém um pouco maior do que essa macaca. A forma das mandíbulas e o diastema têm características simiescas, e até mesmo da família dos grandes primatas, segundo o veterinário. Ele descartou gorila e orangotango. Em sua opinião, trata-se de um chimpanzé, mais forte. Em todo caso, um animal que se tornou agressivo por conta das circunstâncias.

O legista apontou com o queixo para os frascos de vidro tampados sobre a pia.

— As amostras de sangue recolhidas próximo às feridas vão agora para o laboratório. Solicitei uma análise da saliva. Vamos recuperar o DNA do animal agressor e, assim, identificar a espécie.

— Isso é possível? Saber a espécie do animal a partir de seu DNA?

— Com o sequenciamento dos genomas, sim. Está na moda recentemente. Decompõem-se as moléculas de DNA de plantas, bactérias, cães, depois são passadas por máquinas enormes e obtém-se uma cartografia genética de cada espécie. Pode-se dizer que se trata da listagem completa e detalhada do conjunto dos genes.

Levallois se dirigiu até a pia ladrilhada e pegou um frasco que parecia quase vazio.

— Nada mais detém o progresso. O que há aqui dentro?

— Sem dúvida, um minúsculo pedaço de esmalte. Eu o encontrei no interior do corte facial. Ai dentro tem também o DNA que poderá ser analisado, no caso de a saliva estar diluída demais no sangue. Agora, cabe aos biólogos descobrir.

— Mais alguma coisa? — perguntou Sharko.

O legista lhe lançou um breve sorriso.

— Quanto mais damos, mais você quer.

— Você me conhece...

— Tudo o que eu acabo de relatar já é o bastante, não? Vou iniciar o exame interno.

Sharko estendeu a mão para o legista, que a apertou por reflexo.

— Como assim, você não vai ficar? — perguntou o médico.

Atrás deles, os olhos de Levallois brilharam. Sharko não lhe deu tempo para reagir e tomou a direção da porta de saída.

— Não estou a fim de ver tripas, hoje. Meu colega pode se virar sem mim. Ele adora necrópsias.

— E aquele almoço? Já faz um bom tempo que você está me devendo um convite...

— Em breve. Enquanto isso, vá bebendo uma cerveja à minha saúde.

Ele empurrou as portas e sumiu sem virar para trás.

Lá fora, Sharko inspirou uma golfada de ar. Ainda que estivesse acostumado, a visão de cadáveres sempre lhe pesava no estômago. Era pura e simplesmente indigesto.

Por telefone, ele avisou a Clémentine Jasar que ela em breve teria de volta seu animal, são e salvo, e lhe pediu para tentar, nos dias seguintes, fazer com que a macaca lhe dissesse mais. Ela prometeu telefonar caso tivesse sucesso e agradeceu imensamente. Sharko sabia que ela faria o possível para ajudar, sentia que era uma mulher sincera e profundamente humana.

Com passos lentos, ele foi sentar-se em um banco de ferro, à beira do cais. Havia pouca gente no local. A proximidade do IML e a quantidade de viaturas policiais afugentavam os eventuais passantes. Perto dali, no porto de Paris-Arsenal, viam-se as embarcações de passageiros e as enormes barcas. A leve brisa e o sol de início de setembro estavam extremamente agradáveis. E pensar que Éva Louts nunca mais aproveitaria aquela paisagem. Alguém, o “monstro”, a privara selvagememente de seu direito mais fundamental: o direito de respirar. Em seguida a abandonara dentro de uma jaula, como um mero pedaço de carne. Sharko pensou nos pais da jovem vítima. Tinham ocultado a verdade, falaram em “crime”, sem adicionar qualquer adjetivo, e imediatamente prometeram que fariam o possível para prender “quem quer que tenha feito isso”. O pai e a mãe, provavelmente, não teriam ouvido o final da frase, porque o mundo deles de repente desabara.

Sharko esfregou as têmporas e, após colocar seus óculos escuros com uma das hastes remendadas, olhou para cima, apontando o rosto para o céu. Raios cálidos de sol

acariciaram agradavelmente sua face. Ele fechou os olhos e imaginou sem dificuldades o assassino chegando ao local onde ficavam recolhidos os animais, trazendo um macaco agressivo. O homem agride a vítima e o animal morde o rosto dela, atormentado por seu instinto selvagem. Talvez o “monstro” citado por Shery. Um de seus congêneres símios.

À volta dele, os rumores de vozes e de motores aos poucos desapareciam. O sussurro das águas... O sopro do vento... As sombras que dançam delicadamente sob as pálpebras... Tudo se dispersou, como um punhado de areia lançado ao céu.

Sharko sobressaltou-se quando a mão pesou sobre seu ombro, e precisou de alguns segundos para se lembrar de onde estava. Com uma careta, ele massageou a nuca e se recompôs. Levallois estava a sua frente.

— Obrigado por ter me deixado plantado bem no meio da sala de necrópsia. Não faz nem uma hora que estamos trabalhando juntos e você armou uma para mim.

Sharko olhou o relógio de pulso. Mais de uma hora se passara. Ele conteve um bocejo.

— Não leve a mal, mas, atualmente, tem sido um pouco difícil para mim.

— Já faz um tempão que é assim, pelo que contam. Parece que você e Manien andaram se estranhando e ele acabou dispensando-o.

— Não dê atenção às maledicências. Nos arredores do 36, você vai escutar todo tipo de história. Rumores maldosos, a maior parte infundada. E então, e a necrópsia?

— Você não perdeu nada. Mas ver aquilo, francamente... Chénaix manipula a faca como um violinista faria com o arco. É simplesmente nojento. Se há algo que odeio neste emprego é isso.

— A vítima foi violada?

— Não.

— Então não houve motivação sexual.

— Você acha?

Nervoso, Jacques Levallois pôs um chiclete de hortelã na boca, colocando também seus óculos escuros. Um sujeito boa pinta, *à la* Brad Pitt no filme *Seven*.

— Porra... Não é o tipo de história que vou querer contar à minha esposa.

— Nesse caso, não lhe conte nada.

— É fácil falar. Vem cá, tem algo que eu e os outros colegas não conseguimos entender... Você podia ganhar o dobro em Nanterre com a metade dos aborrecimentos. Menos de dez anos e pode se aposentar. Para que voltar à Divisão de Homicídios? Por que você pediu para ser rebaixado ao posto de inspetor? Nunca se viu isso antes, não faz o menor sentido. E a grana? Você não se importa com isso?

Sharko inspirou, mantendo os braços entre as pernas, como um pobre coitado alimentando os pombos. Seus colegas praticamente ignoravam sua última investigação, realizada na Divisão de Repressão à Violência, com base em Nanterre. Considerando os interesses políticos, científicos e militares, o caso da síndrome E havia permanecido relativamente confidencial.

— Dinheiro não é problema. Quanto às motivações, isso é pessoal.

Levallois mascava seu chiclete com o olhar fixo no rio, as mãos enfiadas nos bolsos.

— Você está amargo. Espero que não estejamos todos fadados a terminar assim.

— Não há o que fazer, você vai ficar como o destino quiser que você fique.

— Isso é perversamente fatalista.

— Realista, eu diria.

Sharko observou por mais alguns segundos uma barça passando, depois se levantou e caminhou na direção do carro.

— Venha, vamos embora. Está na hora de comer alguma coisa e, depois, vamos dar um pulo até a casa de Éva Louts.

— Você se incomoda se a gente fizer só um lanchinho? Assim podemos ir logo até a casa dela. Toda essa porcária que eu vi acabou com meu apetite.

[P]arecia de fato a residência de uma estudante solteira. Uma ampla biblioteca, dezenas de livros empilhados, estantes abarrotadas, uma escrivaninha em um canto que ocupava a metade da sala e equipamentos de informática de última geração: um bom computador, impressora, scanner, gravador de CDs e uma torre deles. O quarto e sala de Éva Louts estava a dois passos da Praça da Bastilha, na rua de La Roquette: uma via pavimentada, estreita, que parecia escondida nas entranhas de uma cidade medieval.

Com uma autorização judicial, os policiais convocaram um chaveiro para abrir a porta. Há algumas horas, os celulares tocavam, as informações circulavam entre os investigadores. Agora que o crime havia sido confirmado, os quatro homens da equipe de Bellanger e vários outros agentes, vindos temporariamente em reforço, se inteiravam da missão. Naquele exato momento em que Sharko e Levallois estavam ali, outros interrogavam o orientador de Éva, seus pais, seus amigos, ou então analisavam sua conta bancária. O famoso rolo compressor do Quai d'Orfèvres avançava.

Calçando luvas, Jacques Levallois se instalara diante do computador da vítima, enquanto Sharko inspecionava o apartamento. Ele observava meticulosamente a decoração. Ao longo de suas investigações, aprendera que os objetos estavam sempre prontos a murmurar a razão de sua presença a quem quisesse escutá-los.

No quarto, inúmeras fotos emolduradas mostravam Éva Louts equipada com cabos elásticos à beira de pontes, saltando de paraquedas ou em trajes de esgrimista em diferentes idades. Um corpo gracioso e atlético, que parecia pronto para se aventurar. Com mais ou menos um metro e setenta, seu físico era o de uma pantera: olhos verdes silvestres, sobrancelhas longas e bem arqueadas, uma silhueta longilínea sem qualquer desproporção. Em silêncio, também de luvas, o comissário examinou sem pressa o restante do quarto. Em um dos cantos, um simulador de remadas, uma bicicleta ergométrica, alguns halteres. Diante da cama, um afresco colorido representando a árvore genealógica dos hominídeos, do *Australopithecus africanus* ao Cro-Magnon. Pelo visto, até mesmo no sono, Louts pesquisava os mistérios da vida.

Sharko continuou seu trabalho de investigação minuciosa. Vasculhou armários e gavetas. Quando se preparava para sair do quarto, teve um insight. Voltando ao quadro das duas esgrimistas em pleno duelo, ele cerrou as sobrancelhas e pôs o dedo sobre os floretes de Louts e da adversária.

— Isso é bem intrigante.

Surpreso com aquela descoberta, ele removeu o quadro da parede, colocou-o sob o braço e continuou a visita. Banheiro, corredor, cozinha, tudo muito bem mobiliado. O pai e a mãe, ambos profissionais liberais, segundo os primeiros ecos das investigações, deviam lhe dar apoio financeiro. Nos armários da cozinha e dentro da geladeira, diversos produtos dietéticos, proteínas em pó, bebidas energéticas e frutas. Uma disciplina alimentar implacável. A moça parecia ter tudo: mente e corpo.

Sharko voltou à sala, se aproximou da escrivaninha e percorreu todo o cômodo com o olhar. Como dissera Clémentine Jaspas, não havia televisão. Ele examinou os livros da biblioteca e os que estavam empilhados, provavelmente folheados por ela mais recentemente. Biologia, ensaios sobre a Evolução, genética, paleoantropologia: um mundo fantástico sobre o qual ele praticamente nada conhecia. Havia também centenas de revistas científicas das quais presumivelmente ela mantinha uma assinatura. Uma agenda de cursos e conferências fixa na parede, impressa em papel reciclado: um programa carregado, matérias indigestas: paleogenética, microbiologia, taxionomia, biofísica.

De seu lado, o inspetor Levallois se abstraía de toda aquela parafernália e todo aquele universo a seu redor. Concentrado em sua tarefa, ele navegava pelos programas do computador. Sharko o observou, estalando o látex de suas luvas.

— E então?

— Este teclado para canhotos é horrível, mas não me impede de fazer uma varredura por dados. O documento mais recente é de um ano atrás.

— E sobre lateralidade, você achou alguma coisa?

— Nada. Em lugar algum. Está na cara que alguém passou por aqui e apagou tudo. Incluindo a tese dela.

— É possível recuperar os dados?

— Isso dependerá da maneira como o sistema gerou as supressões. É possível que a gente recupere apenas fragmentos, ou, talvez, nada.

Sharko olhou na direção do vestibulo.

— As chaves do apartamento não foram encontradas com a vítima, nem em suas coisas no escritório, mas a porta estava trancada. Após eliminar Louts, o assassino deve ter vindo até aqui, tranquilamente, fez a faxina e depois fechou a porta ao sair. Pode-se concluir que não é o tipo de sujeito que se assusta facilmente.

Levallois apontou para o quadro que ele segurava sob o braço.

— Por que você está carregando isso? Por acaso é fã de esgrima?

Sharko se aproximou dele.

— Olhe bem. Você percebe alguma coisa?

— Além de duas moças com máscaras parecendo dois mosquitos gigantes, nada.

— Mas é flagrante. As duas adversárias são canhotas. Quando se sabe que a probabilidade é de um canhoto em cada dez pessoas, é preciso admitir que isso é estranho.

Jacques Levallois apanhou o quadro, perplexo.

— É verdade. E é justamente o tema de sua tese.

— Tese que sumiu.

Sharko se pôs a refletir enquanto abria as gavetas. No interior, apenas material de informática, resmas de papel e mais revistas científicas. Um dos títulos lhe chamou a atenção: “Violência”. Tratava-se da célebre revista americana *Science*. O exemplar datava de 2009. Sharko leu rapidamente o sumário. Mencionava nazistas, massacres em

escolas, comportamentos agressivos de certos animais, assassinos em série. O editorial, em inglês, era bem sucinto: onde se deviam buscar as causas da violência? Na sociedade? No contexto histórico? Na educação? Ou nessas porções de cromossomos chamadas de genes?

Sharko fechou a revista e suspirou. Ele talvez tivesse uma resposta, com todos os horrores descobertos em sua investigação anterior. Terminada a busca, apontou com o queixo para o computador.

— E nos favoritos dela, na internet? Você olhou?

Levallois colocou o quadro na mesa, balançando a cabeça.

— Não há favoritos, nem histórico, nem *cookies*. Não vi nada de interessante em suas mensagens. Vai ser necessário recorrer ao provedor para tentar identificar suas conexões.

Sharko notou vestígios de cola em diversos lugares, e também no *mouse pad*, que representava um mapa-múndi. Certamente havia *Post-its* que tinham sido removidos dali. Pelo assassino, talvez.

Seu olhar se fixou na torre de CDs, para a qual ele apontou.

— Acho inacreditável que Louts não tenha feito um *backup* de seus documentos do disco rígido.

— Já dei uma olhada. Se ela salvou algo, agora não tem mais nada.

— Vamos chamar uma equipe para fazer uma busca completa e recuperar os dados do computador.

Um telefone tocou. Levallois sacou seu celular. Após alguns minutos de conversa, ele desligou e se dirigiu a Sharko.

— Duas notícias. A primeira não tem nada a ver com este caso. É sobre o cadáver no bosque de Vincennes, Frédéric Hurault. O chefe me pediu para lhe dar o recado: seu ex-chefe de equipe quer que você vá até lá imediatamente.

— Ele quer me ver? É mesmo? E a outra notícia?

— Robillard começou a vasculhar os arquivos policiais. Aparentemente, há menos de um mês, Éva Louts solicitou sua ficha criminal, que por sinal é limpa, tendo em vista a obtenção de autorização para visitar instituições penitenciárias.

— Instituições penitenciárias?

— Uma dezena delas, pelo menos. Ao que parece, nossa vítima queria encontrar diversos prisioneiros na França. O que me leva a fazer a seguinte pergunta: o que uma estudante que se dedica aos macacos procurava no inferno carcerário?

[P]reparando-se para pegar uma longa estrada na direção do presídio de Vivonne, próximo a Poitiers, bem cedo na manhã seguinte, Lucie enfiava pequenas garrafas d'água e algumas roupas dentro da mochila. Em seguida, tirou um telefone celular novinho da embalagem e mostrou à mãe.

— É para Juliette. Ela pode deixá-lo dentro da mochila da escola, assim poderei entrar em contato com ela sempre que quiser. Eu sei que ainda é pequena, mas é só para receber ligações, está programado para isso. É só para... que eu fique próxima dela e possa saber onde ela está quando eu desejar. O que você acha?

Marie Henebelle não respondeu. Permaneceu no sofá, a expressão preocupada, as mãos entre as pernas. Desde o verão anterior, ela estava sempre presente no apartamento, do qual fizera, aliás, sua segunda residência. Lucie tinha até transformado seu pequeno escritório em um quartinho. Diante dela, a televisão mostrava cliques musicais. Marie se levantou, desligou o aparelho e disse à filha com a voz grave:

— Não se deixe sugar outra vez pela engrenagem, Lucie. Não vá até esse presídio amanhã, nem ao enterro daquele desgraçado. Isso só vai piorar as coisas. O psiquiatra já falou, você precisa se desligar o máximo possível de... tudo isso.

— Não me importa o que disse o psiquiatra. Não tenho escolha.

— Claro que você tem escolha.

Marie Henebelle conhecia bem aquela história. Ir até lá seria reabrir feridas, encarar o mal nos olhos, procurar respostas que não viriam jamais. Ela refletiu por um bom tempo, os dedos crispados, e finalmente falou:

— Há uma coisa que preciso lhe dizer.

— Agora, não. Vou dar uma volta pela Citadelle com Juliette e Klark.

Marie passou a mão no rosto, inquieta.

— Diz respeito à história de nossa família, nossas relações gemelares.

Assustada, Lucie certificou-se de que Juliette estava no quarto e se aproximou da mãe.

— Que relações?

Marie mordeu o lábio. Ela olhou para as unhas, evitando encará-la diretamente. Com um gesto, fez a filha sentar-se à sua frente.

— Depois do que aconteceu, eu tenho visto alguém, Lucie...

— Um homem?

— Uma mulher, que é psicoterapeuta e genealogista, especializada em resolver conflitos transgeracionais. Ela é o que chamam de psicogenealogista. Eu gostaria que você fosse comigo a uma consulta.

Lucie sentiu o sangue subindo pelo rosto. Só faltava essa.

— Outro especialista? Por que você nunca me disse nada?

— Por favor. Já é muito difícil ter que falar sobre isso.

Lucie balançou a cabeça com veemência.

— Faça o que quiser, mas não vou até lá. Estou cansada dessas pessoas.

— Você não entendeu, ela não é psicóloga nem psiquiatra. Ela nos ajuda a abrir os olhos sobre nosso passado, a nos questionar sobre as relações com nossos próprios ancestrais. Os laços de sangue.

Marie olhou para o chão, para onde sempre se olha antes de anunciar os temas mais graves, como se estes pesassem na cabeça. Ela inspirou e disse com aspreza:

— Eu também tive uma irmã gêmea.

Lucie teve a impressão de receber um soco no estômago, daqueles capazes de interromper a respiração. Ela se recostou na poltrona.

— Uma... uma irmã gêmea?

— Ela se chamava France. Nasceu do ventre de minha mãe antes de mim na maternidade de Liévin, em julho de 1950.

Lucie sentiu a garganta apertada. Sua mãe praticamente nunca falava de seu passado, de sua juventude, como se mantivesse tudo trancado em um velho baú cuja chave havia sido perdida. Na verdade, Lucie sabia muito pouco sobre a própria família, sobre seus ancestrais. Todas aquelas almas, aqueles corpos, tinham se dispersado no espaço e no tempo, como um rastro de poeira.

— Quando... Quando a desgraça aconteceu, tínhamos acabado de completar quatro anos. Ainda morávamos em Calonne, na época. Você se lembra das fotografias da casa em que seus avós moravam?

Lucie assentiu sem relaxar a pressão dos lábios. Claro que se lembrava. Uma casinha de tijolos vermelhos, em uma região mineradora. A lareira a carvão, os azulejos de cores diversas, a enorme bacia que servia de banheira para toda a família... O avô trabalhando na mina, a avó distribuindo lamparinas na beira do poço que engolia os homens, às seis horas da manhã... Operários que ela praticamente não conhecera, levados cedo demais por doenças que atacavam os pulmões e a garganta.

Marie falava com saudades, as palavras que saíam de sua boca parecendo ter sido lustradas pelo tempo.

— Foi no auge do verão. France e eu estávamos brincando no jardim. A gente se divertia fazendo buracos na terra com um pedaço de pau, no lugar onde havia pés de framboesa, atrás do galinheiro de seu avô. France era muito mais hábil do que eu, cavava duas vezes mais rápido aquela terra tão preta e tão dura. Ela achou uma granada. Seu avô nos tinha mostrado como eram, e nos explicara que, caso encontrássemos alguma arma do tempo da guerra, não devíamos tocá-la de jeito algum. Na região das minas, não era raro as pessoas depararem com obuses, capacetes e até esqueletos de alemães soterrados.

Os dedos de Lucie se crispavam no tecido, enquanto a mãe prosseguia seu relato:

— Então, com meus quatro aninhos, eu disse a France que ficasse ali, enquanto ia chamar nossos pais. Quando cheguei ao pátio da casa, ouvi a explosão.

Marie cerrava as mãos, como devia ter feito esse tempo todo a cada vez que se

lembrava dessa tragédia. Lucie sentiu as lágrimas aflorarem nos olhos.

— A morte dela virou um tabu, Lucie. Nunca mais voltamos a falar disso entre nós. Meus pais, tios, tias e primos fizeram como se... como se France nunca tivesse existido. Nós a renegamos, ocultando esse segredo vergonhoso na profundidade de nossas almas. Não temos nem sequer uma foto, nada que lembre sua presença. Com o tempo, até eu mesma acabei esquecendo, porque não me deram escolha. Quatro anos... Eu era tão pequena... Cheguei até a duvidar, às vezes: ela teria realmente existido? Eu já não tinha mais certeza.

Lucie se levantou e abraçou a mãe.

— Ah, mãe... Por que você nunca me falou sobre isso?

Marie passava a mão nas costas de sua filha, apertando-a contra si. Estava à beira das lágrimas.

— E eu, a gêmea sobrevivente, engravidei de você aos vinte e dois anos. Na minha primeira ecografia, me informaram que... que...

Lucie se afastou um pouco e olhou no fundo de seus olhos. O sentimento de culpa era visível, uma tristeza transbordante. Todos seus órgãos pareciam contraídos e as palavras saíram mecanicamente de seus lábios:

— Que você estava grávida de gêmeas. Mas só uma delas nasceria, absorvendo durante a gestação a própria irmã.

— Você... minha filha única.

Lucie se recompôs e apertou as mãos com repulsa. Ela conhecia a história, já a havia enfrentado e sentido na própria carne. Primeiro foram as terríveis dores de cabeça que surgiram em sua adolescência. Feito os exames, descobriram aquelas abominações dentro de sua cabeça, por volta de seus dezesseis anos. Um cirurgião lhe extraía um quisto dermatóide, onde se encontravam restos de sua irmã gêmea. Dentes, unhas e cabelos absorvidos pelo gêmeo dominante no ventre materno, durante os primeiros meses de concepção. Inúmeros casos foram confirmados no mundo todo.

Assim que ficou sabendo dessa história, Lucie mudou. Enquanto alguns viam nisso somente um problema de concepção, a adolescente se sentia suja, envergonhada, monstruosa. Que instintos ignóbeis durante a gestação a haviam levado a conquistar o ventre materno? Mais tarde, ela descobriu um fato natural que lhe deixou marcas profundas: o canibalismo intrauterino entre os tubarões-touros. Nesta espécie, os embriões mais desenvolvidos devoram os mais fracos. Um fenômeno que seleciona, antes do nascimento, os indivíduos mais resistentes e que demonstra o poder do instinto e dos genes. Lucie tinha refletido por muito tempo sobre esse fenômeno natural. Ela, como esses tubarões, possuiria os mais abjetos instintos de predação? Teria ela mantido na superfície esses indícios animais, pré-históricos, em geral escondidos nos desvãos mais profundos de cada pessoa? Seria por essa razão inacreditável, incompreensível, que ela acabara por se tornar policial e perseguiu agora outros predadores como ela?

Observando novamente sua mãe, viu-a intensamente perturbada por aquela discussão.

— E, no ano passado, Clara... Meu Deus! Não, mamãe, eu não posso acreditar que... Ela se refugiou no silêncio, incapaz de enfrentar a evidência. A mãe tomou suas mãos.

— Os fatos são esses. Alguma coisa se abate sobre os gêmeos de nossa família. Eu não sei se... se existiram gêmeos em algum momento nas gerações anteriores, seria preciso fazer pesquisas complexas, mas uma coisa é certa: os conflitos não resolvidos, os segredos, as coisas não ditas, voltam sempre a surgir, se repetindo de geração em geração. Você não imagina o número de casos que essa terapeuta me expôs. Freud já mencionava a possibilidade de transmissão de um mal, através de um inconsciente unindo os membros de uma mesma família. Jung, Dolto falavam do inconsciente coletivo, de sincronias. E tudo isso existe realmente.

— É impossível.

— Há casos importantes que marcaram a história. O pai de Arthur Rimbaud, por exemplo, que não conseguia resolver seus problemas familiares e decidiu fugir, abandonando o filho. Como o próprio pai, seu bisavô o fizera antes dele... E o que dizer de todas as maldições, os Kennedy, os Rockefeller? Há coisas que não se explicam, Lucie, mas elas existem. No consultório da terapeuta, conversei com um jovem que tinha pesadelos recorrentes desde a infância, nos quais via pessoas sendo queimadas. Ele sonhou com isso até que seu avô lhe admitiu que tinha escapado de um campo de concentração, segredo que jamais revelara a ninguém. A partir desse dia, o homem nunca mais teve pesadelos. Há algo que se passa nos genes, dentro da máquina biológica, fazendo com que paguemos as dívidas de nossos antepassados, enquanto essas não forem reveladas. Algo além do DNA transita de uma geração à outra, tenho certeza disso.

Lucie balançava a cabeça. Seu espírito demasiadamente racional de ex-policial não conseguia acreditar nessas histórias loucas que tratavam de maldições. Um policial se baseia nos fatos, em provas concretas, não em suposições completamente distorcidas.

— Então, em sua opinião, se não tivesse havido esse segredo sobre os gêmeos em nossa família, eu não teria absorvido minha irmã gêmea durante sua gravidez, e Carnot teria escolhido outra vítima? Isso é totalmente ridículo.

— Eu não estou dizendo isso. É bem mais complicado... Mas estou pedindo: não vá ver Carnot amanhã. Venha comigo consultar essa doutora. Ela vai abrir seus olhos para o próprio passado.

— Isso tudo não faz o menor sentido.

— Você se recusa a ser ajudada.

— E você procura explicações onde elas não existem. Eu só vejo nisso tudo uma série de tristes coincidências. Eu fui policial, conheço a face da morte. Não há nada de mágico ou maldito nisso. É apenas biologia e química, mamãe. E agora, se você não se importar...

Com um suspiro, Lucie se dirigiu para o quarto de Juliette, com a impressão de ter sido completamente esvaziada.

[D]ivisão de Homicídios...

Assim que a porta se fechou atrás dele, o comissário se defrontou com dois homens, Bertrand Manien e Marc Leblond, seu braço direito. Um estava sentado rígido e ereto, o outro se apoiava negligentemente à janela dos fundos, que dava para o Sena. Uma atmosfera maçante no meio de mobílias que datavam de outra época.

— Sente-se, Franck.

Sharko obedeceu em silêncio, instalando-se em uma cadeira rudimentar de madeira. Sentiu dores no traseiro, os ossos expostos. Estava magro demais, magérrimo. Em geral, aquele cômodo de disposição espaçosa era ocupado por cinco a seis policiais, que trabalhavam em conjunto diante de seus computadores. Naquele momento, ou os homens estavam na rua, ou então haviam sido solicitados a sair dali, durante aquela “conversa”. Marc Leblond se aproximou de Manien e sentou-se. Um homem grande, também magro, quarentão, com suas indefectíveis botas de caubói e seu maço de cigarros vagabundos. Um rosto de réptil, olhos pequenos que refletiam a perversão. Antes de fazer parte da Divisão de Homicídios, ele permanecera cinco anos na Divisão de Posturas, algemando prostitutas e, eventualmente, cuidando do serviço de pós-venda. Sharko nunca o apreciara e esse sentimento era recíproco.

O réptil louro foi o primeiro a falar. A voz rouca, que não admitia réplica: o sujeito parecia sentir prazer naquela situação.

— O que você tem a nos dizer sobre Frédéric Hurault?

Frédéric Hurault... O cadáver encontrado no carro no bosque de Vincennes. Diante dos policiais, Sharko adotara uma atitude falsamente descontraída. Os braços cruzados, e uma postura meio curvada em sua cadeira. Afinal de contas, ele se encontrava exatamente em seu antigo lugar.

— Vocês querem que eu fale sobre ele? O que querem saber?

— Como você o fisgou? Quando?

O comissário franziu as sobrancelhas. Ele quis se levantar, mas Bertrand Manien se inclinou sobre a mesa e o impediu com a mão sobre o ombro.

— Fique um pouco mais, *Comissário*, por favor. Faz dois dias que remexemos nesse caso. Não há testemunha, nenhuma motivação aparente. Hurault não era um cliente da prostituição, não era nem sequer capaz de ter uma ereção, com todos os medicamentos que lhe deram no hospital psiquiátrico. Estaria ali para encontrar alguém? Um desejo repentino? Mas por que ali, tão afastado de tudo? Enfim, por ora, estamos em um beco sem saída.

— Você me demitiu de sua equipe. E agora quer que eu o ajude?

— Eu lhe fiz um favor ao afastá-lo, não foi? Era uma espécie de, como dizer isso... uma troca de gentilezas? Escute, o assassino não é um grande especialista. Só estamos perguntando para avançar na investigação. Você perseguiu Hurault um tempo atrás,

— você o pressionou. Você o conhece bem. Ele e as pessoas com quem se relaciona.

— Para isso, existem os arquivos.

— Os arquivos são pesados e cheios de poeira. Nessas horas é melhor um ser humano. Gostaríamos que você nos passasse as informações importantes. Corro o risco de em breve todos os meus homens comecem a trabalhar no caso do macaco, e eu preciso cuidar dessa história que não interessa a ninguém, você entende?

Sharko recuperou sua calma.

— Não tenho muito a dizer além do que vocês já sabem. Isso foi no início do ano 2000. Hurault acabou de se divorciar, após uns dez anos de casamento, a decisão foi da mulher. Não foi um divórcio fácil. Hurault não suportava a ideia de ficar sozinho. Estava com uns trinta anos, era funcionário da Firestone, morava em um pequeno apartamento em Bourg-la-Reine. No dia da tragédia, era seu fim de semana com as filhas.

O policial engoliu a saliva, tentou conservar uma voz neutra, desprovida de emoção. Entretanto, ele nunca mais esquecera os horrores que vira naquele dia, no quarto andar de um edifício clássico.

— As meninas foram descobertas pela mãe, no domingo à noite. Estavam de pijama, afogadas na banheira. Talvez vocês queiram que eu descreva a cena?

— Não é necessário.

— Graças às movimentações bancárias, pegamos Hurault quinze dias depois em Madri, em um hotel sórdido. Ele explicou ter perdido a razão no momento do ato e disse não se recordar de ter matado as meninas. Segundo o psiquiatra, ele sofrera de um breve estado psicótico, provocado pelo estresse do divórcio. Quando viu os corpos afogados na banheira, entrou em pânico e fugiu. Seus advogados alegaram irresponsabilidade de seus atos. Ao fim de um longo e complicado processo, que envolveu uma série de psiquiatras, eles acabaram ganhando. Internação por tempo indeterminado no Hospital Psiquiátrico Sainte Anne. Quanto à mulher... várias tentativas de suicídio... Nunca mais se recuperou.

Manien manuseava uma caneta esférogáfica, sem tirar os olhos de Sharko. Seus gestos eram bruscos, nervosos.

— E você, qual era sua opinião? Você acreditou que ele não podia ser responsabilizado?

— O que eu acreditava pouco importava. Fiz meu trabalho. O resto, não era assunto meu.

— Não era assunto seu? Algumas pessoas, porém, o viram durante o julgamento; você acompanhou assiduamente o processo, como se estivesse envolvido pessoalmente.

— Era comum assistir aos processos de casos importantes que investiguei. E eu estava de licença.

— Durante minhas licenças, costumo ir pescar, ou viajar para as montanhas.

Ele se virou para Leblond.

— E você, faz o quê?

O réptil se contentou em esboçar um sorriso, sem responder. Manien se voltou para Sharko com um ar um pouco mais descontraído, quase debochado.

— E você prefere assistir a um processo... Tudo bem... Cada um na sua, afinal de contas. Você conhecia os inimigos de Hurault?

— Fora todos os pais e mães da França?

Silêncio. Olhares que se avaliam. Manien largou sua caneta e curvou-se para a frente, as mãos sob o queixo.

— Você sabia que ele estava solto?

A resposta de Sharko foi direta, sem hesitação:

— Sabia. Nos últimos anos, ele fora transferido para o hospital de Salpêtrière, a fim de se preparar para ser solto. Eu estava me submetendo a uma terapia havia alguns meses. Presumo que vocês saibam que tipo de terapia.

Leblond esboçou outro sorriso desagradável.

— Vocês se cruzaram no hospital?

— Em uma sala acolchoada, você quer dizer.

— Não leve a mal. Você parece bem nervoso.

Sharko esfregou a testa. O sol havia batido no vidro o dia todo, a umidade se infiltrara nas paredes, como sarna. Os velhos odores impregnados exalavam de todos os cantos: cigarros, suor, madeira velha. Aquilo fedia a homem.

— É mesmo? Você acha? — respondeu ele ao réptil. — Você ainda estava limpando privadas no exército e eu já fazia exatamente o que você faz agora, colocava os vagabundos em cana. Vocês acham que sou um imbecil? Resolveram me derrubar, estragar minha vida, tendo como único pretexto o fato de eu conhecer a vítima? Por quê? Só porque eu fiz de tudo para mudar de equipe?

— Pare com essa paranoia. Só estamos pedindo para você nos ajudar um pouco. Estamos entre pares, *Comissário*, não se esqueça. Vocês se viram no Salpêtrière?

— Aconteceu de nos vermos. Frequentávamos unidades próximas.

— E você viu Hurault depois que foi liberado?

— Dois dias atrás. No bosque de Vincennes. Ele não estava em sua melhor forma.

— Você também não se encontra em sua melhor forma — observou o réptil. — Depois que perdeu sua mulher e sua filha, anda bem sorumbático. Eu não entendo como mantemos nos efetivos alguém que não bate bem das ideias.

Não precisou nem sequer um segundo para que Sharko pulasse de sua cadeira e saltasse sobre Leblond. As duas massas de ossos e músculos atingiram violentamente uma parede e derrubaram um cesto de papéis. Uma cadeira caiu no chão. Com a expressão crispada, Manien conseguiu separar os dois, antes que passassem aos socos.

— Vamos nos acalmar, porra! O que está acontecendo com vocês?

Com olhar furioso, saliva nos lábios, as veias tensas, finalmente, cada um retomou seu lugar. Sharko sentia as têmporas pulsando, o sangue fervendo. Leblond se levantou e foi acender um cigarro à janela, enquanto Manien acalmava os ânimos, só na aparência.

— Dê um desconto a ele. Todas essas coisas que dizem de você faz com que perca as

estribeiras, é normal. Você ocupava um lugar confortável de comissário e agora está pisando na merda. Em uma situação como a sua, eu reagiria do mesmo jeito.

— Você não está na minha situação.

Manien ignorou o comentário e continuou roendo a corda.

— Então, depois do hospital, você só voltou a ver Frédéric Hurault no sábado passado.

— Se não me falha a memória, foi isso. Mas você sabe, Bourg-la-Reine e Hay-les-Roses ficam bem perto. Não é impossível que eu tenha cruzado com ele um dia, sem prestar de fato atenção. Como você mesmo disse, acontece de eu esquecer onde deixei minha própria arma.

Manien se virou para Leblond, examinando-o por um tempo com um ar divertido, depois assumiu uma posição ainda mais tranquila. Ele quase sorria.

— Sem prestar de fato atenção... Muito bem, vamos ao que interessa, a verdadeira razão de sua presença aqui. Você sabe que encontramos um fio de sobancelha nas roupas da vítima?

— Não, não sabia. Isso não me diz respeito.

— É tão difícil não deixar algum vestígio de si mesmo, com toda a tecnologia que temos disponível atualmente. Eu diria mesmo que isso se tornou impossível. Você concorda? A pele, o suor, as escamações, as impressões...

— E daí?

— O DNA extraído desse pelo foi pesquisado eletronicamente no Arquivo Nacional Automatizado de Impressões Genéticas. Obtivemos um resultado. Se a gente se baseasse somente na ciência e omitisse nosso fardo policial, poderíamos dizer que achamos o culpado.

— Esse DNA não seria o meu, por acaso?

Sharko viu o pescoço de Manien se contrair, seu olhar palpitava. Ele continuou a falar:

— É exatamente por esta razão que, não faz muito tempo, resolveram também incluir nossos dados no Arquivo. Somos contaminadores da cena do crime. Isso acontece o tempo todo, e vai voltar a acontecer nesse caso do macaco, que estou investigando. Há o DNA do policial que chegou primeiro ao local do crime, do chimpanzé, do cuidador dos animais e da primatologista. Uma infinidade de impressões sobre as barras da jaula. Porra, não vai me dizer que foi para me acusar que você me fez vir até aqui? O que você está procurando? Quer mandar para o espaço os poucos anos que me restam de carreira?

Manien demonstrou uma ligeira hesitação, antes de retomar a confiança e responder:

— Não é sobre isso que estamos falando. O problema é a maneira como você se comportou no local do crime. Você mete as mãos e os pés em todo lugar. Estava querendo adulterar a cena do crime para nós não acharmos o assassino? Ou é só para encher meu saco e não me deixar outra escolha a não ser demitir você? Seja franco, Comissário, a gente joga no mesmo time, não esqueça.

— Eu não tinha dormido aquela noite. Passou um monte de coisas pela minha cabeça. A janela do carro estava aberta, eu quis ver que tipo de sujeito frequenta aquele local no meio da noite. Me inclinei no interior do carro e não tomei precaução, vacilei.

No canto da sala, Leblond fumava em silêncio, com um pé apoiado na parede, a fumaça se dispersando lá fora.

Manien voltou ao ataque.

— Veja, o sujeito que o assassinou a sangue frio talvez estivesse sem capuz... Certamente quis que Hurault visse seu rosto no momento em que lhe enfiava uma chave de fenda na barriga. Porque... não sei... porque queria lhe mostrar, quem sabe, que não tinha esquecido dele, e que sabia que ele era responsável por seus atos? Graças à irresponsabilidade penal, Hurault ficou apenas nove anos no hospital psiquiátrico, teria ficado o dobro disso se tivesse confessado seu crime. Para nós, da polícia, esse tipo de pessoa é desprezível porque ela nos dá a impressão de que nosso trabalho não serve para nada. O que você acha disso?

Sharko deu de ombros. Manien ainda não estava satisfeito.

— Há pouco mais de um ano, você ainda era analista comportamental. Você deve ter respostas para esse tipo de pergunta, não é? — insistiu.

— Há muitos outros analistas. Eles ainda estão em serviço. Vá falar com eles.

Sharko consultou o relógio, depois se levantou, desta vez calmamente.

— Tenho quase trinta anos de carreira. Porra, trinta anos de serviço leal, pondo em cana gente dez vezes pior do que Hurault. Passei por um sofrimento pelo qual você nunca vai passar, apesar de tudo que já viu. E você quer minha pele, quer me destruir como já fez com tantos colegas antes de mim. Fora o DNA da contaminação da cena do crime, você não tem bosta nenhuma contra mim. Eu fiz merda no local do crime, então por que você não avisa à Corregedoria de Polícia? É porque eles não gostam de você? Porque você já abusou da violência em cima de suspeitos e até mesmo de colegas? Sei que você vai ficar em cima de mim, você é pior do que sarna. Sua vida é tão entediante assim?

Ele se inclinou sobre a mesa, o rosto a dez centímetros de Manien.

— Vou dizer uma vez, e espero que seja a única: eu não tenho nada a ver com a morte de Hurault. Sou policial, como você. Voltei para a Homicídios porque estava de saco cheio daquela poltrona em Nanterre, simplesmente isso. E caso esteja duvidando, vou dar um conselho a você e a esse outro palerma: tomem cuidado com onde metem o nariz.

— Você também deve tomar cuidado... Preciso de um culpado, e rapidinho. Pode ter certeza de que vou encontrá-lo.

E acrescentou quando Sharko já estava se afastando:

— Por enquanto, essa conversa vai ficar entre nós. Ninguém sabe de nada. Quanto ao DNA, sim, é como você diz. Isso passa despercebido facilmente. Não quero lhe causar problemas. Está vendo como a gente considera você?

Sharko saiu, batendo a porta, e caminhou com passos largos até o bebedouro, no fim do corredor. Estava precisando de água, e depois de um café. Forte, concentrado, cheio de caféina.

Com um copo de café na mão, ele tomou a direção de seu escritório, onde Levallois estava instalado. Lá fora, sobre os telhados das residências, o sol poente derramava suas tintas douradas. Em meio àquela unidade insuportável, Sharko colocou a bebida quente demais sobre a mesa e se deixou cair sentado em uma cadeira com rodinhas, abatido. O dia e aquele simulacro de interrogatório tinham sugado o pouco de energia que lhe restava.

Ele apontou para um formulário de solicitação de folga.

— Passe uma dessas folhas, vou tirar um dia de licença.

— Tem alguma coisa errada? O que Manien queria?

— Nada, nada. Só estou precisando dormir, dormir e dormir um pouco mais...

Levallois lhe entregou um formulário, que Sharko preencheu preguiçosamente. O chefe, Bellanger, encontraria a solicitação sobre a mesa ao voltar mais tarde, ou na manhã seguinte. Provavelmente iria reclamar, mas azar. Isso era o que menos o preocupava.

— Alguma novidade sobre Louts? — perguntou o comissário.

— Acabei de falar com Robillard, que está cuidando disso desde hoje de manhã. Ele me forneceu a lista das penitenciárias e dos detentos que a estudante visitou. Mais de onze presos, todos com penas longas.

Sharko assinou sua folha de dispensa com um suspiro e estendeu a mão. Levallois lhe entregou a lista.

— Sabe-se por que ela foi falar com eles?

O inspetor agora estava de pé, uma garrafa térmica vazia na mão.

— Ainda não, a lista acabou de chegar. Robillard vai cuidar disso amanhã. Precisamos continuar investigando suas contas, seus recibos. Robillard está bem adiantado. Bem, sinto muito, mas preciso chegar em casa antes das oito. Tchau. A gente se vê na quarta-feira, então... Aproveite para descansar amanhã.

Ele desapareceu rapidamente, batendo a porta atrás de si. Sozinho, Sharko se entregou por alguns instantes à calma que se instalara, com os olhos semifechados. Suas têmporas zumbiam, os rostos malvados de Manien e Leblond giravam sob suas pálpebras. Dois cães raivosos em seus calcanhares, ameaçando tornar sua vida impossível. Se comessem a falar demais, os rumores circulariam pelos corredores, e iriam começar de novo a olhá-lo de lado. Sharko, o ex-esquizofrênico. Sharko, o cliente dos psiquiatras que estava perdendo o juízo. Será que o *Comissário* estava protegendo um assassino, ou tinha de fato apagado alguém? Será que tinha perdido o controle, queimado um fusível, agora que se aproximava lentamente do fim de sua carreira? Com frequência se via esse tipo de colapso. Quantos policiais acabavam alcoólatras, depressivos, afogados na merda que fizeram no passado?

Com um derradeiro esforço, ele reabriu os olhos e percorreu rapidamente a lista

com os nomes dos detentos. Olhava sem ler. Impossível se concentrar, manter o ritmo da investigação. A cabeça doía demais, estava cansado demais, tudo era demais.

Só havia uma solução. Ir para casa. Desabar em uma cama. Tentar dormir uma hora, talvez até duas, antes de acordar, lá pelas três da manhã. Como todas as noites. Quando estava se preparando para deixar o papel de lado, seus olhos foram de repente atraídos por uma linha específica da lista. A última. Data do encontro de Éva Louts com o preso: sexta-feira, dia 27 de agosto de 2010, dez dias antes.

Uma instituição e uma identidade que fizeram seu sangue congelar.

Penitenciária de Vivonne.

Grégory Carnot.

[A]situação mudara subitamente.

Agora, estava fora de questão voltar para seu apartamento. Éva Louts, dez dias antes de morrer, havia entrado em contato com Grégory Carnot. O homem que destruíra tudo.

Sharko engoliu outro café. Um gosto de terra se instalou em sua garganta.

Tomado pela adrenalina e pela caféina, ele agora caminhava pelos corredores quase vazios da Divisão de Homicídios. Àquela hora, não restavam senão algumas sombras, concentradas nos casos mais escabrosos. Os agentes de plantão, o pessoal da Divisão de Narcóticos que nunca saía dali porque vigiava os viciados presos, ou, simplesmente, aqueles que não tinham vontade de voltar para casa, completamente absorvidos pelo trabalho. Sobre o assoalho estaladiço, projetavam-se somente as luzes mortíferas, das quais ele conhecia todas as nuances, todas as úmidas palpitações. Ele havia gostado daquele ambiente, aqueles corredores vazios, os odores de madeira envelhecida e lustrada. Em trinta anos, praticamente nada havia mudado. Hoje, próximo do fim de sua carreira, ele se arrastava ali como um fantasma penitente, carregando um enorme fardo de rancor sobre sua magra carcaça cansada.

Entrou no escritório vazio de Robillard, o inspetor responsável por esmiuçar a vida virtual de Éva Louts: contas, todo tipo de gastos, assinaturas de revistas. Lá fora, através da pequena claraboia, Paris se fundia na noite. Dali, podia se vigiar um pouco a cidade, fazendo uma promessa fictícia: *Dumam bem, caros habitantes, nós estamos de olho em vocês.*

Sharko se pôs ao trabalho: voltar no tempo, anotar quaisquer irregularidades no ritmo de vida da vítima. Diante dele, havia duas pilhas de papéis: as que já tinham passado pelo crivo de Robillard e as outras. Ele começou a examinar o primeiro lote, já analisado. Rapidamente, Sharko observou as reservas de passagens aéreas, emitidas pela Air France. No dia 16 de julho de 2010, quase dois meses antes, Éva Louts embarcara em um voo de classe econômica até o aeroporto internacional Abraham González de Ciudad Juárez, no México, onde permaneceu por cinco dias, uma vez que o retorno datava de 21 de julho.

Depois, em 29 de julho de 2010, oito dias mais tarde, Éva Louts decolou do aeroporto de Orly, em Paris, para Manaus, no Brasil. O retorno Manaus-Paris aconteceu no dia 5 de agosto, ou seja, uma semana depois.

Sharko passou a mão no queixo, imerso em reflexões. Duas viagens sucessivas à América Latina, antes de chegar ao Centro de Primatologia. E, aparentemente, não pareciam ser de férias. O comissário conhecia Ciudad Juárez de nome: tratava-se de uma das cidades mais perigosas do mundo. O caso dos “assassinatos de mulheres de Ciudad Juárez” contribuíra para a sombria reputação da sexta maior aglomeração urbana do México. De 1993 a 2005, quase quinhentas mulheres haviam desaparecido, e setenta e cinco por cento das que foram encontradas tinham sido assassinadas da mesma

maneira: torturas, abusos sexuais, mutilações, estrangulamentos. Uma das histórias criminais mais horrendas de todos os tempos, jamais elucidada.

O que uma estudante de biologia de vinte e cinco anos, que deveria observar com que mão se alimentavam os macacos, tinha ido fazer naquele antro?

Intrigado, Sharko afastou os papéis e se interessou pelos recibos que estavam debaixo. O inspetor Robillard já havia cruzado certas informações: os dados mostravam que, no México, Louts tinha ficado o tempo todo no mesmo hotel, Las Misiones, bem no centro da cidade, e tinha feito suas refeições da noite lá mesmo, provavelmente no restaurante do lugar.

Quanto ao Brasil, a história era bem diferente. A estudante usara seu cartão Gold internacional no primeiro dia para sacar uma boa quantia de dinheiro em um banco de Manaus — mais de quatro mil reais, o que equivale a pouco menos de dois mil euros —, e provavelmente pagara as contas do hotel, dos restaurantes e outras despesas com esse dinheiro, já que não havia qualquer registro eletrônico de sua presença por lá.

Robillard tinha descoberto outro detalhe curioso: uma nova viagem para Manaus estava agendada. Tratava-se de uma reserva feita na semana anterior, com a partida marcada para dali a dois dias.

Éva Louts queria voltar para lá.

Paris-Ciudad Juárez-Paris, meados de julho de 2010. Cinco dias no México.

Paris-Manaus-Paris, final de julho de 2010. Sete dias no Brasil.

E, novamente, Paris-Manaus-Paris, prevista para entre 8 e 15 de setembro de 2010. Uma viagem que a estudante jamais faria.

Diante desse mistério, Sharko se lembrou então do que dissera a primatologista Clémentine Jaspard: “Éva me confidenciou estar perto de algo de grande envergadura.”

— Certo, mas o quê, exatamente?! — exclamou o policial. — Haveria alguma relação entre essas viagens e sua morte?

Ele ligou o computador e acessou o mapa do Brasil com o auxílio do *Google Maps*. O país, vinte e cinco vezes maior que a França, estava separado do México pela Colômbia e a América Central. Sharko ignorava a localização de Manaus. Verificou no mapa que ficava na região norte do país, capital do estado do Amazonas.

Continuou pesquisando e ficou sabendo que Manaus se achava na confluência dos rios Negro e Solimões, pouco antes de suas águas se encontrarem e formarem o rio Amazonas. Era uma cidade gigantesca com quase dois milhões de habitantes, que vivera muito tempo da exploração da borracha e que, hoje, já se parecia com qualquer grande cidade do Ocidente: avenidas abarrotadas de carros, indústrias, McDonald's e Carrefour, além de um porto mercantil com seus navios cargueiros. Um dos destinos turísticos do Brasil.

Sharko esfregou os olhos. Estavam ardendo, mas isso não tinha importância. Estava empolgado e queria chegar ao fim de suas pesquisas, de suas deduções. De qualquer forma, ele provavelmente não dormiria essa noite.

Passou para a outra pilha, aquela que Robillard não tivera ainda tempo de analisar. De novo, as quantias nos extratos bancários. Seus olhos percorreram os números rapidamente. Nada de concreto. Saques, despesas variadas...A folha seguinte, e outra... Então, repentinamente, uma linha chamou sua atenção: o cartão bancário de Éva Louts fora usado em um caixa eletrônico da cidade francesa de Montaimont, com o número setenta e três entre parênteses. Em Savoie... Total de duzentos euros, às nove e trinta e quatro, no sábado 28 de agosto de 2010.

O dia seguinte a seu encontro com Grégory Carnot.

O policial recuou um pouco sua cadeira, alisando os cabelos para trás. Logo depois de Vivonne, Éva Louts seguiu diretamente para o centro da região alpina. Mais de setecentos quilômetros. E se a estudante estivesse atrás de alguma coisa? Um sopro invisível que a impulsionara das cidades latino-americanas às mais altas montanhas da Europa, enquanto o que ela devia estar fazendo era simplesmente concluir sua pesquisa sobre destros e canhotos. Como um simples estudo sobre a lateralidade podia fazê-la viajar tanto e, sobretudo, causar-lhe uma morte tão brutal? Como ela poderia ter sido levada a se aproximar tanto de gente tão podre como Carnot? E por que precisava voltar ao Brasil?

Carnot... Sharko o odiava mais que tudo no mundo, e tinha agora, graças àquela investigação, a possibilidade de enfrentá-lo frente a frente. Ele queria pegá-lo, e pegá-lo sozinho...

Cerrando os maxilares, ele derrubou propositalmente o extrato bancário no chão. Com a ponta do pé, chutou-o sob um gaveteiro com rodinhas.

[O]cêtu se vestira de luto.

Chovia, no momento em que o veículo de número cinquenta e nove chegou a Vivonne, na região de Poitou-Charentes. Uma chuva sombria como uma nuvem de moscas martelava sobre o para-brisa havia mais de vinte quilômetros, dando a ilusão de uma paisagem sem fim, sem esperança.

Lucie só fizera uma parada na autoestrada para engolir um café amargo e comer alguns biscoitos. A noite toda e ao longo de toda a rodovia, ela pensara nas revelações de sua mãe. Aquelas histórias de maldição a tinham assustado.

Ela olhou as horas. Às quatro da tarde, precisamente, enterrariam aquele miserável no cemitério municipal de Ruffigny, a dez quilômetros de Poitiers. Fora naquela cidade que Carnot vivera grande parte de sua vida, exercendo na simplicidade seu ofício de operário. Lucie queria ver a terra engolir o caixão, o que para ela parecia ser uma necessidade visceral. E se sua mãe não conseguia entender, paciência.

Antes disso, ela procurava respostas. E isso se passaria atrás dos muros altos e de um tom cinzento e deprimente revestidos de arame farpado, à sua frente. Dentro do presídio ultramoderno no qual Grégory Carnot se matara.

Vivonne.

Coerente consigo mesmo, o comandante Kashmareck tinha deixado tudo arranjado. Depois de passar pelo controle na recepção, deixar suas chaves, celular e carteira, Lucie foi conduzida por um guarda até o serviço de psiquiatria da penitenciária. Ficava em uma área particular do estabelecimento, cujas funções principais eram desvendar os problemas psíquicos e oferecer cuidados médico-psicológicos contínuos aos prisioneiros mais fragilizados. Já havia alguns anos, os presídios franceses tinham se tornado verdadeiras incubadoras de doenças mentais.

Em silêncio, Lucie seguiu por um corredor composto de celas individuais, limpas e modernas, todas ocupadas por detentos esparramados sobre seus leitos ou sentados no impecável chão de linóleo. Um ambiente até calmo para um território gangrenado pela demência, nada além de alguns murmúrios ou estertores. Pares de olhos exaustos a escrutaram, alguns prisioneiros se arrastaram até as grades para observá-la e se lembrar da aparência de uma mulher. Sussurros desagradáveis soaram atrás dela, palavras grosseiras e sugestivas, línguas lambendo lábios fissurados pelas doses de tranquilizantes. Lucie sustentou cada olhar com toda força que tinha. Um homem dessa laia de assassinos enlouquecidos havia roubado sua filha, havia espalhado o mal. Quaisquer que fossem seus delitos, as circunstâncias do encarceramento, todos ali, sem exceção, mereciam queimar no inferno.

Ela parou bruscamente diante de uma cela vazia. Sentiu o coração apertar. Devagar, aproximou-se e suas mãos se agarraram às barras geladas. O desenho invertido feito por Carnot era ainda mais impressionante na parede do que nas fotos. Devia ter um bom

metro e meio de largura. Um verdadeiro afresco colorido, com precisão de relojoeiro. O mar, a espuma das ondas, o sol... Pela primeira vez, Lucie se perguntou se aquele safado não havia chegado a um ponto de devassidão tal que fora capaz de desenhar a praia de Les Sables-d'Olonne. O guarda penitenciário enfiou a chave na fechadura de uma porta pesada, à sua frente.

— O médico deixou que ele fizesse seu desenho até o fim. A gente nunca viu nada parecido aqui. Ele nem inclinava a cabeça para desenhar a imagem invertida. Parecia natural... Os pintores devem estar chegando para refazer a parede. A gente só quer esquecer esse Carnot, e bem rápido.

Ele esperou um pouco, Lucie não se mexia mais.

— Então, a senhora vai me seguir?

Lucie ficou olhando ainda por algum tempo para o leito vazio, o chão limpo, de uma brancura hospitalar. Era fácil imaginar Carnot ali dentro, sua estatura monstruosa, seus negros olhos de sádico. Era fácil imaginá-lo manuseando as canetas hidrocores, rindo e se divertindo dentro daqueles poucos metros quadrados.

— Ele chorava com frequência? Grégory Carnot costumava chorar?

— Não sei dizer. Por que a pergunta?

— Por nada.

Lucie começou a caminhar lentamente. A passagem pela porta veio acompanhada de estalos bruscos de ferrolhos de segurança. Sons capazes de apavorar e que ressoavam cada vez mais longe, até o final dos intermináveis corredores. Os escritórios administrativos se multiplicavam, lado a lado, todos idênticos, até chegar o de Francis Duvette, um dos psiquiatras responsáveis pelos detentos. Era um homem com pouco mais de quarenta anos, calvo, a tez pálida e o rosto encovado. Seu espaço de trabalho estava abarrotado de pastas e de papéis. Pilhas e pilhas sem fim, a alegria da administração francesa. Com seu jaleco apertado, ele cumprimentou Lucie e a convidou para se sentar.

— Nós nunca nos encontramos, Srta. Henebelle. Antes de tudo, faço questão de ressaltar que eu não procurei desresponsabilizar meu paciente pelo horror de seu ato. Mas Grégory Carnot sofria de uma doença mental e era meu dever pesquisar as causas desse sofrimento.

Lucie ajustou nervosamente a bainha de sua saia. Antes da tragédia, ela nutria grande admiração por esses psiquiatras, médicos e psicólogos que dedicavam a vida a melhorar a dos outros, e que talvez fossem até mais prisioneiros do que os próprios detentos. Hoje, porém, sua opinião havia mudado completamente e ela preferiria que esse tipo de pessoa simplesmente não existisse.

— Que tipo de sofrimento? — perguntou ela.

— Do tipo que sentem os esquizofrênicos em suas fases delirantes. Alucinações poderosas, surtos espontâneos de violência incontrolável, que acabam levando ao pior. É sem dúvida por esse motivo que ele se suicidou. Ele possuía uma forte consciência de seu sofrimento e reclamava de dores de cabeça abomináveis.

— Carnot era esquizofrênico?

— Acho que não, isso é o mais estranho. Meu paciente não tinha experiência alguma de despersonalização, daquelas que dão a impressão de fragmentação do corpo. Ele tampouco tinha alucinações, nem via personagens inexistentes. O diagnóstico ao qual pude chegar não batia realmente com a esquizofrenia, sendo mais como uma sucessão de acessos delirantes. Apesar de tudo, continuo persuadido de que suas experiências de “enxergar o mundo ao avesso” eram bem reais, e não alucinatórias. Seus desenhos são demasiadamente detalhados, minuciosos. Tente desenhar, mesmo uma árvore, de cabeça para baixo e entenderá a dificuldade que isso representa.

— Se não eram alucinações, então me explique o que era.

— Eu ignora. Esses sintomas são, até onde sei, totalmente desconhecidos no meio médico. Eu teria que fazer um exame de ressonância magnética com seu cérebro em atividade. Talvez houvesse uma anomalia orgânica real, no nível do córtex visual ou do quiasma óptico, ou seja, o cruzamento de nervos ópticos dentro do encéfalo. Os neurologistas já descobriram problemas como a hemianopsia, na qual os pacientes só veem a metade das imagens, por exemplo, mas casos como este, nunca.

— Não houve uma necrópsia?

— Lamentavelmente, não. O suicídio é incontestável. As regras são um pouco diferentes na prisão. Carnot havia sido condenado a trinta anos, dos quais vinte e cinco em regime fechado. Ele não existia mais. Quanto a seus pais adotivos... Eles não exigiram um inquérito.

O médico pegou uma folha de papel e fez um desenho.

— O olho funciona como uma lente. A imagem do mundo real que chega até ele sobre a retina é invertida. Em seguida, é o cérebro, principalmente na altura do córtex visual, que se encarrega de restabelecer o sentido correto, o da gravidade. Pode-se muito bem supor que o cérebro de Carnot apresentava uma verdadeira anomalia neurológica nesta zona, que teria começado de maneira imperceptível há pouco mais de um ano.

— Portanto, antes de atacar minhas filhas.

— Exato. Ele afirmava também já ter feito desenhos invertidos em folhas de papel antes. Mas um papel, você sabe, pode ser virado de cabeça para baixo, então fica difícil saber se ele estava dizendo a verdade. O fato é que suas crises pioraram de forma excepcional nessas últimas semanas.

— E essas... inversões de imagens poderiam, de algum modo, ter relação com seus atos de violência? Com sua barbárie?

Duvette pareceu ponderar sobre cada uma das palavras que pronunciava:

— Suponho que você conheça o passado de Carnot, da mesma forma que eu. Pais adotivos afetuosos, ambos católicos. Uma criança que teve uma infância totalmente normal. Aluno mediano, calmo. Nenhum antecedente psiquiátrico, poucas brigas. Com sua estatura, de qualquer forma, ninguém o perturbava. Aos treze anos, já media um metro e oitenta, uma força da natureza. Como se trata de um parto anônimo, não teria

pistas dos antecedentes médicos de sua família biológica. É a única lacuna no histórico. Tudo o que sabemos é que Carnot sofria de intolerância à lactose: não podia beber nem sequer uma gota de leite, pois corria o risco de ter diarreia e vômitos. Aconteceu algumas vezes de outros detentos despejarem um pouco de leite em suas refeições, só para se divertirem vendo-o sofrer.

— Que ele tenha sofrido, esse é o menor dos meus problemas.

Lucie não conseguia relaxar. Suas mãos se retorciam entre suas coxas. Certamente por causa daquele presídio, aquela atmosfera de morte e loucura que pairava por todo canto. Ela também investigara o passado do assassino de sua filha. Nascido de um parto anônimo em Reims, no dia 4 de janeiro de 1987, adotado por pais da mesma cidade, um casal devoto à religião, na faixa dos trinta e poucos anos, que logo depois se mudou para Poitou, por causa de uma transferência profissional. Com idade para trabalhar, Carnot se tornou operário de uma fábrica de embalagens de sorvete, em Poitiers. Um homem comum, sempre pontual no trabalho, apreciado por todos, até cometer um gesto irreparável.

Lucie voltou à realidade. Estava mordendo o interior das bochechas. Cada vez que pensava no passado imaculado desse assassino, ela saía do sério. Não queria que a responsabilidade de Carnot fosse atenuada. Mesmo morto, ela desejava que ele suportasse o peso de seus atos, e que o carregasse consigo até o inferno.

— Indivíduos com a mais terna infância podem se tornar os mais perversos — disse ela, secamente. — Isso já foi provado. Não é necessária alguma anomalia no cérebro, nem antecedentes familiares. Não é preciso ter massacrado animais na infância. Alguns desses assassinos são bons vizinhos pelo quais se poderia pôr a mão no fogo.

— Eu sei muito bem. Mas vendo o estado atual das coisas, tenho que me limitar às constatações. Carnot tinha períodos de grande agressividade, como também períodos de distúrbios visuais e desequilíbrios, acompanhados de dores de cabeça. Nesses últimos tempos, as duas fases aumentaram em igual proporção. Não é impossível que uma esteja ligada à outra. O cérebro é uma máquina complexa, e ainda falta muito para que conheçamos todos os seus segredos.

Resignado, ele ergueu um maço de papéis e o largou como se fosse um tijolo.

— Tudo isso estava evidente. Carnot sofria de *alguma coisa* que piorava a cada dia, um pouco como um câncer. Sem dúvida, lá fora, teríamos mais pistas, mais meios. Sem dúvida Carnot teria direito a um exame de ressonância magnética e um diagnóstico completo há muito tempo. Mas aqui, você sabe, tudo anda mais devagar por causa dessa maldita papelada e pela grave falta de recursos. E, agora, meu paciente está morto.

Lucie se inclinou rigidamente sobre a mesa.

— Olhe em meus olhos e me diga: você acha que Grégory Carnot pode ter cometido tais horrores por conta de um problema qualquer no cérebro? Acha que é possível, um ano após seu encarceramento, voltar a questionar sua responsabilidade? Acha que os doze jurados que o consideraram responsável por seus atos se enganaram?

O homem limpou a garganta com um pigarro. Seu olhar se desviou por alguns

segundos do de Lucie, antes de voltar a fixá-la.

— Não. Na época, ele tinha plena consciência do que estava fazendo.

Lucie recuou um pouco em sua cadeira, uma das mãos nos lábios. A resposta não a satisfazia. A voz frouxa. A falta de confiança. Ele mentia para não questionar o veredicto, e para que fosse embora tranquilizada. Ela estava convencida disso.

— Na época...Você não está dizendo isso apenas para apaziguar minha consciência? Tem certeza absoluta?

Ele começou a mudar uns papéis de lugar, como se estivesse arrumando sua mesa. Por todos os meios, os olhos fugindo dos de sua interlocutora.

— Certeza absoluta. Estou dizendo agora a mesma coisa que eu disse ao policial que esteve aqui antes. Carnot era responsável por sua conduta.

Lucie franziu as sobrancelhas.

— Ao policial que esteve aqui antes? Quando?

— Duas horas atrás. Ele chegou hoje de manhã cedo. Um agente da Divisão de Homicídios do 36 Quai d'Orfèvres. Com a aparência de alguém que já não dorme há muito tempo. Ele me deixou seu cartão. Enfim, se é que podemos chamar assim... Digamos que seja um pedaço de papel.

Ele abriu sua gaveta e apanhou um retângulo branco, entregando-o à Lucie.

A impressão que ela teve foi de levar um soco na boca do estômago.

No papel, uma assinatura inclinada em um espaço em branco: Franck Sharko.

— Está tudo bem com você, Srta. Henebelle?

Lucie lhe devolveu o papel com os dedos trêmulos. Ela não tinha mais o número de Franck Sharko em seu celular. Há muito tempo o apagara, da mesma forma que fizera com todos os sentimentos que podia ter tido por ele. Pelo menos, era o que achava. Rever aquele nome, ali, agora, assim tão bruscamente, em tais circunstâncias...

— Homicídios? Você tem certeza?

— Absoluta.

Um silêncio. Lucie ainda não conseguia acreditar.

— O que ele queria? O que Franck Sharko veio fazer aqui?

— Você o conhece?

— Eu o conheci.

Uma resposta ríspida, impedindo qualquer outra intervenção. O psiquiatra não insistiu, e voltou ao assunto:

— Ele me fez perguntas sobre Éva Louts, uma estudante que veio visitar Grégory Carnot há dez dias. Pelo que esse comissário me disse, ela foi assassinada.

Tudo começou a girar rápido demais na cabeça de Lucie. Carnot estava morto, seu espectro, porém, planava mais do que nunca ao redor dela. Pensou em Franck Sharko. Quer dizer que ele ainda estava na polícia, tendo abandonado a Divisão de Repressão à Violência, em Nanterre, e voltado para a Homicídios... Por que ele não tinha abandonado esse maldito trabalho, como havia dito antes do sequestro das gêmeas? Por que voltara às tripas, às sarjetas, ao sangue, marcando um retorno às origens?

Abatida por aquelas revelações bruscas, ela respirou fundo por algum tempo. Devia agir com calma, metodicamente. Como a policial que fora um dia...

Primeiro, ela fez perguntas sobre as circunstâncias do crime. O psiquiatra lhe explicou o que o comissário tinha decidido lhe confiar: Éva Louts, encontrada assassinada em um Centro de Primatologia próximo a Paris. A mordida no rosto, o roubo de dados em seu apartamento. O fato de ela ter feito várias solicitações para se encontrar com criminosos violentos em diversos lugares da França. Lucie tentou armazenar ao máximo as informações, conectando os fatos. Contra sua vontade, seu cérebro de antiga oficial de polícia se pôs a funcionar a plena capacidade e certos reflexos já se faziam notar.

— Por quê? Por que Éva Louts queria encontrar esses criminosos?

— Porque todos eram canhotos.

Ele percebeu o quanto sua resposta abalou sua interlocutora. Depois, forneceu algumas informações mais precisas:

— Não é que todos os criminosos sejam canhotos, mas Louts só selecionou os canhotos. E os mais violentos, que tinham matado em circunstâncias bem vagas, a maior parte deles incapaz de explicar o crime.

— Mas... Mas por quê? Com que objetivo?

— Para sua tese, presumo. Quando veio até aqui, ela queria interrogar Grégory Carnot, mas ele não estava em condições muito boas, então eu intermediei o encontro. Ela queria saber se seus pais eram canhotos... Se o tinham forçado a ser canhoto ou destro, quando pequeno. E um monte de outras perguntas que só serviam para estabelecer estatísticas e levantar hipóteses. Você sabia que Carnot, na maior parte do tempo, era destro?

— Isso não me interessa.

— Ele comia e desenhava com a mão direita porque seus pais adotivos o obrigaram a ser destro, pelo que me explicou Éva Louts. Desde tempos imemoriais, ser canhoto foi considerado um defeito, uma maldição mesmo, ou marca do diabo, principalmente na Idade Média. Carnot era, portanto, um falso destro, constrangido a isso pela educação dada pelos pais católicos.

Lucie ficou em silêncio, refletindo.

— E, no entanto... Ele apunhalou minha filha com a mão esquerda. Dezesseis punhaladas sem o menor indício de hesitação.

Duvette se levantou e lhe serviu um café em um minúsculo copo descartável.

— Como se o fato de ser canhoto estivesse infiltrado nele e nunca mais o deixasse... — disse Lucie.

— Exatamente. Esse tipo de detalhe interessava bastante a Éva Louts. Talvez ser canhoto fosse de fato genético e, em certas circunstâncias, a educação nada pode contra os genes. Acredito que era isso que a estudante pesquisava ao vir até aqui.

Lucie balançou a cabeça, os olhos no vazio.

— Nada disso justifica seu assassinato.

— Sem dúvida, não. Mas ainda preciso explicar duas coisas. A primeira é que Louts queria a qualquer preço ficar com fotos do rosto de Carnot, para “rememorar”, ela dizia, cada um dos interrogados, quando começasse a redigir sua tese. Eu lhe forneci fotografias antropométricas do dossiê de Carnot, elas não são confidenciais. Segundo ponto: há uma relação com a lateralidade, que ignoro, mas o fato é que quando Éva Louts descobriu o desenho invertido na parede da cela, seu comportamento mudou. Ela começou a me fazer várias perguntas sobre a origem do desenho. Quando Carnot o realizara? Por quê? Havia uma explicação? Ela parecia... bastante exaltada diante daquele afresco.

— Você sabe por quê?

— Não sei. A partir daí, ela passou a ver Grégory Carnot de outro modo. Depois de observar o desenho, ela via meu paciente com... com uma espécie de fascínio nos olhos...

Lucie se arrepiou. Como seria possível sentir fascínio diante de um ser tão monstruoso?

— ...Ela foi embora sem nada esclarecer. E nunca mais a vi. Hoje, fico sabendo que está morta. Tudo isso é muito estranho.

Lucie terminou seu café em silêncio, completamente transtornada por aquelas revelações. Nada mais havia a ser dito. As interrogações perduravam. Após algumas perguntas rotineiras que não lhe trouxeram qualquer informação nova, ela agradeceu a Duvette, saiu da penitenciária e se deixou afundar no assento do carro, manipulando a pequena pistola semiautomática que havia guardado no porta-luvas, ao lado de um par de luvas de lã e de um punhado de CDs que nem sequer escutava mais. A sensação da arma em suas mãos fez com que se sentisse bem. A frieza do cano, o peso reconfortante da coronha...

Tinha ido até ali para obter respostas, e partiria com ainda mais perguntas. O que tinha se passado na cabeça de Éva Louts? E na de Grégory Carnot? E na de Clara, no momento em que aquele desgraçado de quase cem quilos se debruçou sobre ela? Tantas incógnitas, fatos incompreensíveis que corriam o risco de permanecer para sempre sem respostas.

Ela guardou a pistola. Se a possuía, era porque, no fundo de si mesma, sempre tivera a esperança de usá-la contra o assassino de sua filha. Poderia dar um jeito de entrar com ela no tribunal. E abater aquele canalha com uma bala na cabeça. Mas ela nunca teve coragem para fazê-lo. Porque havia Juliette, e seu dever materno era o de zelar por ela.

Quando o carro arrancou, Lucie se olhou no retrovisor e se deu conta de que estava à beira das lágrimas. Ela então deu uma freada brusca e ligou para o número do celular que estaria guardado na mochila de Juliette. Mesmo que estivesse em aula, isso não importava. Ela precisava falar com a filha, ouvir sua voz, assegurar-se de que tudo estava bem, ainda que com isso perturbasse a professora no meio da aula.

Infelizmente, a chamada caiu na caixa postal. Ela deixou uma longa mensagem de

amor...

[C]om a cabeça descoberta, Franck Sharko caminhava sob a chuva forte. O vento se intensificara, batendo frio em seu rosto e deixando-o avermelhado. Ele levantou a gola de seu casaco impermeável, agora grande demais, e, com as mãos nos bolsos, entrou no cemitério.

A procissão havia parado no fim da sexta alameda. Uma fila de silhuetas imóveis, que lutavam contra o temporal para impedir que seus guarda-chuvas se quebrassem. Talvez fossem os pais adotivos de Grégory Carnot, tios e tias. Pessoas para as quais o assassino tinha ainda alguma aparência de humanidade. Gente que vinha em busca de respostas que jamais obteriam. Encharcados, os homens do serviço funerário estavam descendo um caixão de madeira para o fundo de uma cova.

Quando o frio começava a lhe perfurar os ossos, Sharko identificou outro vulto na paisagem, afastado como ele, mas do outro lado do cemitério. Sem guarda-chuva, apenas um capuz grande que lhe escondia o rosto, deixando vagamente exposta a ponta do nariz. Aquela silhueta fazia tudo para se manter em um ângulo cego em relação ao túmulo de Carnot. Ver sem ser vista. Por quê?

Intrigado, o comissário foi em sua direção, mas tomando cuidado para não ser percebido. Antes, checou se a pistola Sig estava firme no coldre. Seguindo discretamente pelas alamedas, contornou as sepulturas a fim de se posicionar atrás do sujeito. O vento e a chuva encobriam o ruído de seus passos sobre o chão de cascalho. Com um gesto determinado, ele pôs a mão pesada no ombro direito do observador, que se virou em um sobressalto.

Sharko sentiu o chão se abrir sob seus pés.

Reconheceu de imediato o rosto que surgiu na penumbra, tremendo de frio e com gotas escorrendo.

— Lucie?

Ela levou uma fração de segundo para reconhecê-lo. Seria mesmo ele? Aquele homem forte que conhecera no ano anterior? Para onde tinham ido o rosto saudável, a largura imponente de seu corpo? Estaria diante de uma sombra ou então de...

— Franck? É... você?

Ela se calou, alguma coisa forte e nodosa parecia crescer em seu peito. Meu Deus, o que poderia tê-lo transformado daquele jeito? A morte de Clara? A brutal separação dos dois? De que inferno ele tinha saído? Levava com ele, no fundo dos olhos, toda a culpa do mundo, um sofrimento tão exposto quanto os ossos de seus maledores. Olheiras escuras devoravam seu rosto de pedra. Sem refletir, por reflexo ou por conta de uma emoção intensa demais, ela o abraçou, passando lentamente a mão em suas costas. Podia sentir seu coração batendo, a extremidade de suas omoplatas sob os dedos. Depois, ela se afastou bruscamente. Seu capuz deslizara para trás, revelando seus longos cabelos louros. Sharko olhou para ela com ternura. A beleza dela contrastando com sua

devastação. E ele sentiu dor, tanta dor, sua ferida voltando a se abrir.

— Eu não deveria ter vindo aqui.

Lentamente, ele enfiou outra vez suas mãos nos bolsos e se virou. Agradecia à chuva por esconder sua tristeza, seus sentimentos evidentes demais. Ele que, durante toda a vida, tão pouco chorara. Já se afastava quando uma palavra, a palavra que ele tanto desejava quanto temia escutar, soou às suas costas:

— Espere.

Ele parou, cerrando os punhos. Ela se aproximou, ignorando as poças d'água.

— Faz um ano que Carnot nos separou e, hoje, ele nos reuniu, e eu ainda ignoro a razão. Mas acho que devemos conversar. Se você concordar.

Um longo silêncio. Demasiadamente longo, estimou Lucie. Por quê? Em que ele estaria pensando? Talvez a detestasse pela maneira como o tinha largado. Finalmente, sua voz rouca soou sob a chuva:

— Eu concordo... Mas não por muito tempo.

Lucie se virou para o túmulo distante de Carnot. Com a chuva escorrendo por seu rosto, os lábios trêmulos, ela sentia um frio anormal.

— Preciso ver a terra cobrir o caixão.

Sharko assentiu sem se mexer. Então, ela acrescentou com uma voz tão dura quanto o mármore de um jazigo:

— Sozinha.

[E]le a aguardava no canto escuro de um bar, não muito longe do cemitério, as mãos em torno de uma grande xícara de café fumegante. Rajadas de chuva atingiam violentamente as vidraças, isolando o lugar do restante do mundo. Duas ou três sombras protelavam ao lado da serpentina de cerveja, clientes que vinham deixar seu fígado sobre o balcão. As únicas cores ao redor eram o cinza pálido, o preto desgastado e um tom de cobre envelhecido. Tudo levava a abismos sem fundo, dentro dos quais escorria uma tristeza opressiva. Na penumbra, Lucie retirou seu casaco ensopado, deixando-o gotejar sobre um velho tapete, antes de ir se sentar com o homem que ocupava sozinho uma das mesas. Puxou uma cadeira e parou na frente dele, enxugando com um lenço as gotas que escorriam pelo rosto.

Eles se avaliaram por um instante, os olhares tímidos. Ambos abriram a boca ao mesmo tempo, as palavras permaneceram na ponta da língua e foi, finalmente, Lucie quem desfez o constrangimento.

— Pensei em você, Franck, depois... depois do que aconteceu. Eu o imaginava ainda em seu terno impecável, solidamente em pé, o rosto duro, cheio de segurança. — Ela fez um gesto com a cabeça na direção do cemitério, perto dali. — Pensei que você estivesse longe de toda essa inmundice. Achei que talvez já tivesse esquecido tudo.

Sharko abriu um sorriso infeliz, deixando Lucie ainda mais triste. Que tipo de força tenebrosa o teria engolido?

— Quanto mais o tempo passa, mais a dor aumenta. Como eu poderia ter esquecido?

Lucie percebia que ele estava resignado, acabado. Um guerreiro que abandonara o combate. Inútil perguntar como ele se sentia, o que havia feito nos últimos meses, estava tudo gravado em seu rosto esquelético, no olhar vazio que não guardava mais brilho algum. Sem dúvida, deve ter se arrastado de um caso a outro, atravessando os dias e as noites. Afogado no trabalho, no sangue. Uma maneira como outra qualquer de se entorpecer, de parar de pensar, como ela em seu *call center*. Lucie tentava abstrair aquela dor ácida, mantendo uma conduta habitual e indo direto à razão daquele encontro.

— Passei no presídio de Vivonne. O psiquiatra me explicou tudo. A visita que você fez, investigando Éva Louts. Você precisa me contar, me dizer tudo o que sabe sobre isso.

Sharko refreou seu ímpeto. Era preciso acalmá-la, forçá-la a voltar logo para o Nord e esquecer tudo, rapidamente.

— Grégory Carnot morreu, Lucie. Está morto e enterrado. Você não tem mais nada a fazer aqui. Volte para casa. Esqueça tudo de uma vez por todas e siga com sua vida.

— Ao que parece, agora você está na Divisão de Homicídios. Onde está seu

parceiro? Por que você veio aqui sozinho? Está aqui extraoficialmente, não é? Por quê?

Sharko percorria inutilmente com o dedo indicador a borda da xícara. Não se atrevia sequer a olhar para ela.

— Pelo visto, você não perdeu o seu senso de observação.

— Por que, Franck?

O comissário aguardou uma resposta que não veio. Tinha se saído bem melhor em seu confronto com Leblond e Manien. Mas, diante de Lucie, todas as barreiras dentro dele se esfacelavam. Depois de se perder em um silêncio longo demais, ele acabou falando a verdade:

— Vim aqui para encarar Carnot nos olhos. Para ver como aquele desgraçado estava. Mas ele está morto...

Lucie tentou conter o arrepio que a invadia. Ela havia se apaixonado por aquele homem, pensava detestá-lo mais do que tudo e, agora, suas certezas pareciam se estilhaçar. Então, Franck Sharko nunca as esquecerá: ela, Clara, Juliette. Ele vivia com seus espectros no fundo do coração, e isso o roía por dentro, como uma doença fatal. Lucie informou brevemente ao garçom que não desejava beber nada e se voltou para o comissário:

— Você não vai conseguir sair dessa sozinho. Deixe-me ajudá-lo. Eu preciso saber. Preciso... fazer alguma coisa!

— Você não é mais policial.

— Dentro de mim, eu sou. Não podemos negar quem somos, mesmo que façamos todo o esforço para isso. Qualquer coisa, Franck. Apenas uma indicação. Estou olhando em seus olhos e pedindo: dê uma pista. Sua presença aqui prova que Carnot não está totalmente morto, e você sabe disso.

Sharko apertou os lábios com a mão, como se a decisão que estava prestes a tomar fosse de crucial importância. Que acaso maléfico poderia tê-los unido hoje, sob aquela chuva enfiada, tão longe de casa? Ela suplicava como uma mendiga.

— Não. Lamento. É arriscado demais. Meus colegas vão telefonar para as onze penitenciárias da lista, e se informar sobre o trabalho de Éva. Vão acabar telefonando para Vivonne e ficarão sabendo.

— A menos que você diga que já telefonou para Vivonne e que eles não precisam fazer isso.

Sharko manteve-se imperturbável. O rosto de Lucie exprimia fúria. Ela se levantou.

— Então, vai me deixar ir embora assim, sem nada? Sem me dar a chance de conseguir respostas? E o que eu vou responder para Juliette, quando ela for mais velha? Como vou lhe explicar o que aconteceu?

Ela se dirigiu até a porta de saída, enquanto Sharko a observava, prendendo a respiração. Como se o mundo desabasse ao seu redor. Ele passou a mão no rosto.

— Meu Deus... — murmurou.

Tudo se precipitou então dentro de sua cabeça. Quando ela se preparava para ir embora, ele disse:

— Está bem.

Os rostos entristecidos se viraram para ele. Lucie parou de novo ao lado dele. Sharko se levantou, caminhou até o balcão e voltou com um lápis e um pedaço de papel.

— Você pode se liberar do trabalho por dois ou três dias?

Lucie sentiu algo nocivo invadi-la, algo que ela acreditava ter perdido para sempre: uma perigosa excitação, que pulverizava todas as suas promessas. Especialmente aquela que se refere a cuidar de Juliette, de nunca mais deixá-la sozinha, de acompanhá-la todos os dias à escola, e de esperar por ela ao fim da tarde, quando as portas se abrem e os lábios sorriem. Simplesmente cumprir seu dever de mãe. O predador que ela acreditava estar morto para sempre se dissimulava em algum lugar e, agora, despertava.

— Posso.

— Esperava que me dissesse não.

— Eu também. Mas disse sim.

Houve um silêncio. Uma derradeira hesitação que podia mudar tudo...

— Nesse caso, ouça. Passei boa parte da noite no 36 Quai d'Orfèvres vasculhando recibos, extratos bancários e saques de Éva Louts. E descobri algo muito curioso. No dia 28 de agosto, o registro de sua movimentação bancária indica que Éva retirou dinheiro em Montaimont, perto de Val-Thorens, na Savoie. Na véspera, ela se encontrou, como que por acaso, com Grégory Carnot e com o psiquiatra do presídio.

O comissário prosseguiu com suas explicações. Ele preferiu não falar sobre as duas viagens à América Latina. Longe demais, complicado demais, incompreensível demais, por enquanto. Lucie deveria permanecer na periferia da investigação. Sentir que estava trabalhando e sendo útil...

— Ela sacou duzentos euros. Já era tarde. Montaimont é no meio do nada. Será que usou o dinheiro para pagar a hospedagem naquela noite? Pelo valor, sua estadia deve ter sido somente durante o fim de semana, e sua ausência não foi notada no Centro de Primatologia. Para que viajar até os Alpes? O curioso foi que conversei com o psiquiatra e nem ele nem Carnot fizeram qualquer alusão a essa região.

Sharko anotou o nome do vilarejo, empurrou o papel na direção de Lucie e continuou:

— Basta ir até lá. Eu devo ser a única pessoa com quem você vai falar. Ninguém, absolutamente ninguém, deve saber que estamos trabalhando juntos nisso. A gente não se conhece.

— Ok.

— Como você sugeriu, vou dizer a meus colegas que já telefonei para Vivonne, porque queria saber o que Éva Louts estava procurando... Você tenta refazer o percurso da estudante, depois passe para mim as informações e volte para sua casa em Lille. Está disposta?

— Mais do que nunca. As montanhas vão me ajudar a sair da atmosfera nauseante do meu trabalho. Faz um ano que não tiro férias, se juntar os trabalhos temporários e outras coisas. Talvez seja uma boa hora. Vou para lá agora, tenho algumas roupas no carro.

— Não se esqueça, você não é mais da polícia.

— Obrigada por me lembrar. Você tem uma foto da vítima?

O policial retirou uma fotografia de identidade do bolso de seu casaco impermeável e lhe entregou.

— Éva era uma mulher bonita, jovem ainda. Solitária como você, tinha uma verdadeira vontade de viver. Fazia *bungee jumping*, esgrima, era muito trabalhadora e queria ir longe na vida. Quero encontrar o safado que a matou. Vou fazer com que pague por isso.

Lucie voltou a sentir um breve arrepio. O olhar de seu interlocutor estava tão sombrio, sua voz tão estranha... Sharko deixou algumas moedas sobre a mesa. Depois lhe entregou também três notas de cem euros, retiradas de um maço de dinheiro.

— É para as despesas. A investigação é minha, não há razão para você pagar por ela.

Lucie quis recusar o dinheiro, mas ele o apertou em sua mão.

— Fique com isso... Não é dinheiro que está me faltando, e você sabe disso.

Ele se levantou. Ainda tinha dezenas de perguntas, queria saber mais sobre a relação dela com Juliette, mas não foi capaz. Manter distância. Ficar afastado de Lucie a qualquer custo e se livrar daquele sentimento perigoso que já o invadia.

Ele pegou seu casaco encharcado no cabideiro, bem atrás dele.

— Bem, preciso ir agora. Amanhã eu retomo o trabalho. Repito: o episódio de Vivonne fica só entre nós.

Lucie permaneceu sentada. Finalmente guardou o dinheiro e, depois, passou o dedo sobre a foto de Éva Louts.

— Franck, seu número de telefone. Eu não o tenho mais.

Ele disse o número enquanto abotoava seu casaco impermeável até o pescoço. Ainda sob o choque daquele encontro inusitado com Lucie, mesmo assim não conseguiu deixar de perguntar, em voz baixa:

— Conte para mim, Lucie, o que você diz para Juliette? Ela fala algo sobre os treze dias que ficou no cativeiro? Ela vem acordar você no meio da noite? Ela a responsabiliza pelo que aconteceu? Ela é carinhosa com você?

Lucie demorou a responder.

— Ela é meu anjo. Não importa o que ela faça ou diga, eu a amarei para sempre.

Sharko lamentou sua atitude, já se arrependia de tê-la implicado em sua história. Ela precisava voltar para casa e descansar. Ele quis pegar de volta a folha de papel, mas Lucie a reteve na mão.

— Por que, Franck?

Sharko não respondeu, contentando-se em se despedir dela. Aquela sua fraqueza psíquica repentina o repugnou.

— Só me telefone se tiver respostas — disse ele, finalmente. — E, depois, volte

para casa.

Ele tomou a direção da saída e se entregou à tempestade. Trovejava, relâmpagos torturavam o horizonte. O policial se sentiu em harmonia com a natureza. Assim que se encontrou sozinho dentro do carro, disse em voz baixa:

— Por quê? Porque somos amaldiçoados, Lucie.

[A] impressão era a de avançar pelo vazio.

Depois de passar por Chambéry, por volta de meia-noite, Lucie começou a depender totalmente das indicações de seu GPS. De acordo com o aparelho, estava a cerca de cinquenta quilômetros de seu destino.

Sozinha, anônima, exausta por causa da estrada e das curvas incessantes, Lucie sentia-se perdida em um vácuo sideral. Apenas uma coisa a apavorava: que seu carro enguiçasse. Porque, ao redor, estendia-se uma paisagem apocalíptica que nenhuma luz celeste conseguia iluminar. Se as montanhas provavelmente eram belas à luz do dia, à noite pareciam titãs enfurecidos. Monstros estáticos, com o corpo feito de gelo, que rasgavam o horizonte e sorviam o menor vestígio de claridade. Lucie imaginava Éva Louts na mesma situação que ela, impulsionada por uma força que a teria coagido a percorrer todos aqueles quilômetros, bem no meio de sua tese, rumo ao âmago das trevas.

Notre-Dame-du-Cruet, uma aldeia fantasma dentro de uma arena montanhosa, que ela atravessou em alguns minutos. Um ambiente mórbido, nem sequer uma sombra em movimento, sugerindo que todos seus habitantes repousavam em seus túmulos. Lucie sempre se perguntara o que fariam as pessoas em um lugarejo assim, com o hospital mais próximo a cinquenta quilômetros de distância, e cujos supermercados eram menores que um conjugado em Paris.

Quinze minutos depois, finalmente, ela chegou a Montaimont. Os olhos esgotados, os maxilares doloridos, a nuca em migalhas. Sobre o painel do veículo, a foto 3x4 de Éva Louts. Uma moça bela e sorridente, de uma juventude transbordante. Ao lado da foto, uma garrafa d'água vazia, uma embalagem de sanduíche e o papel com o número de telefone de Franck Sharko. Lucie se lembrou daquela aparência de espantinho na sombra do bar. Parecia um viciado em crack, irrecuperável. O tubarão não passava agora de um peixinho, frágil e vulnerável. Como ele conseguia sair da cama todas as manhãs e encontrar motivação para ir trabalhar? *Quero encontrar o safado que a matou. Vou fazer com que pague por isso*, dissera ele com uma voz fria, esvaziada de qualquer sentimento. Ela vira também todo aquele dinheiro em seu bolso. Notas graúdas, pelo menos dois mil euros. Ela sabia que ele recebera uma grande quantia de seguro de vida, após o falecimento da filha e da mulher. Poderia ter aproveitado uma aposentadoria de ouro, em algum lugar ensolarado, mas continuava a se arrastar pelas calçadas desgastadas, com o bolso cheio de dinheiro. Por que infligir a si mesmo tanto sofrimento cotidiano?

Ela retornou por uma estrada estreita. Menos de quinhentas almas perdidas vivendo dispersas no meio de uma arena montanhosa. As luzes mortíferas dos postes de rua despejavam uma claridade acobreada. As fachadas caindo aos pedaços. Alguns carros adormecidos no acostamento. Um vilarejo isolado de tudo, jogado ali como se por uma

não divina, um punhado de chalés bem no meio dos Alpes.

O GPS indicou que ela havia chegado à rua onde se encontrava o caixa eletrônico. Sob o foco dos faróis do carro, viam-se algumas vitrines melancólicas. Éva devia ter feito como ela, chegado ali bem tarde, sacado um pouco de dinheiro, certamente para ir dormir em algum lugar. Lucie resolveu dar uma volta pelas ruas vizinhas. Após dirigir por cerca de dez minutos, um letreiro luminoso chamou sua atenção. Representava uma marmota em um estilo bem kitsch. Que recepção!

O hotel Les Dix Marmottes se situava ligeiramente recuado em relação à rua, no outro extremo da cidadezinha. Uma construção desprezível, fachada branca, varandas de madeira, uma imensa porta dupla. No máximo, uma dezena de quartos. Lucie parou o carro em uma espécie de estacionamento com chão de cascalho e, ao saltar, se alongou. O ar fresco e cortante obrigou-a a vestir rapidamente seu casaco. Por fim, pegou sua pouca bagagem no porta-malas do veículo. Uma calça jeans, duas camisetas, roupas íntimas...

Eram quase duas da manhã quando ela se apresentou ao recepcionista, um homem de uns sessenta anos em trajes esportivos, barba de montanhês, cabelos grisalhos e olhos pretos. Ele assistia a um documentário sobre animais em um canal italiano, se é que se podia chamar aquilo de “assistir”.

— Boa noite. O senhor tem um quarto disponível?

Ele examinou sua interlocutora com um olhar sem brilho, depois se virou para um quadro onde três quartos das chaves estavam pendurados. Não parecia haver uma grande afluência de hóspedes.

— *Sì, signora*. Quarto número oito. Seu nome?

Um italiano com um forte sotaque, carregado nos erres. Lucie improvisou:

— Amélie Courtois.

Ele anotou seu nome e sobrenome em um livro de registros.

— Por quantas noites?

— Uma ou duas. Ainda não sei.

— Está aqui a turismo?

Lucie pôs a foto de Éva Louts sobre o balcão.

— Esta moça deve ter vindo aqui, uns dez dias atrás. No sábado, dia 28 de agosto, mais precisamente. O senhor a reconhece?

Ele olhou para o retrato e depois para Lucie, com um ar desconfiado. Ela viu em seus olhos uma luz triste: o tipo de sujeito tranqüilo que não quer arrumar problemas.

— A senhora é da polícia?

— Não, Éva é minha meia-irmã. Ela viajou para o exterior sem deixar um endereço. Procuo encontrá-la de todas as maneiras. Eu sei que ela provavelmente veio até aqui, neste hotel. Não há outro hotel por aqui, não é?

— Não.

Cético, ele pôs seus óculos e examinou a foto com mais atenção. Depois, abriu seu livro de hóspedes, virou algumas páginas e apontou o dedo para uma linha escrita com

letras minúsculas.

— Está aqui. Éva Louts, sim.

Lucie cerrou os punhos, acabara de transpor a primeira etapa. O homem se calou, como se buscasse alguma coisa no fundo da memória. Outra olhada na foto 3x4. Seus olhos cintilaram levemente. Algo chamara sua atenção, Lucie tinha certeza, e insistiu:

— Faça um esforço... O senhor a viu, aqui mesmo onde estou. Lembra?

Sua boca se fechou com tanta força que pareceu sumir sob a barba. Ele apontou para um número de celular anotado na página, embaixo do nome da moça.

— É o telefone dela? — perguntou Lucie.

Ele pegou um celular no bolso, enquanto coçava a cabeça.

— *Pazienza, pazienza*. Acho que este número está... está nos contatos do meu celular. Curioso...

Por um curto instante, Lucie se esqueceu do cansaço, das preocupações, esqueceu que tinha embarcado na pista de uma moça que nem sequer conhecia. Na ponta da língua, ela sentiu arder a excitação da investigação. A melhor droga, aquela capaz de fazer a gente esquecer o pior.

— Está aqui. É esse mesmo. O número do telefone dela.

Ele mostrou a tela de seu celular, onde constava um nome: Marc Castel. Lucie sentiu a garganta travar.

— Quem é ele?

— Marc é um... um guia das montanhas. Eu o recomendo para os turistas que querem escalar ou passear lá no alto. Devo ter anotado o número aqui para a moça copiar, não tenho certeza...

Lucie franziu as sobrancelhas.

— Onde Éva Louts queria ir com esse guia? E por quê?

— Não sei. Tudo o que posso dizer é que, segundo os registros, ela passou duas noites aqui, antes de ir embora, de manhãzinha, na segunda-feira... Seria melhor perguntar ao Marc. Ele mora em Val-Thorens. Vou mostrar como chegar lá.

— Ótimo.

— Tem que chegar cedo na casa dele, amanhã de manhã. Lá pelas sete horas, eu diria. No máximo. Porque, depois disso, Marc vai lá para o alto e só volta no início da noite.

Ele rabiscou um mapa aproximado do lugar e entregou à Lucie, que agradeceu lhe devolvendo a chave do quarto.

— Eu poderia ficar no número seis? Pelo que vi aí no registro, foi o quarto ocupado por Éva.

O quarto número seis era agradável, mas terrivelmente pequeno. Uma banheira minúscula, cama de solteiro, uma televisão do tamanho de um livro de bolso. A única

janela dava para algo escuro e infinito, uma encosta da montanha, sem dúvida. Sob a claridade mórbida de uma lamparina, Lucie sentou-se na cama e retirou os sapatos com um suspiro de alívio. Ela massageou longamente os pés, pensativa. Alguns rostos giravam dentro da sua cabeça. Sharko, Éva, Carnot. Um trio infernal sem um ponto em comum. E, no entanto... O que poderia uni-los? O acaso, uma coincidência, o destino? Ou algo ainda mais poderoso?

Delicadamente, ela pegou um pequeno medalhão transparente no bolso da calça e o enfiou sob a coberta. Ele era oval, de plástico, com um gancho, e continha a foto que havia feito das gêmeas juntas. À esquerda, a irmã ainda viva, à direita, a que estava morta. Ela havia mandado fazer vários medalhões como esse, eles estavam em todos os cantos. No carro, em casa, nas roupas. Suas filhas a acompanhavam sempre, aonde quer que fosse.

Elas a acompanhariam até seus últimos segundos de vida.

Lucie levou dez minutos para escrever uma longa mensagem de texto para sua filha. Juliette a leria no dia seguinte, cedo, no café da manhã, quando colocasse o celular no fundo de sua mochila escolar novinha.

Depois de tomar um banho ela programou o celular para despertá-la e sentou-se na cama, manuseando sua pistola Mann de colecionador. Ela acariciava a coronha, roçava a ponta do gatilho com um suspiro. A arma fazia com que se lembrasse dos odores da brigada, do café puro, da tinta dos relatórios recentemente impressos, do cigarro de alguns dos colegas. Há quanto tempo não pensava mais naquilo? A pistola estava carregada, bastava destravá-la. Já que voltara a agir como uma policial, era melhor assumir o papel de fato. Entretanto, esperava nunca mais precisar usá-la. Porque se o fizesse, seria para matar.

O passado...

Depois de deixar a pistola na mesa de cabeceira, ela caiu sobre o colchão, as mãos sob a cabeça e os olhos voltados para o teto. Aquele quarto deprimente incitava o suicídio. Em torno dela, nenhum barulho, exceto o escoamento de água e ar pelas tubulações. Lucie podia sentir a montanha respirando. Um pulmão lúgubre com alvéolos de granito, que parecia sugar todo seu ar. Ela se virou para o lado, apagou a luz e se encolheu como uma criança.

Escuridão absoluta.

Ela pensou então em Éva Louts. Nada sabia sobre a pobre mulher. Teria olhado nos olhos de seu assassino? Teria ela compreendido, naqueles últimos instantes, as razões de sua morte? Clara não havia compreendido nada. Partira desse mundo berrando.

“Mamãe! Mamãe! Mamãe!”

E mamãe não estava lá... Mamãe nunca estava por perto.

Mas com Juliette ela recuperaria o tempo perdido. Pelas duas.

Sua vozinha, triste e frágil, soou no meio da noite:

— O que você veio fazer nesse fim de mundo, Éva? O que veio procurar no alto da montanha?

Ela fechou os olhos encharcados de lágrimas, pronta a se entregar àquele pesadelo recorrente que a torturava desde a tragédia.

Todos aqueles corpos queimados, enfileirados como túmulos...

Apesar dos gritos na sua cabeça e do medo de adormecer, o sono se apoderou dela sob a cobertura quente e espessa.

[L]ucie sentia-se intimidada pela beleza da paisagem ao redor. À porta do chalé de Marc Castel, na parte alta de Val-Thorens, ela desfrutou da vista panorâmica para o Parque Nacional de Vanoise. A perder de vista, cumes cobertos de neve. Píncaros imponentes, magníficos, em contraste com um céu cristalino. Mais próximas, como se pudessem ser tocadas, pequenas montanhas pardacentas, verdes, amarelas, que já pareciam brincar com as matizes luminosas. Naquele comecinho da manhã, a natureza oferecia o que tinha de mais belo, mas também seu maior frescor: enfiada em seu casaco fino a mais de dois mil metros de altitude, com suas luvas de lã pretas, Lucie sentia-se congelar.

O homem que lhe abriu a porta em nada ficava devendo à paisagem. Os olhos de um verde perturbador, cabelos curtos e castanhos, um rosto angelical que a fez pensar em Indiana Jones. Ele era uns vinte centímetros mais alto do que Lucie e, sob sua malha esportiva justa, percebia-se a musculatura definida dos alpinistas. Ao que tudo indicava, a mulher vinda do Nord chegara no momento em que ele saía da cama.

— Sinto muito incomodar, mas... o dono do hotel Dix Marmottes sugeriu que eu viesse vê-lo aqui, antes que você partisse para a montanha.

Ele a olhou de cima a baixo, como se ela tivesse vindo de outro planeta.

— Mas, você viu que horas são? Não são nem sete horas! Quem é você?

Lucie mostrou a foto 3x4, estendendo-a a frente dele. Ela falou com um tom autoritário. Considerando a agressividade dele, a cortesia acabava ali mesmo.

— Eu me chamo Amélie Courtois, Divisão de Homicídios de Paris. Preciso saber o que esta moça queria.

Ele pegou a foto com um gesto automático, sem desviar os olhos de Lucie.

— Entre um instante. Estou congelando.

Lucie entrou na residência toda feita de madeira e fechou a porta atrás de si. Adorava o ambiente que imperava no interior desses grandes chalés típicos das montanhas. A tonalidade cor de mel, a suavidade do assoalho, a força bruta das vigas. Na sala, uma grande porta de vidro oferecia uma vista de cartão-postal. Devia ser tão agradável despertar ali de manhã, a cabeça nas nuvens, longe da escuridão das cidades grandes, longe da poluição e das buzinas...

O homem a fixou com seus olhos inquisidores.

— Divisão de Homicídios? E o que vocês querem com Marc?

— Como assim? Você não é o Marc?

— Sou só um amigo dele.

Lucie trincou os dentes. Esse imbecil não poderia ter dito isso antes? Com um suspiro, ela examinou as grandes fotos penduradas na parede. Marmotas vistas de bem perto, cabritos-monteses, contornos de montanhas perdidos nas nuvens. Todo o esplendor de um mundo à parte, para o prazer de poucos privilegiados.

— Só queria lhe fazer algumas perguntas, sobre uma de suas clientes. Onde ele está?

O homem ergueu a cabeça, indicando os cumos da montanha através do vidro.

— Lá em cima... Não viu os helicópteros quando chegou?

— Vi, sim. Pareciam estar indo e vindo do topo das montanhas, transportando uns rolos enormes.

— Estão voando desde seis e meia, na verdade. Marc está a bordo de um deles. Já faz alguns dias que ele está trabalhando no processo de cobrir os terrenos mais sensíveis da geleira de Gébroulaz, fazendo previsões para o próximo verão. Os helicópteros levam regularmente homens e materiais.

— Vocês fazem uma cobertura sobre a geleira?

— Uma parte ínfima. Com o aquecimento climático desses últimos anos, todas as geleiras do planeta estão começando a transpirar, e mais particularmente as que se encontram nos Alpes. No último século, algumas delas perderam oitenta por cento de seu volume. Este ano, estão tentando uma experiência para ver se conseguem frear o derretimento de Gébroulaz, como fizeram no ano passado em Andermatt, na Suíça. São seis mil metros quadrados de gelo a serem cobertos com duas películas de quatro milímetros de espessura, para proteger contra os raios ultravioletas, o calor e a chuva.

Uma imensa tolice, pensou Lucie. O homem era o responsável por essas catástrofes e, em vez de constatar as consequências e fazer de tudo para evitá-las, aplicava pomada sobre uma perna de pau. Ela apontou para a foto 3x4.

— E então, esta moça?

— Não é a mim que deve perguntar. Estou por aqui há poucos dias.

— Quando Marc vai voltar?

— Só à noite. E ele vai almoçar lá no alto. Sinto muito.

Lucie olhou a foto de perto e refletiu. Duas soluções se ofereciam a ela: esperar comportada, ou então...

— Leve-me até os helicópteros.

[N]o elevador de seu prédio, Sharko girou a chave na fechadura e apertou o -1, andar privativo que dava acesso ao estacionamento subterrâneo. Ele não pregara os olhos, pensando em Lucie a noite toda. Tinha ficado tão inquieto que não conseguiu deixar de enviar uma mensagem às três e meia da manhã: “Está tudo bem?”, à qual ela respondera, simplesmente, por volta das seis horas: “Tudo bem.”

Durante a descida, ele se olhou no espelho. Pela primeira vez, depois de uma eternidade, ele umedecera um pouco os cabelos grisalhos, penteando-os para trás. Fazia tanto tempo que não usava o gel que o produto tinha endurecido dentro do pote. Em um capricho matinal, também vestira seu terno cinza-escuro, um dos que tinha usado em seus grandes casos criminais. Cada policial possuía seu objeto fetiche — um cachimbo, uma bala da sorte, uma medalha. O seu era aquele terno, e ele ignorava completamente o porquê. Para segurar a calça, precisou fazer um novo furo em seu cinto preto, com a ajuda de um descaroçador, na falta de uma chave de fenda. O paletó o engolia, as ombreiras pendiam murchas. Era como se o Gordo tivesse pegado emprestado o terno do Magro, mas não tinha importância. Naquela roupa de belo corte, ele se sentia bem e sua aparência ficava melhor.

Teve um sobressalto ao se aproximar da vaga de seu Renault 21. Uma sombra surgiu da parte recuada da garagem, onde se acumulavam objetos para serem jogados fora. Principalmente pilhas de trilhos em miniatura e objetos de decoração em poliuretano.

— Porra, você me assustou!

O indivíduo em questão era Bertrand Manien. A expressão intratável e aqueles olhos negros de toupeira. Ele enfiou um cigarro na boca e acionou seu isqueiro. Um estalo ecoou dentro da garagem de cimento e uma claridade amarelada iluminou seu rosto pardacento. De todos os capitães da Homicídios, Manien tinha sem dúvida o passado mais sombrio, mais caótico. Havia passado pela maior parte das brigadas, de Posturas a Narcóticos, ele conhecia todo o submundo parisiense. Bordéis clandestinos, antros de sadomasoquismo, clubes sinistros onde também já tinha sido visto em seus horários de folga. Sem esquecer sua longa passagem pela repressão ao tráfico de seres humanos. Uma delegacia da qual ninguém conseguia sair indene, considerando que a crueldade dos casos — que abrangiam também os menores de idade — desafiava qualquer imaginação.

Ninguém, exceto Bertrand Manien. E frequentemente ele ostentava essa experiência profissional como se fosse uma glória.

— Nada mal esse terno. Belo corte de cabelo também. Alguma coisa mudou na sua vida, Sharko? Uma mulher, finalmente?

— O que você quer?

— Estou vindo da casa de Frédéric Hurault. O pobre coitado morava a apenas três quilômetros daqui. Vocês eram quase vizinhos. Por causa disso, eu pensei que podia

dar uma passada por aqui.

Há quanto tempo ele estaria esperando? Como tinha entrado ali? Por que estava sozinho? E por que a alusão à presença de uma mulher? Sharko quis abrir a porta do carro, mas Manien o impediu apoiando-se contra ela.

— Dois segundos. Por que você está sempre com pressa?

O comissário sentiu a garganta travar. Se Manien tinha se escondido ali, outra pessoa podia muito bem tê-lo seguido, no dia anterior, até o presídio de Vivonne, ou ter simplesmente entrado em seu apartamento e o revistado. Não havia nada de mais repugnante, perverso, do que um policial atazanando outro.

— O que você quer?

— Você tem uma ótima vaga para uma carroça podre como esta. Pensei que os Renault 21 não existissem mais. Por que você não o deixa dormir na rua?

— Porque existe uma vaga aqui, e ela me pertence.

Manien jogava com o silêncio, com os olhares. Ele contornou o veículo, examinando-o como se fosse desossá-lo.

— Pode me dizer onde você estava na noite da última sexta-feira?

Sharko cumprimentou um vizinho com um gesto de cabeça e esperou que ele se afastasse. Então, baixando o tom, disse:

— Você continua me atazanando. Você está sozinho, em minha casa, não são nem oito horas da manhã. Isso virou um assunto pessoal. Por que você não vai interrogar as putas, os cafetões que andavam pela vizinhança naquela noite? Por que você não exerce simplesmente sua função de policial?

— Ao contrário, estou em pleno exercício do meu trabalho. Então, você estava em casa, eu suponho, nessa célebre noite de sexta-feira, por volta de meia-noite?

— A gente não consegue esconder nada de você.

— E alguém pode confirmar?

— A gente não consegue esconder nada de você.

Com um sorriso zombador, Manien pegou um caderninho no bolso.

— Sabe o que eu tenho aqui?

— Não sei absolutamente nada. O endereço da sua última conquista? Quem é dessa vez? Uma romena de dezoito aninhos?

— Não seja antipático. Sabe, eu comecei uma brincadeira interessante, depois que você voluntariamente estragou toda a cena do crime. Eu disse a mim mesmo: "Pois bem, e se eu tentasse saber quem é realmente esse *Comissário* com um passado assim tão nebuloso?" O caso Hurault se revelou uma boa oportunidade para me interessar por você.

— Se você não tem mais o que fazer, isso é bem triste.

— Ao contrário, isso me entusiasmou. Então fui conversar com o porteiro deste prédio. Ele me passou algumas informações particularmente interessantes.

Ele deixava pairar aqueles silêncios doentios, esperando despertar a curiosidade de Sharko, expondo assim um ponto fraco. Mas o comissário não reagiu. Era como o

combate silencioso de duas cobras se observando antes do bote final. O investigador, portanto, resolveu prosseguir com suas explicações.

— Desde que conhece você, esse amável porteiro o viu quase sempre estacionar o carro do lado de fora, diante do prédio, perto de onde ele fica. Se você tivesse uma BMW, eu entenderia que a estacionasse na garagem subterrânea, protegida da delinquência e das intempéries. Mas esse ferro velho...

Manien se agachou, alisou com o dorso da mão a superfície do cimento e continuou:

— Parece tudo novinho aqui. Seu vizinho de vaga me confidenciou que este lugar estava sempre vazio, então, ele estacionava de lado, já que o espaço é tão estreito. Mas você foi falar com ele, semana passada, para dizer que, agora, deixaria o carro aqui e, consequentemente, pediu que ele não usasse mais seu espaço...

As vozes ressoavam na garagem subterrânea. Ao longe, ouvia-se o ruído de pneus, o murmúrio da borracha no asfalto. As pessoas começavam a sair para o trabalho. Sharko sentiu que a tensão continuava aumentando.

— E daí? — replicou ele. — Você quer ver o resultado de meus últimos exames médicos? Por causa de meu estado físico, devo evitar carregar peso, e as garrafas de água, de leite, são pesadas. Olhe atrás de você, o elevador é bem ali e me leva até a porta do meu apartamento. Se vier de fora, preciso andar pelo menos duzentos metros e subir vários degraus, antes de chegar ao prédio. Confesso que não estou conseguindo acompanhar seu raciocínio, você está procurando em cada um de meus gestos uma maneira de me comprometer.

Manien soltou uma baforada de seu cigarro, arriscando-se a disparar os detectores de fumaça situados mais adiante. Era um homem louco, perigoso, Sharko já o vira sentar o pau em suspeitos com golpes de barra de ferro nas tíbias.

— O porteiro do prédio não tem dúvida: seu carro não saiu desta vaga na noite do assassinato.

— É lógico, considerando que eu estava em casa.

— Você criou um álibi perfeito. Mesmo tendo passado alguns dias, você continua a estacionar aqui. Você é um cara brilhante, realmente brilhante. Mudar seus hábitos a esse ponto. Abrir a garagem com o controle remoto, aguardar, manobrar essa lancha velha e mal equipada. Quando é que você iria parar com essa enganação e voltar a deixar o carro lá fora, ao ar livre?

Finalmente, Sharko abriu a porta. Mantinha a voz calma e segura.

— Você não entendeu o que eu acabei de dizer, mas não tem problema. Talvez eu esteja enganado e não tenha aprendido nada a respeito do ofício de policial, mas o fato de dispor de um álibi irrefutável já fez de alguém um culpado?

Manien não desistiu. Pior que um cão esfomeado agarrado a um osso.

— O bosque de Vincennes fica longe. Ao deixar seu carro aqui na noite do assassinato, você obrigatoriamente teve que pegar um táxi, um ônibus, ou o metrô. E no metrô existem câmeras de segurança.

— É isso. Vá verificar todas as câmeras da cidade, isso vai ocupar seu tempo.

Tragando sofregamente seu cigarro, Manien recuou um pouco, até parar no meio da garagem. Depois, ele jogou fora seu cigarro, bem embaixo de uma das rodas traseiras do Renault 21.

— Não precisa me acompanhar, pode deixar. A gente se vê lá no 36, de qualquer maneira. E não se preocupe. Toda esta história fica entre nós dois. Eu liberei Leblond, daqui a alguns dias ele vai cuidar do seu caso, eu acho. Tudo o que eu quero é evitar que minhas modestas suposições venham a respingar sobre sua... sua reputação caótica.

Seus passos ecoaram no silêncio, até sumirem definitivamente.

Durante um bom tempo, Sharko permaneceu imóvel. Tinha a impressão de ter acabado de levar um soco na cara.

Como todas as quartas-feiras, ele passou pelo cemitério, onde se recolheu junto ao túmulo de sua família. Não foi capaz de evitar pensar na situação pela qual acabara de passar com Manien.

Meia hora mais tarde, encontrou Jacques Levallois em um café, na esquina do bulevar du Palais com o Quai du Marché-Neuf. Um local efervescente naquele horário. Pedestres, carros, hordas de motocicletas, todos indo para o trabalho. O jovem inspetor tinha seus hábitos naquele estabelecimento, antes de entrar em serviço. Ele ficava na varanda, em seu fino casaco de algodão bege, imergindo cubos de açúcar no café preto, enquanto observava desfilar as barcaças pelo Sena. Sua grande scooter de duzentos e cinquenta cilindradas, munida de duas rodas dianteiras, estava estacionada na calçada. Sharko pediu um café e se instalou em frente ao parceiro, que o encarou de modo estranho.

— De onde você tirou esse terno? — perguntou Levallois. — Você não notou que está um pouco largo?

O olhar de Sharko foi absorvido pelas viaturas de polícia, que já circulavam diante do Palácio de Justiça, ao lado do 36. Os policiais uniformizados, as togas dos juizes, os suspeitos algemados. Uma ronda incessante, pilhas e pilhas de casos a investigar, resolver e amontoar nos arquivos. Presídios abarrotados, uma delinquência cada vez maior, mais violenta. Qual seria a solução? Sharko voltou a si quando notou algo em seu campo de visão. Levallois tinha se inclinado sobre a mesa.

— Você deve estar bem preocupado. São oito horas da manhã e já está dormindo em pé. Ontem, Robillard me disse que você entrou em contato com ele. Disse que você também tinha telefonado para as instituições penitenciárias, as últimas da lista. Nada mal para um dia de folga...

Sharko engoliu um grande gole de café. Precisava ativar a máquina interna, acionar a caldeira, a todo custo.

— Eu precisava saber o que nossa vítima buscava ao visitar os detentos. E aí, o que há de novo sobre o caso Éva Louts?

— Então... Nossa equipe de informática se concentrou nos computadores. Nada de interessante no Centro de Primatologia. Por outro lado, conseguiram recuperar a tese no computador da estudante. O arquivo estava fragmentado no disco rígido, mas nada

foi perdido. O assassino não formatou a máquina. Uma cópia completa do documento está com Clémentine Jaspas, a primatologista.

— Excelente. Você já deu uma olhada?

— Na verdade, não. Tem mais de cem páginas, com gráficos e coisas incompreensíveis sobre biologia. Vou encontrar Jaspas mais tarde para que ela me explique do que se trata. Está nas mãos dela desde ontem, ao meio-dia.

— Você aprendeu a delegar tarefas, isso é bom. E posso ver em seus olhos que isso não é tudo.

Levallois lhe lançou um sorriso que teria feito tremer qualquer mulher. Sharko se perguntou como seria a esposa dele. Teria filhos? Quais seriam suas paixões, seu lazer? Onde passaria as férias todos os anos? O comissário não lhe perguntara nada, não queria mais se apegar a ninguém. Quanto menos soubesse, melhor.

O jovem consultou algumas anotações em um caderninho.

— Sobre o ambiente em que vivia Éva Louts... Pouquíssimas informações. Uma moça solitária, como a gente imaginou. Seus vizinhos nada perceberam de anormal, seus amigos já não a viam há algum tempo. Há cerca de um ano, ela se isolara totalmente do mundo para se dedicar à tese. O orientador dela não nos revelou nada que já não soubéssemos. No entanto, ficou pasmo quando soube das viagens de Éva à América Latina. Ele não notou absolutamente nada. Quanto a seus pais... Você pode imaginar. Estão totalmente arrasados, não conseguem entender. Éva Louts era filha única.

Sharko suspirou com pesar.

— Perderam tudo na vida e vão ter dificuldades para se recuperar. E eles sabem algo a respeito dessas viagens?

— Nada. Eles se viam apenas uma ou duas vezes por mês, e por pouco tempo. Éva era uma moça solitária e independente. E graças aos pais, sua conta bancária estava sempre abastecida. Podia se permitir à vontade esse tipo de capricho.

Ele voltou a consultar suas anotações.

— Quanto aos presídios, você viu com Robillard, já está a par...

— Estou. Éva entrevistou criminosos violentos, todos eles jovens, fortes, autores de infanticídios, massacres à faca, todos portadores de pulsões assassinas difíceis de serem explicadas. Ela fazia sempre as mesmas perguntas: se eram canhotos por hábito, canhotos genéticos, se não seriam destros, essas coisas...

— Ela também procurava saber se o fato de terem sido canhotos havia exercido alguma influência em suas vidas, em seus atos... Em todas essas visitas, deu um jeito de conseguir fotos dos rostos dos prisioneiros. Ela dizia que era para voltar a se situar nas entrevistas mais tarde, mas ainda assim, é estranho. Essas fotos, nós não as encontramos. O assassino talvez as tenha levado.

— E os exames biológicos?

Os olhos de Levallois brilharam de repente.

— O laboratório telefonou ontem à noite, bem tarde. Era a respeito de um ínfimo

fragmento de esmalte encontrado em uma ferida da vítima. A análise de DNA confirmou se tratar do esmalte de um chimpanzé comum.

Levallois pegou um guardanapo de papel e anotou alguma coisa.

— Você gosta de adivinhações?

— Não a essa hora da manhã.

Ele empurrou o papel até o comissário. Sharko observou o que ele tinha anotado com espanto.

— Dois mil? O que é isso?

— A idade do pedaço de dente.

Sharko, que estava terminando o café, interrompeu seu gesto e colocou imediatamente a xícara sobre a mesa.

— Você quer dizer que se trata de um...

— De um fóssil, isso. O assassino, provavelmente, foi até o Centro de Primatologia com um crânio simiesco datando de uma época remota, matou a vítima, atingindo-a com um peso para papéis, em seguida, simplesmente pressionou a mandíbula sobre o rosto dela com toda a força. O que gerou a marca de mordida. Isso está confirmado pelo fato de os especialistas não terem encontrado saliva animal misturada ao sangue de Éva.

Sharko esfregou seu queixo. Uma encenação digna de um filme de terror, provando que tinham pela frente um matador meticuloso, organizado e extremamente perverso.

— É por isso que Shery falava de “monstro” — deduziu. — Um crânio de macaco assustador, que aos pouco se cobriu com o sangue de Éva Louts.

Levallois assentiu.

— Certamente. O assassino quis maquiagem seu crime fazendo crer que o ataque viera de um macaco, e este talvez tenha sido seu erro. Ele provavelmente tinha à disposição mandíbulas, um crânio ou, se expandirmos as possibilidades, um fóssil inteiro de chimpanzé. Ele não deixou qualquer impressão digital, mas a presença desse pedaço de esmalte o traiu. Resumindo, trata-se de alguém relacionado ao meio da paleontologia. Talvez um conservador, um colecionador, um pesquisador, um funcionário de museu. Não há tantos lugares assim onde se possa conseguir informação sobre esse tipo de coisa. Esqueletos de dois mil anos de idade não são algo assim tão comum.

— O Museu Nacional de História Natural...

— Exatamente. No Jardin des Plantes. Vou até lá assim que abrir, logo que acabar este café. Vou me encontrar com Clémentine Jaspard. Depois dos macacos do Centro de Primatologia, estarei a caminho dos símios fossilizados do museu.

Decididamente, Sharko começava a gostar daquele rapaz, sobre o qual nada sabia. Ele esvaziou sua xícara de uma só vez, depois apontou para a scooter.

— Enfim algo concreto. Você tem um capacete para mim, espero?

[L]á do alto, os Alpes se mostravam ainda mais fantásticos. Pareciam folhas de alumínio colocadas umas sobre as outras, que teriam se amassado com a força do contato. Gnaise agressivo, xisto saliente, vegetação esparsa, agarradas às paredes íngremes. Um recorte desmedido, titânico, arrancado da crosta terrestre havia várias centenas de milhões de anos. Lucie se deixava embalar por aquela paisagem sem fim, aquela beleza do mundo que, um dia, havia gerado a vida.

O helicóptero que a transportava, um modelo EC 145 da Segurança Pública, amarelo e vermelho, carregava também, graças ao guincho da aeronave, um enorme rolo de película especial. Para embarcar, Lucie fora bastante cara de pau, se municiando de termos tipicamente investigativos, e a astúcia funcionara: em resumo, no âmbito de um inquérito criminal comandado pelo procurador da República de Paris, ela devia interrogar Marc Castel o mais rápido possível. A fim de se proteger, ela mantivera a identidade fictícia, Amélie Courtois. Ninguém se atrevera a pedir seus documentos e ninguém iria averiguar a exatidão de suas declarações. Ela havia sido transportada com o material, e pronto.

Jordan, o dono do belo rosto de olhos verdes, a acompanhara até uma loja de esporte de um de seus amigos, que lhe emprestara um casaco forrado, uma calça de neve, calçados de montanha, sem esquecer-se das luvas, óculos de proteção e a manteiga de cacau para os lábios. A típica urbana Lucie tinha agora adotado a aparência de uma grande desportista. Uma mudança radical que a arrancou da insipidez de seus dias e lhe fez um bem imenso.

A geleira de Gébroulax surgiu bruscamente, depois de um despenhadeiro. Uma gigantesca língua congelada, encurralada em um leito de granito. Era como se o tempo tivesse parado, como se, em algum lugar, um vulcão tivesse cuspidado uma lava fria, repentinamente surpreendida por uma fúria climática. Sobre os flancos lisos, silhuetas coloridas se movimentavam, estendiam lonas, carregavam material. Ainda mais longe, em um nível inferior, era possível ver Val-Thorens, um ridículo ponto de cimento em meio a um lago verdejante.

O helicóptero de duas turbinas adernou para oeste e parou no ar a cerca de vinte metros de uma área relativamente plana. Lá embaixo, com mãos firmes, o rolo de película foi estabilizado e as fivelas, destravadas. A massa da película despencou sobre a neve, levantando uma delicada nuvem branca. Assim que os cabos foram suspensos, o copiloto falou em seu rádio transmissor e depois prendeu firmemente Lucie ao guincho. Depois de lhe informar alguns detalhes técnicos, equipou os calçados dela com grampos de aço. Por fim, entregou-lhe um gorro de lã preto, que ela pôs na cabeça.

— Boa sorte! Até mais!

Era preciso berrar. As pás zuniam, fazendo o ar assobiar em suas orelhas. Lucie ergueu o polegar e a descida teve início. Lentamente, o pequeno corpo feminino,

insignificante em tamanha imensidão, balançou no vazio. Tomada pela vertigem, Lucie se sentiu tonta, invadida por um fútil sentimento de liberdade. A altitude pesava sobre seus músculos, sua respiração, seus órgãos, o ar seco lhe queimava os pulmões, mas ela tinha a impressão de se encontrar em um estado de incrível bem-estar. Retirada do mundo daquele jeito, suas preocupações e seus demônios lhe pareciam distantes.

O contato com o gelo foi brutal — a pressão sobre os joelhos e os calcanhares —, comparável a uma aterrissagem de paraquedas. Algumas mãos a agarraram, segurando-a desajeitadamente; logo em seguida, as amarras voltaram a subir diante de seus olhos e o helicóptero recuperou altitude rapidamente. O barulho das hélices se perdeu ao longe.

— Parece que você está me procurando?

Um rosto bronzeado a encarava. Uma expressão árida, curtida, com os lábios protegidos por um creme branco, os olhos ocultos atrás de lentes redondas e opacas. Lucie quis remover seus óculos de sol. Em uma fração de segundo, ela sentiu as retinas queimarem e fechou os olhos.

— Não tire os óculos. Você nunca esteve na neve? Já ouviu falar em reflexo solar?

— Onde eu moro, a neve tem uma cor mais parecida com carvão.

Suas pupilas levaram tempo para se habituar outra vez. As cores, as formas voltaram progressivamente.

— Agora é com Marc Castel que estou falando, não é?

— Em pessoa.

Lucie se virou. Cristais de neve estalaram sob seus pés. A geleira respirava, palpitava, como uma artéria viva.

— Eu gostaria de falar com você em circunstâncias menos perigosas. Lá no Nord o terreno é um pouco mais plano do que aqui.

— No Nord? Pelo rádio me informaram que você era de Paris. Amélie Courtois, de Paris.

— Eu trabalho em Paris, mas moro mais para cima. Vim falar com você sobre...

Ela mordeu a ponta de uma luva, removeu-a com os dentes e vasculhou seu bolso.

— Éva Louts — completou Castel.

Lucie não se deu o trabalho de pegar a foto, voltando a se agasalhar.

— Que crime ela cometeu para você vir até aqui? — perguntou Castel.

— Ela está morta. Assassinada.

O guia pareceu perplexo. Suas sobrancelhas louras se ergueram ligeiramente. Após um longo momento de imobilidade, ele pegou uma garrafa d'água e bebeu avidamente. Atrás dele, alguns homens começaram a estender o rolo e cortar a película espessa com enormes cisalhas.

— Como? Por quê?

— Como? Digamos que em circunstâncias particularmente terríveis, cujos detalhes prefiro evitar. Quanto aos motivos, este é o objetivo de minha visita. Fale-me o que sabe sobre ela.

O guia começou a subir na montanha de neve. Era um homem grande, forte. Curiosamente, Lucie não achava que parecesse homossexual. A menos que o outro, Jordan, fosse realmente apenas um “amigo”.

— Ande a meu lado. Não há fissuras por aqui. Enterre bem seus grampos no gelo. Pode não parecer, mas os efeitos ópticos são muitos, e estamos subindo.

Lucie começou a marchar. Seus sapatos pareciam pesar toneladas. Ela respirava forte, com dificuldade. Marc Castel, por sua vez, falava com uma facilidade irritante. Um stijeito talhado na pedra, criado com oxigênio puro.

— A moça era cheia de disposição. Pequena, enérgica, solitária e bem bonita também. Ela veio bater no meu chalé, recomendada por Mario.

— O recepcionista do Dix Marmottes...

— Exatamente. Tinha todos os equipamentos necessários para uma excursão: calçados apropriados, mochila de última geração e até uma câmera fotográfica em volta do pescoço. Uma Canon EOS 500, uma bela máquina. Ela me disse que era pesquisadora e que estava estudando o homem de Neandertal.

— Estudando o... Neandertal? Foi isso... que ela disse para você?

Ele caminhava com passos largos, seguro de si. Lucie acompanhava-o com dificuldade, estava sem fôlego. Além dos três mil metros, o ar começava a ficar rarefeito, transformando cada esforço em um levantamento de peso.

— Exatamente. Ela estava tentando entender por que essa espécie de homens se extinguiu há trinta mil anos e por que o *Homo sapiens* continuou a viver e evoluir. A moça parecia saber muito do assunto.

Talvez Lucie não tivesse captado tudo direito, mas Sharko tinha lhe falado de pesquisas sobre a lateralidade. Canhotos e destros. O que o homem de Neandertal tinha a ver com isso? Castel fez um gesto com a cabeça, apontando na direção do caminho interminável em zigue-zague que se estendia diante deles.

— O objetivo de sua visita era que eu a acompanhasse até lá em cima, perto do vale do Sulfre, na zona de sedimentação da geleira. Lá existe uma gruta, descoberta há apenas seis meses. Uma cavidade que ficou exposta pelo derretimento drástico do gelo, por conta do...

— Aquecimento... global... Eu sei.

Através de seus olhos escuros, ele a observou com um sorriso que revelou seus dentes fulgurantes. Só faltava cintilar a estrelinha, como se vê nos anúncios de pastas de dentes.

— Nossa subida foi rápida. Ela estava em ótimas condições físicas, avançava como uma gazela.

— Pode dizer... não é este o meu caso.

— Dá para sentir que, em algum lugar dentro de você, há disposição. Você é quem sabe. Juntos podemos levar uma hora, com uma passagem difícil por uma escada estendida sobre uma enorme fissura. Vai encarar?

Lucie parou para recuperar o fôlego. O ar seco congelava suas narinas. Era como se

tivesse acabado de subir todos os degraus da torre Eiffel sem uma pausa. Será que estava tão fora de forma assim?

— Vou... Sim, eu vejo você... sem os óculos e o gorro. Mas... não ande rápido... demais. O que... O que tem nessa... gruta?

— Poupe seus pulmões. Falaremos disso lá em cima. E, principalmente, siga as minhas pegadas. Você pratica algum esporte? Caminhada? Corrida?

— Já... pratiquei, e... vou recomeçar em breve.

— Tudo bem. Não vai ser mole, não.

Depois de Marc Castel informar aos colegas e apanhar algum material, ele atou uma corda à cintura de Lucie, dando-lhe instruções básicas para avançar sobre a geleira. Ele explicava com segurança e firmeza. Ali era seu território, seu oxigênio, seus rochedos.

A subida teve início. Com um bastão de caminhada na mão, uma feira de mosquetões e cordas em volta da cintura, Lucie forçou suas panturrilhas, pondo à prova os músculos adormecidos. O gelo estalava, crepitava. O sol brincava, azuis translúcidos ricocheteavam sob seus pés. Após passarem pelas partes cobertas, as paredes das rochas se estenderam, as dimensões ao redor se ampliaram, beirando o incomensurável. Tudo era tão grandioso que ao ser humano só restava se recolher em humildade: no âmago daquelas massas gigantescas, toda forma de vida parecia totalmente insignificante.

Bem rápido, em meio a um esforço ardente, Lucie perdeu a noção do tempo. Seus pensamentos se dispersaram, todo seu organismo se devotava a uma única causa: empurrar seu corpo até lá no alto, no inchaço de neve, blocos de gelo e rochas. Incapaz de pronunciar qualquer palavra para se queixar, ela cavalgou sobre escarpamentos, rampas e pequenas escadas suspensas sobre fendas profundas. Surtos de adrenalina... Ácido corroendo as coxas... Seu corpo parecia talhado pelo fogo...

A marcha se tornou um calvário, então Lucie pensou em Juliette, sua filha, e na mensagem que deixara mais cedo no celular dela, desejando um bom dia. Ela se perguntou o que Juliette faria na quarta-feira. Sua avó certamente a levaria ao zoológico e ao parque de diversões. Juliette adorava a pista de carrinhos bate-bate. Esses pensamentos a revigoraram. E, assim, o esforço tornou-se menos doloroso.

Finalmente, eles se depararam com uma espécie de fissura natural rente ao gelo. Uma meia-lua horizontal, que escavava a montanha. Enquanto Lucie bebia água em sua garrafa, Marc retirou duas lanternas de sua mochila.

— É aqui.

Lucie estava recuperando o fôlego, com as mãos nos joelhos. Daquele lugar, tinha a impressão de enxergar o mundo em toda sua verticalidade.

— Como foi... que Éva... ficou sabendo da... existência... dessa... gruta?

— Alguns artigos foram publicados em revistas científicas, quando fizeram a descoberta.

O guia se aproximou da entrada da caverna. Deslizamentos de gelo se espalhavam pelo interior e desapareciam na escuridão. Marc apontou para uma marca sombria sobre a rocha, em cima da gruta ainda obstruída pela geleira em sua parte inferior.

— Está vendo aquela linha? É o antigo nível da geleira. Os glaciologistas estimaram que ela data de menos de meio século. Há cinquenta anos, a gruta na qual vamos entrar estava recoberta de gelo e, por isso, inacessível.

— É fantástico.

— Eu diria que é catastrófico. As geleiras são os termômetros de nosso planeta. E ele está com febre.

Marc recolheu a corda que os unia e a enrolou, colocando-a na mochila. Lucie lançou um olhar cauteloso para os cumes. Diante dela, sulcos sem fim, as nuvens ao alcance das mãos e o azul do céu combatendo o branco ofuscante dos relevos. O rapaz chamou sua atenção:

— Eu sei que é bem diferente de Paris e do Nord, mas precisamos seguir em frente.

— A torre de um conjunto residencial também tem seu charme.

Marc a puxou em sua direção, até a boca negra da caverna.

— Um salto de um metro nos levará de volta ao nível da geleira. Em seguida, mais alguns passos sobre o gelo e chegaremos ao solo plano e rochoso. Vou logo avisando, faz um frio extremo lá dentro. E era pior ainda quando estava tapada, sem receber qualquer raio de sol. Para você ter uma ideia, esta gruta não viu a luz do dia durante trinta mil anos.

— Trinta mil anos? Caramba.

— Muito em breve, o acesso será regulamentado, ou seja, proibido, então é melhor aproveitar, enquanto os políticos locais se engalfinham para saber quem vai mandar aqui.

Marc entrou primeiro. Sentando em um degrau de gelo, ele se deixou deslizar no interior daquela goela pouco acolhedora. Ouviu-se o roçar da roupa na superfície. Em um nível inferior, ele estendeu a mão para Lucie.

— Vamos. Venha.

Lucie, por sua vez, embarcou na máquina do tempo. Atrás dela, os estratos azuláceos, acumulados e comprimidos há séculos, sobrepondo-se como camadas de um mil-folhas. O frio grudou instantaneamente em seu rosto, seu pescoço, em toda parte do corpo que estivesse menos protegida. A bruma que escapava de seu corpo e de sua boca desenhou algumas espirais nos raios brutalmente luminosos. Marc retirara seus óculos. Seus olhos eram de um azul puro, ainda mais claros do que os de Lucie. Na intimidade daquele lugar fora do tempo, seus olhares se cruzaram pela primeira vez.

— Eu sempre achei que as mulheres da polícia eram mais... feias e atarracadas.

— E eu sempre imaginei que os guias tinham olhos azuis. Você não foge à regra.

— Mas você, sim. Felizmente. Como mulheres assim tão bonitas podem virar policiais?

— Só para poder dispor de um guia gratuito e ir até lugares aonde ninguém iria. Ele sorriu com sinceridade.

— Bem, voltando ao assunto, nós nos encontramos em um santuário que surgiu antes

mesmo do nascimento da geleira. Um lugar onde o homem moderno nunca pôs os pés.

Apesar das camadas de roupas, Lucie não conseguia deixar de tremer. A pele de seu rosto parecia dura feito rocha.

— E, ainda assim, cá estamos — disse ela. — Nada mais pode escapar da conquista de nosso mundo.

Marc concordou, depois orientou o fecho de sua lanterna na direção daquela boca apavorante.

— A cavidade é bem grande, cerca de trinta metros de profundidade. Foi lá, bem no fundo, que os alpinistas italianos encontraram os homens de gelo.

Lucie fechou os olhos. Teria entendido direito?

— Homens de gelo? Quantos?

— Quatro. Inacreditavelmente mumificados e preservados pelas temperaturas glaciais. Pelo que me contaram, é como se alguém os tivesse colocado dentro de um congelador há trinta mil anos.

— Por todo esse tempo?

— É uma ninharia na escala da Evolução.

— Ainda assim...

Ele bebeu pelo gargalo de sua garrafa. Lucie o observou dissimuladamente. Esse homem, isolado nas montanhas, era irresistível. Depois de enxugar a boca, ele retomou suas explicações.

— Com o ar seco, a água se esvaziou completamente de seus corpos, os olhos desapareceram, mas os músculos tinham apenas encolhido, se tornando pretos e ressecados. A ausência quase total de oxigênio evitou a degradação. Ainda tinham cabelos, restos de pele e ferramentas. Digamos que eles se caram... como uma uva-passa.

— Se ainda me lembro das aulas de história, tratava-se então de homens de Cro-Magnon?

O gelo e as partículas de neve, condensados, formavam uma fina camada sobre o solo da gruta. Os raios luminosos na neve criavam uma impressão de lantejoulas douradas, oferecendo um espetáculo irreal. Marc começou a avançar devagar. Lucie o seguiu. As paredes se estreitavam e eles foram forçados a se abaixar. Agora, estavam andando sob a montanha, dentro de uma garganta sinistra, inquietante.

— É ainda mais complicado. Não sou um especialista e não estava presente no momento da descoberta, mas os paleoantropólogos que vieram aqui identificaram com certeza quase absoluta um homem de Cro-Magnon e uma família Neandertal, composta de um macho, uma fêmea e uma criança. Não posso dizer muito mais que isso, infelizmente. Os pesquisadores agiram rapidamente, com toda discrição e preservando ao máximo o local a fim de não prejudicar as múmias. Só o que sei é que essas múmias, os restos de roupas e as ferramentas recolhidas foram cuidadosamente acondicionados e transportados por um helicóptero, seguindo as mais estritas condições de higiene e temperatura. Depois foram levados para o laboratório de paleontologia da Escola Normal Superior de Lyon, para análises.

— Lyon não fica muito perto. Por que não para Chambéry ou Grenoble?

— Acho que eles são os únicos na França a cuidar desse tipo de coisa. E dispõem de material avançado para fazer os estudos. Os pesquisadores tiraram fotos da descoberta. Você pode ir até lá, se quiser falar com eles.

Suas palavras ressoaram estranhamente contra as paredes. Lucie tinha a impressão de evoluir no interior de uma exígua catacumba, violando um segredo ancestral, escondido no gelo bem no coração da montanha. Raios amarelados ricocheteavam sobre as irregularidades das paredes. O sol se tornou duro, as pontas de aço calcavam a rocha, mordendo-a com um ruído finesto. Lucie não se sentia mais nem um pouco segura. Que inferno maldito era aquele em que fora pôr os pés? Ela tentou aquecer a atmosfera falando um pouco.

— Eu não me lembrava mais, ou melhor, eu ignorava que os homens de Cro-Magnon e de Neandertal haviam convivido.

— Eles conviveram durante alguns milhares de anos. O Neandertal se extinguiu, ao passo que o *Homo sapiens*, por sua vez, continuou evoluindo. As causas precisas da extinção do homem de Neandertal ainda são ignoradas, mas há algumas teorias desenvolvidas. Especialmente a que se refere à sua capacidade inferior de adaptação ao frio. Mas Éva Louts tinha suas próprias convicções. Acreditava firmemente no extermínio do Neandertal por parte do Cro-Magnon.

— Extermínio? Você quer dizer uma espécie de genocídio?

— Exatamente.

Genocídio... Um termo que voltava à tona, no âmbito de uma nova investigação. A expressão de uma loucura humana que Lucie reencontrava, um ano depois. Ela afastou as inúmeras recordações que, instantaneamente, refluíram, e tentou se concentrar de novo.

— Um genocídio pré-histórico... Isso é plausível?

— É uma teoria como outra, defendida por certos paleontólogos. Para Éva Louts, o Cro-Magnon era fisicamente mais poderoso, maior, mais agressivo. E os mais poderosos forçosamente se reproduzem melhor, já que eliminam os adversários na primeira oportunidade.

Lucie não disse nada, ela pensava nos bebês dos tubarões-martelo, na competição intrauterina cujo objetivo derradeiro era espalhar os genes através da reprodução. Pensava também em nossos medos inatos de serpentes, aranhas. De onde viriam esses instintos horríveis de predação ou de preservação? Estariam eles inscritos no patrimônio genético, como um legado de gerações passadas?

Eles ultrapassaram pequenos montes de cinzas escurecidas, que pareciam prontos a se dispersar à menor corrente de ar. Os vestígios dos velhos fogos de uma eternidade. Lucie imaginou os rostos avermelhados, quase simiescos, os corpos com cheiro selvagem, cobertos de pele de animais, reunidos próximos às chamas e soltando berros guturais. Podia ver as grossas gotas de suor escorrendo de seus corpos nodosos, suas sombras grotescas se esticando pelas paredes. Em um momento de angústia, ela se

virou: o muro translúcido da geleira havia desaparecido, assim como qualquer indício de claridade. Um verdadeiro salto para a pré-história. Sua imaginação funcionava a todo vapor. E se um desabamento violento acontecesse, deixando-os bloqueados ali dentro, ela e Marc? E se nunca mais voltasse a ver sua filha? E se...

Ela se precipitou para a frente, atrás de seu acompanhante, que já se afastara. Sentiu necessidade de falar, descomprimir.

— Desculpe, Marc, mas esses homens de gelo, obviamente, não estão mais aqui, certo?

— Claro que não.

— Neste caso, o que estamos fazendo aqui? Por que Éva Louts percorreu todo esse caminho para chegar a um lugar que devia saber que estava vazio?

Marc se virou e olhou-a nos olhos. Nuvenzinhas brancas escapavam de sua boca.

— Justamente, porque esta cavidade não está totalmente vazia.

Lucie sentiu uma corrente tomar sua garganta e se disseminar por todas as suas artérias. Era como respirar lâminas de ar que feriam as mucosas, irradiando os condutos internos. Sua cabeça começava a girar lentamente. O esforço, a altitude, o enclausuramento... Ela se autorizou mais dez minutos lá dentro, pois aquele claustro a esmagava. Os urros de Clara ressoaram em seus ouvidos. Clara, Clara, Clara... *Mamãe não estava lá.* Ela respirou fundo, apoiada contra a parede. Só tinha uma vontade, reencontrar Juliette, apertá-la contra si. Marc percebeu sua confusão.

— Está tudo bem?

— Está, está... Vamos em frente.

Finalmente, eles atingiram o fundo. Uma área larga, circular, semelhante a um domo. O guia então apontou sua lanterna para uma parede lateral.

Lucie arregalou os olhos.

Mãos pintadas em negativo surgiram diante dela. Dezenas de mãos espessas, assustadoras, decalcadas com pigmentos em vermelho e ocre. Marc se aproximou de uma delas e colocou sua própria mão sobre o desenho.

— Foi o primeiro gesto que Éva Louts fez ao entrar aqui.

— Mãos direitas... Uma porção de mãos direitas...

— De fato. Os homens pré-históricos abriam a mão direita e sopravam os pigmentos em um tubo que seguravam com a outra mão. Eles eram, portanto, canhotos...

Lucie observou as obras picturais, com o nariz enfiado em seu casaco e os braços cruzados para se aquecer. Ela imaginava esses homens da idade da pedra, primitivos, já tomados pela vontade de transmitir seu saber, sua cultura tribal, deixando o vestígio de sua passagem. Uma memória coletiva, que datava de dezenas de milhares de anos.

— Éva tirou algumas poucas fotos. Mas esta descoberta foi apenas o aperitivo, digamos. O que interessava realmente está atrás de você, naquela outra parede.

Lucie se virou.

O foco da lanterna revelou então algo inimaginável.

O afresco rupestre representando um rebanho de auroques. Doze animais

galopando, com tonalidades vermelhas, pretas, amarelas, que pareciam fugir de um hipotético caçador. O traço era límpido, preciso, longe do arcaísmo frequentemente associado àqueles homens pré-históricos.

Os auroques tinham sido pintados de cabeça para baixo.

Como na cela de Grégory Carnot.

Atordoada, Lucie se aproximou, deslizando os dedos sobre a superfície lisa. Aqueles seres primitivos, situados na outra extremidade da escala humana, lhe pareceram de repente bem mais próximos. Como se sussurrassem em seus ouvidos.

— Quando você disse que esta gruta foi descoberta?

— Durante a temporada de esqui. Em janeiro deste ano. É curioso que a pintura esteja de cabeça para baixo, não é? Como um Cro-Magnon ou um Neandertal, não sei que espécie pintou isso, poderia ter essa lucidez de espírito? E, principalmente, por que pintar de cabeça para baixo? Com que intenção?

Lucie mergulhou em uma intensa reflexão. A gruta fora descoberta em janeiro de 2010... Grégory Carnot tinha sido encarcerado em setembro de 2009. E, segundo o psiquiatra, ele já fazia desenhos invertidos. Ele não podia então estar a par da existência desse afresco.

Era preciso se render às evidências. Dois indivíduos, com um intervalo de mais de trinta mil anos, tinham sido acometidos pelos mesmos sintomas. E os dois eram, ao que parecia, canhotos.

Um caso estranho, que nunca aparecera na literatura dos neurologistas, dissera o psiquiatra do hospital. Lucie descobria dois em menos de dois dias. Dois casos separados por milênios.

Ela se sentiu ainda mais desconfortável, com a impressão de estar violando uma sepultura. O que havia acontecido naquela gruta? Os homens de gelo tinham sido surpreendidos pelo frio, a tempestade, a falta de alimento? O que faziam um Cro-Magnon e uma família de Neandertal bem no meio da montanha? Será que as duas espécies conviviam, apesar da hipótese de genocídio? Reproduziriam-se entre si, apesar de suas diferenças genéticas? O cruzamento entre elas criaria uma espécie de monstros? Teríamos nós, no cerne de nossas células, um pouco de Neandertal?

Lucie pensava em Éva Louts, que quisera ver com os próprios olhos aqueles desenhos, provavelmente publicados nas revistas especializadas. Talvez tivesse desejado sentir esses seres de outra era. Compreender como funcionavam e o significado daquelas pinturas.

Que efeito essas descobertas teriam lhe causado? Que conclusões tirara? Haveria ali alguma relação com seu assassinato?

Perguntas demais. Lucie virou-se para Marc.

— Éva Louts não lhe disse mais nada?

— Não. Ela fotografou esses desenhos e, depois, nós descemos. Em seguida, ela me pagou e se foi. Nunca mais voltei a vê-la.

Lucie hesitou por alguns segundos, tentando se colocar no lugar da estudante. Teria

ela voltado diretamente para a capital após essa simples visita e algumas fotografias? Não teria se sentido tentada a ir ao laboratório de paleogenética encontrar esses seres pré-históricos? Considerando ainda que Lyon ficava no caminho de volta.

Seguramente, a estudante teria se lançado em um sinistro cara a cara com os quatro seres de outra era, que haviam atravessado a eternidade e guardado seus segredos no coração de uma gruta destinada, sem dúvida, a nunca ser descoberta.

[N]o limite do quinto *arrondissement*, nas manhãs de setembro, o Jardin des Plantes oferece um espetáculo mágico. Uma luz entre o amarelo e o laranja, daquelas que marcam o fim do verão, cai inclinada sobre as ramagens dos grandes cedros centenários e respinga sobre as folhas. As pessoas correm pelos caminhos ainda úmidos por conta da chuva da véspera, os jardineiros começam a aparar os arbustos, prevendo as estações mais duras. Tudo conduz à calma, ao repouso. Nessa época do ano, os grupos de estudantes parisienses ainda não são maioria nos parques e museus.

Sharko e Levallois passaram pelo saguão da Grande Galeria da Evolução, um prédio maciço, parecendo vir de outra era. Acima deles, o imenso teto envidraçado deixava passar uma claridade laranja que se espalhava pelos três níveis em torno de uma nave central. Mesmo sem entrar no coração do museu era possível distinguir esqueletos estranhos, cabeças de girafas empalhadas, centenas de vitrines apresentando espécies animais. A vida, ali mais do que em qualquer outro lugar, decidira se exibir completamente.

Clémentine Jasar esperava ao lado da recepção, com uma grande pasta de cartolina nas mãos. A primatologista vestia calça marrom pregueada e blusa cáqui com bolsos largos, de tal forma que poderia ser confundida com uma guia ou uma excursionista perdida na capital francesa.

Os policiais a cumprimentaram. Sharko lhe lançou um sorriso franco.

— Como vai Shery?

— Ainda está com dificuldades para se expressar. Vai levar tempo para se recuperar, com sua idade avançada. E não existem psiquiatras para chimpanzés.

Ela logo mudou de assunto.

— E seu inquérito está avançando?

— Está, sim. Por ora, estamos recolhendo o máximo de elementos, antes de chegarmos às conclusões.

Com a cabeça, o comissário apontou para a pasta dela.

— Na verdade, estou contando principalmente com o que pode me dizer a respeito dessa tese.

Jacques Levallois, que ficara ligeiramente recuado, deu um tapinha no ombro do colega.

— Vou procurar o diretor ou alguém que possa me dar informações sobre os fósseis. Até já.

Jasar o observou se afastar, depois se dirigiu até as roletas de acesso.

— Vamos até a galeria, por favor. Acho que não há lugar melhor para que eu explique do que se trata a tese.

Quando Sharko estava pegando sua carteira para pagar pelo ingresso, ela lhe deu um bilhete.

— Tenho meus pequenos privilégios aqui. É um pouco como meu segundo lar.

O comissário agradeceu. Ele morava naquela área havia mais de trinta anos e, no entanto, nunca tinha colocado os pés naquele museu, nem na maior parte dos museus parisienses, aliás. Frequentava mais presídios, tribunais, hospitais psiquiátricos. Era essa ronda de estabelecimentos macabros que havia marcado o compasso de sua vida.

Depois de atravessarem a entrada, eles ingressaram na nave. Caminhavam entre reproduções de tamanho real de tubarões, focas, raias gigantes. O mais impressionante era o esqueleto de baleia suspenso, incomensurável, expondo claramente os mistérios da natureza. Que efeitos mágicos teriam modelado aquelas vértebras gigantescas, quase tão grandes e pesadas quanto um homem? Haveria uma finalidade qualquer em toda aquela perfeição?

Jaspar subiu um lance de escada até o primeiro piso, dedicado às espécies terrestres. No centro, centenas de animais da selva pareciam fugir de um incêndio imaginário. Búfalos, leões, hienas, antílopes, imobilizados em meio à corrida. A primatologista passou por algumas vitrines, depois parou diante da dos lepidópteros. Centenas de insetos voadores, espetados na cortiça, numerados e identificados com exatidão: reino, filo, classe, ordem, família, gênero, espécie. Ela sentou-se em um banco e convidou Sharko a fazer o mesmo. Em seguida, abriu a volumosa pasta verde.

— Vou lhe entregar uma cópia da tese de Éva. Nela, você encontrará minhas anotações.

Agora, ela falava com um ar grave. Sua expressão tensa, cansada. Não devia ter dormido à noite, Sharko seria capaz de pôr a mão no fogo quanto a isso, absorvida pela leitura do texto. Ao redor deles, alguns estudantes iam chegando e formavam uma fila, papel e hidrocor nas mãos. Desenhistas... Provavelmente uma turma de artes plásticas.

Sharko concentrou-se em sua interlocutora.

— Conte-me o que Éva Louts descobriu.

Jaspar meditou um instante. Parecia buscar a melhor maneira de abordar um tema que se anunciava complexo.

— Ela descobriu uma relação entre a lateralidade e a violência.

A violência.

Essa palavra estourou como um explosivo na cabeça do comissário. Ela havia sido o elemento-chave de sua importante investigação no ano anterior, e agora bruscamente voltava a atacar. Logo em seguida, a imagem de Grégory Carnot se impôs a ele... Depois, pensou também em Ciudad Juárez, um lugar de fogo e sangue onde o terror se manifestava em sua forma mais brutal. Seria essa a ligação entre a aglomeração da cidade mexicana e Carnot? A violência?

Aquela violência que, em todos os lugares, sob todas as formas, grudava estranhamente em sua pele, como sarna.

A primatologista o trouxe de volta à realidade.

— Para poder apreender toda a essência de seu trabalho, eu devo antes de tudo expor alguns princípios apaixonantes da Evolução. É muito importante que você me

escute com toda a atenção.

— Vou fazer o possível.

Com um movimento circular dos braços, Clémentine Jaspas designou as espécies que habitavam naquela magnífica galeria. Peixes, coleópteros, crustáceos, mamíferos.

— Se essas espécies povoam hoje nosso planeta, se essa pequena libélula, de aparência tão frágil, existe, é porque ela está muito mais adaptada a sobreviver do que um dinossauro. Observe esses animais, suas proeminências, a forma de suas carapaças, suas caudas, suas cores. Tais características são exemplos gritantes de adaptação ao meio ambiente, e cada qual tem sua função: ataque, defesa, camuflagem...

Ela indicou com a cabeça uma vitrine em particular.

— Está vendo esses dois animais à sua frente? São duas mariposas de bétula. Observe com atenção. O que você constata?

Com as mãos nas costas, Sharko se aproximou do vidro, intrigado.

— Duas traças completamente idênticas, uma com asas mais brancas e, a outra, mais escuras.

— Pois bem, saiba que, no século XIX, na Inglaterra, a forma clara era dominante. Durante o dia, as mariposas se camuflavam sob os troncos das bétulas, o que lhes garantia a sobrevivência. Razão pela qual elas eram mais numerosas: os predadores não as viam. Você vai me dizer que, por outro lado, as mariposas negras não eram vistas à noite, mas tampouco as brancas, já que estava escuro.

— Faz sentido, de fato. Melhor então ser uma mariposa branca do que negra...

— Sim. Se nada tivesse acontecido, as mariposas negras teriam desaparecido, uma vez que estavam mal adaptadas ao seu meio ambiente, eram mais vulneráveis, geneticamente menos capazes e, portanto, seriam eliminadas pela seleção natural.

— O famoso pato manco da política...

— Exatamente. Porém, o que se notou foi que a forma clara se tornava cada vez mais rara, e que a forma escura se desenvolvia. Em cem anos, as relações se inverteram totalmente.

Ela se ergueu e aproximou-se de Sharko. Agora, seus olhos brilhavam no reflexo da vitrine.

— Que pressão da seleção natural foi capaz de alterar a situação a esse ponto?

— Eu gostaria de saber.

— Aquela criada pelo homem, comissário. Com a era industrial, a Inglaterra viveu um grave problema de poluição atmosférica. A poluição modificou a cor das bétulas, passando de cinza-claro para cinza-escuro. Ficou então cada vez mais difícil a sobrevivência para a forma clara dessa mariposa, visto que sua camuflagem perdeu a eficácia, ao contrário da forma escura. Temos aí um exemplo típico de seleção natural influenciada pela cultura humana: os mais adaptados, a forma escura, se puseram a se desenvolver em quantidade, ao contrário das formas claras, atacadas por predadores. Tudo isso por causa do homem.

— O homem, a industrialização, então eles têm essa capacidade para modificar as

escolhas da natureza. Eu diria mesmo, superá-la.

— Exatamente, e isso está cada vez mais forte. Pela primeira vez, desde o nascimento da humanidade, a Evolução por meio dos genes está atrasada em relação à Evolução por meio da cultura e da industrialização. Estamos avançando mais rápido do que a natureza. Por que você acha, por exemplo, que existem as alergias, algo de que não se falava cinquenta anos atrás? Porque o sistema imunológico, este grande atleta que nos protege há dezenas de milhares de anos, não tem mais como se exercitar, por conta das vacinas, dos antibióticos, do excesso de remédios que ingerimos todos os dias. Então, para falar de forma grosseira, já que não existe obviamente consciência alguma, ele criou as alergias apenas para arrumar trabalho e preservar sua eficácia, no caso de um eventual ataque viral desconhecido...

Ela apontou para uma curva demográfica que mostrava o crescimento da população ao longo do tempo. Em poucos séculos, passávamos de milhares de pessoas a vários bilhões. Um verdadeiro vírus humano parecia se espalhar sobre o planeta. Sharko sentiu um calafrio.

— Segundo ponto notável, que não deve ser esquecido: cada ser humano vivo, hoje em dia, é um produto puro da Evolução. Você é um ser incrivelmente adaptado ao seu meio ambiente, assim como eu, e como um africano em sua remota aldeia, apesar das condições rudimentares nas quais ele vive.

— Na verdade, não tenho a impressão de ser tão bem-adaptado assim.

— Mas você é, posso garantir. Se hoje está vivo é porque nenhum de seus ancestrais morreu antes de se reproduzir, e isso desde o início dos tempos. Mais de vinte mil gerações, comissário, que plantaram uma pequenina semente para chegar até você.

Sharko observou aquela explosão de formas, tamanhos e cores. Cercado por essa potência intrínseca da mãe natureza, ele só podia ser humilde e respeitoso. Aos poucos, o policial percebia os dilemas aos quais se confrontavam alguns biólogos, entendendo agora suas obsessões: compreender o porquê e o como da vida, como ele fazia, tentando escavar a mente de seus assassinos.

À vontade em um assunto que ela dominava, Jaspas prosseguiu:

— Seus ancestrais atravessaram guerras, fome, catástrofes naturais, peste, pragas, foram bem-sucedidos em gerar bebês, que cresceram e que, por sua vez, propagaram esses genes extraordinários, encapsulados dentro de células tão pequenas, até chegarem a você. Mas você se dá conta do combate invisível de nossas gerações passadas para que, hoje, você e eu possamos conversar? E é o caso de cada um dos sete bilhões de homens que povoam nosso planeta. Seres incrivelmente adaptados...

Suas palavras soavam de uma maneira peculiar naquele local. O policial se sentiu perturbado, comovido. Ele pensava em sua filhinha, Éloïse, morta, atropelada por um carro. Seu sangue, seus genes, esses milhões de anos de esforço de seus ancestrais para chegar a um fim brusco de sua linhagem. Ele morreria sem deixar ninguém atrás de si, sem prolongar o curso de seu próprio rio. Seria ele um fracasso? Um ser mal adaptado, o resultado de uma exaustão, que a natureza, o acaso, a coincidência tinham achado

melhor jogar no lixo?

Sem muita motivação, ele tentou se agarrar às palavras da primatologista, à sua investigação. Somente o gosto do sangue e o cheiro da caçada conseguiam ainda apaziguá-lo e lhe fazer se esquecer do resto.

— Aonde você quer chegar?

— À tese de Éva Louts. Se os canhotos existem, há uma razão para isso, como no caso das mariposas brancas e negras. E ela descobriu essa razão. O que a levou a essa pista estava o tempo todo, desde o princípio, em uma foto colada na parede de seu quarto. Exatamente no esporte que ela praticava com tanta dedicação: a esgrima. A evidência frequentemente se oculta sob nossos olhos.

O comissário pensou na moldura que tinha retirado da parede, durante sua revista à casa da estudante. Duas panteras armadas, se desafiando a golpes de floretes. Duas canhotas... Jasar começou a andar outra vez, em direção à seção do Ártico. Animais de peles brancas, a fim de passarem despercebidos e se protegerem do frio, mamíferos dotados de uma espessa camada de gordura... Exemplos flagrantes de adaptação ao meio ambiente.

— Éva Louts elaborou estatísticas muito precisas. As referências, as fontes de informação, as datas de redação se encontram na tese. Nos esportes mais interativos, em que o confronto pode ser considerado como uma forma de combate, a frequência de canhotos é de quase cinquenta por cento. Seja o boxe, a esgrima, o judô. Quanto mais os adversários ficam afastados um do outro, mais essa proporção diminui. Ela continua significativa no pingue-pongue, por exemplo, mas cai para níveis normais no tênis e em esportes coletivos, nos quais essa noção de interatividade é reduzida.

Jasar abriu a tese. Ela folheou algumas páginas, revelando as fotos das impressões das mãos pintadas nas grutas.

— Com essas constatações, Éva tentou traçar a lateralidade através dos tempos. Ela descobriu que a maior parte das pinturas rupestres, datando do paleolítico ou do neolítico, foi feita por canhotos. As impressões em negativo, feitas à base de pigmentos soprados pela boca, são de mãos esquerdas em cento e setenta e nove casos, contra duzentos e um para as mãos direitas. Ou seja, quase quarenta por cento. O que nos leva a crer que, em tempos remotos, na época dos primeiros homens, havia muito mais canhotos do que hoje em dia, e que, no decorrer dos séculos, a Evolução tendeu a fazê-los desaparecer, como aconteceu com as mariposas negras.

Ela continuou a folhear a tese. Surgiram algumas fotografias.

— Éva visitou museus, centros de arquivos e conseguiu uma porção de cópias de documentos de épocas longínquas, interessando-se pelo reinado dos godos, vikings e mongóis. Povos conhecidos por sua violência sanguinária... Vêja as fotos das ferramentas que usavam na época, suas armas. Éva Louts se concentrou em suas formas, o sentido de rotação das brocas, as marcas de uso relacionadas aos dentes sobre as colheres de madeira, que são diferentes, conforme a maneira como se leva a colher à boca com a mão esquerda ou com a mão direita...

Ela apontou com o dedo os vestígios característicos.

— Examinando essas coleções, Éva pôde estimar a proporção de canhotos nesses povos violentos, chegando à conclusão de que esta era muito mais importante que em outros povos da mesma época. Ela realizou um trabalho titânico, que exigia uma grande quantidade de documentação, escavações, encontros e, sobretudo, inteligência. Quem poderia ver algo assim e procurar nessas direções? Éva não devia dormir muito, e eu entendo o rompimento com seu orientador. Ela estava trabalhando sobre algo impressionante, uma grande descoberta para a biologia evolutiva.

Sharko estendeu as mãos e Jaspas lhe entregou algumas fotocópias. Ele observou os esquemas, os números, as fotos. À medida que virava as páginas, Jaspas comentava.

— Aqui, outra grande rubrica, igualmente interessante, que mostra a evolução do trabalho de Éva até nossa sociedade contemporânea. Para chegar a novas conclusões, ela se baseou nos índices de homicídios dos últimos cinquenta anos de Ciudad Juárez, no México, considerada uma das mais violentas zonas urbanas do mundo. Por sinal, eu não saberia dizer como ela obteve essas informações, mas parecem vir diretamente dos arquivos da polícia mexicana.

Sharko passou a mão pela boca. Uma parte do mistério se esclarecia, a viagem ao México provavelmente estava explicada.

— Ela esteve lá por uma semana, antes de chegar ao seu centro de pesquisas, em meados de julho — disse ele. — Nós encontramos as reservas dos voos.

Jaspas pareceu surpresa por alguns segundos.

— Mas... ir tão longe, para obter informações. Era notável essa moça.

— E o que ela procurava nesses arquivos? Canhotos, também?

— Exatamente. Ela queria saber qual era a proporção de canhotos entre esses criminosos extremamente violentos, vivendo em ambiente da mesma forma violento. Se haveria tantos quanto nos tempos dos bárbaros... Se as estatísticas eram diferentes das fornecidas em nossas civilizações contemporâneas, globalmente, de um coto para cada dez destros...

Sharko observou páginas e páginas de dados com um olhar intrigado e interrompeu Jaspas, antes que ela prosseguisse com suas explicações.

— Esses atletas, homens pré-históricos, bárbaros... Há uma grande proporção de canhotos em relação à média. E daí? Você me falou de violência. Onde e como ela interfere em tudo isso?

Eles avançaram, passando à seção dedicada à Evolução propriamente dita. Atrás de uma estante envidraçada, uma ampla biblioteca incluía as obras de Lamarck, Joffrin e Darwin. Deste último, o livro *A origem das espécies* encontrava-se aberto. O papel estava amarelado, a escritura, magnífica. Jaspas parecia extasiada diante daquela obra. Ela acariciou o vidro e, depois, voltou-se para seu interlocutor.

— Éva descobriu que nas sociedades violentas, em que predomina o combate, ser coto representa uma enorme vantagem para a sobrevivência.

Jaspas deu tempo a Sharko para digerir aquela informação, antes de continuar.

— Segundo seus relatos, se os canhotos existem é porque são melhores lutadores. Eles se beneficiam de uma vantagem estratégica durante os combates, o efeito surpresa. Durante um confronto, o canhoto é favorecido por ter o hábito de enfrentar um destro, ao passo que o destro fica desorientado diante de alguém que prefere usar a mão ou o pé esquerdo. Ele não vê o golpe vindo. É por serem menos numerosos, menos conhecidos, que os canhotos levam vantagem.

Ela mostrou o desenho de dois homens se enfrentando com espadas nas mãos.

— Veja aqui, por exemplo. Trata-se de uma reprografia que data da Idade Média. Quando o duque de Richelieu, à véspera de um duelo no século XVIII, evoca uma das pessoas que terá de enfrentar, ele fica inquieto: “Diabo, o primeiro é canhoto, tenho poucas chances.”

Ela virou as páginas e, depois, apontou para a reprodução de um rosto agressivo de um viking.

— Se os canhotos dominam seus adversários, então eles têm mais chances de subir na hierarquia, conquistar mulheres, se reproduzir e assim propagar seus genes. Deste modo, a Evolução vai favorecer essa assimetria e acabar transmitindo o caráter “canhoto” por meio dos genes.

— No DNA, você quer dizer?

— Exato. Pode parecer simplório, mas é de fato assim que a natureza funciona: tudo o que é favorável à propagação dos genes é selecionado, transmitido, ao passo que o restante é eliminado. Evidentemente, isso não se dá em poucos anos; com frequência, a maturidade dos séculos faz-se necessária para que a informação se inscreva no DNA.

Sharko tentava sintetizar.

— Então, de acordo com o que disse, quanto mais a comunidade for violenta, maior é a quantidade de canhotos que a compõe?

— Na verdade, é o fenômeno evolutivo que Éva destaca. O caráter “canhoto” se propaga pelo DNA nas sociedades violentas, e se apaga progressivamente nas outras, dando lugar aos destros.

— Eu conheço alguns canhotos. Não são nada esportistas e nem um pouco violentos. Ora, se a natureza tende a suprimir tudo o que é inútil, por que eles não são destros, como todo mundo?

— Por causa da memória genética. Seus ancestrais remotos tinham certamente alguma vantagem por serem canhotos. Combatiam sem o recurso de armas, eram cavaleiros, agressivos... O caráter canhoto continua se propagando pelos genes, mas em nossas sociedades modernas vai se esgotando a cada geração, porque não representa mais uma vantagem para a sobrevivência. Nossa cultura contemporânea acabará por eliminá-lo, como acabou eliminando as mariposas brancas...

Ela olhou para a tese.

— É por essa razão que, entre os criminosos violentos da cidade mexicana, Éva não encontrou mais canhotos do que em outras. É muito provável que ela tenha ficado extremamente decepcionada ao fazer essa constatação, mas, afinal de contas, é lógico:

não há a menor dúvida de que, em nosso mundo atual, em que basta apertar um botão ou o gatilho de um revólver para matar, ser canhoto não serve para nada, visto que não existe mais essa noção de interatividade, de luta corporal. Consequentemente, o reservatório genético de canhotos vai acabar se exaurindo. Um dia, não haverá mais canhotos nas sociedades modernas, pouco importando seu nível de violência.

Sharko se deu um tempo para assimilar as informações, aquilo tudo parecia de uma lógica implacável e particularmente emocionante. A cultura modificava o meio ambiente, do qual derivava a seleção dos mais adaptados... Ele retomou suas perguntas:

— Uma semana depois do México, Éva Louts foi até Manaus, capital do estado do Amazonas, no Brasil. Será que há alguma alusão a isso em sua tese?

Jaspar arregalou os olhos.

— Ao Brasil? Não, não... Nada que sugira uma viagem até lá. Não há qualquer estatística, qualquer dado. Manaus é também uma cidade violenta?

— Não mais do que qualquer outra, aparentemente. De todo modo, depois de seu revés parcial no México, Éva pareceu continuar fazendo pesquisas bastante precisas. E por acaso, esta tese fala também de estudos sobre os prisioneiros franceses? Sobre um sujeito chamado Grégory Carnot, por exemplo?

— Não. Nada há nada sobre isso.

Sharko empilhou as páginas, cético. Nada sobre a viagem ao Brasil, nada sobre Grégory Carnot, nem sobre as visitas aos presídios. Desde a viagem a Manaus, Éva se afastara claramente do foco de sua tese. O comissário tentou cavar uma pista.

— Ela visitou alguns presídios durante o dia, quando deveria estar trabalhando no Centro. É por isso que começava às cinco da tarde, não queria que ficassem sabendo de suas visitas aos estabelecimentos carcerários. Ela interrogou detentos, tirou fotos... De acordo com o que leu e do que tem conhecimento, por que Éva teria ido visitar prisioneiros canhotos e jovens, todos eles, culpados por assassinatos violentos?

Ela refletiu por alguns segundos.

— Humm... Essa abordagem parece bem distinta da que adotou no México. Ela não procurava um canhoto por trás de um crime. Mas um crime por trás de um canhoto. Ela talvez trabalhasse com a hipótese de que a lateralidade e a violência estariam ligadas no caso de indivíduos isolados e vivendo em um local civilizado... Esses canhotos violentos teriam entre si algo em comum? Teriam uma razão de existir, perdidos no meio dos destros? É a única pista que consigo ver, lamento.

O que não esclarece muita coisa, pensou Sharko. Ele percebeu Levallois vindo do andar de baixo, subindo os degraus dois a dois. Fez então uma última pergunta à cientista:

— Mais alguma coisa nessa tese que eu deva saber?

— Acho que não, mas você pode lê-la para sua investigação ou seu enriquecimento cultural. Excluindo algumas fórmulas matemáticas e alguns dados complicados, a maior parte do conteúdo é acessível. Éva escreveu um estudo incrivelmente aprofundado e preciso. Um trabalho que, sem dúvida alguma, teria entusiasmado o meio acadêmico e científico. E que poderá ainda fazê-lo, se um dia vier a ser publicado.

O jovem inspetor recuperou o fôlego no último degrau. Ele viu Sharko e lhe fez um sinal, antes de notar um grande cartaz, explicando como funcionavam os vírus. O comissário de polícia agradeceu à primatologista.

— Peço que não fale sobre esse assunto com ninguém, é claro, enquanto durar a investigação.

— Pode contar comigo. Vou dar mais uma volta pela galeria. Mantenha-me informada sobre o caso. Pode me telefonar quando quiser, mesmo à noite, durmo muito pouco. Eu gostaria realmente de entender e ajudar vocês, na medida do possível.

— Farei isso.

Ela deu um sorriso tímido, apertou sua mão e se afastou. Sharko seguiu-a com o olhar por alguns instantes, antes de se dirigir ao parceiro.

— Então, e o fóssil?

— Ele não vem de lá, pela pura e simples razão de que não há fóssis de chimpanzé dessa idade aqui na zooteca.

— Então, nenhum resultado.

— Ao contrário, temos uma ótima pista. O diretor me disse que há uma semana está havendo uma exposição sobre mineralogia e fóssis na galeria Drouot, e que termina amanhã. Na quinta-feira passada, foi feito um leilão de esqueletos de mamíferos datando de vários milhares de anos. Provavelmente havia macacos no lote. Tenho o nome do leiloeiro. Ele vai estar lá hoje à noite, na avenida Montaigne, às nove horas, para efetuar outra venda.

— Podemos falar com ele agora?

— Telefonei para o local do evento, mas foi em vão. Ele costuma chegar apenas meia hora antes.

Sharko se dirigiu à escada.

— Bem, já sabemos qual é nosso programa para esta noite.

— Só que... Eu havia marcado outro compromisso.

— Você já foi ao cinema esta semana. Também não dá para abusar.

Levallois encarou com humor o comentário, depois voltou a ficar sério.

— E você, descobriu alguma coisa?

— Podemos dizer que sim. Eu explico quando chegar ao 36.

Quando saíram, a temperatura tinha subido. Sharko enfiou a tese na mão do parceiro.

— Coloque isso em minha mesa. Mais tarde vou dar uma olhada.

Ele seguiu pela esquerda, na direção dos grandes jardins.

— A scooter está do outro lado, Franck.

Sharko se virou para ele.

— Eu sei, mas vou a pé, quero passar no barbeiro. Além disso, acho que agora entendi melhor essa história de Evolução. Se nós temos pernas, provavelmente é para andar com elas. Se só andarmos de carro ou em outros meios de transporte, é óbvio

que elas vão acabar desaparecendo.

[L]ucie estava de volta à estrada logo depois do almoço. O simpático italiano, proprietário do Dix Marmottes, preparara um esplêndido risoto de *crozets* que iria, sem dúvida, segurar sua fome até a noite. Ela não se arrependia de estar sentada ao volante há tantas horas. A descida da geleira tinha sido dolorosa, com uma terrível câmbra na panturrilha que a deixara imobilizada no gelo por uns bons cinco minutos. Mas sua excursão até lá em cima havia valido a pena. Lucie estava na pista de *alguma coisa*, uma bizarrice pré-histórica que acendia dentro dela uma porção de luzinhas pisca-pisca.

Ao longo do trajeto, os relevos se sobrepuseram, os desfiladeiros se alargaram, até que os Alpes ficassem para trás. Agora eram os vales, os campos inclinados, os rios vigorosos. Naquele fim de tarde, Lyon surgiu como uma rocha negra sobre um lago de brasas: uma cidade borbulhante, vibrante. Os trabalhadores voltavam para casa, engarrafando a avenida periférica de maneira irracional. Uma vida regulada milimetricamente, na qual cada um, assim que chegasse em casa, concederia algumas horas à esposa, às crianças, à internet, antes de ir dormir, a cabeça cheia com os problemas do dia seguinte. Lucie armou-se de paciência e aproveitou para telefonar para a mãe. Sabia que Juliette estava na aula de música, a menina aprendia o solfejo há dois anos. Pediu que Marie desse um beijo na filha e lhe dissesse que a mãe a amava muito. Ela cuidava bem de Klark? Deu algumas notícias, explicando simplesmente que estava *resolvendo um antigo problema*, e então desligou. Ainda levou meia hora para escapar do congestionamento e entrar no sétimo *arrondissement* da cidade.

Quando estava se aproximando de seu destino, ela verificou que tinha recebido uma nova mensagem no celular. Sharko de novo, pedindo notícias. Aquela devia ser a quarta mensagem. Um pouco exasperada, ela respondeu rapidamente que estava tudo bem e que continuava suas pesquisas, sem dar muitos detalhes.

Lucie ultrapassou o famoso estádio Gerland, onde já se reuniam torcedores de todos os tipos com bandeiras do Olympique Lyonnais. Ela se deu conta de que era quarta-feira, e que se tratava provavelmente de uma partida da primeira divisão. Logo, as ruas e os bares seriam tomados pela multidão. Conseguiu uma vaga apertada na rua Curien, perto da Escola Normal Superior. À sua esquerda, pôde ver o rio Saône que se unia ao Ródano para formar a península. O local estava cheio de estudantes, no coração de construções modernas: arquitetura elusiva, vidros fumês, linhas claras. Ao contrário de Lille, plana e avermelhada por suas construções em tijolos, Lyon oferecia uma impressão de caos domesticado, tanto por seus relevos quanto pelas cores vivas.

Durante o percurso, Lucie conseguira entrar em contato com a secretária do Instituto de Genômica Funcional e marcar, usando de suas prerrogativas policiais, um horário com Arnaud Fécamp, um dos pesquisadores da unidade do Centro Nacional de Pesquisa Científica, que fora quem recebera os homens de gelo. O cientista trabalhava com a plataforma Palgène, única na Europa, especializada na análise de DNA fóssil. Por

telefone, ele confirmara o que Lucie pensava: Éva Louts realmente estivera naquele laboratório, dez dias antes.

Ela chegou à esplanada René Descartes e entrou no prédio, um impressionante bloco de concreto e vidro de quatro andares, acomodando todos os tipos de especialidades científicas relacionadas aos seres vivos: biologia, filogenia molecular, desenvolvimento pós-natal... À extrema direita do saguão, duas grossas espirais, uma azul e outra vermelha, se erguiam por vários metros: o símbolo representava a estrutura de dupla hélice do DNA. Lucie se recordava vagamente das aulas de biologia no último ano da escola, em especial os nomes dos quatro tipos de “bases” daquela gigantesca escala helicoidal, formadas pelas letras G, A, T, C: guanina, adenina, timina, citosina. Quatro bases nitrogenadas, comuns a todos os seres vivos, e cujas combinações, formando, entre outros, os genes e os cromossomos, transmitiam os olhos azuis, o sexo feminino ou as doenças genéticas. Lucie leu a inscrição na base daquela estranha estrutura: *O DNA se oculta há milhões de anos dentro de nossas células. Nós estamos conseguindo decifrá-lo.*

Tudo estava limpo, imaculado, perfeito: Lucie teve a impressão de evoluir em meio a um ambiente de ficção científica, no qual os funcionários seriam todos robôs. Arnaud Fécamp, felizmente, nada tinha de uma criatura feita de parafusos. Podia-se mesmo dizer que abundava em carne. Apertado em seu jaleco, ele era mais baixo do que Lucie e tinha os cabelos extremamente curtos, de um ruivo flamejante. O rosto arredondado, liso, apesar das rugas proeminentes na testa. As mãos cheias, salpicadas de sardas. Difícil dizer sua idade, mas Lucie estimou que tivesse mais de quarenta anos.

— Amélie Courtois?

— Sim.

Ele lhe estendeu a mão.

— Minha chefe está em reunião. Eu atenderei você. Se entendi bem, a investigação é sobre aquela estudante que recebemos aqui faz pouco tempo?

Dentro do elevador supermoderno — com uma voz feminina que informava os andares —, Lucie lhe explicou a razão exata de sua visita: o assassinato de Éva Louts, a visita à geleira e a passagem da moça por Lyon alguns dias antes... Fécamp pareceu surpreso. Suas enormes bochechas vermelhas estremeciam por conta das vibrações do elevador.

— Espero sinceramente que encontrem o assassino. Eu não conhecia essa estudante, mas não se pode fazer uma coisa dessas.

— Nós também esperamos encontrá-lo.

— Eu costumo assistir aos seriados da televisão. Antigos episódios de Maigret e companhia. Se o pessoal do 36 está metido nisso, a coisa deve ser bem séria.

— É bem séria.

Lucie permanecia voluntariamente evasiva, processual. Ela não queria revelar demais sobre o inquérito e, de toda maneira, dispunha de pouquíssimos elementos e de um bom motivo: nesse momento, ela não era mais policial do que ele.

— Fale-me de Éva Louts.

— Como vários pesquisadores ou estudantes envolvidos com a evolução da vida, ela veio aqui simplesmente para ver os famosos homens de gelo, tirar algumas fotos e fazer anotações.

— Você sabe com que objetivo?

— Pesquisas sobre o homem de Neandertal, eu acho. Algo clássico. Tenho a impressão de que, infelizmente, não há mais nada a dizer.

Mais uma vez, Éva usara o pretexto de estar pesquisando o homem de Neandertal, talvez para esconder a verdadeira motivação de sua visita. Uma moça prudente, avaliou Lucie, que sabia como não chamar a atenção. A porta se abriu para um longo corredor com chão de linóleo azulado. Odores vagos de produtos de limpeza pairavam no ar.

— Nós podemos ir até o escritório de minha chefe, se quiser. Ficaremos mais à vontade para conversar.

— Seria uma pena estar aqui e não dar uma olhada nos homens de gelo. Estou realmente curiosa para saber como são esses seres que podem ser considerados nossos ancestrais.

Fécamp pensou por um momento, antes de lhe sorrir brevemente. Seus dentes eram brancos e grandes.

— É, tem razão, por que não aproveitar? Não é todo dia que a gente depara com seres de trinta mil anos.

Eles entraram em um vestiário onde estavam empilhados dezenas de trajes embalados. O pesquisador entregou um deles a Lucie.

— Vista isso, deve ser do seu tamanho. Vamos entrar em um espaço retangular branco e envidraçado com mais de cem metros quadrados, onde o ar é filtrado cinco vezes, a temperatura é sempre mantida a vinte e dois graus, e cujas salas são desinfetadas várias vezes por dia.

Lucie assentiu. Para impressionar e fazer seu papel de policial, ela retirou a pistola sob o casaco.

— Posso levá-la comigo? Ou há um detector de metal ou algo parecido?

Fécamp engoliu em seco, fixando a arma automática.

— Pode, é claro. Está carregada?

— O que você acha?

Lucie enfiou a pequena semiautomática no bolso de trás da calça jeans, e também o celular.

— O equipamento dos policiais — suspirou Fécamp — Revólver e celular. Eu detesto os telefones celulares. Se continuarmos nos precipitando à natureza e mudando nossos comportamentos por causa desses malditos aparelhos, é a gente que vai acabar pagando a conta.

O tipo de sujeito que gosta de distribuir lições de vida, pensou Lucie. Sem responder, ela vestiu a blusa, a calça e calçou os sapatos de papel, luvas de látex, máscara e touca cirúrgicas.

— Em que consiste exatamente a paleogenética?

Fêcamp parecia vestir seu traje com certo enfado. Gestos precisos, milimetrados, algo que devia repetir todos os dias.

— Nós analisamos os genomas da biodiversidade do passado, ou seja, a cartografia dos genes resultante do DNA antigo proveniente dos fósseis que, por vezes, datam de centenas de milhares de anos. Graças às partes orgânicas dos ossos, dos dentes, que resistem aos séculos, podemos voltar no tempo e entender a origem da diferença das espécies, seus vínculos de filiação. Um exemplo concreto? Graças à paleogenética, sabemos agora que, há mais de três mil anos, Tutancâmon morreu de malária associada a uma enfermidade ósea. Seu DNA nos revelou que ele não é filho de Nefertiti, mas da irmã de Akhenaton, seu pai. Tutancâmon é pura e simplesmente fruto de um incesto.

— Isso agradaria a certas revistas de fofoca. E com todas essas técnicas, vocês não estão longe de resuscitar dinossauros, pelo que entendi? Basta recuperar esse famoso DNA nas ossadas ou nas cascas de ovos fossilizados; depois é só clonar e pronto!

— Isso ainda está a anos-luz de nós, porque o DNA fóssil se encontra com frequência em péssimo estado e disponível em pouquíssima quantidade. O que fazer com um quebra-cabeça de mil peças, quando nos faltam novecentos e noventa? É preciso realmente descobrir o caminho das pedras para chegarmos a uma nova descoberta. Entretanto, esses homens de gelo foram realmente um presente, pois estão em excelente estado, bem melhor que as múmias egípcias ou o Ötzi, o célebre *sapiens sapiens* encontrado no meio do gelo, na proximidade das Dolomitas italianas, em 1991. O fato de a caverna ter ficado totalmente obstruída e, em parte, privada de oxigênio, impediu a proliferação de bactérias e conservou as múmias ao abrigo de intempéries e variações climáticas. O DNA é uma molécula estável, mas não é eterna. Sua degradação começa no momento em que o indivíduo morre. A molécula se fragmenta e as sequências genéticas são aos poucos apagadas.

— Os famosos G, A, T, C.

— Exato. As pontes da escala se desfazem. Por exemplo, a sequência T G A A C A, situada na haste do DNA, pode logo se tornar T G G A C A, por causa das alterações, e isso falsifica o código genético e, portanto, sua interpretação. Exatamente como as palavras de um idioma, que mudam completamente de sentido, quando uma letra difere. “Bola” e “bala”, por exemplo. Em condições menos favoráveis, uma dezena de milhares de anos pode bastar para se conseguir a derradeira molécula de DNA. Mas, neste caso, foram superadas todas as expectativas. A excelente qualidade dessas múmias nos permitiu obter o DNA nuclear da melhor qualidade e, assim, estabelecer a quase totalidade de seu genoma.

Após terem se vestido com as roupas azuis, eles entraram no laboratório, cujo acesso lembrava o de uma câmara de descompressão de submarino.

— Você vai sentir uma pequena sensação desagradável nos ouvidos. O ar é altamente pressurizado dentro do laboratório, a fim de evitar que qualquer forma de

DNA contaminante possa entrar. Não pode haver nada mais terrível do que estudar durante semanas um DNA que, no fim das contas, é o nosso! Por isso, também, os trajes esterilizados. Ainda quer ir em frente?

— Claro que sim.

Depois de o pesquisador validar sua identificação em um detector eletrônico, eles entraram. Lucie sentiu dor nos ouvidos, depois um som agudo, como o de um trem passando por um túnel. Quatro assistentes de laboratório, curvados sobre potentes microscópios, enchiam pipetas ou acionavam sequenciadores de DNA, e não prestaram a menor atenção nos visitantes, concentrados demais em seus trabalhos de investigadores do impossível. Sobre a bancada, embalados em sacos plásticos, se espalhavam todo tipo de objetos etiquetados: um canino de urso das cavernas, um bálsamo galo-romano, excrementos de pássaros-elefante de Madagascar da Antiguidade. Diante de um congelador envidraçado, Lucie parou bruscamente ao lado de um...

— ...bebê mamute?

— Muito bem. É Lyuba. Ela foi encontrada no subterrâneo permanentemente gelado da Sibéria por um criador de renas. Ela tem quarenta e dois mil anos.

— Parece que morreu ontem.

— Seu estado de conservação é extraordinário.

Lucie ficou boquiaberta diante daquele animal que só conhecia dos desenhos nos livros. Aquele local era a caverna de Ali Babá do passado. Eles avançaram mais um pouco. Arnaud Fécamp proseguiu com suas explicações sobre o DNA:

— Em geral, esmagamos os ossos, os dentes ou os tecidos até obter um pó, que colocamos na incubadora durante muitas horas em um bloco absorvente que facilita a degradação de materiais indesejáveis, como o calcário ou vários tipos de proteínas parasitas. O DNA puro fica retido então dentro do absorvente. Como, em geral, ele se parte em fragmentos muito pequenos para serem analisados por nossos equipamentos, nós “fotocopiados” esses fragmentos em milhares de exemplares, graças a uma técnica de amplificação chamada PCR, para poder manipulá-los com mais facilidade.

— Eu já assisti a algo assim em um laboratório de polícia técnica. Parece simples.

— Mas, na verdade, é extremamente complexo. Somos um dos laboratórios mais avançados nessa área.

— Você critica os telefones celulares e, no entanto, recorre às tecnologias mais desenvolvidas. Não é muito ecologicamente correto isso...

Ele pareceu sorrir sob sua máscara, depois se dirigiu até uma grande porta metálica.

— As espécies vivas são o resultado de três milhões e meio de anos de pesquisa e desenvolvimento feitos pela Mãe Natureza, ou seja, uma longa evolução que eliminou o que era imperfeito e aperfeiçoou o que funcionava. O genoma atravessou eras, ele é o patrimônio coletivo da humanidade que temos a obrigação de legar à posteridade. O telefone celular não passa de uma engenhoca efêmera.

Ele abriu a porta.

Lucie sentiu uma golfada de ar gelado no rosto.

Uma câmara resfriada.

Uma vez em seu interior, ela arregalou os olhos e fez uma pausa, com uma curiosa sensação na barriga. Jamais poderia imaginar um caso de mumificação por um frio tão espetacular. Completamente nus, embalados em películas plásticas transparentes, os três membros da família Neandertal estavam estendidos, um ao lado do outro, ligeiramente contorcidos. A criatura menor se achava entre o macho e a fêmea. Atrás de suas órbitas vazias, com seus maxilares murchos, descarnados, ela parecia berrar. O mais impressionante era sua arcada supraciliar proeminente, seu crânio abaulado para trás, como um coque, o focinho proeminente. As estruturas ósseas maciças com os membros curtos, um corpo atarracado, sólido. Os dentes traziam marcas evidentes de desgaste, aliás, alguns pareciam rachados e escurecidos. Lucie se aproximou ainda mais, dominada por arrepios, e se inclinou para a frente. Seus olhos se apertaram. Sobre as barrigas mortas e secas, ela observou grandes entalhes, profundos, como bocas furiosas. A criança tampouco fora poupada.

— Parecem lacerações? — perguntou ela, por detrás de sua máscara.

O cientista apontou o queixo para outra mesa, à esquerda de Lucie.

— Exato. Foi com aquela ferramenta que o Cro-Magnon os massacróu.

Lucie sentiu os músculos ficando tensos e a adrenalina açoitando o sangue.

Um massacre.

Aquela família fora vítima de um massacre. Isso parecia evidente agora. Os golpes haviam sido numerosos demais, violentos demais. As chagas pareciam urrar sob a pele desidratada. Lucie precisou admitir: estava diante de um dos mais antigos crimes da humanidade. Uma violência que brotava dos tempos mais remotos, que atravessara milênios sem nunca se embotar.

Arnaud Fécamp lhe mostrou a arma do crime, que Lucie examinou com atenção. Não era mais longa do que um antebraço, e extremamente afiada.

— Trata-se de um arpéu feito de chifre de rena, com farpas que se agarravam e rasgavam os intestinos. É de uma solidez a toda prova, capaz de perfurar camadas de couro ou de gordura. Quanto à sua eficácia, você pode imaginar... Terrível.

Lucie observou a arma talhada com sutileza, que parecia ter sido elaborada com o único objetivo de matar com violência. Teria sido essa a razão da visita de Éva Louts àquele lugar e aos criminosos nos presídios? Aquela manifestação da violência ao longo do tempo? No entanto, *a priori*, a estudante não investigava os assassinos em série, nem os criminosos, nem a violência. Era apenas um estudo sobre a lateralidade, havia afirmado Sharko.

Perturbada por aquela crueldade ancestral, Lucie deu meia-volta.

— Onde está o Cro-Magnon?

Arnaud Fécamp recuou e afastou a máscara. Uma névoa escapava de sua boca a cada expiração. Ele deu um longo suspiro, como se se recusasse a revelar um segredo.

— Foi roubado.

— O quê?

— Furtado, desaparecido assim como todos os resultados de sequenciamento de seu genoma. Não nos sobrou nada. Nenhum dado. Foi uma catástrofe, porque, pela primeira vez, nós possuíamos uma sequência quase completa de genes de nossos ancestrais com mais de trinta mil anos, *Homo sapiens sapiens*. Uma sequência das bases A, T, G, C que bastava ser lida para que os genes fossem relacionados.

Lucie cruzou os braços, sentindo muito frio. Quanto mais avançava nas descobertas, mais denso tornava-se o mistério. Várias perguntas lhe vinham à boca.

— Por que você não disse nada antes?

— Evitamos divulgar demais a informação. Foi muita sorte nossa que a múmia não tenha se interessado por essa história. Não queríamos que isso acontecesse. Aliás, contamos com sua discrição.

— E como o ladrão entrou aqui?

— Com minha identificação.

Fécamp removeu sua touca, afastou alguns cabelos ruivos e mostrou a cabeça. Lucie notou vestígios de uma cicatriz.

— Fui agredido uma noite, ao voltar para casa, por dois sujeitos mascarados. Eles me obrigaram a voltar aqui para lhes dar acesso a todas as amostras de *sapiens*. Carregaram tudo: os discos rígidos, os arquivos de segurança, os impressos e até mesmo a múmia. Depois do roubo, eles me deixaram inconsciente.

— O instituto não tem seguranças?

— Há câmeras e sistemas de alarme. As câmeras funcionam o tempo todo, mas certos sistemas de alarme são desativados com a identificação, a fim de permitir livre acesso até o laboratório, pois é comum trabalharmos à noite. Os ladrões aparecem nas gravações, mas, além de duas cabeças cobertas por toucas ninjas, não se vê mais nada.

— Quando foi isso?

Arnaud Fécamp recolocou sua touca.

— Mais ou menos seis meses após a descoberta na caverna. A polícia veio até aqui e tudo foi registrado.

— Alguma pista?

— Nenhuma. O dossiê está dormindo no armário.

Lucie voltou até os homens de Neandertal. Suas órbitas vazias pareciam encará-la. A criança tinha mãos tão pequenas... Devia ter uns sete, oito anos? Parecia uma criatura de cera, medonha, desfigurada pelas mordidas do tempo. Mas, como sua filha, Clara, ela havia sido massacrada. Lucie voltou a pensar no que dissera o guia das montanhas sobre a teoria de Éva Louts: o genocídio dos homens de Neandertal pelos Cro-Magnon. Ela agora estava diante de um exemplo flagrante desse massacre, que parecia totalmente irracional.

— Por que os ladrões não roubaram esses três?

— Talvez porque eles não sejam os ancestrais do homem moderno. Não têm relação direta com nossa espécie, portanto, o genoma deles é muito menos interessante.

Isso que estou dizendo é apenas uma suposição. Ignoro completamente a verdadeira razão.

— Éva Louts sabia desse roubo, antes de vir para cá?

— Não. Ela ficou tão surpresa quanto você.

Lucie começou a caminhar de um lado para outro, esfregando os ombros para se aquecer.

— Desculpe se eu ainda não entendi todas as sutilezas, mas... qual é o interesse em roubar o genoma de Cro-Magnon?

— É imenso, no que diz respeito à compreensão dos segredos da vida e da evolução do *Homo sapiens sapiens*, nossa espécie.

Ele se aproximou das múmias e as observou com estranha ternura.

— Você consegue se dar conta? Nós possuíamos o DNA de nosso ancestral. Centenas de milhares de sequências genéticas que guardam o segredo da vida pré-histórica. O DNA é a cartografia fóssil da Evolução, como a caixa preta de um avião, se preferir. Que genes possuía o Cro-Magnon que nós não possuímos? Quais sofreram mutações durante esses milhares de anos, quais permaneceram intactos? Qual era a função deles? Será que a múmia possuía agentes infecciosos, conhecidos ou não, capazes de fornecer um resumo do nível de saúde da época, por exemplo? Agentes infecciosos que fossem capazes de nos levar a descobrir antigos vírus, também eles fossilizados dentro do DNA? Comparando letra por letra nosso genoma e o do Cro-Magnon, teríamos sido capazes de compreender ainda melhor as grandes estratégias da Evolução nesses últimos trinta mil anos.

Lucie não captava, por ora, todos os detalhes dessas explicações, mas podia admitir que o objetivo científico sem dúvida valia a pena. Ela preferiu falar de coisas concretas.

— Eu gostaria de me colocar por alguns minutos no lugar de Éva Louts.. Ela se encontra aqui, diante das múmias de Neandertal. Qual é sua reação? O que está buscando exatamente?

Fécamp pôs a mão sobre o plástico, percorrendo as feridas abertas.

— Era apenas uma estudante, sabe como é, aparentemente fascinada pela morbidez. Era a violência extrema da cena que lhe interessava, mais nada. Essa descoberta era uma maneira excelente de recolocar na ordem do dia uma das teorias sobre o desaparecimento do Neandertal.

— A de seu extermínio pelo Cro-Magnon. Aquela que Éva Louts sustentava.

Fécamp aquiesceu, depois olhou para o relógio.

— Isso mesmo. Mas eu não faço parte dessa corrente. O atalho me parece forçado, já que um caso particular nunca conduz a uma generalidade. Digamos que ela veio procurar um excelente material para trabalhar. Infelizmente, não tenho muito mais a revelar. Como eu disse há pouco, ela fez algumas anotações, fotos das feridas, da arma, a fim de sustentar sua tese e conseguir uma boa nota, depois foi embora. Essas pobres criaturas de Neandertal foram massacradas com uma violência desmesurada, e isso é muito triste...

— Éva fez alguma alusão aos desenhos realizados de cabeça para baixo? Ela falou com você sobre um tal de Grégory Carnot? Sobre prisioneiros? Alguma história de canhotos?

Fêcamp negou com a cabeça.

— Não que me lembre. Bem, está muito frio aqui...Vai querer tirar umas fotos também, para a investigação?

Lucie observou a família massacrada, com o olhar triste. Era bem possível que o homem, como o conjunto dos predadores, tivesse sempre carregado dentro de si instintos assassinos. Ele *surgiu* com essa triste bagagem e a transmitiu ao longo dos séculos, até as gerações atuais.

Lucie voltou a encarar seu interlocutor.

— Não, não vai ser necessário.

Ela se afastou do grupo, enquanto o pesquisador abria a porta, mas se deteve no meio do laboratório, indecisa. Não conseguia decidir abandonar aquela pista e ir embora sem respostas. Se saísse sem nada, de mãos vazias, sua investigação acabaria ali mesmo. Apesar da impaciência do pesquisador, ela virou outra vez na direção das três múmias.

—Você é um investigador de tempos remotos, passa o dia reconstituindo fatos pré-históricos. Explique-me por favor exatamente o que aconteceu naquela caverna, há trinta mil anos.

Com um suspiro, o cientista se aproximou.

— Lamento, mas eu...

Uma voz diferente se fez ouvir ao mesmo tempo. Uma voz feminina, severa:

— Eu posso explicar. Mas, antes disso, posso ver sua identificação policial?

[U]ma mulher estava em pé na entrada da câmara fria. Alta, solidamente fincada em suas pernas. Com seus óculos de armação quadrada, ela só usava máscara e luvas. Seu olhar se fixou em Arnaud Fécamp, que cruzara as mãos sobre o abdome.

— Quando recebermos visitantes aqui, o mínimo que devem fazer é me informar.

Fécamp cerrou os lábios.

— Pensei que estivesse em reunião até mais tarde...

— Você não tem que pensar nada, Arnaud.

O pesquisador ficou imóvel por alguns segundos. Uma pequena veia latejava em sua testa. *Tratado como um cão*, pensou Lucie. Ele olhou para sua interlocutora mais uma vez, os lábios ainda apertados, e em seguida se retirou. Diante da mulher alta e morena, Lucie tentou manter a segurança.

— Seu nome, por favor?

— Ludivine Tassin, responsável por este laboratório. E você, quem é?

— Amélie Courtois. Divisão de Homicídios de Paris.

Tassin acabou de baixar sua máscara. Ela esperava, as mãos sobre os quadris. Tinha o ar de uma mulher antipática e autoritária. Traços obtusos, grandes olhos castanhos, perfeitamente redondos, maçãs do rosto proeminentes, que lhe davam a aparência de um jacaré. Lucie retirou voluntariamente seu revólver do bolso, depois seu celular. Ela acionou a agenda de telefones, apertando os números com os dedos enluvados.

— Minha identificação policial ficou no hotel. Mas pode entrar em contato com o 36 Quai d'Orfèvres, se desejar. Peça para falar com o comissário Franck Sharko.

A hora da verdade. Lucie sentia seu coração bater forte no peito. A mulher imponente acabou desistindo.

— Tudo bem. Guarde a arma, por favor. O que deseja, exatamente?

Lucie expôs as razões de sua visita e, após uma troca de olhares, ela recuperou sua confiança.

— Eu gostaria realmente de saber o que aconteceu naquela gruta há trinta mil anos, porque eu acho que isso pode ter uma relação com minha investigação atual.

— Pois bem. Mas vamos sair daqui, ou acabaremos congeladas.

Ludivine pediu para Lucie acompanhá-la. Seu andar era firme, uma líder em todo seu esplendor. Arnaud Fécamp estava instalado diante de um enorme equipamento, os ombros caídos. Lucie observou-o em silêncio e pôde notar, graças ao reflexo em um vidro, que ele olhou para ela, depois que passou por sua mesa. Um olhar estranho que pôs a ex-policial em alerta.

As duas mulheres atravessaram a câmara de transição e higienização e se dirigiram até o escritório da cientista.

— Seu auxiliar de laboratório me mostrou a cicatriz que...

Lucie fez uma pausa, repentinamente intrigada. Na verdade, por que ele fizera isso?

Uma reação curiosa. Como se tivesse que provar algo. Lucie foi mais precisa:

— Ele parece ter sido bastante agredido, na noite do roubo...

— É, de fato, não tiveram pena dele.

— Foi ele quem chamou a polícia?

— Ligou do laboratório. Essa história nos causou uma perda inestimável. Nunca mais teremos a oportunidade de encontrar um espécime de Cro-Magnon tão bem conservado. Quando eu soube da notícia, foi como se tivesse perdido um braço. Você pode imaginar o efeito.

No escritório, a responsável do laboratório retirou um pacote de fotografias do armário.

— Eu fui até o local no dia da descoberta da geleira. Como somos um centro encarregado de um projeto nacional, fomos informados uma hora depois.

Ela observou as fotos que já vira centenas de vezes, depois as entregou a Lucie. Seus olhos brilhavam como os de um pirata ante um tesouro.

— Que descoberta fascinante! O Graal para qualquer pesquisador que dedica sua existência ao estudo dos seres vivos. Uma família completa de Neandertais e um *Homo sapiens*, em um estado de conservação acima de todas as esperanças. Era tão inacreditável que, no início, pensamos que se tratava de uma encenação. Mas os procedimentos de datação e diversas análises não deixaram dúvida alguma, eram autênticos. Veja...

Lucie espalhou as fotos, feitas nas primeiríssimas horas da descoberta. Um plano maior mostrava os três Neandertais de um lado, contorcidos no solo, os maxilares abertos como se gritassem. No outro lado, o Cro-Magnon repousava sentado contra a rocha, bem abaixo do afresco com os auroques. Apesar do estado ressecado dos tecidos, as diferenças morfológicas entre eles eram incontestáveis. O Cro-Magnon apresentava a testa proeminente, mas tinha o nariz longo e estreito, o rosto achatado, a arcada supracliliar reduzida: as características perfeitas do homem moderno.

— *Sapiens* e Neandertal coabitaram durante oito mil anos, e o período no qual viveram corresponde aos últimos anos de existência do Neandertal. Esses que está vendo são, de certo modo, os derradeiros representantes da espécie. Diversos elementos e análises meticulosas nos permitiram reconstituir as últimas horas desses seres...

Lucie escutava com atenção, quase incrédula. Estava a ponto de ouvir a análise da cena de um crime que ocorrera trinta mil anos antes. A polícia técnica contemporânea não poderia fazer melhor.

— Para começar, as análises do DNA fóssil provaram que estávamos realmente diante de uma família Neandertal. O pai, a mãe e o filho, cujo DNA compreendia a bagagem genética dos dois seres que o acompanhavam. O homem tinha aproximadamente trinta e três anos, o que era quase a idade limite nesse período.

— Trinta e três anos? Eles morriam muito jovens.

— E, conseqüentemente, se reproduziam bem cedo, entre quinze e vinte anos. As

características da Evolução biológica sendo a de...

— ...perpetrar os genes e garantir a sobrevivência do mais apto, se entendi bem. Precisavam absolutamente se reproduzir antes da morte.

— É verdade. Na época, porém, raros eram os que passavam dos sete anos. As condições de vida eram extremamente difíceis, cada doença, cada ferimento era fatal. Nunca a seleção natural foi tão intransigente; descobriu-se em cada membro desta família vestígios de raquitismo, artrite, abscessos dentários, inúmeras fraturas, o que, no entanto, não os impediu de sobreviver. Eles eram sólidos. A análise de fósseis de pólen encontrados em seus intestinos demonstrou que se tratava de pólen de faia. Ao combinar esse resultado com a análise de isótopos, pudemos reconstituir o local onde essa família passou grande parte de sua vida: nos Alpes do sul, na fronteira italiana. Achamos que estavam migrando, talvez por causa do imenso frio. Naquela época, as transformações climáticas reduziram muito o povoamento humano da Europa, dispersando as tribos. Essa família queria certamente alcançar uma região que se beneficiasse de um clima favorável, o norte dos Alpes, de início, e depois as planícies, se conseguisse reunir força e coragem. Tinham armas, alimentos, recipientes de água para as longas caminhadas, roupas de pele animal. Provavelmente eles se abrigaram na gruta por vários dias, como testemunham os diversos restos de fogueira, excrementos, ossadas animais. O homem aproveitou para fabricar ferramentas, caçar. Eles esperavam o fim das intempéries para retomar seu caminho... Até a chegada de um intruso.

— O Cro-Magnon.

— Exatamente. Nosso futuro homem moderno, civilizado. *Homo sapiens sapiens*...

O tom de sua voz, agora, se tingia de amargura.

— Ignoramos os motivos da presença desse ser isolado naquele local. Será que ele teria notado os passos na neve e os seguiu? Estaria ele também em migração, ou em fuga? Teria sido expulso de sua aldeia, condenado ao exílio? O fato é que ele dispunha de pouquíssimo material, ao contrário do homem de Neandertal. Apenas um itinerante. Um marginal.

O tom havia mudado. Tassin falava agora com paixão. Lucie não teve dificuldade alguma para visualizar a cena: as condições climáticas atrozes, seres curvados combatendo as investidas do vento e da neve. Caçadores que frequentemente morriam de fome ou de frio, quando as feridas e as infecções não os matavam. Um período que deve ter sido infernal sobre a Terra. No entanto, esses seres deram um jeito, impulsionados por uma força reprodutora inabalável, o que permitiu que nós existíssemos hoje.

— O fogo, o cheiro da carne seca ou de peixes de água doce o atraem. Quando ele entra na caverna, o macho Neandertal se levanta, pega uma arma. Ele teme pelos seus. Quem estava invadindo seu território? As pesquisas recentes em paleontologia e paleoantropologia mostraram que o homem de Neandertal não era esse ser atrasado, grotesco, sujeito a todas as zombarias. Ele enterrava seus mortos, tocava música, cultivava certa forma de arte primitiva. Ele não era, tampouco, necessariamente agressivo e violento. Nós não achamos que ele tenha desencadeado as hostilidades.

Deve ter havido uma troca de sinais, sons, articulações, indicando claramente ao Cro-Magnon que ele devia seguir seu caminho.

Tassin apontou para diferentes partes dos corpos imóveis.

— Os três homens de Neandertal, incluindo a criança, apresentavam marcas de defesa em seus antebraços; eles não foram surpreendidos, mas atacados de frente pelo Cro-Magnon. Foram massacrados, sem meio-termo. Agredidos várias vezes com golpes de um arpéu. Os braços, os flancos, as pernas, todos os lugares.

Lucie franziu as sobrancelhas, depois levou a mão à cabeça. Podia imaginar perfeitamente a cena. Uma família reunida em torno de uma fogueira. Uma sombra que se aproxima, uma arma na mão. Depois, o massacre. Um instante de violência explosiva. Primeiro matou o homem, depois a mulher. A criança, amedrontada, está agachada em um canto. A sombra se aproxima, coberta de sangue e de peles animais, ergue sua arma e ataca, agredindo-a várias vezes sem piedade.

Esgotada, Lucie fechou os olhos. A partir daí, as imagens de seus pesadelos recorrentes vieram a sua mente, de modo idêntico. A sala de necrópsia enorme... As centenas de corpos carbonizados...

Tassin constatou a perturbação e se inclinou sobre a mesa.

— Você está bem?

Lucie abriu os olhos e assentiu. Suas mãos tinham começado a tremer, ela as colocou entre as pernas. Gostaria de poder beber um grande copo d'água, respirar o ar fresco e olhar o pequeno medalhão em seu bolso.

— Sim, estou. Continue, por favor.

— O Cro-Magnon, por sua vez, apresentava pouquíssimas marcas de ferimentos. Ele dominou o combate amplamente. No entanto, o Neandertal não é um fracote. Um metro e sessenta, oitenta quilos de músculos, um caçador excepcional, muito vigoroso, com os membros pesados e com uma força enorme, que foi massacrado por um ser maior e, certamente, ainda mais feroz que ele. Em seguida, vem um episódio que temos dificuldades de compreender. É o afresco rupestre com os auroques invertidos.

— Então, foi o Cro-Magnon que os pintou?

— Depois do massacre, provavelmente. Ele utilizou pigmentos e realizou tranquilamente sua obra, enquanto os corpos jaziam a seus pés. Eu nunca vi pinturas assim em toda a minha vida. Uma simples curiosidade científica que suscita muitos debates. E, até hoje, ninguém encontrou a resposta.

— Mais uma vez, uma pintura feita por um canhoto.

Tassin baixou a cabeça.

— Éva Louts fez a mesma observação. Você parece ter as mesmas reações que ela.

— Eu tento me colocar no lugar dela para fazer da melhor maneira minha investigação.

— Não há dúvida, tratava-se de um canhoto, são testemunhas as mãos pintadas em negativo encontradas na caverna. O Cro-Magnon seguramente queria se apoderar

daquele local. Na sequência, segundo imaginamos, teria havido uma enorme avalanche, que encurralou o *sapiens* no interior da gruta e imediatamente congelou os corpos, evitando a deterioração do DNA. As camadas de gelo que obstruem a entrada têm exatamente a mesma idade de nossas múmias. Ali, o Cro-Magnon morreu congelado ou de fome, na escuridão, bem no meio da carnificina que ele realizou por uma razão que ignoraremos provavelmente para sempre e que já é suficiente para comprovar que ele não era um ser pacífico e pouco belicoso, como continuam a afirmar algumas pessoas. Isso volta a questionar várias ideias em vigor, e nos conduz ao encontro da hipótese de extinção do homem de Neandertal pela dominação do *sapiens*.

Ela suspirou, empilhando as folhas.

— Pelo menos, sabemos a quem puxamos. Se muitas outras coisas evoluíram, a violência se manteve intacta, atravessando milênios. Como se ela se propagasse de maneira vertical.

— De maneira vertical, você quer dizer, genética? O famoso gene da violência, transmitido de pai para filho?

A cientista reagiu como se acabasse de escutar uma blasfêmia.

— Eu disse “como se”. O gene da violência é só um artifício, fruto do delírio de algumas pessoas. Ele não existe.

Lucie já havia ouvido falar na história do gene da violência, como a síndrome XYY, por exemplo: nos anos 1950, pesquisadores tinham enunciado a hipótese de que vários criminosos, autores de crimes atrozes, portavam um cromossomo Y suplementar. Evidentemente, trata-se apenas de simples especulação, apoiada em uma falha genética, e que foi invalidada por outras pesquisas. Desde então, todas as teorias que emitiam a hipótese da existência de um gene da violência ficaram abaladas.

Lucie continuou olhando atentamente para as fotos. Uma cena de crime ultraviolenta. Um assassino ancestral, que não poupou a mulher nem a criança indefesa. Um massacre sem motivo aparente. Uma pintura estranha, realizada de cabeça para baixo. Lucie não conseguia se livrar da imagem de Grégory Carnot. Seus olhos negros, aquela mecha de cabelo colada à testa, seu olhar demente. O fato de ter sido canhoto, e também muito forte. Tantos pontos em comum com o horror que se produziu tanto tempo antes. Ela firmou seus olhos azuis na interlocutora.

— Éva Louts fez alguma alusão sobre ter visto um desenho invertido em uma cela de prisão?

— Na verdade, sim. Aliás, foi essa a razão que a trouxe até nosso laboratório, aparentemente. Ela queria também as explicações que acabo de dar a você. O que a espantava era a violência e a estranheza dessa cena. Uma cena que nada tinha de lógico.

Lucie voltou a pensar na cela de Carnot. O terror que sentira ao descobrir o desenho invertido.

— Nunca existe lógica, quando se trata de crimes. E... por acaso, seu assistente, Arnaud Fécamp, estava presente, quando ela falou desse desenho de cabeça para baixo?

— Com certeza. Nós dois a recebemos. Éva estava extremamente curiosa. Queria saber tudo sobre essa descoberta, chegou mesmo a gravar nossa conversa. Um verdadeiro trabalho de investigação. Como o seu, hoje.

Lucie recuou um pouco sua cadeira. Fécamp mentira para ela em vários pontos. Primeiro, sobre os desenhos invertidos, dos quais fingira nunca ter ouvido falar. Depois, sobre o interesse de Éva Louts por essa história. Por quê? O que queria esconder? Lucie se lembrou de todo o ocorrido, desde sua chegada ali. O pesquisador deu um jeito de recebê-la, levá-la para uma rápida visita ao local, dar-lhe algumas explicações puramente científicas para confundi-la, antes de tentar dispensá-la sem sequer lhe mostrar as múmias. Talvez ele não esperasse que um policial viesse a seu laboratório, dez dias após a visita de Éva.

— Arnaud Fécamp me disse que os resultados relacionados ao Cro-Magnon tinham sido roubados pouco antes de vocês começarem a examiná-los, é isso mesmo?

— Exatamente. Pouco depois da sequenciação do genoma.

— Os ladrões chegaram em um bom momento, podemos dizer.

— No pior momento, eu diria.

Lucie não acrescentou nada, mas uma ideia começou a ganhar forma em sua mente. Ela se levantou e agradeceu à responsável pelo laboratório. Antes de sair, fez uma última pergunta:

— Os funcionários param de trabalhar a que horas?

— Eles não têm exatamente um horário, mas, de modo geral, lá pelas sete, sete e meia da noite. Por quê?

— Apenas por curiosidade.

Mais uma hora de espera, aguardando dentro de seu carro... Se Fécamp tivesse algo a esconder, ele provavelmente iria reagir.

— Uma última coisa: seria possível que eu ficasse com fotocópias dessas fotos e da cena do crime, se podemos chamar assim? Gostaria de mantê-las comigo.

A cientista concordou e se pôs a fazer as cópias.

Quando, alguns minutos mais tarde, Lucie se encontrava no corredor, ela percebeu que não seria necessário esperar até o fim do expediente.

Em roupas comuns, na outra extremidade do corredor, o ruivinho bochechudo acabava de desaparecer precipitadamente no elevador.

Parecia estar fugindo do diabo em pessoa.

[U]m vulcão em erupção.

Bandeiras azuis e vermelhas tremulavam no ar. Echarpes nas mesmas cores sobre uma profusão de cabeças. Homens, mulheres e crianças avançando em blocos compactos na mesma direção. Progressivamente, as calçadas se enchiam de gente animada a caminho do estádio. No asfalto, as pistas congestionadas, buzinas soando, canos de descarga fumegantes: aos infelizes motoristas, só restava encarar a situação com paciência.

Abrindo caminho pela multidão, Arnaud Fécamp avançava com agilidade. Lucie tentava segui-lo como podia, primeiro no sentido dos pedestres, depois lutando contra o fluxo, ao passar pelo estádio. Bocas berrando, hálitos alcoólicos, olhos vermelhos de excitação. E pensar que o jogo nem sequer havia começado.

De repente, o pesquisador atravessou a avenida Jean Jaurès, no momento em que o sinal de trânsito ficava verde. Em um piscar de olhos, ele desceu pela entrada do metrô Stade de Gerland, que expelia um fluxo de corpos e cabeleiras. Lucie começou a ziguezaguear por entre as pessoas, correu até a calçada e se viu bloqueada por uma fila de carros. Sem pensar, ela se esgueirou em meio ao trânsito, desencadeando insultos dos motoristas já bastante nervosos.

A descida dos degraus se revelou difícil e ela avançou em meio a cotoveladas e pedidos de desculpas. As pessoas gritavam, cantavam ruidosamente, indiferentes a sua ínfima presença. Ela avançou pelo corredor estreito, mas nenhum vestígio do ruído. Impossível identificá-lo no meio de tal baderna. Desamparada, Lucie procurou indicações, enfrentando a tempestade humana em busca de um mapa. Por sorte, estava na estação terminal da linha B. Fécamp só podia estar esperando o metrô em uma única plataforma: na direção de Charpenne. Sem disfarçar, Lucie se postou bem atrás de uma senhora que estava passando pela porta automática e conseguiu entrar sem tíquete. A imensa porta se fechou logo atrás e ela começou a correr.

O ruído estava bem ali, perto dos trilhos. Quando o metrô chegou e abriu as portas, ele logo entrou e sentou-se em um banco. Arfante, Lucie embarcou no vagão contíguo e não tirou os olhos dele. Discretamente, através dos vidros, ela o via de perfil e o mínimo que se podia dizer era que ele parecia preocupado. Cabisbaixo, o olhar vago, os maxilares cerrados.

O homem desembarcou na estação Saxe-Gambetta e tomou a linha D, em direção a Vaise. Os vagões estavam lotados, o que, por sua vez, favorecia Lucie. Com um ronco, o trem mergulhou nos túneis, enfiando-se em uma fornalha de aço escaldante. Cheiros rançosos de suor e borracha queimada.

Seis estações adiante, outro terminal. Estação ferroviária de Vaise, uma das seis de Lyon. Fécamp desceu e retomou seu ritmo apressado. Protegida pelo emaranhado de braços e pernas, Lucie se pôs a segui-lo. Deixou-o se afastar pelas ruas mais tranquilas, a fim de garantir que ele não a notasse. Assim que ele tomava outra direção, ela corria

até a esquina da rua, deixando-o se distanciar novamente. Apesar da adrenalina, ela começou a sentir cansaço. O suor escorria pelas costas. A geleira, a estrada, a correria pelas ruas de Lyon... Um dia agitado, os músculos esgotados. Nesses últimos dias, sua vida sofrera uma guinada de cento e oitenta graus.

Para onde estaria indo o pesquisador? Aquele lugar não tinha nada a ver com o que Lucie deixara meia hora antes. Guindastes se erguiam ao horizonte. Os imóveis amontoados, monótonos e, quando dispunham de varandas, estas estavam apinhadas de roupas e bicicletas. Quase mais nenhum pedestre. Bem à sua frente, se desenhava o muro de um conjunto habitacional, que parecia nascer atrás das copas das árvores. Lucie custava a crer que o pesquisador morasse naquele bairro fétido.

Arnaud Fécamp seguiu pelo bulevar de la Duchère, ao longo daquelas gaiolas empilhadas que transpiravam monotonia e tristeza. Em pequenos grupos, jovens arrastavam seus tênis volumosos. Bonés, capuzes, roupas largas de rappers... Rapidamente, sem levantar a cabeça, o cientista subiu um lance de escada e desapareceu no saguão de um dos prédios. Lucie acelerou o passo e, por sua vez, imergiu na miséria. Nos corredores, cheiro de tabaco e maconha. Algumas sombras a passaram em revista com assobios impertinentes e comentários desagradáveis. Com um gesto instintivo, ela verificou a pistola no bolso. A tensão aumentava e Lucie se surpreendeu, ao recuperar o fôlego, indagando se não seria melhor voltar atrás, ir para casa, ficar ao lado da filha e da mãe. Aquele passado de policial que ela tentara enterrar retornava.

Diante dela, um elevador em péssimo estado. Acima da porta, os mostradores parcialmente destruídos acenderam sucessivamente até o quarto andar. Lucie se dirigiu à escada e subiu os degraus de dois em dois. A ardência em suas panturrilhas ressurgiu.

Vozes masculinas vinham até ela, quando lhe faltavam poucos metros. Ela tentou controlar a respiração, avançando com precaução, e se colou a uma parede quase sem fôlego.

Em seguida, entrou em um corredor onde uma porta acabara de ser batida.

A do apartamento 413.

No chão, as placas de linóleo rachadas. Paredes inundas, portas de madeira repintadas de qualquer maneira, luminárias de néon agonizantes. As hordas da miséria. Lucie ouviu o choro de um bebê vindo de algum lugar. Depois, risos de crianças e outras portas sendo batidas. Ela continuou avançando. Uma série de imagens, velhas recordações vieram até ela. Tocaia, detenções, perseguições. A pobreza e a degradação mais pura no coração dos subúrbios. Gente que se espancava por causa de dinheiro, de bebedeiras e de adultérios, e que preenchia as estatísticas de homicídios.

No apartamento 413, pôde ouvir nitidamente dois homens gritando. As palavras acenderam nela um monte de letreiros luminosos vermelhos: *assassinato... Éva Louts... polícia...*

Bruscamente, seu coração quase parou. Um grito. Depois o som de vidro se estilhaçando.

Uma briga.

O instinto de policial foi mais forte. Imediatamente, Lucie sacou sua arma, girou a maçaneta e abriu a porta com um gesto brusco.

Ela apontou a arma para o interior do apartamento.

Arnaud Fécamp estava deitado no chão, no meio de um corredor, em torno de sua cabeça havia fragmentos de vidro. Diante dele, um homem com um caco de garrafã na mão. Calça de ginástica, torso nu, tatuagens. Cerca de vinte anos, em todo seu vigor.

— Polícia! Fique parado senão explodo sua cabeça! Largue esse caco de vidro!

Lucie empurrou a porta com o calcanhar. O homem a encarava com seus olhos grandes redondos. As veias sobressaíam em seu pescoço raquítico. Surpreso, ele largou o vidro e ergueu as mãos à altura do peito. Não havia sequer um pelo no peito branco. Ou se depilava ou tinha o corpo totalmente sem pelos.

— Que bagunça é essa?

Posicionada no estreito corredor, Lucie tentou controlar seu estresse. Rezava para não começar a tremer. Tarde demais para recuar. Aproximando-se com passos firmes, ela passou sobre o corpo inanimado e empurrou o rapaz contra a parede.

— Sente aí!

O homem a desafiou com o olhar, sem obedecer.

— O que você quer aqui, sua vadia?

Sem refletir, Lucie ergueu a arma e acertou-o com a coronha bem na têmpora direita. Um som oco. O rapaz deslizou pela parede com o rosto entre as mãos. Excitada pela adrenalina, Lucie deu uma olhada na direção dos cômodos vizinhos. Sujos, bagunçados. *A priori*, vazios.

— Não me faça repetir. Está vendo esta arma, seu babaca? É uma pistola semiautomática Mann, modelo 1919, calibre 6.35, em excelente estado de funcionamento. Pequena, leve, passa despercebida, mas faz um buraco do tamanho de uma uva. Comprei de um colecionador, para não ter que usar minha arma de serviço. Estou sozinha aqui. Nenhum parceiro. Ninguém para me dizer o que devo fazer.

O rapaz emitiu um som entre um grunhido e um gemido, depois sua voz ficou mais perceptível.

— O que você quer?

— Qual é seu nome?

Ele hesitou. Lucie aproximou o pé do meio de suas pernas abertas.

— Qual é seu nome?

— David Chouart.

Ela recuou e se abaixou ao lado de Fécamp, sentindo sua carótida. Abatido por uma garrafã de uísque vagabundo. Chouart não economizara sua força. O tatuado parecia razoavelmente bêbado. Os olhos injetados, um hálito insuportável.

— Você bateu com vontade nele. Por quê?

O jovem massageou a têmpora com uma careta. Um hematoma já se fazia visível.

— Eu já avisei a esse otário que ele ia se dar mal se voltasse a botar os pés aqui.

— Existem modos mais cordiais de resolver isso. Você conhece Éva Louts?

— Nunca ouvi esse nome antes.

— Mas eu ouvi agora mesmo, no corredor, enquanto vocês discutiam.

Chouart olhou com ódio para o homem caído a seu lado.

— Esse cara é louco. Entra aqui e me acusa de ter matado alguém. Eu não tenho porra nenhuma a ver com isso.

— Talvez ele tenha suas razões. Fale-me de sua relação com ele. Quando se conheceram, em que circunstâncias?

— Não tenho nada a dizer.

Lucie ficou em pé e apontou para o corpo inerte do pesquisador.

— De qualquer maneira, ele vai falar.

Ela pegou seu telefone celular.

— Em menos de cinco minutos, toda a polícia de Lyon vai estar aqui. É melhor que isso fique entre nós dois.

Chouart mostrou os dentes, como um animal rosnando para o inimigo.

— Eu conheço essa história. Você vai ligar para eles, de qualquer maneira.

Lucie pôs a mão no bolso e lhe lançou um medalhão plastificado.

— Estou aqui por uma razão pessoal.

Chouart observou o objeto, a fotografia que havia ali, depois o jogou na direção dos pés de Lucie, um sorriso doentio nos lábios.

— São suas filhas? Quem é você? Uma mãe fazendo justiça por conta própria? Não tenho porra nenhuma a ver com isso.

No lapso de um instante, Lucie se precipitou sobre ele e pressionou a arma bem no meio de sua testa. Ela estava ofegante, a expressão distorcida, o dedo nervoso. De repente, o medo se insinuou no olhar do rapaz. Ele se encolheu, trincando os dentes.

— Está certo! Pare, eu vou falar! Chega!

Lucie levou alguns segundos para afrouxar a pressão, o rosto lívido. Sentiu a cabeça girar. Tinha estado a ponto de apertar o gatilho. Apertar de verdade. Nunca havia sentido algo parecido, mesmo no transcorrer das investigações mais sórdidas. O que tinha acontecido? Ela recuou com um passo. Agora, sua mão tremia levemente. Os olhos do rapaz pareciam querer sair das órbitas.

— Você está totalmente louca, porra!

— Então, qual é sua relação com a múmia do Cro-Magnon?

O jovem parecia desorientado. Sabia que não estava lidando com um policial normal, mas com uma verdadeira bomba ambulante.

— Fui eu que a roubei.

— Uma armação entre os dois? Você mancomunado com Fécamp?

— Ele tinha que levar a gente até o laboratório e a gente devia fazer tudo para simular uma agressão.

— Quem era o outro agressor?

— Um camarada meu, fera em informática. Ele fez isso sem saber de nada, seguindo

minhas ordens. Ele está por fora de tudo.

Lucie recuou sem tirar os olhos dele. Chouart não se mexia mais, tinha ficado dócil. Ela teve a certeza de que, a partir de agora, ele só diria a verdade.

— Foi Fécamp quem contratou você para esse golpe?

— Não. Fécamp foi só um intermediário. O mandante primeiro falou com ele, antes de chegar a mim. Então, certa noite, nós três nos encontramos em um parque de Villeurbanne, para discutir o trabalho. O contrato foi simples. Fécamp ia receber uma boa grana para me levar até a múmia na hora certa. E eu ia ganhar a mesma coisa para roubar a múmia. Dez mil para cada um. Eu precisava arrumar mais alguém para me ajudar. Foi moleza. Fécamp explicou tudo: a identificação, a disposição do laboratório, os computadores que continham os dados e os arquivos de segurança.

Ele apontou com o queixo para o pesquisador.

— Ele detesta a chefe. Ele goza cada vez que ouve a safada se queixar do desaparecimento da múmia. Acho que ele faria isso mesmo de graça.

— O nome do mandante.

— Não sei.

Lucie deu um passo rápido na direção dele, ameaçadora. O homem protegeu o rosto com os dois braços. As águias, as serpentes de suas tatuagens entre ele e Lucie.

— Eu juro! É tudo o que sei. Não ouvi mais falar dessa história, até esse babaca aparecer aqui hoje me perguntando se eu tinha alguma coisa a ver com a morte de uma estudante. Éva Louts, ou coisa parecida. Nunca ouvi falar dela, porra! Pergunte a ele!

Lucie estava tomada pelo suor e secou a testa com a manga da blusa. Os nervos à flor da pele. Precisava de uma pista, de um nome, algo que a fizesse avançar. Estava fora de questão partir dali com as mãos vazias. Sem hesitar, ela se inclinou sobre Fécamp e o esbofeteou cada vez mais forte.

— Vamos, acorde!

Após alguns instantes, o cientista emitiu um grunhido e depois abriu os olhos com dificuldade. Ele pôs a mão na cabeça. Suas falanges ficaram levemente arroxeadas. Sangue e álcool. Ele encarou Lucie, incrédulo, depois tentou se recompor lentamente, arrastando-se até a parede, na qual apoiou as costas, com as pernas estendidas. Lucie não lhe deu tempo de abrir a boca.

— Vou contar até dez para você me dizer quem pagou para roubar a múmia.

Fécamp cerrou os lábios, como para se impedir de pronunciar qualquer palavra. Com o pé, Lucie empurrou o caco de garrafa na direção de Chouart.

— Se ele não falar, pode retalhá-lo.

Com desvairados olhos arregalados, Fécamp observou o rapaz tatuado e sua têmpera inchada. O jovem pegou o caco de vidro, sem muita convicção.

Os olhos do pesquisador se dirigiram para Lucie.

— Você é maluca.

— Três segundos.

Silêncio. O tempo se esgotando, as barreiras cedendo.

— Ele... ele entrou em contato comigo novamente quinze dias depois do roubo... Para se certificar de que... de que o inquérito policial não daria em nada. Quando eu lhe disse que o caso estava arquivado, que não tinham pista alguma, ele... ele me deu sua identidade. Chama-se Stéphane Terney. Um parisiense de sessenta e tantos anos.

Lucie sentiu-se invadir por uma grande sensação de calor. Aquela revelação era inesperada.

— Soletre “Terney”.

Ele o fez. Lucie memorizou o nome.

— Por que ele queria a múmia?

O pesquisador balançou a cabeça, como uma criança culpada. Com sua aparência de trompetista, parecia um homem digno de confiança. Era evidente que o havia embarcado em uma história que estava fora de seu controle. Apenas uma vítima, um homem rancoroso seduzido pelo dinheiro.

— Não sei dizer. Juro que não sei. Nós nos vimos muito pouco. Era sempre ele que decidia onde nos encontraríamos.

— E por que ele daria seu nome verdadeiro? Por que correr tanto risco?

— Ele me deu também seu número de telefone. Queria que eu atuasse como sentinela. Eu devia ligar para ele, caso alguém viesse fazer perguntas sobre o afresco dos auroques, sobre o Cro-Magnon ou sobre histórias de canhotos. Queria que eu descrevesse precisamente o que os visitantes buscavam.

— E foi o que você fez, quando Éva Louts foi ao laboratório. Você ligou para ele, passou todas as informações sobre ela. Sua identidade, até mesmo seu endereço, eu suponho.

— Sim, foi... Eu... eu não posso acreditar que ele... que ele esteja envolvido com o assassinato.

— Por quê?

— Porque é um médico e pesquisador conhecido. No primeiro momento, eu não o reconheci, mas Terney é um dos maiores especialistas em problemas relacionados à gestação. Ele também escreveu um livro que causou polêmica na comunidade científica, há três ou quatro anos.

— Qual livro?

— *A chave e o cadeado*. Um livro científico que trata dos códigos ocultos do DNA.

Lucie armazenou as informações. Esse Terney, segundo a descrição que o ruivo fazia dele, realmente não tinha o perfil típico de um delinquente. Então, por que esse roubo? E para que recrutar uma sentinela?

— O que você contou para ele?

— Disse que Éva Louts se interessava por aquele desenho porque ela havia visto o mesmo tipo de coisa na prisão. E depois, tinha aquela história de canhotos. Enfim, eu repeti aquilo que minha chefe provavelmente contou para você.

Lucie refletiu. Talvez uma parte do mistério tivesse esclarecida. Sem saber, o ruivo

expusera Éva Louts a um grande perigo ao falar com Terney. Preocupado com as pesquisas da moça, o pesquisador a eliminou rapidamente. Restavam ainda inúmeras perguntas: o que Éva Louts descobrira que acabara por levar a seu assassinato? O que representava esse tão precioso genoma de Cro-Magnon a ponto de justificar o roubo? Que segredos escondia? Terney estaria a par dos desenhos realizados por Grégory Carnot? Teriam os dois homens se encontrado?

Lucie pediu o número do celular de Terney e o memorizou. Se um dia ela havia sido uma boa investigadora, era também porque possuía uma excelente memória visual. Se tinha perdido a boa forma física, por outro lado, conservara todos seus reflexos de policial.

E agora, o que fazer com esses dois canalhas? A situação dela era tão ilegal quanto a deles. Ela se fazendo passar por policial, portando uma arma carregada, agredindo os outros. Aquilo podia metê-la em uma encrenca séria e pôr em risco, sem dúvida alguma, sua relação com Juliette. Naquele exato momento, ela se deu conta de que tinha ido longe demais. Então, tentou desempenhar seu papel até o fim, sem se intimidar:

— Tenho seus nomes e endereços. Temos um acordo, nós três, vocês entendem isso? Vou ver esse tal de Terney, acertar minhas contas com ele e tentar manter vocês dois longe de toda essa imundície. Eu disse *tentar*. Aconselho a vocês não entrarem em contato com ele de forma alguma. A primeira cagada que fizerem, podem acreditar que vão passar alguns anos em cana.

Ela chutou a perna do pesquisador.

— Vamos, caia fora! Volte para seu laboratório, vá analisar os dentes de urso das cavernas ou sei lá o quê. E aja como se nada disso tivesse acontecido.

Fécamp saiu sem dizer uma palavra. Titubeando um pouco, ele se foi sem olhar para trás. Lucie se abaixou, pegou o medalhão e não pôde evitar olhar a foto da filha antes de colocá-lo no bolso.

Em seguida, recuou até a porta e saiu, fechando-a com delicadeza.

Só havia um pensamento em sua cabeça.

Stéphane Terney...

[C]om a tese, as datas disponíveis, as conclusões que gradualmente se impunham, Shрко, auxiliado por Levallois, passara a tarde tentando refazer o percurso da estudante, nos meses que precederam sua morte, e depois resumira todo o caso para a equipe Bellanger, em uma saleta precária do 36.

No verão de 2009, sob a batuta de Olivier Solers, seu orientador, Éva Louts inicia um trabalho que deveria durar mais de um ano. Um dos temas: a lateralidade nos grandes primatas, dos quais, prioritariamente, o homem. Fazer observações, preencher tabelas e, se possível, tirar conclusões. Trabalho banal de uma estudante terminando o doutorado em biologia evolutiva.

Os dois primeiros anos parecem ter-se passado sem problemas. Tranquilamente instalada em sua casa, Éva Louts pesquisou as teorias evolucionistas e a seleção natural. Ela cita exemplos evidentes e facilmente compreensíveis da Evolução: o tórax largo dos índios nos Andes, que aumenta sua capacidade pulmonar e lhes permite extrair mais facilmente o oxigênio do ar rarefeito. A morfologia longilínea dos sudaneses do sul, adaptada à dissipação do calor, a dos inuítes, mais atarracada, propícia à conservação de energia. Os olhos apertados dos norte-asiáticos, que protegem a vista do frio e do ofuscamento provocado pelos raios de sol sobre a neve...

Ela discorre sobre o comportamento humano, a lateralização do cérebro, com os hemisférios esquerdo e direito. Relata as dificuldades para determinar a lateralização de um indivíduo: influências culturais, falsos destros, ambidestros, sem esquecer aqueles que escrevem com a mão direita e comem com a esquerda. Ela explora igualmente os casos já observados em animais: sapos, pintinhos, ratos, gatos, peixes e girinos. Números, dados matemáticos, uma quantidade suficiente de páginas escritas para ocupar os professores durante muitos meses.

Depois, ela vai a campo. Primeiro faz um roteiro por uma centena de escolas maternas, a fim de coletar dados: há mais de trinta anos, os professores do ensino pré-primário elaboram sistematicamente fichas de competência por aluno, que depois são arquivadas. Nestas fichas, entre outras coisas, é informada a lateralidade aparente da criança. Um terreno interessante para a estudante, pois se a educação e a pressão dos pais podem forçar um filho a mudar de lateralidade, isso só é feito alguns anos depois das classes maternas. Em seus primeiros anos de vida, a criança é mais influenciada pelos genes do que pela educação, o que permite recolher dados mais confiáveis sobre a verdadeira lateralidade de cada indivíduo. Éva Louts chega a um número: cerca de dez por cento da população francesa são canhotos.

Resumindo, ela prepara uma tese clássica, sem verdadeiras surpresas.

E então vem a interferência do acaso, na primavera de 2010. Éva Louts, ela própria canhota, vê a foto do combate de esgrima em seu quarto e constata que sua adversária tem a mesma característica. Trata-se de uma coincidência ou não? Intrigada, a estudante

procura pistas nos esportes e percebe um número desproporcional de canhotos, em relação aos tais dez por cento, considerando modalidades interativas. Por quê? E por que em modalidades que quanto mais os adversários permanecem afastados, menor é o número de canhotos? Ela deduz então que o fato de ser canhoto não está ligado ao tipo de esporte, mas à proximidade entre os adversários.

A partir dessa conclusão, Éva sente que encontrou algo muito importante: o fato de ser canhoto poderá ter alguma relação com o contato físico, ou melhor, com a violência? Para verificar sua teoria, ela passa a se interessar por história e, mais particularmente, pelas civilizações consideradas violentas, obrigadas a utilizar as mãos ou armas manuais para sobreviver. Homens pré-históricos, vikings, godos, bárbaros... Seres que, para comer ou simplesmente destruir, atacam e matam. Vários dentre eles, após estudo de suas ferramentas e de seus desenhos e outras formas de expressão, se revelam canhotos. A teoria de Éva Louts ganha consistência.

Junho-julho de 2010. A relação entre Éva Louts e seu orientador se degrada. A estudante começa a reter informações, revelando somente fragmentos e assim protegendo suas descobertas. Abrindo seu próprio caminho, ela decide aprofundar as pesquisas ainda mais e parte para a cidade mais violenta do México, Ciudad Juárez. Será que, como há centenas, milhares de anos, as populações violentas continuam apresentando um número maior de canhotos do que a média? Ela, infelizmente, se dá conta de que não é mais o caso, hoje em dia. O progresso de uma civilização enquadrada por leis estritas, a evolução dos meios de agressão — principalmente as armas de fogo, que evitam uma interação próxima — sobrepujaram as comunidades de canhotos. Teria ela ficado decepcionada diante dessa implacável lógica da Evolução? Certamente. Em todo caso, ela não se resigna: resolve ir ao Brasil, por uma razão desconhecida, mas suficientemente importante para que permaneça no país por uma semana. O que pode ter feito durante todo esse tempo naquela grande cidade de Manaus? Teria ido até lá para encontrar criminosos? Talvez procurar alguma outra forma de violência? Pretendia ela se encontrar com alguém em particular? Impossível saber, já que a única indicação disponível da polícia era um saque significativo de dinheiro em Manaus.

Ao voltar para a França, ela não anota nada em seus cadernos: as páginas sobre o Brasil permanecem em branco. Fracasso ou, ao contrário, uma descoberta tão importante que prefere guardá-la na cabeça? Após seu retorno, Éva pede autorização para encontrar criminosos violentos, todos canhotos. Os procedimentos administrativos levam tempo, mas, no dia 13 de agosto, ela encontra seu primeiro prisioneiro, e no dia 27, se vê cara a cara com Grégory Carnot. No dia 28, vai às montanhas. Menos de uma semana depois, ela reserva outra passagem de avião para Manaus...

Caminhando ao lado de Levallois pela avenida Montaigne, Sharko tinha agora uma

convicção: alguma coisa precipitara tudo. A viagem ao Brasil tinha provocado em Éva Louts um interesse brutal pelos assassinos franceses... Apenas homens canhotos, de porte imponente, jovens que cometeram assassinato com extrema violência. Até chegar a Grégory Carnot.

O que teria provocado um *insight* em Éva? O que teria descoberto nas terras da América do Sul, que em seguida a conduziria até o cume dos Alpes? O que buscava naquela verticalidade do mundo? E por que queria retornar a Manaus?

Sharko voltou à realidade. À sua frente, a avenida Montaigne brilhava em sua imensidão. O oitavo *arrondissement* de Paris, em todo seu esplendor. Uma Mercedes atrás da outra diante de palácios, lojas de luxo, marcas de prestígio: Cartier, Prada, Gucci, Valentino. À direita, o rio Sena e, ao fundo, a torre Eiffel. Um cartão-postal destinado a atrair os ricos.

O comissário apertou o nó de sua gravata cor de caramelo e esticou um pouco as mangas do paletó. Ele olhou na direção da vitrine, observando seu reflexo. Seu corte de cabelo recente, à escovinha, como sempre, agradava-o bastante e lhe devolvia seu verdadeiro rosto de policial. Só faltava a envergadura para que o Sharko de outros tempos renascesse completamente das cinzas.

Eles entraram no prédio de número 15, um imóvel prestigioso, de uma brancura palaciana. A Casa de Leilão Drouot era a mais antiga instituição do gênero do mundo. Um museu mágico, efêmero, onde era possível adquirir tudo o que o espírito humano ou a natureza havia sido capaz de imaginar. Em geral, as exposições de objetos, relacionadas a um tema, uma época, um país, duravam alguns dias. Anualmente, oitocentos mil bens passavam de uma mão a outra, um total de três mil vendas. Um negócio indene à crise.

Sharko e Levallois queriam encontrar o mestre leiloeiro, Ferdinand Ferraud, antes que ele entrasse no salão de vendas. Na recepção, receberam a confirmação de que ele chegava sempre com pelo menos meia hora de antecedência, a fim de preparar a sessão.

Na expectativa desse encontro, eles se dirigiram às salas de exposição e aproveitaram para dar uma olhada na que estava em cartaz, intitulada “Se nosso tempo estivesse contado”. Ambiente silencioso, iluminação suave, a calma de uma igreja. Casas de braços dados evoluíam silenciosamente entre quatrocentos e cinquenta objetos etiquetados, destinados a retratar a grande epopeia humana, de nossas origens à conquista do espaço. Levallois se encaminhou para a seção “Meteoritos”, cujo centro era ocupado por uma peça de uma tonelada e meia. Ele a observou com um olhar intrigado, assim como os demais visitantes refinados, que estavam ali admirando mais uma vez os objetos, antes de, quem sabe, adquiri-los.

— Francamente, você colocaria um meteorito no centro da sua sala de estar?

— Não passaria pela porta de entrada. Por outro lado, para esmagar uma cabeça, parece ótimo.

— Está pensando em alguém em particular?

Com as mãos nas costas, Sharko não respondeu, dirigindo-se para os minerais. Malaquita estalactiforme, geodo calcedônia, esférula mesolítica... Na sala em frente, erguiam-se esqueletos de um “rinoceronte lanoso”, conforme informava a etiqueta, de um urso das cavernas do Ural e o de um mamute adulto, completo. Em uma perfeita encenação, iluminado, com uma das patas repousando sobre um pedestal, erguia-se um impressionante monte de ossos.

— Ele veio da Rússia — disse uma voz atrás dele. — Fui informado de que vocês desejavam falar comigo.

Sharko se virou. Diante dele, um homem apertado em seu terno sóbrio, gravata vermelha, o pescoço esguio. Ferdinand Ferraud, sem dúvida. Sharko estava esperando um velhote, como o professor Girassol das aventuras de Tintim, mas o mestre leiloeiro era jovem e bastante elegante. O policial olhou ao redor e fez um sinal na direção dos outros homens que estavam ali.

— Você poderia ter se dirigido a qualquer um aqui. Eu pareço tanto assim um policial?

— Na recepção, me falaram de um homem magro, de cabelos curtos, vestido em um terno grande demais.

Sharko mostrou sua identificação e apresentou Levallois, que havia se aproximado deles. Em seguida, foi ao cerne da questão.

— Estamos aqui por causa de uma venda que foi realizada na quinta-feira passada. Trata-se de esqueletos de mamíferos... — Ele pegou um folheto que achara na recepção — ...de dez mil anos atrás.

— “Arca de Noé”. Uma exposição e uma venda que tiveram imenso sucesso. O fato de estarmos celebrando atualmente o ano de Darwin ajudou bastante. As pessoas voltam a se interessar pelas artes primitivas e pelo retorno à natureza. O mercado de fósseis está se tornando tão lucrativo que começam a surgir todos os tipos de tráfico, principalmente com a China e a Rússia.

— Gostaríamos de ver o registro de vendas desse dia.

O mestre leiloeiro olhou para seu relógio, sem mostrar qualquer hesitação.

— Tudo bem. Infelizmente, não tenho muito tempo para ajudá-los, o leilão já vai começar.

Ferraud os convidou a segui-lo. Finalmente, alguém que não oferecia resistência alguma e lhes abria as portas. Sharko pensou que ele devia estar acostumado às visitas da Divisão de Combate ao Crime contra o Patrimônio, e às da Polícia Alfandegária. O tráfico de objetos de arte era um negócio próspero.

Eles seguiram entre animais empalhados, um mais estranho que o outro. Cegonha bico-de-sapato do Nilo... Texugo africano... O mestre leiloeiro deu algumas explicações, a fim de mostrar que tinha feito o dever de casa direitinho.

— Embora a Evolução tenha se efetuado durante bilhões de anos, nós constatamos que faz apenas uns cinco mil anos que o homem modifica sua trajetória em um ritmo assustador e participa ativamente da extinção das espécies. Estas que vocês veem aqui

logo não existirão mais, a não ser em museus ou coleções particulares. Vocês sabiam que existem cerca de nove mil espécies de pássaros, e estima-se que um por cento dentre elas se extinguíram em seiscentos anos, por causa do homem?

— Um por cento em seiscentos anos... não é o fim do mundo — contestou Sharko.

— Isso corresponde a duzentas vezes mais do que o ritmo de extinção natural.

— Se é assim...

Ele apontou para as fotos magníficas de um grupo de hipopótamos feitas por um célebre fotógrafo.

— Nós massacraramos os hipopótamos, dizendo que não servem para nada. Na sequência, centenas de espécies de peixes desaparecem. Por quê? Porque os excrementos de hipopótamos fertilizam as águas dos rios por centenas de quilômetros, favorecendo a multiplicação de plâncton e, portanto, de peixes. Cada elemento, dentro de um ecossistema, tem um papel, uma razão de ser... Nada é inútil, e tudo é incrivelmente frágil.

Sharko pensou nas pobres mariposas brancas e na capacidade do homem para prejudicar o meio em que vive. Florestas destruídas, o fim dos corais, desequilíbrio dos ecossistemas, buraco na camada de ozônio, tráfico de marfim, caça ilegal, vazamento de petróleo nos oceanos. A lista não acabava mais. O aniquilamento de milhares, de milhões de anos de Evolução. Eventos nos quais era melhor não pensar, se não quiséssemos morrer de preocupação.

Eles subiram uma escada de onde era possível observar as salas e, sobretudo, ter acesso ao conjunto de escritórios. Ferraud entrou em um deles, abriu um armário que estava trancado e retirou uma pasta. Ele lambeu a ponta dos dedos.

— O que vocês estão buscando, precisamente?

Levallois, querendo mostrar que também existia, tomou a frente.

— A identidade do ou dos compradores de fósseis de chimpanzés com idade estimada em dois mil anos.

O homem remexeu alguns papéis em uma velocidade impressionante. Seu olhar de repente se imobilizou. Com um leve sorriso, ele olhou para seus interlocutores.

— Só temos uma peça desse período. Vocês estão com sorte.

— Ela foi comprada?

— Foi.

Os dois policiais deram uma troca rápida de olhares.

— E eu me lembro do comprador, um colecionador apaixonado. Ele nos deixou um cheque de doze mil euros. Simplesmente adquiriu um exemplar de cada grande primata que nós propusemos. Quatro esqueletos de excelente qualidade, com mais de vinte por cento de seus ossos originais.

Sharko franziu as sobrancelhas. O mestre leiloeiro explicou:

— Vocês devem saber que esses fósseis não são realmente fósseis. O mamute lá embaixo, por exemplo, não tem nem sequer cinco por cento de sua ossatura original. Em sua forma inicial, eles não interessam a ninguém, pois estão demasiadamente

danificadas e não têm nada de interessante esteticamente. O restante da ossatura é sintético, montado por uma empresa especializada na exumação, preparação e entrega de fósseis, sediada na Rússia. Chama-se SPPL, Saint Petersburg Paleontological Laboratory, que tem por objetivo fazer delas verdadeiras obras de arte.

Ferraud circulou o nome sobre a folha e a entregou aos policiais.

— Entrega feita em seu domicílio, na sexta-feira de manhã, pelo nosso próprio pessoal. Está aqui o endereço. Mais alguma informação?

[M]ontmartre à noite. Sombras fugidias sob os focos exaustos dos postes de luz. Ruas estreitas, calçadas de pedras, a forma ogival recortada contra o céu, fatiada por escadarias intermináveis. Um emaranhado de vias que se entrecruzam, tendo ao centro seu Minotauro: Stéphane Terney.

Lucie estacionara na rua Lamarck, perto de uma entrada do metrô cuja escada mergulhava em espiral para o subsolo. Pequenos restaurantes e bares ainda abertos absorviam os raros passantes. O ar estava pesado, pegajoso. Uma atmosfera de fim de verão, saturada de umidade, como se um temporal fosse desabar a qualquer instante. Nesse ambiente transpirante, o bairro parecia uma fortaleza, uma ilhazinha protegida pela bruma, longe do tumulto da Champs-Élysées e da Praça da Bastilha.

A fim de conseguir o endereço do mandante do roubo do Cro-Magnon, Lucie simplesmente telefonara para o serviço de informações. Havia, na capital e em seus arredores, três pessoas com o mesmo nome, mas a rua em que morava um deles não deixava espaço para a dúvida.

Rua Darwin.

Charles Darwin... O pai da teoria da Evolução e autor de *A origem das espécies*, Lucie se lembrou, dos tempos das aulas de biologia. Seria coincidência?

Depois de seu retorno de Lyon, ela se isolara de tudo. Ao sair do apartamento miserável em la Duchère, ela foi até uma livraria para comprar o livro de Stéphane Terney: uma obra científica, com exemplos e demonstrações matemáticas que nada tinham de interessante. Depois, tendo avisado à mãe que voltaria tarde da noite, ou talvez só pela manhã, pegou a estrada, sem parar de pensar no caso. Pisando fundo, tinha apenas um desejo: encontrar-se diante daquele que, sem dúvida alguma, teria que prestar conta do roubo da múmia e esclarecer sua relação ambígua com Grégory Carnot.

Apressadamente, ela seguiu pela sequência de casas e se postou diante do endereço de Terney: uma fachada de concreto pintada de branco, dois andares, com garagem privativa e uma sólida porta metálica, dando-lhe a aparência de um cofre-forte gigante. Já eram quase onze da noite e nenhuma luz escapava pelas janelas do primeiro andar. Estava muito tarde para bater à porta sem despertar suspeitas. Afinal, Lucie não sabia nada sobre Terney e estava pisando em terreno arenoso: aquele homem escondido atrás de um monte de diplomas, segundo o ruivo e o livro sobre DNA, devia ser extremamente perigoso.

Confrontada a essa situação difícil, ela observou os arredores e se precipitou na direção de um beco, alguns metros adiante, que abria uma brecha no bloco de residências. A passagem estreita fornecia um atalho para uma rua paralela, mas, sobretudo, um meio de alcançar as varandas e os pequenos jardins, situados no fundo das casas. Bastava escalar um muro de cimento para tirar isso a limpo.

Depois de calçar seu par de luvas de lã, Lucie se impulsionou para cima, as mãos agarrando o rebordo do muro. Após algumas tentativas, conseguiu subir, não sem esfolar os cotovelos e os antebraços. Um instante depois, seu corpo caía pesadamente sobre um gramado. Ela gemeu baixinho. Não havia quebrado nada, mas aquele breve exercício lhe mostrou, mais uma vez, que tinha perdido a boa forma de outros tempos.

Ela havia acertado. Se as casas que davam para a rua apresentavam apenas fachadas anônimas, daquele lado se revelavam as extravagâncias de seus proprietários. Terraços suspensos, varandas hexagonais, jardins japoneses e vegetação luxuriante. Um pedaço da cidade endinheirada ao abrigo da cobiça alheia.

Na rua Darwin, Lucie contara o número de fachadas que separavam a casa de Terney do beco. Ao atravessar discretamente o quarto jardim, calculou que se encontrava no lugar certo.

Análise rápida da situação: impossível entrar por baixo, por causa da vidraça dupla da varanda. No segundo andar, porém, ela notou uma janela entreaberta. Talvez o quarto do cientista. Agachada, ela se dirigiu para a varanda, escalou pelo barril de aproveitamento de água da chuva, situado sob a calha, e chegou ao telhado em poucos segundos. Uma rápida olhada ao redor: ninguém nas janelas. As pessoas se embruteciam diante das TVs, faziam amor ou dormiam.

Perto da janela, ela sacou sua arma. Tudo passava bem rápido por sua cabeça: sua ilegitimidade, o perigo, os problemas que teria por entrar ali sem autorização. E se houvesse feridos? Ela hesitou por alguns segundos e, impulsionada por uma força que sempre a enchia de ânimo, pulou pela janela.

Apontou a arma para a cama. Ninguém. O quarto estava vazio, mas os lençóis, em desordem. Os ângulos do quarto exibiam cones opacos. Lucie esperou que as pupilas se habituassem à escuridão. Seu coração ficou apertado, quando percebeu dois chinelos e um roupão, vulgarmente caídos no chão.

Terney estava ali, em algum lugar.

Dentro de casa.

Todos seus músculos estavam tensos, seus sentidos ainda mais atentos. Os ínfimos estalos sobre o assoalho, sob seus pés, lhe pareceram amplificadas. O homem que se escondia entre aquelas paredes e que talvez tivesse massacrado uma estudante não hesitaria em eliminá-la. Um verdadeiro predador, com a enorme vantagem de conhecer o terreno. Lucie se sentiu estúpida, irresponsável. Por que não tinha simplesmente falado com Sharko? Por que correr tanto risco, enquanto sua filha a esperava em casa? O que tinha na cabeça ao ir até ali sozinha, brincar com o perigo?

Ela tentou recuperar o sangue-frio. Empurrando a porta com a ponta dos dedos, avançou pelo corredor. A casa estava iluminada pelos postes de luz da rua. Diante dela, um parapeito de alumínio, torcido com duplas hélices, como a molécula de DNA, se estendia ao longo do corredor, que dava para o salão no nível inferior. Lucie percebeu vozes difusas, risos que acabaram se diluindo no ar úmido, lá fora. Enchendo os pulmões, ela foi em frente, colada à parede, examinando os cômodos, à medida que

progredia em seu avanço silencioso. No andar de baixo, notou uma secretária eletrônica conectada ao telefone, em cujo visor piscava um grande número sete.

Sete mensagens... Lucie relaxou um pouco. Stéphane Terney não estava em casa. E, ao que parecia, já há algum tempo.

Ela avançou ainda mais. Um dos cômodos, gigantesco, chamou sua atenção. Teve a impressão de se encontrar no antro de um colecionador macabro. Na penumbra, esqueletos em postura de ataque. Fósseis pré-históricos em perfeito estado, animais de todos os tipos, de tamanhos diversos, que ela identificou como sendo reconstituições de dinossauros. No interior das vitrines, minerais, conchas de pedra, fragmentos anatómicos. Fêmures, cúbitos, dentes, sílex. O médico criara seu próprio museu da Evolução.

No fundo, um afresco lhe fez sentir uma pressão no ventre. Eram cinco esqueletos. Perto deles, uma inscrição sobre uma tela pintada: “Os cinco grandes primatas.” Ela reconheceu o do homem, e também o de um chimpanzé, menor, mais atarracado, do qual faltavam na parte superior o crânio e os maxilares.

Com a nuca doendo, Lucie se virou e notou que havia ripas arrancadas no assoalho. No interior, um esconderijo, vazio. Quem o teria aberto?

Finalmente, ela saiu. Terney era mais do que um aficionado, ele vivia no coração da Evolução, a ponto de morar na rua Darwin. Por todos os lados, objetos de arte, pinturas relacionadas ao DNA, à mágica da natureza, ao infinitamente pequeno. Filamentos enredados, imagens ampliadas de células, fractais coloridos. O corredor não acabava mais. Quantos metros quadrados teria aquela casa?

De repente, um odor a alertou. Um mau cheiro que ela conhecia muito bem, uma mistura de carne morta e gases intestinais. Seus dedos se crispavam ainda mais sobre a coronha da pistola. Com a ponta do pé, empurrou a última porta antes da escada e entrou em um espaço pequeno e sombrio. Depois de apontar sua arma para os cantos escuros, ela acendeu a luz.

O espetáculo de horror surgiu bruscamente.

Stéphane Terney jazia no chão, deitado sobre o braço direito, ao lado de uma cadeira caída.

O corpo nu havia sido atado com fita adesiva, as mãos à frente, os pés presos à cadeira. Cortes longos marcavam seu torso, os braços, as panturrilhas: como sorrisos lúgubres, congelados, que haviam sulcado a carne. Um pedaço de adesivo que havia servido de mordada ainda estava colado ao rosto. O homem tombara de lado da cadeira, mas os dedos indicadores de suas duas mãos estavam esticados para a frente, como se ele tentasse apontar para alguma coisa. Lucie se virou para o ponto indicado. Uma biblioteca compreendendo centenas de livros empilhados uns sobre os outros, alcançando alguns metros de altura. Uma cripta de papel. Que livro especificamente indicava a vítima?

Sem chegar muito perto, tomando cuidado para não contaminar a cena do crime, Lucie tentou memorizar tudo e imaginar o assassino em ação. Precisava de um perfil,

uma silhueta, uma sombra pelo menos, a fim de poder imergir completamente e entender o tipo de indivíduo que semeava cadáveres em seus rastros. Um assassino havia estado ali, naquele cômodo. E tinha deixado um pouco de si mesmo, de sua personalidade, naquele túmulo frio e sinistro.

Terney tinha sido mutilado, torturado metodicamente, sem que o assassino entrasse em pânico. No chão havia guimbas de cigarros amassadas, com tabaco escurecido nas pontas. Uma delas ainda estava presa ao ombro do cadáver, como se a guimba tivesse ficado colada à sua pele. A mordança, parcialmente solta, podia levar a pensar que Terney acabara por falar alguma coisa. O que seu carrasco o teria obrigado a dizer?

Lucie pensou que fosse desmaiar, quando escutou um ruído imperceptível, proveniente do fundo do cômodo. Ali havia outra porta.

O ruído recomeçou. Bum, bum... Algo batendo contra a parede. Ou melhor, alguém.

Lucie avançou naquela direção, garganta seca, respiração presa, arma em punho. Ela girou a maçaneta e empurrou a porta bruscamente.

Um homem de pijama preto estava lá dentro, sentado no chão, com um grande livro aberto no colo. Mexendo-se ligeiramente — a razão do ruído —, ele virava as páginas, imperturbável, concentrado, sem sequer levantar a cabeça. Não tinha mais do que vinte anos.

Lucie não teve tempo de compreender, reagir, pois as pancadas surdas na porta de entrada a deixaram paralisada.

— Abra! Polícia!

Uma voz grave, agressiva. Lucie recuou, desconcertada. O homem sentado continuava sem reação, virando infatigavelmente as páginas. Meu Deus, aquilo era incompreensível. Por que ele não fugia? Quem era ele? Lucie precisava refletir, e rápido. Se a pegassem ali, estava tudo acabado. Com passos largos, foi para o corredor e derrubou uma estatueta que estava na parte alta da escada. Ela cerrou os dentes, incapaz de segurar o objeto, que despencou pelos degraus ruidosamente, sem se quebrar.

Metal.

— Stéphane Terney! Abra a porta!

Batidas ainda mais fortes. Vozes, gritos. Lucie se precipitou para o quarto, prendendo a respiração. As batidas pareciam estrondosas, as forças de ordem começavam a arrombar a porta com um aríete, certamente. No momento em que Lucie caiu em pé no jardim, a porta de entrada foi arrebatada. Sem fôlego, ela correu entre as ramagens. Ao redor, as luzes se acenderam, perfurando a noite como olhares curiosos. Alertadas pelo barulho, sombras indefinidas começaram a se desenhar atrás das vidraças das casas vizinhas. Lucie escalou, pulou e correu, os dedos tensos, o rosto açoitado pela vegetação. Era uma questão de segundos. Não olhou para trás. Os policiais deviam estar em vias de descobrir o cadáver e prender o sujeito de pijama, entrariam juntos nos quartos e logo bloqueariam as saídas. Provavelmente, em menos de um minuto, iluminariam os jardins com suas lanternas possantes. Ela chegou ao alto muro de

concreto. Saltou, projetando-se como uma pedra de estilingue. Seu corpo atingiu brutalmente o muro; com os braços, ela se ergueu e pulou para o beco. A aterrissagem foi árdua, mas seus joelhos suportaram o choque. No momento em que se levantava sua face direita bateu contra algo frio.

O cano de um revólver pressionou sua têmpora.

— Não se mexa!

Ela se sentiu incapaz de mover qualquer músculo. Com firmeza, suas mãos foram postas para trás e imobilizadas. Respirava sofregamente pelo nariz, a boca franzida. Eles a tinham interceptado, pois vigiavam todas as rotas de fuga possíveis. Estava em apuros e imediatamente pensou em sua filha Juliette. Podia ver as grades de uma prisão entre as duas.

O tempo pareceu se expandir, em seguida Lucie sentiu de repente a tensão ceder. O homem a virou bruscamente e seus olhares se encontraram.

— Fr... anck?

O rosto magro de Sharko pairava na penumbra. Com a claridade palpitante, ele lembrava um policial de antigos filmes *noir*. As maçãs do rosto esculpidas à fâca, a arma como um prolongamento de sua silhueta longilínea, quase fugidia, a expressão de um homem que já vira tudo, passara por tudo. Rapidamente, ele olhou para trás e falou em voz baixa:

— Porra, Henebelle! O que você está fazendo aqui?

Lucie arfava, incapaz de recuperar seu fôlego.

— Ele... ele está... morto... Torturado... Tem alguém dentro... do quarto... Um homem de pijama...

Sharko baixou a arma. Ele estava agitado. Seu olhar ora fixava a rua, ora Lucie. Mais adiante, pelas janelas da casa de Terney, focos luminosos se puseram a varrer a escuridão.

O comissário pôs a mão na cabeça. Era preciso refletir, e rapidamente.

— Alguém a viu?

Lucie balançou a cabeça em negativa, as mãos apoiadas nos joelhos, cuspidando um filamento de bÍlis.

Ele segurou seu pulso e o apertou com firmeza.

— Como veio parar aqui?

— Deixe... deixe eu... ir embora... Por favor...

Sharko nem chegou a lutar contra sua consciência de policial. Eram ambos iguais. Dois seres destroçados, feridos por dentro, que tinham ido além das leis. Enfim, ele a largou e disse:

— Caia fora daqui. Suba pelo beco e desapareça. Você só tem cinco segundos. E, principalmente, não me telefone, não deixe qualquer vestÍgio deste nosso encontro, não importa o que aconteça. Eu ligo para você.

Ele a empurrou vigorosamente, quase a derrubando. Lucie se recompôs, virou-se para agradecer com um gesto de cabeça, mas ele já se afastava. Então, respirou bem

fundo e disparou, como uma fugitiva, até finalmente sumir nas trevas do outeiro de Montmartre.

[O]corpo imponente de Levallois esbarrou no de Sharko, na esquina do beco com a rua Darwin. O jovem policial de rosto retangular estava em ebulição, o corpo tenso pela excitação e pelo odor da caçada.

— Alguém fugiu pelos fundos das casas! Você não viu ninguém passar por aqui?

Sharko se virou para o alto do muro de concreto.

— Ninguém passou por aqui. Quem estava fugindo? O que houve?

Levallois olhou para todos os lados, alerta. Depois, virou-se para Sharko:

— A janela do quarto estava aberta. Só pode ter fugido pelos jardins. Eu tive a impressão de ouvir você gritando.

— Foi a porra de um gato. Você tem certeza de que viu alguém?

— Não sei. Achamos uma coisa bizarra lá dentro, vá ver...

Levallois se virou, saltou para o jardim e sumiu. Sozinho, Sharko respirou aliviado. Tinha sido por pouco. Agora, Lucie devia estar longe o bastante para não correr perigo.

Em todo caso, ela teria que lhe dar sérias explicações.

Ele se precipitou na direção da casa. Alguns policiais arrastavam um homem de lá à força. Algemado, ele berrava alucinado, um som grave e nasalado. As pernas se debatendo sem parar. Foram precisos dois agentes para escoltá-lo. Bellanger, o chefe do grupo, encarava o jovem com olhos sombrios.

— Que circo é esse? — perguntou Sharko, ainda ofegante.

— Não sabemos de nada. Terney está morto e esse rapaz não diz nada. Estava lá sentado tranquilamente, virando as páginas de um livro, com um cadáver a três metros dele.

— Comportamento estranho... Berrando desse jeito... Um doente mental?

— Doentíssimo mental, eu diria. Na capa do livro que estava segurando, havia o número 342, bem grande, e as páginas são numeradas de 1 a 300, mas estão todas em branco. O indivíduo não tem documento, nada. Sem dúvida foi ele que passou pela janela para entrar. Deixou cair o objeto de metal, ao invadir a casa. O barulho o assustou e ele se trancou dentro de um pequeno cômodo, vizinho ao do crime...

Sharko assentiu.

— Não vi ninguém passando pelo jardim. Em minha opinião, Levallois está perseguindo um fantasma.

Mesmo se trancando no interior de uma viatura policial, dava para ouvir o sujeito gritando. Nas residências mais próximas, as luzes se acendiam. As pessoas começavam a sair de casa.

— Eu peço demissão se esse cara não for um foragido de um hospital psiquiátrico ou algo assim — disse Bellanger, com a voz grave. — Mas por que teria vindo até aqui?

Meia hora mais tarde, eles entraram na casa, precedidos pela polícia técnica. Homens uniformizados se agitavam em todos os cômodos.

— Daqui a pouco eu encontro você na cena do crime — disse Sharko. — Antes, quero me impregnar um pouco desse local.

O policial usava café puro como combustível, turbinado de cafeína. Eram onze horas da noite. Seu corpo estava carregado como uma pilha. O melhor era deixar a adrenalina e os estimulantes agirem, esgotá-los até o fim. Talvez, um dia, acabasse desmoronando e poderia dormir eternamente.

No térreo, enquanto Levallois recolhia informações precisas sobre a vítima por telefone, Sharko andava de um cômodo a outro, cruzando os rostos sombrios, inquietos, cansados, dos colegas. Salão, sala de estar, sala de sinuca, de projeção... Tudo estava incrivelmente em ordem, limpo como um centro cirúrgico. Segundo as primeiras informações, Stéphane Terney era um obstetra e imunologista célebre que trabalhava em Neuilly. Tinha sessenta e cinco anos e devia ser maniaco por arrumação. Até mesmo os talheres, dentro das gavetas, estavam empilhados com rigor militar. Com certeza, uma mania profissional: lidar com pipetas, agulhas e trazer bebês ao mundo devia exigir rigorosa disciplina.

Os recados deixados na secretária eletrônica eram variados. Duas mulheres diferentes — amantes? — preocupadas com seu silêncio. Colegas de trabalho já incomodavam Terney, que mal chegara de três semanas de férias, fazendo-lhe perguntas estritamente administrativas.

Nesse mesmo cômodo, o policial se aproximou de uma grande lareira aberta e se agachou. Os técnicos recuperavam em meio a um monte de cinzas os restos de algumas fitas de vídeo — pelo menos cinco ou seis, à primeira vista — totalmente calcinadas. As fitas tinham se transformado em poeira e as caixas, virado bolhas negras de plástico. Não encontraram qualquer equipamento de videocassete dentro da casa, mas os policiais tinham descoberto as ripas arrancadas do chão, na sala de fósseis de Terney. No local em que, provavelmente, as fitas estariam escondidas há muito tempo. O assassino as retirara dali e as queimara.

Em seguida, Sharko deu uma olhada no primeiro andar, na grande sala que abrigava a coleção particular de fósseis e minerais. Devia haver ali uma pequena fortuna. As peças estavam em ótimo estado, instaladas sob iluminação cuidadosa. Os animais pareciam se enfrentar. Virando-se, ele notou as ripas arrancadas do chão.

O comissário foi então até a biblioteca encontrar Bellanger. Pouco mais velho do que Levallois, Nicolas Bellanger tinha todos os trunfos para comandar bem uma equipe. Solteiro, inteligente, esportista. E ambicioso. A relação entre os dois homens não era boa nem má. Trabalhavam juntos, mais nada.

Jacques Levallois, por sua vez, examinava atentamente as fileiras de livros, na direção sugerida pelo dedo indicador da vítima. Paul Chénaix, o médico legista que fizera a

necrópsia de Éva Louts, levantou-se e retirou as luvas. Em seguida, limpou os óculos redondos com um lençinho.

— Globos oculares em liquefação, uma mancha abdominal admirável e uma rigidez cadavérica bem determinada. Não faz muito tempo. Eu diria que ele bateu as botas há pelo menos quatro dias, porém menos de oito. Exames mais detalhados talvez nos deem mais exatidão. O corpo já pode ser removido.

Sharko remoia as informações. O cansaço e o excesso de caféina o deixavam num estado estranho: a impressão de flutuar levemente, como depois de algumas taças de vinho. Ainda assim, ele conseguiu fazer uma triagem mental.

— Éva Louts foi assassinada há três dias. Terney morreu antes... Portanto, Terney não a matou.

Bellanger, o chefe, esmiuçou cuidadosamente o cômodo, girando no próprio eixo. Era um sujeito comprido, com olhos negros como café e cabelos castanhos despenteados.

— Suposição sustentada pelo fato de não termos encontrado o crânio do chimpanzé em seu pequeno museu particular. Primeiro, o assassino passou por aqui, torturou Terney, eliminou-o, e atacou Éva Louts no dia seguinte usando os maxilares no homicídio. Vamos analisar, mas eu custo a ver o rapaz de pijama cometendo dois assassinatos desse tipo. Pelo que acabaram de me informar por telefone, ele começou a se autoflagelar na delegacia, soltando berros bestiais. Assim que lhe devolveram seu livro, ele se acalmou imediatamente e começou a virar as páginas em branco, como estava fazendo aqui, sem nada dizer.

Dentro do quarto, tudo atraía a atenção de Sharko. As fileiras de livros, com mais de dois metros, se estendiam até o teto. A madeira nobre, as obras de arte bizarras, o estilo *high-tech* cheirava a dinheiro e era de uma originalidade mórbida.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou a Levallois.

— Por enquanto, nada. Viu a quantidade de livros? Como saber para qual ele estava apontando?

Um pouco conturbado, o comissário voltou ao cadáver. Queimado, mutilado, provavelmente a golpes de faca. O legista virou o corpo, deitando-o sobre as costas. Sharko apontou para o ferimento largo e profundo, na altura da virilha.

— Foi isso que o matou?

— Foi. A artéria ilíaca esquerda foi seccionada. Esta artéria é um rio. A vítima caiu da cadeira, se esvaiu em sangue e morreu alguns segundos depois...

— Um modo pouco habitual de liquidar alguém. Talvez o assassino esteja ligado ao meio médico. Em todo caso, ele conhece bem a anatomia humana. Primeiro, quis fazer a vítima sofrer. Depois de lhe arrancar as palavras da boca, ou seja, provavelmente o esconderijo das fitas de vídeo, ele o eliminou; depois se foi, pouco antes de Terney soltar seu último suspiro. Trabalho limpo, bem realizado. Como ocorreu com Éva Louts, o assassino não entrou em pânico.

— Há também vestígios de tabaco na língua e nas gengivas. O assassino deve tê-lo

forçado a fumar esses cigarros, para depois queimá-lo com eles.

O legista se afastou um pouco e apontou para o torso.

— Olhe no peito. O conjunto de queimaduras de cigarro forma duas letras, lado a lado. X e Y...

— X e Y... Definem o sexo masculino, não é?

O legista confirmou.

— Exatamente. Nos vinte e três pares de cromossomos comuns a cada ser humano, somente um par é diferente: XX ou XY. Os seres humanos trazem sempre o cromossomo X, da mãe, mas o pai transmite ou o seu cromossomo X, e nesse caso o sexo é feminino, ou o cromossomo Y.

Sharko se pôs a refletir. O assassino brincara cruelmente com sua vítima. Por outro lado, ele lhes deixara, de propósito ou não, uma pista. Intrigado, o comissário se dirigiu até os três quadros pendurados em uma das paredes, dispostos lado a lado. O primeiro era a pintura de um pássaro em chamas, no meio de um céu em fusão: a lendária fênix. O segundo parecia representar uma placenta humana: uma enorme bolha transparente e vascularizada. Os vasos sanguíneos, de um vermelho carmim, assemelhavam-se a estranhas serpentinas e davam ao conjunto da obra a aparência de uma aranha monstruosa. O terceiro quadro continha uma foto ampliada de uma múmia de homem pré-histórico, completamente ressecada e estendida sobre uma mesa, como se fosse se submeter a uma necrópsia. O comissário torceu o nariz diante da placenta.

— Ou eu não entendo nada de arte, ou esse Terney tinha um gosto muito duvidoso.

Nicolas Bellanger se aproximou. Sob a fênix e a placenta se achava a assinatura do artista: “Amanda P.”

— Você também percebeu? Tudo aqui, dentro desta casa, tem uma relação com o DNA, o nascimento ou a biologia, até mesmo a forma dos móveis. Emoldurar a fotografia de uma múmia repugnante assim, francamente... O cara chega até a morar na rua Darwin, quer mais o quê?

— Uma paixão até mesmo na morte, já que acabou com um X e um Y sobre o peito... Uma última piscadela por parte do assassino.

O legista se despediu e se foi. Outras vítimas o aguardavam. Sem nada dizer, os encarregados do necrotério fecharam o cadáver em um saco preto. O ruído do zíper ressoou em todo o cômodo. Agora, sozinho com Sharko, Bellanger se dirigiu para o pequeno quartinho nos fundos.

— O rapaz de pijama estava aí dentro. Fechou-se com seu livro. Trezentas páginas cuidadosamente numeradas à caneta, mas todas em branco. Você já viu algo parecido?

— Com frequência... Basta ir até um hospital psiquiátrico.

Com um suspiro, Sharko foi procurar Levallois. Rapidamente, ele se dera conta de que os livros estavam organizados por tema: ciências, história natural, geografia. Para cada tema, a ordem era alfabética.

— Terney era um homem metucioso. Se ele apontou nesta direção, deve haver

algo importante. Um livro em posição invertida, ou fora do lugar. Alguma coisa que o diferencie dos demais.

Fazendo sua própria busca, Sharko notou um conjunto de livros com títulos evocatórios: *Autorização para por fim às vidas que não valem a pena ser vividas*, *A eutanásia*, *Soluções contra o envelhecimento das populações...* Dezenas de livros sobre a eugenia e a pureza racial. Havia também, à direita, uma parte inteira de obras sobre virologia, imunologia. Nada de muito animador.

Levallois se inclinou, passando a vasculhar os livros à altura de seus olhos. Com sua mão enluvada, ele retirou uma obra do lugar.

— Bingo! Um livro sobre o DNA infiltrado bem no meio de outros sobre geografia. Ele se chama *A chave e o cadeado*, e... adivinha?

— Diga.

— Foi Terney que o escreveu.

Sharko estendeu a mão e pegou o livro, observando bem a capa. Via-se um desenho de Leonardo da Vinci: um homem nu, em pé, representado simultaneamente dentro de um quadrado e de um círculo. Sob o título, um texto provocador: “Os códigos ocultos do DNA.”

— É o homem vitruviano — explicou o jovem inspetor. — Ele representa a distribuição das medidas do corpo humano pela natureza, assim como as relações harmoniosas da anatomia humana. Um homem com os braços e as pernas estendidos pode ser inscrito entre as figuras geométricas perfeitas do círculo e do quadrado. Vocês sabiam que Leonardo da Vinci era canhoto?

— E você sabe nos dizer de que adianta saber disso?

— Nada. Apenas cultura geral.

Enquanto Sharko lia a contracapa do livro, Bellanger se aproximou.

— Qual é o assunto?

— Não consigo entender nem o resumo. Escuta só: “Por que os números 26 e 13 soam e ordenam a harmônica superior da relação entre o bilhão de códonos do genoma humano inteiro, e o códon mais frequente, entre os 64 tipos de códonos possíveis? Por que, nos básicos três bilhões que formam uma simples haste do DNA, cada um dos códonos possui em algum lugar seu códon espelho? Por que todo o genoma humano obedece às proporções do número de ouro? Destinada aos especialistas e aos aficionados, esta obra trará as respostas que são procuradas há muito tempo sobre o trabalho implacável da natureza na construção da vida.”

Bellanger ficou sem palavras. Sharko folheou as primeiras páginas.

— Isso me soa complicado e metódico. Páginas e mais páginas de DNA, fórmulas matemáticas em todo canto, gráficos, pouquíssimos textos... Por que Terney nos teria orientado para este livro?

— Está escrito no título: o código oculto do DNA... Pense no X e no Y sobre o peito do cadáver. Esse livro pode ir além do que podemos ler nele?

Bellanger examinou por um momento o exemplar, os olhos abatidos, e depois o

enfiou dentro de um saco plástico transparente.

— Vou mandar isso rapidamente para nossos biólogos do laboratório da polícia técnica. Se for necessário, passarão a noite lendo. Preciso entender em que bosta estamos metidos.

De volta ao 36 Quai d'Orfèvres, Sharko se aproximou de uma das celas de custódia. Sentado num canto, o rapaz de pijama virava lentamente as páginas, uma após a outra. Seus olhos brilhavam, cintilando uma ínfima claridade, como se buscasse alguma coisa naquelas folhas virgens. Devia ter em torno de vinte anos, os cabelos louros, desalinhados, mãos compridas e ossudas, com os polegares levemente curvados para fora. Seus lábios murmuravam palavras que Sharko não conseguia entender.

— Quem é você? — perguntou o policial. — O que está resmungando? E o que está procurando nessas páginas em branco?

O rapaz não ergueu a cabeça. Trincando os maxilares, Sharko desistiu e se encaminhou para uma salinha de reunião, no terceiro andar. Os rostos estavam lívidos, as expressões, cansadas. Copos descartáveis vazios e algumas guimbas de cigarro se espalhavam sobre a velha mesa. Era uma hora da manhã e ninguém estava mais a fim de falar. Pascal Robillard torturava languidamente um elástico, Jacques Levallois não parava de bocejar, enquanto Nicolas Bellanger dava suas últimas instruções:

— Prioridade: descobrir quem é o sujeito de pijama. Precisamos fazer com que ele fale, e entender o que estava fazendo lá. Então, Pascal... você telefona para os hospitais psiquiátricos e as delegacias locais e verifique se estão procurando um fugitivo... Aproveite para vasculhar o passado de Terney. Quero saber quem ele é, com quem trabalhou, se tem inimigos. Talvez ele conheça esse maluco, talvez seja da família. Um primo, um sobrinho, um rapaz que ele acompanhou desde pequeno por uma razão qualquer... Você, Sharko, cuide do ambiente profissional e sentimental da vítima. Interrogue os colegas da clínica de Neuilly e os amigos. Pelos recados na secretária eletrônica, tratava-se de um homem chegado às mulheres. Tente cavar alguma coisa por aí também. O caso está ganhando envergadura; sozinhos, não vamos chegar a lugar algum. Amanhã, a maior parte dos homens da equipe de Manien virá trabalhar conosco em tempo integral, para dar uma força. Precisamos de braços e cabeças pensantes.

Sharko trincou os maxilares.

— Eles não estão cuidando do caso Hurault?

— O caso Hurault? Ainda não conseguiram nada, nem mesmo a sombra do início de alguma pista. Por isso, o chefe deu prioridade máxima ao nosso dossiê e aumentou os efetivos.

— Manien vai fazer cara feia.

— Não estou nem aí.

Bellanger se virou para Levallois.

— Jacques, você vai encarar a necrópsia, que começa daqui a uma hora. Está preparado para passar a noite em claro?

O rapaz assentiu.

— Alguém tem que fazer isso, não é?

— Muito bem. Eu também passei seu celular para o responsável do laboratório de biologia. Ele vai dar uma lida no livro sobre o DNA, *A chave e o cadeado*. Vamos esperar que ele telefone bem no meio da noite para anunciar uma boa notícia.

— Já estamos no meio da noite.

Bellanger conseguiu esboçar um breve sorriso, observou sua equipe e depois apagou o que estava escrito no quadro atrás dele.

— Vamos lá... Ainda tenho três toneladas de papel para encarar antes de o dia nascer. Até mais.

Sharko estava furioso e preocupado. Sentado ao volante de seu carro, ele tentava ligar para Lucie, sem sucesso. Era tarde, ele sabia, mas por que diabo ela não atendia? Teria lhe acontecido algo em Montmartre ou durante a fuga? Um acidente, talvez? Ele parou bruscamente num sinal vermelho ao qual não tinha prestado atenção. A mocinha do Nord voltava a ocupar todos seus pensamentos, a ponto de enlouquecê-lo. As válvulas internas que ele tentara estancar voltavam a se abrir inteiramente, rompendo todas as barreiras.

Quando chegou diante da porta de seu apartamento, as costas doendo, esgotado, esmagado por ideias nefastas, uma sombra, sentada ao lado da escada, se levantou.

Lucie Henebelle, o telefone celular em uma das mãos, o livro de Terney na outra, o esperava sem dissimular sua impaciência. Ela se pôs de pé e o olhou nos olhos:

— Diga que eles não descobriram nada sobre mim.

[S]harko deixou Lucie entrar e trancou a porta. Pegando-a pelo pulso, ele a puxou até o meio da sala e depois se precipitou para a janela da cozinha.

— Alguém viu você entrando aqui? Você por acaso falou com alguém?

— Não.

— Mas por que você não atendeu minhas ligações?

Lucie deu uma olhada ao redor. A primeira vez que viera àquele apartamento fora há mais de um ano. Na época, ela havia dormido no sofá, ele, no quarto. Mas, se o sofá ainda estava ali, os retratos de sua mulher e sua filha, antes tão numerosos, haviam desaparecido. Não havia mais qualquer recordação de sua vida passada, qualquer decoração, nem bibelôs. Por que Lucie tinha aquela fria impressão de que o apartamento tinha se tornado sem vida, sem alma, como os que visitamos após o falecimento do proprietário? Ela observou Sharko, que pendurava sua arma de serviço em um cabideiro, como sempre fizera. Há quanto tempo ele repetia aquele gesto? Apesar do corte à escovinha, suas olheiras estavam ainda mais inchadas, sua expressão parecia se esfalar como gesso de má qualidade. O cansaço o devorava como uma droga traiçoeira.

Lucie ficou em pé.

— Eu queria falar com você pessoalmente, e não por telefone.

Ela se calou por um instante, a garganta apertada. Suas mãos torciam nervosamente o livro de Terney.

— Eu queria também agradecer pelo que fez mais cedo. Você se arriscou por mim. Não tinha obrigação.

Sharko foi pegar uma cerveja. Às duas da manhã, ele precisava relaxar, e um pouco de álcool o ajudaria. Lucie recusou o copo que ele lhe ofereceu.

— Guarde seus agradecimentos — respondeu ele secamente. — O que está feito está feito.

— Você também não precisa falar com essa frieza. Agora me diga: o rapaz de pijama... Quem é ele? Foi ele que matou Terney?

— Não sabemos de nada, por enquanto. Pelo estado mental e postura dele, duvidamos muito que tenha sido capaz de tanta tortura. Ele viu você?

— Não.

— Agora me diga: como foi que depois de ir para os Alpes, sem informação alguma, você chegou à casa de Terney antes dos quinze homens da Homicídios?

Ele tentava blindar seu coração e seus sentimentos, mas seus órgãos estavam muito vivos. Lucie acabou sentando-se no braço do sofá, colocando os cabelos para trás. Depois de um dia como aquele, tantos quilômetros percorridos, suas pernas não aguentavam mais. Calmamente, ela começou a contar:

— Algumas semanas antes de encontrar Carnot, Éva Louts tinha lido um artigo

científico e notado um desenho feito de cabeça para baixo. Tratava-se de um afresco de auroques, dentro de uma caverna pré-histórica. Um caso único que passou despercebido pela mídia e que, na época, não teve importância para ela. Mas, há dez dias, quando viu o desenho de Grégory Carnot, ela imediatamente foi até a caverna, a fim de ver o afresco dos auroques com os próprios olhos.

Lucie continuou explicando, sem deixar de lado qualquer detalhe. Falou da família de Neandertais massacrada pelo *sapiens* com um arpéu. Falou do transporte dos corpos para o Instituto de Genômica Funcional de Lyon. Do roubo do Cro-Magnon. Do cientista ruivo, Arnaud Fécamp, que lhe parecera suspeito. Ela relatou sua perseguição em Lyon, sua invasão ao prédio de la Duchère, e depois contou como chegara a Montmartre com uma só ideia na cabeça: entender. Ao longo de seu relato, Sharko sentira-se crispado, o rosto contorcido. Ele se ergueu, irritado, e olhou com firmeza para Lucie:

— Você poderia ter morrido! O que deu em você?

— Minha filha foi morta, não eu. Falta de sorte? Acaso? Foda-se. O que interessa é que estou aqui, na sua frente, e estamos avançando.

Silêncio. Músculos tensos, nuca doloridas, esmagadas pelo cansaço dos nervos. Finalmente, Lucie se levantou e foi até a cozinha.

— Tem cerveja na geladeira?

Sharko assentiu. Ele a observou indo e voltando com uma latinha aberta. Ela não havia perdido nada de sua capacidade de policial, ainda tinha o espírito vivo, alerta, inteligente. Algo dentro dela a poupava do aniquilamento total que sua tragédia podia ter causado.

A voz feminina interrompeu seus pensamentos.

— Vocês encontraram vestígios do Cro-Magnon e de seu genoma na casa de Terney?

— Não. Nenhum laboratório secreto ou algo do tipo. Uma casa acima de qualquer suspeita. Por outro lado, ele fotografou essa múmia e a imagem estava pendurada em sua biblioteca, ao lado das pinturas de uma fênix e de uma placenta. Quanto ao genoma... Não encontramos qualquer arquivo de computador na casa da vítima. Tudo foi roubado, com certeza.

— Alguma informação sobre a vítima?

— Estamos descobrindo aos poucos, averiguaremos mais amanhã. À primeira vista, era um médico obstetra, especialista em problemas neonatais e autor do livro que você tem em mãos. Um homem multidisciplinar.

— Diga tudo o que vocês encontraram. Diga como *voce*s foram parar na casa da vítima.

— Vá embora, Lucie.

Ela o fulminou com o olhar, batendo com a latinha na mesa.

— Vá se foder, Sharko. Se quiser me botar para fora, vai precisar fazer um pouco de musculação.

Ela manteve-se rígida, diante dele, os braços estendidos ao longo do corpo. Sharko se deixou deslizar pelo sofá.

— Beba sua cerveja e acalme-se...

Com um nó no peito, Lucie se pôs bem em frente a ele e engoliu um terço do conteúdo da latinha com uma careta. Ela precisava relaxar e o álcool a ajudaria. O comissário apertou a garrafa em sua mão.

— Agora, ouça bem o que vou dizer.

Ele relatou em linhas gerais as investigações. A tese abordando a lateralidade e a relação com a violência. A pesquisa da jovem estudante sobre os desportistas, os povos ferozes, sua viagem ao México, e depois a outra, incompreendida, a Manaus. Seu pedido, depois de voltar do Brasil, para encontrar criminosos violentos franceses, dentre os quais Grégory Carnot parecia ser seu objetivo. Ele repetiu que o Brasil havia mudado algo na busca de Éva Louts, e que ela planejava voltar para lá. Sobre a parte técnica, ele explicou brevemente que o fragmento de esmalte recolhido do corpo dela tinha permitido remontar até Terney que, por ora, representava o último elo da corrente.

Ainda que não tivesse assimilado tudo, ainda que lhe faltassem os detalhes, os odores, as imagens que desprendem de um caso criminal, Lucie se deixou guiar por suas simples deduções:

— Grégory Carnot, originalmente canhoto, começa a fazer desenhos de cabeça para baixo, ao mesmo tempo em que se torna violento. Não sabemos nada sobre seus antecedentes familiares. Criança abandonada no nascimento, adotada, sem problemas específicos, exceto pela intolerância à lactose.

— É um bom resumo.

— Trinta mil anos antes, um homem de Cro-Magnon, também canhoto, massacra uma família inteira, e faz igualmente um desenho invertido. Duas pessoas notaram essas semelhanças e fizeram a associação. De um lado, Stéphane Terney, pesquisador e médico parisiense, que parecia interessado principalmente no genoma do Cro-Magnon, a ponto de roubá-lo. Do outro, Éva Louts, estudante de biologia, bastante motivada por sua tese e suas descobertas sobre a lateralidade e a violência, se entendi bem.

— É isso.

— Ambos mortos, provavelmente assassinados pela mesma pessoa. Ela, procurando uma relação entre a lateralidade e a violência; ele, um fanático por DNA, buscando proteger alguma coisa dentro do genoma do Cro-Magnon. O assassino achou por bem eliminar os dois, o que deve querer dizer que existe um ponto em comum...

— Éva Louts volta do Brasil... Em seguida vai visitar os prisioneiros canhotos e violentos. Ela recolhe dados sobre eles, faz fotos... E depois, planeja voltar ao Brasil... Como se...

— Como se lhe tivessem confiado uma missão. Colher os dados e levá-los de volta para lá.

— Exatamente.

Lucie pegou o livro de Terney, à sua frente.

— Os canhotos, o genoma de Cro-Magnon, o DNA, este livro, que fala de códigos ocultos... Tudo isso parece estar ligado.

— Mas nos falta o elo.

Lucie bebeu mais um gole e esfregou os lábios, sentindo um calor visceral.

— Vamos raciocinar. O que poderia dar as mesmas características a dois indivíduos separados por alguns milênios?

— O DNA? Os genes?

Lucie concordou, convicta.

— É isso que sugere esta investigação, desde o início. Parece que há uma relação com essa maldita molécula de DNA. No entanto, a diretora do centro de pesquisas de Lyon me garantiu que a violência não pode se propagar nos genes. O famoso “gene da violência” não passa de um mito. E depois, seria muita estupidez falar de um laço de parentesco entre Carnot e um ancestral separado dele por centenas, milhares de gerações.

— Por que seria uma estupidez? Nós não viemos ao mundo trazidos por uma cegonha, e esses homens de Cro-Magnon são obviamente os ancestrais de alguns entre nós. De qualquer modo, acho que Terney estava sabendo de alguma coisa. Algo capaz de atravessar o tempo, e que o assassino impediu que ele revelasse.

— Assim como Éva Louts... Dois caminhos diferentes, mas que levaram ao mesmo resultado.

— A morte...

Sharko fez um gesto em direção ao livro.

— Você deu uma olhada no livro dele?

— Bem rapidamente. A meu ver, tem o mesmo valor que um livro de receitas culinárias. De modo geral, você pega os cromossomos humanos, desenrola seu DNA e põe um ao lado do outro. Isso vai gerar uma série de cerca de três bilhões de letras A, G, T, C que constituem nosso patrimônio genético, o famoso genoma humano. Com tudo isso, você faz estatísticas, cálculos e procura coincidências, que são interpretadas como mensagens ocultas...

— Pelo visto, você entende do assunto.

Os dedos de Lucie se contraíram sobre sua calça. E, depois de um suspiro, suas palavras foram duras:

— Entendo um pouco, é verdade. Um ano atrás, foi meu próprio DNA que colheram para comparar com o daquele corpo queimado na floresta.

Sharko afundou no sofá, abatido. Lucie falava devagar. Suas palavras pesavam feito tijolos.

— Acompanhei cada etapa que permitia, a partir dessa molécula, levar a uma identidade. Passei meus dias e minhas noites com os técnicos do laboratório, de máscara e luvas, até que essa maldita sucessão de A, de T, de C e de G de meu DNA fosse

comparado ao da... da...

— Da vítima da floresta.

— Isso. Eu poderia descrever o processo todo de cor.

Sharko tentou manter um ar impassível, construindo uma muralha invisível em torno de si. Mas, lentamente, um veneno se infiltrou em suas veias. Ele podia ver os rostos das filhas de Lucie, ouvi-las rindo, ele sentia a areia de Vendée se esfarelando sob seus pezinhos. Os sons, os odores não se apagam jamais. Naquele dia, na praia de Les Sables-d'Olonne, Sharko impedira Lucie de acompanhar as meninas até o sorveteiro, porque estava lhe falando sobre seus sentimentos. Bastou um minuto... Um ínfimo minuto para que raptassem Clara e Juliette. A culpa era toda dele.

Lucie agora refletia em silêncio. Finalmente, ela lançou um olhar na direção do computador.

— Eu gostaria de fazer umas pesquisas sobre esse Stéphane Terney. Ele escreveu um livro, é conhecido, deve ser possível achar bastante informação sobre ele na internet.

Sharko se refugiou em sua cerveja. O álcool escorreu ruidosa e pesadamente por sua garganta. Seu espírito estava esgarçado. Ele apontou com a cabeça para o relógio.

— São mais de duas horas da manhã. Você está fazendo a mesma coisa que há um ano. Devia descansar um pouco.

— Você também.

Sharko suspirou e disse:

— Você tem ido a um psiquiatra? Alguém que... que a ajude a lidar com tudo isso?

Lucie cerrou os lábios e, depois, a contragosto, inclinou-se em direção a Sharko e pegou suas mãos. Após afagá-las, envolveu os dedos finos com os seus.

— E você? Já viu em que estado você está? O que aconteceu com você, Frank? Sou eu que deveria estar nestas condições, sou eu que...

Ele a interrompeu.

— Eu não tenho mais nada, mais ninguém.

Ele olhou para o chão, o olhar vazio, e se reergueu subitamente, já lamentando suas palavras.

— Porra. Não tenho o direito de ficar sentindo piedade de mim mesmo. Estou bem assim, Lucie, apesar do que você pensa. Tenho meus pequenos hábitos e um emprego que me impede de pensar de mais no restante. O que mais posso querer?

Ele se dirigiu até o computador, sentou-se na cadeira, apertou o botão para ligá-lo. Lucie veio se instalar atrás dele, com a latinha na mão.

— Antes de nos reencontrarmos, ainda sentia ódio por você às vezes, Frank.

Ele estava de costas para ela. Ela viu seus ombros se contraírem. Parecia tão frágil, todo feito em porcelana sob sua carcaça de policial. Lucie ainda se recordava perfeitamente: algumas horas após o sequestro das gêmeas, ela despejara todo seu ódio, sua impotência em cima de Sharko. As pessoas ao redor, os policiais, tinham pedido ao comissário que sumisse dali e ficasse longe de Lucie.

— Na verdade, acho que não se passa um dia sem que eu sinta ódio de alguém. Meu antigo chefe na brigada, minha mãe, e até minha filha, minha pequena Juliette.

Ela balançou a cabeça, à beira das lágrimas, e continuou:

— Você não entende, não é mesmo? Pensa que estou doente, que sou uma mãe indigna, uma louca?

— Eu não a julgo, Lucie.

— Sempre e sempre, as mesmas frases girando na minha cabeça. Por que não foi Juliette que partiu, no lugar de Clara? Por que foi ela que os policiais trouxeram do quarto da casa de Carnot, e não a irmã? Por que ele a poupou? Tantas perguntas das quais só conseguirei me livrar se conseguir enterrar Grégory Carnot definitivamente.

Ela suspirou.

— Ele ainda está vivo, Franck. Grégory Carnot ainda vive, por meio de quem quer que tenha matado Terney e Éva Louts. Esse assassino não é um homem de meias medidas. A gente não sabe o que se passou na cabeça de Carnot, mas há pessoas que sabem, tenho certeza. Eu quero, eu preciso achar o assassino. Disso depende a saúde de Juliette, dos filhos que ela terá mais tarde. Minha mãe disse que é necessário resolver os conflitos, enfrentá-los e, sobretudo, não enterrá-los. Tudo deve terminar com respostas.

Ela engoliu a saliva. Suas mãos estavam suadas. O pouco álcool que consumira já havia lhe subido à cabeça. Sharko estava profundamente comovido, quase a ponto de também chorar. *Disso depende a saúde de Juliette, dos filhos que ela terá mais tarde.*

— Nós estamos metidos no meio disso tudo, Franck. A violência... Como no ano passado, só que... desta vez, é no tempo que ela se exprime, não no espaço. É tão estranho que ela nos toque, a você e a mim, a tal ponto. Como se...

— Fôssemos perseguidos por ela.

Outro silêncio. Um pesado mal-estar.

— Nós somos iguais, você e eu — acrescentou Lucie. — Queremos ir até o fundo das coisas, não importa o preço a pagar.

Sharko desligou a máquina. Ele ignorava o que exatamente viera procurar no computador, além de um jeito de fugir do olhar de Lucie.

— Mas eu já estou fora disso, lamento... Está tudo acabado há um bom tempo.

— Nada está acabado, pois você está aqui, em pé, à minha frente, não importa qual seja sua dor, sua raiva.

— Você não sabe da minha raiva.

— Posso senti-la. Mas não me deixe voltar para casa sem resposta. Mantenha-me próxima da investigação. Perto de você.

Sharko se manteve impassível, os dedos crispados sobre o mouse, incapaz de tomar uma decisão. Imediatamente, diante daquele silêncio, daquela espera interminável, Lucie se sentiu mal, vacilante, como uma armadura que se acredita indestrutível, que enfrentou tantos e tantos golpes de espada que acaba por se partir ao menor sopro do vento. Lentamente, ela se virou e se encaminhou para a porta, titubeando. Sua cabeça

girava, ela via borboletas, estrelas. O cansaço, os nervos, os quilômetros percorridos desde o dia anterior...

— Desculpe... ter incomodado — disse com dificuldades.

Sharko saltou de sua cadeira e espalmou a mão sobre a porta. Ele se inclinou na direção dela. O rosto de Lucie afundou no peito de Sharko e ela esvaziou-se de todas as suas lágrimas. Seus membros tremiam. No limite de suas forças, ela quase desmaiou.

Quando Sharko a cobriu, sobre o sofá; ela já dormia, toda encolhida. Com um suspiro, ele acariciou longamente seu rosto, sentindo-se devorado pelos arrependimentos e remorsos.

Depois, cerrou os maxilares e foi se trancar em seu quarto.

Pareceu-lhe ter dormido uma ou duas horas, oscilando entre realidade e pesadelo. Imagens, vozes, ideias insanas dançavam na fronteira de seus sentidos. Sentir Lucie tão próxima dele, tão frágil, provocava-lhe náuseas. Sob o lençol, seus dedos se contraíram. Tinha a impressão de ter sido partido em dois. De reviver sua própria história, seus sofrimentos, toda aquela angústia que habitava seu peito.

Às sete e meia da manhã, enquanto olhava fixamente para o teto, bem-estendido em sua cama tal qual um defunto na funerária, ele recebeu uma ligação de Pascal Robillard.

O inspetor descobrira quem era o homem de pijama.

Chamava-se Daniel Mullier.

Foragido de um asilo especializado do décimo quarto *arrondissement* de Paris.

Um autista...

[S]harko saiu discretamente, sem acordar Lucie. Apenas uma passagem rápida pelo banheiro, um recado rabiscado em um pedaço de papel, mais nada. Nem café, nem rádio, nem barulho. Seu olhar deslizou sobre o corpo da mulher, uma vontade dolorosa de apertá-la contra si. Sair desse jeito lhe partia o coração. Da mesma forma que desejava não vê-la mais, também desejava que ela estivesse lá mais tarde, à noite, quando ele voltasse. Talvez pudesse lhe trazer um pouco de conforto? Talvez pudesse abrir seus olhos para o futuro? Ou então seria ela que o ajudaria?

Trajeto triste, engarrafamentos, barulho, cheio de perguntas na cabeça. Falta de sono, o cérebro já em ebulição. O comissário parou seu carro no estacionamento da Casa de Repouso Especializado Felicité. Cumprimentou seu colega, que também acabara de chegar. Levallois fumava um cigarro, encostado em seu veículo. Seus olhos estavam inchados.

— Então, e a necrópsia? — perguntou o comissário ao apertar sua mão.

— A vítima foi torturada por pelo menos duas horas, queimada com cigarro, em desenhos com motivos cromossômicos, depois deixaram seu sangue escorrer. Não morreu de imediato. O resto são detalhes do médico-legista, que não nos dizem muita coisa. Passei uma noite infernal. Viva a polícia!

O jovem inspetor parecia abatido. Sharko colocou uma das mãos em seu ombro e o sacudiu um pouco. Os dois homens se encontravam diante do prédio estilo Haussmann, isolado da rua por pequenas cercas e jardins graciosamente floridos. O décimo quarto *arrondissement* abrigava as principais instituições psiquiátricas, sendo o célebre Hospital Sainte Anne o mais importante de todos.

— E sobre o livro de Terney, alguma novidade?

— Vários biólogos se debruçaram sobre ele durante a noite. Eles já conheciam o livro. Afora as estatísticas, os cálculos matemáticos e as proposições eugenistas, por enquanto não encontraram nada de especial. São quase duzentas páginas, vai levar tempo, eu acho. Eles não sabem o que devem procurar.

— Proposições eugenistas, você disse? No meio de dados matemáticos?

— O responsável pelo laboratório disse para a gente passar por lá, caso precisemos de mais informações. Ele estava muito mal-humorado.

— Se precisarmos de mais informações? Terney teve o reflexo de apontar para o livro antes de morrer, é evidente que precisamos de mais informações!

O homem que recebeu Sharko e Levallois chamava-se Vincent Audebert. Era o diretor daquele centro, que acolhia quatorze autistas adultos graves, todos desprovidos de autonomia. Dado seu estado mental, Daniel Mullier tinha sido levado para lá, algumas horas antes. Uma coisa era certa: ele não era culpado. Segundo o diretor, os quatorze enfermos voltavam de uma semana de férias, em um centro especializado na Bretanha, e tinham retornado apenas dois dias antes, portanto, após a morte de

Stéphane Terney.

Vincent Audebert apontou para uma das janelas do térreo.

— O quarto de Daniel dá para o pátio. Ele já fugiu antes, mas faz dois ou três anos.

— O que provocou sua fuga?

— Stéphane Terney tinha prometido vir buscá-lo ontem, para assistirem a uma conferência sobre DNA. Eles se conhecem há muitos anos. Daniel e Terney se viam uma ou duas vezes por mês. O médico sempre cumpria suas promessas, Daniel estava contando muito com esse encontro. Mas, desta vez...

Ele fez uma pausa.

— ...Então, para expressar sua raiva, Daniel começou a contar o número de grãos de um saco de um quilo de arroz. Quando isso acontece, ele se fecha em seu quarto, e nós o deixamos ir até o fim do ritual, que lhe toma cerca de quatro horas. Não tem outra solução.

— Vocês não se deram conta de seu desaparecimento esta noite?

Ele balançou um molho de chaves com as mãos nos bolsos, depois suspirou.

— Não estamos dentro de uma prisão. Não fazemos rondas noturnas ou incursões inesperadas nos quartos, exceto quando necessário. Daniel saiu pela janela, escalou o muro e depois sumiu na cidade. Ele já foi até a casa de Stéphane Terney, conhecia o caminho.

— Existe alguma chance de que Daniel nos fale ou nos explique o que pode ter visto ou escutado? Ele é capaz de nos esclarecer sua relação com Terney?

— Não há a menor chance. Ele não fala, só escreve a mesma sucessão de letras, números, cálculos. São sua única linguagem. Ele não compreende suas próprias emoções, e ainda menos as dos outros. É por isso que é tão difícil penetrar na esfera que os autistas erguem em torno deles. Mas Terney conseguiu. Foi capaz de estabelecer uma forma de comunicação com Daniel. E essa linguagem passava pela matemática.

— De que tipo de autismo Daniel sofre, exatamente?

— Um dos tipos mais graves. Vou evitar entrar em detalhes, mas, no geral, ele apresenta total incapacidade de se comunicar pela fala; exhibe distúrbios do desenvolvimento social e sofre de grave retração. Paradoxalmente, apesar das graves deficiências, ele tem o que chamamos comumente de “síndrome do sábio” ou “savantismo”. Além de possuir uma memória prodigiosa, ele desenvolve capacidades excepcionais no que tange a estatísticas, análise de números ou de letras. É algo que vai além de tudo o que vocês podem imaginar. Vou mostrar a sala que arrumamos especialmente para ele, as imagens valem mais do que as longas explicações.

Eles seguiram para o interior do prédio, que lembrava um estabelecimento escolar. Cabideiros enfileirados, desenhos pregados na parede, salas vazias, com cadeiras em torno de mesas redondas. Reinava uma incrível impressão de ordem e asseio ali dentro. Os adultos ainda deviam estar em seus quartos, certamente situados na ala perpendicular. A calma se espalhava pelos corredores, como um sedoso lençol de

demência.

— Como Stéphane Terney e Daniel se conheceram? — perguntou Sharko.

— Foi em 2004. O pesquisador veio até aqui. Ele conhecia a capacidade de Daniel para análises de grandes conjuntos de letras e números. Queria encontrá-lo porque estava pensando em escrever um livro sobre o DNA. Um livro que trataria de números, estatísticas. Ele pensou que Daniel talvez fosse capaz de detectar informações de dentro da molécula e, assim, ajudá-lo.

— Que tipo de informações?

— Equilíbrios matemáticos, leis inmutáveis às quais obedeceria a interminável sucessão de A, G, C e T. Terney pesquisava a ordem dentro do caos.

O diretor abriu a porta de uma ampla sala circular toda branca e com pé direito muito alto. Perplexos, Sharko e Levallois ficaram imóveis. Centenas de milhares de obras, todas idênticas, arrumadas lado a lado, em várias estantes em torno deles. A biblioteca de Terney parecia ridícula em comparação àquela. As lombadas traziam números inscritos em ordem crescente... 1, 2, 3, 4...

— São livros parecidos com o que Daniel tinha em mãos na casa de Terney — murmurou Levallois.

No meio da sala, Daniel estava sentado diante de uma escrivaninha, um livro aberto à sua frente, uma caneta na mão. Sobre a mesa, havia uma lata com dezenas de canetas, todas idênticas, assim como um computador ligado. Daniel sequer olhou para eles. Ele estava curvado, concentrado em sua tarefa. Escrevia sem parar, gesticulando rapidamente. Sharko olhou ao redor; ele havia notado um pedaço de pano vermelho, pendendo entre os volumes 341 e 343, à esquerda. Lembrou-se de que Daniel tinha sido descoberto na casa de Terney com o volume 342.

O diretor indicou os livros, com um gesto largo, dizendo em voz baixa:

— Há exatamente cinco mil livros, contendo trezentas páginas cada um. Nem mais, nem menos. Foi Terney que os mandou fabricar para Daniel. Aqueles localizados depois do pedaço de pano ainda precisam ser preenchidos. Ou seja, quase todos.

Levallois arregalou os olhos.

— Serem preenchidos? Por... Daniel, você quer dizer? Mas... o que ele anota neles?

O diretor do centro apanhou o primeiro volume, o número 1, e o abriu.

— Ele anota o genoma completo do homem moderno... O conjunto de três bilhões de letras A, C, T e G que compõe o DNA de nossos quarenta e seis cromossomos, dispostos um ao lado do outro. A grande enciclopédia da vida. O mais poderoso dos manuais, que contém, de maneira codificada, a construção de nossos órgãos, o périplo de nossos ancestrais, um conjunto de instruções que os pequenos Champollions que habitam em nós leem há centenas de milhares de anos, de maneira a fabricar as proteínas que nos permitem viver.

Levallois folheou as páginas, confuso, completamente alucinado. Milhares e milhares de letras escritas em minúsculas — AAGTTIACC... — em cada página, de cada livro,

de cada estante.

— Aí temos só o início da sequência do cromossomo 1 — explicou o diretor. — Faz seis anos que Daniel começou, numa média de dez horas por dia, durante as quais ele escreveu cerca de cem mil letras. Isso equivale a cinquenta páginas diariamente.

Sharko observou a sequência infinita de papel, a quantidade improvável do trabalho a ser realizado.

— Meu Deus...

— Pois é, uma busca sem fim. Neste ritmo, apesar da velocidade incrível de escrita, e trabalhando trezentos e sessenta e cinco dias por ano, serão precisos cem anos. Nós já sabemos que ele vai passar o resto da vida fazendo isso... Anotando, anotando, anotando...

Os dois policiais trocaram olhares, desorientados.

— Mas... Por quê? — pergunta Sharko.

— Por quê? Porque é o mundo dele, a materialização de sua efervescência interior. Ele não tem qualquer outro meio de expressão, nenhuma outra possibilidade de expulsar a quantidade formidável de energia que trabalha em seu cérebro. Todas as capacidades que lhe faltam, toda essa luz que ele não vê em torno de si mesmo, se concentram nesta única tarefa. Ela é insana para nós, mas extremamente significativa para ele. Daniel... encontrou seu caminho.

Com um suspiro, ele indicou o computador.

— Daniel expôs dois genomas diferentes do homem moderno na tela, que podem ser recuperados no site do Génoscope. Vou dar os detalhes, mas observe como Daniel procede: ele visualiza o conteúdo do primeiro genoma no alto da tela, o memoriza e o recopia sobre as páginas, antes de prosseguir, apertando o botão “Seguinte”. Porque o genoma se estende por milhões de telas sucessivas!

— Por que colocar dois genomas na tela, se ele copia um só?

O diretor apontou para algumas letras sublinhadas no livro. Não havia mais do que uma ou duas por página.

— Ele não se contenta em copiar o genoma. Ele sublinha certas letras, cada vez que há uma diferença entre seu genoma de referência e o outro exposto na tela.

— Você está dizendo que existem tão poucas diferenças genéticas assim entre dois genomas distintos, e, portanto, entre dois indivíduos distintos?

— Exatamente... Você tem mais de 99,9 por cento do DNA em comum com um aborígene nos confins da Austrália, com um negro, um chinês, um mongol. Você está mais próximo geneticamente desses indivíduos do que dois chimpanzés apanhados ao acaso na mesma selva. É por isso que falamos “do” genoma do homem e não “dos” genomas, e que não há tantos genomas na internet quanto humanos. Na verdade, há apenas dois disponíveis porque, na época, dois projetos foram realizados paralelamente. Os genomas da humanidade são globalmente todos iguais, excetuando-se alguns “erros” menores que, para esquematizar, mudam, por exemplo, a cor dos olhos. Entre os três bilhões de bases A, T, C, G presentes no DNA de cada uma de nossas células,

somente três ou quatro milhões estão em locais diferentes, apresentando encadeamentos inéditos de um ser humano para outro. Sua própria enciclopédia da vida, comissário, será praticamente idêntica a de Daniel ou à minha, excetuando essas poucas letras sublinhadas.

Sharko estava estupefato, mas por outro lado, ele sentia uma grande piedade por aquele homem, que ainda tinha toda a vida pela frente e que passaria sua existência copiando aquilo que um computador restituía em apenas alguns segundos.

— De que fala precisamente o livro de Terney? Por que Daniel estava envolvido?

— No início, a obra deveria tratar unicamente de estatísticas. Stéphane Terney se divertiu utilizando as famosas bases A, T, C e G, fazendo uma série de cálculos segundo sua localização, sua repetição, sua quantidade na longa cadeia do DNA. Dividir, por exemplo, o número total de seqüências AIA por aquele de CCC, nós chamamos essa sucessão de três letras de códon, e obter números notáveis, inteiros, como treze, ou sete, enquanto deveríamos achar números com vírgulas completamente aleatórios. Daniel o ajudou nisso... Terney fala até mesmo de número de ouro, de seqüências matemáticas notáveis... Enfim, ele anuncia claramente que toda a magia da natureza se exprime através do DNA por meio desses códigos ocultos.

— Por isso o desenho do homem vitruviano na capa do livro. A perfeição do ser humano, oculta no DNA.

— Exatamente. Mas eu sou muito cético diante desses “achados”. Quando se procura alguma coisa numa tal quantidade de letras e de números, acaba-se sempre encontrando...

Ele fez uma careta.

— Esse livro poderia ser apenas um vulgar *O Código Da Vinci* do DNA, mas eu acredito que ele seja apenas um pretexto. Terney se serviu dele para destilar inúmeras ideias eugenistas: justificativas para a eutanásia, abortos sistemáticos em caso de problema fetal, rejeição das populações que envelhecem, que ele considera como um vírus do planeta. Terney é... enfim, foi a favor da pureza e da juventude do ser humano. Para ele, certas “raças”, certas enfermidades genéticas, rompem com os equilíbrios matemáticos perfeitos que ele conseguiu encontrar dentro do genoma humano com a ajuda de Daniel... Os “intrusos”, como ele chamava, não eram dignos de figurar no patrimônio genético a ser legado aos nossos sucessores. Ele usou Daniel para... prejudicar justamente pessoas como Daniel. Achei isso uma atitude monstruosa.

Sharko pensou nos elementos mais fracos de um cardume de peixes. Terney quis passar o mesmo tipo de mensagem, mas de um ponto de vista genético.

— No entanto, vocês deixaram que ele continuasse a ver Daniel — disse.

— Eu tentei interromper a relação, no começo. Mas Daniel ficou infeliz, suas crises pioraram. Terney realmente lhe oferecia algo nessa comunicação por meio de letras e de números. Penso que, no fundo, o rapaz de fato o amava. O DNA era a chave para o cadeado que aprisionava Daniel, Terney lhe entregou essa chave. Então, eu deixei que continuasse, mas, acredite, eu não sentia afeto por Terney. Agora, que ele não está

mais entre nós, fico até triste, pois não sabemos como Daniel vai ficar...

Sharko olhou fixamente para o jovem autista, que colocou a caneta no canto e pegou uma nova. Ele observou as fileiras, as estantes de livros vazios, cuja maior parte jamais seria preenchida. Naquele espiral ilógico, ele teve de repente uma intuição:

— Daniel leu *A chave e o cadeado*?

— Podemos dizer que é seu livro de cabeceira. Ele o folheia quase todas as noites, incansavelmente...

Os olhares de Sharko e Levallois se cruzaram rapidamente, enquanto o diretor prosseguia:

— ...Mas ler não é o termo exato, vocês entendem. Ele não compreende, é claro, as proposições eugenistas, nem os enunciados. Vai ser muito difícil explicar rapidamente como funciona, mas... digamos que ele percorra todos os livros que lhe caem nas mãos em termos de “sucessão de letras”. Para esquematizar, vamos dizer que conexões se acendem em sua cabeça, que conjuntos se coloreem imediatamente sob seus olhos diante do texto. Ele poderá com uma só olhada passar a informação, ou escrevê-la, de que uma página contém cinquenta vezes a letra “e”, sem, no entanto, ser capaz de dizer o assunto do texto em que ela aparece.

Discretamente, Sharko cerrou os punhos.

— Eu gostaria muito de ver esse exemplar.

O diretor assentiu.

— Fica cuidadosamente guardado no quarto dele, sempre no mesmo lugar. Já volto. Ele sumiu no corredor.

— É assustador... — murmurou Levallois. — E a gente que não para de se queixar. Esse rapaz não tem nem vinte anos e vai passar a vida aqui, nesta sala.

— A doença mental é um veneno lento.

Sharko se aproximou de Daniel. O rapaz curvou-se um pouco mais, ao sentir a presença atrás dele, como faria um gato na defensiva, mas não parou de escrever. Seu polegar e seu indicador direitos pareciam deformados, ossudos. Ele segurava a caneta como se segura o cabo de uma chave de fenda. O comissário gostaria de tranquilizar aquele jovem, pôr a mão em seu ombro, confortá-lo um pouco, mas não o fez.

Audebert estava de volta. Sharko pegou o exemplar em sua mão e o folheou atentamente. Páginas completas, destituídas de sentido, representando seqüências de DNA, de onde Terney extraía suas estatísticas, elaborava gráficos, tirava conclusões. Não havia anotação alguma de Daniel, mas Sharko percebeu algumas páginas dobradas no alto, mais gastas do que as outras. Por exemplo, a página 57 do livro. No alto desta, estava indicado: “Consideremos, por exemplo, a seqüência de DNA a seguir.” Abaixo, várias seqüências de A, T, C e G se sucediam. O que chocou o comissário não foi aquela sucessão desprovida de sentido. Mas o fato de que todas as letras, sem exceção, tinham sido sublinhadas por Daniel da mesma forma que no volume número 1 da enciclopédia da vida. Ele mostrou a página a Vincent Audebert.

— Você sabe por que ele fez isso?

Audebert franziu os olhos.

— Não tinha notado isso antes... Mas... Ele sublinha tudo o que é diferente do genoma de referência. Com o computador, ele pode fazer pesquisas dentro do genoma... Talvez tenha procurado essa sequência no site do Genóscope, sem a encontrar? E por isso teria sublinhado tudo?

Sharko virou outras páginas. E aquilo recomençava. Páginas 141, 158, 198, 206, 235, 301... Sempre a mesma frase no início: “Consideremos, por exemplo, a sequência de DNA a seguir”, e sempre com as letras sublinhadas. Daniel realmente havia se empenhado.

Levallois pegou o livro número 2, abriu-o, folheou e encolheu os ombros.

— Não entendo... Dá para ver que só existe uma diferença a cada mil ou duas mil letras. Como Daniel pôde sublinhar tantas diferenças sucessivas?

— Stéphane Terney talvez tenha escrito as sequências completamente ao acaso, apenas para dar um exemplo? Ou então...

O diretor parecia perturbado. Refletiu e, de repente, estalou os dedos.

— ...ou então, talvez eu tenha outra explicação.

Ele pegou o livro de volta e examinou com atenção as páginas.

— Por causa de Daniel e Terney, tive que estudar sobre DNA. Eu sei a quais locais da molécula correspondem mudanças assim tão rápidas, agrupadas e de sequências importantes. São o que chamamos de microssatélites. — Ele apontou em direção à enciclopédia da vida. — Um dia, Daniel escreverá páginas em que milhares de letras sucessivas serão sublinhadas como estas, antes de tudo recair de volta na normalidade... Serão então microssatélites. Seus colegas da polícia técnica usam isso todo dia nas análises de DNA, porque são como impressões digitais. São únicas para cada indivíduo, e sempre situadas no mesmo lugar do genoma.

Sharko e Levallois se olharam novamente, perplexos.

— Esses microssatélites serviriam então para as impressões genéticas? — perguntou o comissário.

— Exatamente. Acredito que sete impressões genéticas diferentes estão escondidas neste livro, em meio a outros dados anódinos. Sete códigos de barra de sete indivíduos que talvez existam neste planeta. — confirmou o diretor.

[O]s dois policiais entraram apressados no prédio da polícia técnica, no Quai de l'Horloge. O local era dividido em diferentes serviços, como toxicologia, balística, análise de documentos. Um concentrado de tecnologia, um labirinto de equipamentos, cada um mais caro que outro, capazes de analisar sangue, pontas de cigarro, explosivos, fios de cabelo. Confissões arrancadas por meio da ciência.

Jean-Paul Lemoine, diretor do laboratório de biologia molecular da polícia técnica de Paris, os aguardava em um pequeno escritório. Tinha cerca de quarenta anos, cabelos louros curtos, quase grisalhos, e espessas sobrancelhas no mesmo tom. Um físico ordinário, sem brilho, mas tampouco sem grandes defeitos. Seu trabalho? Manusear com a equipe máquinas enormes, como o PCR, que faz a reação em cadeia da polimerase, os sequenciadores, que fotocopiam, recortam e analisam fragmentos de DNA.

Pouco à vontade, ele convidou os policiais a se sentarem.

— Microsatélites... O homem está certo. Eles estavam submersos na massa de informações do livro. Talvez acabássemos os descobrindo, mas em quantos dias, semanas?

Ele olhou para o livro aberto à sua frente.

— Em todo caso, foi tremendamente astucioso ter dissimulado os códigos genéticos em uma obra publicada. É a melhor maneira de impedir que um segredo seja destruído. Dispersando-o por milhares de lugares diferentes... Eu conhecia esse livro. Ao ser lançado, Stéphane Terney o enviou gratuitamente a universidades, cientistas e pesquisadores. Uma forma de propaganda para teses eugenistas habilmente disfarçada por trás de dados matemáticos. Um autor turco já havia utilizado esse tipo de tática em seu “Atlas da criação”, questionando o darwinismo e divulgando a teoria criacionista. A obra do turco, magnífica, bem investigada e documentada, foi endereçada a cientistas e intelectuais do mundo todo.

Ele empurrou o livro na direção de Sharko.

— O que mais desejam saber? O procedimento exato que utilizamos para estabelecer um perfil genético?

— Não. Nós viemos aqui para saber se é possível efetuar uma pesquisa dessas sete impressões genéticas no Arquivo Nacional Automatizado de Impressões Genéticas.

Foi Sharko quem tivera a ideia. O órgão mantinha um arquivo automatizado completo. Desde 1998, todos os autores de infrações de caráter sexual estavam fichados ali e, desde 2007, era possível adicionar ao seu repertório quase todas as contravenções interpeladas pela polícia. Bastava haver correspondência entre o registro no arquivo e o que foi encontrado na cena do crime, por exemplo, para se chegar a um suspeito.

Lemoine pareceu cético.

— Bem... Seria preciso que fosse digitado em um computador todas as letras

manuscritas apreendidas... Normalmente, tudo é automatizado. Em geral, recebemos uma amostra de saliva ou uma roupa manchada de esperma para analisar, colocamos o material na máquina e o código de barras do indivíduo aparece. Mas, neste caso, não há material, apenas... papel. Olhem estas páginas, vocês viram, como eu, que uma impressão genética pode alcançar, não sei, milhares de letras sucessivas? Levaria horas para apreender tudo e, ainda assim, considerando que não houvesse o menor erro. Isso exigiria extrema concentração, e refazer tudo sete vezes. E eu, bem, eu já trabalhei a noite toda, estou um pouco cansado.

Encolheu os ombros, demonstrando estar constrangido. Aparentemente, ele tinha uma única vontade no momento: retornar para casa.

— Você sabe, comissário, o Arquivo de Impressões Genéticas contém menos de um milhão e meio de perfis genéticos estocados, ou seja, nem mesmo dois por cento da população francesa. Eu disse francesa, não mundial. E depois, nada nos indica que as impressões genéticas do livro sejam reais. Elas poderiam...

— Pessoas morreram por causa disso — interrompeu Sharko. — Essas impressões são reais, posso pôr minha mão no fogo. Terney as escreveu em seu livro e entrou em contato com um autista com savantismo para que um dia, talvez, pudéssemos entender, caso lhe acontecesse uma desgraça. Mesmo se Daniel Mullier não estivesse presente no local do crime, evidentemente teríamos chegado a ele, de um jeito ou de outro. Ele era como... uma chave, destinada a abrir um cadeado. Por favor, faça isso.

Após refletir, o cientista pousou seu copo descartável vazio e concordou, com um suspiro.

— Muito bem. Vou tentar. Preciso de alguém que leia, enquanto eu digito.

Ele pegou o livro e o entregou a Sharko, que, por sua vez, passou-o para Levallois.

— Cuide disso. Eu dormi mal. Meus olhos estão ardendo.

Levallois resmungou.

— E eu? Você acha que eu dormi?

Com um suspiro, o inspetor se instalou ao lado de Lemoine, que lhe advertiu:

— Por favor, acima de tudo, não cometa qualquer erro. Vou mostrar onde começar para que isso coincida com o formato exigido pelo programa.

Ele circundou uma letra em particular, a que vinha logo após a sequência inicial idêntica a todas as enciclopédias da vida.

— Vamos lá, lentamente, mas com segurança.

Levallois começou a ler...

— AATAATAATAATGTCGTC...

...enquanto Lemoine digitava. Cerca de vinte minutos depois, Levallois suspirou um “Acabou”, e o biólogo acionou a tecla “Enter”. Ele aguardou alguns segundos. A primeira impressão genética foi instantaneamente comparada aos milhões de registros armazenados nos servidores de segurança, situados em Écully.

Na tela, uma palavra: NEGATIVO. Decepção geral.

— Primeira impressão desconhecida. Ao que parece, sua teoria não funciona,

comissário. Paramos por aqui?

— Não, vamos em frente.

Eles recommçaram. Segunda impressão: negativo. Café para todos, um cigarro para Levallois, e Sharko andando de um lado para o outro... Terceira impressão: negativo. Quarta impressão... O ruído do processador, o rugido do ventilador, e os olhos esbugalhados de Lemoine.

— Não é possível. Encontramos um. É inacreditável.

Sharko pulou da cadeira e se precipitou para o outro lado. Lemoine leu em voz alta o que apareceu na tela. Nome, sobrenome, data de nascimento.

— Grégory Carnot. Nascido em janeiro de 1987.

Sharko teve a sensação de levar um tiro bem no peito. Levallois voltou a examinar a tela, como se não acreditasse nos próprios olhos.

— Essa agora! O que quer dizer isso?

— Vocês o conhecem? — perguntou o cientista.

O jovem inspetor aquiesceu.

— A moça que foi assassinada, na origem de nossa investigação, foi visitá-lo na prisão.

Quer dizer, é o que me parece.

Ele fixou os olhos em Sharko.

— Estou equivocado, Franck? Éva Louts foi de fato visitar Grégory Carnot, não foi? Ele não fazia parte daquela lista de prisioneiros?

Sharko pôs a mão em seu ombro, inquieto.

— Vá esticar as pernas. Fico em seu lugar.

— Você está com os olhos vermelhos. Não pode se enganar com as letras. Tem certeza de que vai conseguir?

— Você acha que eu sou idiota?

Finalmente, Levallois ofereceu voluntariamente seu lugar. O comissário sentou-se, o olhar focado no perfil genético de Carnot. Por que Terney teria escondido a identidade do assassino em seu livro? Qual seria a ligação entre os dois homens? Ele balançou a cabeça e se concentrou nas letras como se estivesse diante de um jogo de palavras cruzadas. Deixaria as perguntas para mais tarde.

— Vamos? — perguntou o biólogo.

— Vamos...

Sharko começou então a recitar as séries de letras, meticulosamente, acompanhando-as com o dedo indicador. Por dentro, ele lutava contra seu corpo para não ceder e se desconcentrar. Lemoine digitava em silêncio. Os ponteiros do relógio avançavam. Na sala, os corpos se carregavam de eletricidade, as mãos se cobriam de suor.

Quinto perfil: desconhecido. Levallois retornou com três cafês comprados na máquina. A caféina se infiltrava nas artérias, excitava os neurônios. Infelizmente, o sexto perfil, tampouco, trouxe um bom resultado. Os homens respiravam com força. Sharko bocejou e esfregou os olhos. Lemoine estalou as articulações dos dedos, esgotado.

— Vamos lá, vamos fazer o último, antes que minha cabeça exploda.

Eles retomaram o trabalho de formiguinha, construindo, letra após letra, a identidade única de um dos sete bilhões de indivíduos que povoam o planeta.

Tecla “Enter”.

O resultado das impressões genéticas do sétimo e último perfil veio como um golpe frontal.

POSITIVO.

Mas o programa não revelou a identidade, não havia foto. Lemoine acionou um comando para obter detalhes da pesquisa.

— O registro que nos interessa foi feito pela polícia. É uma pista que está rodando no arquivo há somente três dias, sem identidade. Isso significa...

Sharko suspirou, passando as duas mãos sobre o rosto, antes de concluir:

— ...que se trata do DNA extraído no local de um delito, mas cujo dono ainda não foi detido. Isso quer dizer que o autor do delito provavelmente cometeu sua primeira infração grave, uma vez que não está fichado. Acho que sei a resposta, mas você pode me dizer qual é o tipo de delito?

O biólogo respondeu com uma voz neutra:

— Homicídio.

[L]ucie plana rente ao chão. Avança sem que seus pés toquem na terra, como se um sopro divino, frio e silencioso, a empurrasse. Ela tentou girar a cabeça, mas uma espécie de coleira, equipada de antolhos, a impediu. Seu olhar inquieto congela definitivamente na direção de um pequeno retângulo luminoso que perfura a noite uniforme. O ronco de uma tempestade se faz ouvir, a terra estremece e, um segundo depois, uma chuva de objetos pesados se põe a desabar dos céus. Vasos. Milhares de vasos, todos idênticos, se quebram a seu redor em um estrondo apocalíptico. Curiosamente, nenhum projétil a atinge, como se um escudo a protegesse. O sopro invisível se faz mais violento, a silhueta de Lucie enfrenta o dilúvio, avultando-se ainda mais até penetrar na luz ofuscante. A dor a faz fechar os olhos, depois a claridade se ameniza, a visão volta progressivamente. Agora, ela sobrevoa várias mesas de necrópsia, alinhadas horizontal e verticalmente. Os cadáveres estendidos são igual e rigorosamente idênticos. Pequenos, nus, irreconhecíveis. E queimados.. Seus rostos assemelham-se ao que poderia ser a materialização do sofrimento. Quanto a seus corpos... Uma terra árida...

Exatamente no meio de todos esses mortos, Lucie nota que uma das crianças parece estar em uma posição diferente: em vez de se encontrarem ao longo do corpo, suas mãos estão unidas sobre o peito vulcânico, e seguram algo. A partir daí, Lucie orienta seu corpo gravitando nessa direção, dando um leve impulso que permite um movimento fluido, uniforme, através da atmosfera. Ela se aproxima, enquanto o cheiro de queimado reflui como uma protuberância solar. Brutalmente, as pálpebras da criança se levantam, revelando dois poços escuros e horripilados. Lucie grita, sem que som algum saia de sua boca. Ela quer dar meia-volta, mas seu corpo desliza no ar e a aproxima inexoravelmente do abismo daqueles olhos. Pode ver agora o que a criança está segurando: um vaso, idêntico àqueles que caíam lá fora. O olho negro, esquerdo, agora está tão grande quanto um redemoinho. Lucie se sente incapaz de lutar e se deixa aspirar. A criança lhe estende o vaso, que ela agarra no instante em que o olho a engole... E ela cai, urando...

Lucie levantou-se, completamente suada, um grito na ponta dos lábios. Na fronteira do despertar, ela abriu os olhos. As paredes, o teto, a decoração reduzida ao mínimo... Durante alguns segundos, ela se perguntou onde estava, depois, seus pensamentos se organizaram. L'Hay-les-Roses, Sharko, a conversa que tiveram à noite... E depois, aquele buraco negro.

A roupa amassada... Os cabelos desgrenhados... Meias espalhadas... Lucie se recompõe, ainda abalada. Não se passava uma semana sem que todas essas crianças mortas viessem assombrá-la. Sempre, sempre o mesmo roteiro, que a conduzia irremediavelmente na direção de uma queda infinita através do olho. Ela sabia que esse sonho queria dizer alguma coisa. Os vasos tinham provavelmente uma relação com

o defeito na íris de Clara, aquela chuva improvável indicava que ela devia abrir os olhos, tomar cuidado com os vasos. Mas por quê?

— Franck? Você está aí?

Não houve resposta. Ela olhou o relógio. Quase nove horas da manhã, meu Deus. Diante da catástrofe, ela logo apanhou seu celular. Mensagens. Sua mãe preocupada por não ter notícias suas. Imediatamente, ela ligou a fim de tranquilizá-la, para dizer que estava tudo bem.

Ao telefone, custou a achar as palavras certas que explicassem que não voltaria de imediato para casa, sem provocar a incompreensão, a cólera da interlocutora. Diante daquelas explicações improvisadas, frases duras soaram a seu ouvido: como Lucie podia novamente mergulhar no pesadelo que havia arruinado sua vida? Carnot estava morto, morto e enterrado, por que ela não conseguia admitir isso, esquecer o desgraçado e seguir com sua vida? Por que continuar perseguindo fantasmas? Onde ela havia passado a noite? E isso e aquilo... Cinco minutos em que deixou jorrar em as repreensões.

Sem se aborrecer, Lucie perguntou por Juliette. Sua mãe a levava à escola, pela manhã? A menina estava se entendendo bem com os novos colegas?

Marie respondeu apenas com afirmativas secas, depois desligou.

Lucie disse a si mesma que, afinal, sua mãe estava certa. Ela sempre fora incapaz de desenvolver uma relação estável e completa com suas filhas. Dar-lhes o amor de uma verdadeira mãe. Sua profissão de policial havia sido, ao mesmo tempo, a causa e a desculpa, precisava sentir falta das filhas para amá-las, queria ver o pior a seu redor, perseguir os safados mais abjetos, para voltar do trabalho no limite de suas forças e tomar consciência de que era uma grande sorte ter uma família querida.

Mas, depois da tragédia, Lucie enfrentara outra verdade, bem mais insuportável: nunca amara tanto Clara. E quando, a seus olhos, Juliette se transformava em Clara, ela lhe dava toda sua afeição. Mas quando Juliette continuava sendo Juliette... Às vezes Lucie a amava, e às vezes...

Ela preferiu não insistir. Com um suspiro, dirigiu-se à cozinha. Um bilhete a esperava sobre a mesa. “Faça café. Ainda tem umas roupas suas no armário do quarto. E vá embora antes de anoitecer. Por favor.” Com os dentes cerrados, ela amassou o papel, jogou-o no lixo e foi até o quarto. O magnífico circuito de trens em miniatura tinha sido desmontado completamente, os trilhos se empilhavam de qualquer maneira dentro de sacos plásticos, prontos para serem jogados fora. Nenhuma decoração, nenhuma cor, a cama perfeitamente arrumada, os lençóis lisos, parecia o leito de um moribundo. Até mesmo a pequena locomotiva Ova Hornby em escala zero, com seu vagãozinho preto para a lenha e o carvão, da qual Sharko nunca se separava, havia desaparecido do cenário.

Lucie achou suas roupas do verão anterior no fundo de uma cômoda. Estavam cuidadosamente embaladas em um plástico, com duas bolinhas de napatina. Sharko jogara fora seus trens tão estimados, mas não as roupas de uma mulher que ele não deveria voltar a ver...

Ela pegou a embalagem de roupas e se surpreendeu ao notar, embaixo de uma pilha de pulôveres de Sharko, uma caixa de munição e um revólver. Era um Smith & Wesson, calibre 357 Magnum. Lucie o pegou. A maior parte dos policiais possuía uma arma em casa, geralmente para praticar em estandes de tiro, ou como peça de coleção. Por curiosidade, ela abriu o tambor. Um arripio percorreu-lhe a coluna, ao perceber que só havia uma bala no interior. Uma bala bem instalada, pronta a ser cuspidada pelo cano após uma pressão sobre o gatilho. Seria esquecimento? Visto seu estado, Sharko seria capaz de cometer um erro desses? Ela preferiu não indagar sobre a utilização que ele poderia — ou contava — fazer daquela arma e a repôs em seu lugar.

De dentro da embalagem plástica, ela pegou uma calça jeans preta, lingerie limpa, uma camisa bege de mangas curtas. No banheiro, uma folha de papel presa à parede ilustrava a queda abrupta do peso do policial. Estava quase chegando aos setenta quilos. Aquilo fez doer seu coração. Ela tomou um banho e se vestiu o mais rápido possível, naquele silêncio sepulcral, diante de um espelho grande demais, no qual não conseguia se impedir de ver Sharko ruminando sua solidão, a cada manhã, cada anoitecer, cada madrugada. O calvário de um condenado perpétuo, que queria purgar sua sentença até o fim. E se um dia não aguentasse mais, a arma estaria ali, bem perto da cama, para ajudar...

Depois de tomar café e lavar a pouca louça, ela percebeu um envelope perto do computador. Ficou com a impressão de não ter reparado naquele envelope na véspera. Talvez Sharko o tivesse colocado ali durante a noite. Ou então, será que o tinha deixado de propósito, para que ela desse uma olhada?

Lucie o abriu. Continha fotos da cena do crime de Terney: planos da biblioteca, do museu com seus fósseis, os três quadros estranhos, lado a lado — Lucie fez uma careta diante da placenta e da múmia do Cro-Magnon —, e do cadáver, é claro, fotografado de todos os ângulos. Ela torceu o nariz. O idoso tinha sido torturado com crueldade. Seus olhos fixavam o vazio, como se buscassem uma última resposta à pergunta que deviam se fazer todas as vítimas antes de morrer: por quê?

Após ligar o computador, ela abriu um navegador e buscou o nome “Stéphane Terney”. Uma avalanche de resultados, dentre os quais, o primeiro, uma página da Wikipédia dedicada ao pesquisador. Lucie acessou-a e ficou surpresa com o tamanho e a densidade do artigo. Uma verdadeira matéria jornalística. Pensou consigo mesma que a internet era realmente genial.

E pôs-se a ler.

Stéphane Terney tinha nascido no dia 8 de março de 1945, em Bordeaux. A foto, no artigo, o mostra com cerca de cinquenta anos. Terno sóbrio, traços severos, lábios retos e finos, sem qualquer vestígio de sorriso.

Em sua juventude, Terney é antes de tudo um desportista, como o pai, em sua época

campeão francês dos quatrocentos metros rasos. Ao ritmo de seis horas de atletismo por semana, Stéphane Terney participa, com quatorze anos, dos campeonatos regionais de Aquitaine em percursos de dez quilômetros, uma competição após outra, mas jamais chega a se classificar entre os três primeiros lugares. Ele larga os estudos e se vê alistado no 57º regimento de infantaria, que dispõe de uma excelente equipe de fundistas. Terney se sobressai nas corridas, obtém bons resultados, satisfaz seus superiores, mas lhe é imposta, paralelamente, uma formação de enfermeiro militar. Do outro lado do Mediterrâneo, a guerra da Argélia se intensifica e, por se sentir indispensável à equipe esportiva, Terney não percebe o que estava por vir e é enviado sem notificação prévia, como milhares de outros, para a grande cidade de Oran, no Nordeste do país. Lá, a infiltração da FLN, Frente de Libertação Nacional, e da OAS, Organisation Armée Secrète, na população local provoca irrupções de violência. Sequestros, atentados, o terror reina nos bairros muçulmanos e europeus. Terney cuida dos feridos, ajudando-os como pode. Os braços arrancados por explosões não se contam mais, o terror é onipresente, e o jovem enfermeiro, nem um pouco acostumado àquela contato com a violência, custa a se habituar àquela gente gemendo e chorando em seus braços.

A virada acontece no dia 5 de julho de 1962. Civis armados com facas e punhais invadem os imóveis dos europeus, arrombam as portas dos apartamentos, abrem fogo nos restaurantes, prendem, sequestram, degolam ao acaso os passantes. Enforcamentos em ganchos de açougue, mutilações, enucleações, o horror não tem mais limites. Por causa dos tratados de paz, os soldados franceses custam a intervir. Quando Terney vai para as ruas, tem a impressão de cair em um outro mundo. Duas imagens o marcam na própria carne. A primeira, a de um sujeito sentado contra um muro, bem vivo, com as entranhas nas mãos e um sorriso no rosto. A loucura e a morte o espreitam. E a segunda...

Lucie se mexe na cadeira, incomodada. Tantos detalhes sórdidos... Ficava evidente que o autor do texto da Wikipédia havia entrevistado Terney para elaborar seu artigo. O cientista, então, lhe revelara suas mais íntimas lembranças, suas dores infernais, expondo-as aos olhos de todos. Seria uma maneira de se purgar? Uma necessidade de reconhecimento?

Mais calma, ela retomou a leitura.

A segunda imagem... Terney, com a bolsa de primeiros socorros à mão, avança com a tropa. O som de botas militares ecoando pelas ruas mortas. De repente, gritos agudos,

ainda quase imperceptíveis, vindos do interior de uma das casas. O enfermeiro pensa primeiro em um gato, depois se dá conta de que deve se tratar de um recém-nascido. Ele empurra a porta. As botas chafurdam em um sangue negro e espesso. Diante dele, no chão, descobre uma civil morta, completamente nua e mutilada. Um bebê urra entre suas pernas, sobre a laje, envolvido por uma poça esbranquiçada. A criança ainda está ligada à mãe pelo cordão umbilical. Com um berro, Terney se precipita e corta aquele vínculo de vida com uma tesoura. Viscoso e ensanguentado, o bebê se cala bruscamente e morre em seguida. Soldados encontram Terney inerte num canto, abraçado à criança morta.

Uma semana depois, ele está na França, liberado de suas obrigações militares. O motivo? Uma imensa fragilidade psicológica.

Aos dezanove anos, Terney já não vê mais o mundo da mesma maneira: ele avalia, de repente, de modo incisivo, o preço da vida humana e sente a vontade irreprimível de realizar “algo de importante para seus concidadãos”. Começa a estudar e se forma em medicina. Estaria aquilo enterrado no cerne de seu ser? Seria então uma vocação real, definitiva? O fato é que Terney realiza estudos brilhantes em Paris e se especializa em ginecologia e obstetrícia. Ele quer acompanhar gestações e trazer crianças ao mundo.

A partir de então, a mecânica da criação, que se estende da fecundação ao nascimento, assim como todos os processos desencadeados pelo corpo da mãe, o fascinam. Como pode existir tal alquimia, tal complexidade? Como pode a natureza drenar tanta inteligência? Complementando suas atividades, ele se torna especialista em sistema imunológico, com ênfase nos mecanismos de defesa que garantem a sobrevivência do embrião, e, depois, do feto. Por que o sistema imunitário, que ataca os corpos estranhos e chega a rejeitar os transplantes, permite que um organismo no qual metade do patrimônio genético é intrusa (já que paterna) se desenvolva no ventre materno? Quais são os segredos da Evolução que permitem o nascimento *in vivo*, no interior do ser humano?

Terney se apaixona então pelas grandes questões da vida e passa a investir em dois domínios: obstetrícia e pesquisa. Antes mesmo dos trinta anos, ele publica vários artigos na imprensa especializada. A partir de 1982 — Terney está com trinta e sete anos —, ele se torna uma das referências mundiais da pré-eclâmpsia, a hipertensão arterial que atinge algumas mulheres durante a gestação. Um fenômeno inexplicável, misterioso, que afeta cinco por cento das mulheres e que provoca, na maior parte dos casos, o nascimento de bebês fracos e magros, dentre os quais poucos sobrevivem.

Lucie bocejou e se espreguiçou. Vários links permitiam navegar por artigos conexos da Wikipédia. Imunologia, pré-eclâmpsia, obstetrícia... Dez vezes melhor do que um relatório de polícia. Ela se levantou e foi se servir de um segundo café. Dando uma

olhada pela janela da cozinha, pôde perceber os freixos do parque de la Roseaie, aquele que Sharko gostava de frequentar. Será que ele continuava a passar uma hora ou duas lá, toda semana, sentado em seu velho banco de madeira? Iria ainda, todas as quartas-feiras, visitar o túmulo de sua família? Ao longe, em meio a uma névoa cinzenta, ela distinguiu a torre Eiffel, minúscula, e o mar infinito de telhados.

Lucie voltou calmamente até a sala. Terney lhe parecia um personagem brilhante, de grande inteligência, que encontrara no caos argelino um sentido para sua vida. Mas que cicatrizes profundas o tinham marcado naquela terra infernal? Que sensação experimentava, cada vez que fazia um parto? A de curar um ferimento interior? A de compensar a injustiça do mundo?

Ela se instalou novamente e, levando a xícara à boca, prosseguiu com a leitura.

Enquanto se especializa em DNA e na compreensão da pré-ecclâmpsia, e redige artigos sobre o assunto, Terney começa a desenvolver suas primeiras reflexões eugenistas. Na época, ele viaja bastante, encontra inúmeros pesquisadores do sistema imunológico e prega seus ideais de forma sutil, apoiado por seus exemplos habituais: os males sociais e sanitários — tuberculose, sífilis, alcoolismo —, os defeitos congênitos veiculados por reproduções cada vez mais tardias, o enfraquecimento do “reservatório genético” da humanidade. Os dispositivos sociais de proteção aos mais desfavorecidos, doentes e mais fracos constituem seus primeiros alvos. Ele é nitidamente contra a caridade cristã. Em sua atividade de obstetra, em que sua excelência compensa sua arrogância, ele aproveita a Lei Veil, autorizando o aborto pelo sistema de saúde francês, e não hesita em aconselhar a interrupção da gravidez para suas pacientes com gestação de risco, por menor que seja. *Para o bem de todos.*

Terney continua visitando pesquisadores, especialistas, estudantes, expondo sem cessar exemplos notáveis. Durante uma conferência para centenas de pessoas, ele se dirige diretamente à plateia e pede que ergam a mão aqueles que tenham algum amigo ou familiar que sofra de câncer. Ele recomeça o exercício com o diabetes e, por fim, com a esterilidade. Algumas mãos se levantam. Para terminar, Terney pede a todos aqueles que ergueram a mão pelo menos uma vez que a levantem novamente. Quase toda a plateia estendeu o braço. Diante do espanto dos convidados, o pesquisador profere frases fortes: “Nossa população tem uma taxa exagerada de idosos e sua riqueza se esgota. Nossa geração de crianças é a primeira a dispor de uma saúde mais precária do que a de seus pais.”

Lucie interrompeu sua leitura, chocada com aquele parágrafo. Ela também teria

erguido a mão: um de seus antigos colegas de trabalho era diabético, seu tio morreria de câncer na garganta com cinquenta e dois anos. Ela pensou também no mal de Alzheimer, nas alergias de todos os tipos. Doenças cada vez mais frequentes, que não existiam há cem anos. Terney sordidamente tinha razão. Quanto mais o tempo passa, mais tardia é a reprodução e há cada vez mais crianças nascendo com problemas de saúde maiores do que os de seus pais.

Perturbada por essa realidade pungente, ela voltou ao texto.

Vida pessoal de Terney: em 1980, com trinta e três anos, ele se apaixona e se casa. Seis anos depois, se divorcia. A esposa, Gaëlle Lecoupet, advogada nos tribunais de Paris, decide não o acompanhar ao interior do país quando, neste mesmo ano, ele assume a direção do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de la Colombe, uma importante maternidade a cento e cinquenta quilômetros da capital.

De repente, Lucie sente um nó na garganta.

O nome da cidade onde Terney trabalhou de 1986 a 1990 salta a seus olhos.

Reims.

Foi lá que Grégory Carnot nasceu, em janeiro de 1987.

Estupefata, Lucie passou as mãos no rosto. Era coincidência demais. Reims... Seria possível que Terney tivesse trabalhado no hospital onde nasceu Carnot? Ela pegou o telefone celular e ligou para o cartório de Reims. Após algumas voltas administrativas, lhe forneceram o nome da maternidade em que nascera, de parto anônimo, Grégory Carnot.

O hospital de la Colombe.

Lucie desligou.

Ela se deu conta de que estava em um dos cantos da sala, de frente para a parede, como uma menina de castigo.

Agora uma certeza martelava em sua cabeça: por mais incrível que pudesse parecer, Stéphane Terney havia, sem a menor dúvida, trazido ao mundo Grégory Carnot, em 1987. E vinte e três anos mais tarde, um inquérito criminal voltava a aproximar esses dois homens. Não podia ser por acaso. Impossível.

No entanto, Lucie esforçou-se para raciocinar, mas não conseguia compreender. Terney teria seguido a pista de Carnot durante todos aqueles anos? Será que o vigiara? Quem sabe tivesse procurado trazê-lo ao mundo? Mas por que razão?

Lucie concluiu a leitura do artigo.

Depois de Reims, Terney não dá muito mais informações sobre sua vida. Retorna a Paris em 1990, casa-se e divorcia-se várias vezes, consumindo suas relações como cigarros, sem jamais ter um filho. Ele trabalha em uma clínica de Neuilly, prossegue suas pesquisas sobre pré-eclâmpsia, especializa-se ainda mais em imunologia, deixando a obstetrícia em segundo plano. Em 2006, escreve seu famoso livro *A chave e o cadeado*, e milhares de exemplares são enviados às escolas, destinatários escolhidos a dedo, reativando assim por algum tempo sua reputação e seus propósitos eugenistas. Antes de tudo se apagar outra vez e ele exercer uma carreira bastante clássica.

Lucie desligou o computador e olhou para as chaves de seu carro, que estavam sobre a mesa da sala. Ela dispunha do nome de uma maternidade e de uma data de nascimento. Ainda que a mãe de Grégory Carnot tivesse optado por um parto anônimo, deveriam haver arquivos, e pessoas com as quais Stéphane Terney teria trabalhado à época que, talvez, pudessem falar sobre o obstetra, sua relação com a mãe, com o recém-nascido, até mesmo sobre o parto. Talvez essa criança maldita, sua mãe, seu pai, tivessem deixado alguma pista. Talvez a mãe biológica tivesse deixado sua identidade em algum documento?

Precisava arriscar, tentar descobrir as pistas de investigação para entender o que poderia ligar Terney ao assassino de sua filha. Ela levaria apenas duas horas para chegar a Reims.

Antes de sair correndo, Lucie parou para refletir. Ela sabia que havia o risco de dar de cara contra a parede, em um ambiente tão burocrático como o de um hospital. O simples disfarce de policial não seria mais suficiente. Ela precisava de uma identificação falsa. Não uma reprodução perfeita, mas algo que pudesse mostrar rapidamente. Afinal de contas, ninguém sabia muito bem reconhece-las.

Em sua carteira havia uma foto 3x4, e Sharko possuía uma impressora a cores excelente.

Lucie se conectou à internet. Os sites para fabricação de documentos falsos “para fins recreativos” eram numerosos. Carteira de motorista, diplomas, registros civis... Quinze minutos depois, a impressora ejetou a falsa identidade policial em uma folha de um papel encorpado branco. Havia decidido voltar a se chamar Amélie Courtois. Era melhor continuar no anonimato. Lucie recortou a folha cuidadosamente, amassou-a um pouco para dar uma aparência gasta, e colou sua foto 3x4, enfiando tudo em uma proteção plástica, levemente opaca, dentro de sua carteira.

E estava pronto. Sua experiência e sua autoconfiança fariam noventa por cento do trabalho.

Desta vez, ela voltara a ser uma policial, investigando um espaço paralelo, onde

ninguém teria o reflexo de vasculhar, nem mesmo Sharko. Porque ninguém conhecia tão bem Grégory Carnot quanto ela: a relação entre o assassino nascido em Reims e a clínica em que Stéphane Terney havia exercido há mais de vinte anos dificilmente seria descoberta.

Ela pegou as fotos da cena do crime de Terney, seu casaco e saiu, batendo a porta atrás de si.

Na rua, não percebeu a presença de um homem sentado ao volante de um carro, em frente do prédio. Depois que ela desapareceu, Bertrand Manien acendeu um cigarro e, sorrindo, tomou a direção do 36 Quai d'Orfèvres.

[O]Peugeot 407 de serviço dirigido por Levallois acabava de pegar a autoestrada A6a, em direção a Fontainebleau. Naquele final da manhã, o trânsito fluía — algo bem incomum, quando se vive em Paris — e os dois policiais não precisavam utilizar a sirene para abrir caminho.

Antes disso, Sharko passara pelo 36 Quai d’Orfèvres a fim de revelar suas descobertas e delegar algumas tarefas para sua equipe, ou seja, interrogar as pessoas próximas e os colegas de trabalho de Stéphane Terney.

Agora, os dois policiais seguiam rumo a La Chapelle-la-Reine, um fim de mundo ao sul da floresta de Fontainebleau. Tinham um encontro marcado com o capitão da gendarmaria Claude Lignac, que comandara, por algumas horas, a investigação de um caso particularmente sórdido: um duplo homicídio no interior do bosque, cometido por um assassino cujo DNA constava no livro escrito em 2006 por Terney. Diante da natureza imunda e incomum do ato, o gendarme perdera a investigação para a prestigiosa seção de inquérito de Versailles.

Evidentemente, excluindo as autoridades do 36, todos ignoravam que o código genético do autor do duplo homicídio de seis dias antes se encontrava nas páginas de um livro, que, aliás, era bem banal, lançado quatro anos antes: *A chave e o cadeado*. Para evitar que as informações vazassem, principalmente para a imprensa, os policiais tinham resolvido, por enquanto, manter sigilo. Oficialmente, eles estavam interessados naquele homicídio por causa de sua relação com um dos inquéritos em curso, cujo conteúdo, por ora, não podiam revelar.

Sharko mudou a estação de rádio, caindo em uma música do Cranberries, “Zombie”. Levallois sorriu.

— Nesses últimos dias você tem tentado apresentar uma boa aparência. Este terno... Os cabelos... E ainda por cima, você parece menos triste também. Tem mulher na história?

— Por que você está me dizendo isso, porra?

— Já me falaram que, depois da morte da sua mulher, sua vida sentimental virou um deserto. Então eu...

— Guarde essas suposições para você. É melhor.

Levallois ergueu os ombros.

— A gente é parceiro. Entre parceiros a gente pode falar esse tipo de coisa. Ninguém sabe realmente o que você aprontou na Divisão de Repressão à Violência, em Nanterre. E por que a gente só fala de trabalho? Por que você não me faz alguma pergunta sobre... sobre minha vida, por exemplo?

— Porque é melhor assim. Este tipo de trabalho se infiltra o bastante na nossa vida, não convém deixar nossa vida se infiltrar no trabalho. Deixe sua mulher, seus filhos, se tiver algum, tudo isso longe do 36, melhor assim.

— Eu não tenho filho, mas... — ele hesitou — minha mulher está grávida. Vamos ter uma menina.

— Que bom.

Resposta fria, seca. Ressentido, Levallois balançou a cabeça e se concentrou na estrada, na investigação. Aquele caso o fisgava cada vez mais e, a cada dia, chegava mais tarde em casa. Ele se surpreendeu ao sentir uma excitação crescente, à medida que mergulhavam nas trevas. Será que um dia acabaria como Sharko? Preferindo voltar ao que havia de concreto, ele revelou suas últimas conclusões:

— Stéphane Terney escreveu seu livro em 2006, há quatro anos. Ele já dispunha do código genético de Carnot e do assassino de La Chapelle-la-Reine, embora esses ainda não estivessem no Arquivo Nacional Automatizado de Impressões Genéticas. Nossa impressão genética não vem escrita sobre a testa, então, para fazer a análise do sangue deles, dos cabelos, saliva e tudo o mais ele necessariamente os encontrou, correto? O fato é que ele utilizou o tipo de equipamento que nós temos na polícia técnica para extrair o perfil de DNA e o esconder em seu livro.

Sharko concordou.

— Há sete perfis genéticos no livro. Dois deles estão presentes no Arquivo Nacional. Em princípio, assassinos violentos e impiedosos. Isso deixa, potencialmente, seis loucos em liberdade, em algum lugar. Os cadáveres em Fontainebleau provam que um deles ainda está em ação. Quanto aos outros, são bombas-relógios que não vão tardar a explodir.

— Talvez já tenham explodido... Talvez esses outros anônimos já tenham matado, mas não deixaram seu DNA no local do crime. Ou, então, talvez estejam agindo em outro país... Não sabemos.

Suas palavras foram seguidas por silêncio e reflexão. Quem seria esse exército sombrio? O que desencadeava neles essa violência, levando-os a cometer crimes atroz? Sharko apoiou a cabeça no vidro e bocejou discretamente. Mesmo naquelas circunstâncias, o sono refluía como um ácido, roendo-o por dentro. À sua frente, linhas brancas desfilavam e as paisagens se sucediam. As fachadas dos prédios de um cinza deprimente logo deram lugar ao campo verdejante e, depois, à floresta de Fontainebleau. Um monstro vegetal que abocanhava o asfalto e a luz, devolvendo à natureza todo seu poder.

Enquanto Sharko cochilava, sobressaltando-se a cada vez que sua cabeça era projetada para a frente, o veículo deixou a autoestrada do Soleil e penetrou em La Chapelle-la-Reine em apenas dez minutos. Três mil habitantes, plantações para todos os lados, cercada pela floresta, a somente dois quilômetros de distância. A gendarmaria parecia mais um reles prédio administrativo entre outros. Um bloco de concreto, com uma insígnia tricolor onde se lia *Gendarmierie*. Monótono e deprimente. No estacionamento, dormiam duas tristes viaturas policiais de cor azul-escuro.

Levallois estacionou e Sharko saiu de seu torpor.

— Francamente, eu não entendo — disse o inspetor. — O que viemos fazer aqui?

É a Seção de Inquérito que está cuidando desta investigação, são eles que possuem todos os dossiês. Por que não fomos examiná-los diretamente, para ganhar tempo?

— O cara que nós vamos encontrar, Claude Lignac, deve estar bem amargurado por não ter ficado com o caso. Aposto que ele está por dentro de tudo, mais do que qualquer um. E depois, ele não vai nos fazer muitas perguntas. Gosto de gente que não faz muitas perguntas.

— O chefe queria que fôssemos à Seção de Inquérito. Estamos agindo fora do procedimento e eu não gosto nada disso.

— A Seção de Inquérito só nos daria informações sem importância, o que você acha? A guerra entre a polícia e a gendarmaria não é lenda. Às vezes é preciso deixar de lado os procedimentos e confiar na intuição.

Eles desceram do carro e entraram no prédio. Um jovem vestindo um pulôver azul-marinho, as divisas nos ombros indicando que era um cabo, os cumprimentou e os acompanhou até o gabinete do capitão Claude Lignac. O homem, com seus trinta e cinco anos, usava pequenos óculos redondos, bigode fino e elegante, tinha aparência jovem: parecia um investigador inglês. Depois das apresentações e algumas perguntas de rotina sobre a razão do interesse da polícia civil por aquele caso, ele pegou a chave de seu carro e um dossiê.

— Pelo que entendi, vocês querem ver a cena do crime o mais rápido possível?

— Se puder nos acompanhar, seria ótimo. Discutiremos no local. Você está a par do dossiê da Seção de Inquérito?

O gendarme deu de ombros.

— Claro que sim. O pessoal de Versalhes pode ter nos tirado a investigação, mas aqui é meu território. E tudo o que acontece aqui me diz respeito.

Ele os precedeu em direção à saída. Sharko piscou o olho para seu parceiro. Claude Lignac entrou em seu carro e arrancou, Levallois o seguiu. Em menos de cinco minutos, eles foram engolidos pela floresta. Saindo da estrada principal que seguia para Fontainebleau, Lignac entrou em uma pista transversal um pouco desordenada, dirigiu ainda por cinco minutos e acabou estacionando à beira de uma trilha para caminhadas. Barulho de portas batendo, sapatos se arrastando no chão. Sharko fechou seu paletó, a temperatura baixara sensivelmente, como se quisesse lembrar a amplitude do drama que aquelas árvores haviam testemunhado. Ao redor, alguns pássaros cantavam e os estalos dos passos sobre a lenha seca se perdiam na imensidão.

Claude Lignac fez sinal para que o seguissem. Em fila indiana, eles caminharam sobre a terra ligeiramente úmida, em meio a arbustos, faias e castanheiras. O capitão seguiu por uma trilha um pouco mais densa e apontou para um tapete vegetal constituído de musgo e folhas em decomposição.

— Um homem a cavalo os encontrou ali. Carole Bonnier e Éric Morel, dois jovens que moravam em Malesherbes, uma cidadezinha a cerca de vinte quilômetros daqui. Segundo os pais deles, eles vieram acampar por três dias no bosque, com o intuito de escalar os rochedos.

Sharko se agachou. Vestígios de sangue seco ainda maculavam as folhas e a parte inferior de um tronco. Nódos espessos de sangue haviam jorrado ali, testemunhando a fúria criminosa. Lignac pegou algumas fotos no bolso e as entregou a Levallois.

— Eu as consegui com o pessoal da Seção de Inquérito. Olhe só o que os desgraçados fizeram com eles.

A aspereza brusca de suas palavras surpreenderam Sharko. A expressão de Levallois ficou ainda mais sombria, enquanto Lignac continuava a dar explicações:

— A Seção de Inquérito afirma que eles foram inicialmente agredidos violentamente nos rostos e nos abdomes, quase a ponto de desmaiarem. A necrópsia revelou hematomas subcutâneos e a ruptura de alguns vasos sanguíneos, demonstrando a brutalidade dos golpes.

— Foi utilizado algum instrumento? Um bastão?

— No começo, não. Só depois foram usadas pequenas picaretas de escalada, que estavam nas mochilas, para concluir o trabalho, se podemos dizer assim. Por aqui, nós nunca vimos nada igual.

Com os lábios cerrados, Levallois entregou as fotos ao comissário. Sharko as observou com atenção, uma de cada vez. Alguns planos gerais da cena do crime. Um plano detalhado dos ferimentos, dos rostos, dos membros mutilados. Uma carnificina.

— Teve de tudo — comentou o capitão, com repulsa. — O legista, em Paris, contou quarenta e sete perfurações de picareta nele e... cinquenta e quatro nela. Ele furiou o corpo todo, com um empenho e uma força incomuns. O impacto do metal sobre os ossos chegou a causar rachaduras, pelo que disseram.

Sharko devolveu as fotos e olhou por um instante o chão manchado. Dois monstros dissemelhantes, Carnot e este agora, tinham agido com um ano de diferença, mas com um *modus operandi* quase idêntico, de extrema violência. Dois animais selvagens recenseados por Terney, já em 2006.

Dois entre sete... Sete perfis que, além do mais, pertenciam à mesma categoria de assassinos. Por isso a estranha pergunta de Sharko:

— Vocês sabem se o assassino era canhoto?

Pergunta que, como Sharko já esperava, pareceu desorientar o gendarme.

— Canhoto? Eh... Será preciso perguntar à Seção de Inquérito, mas, se me lembro bem, isso não consta do relatório da necrópsia. A arma utilizada no crime possuía pontas simétricas, portanto não há a menor condição de saber examinando os ferimentos. Por que a pergunta?

— Porque esse assassino provavelmente é canhoto. Deve também ser alto e forte, com cerca de vinte e três anos. Essas pegadas na terra são dele?

— São. Ele calça quarenta e cinco. Mas como você...

— Um cara grandão, medindo sem dúvida mais de um metro e oitenta e cinco. Vocês conseguiram reconstituir as circunstâncias exatas do crime?

Sharko observava atentamente os arredores, principalmente os troncos. Procurava gravuras. Talvez, como Carnot ou o Cro-Magnon, o assassino tivesse feito desenhos

invertidos? Apesar de seu olhar inquisidor, ele nada viu de peculiar.

— Conseguimos, mais ou menos — respondeu o capitão. — A hora estimada da morte foi oito da manhã, há seis dias. Nós chegamos cerca de quinze minutos após o cavaleiro nos avisar, por volta de nove e meia. Havia uma panela sobre o pequeno fogareiro ainda aceso, toda a água tinha evaporado. Acharmos que as vítimas estavam preparando o café da manhã. Vestiam roupas esportivas, short e camiseta. A barraca ainda estava montada e as cobertas, estendidas. Duas bicicletas de *cross* presas por uma corrente a uma árvore.

O capitão avançou e afastou algumas folhas com o pé.

— As vítimas foram encontradas bem aqui, perto da barraca. Não tiveram tempo para fugir, ou não tentaram fugir. O assassino vinha certamente pelo caminho que acabamos de fazer. Uma trilha com algum movimento, comumente usada por passantes, ciclistas, cavaleiros. Ele saiu da trilha, atravessou os arbustos, se aproximou e atacou. Se usou algum pretexto para abordar as vítimas ou se precipitou sobre elas, este é um ponto que ainda deixa a Seção de Inquérito indecisa.

Sharko reconheceu que aquele policial ainda tinha um bom faro: o homem acompanhava a investigação de perto. Um meio de provar que ainda mandava em seu território e, sobretudo, de se livrar de sua monotonia cotidiana.

— Nenhuma testemunha?

— Nenhuma. Era muito cedo para as pessoas passarem, e em geral elas permanecem na trilha. As circunstâncias do assassinato foram detalhadas na imprensa local, fui eu que me encarreguei disso, conheço muita gente. Lançamos um apelo a testemunhas.

— Muito bem, e deu em alguma coisa?

— Não. Ninguém se manifestou. O assassino teve sorte.

— Isso acontece com frequência. Até os prendermos.

Sharko passou por cima de algumas ramagens e retomou a trilha. Ele disse em voz mais alta:

— Se não estou enganado, não dava para ver a barraca daqui da trilha?

O gendarme ajustou seus pequenos óculos redondos.

— Você tem razão. Os jovens deviam saber que não é permitido acampar no bosque, assim, se puseram fora do alcance dos olhares. Como o assassino os achou, se ele passava por acaso por aqui? Pelo som das vozes, pois provavelmente os jovens conversavam. E não se esqueça de que estavam com água fervendo, devia haver um bocado de fumaça na umidade da manhã. Fácil de notar.

Esse gendarme é bastante cuidadoso com os detalhes, pensou Sharko, coçando o queixo e examinando outra vez os arredores. A vegetação era densa, a vista não alcançava mais de dez metros. Levallois esfregava as mãos, como se sentisse frio.

— Alguma ideia sobre o perfil do assassino? — perguntou.

Lignac assentiu, afoito para revelar os detalhes e mostrar sua competência.

— Fisicamente, sabemos que o desgraçado calça quarenta e cinco e usava botas para

caminhada. A presença do cromossomo Y no DNA confirma que se trata de um homem... Um homem corpulento, basta ver a profundidade das impressões das solas. Como você disse, por volta de um metro e oitenta e cinco, tranquilo. Não roubou ou desarrumou nada. As vítimas não sofreram agressão sexual, os corpos não foram deslocados depois da morte. Tudo ficou como estava. Nenhuma vontade de apagar as pistas. Estamos diante de um crime totalmente desorganizado...

Exatamente como o de Carnot, pensou Sharko.

— ...a Seção de Inquérito dispõe de impressões dos pés, digitais, de DNA mais do que suficientes, sobre os corpos, a arma do crime e na sacola em que ele pegou a picareta de escalada. A intervenção foi fulminante, ninguém viu. O assassino demonstrou certa imaturidade. Os golpes examinados pelos legistas parecem às vezes desajeitados, desordenados. Ele veio e os matou como pôde, tomado ao que parece por uma ira fora do comum. E esse casal teve a infelicidade de se encontrar em seu caminho.

Os olhares de Sharko e Levallois se cruzaram. Como acontecera com Carnot, isso excluía a hipótese de o assassino vigiar suas vítimas por muito tempo, conhecendo perfeitamente seus horários, seus deslocamentos. Os dois jovens tinham estado no lugar errado, na hora errada.

Imersos em suas interrogações, o comissário olhou um pássaro, empoleirado em um galho, esfregando o bico na casca da árvore. Em vão, tentou reconhecer a espécie. Com certeza, Lignac a conhecia. O sujeito era um bom gendarme, esperto, sensato, como podia estar estagnado naquele fim de mundo, carimbando multas de trânsito? Sharko cavou mais fundo e obteve informações com o capitão que não teria conseguido na Seção de Inquérito.

— Você acha que ele é desta região?

O gendarme avançou ainda mais no mato e parou ao lado de uma árvore.

— Temos certeza. Há um elemento muito importante e curioso sobre o qual ainda não falei. Venham...

Os policiais se aproximaram e Lignac apontou para o chão.

— Aqui, no pé deste tronco, descobrimos uma dezena de fósforos queimados, com uma caixa de fósforos com a imagem de uma marca de bebida alcoólica para jovens, “Vitamina X”. O pessoal da Seção de Inquérito pensa que o assassino sentou aqui, após o crime, e acendeu esses fósforos, observando os corpos. A maioria dos fósforos estava quebrada, o que leva a crer que o assassino estaria em um estado de tensão extremo, sob muita pressão. Certamente, precisou sentar-se e diminuir a tensão, talvez se sentisse mal pelo que fizera? Talvez tenha pirado completamente. De qualquer maneira, repito, ele não era do tipo metucioso, não procurou sequer apagar seus vestígios.

Ele se virou na direção da cena do crime e soltou um suspiro. Não era mais capaz de caminhar por aquela floresta sem pensar no massacre. E nunca mais deixaria seus filhos brincando sozinhos, nem mesmo no próprio jardim. Este drama marcaria sua vida.

— Essa caixa de fósforos, um verdadeiro presente dos céus, lhe pertencia, porque os

jovens tinham um isqueiro. E ela passou uma informação bem precisa ao pessoal da Seção de Inquérito. Já não existe mais no comércio e foi distribuída durante uma campanha publicitária, cerca de um mês atrás, em uma boate em Fontainebleau, a Blue River. É certo que o assassino se esconde nesta cidade e que frequenta esse local.

— Ele poderia muito bem morar em uma cidade vizinha, não?

Lignac balançou a cabeça em negativa.

— Foi uma festa fechada. Destinada exclusivamente aos moradores de Fontainebleau.

Sharko e Levallois se olharam rapidamente. Eles não esperavam por aquelas informações

— E... a Seção de Inquérito tem algo de consistente em relação a essa boate? Potenciais suspeitos?

— Por enquanto, suas investigações não deram em nada. Essa campanha publicitária atraiu muita gente, quase todos os jovens da cidade. O lugar estava lotado, mais de mil e quinhentas pessoas. O único dado confiável de que dispõem é o DNA do assassino. Talvez acabem fazendo testes com alguns jovens que frequentam a boate e calçam quarenta e cinco. Mas está arriscado a demorar e sair caro.

— Principalmente se o assassino só tiver ido uma única vez a essa boate...

Sharko começou a andar a esmo, uma das mãos no queixo. Os gendarmes perseguiram um fantasma, um monstro sem motivo aparente que hoje, talvez, estivesse trancado em casa e de lá só sairia se impulsionado por novas pulsões mortíferas. Exceto por sua compleição física, ignoravam sua aparência, assim como o que motivara seu ato. Tampouco sabiam que esse assassino tinha, sem dúvida alguma, pontos em comum com Grégory Carnot. Precisavam se aprofundar mais, servindo-se dos dados obtidos sobre o assassino de Clara Henebelle para encurralar esse assassino anônimo.

Ainda observando o pássaro que alimentava seus filhotes num ninho, veio-lhe então uma ideia, um pensamento louco que atravessou inusitadamente sua mente. Sem dúvida aquilo iria lhe tomar a tarde toda, mas valia a pena tentar. Éva Louts, graças à sua tese e a suas pesquisas, talvez viesse a lhe entregar o assassino de bandeja.

Ele tentou disfarçar seu entusiasmo.

— Muito bem. Acho que já vimos tudo o que havia para ser visto.

Quando chegaram ao estacionamento, agradeceram a Claude Lignac e o observaram se afastar. Sharko estendeu a mão para Levallois.

— A chave... Vou dirigir.

Ele se sentou ao volante. Levallois mostrou-se cético.

— O DNA em todo canto, o lance da caixa de fósforos, você não acha isso demais? É como se o assassino procurasse um jeito de ser encontrado.

— Pode ser. Talvez queira nos levar até ele porque não compreende os próprios atos. Ele sabe que é perigoso, que pode recomeçar.

— E por que ele não se entrega?

— Ninguém quer acabar a vida na prisão. O assassino quer ao mesmo tempo manter

uma chance e se redimir da culpa: “Se eu recomeçar a matar, a culpa é de vocês, pois não foram capazes de me prender a tempo.”

Sharko pegou a estrada principal e tomou a direção de Fontainebleau. O jovem inspetor franziu as sobrancelhas.

— Posso saber qual é o plano? O que você vai fazer? Vai até essa boate e fazer o que o pessoal da Seção de Inquérito já fez? A gente tem coisas mais importantes.

— Nada disso. Nós dois estamos partindo à caça ao tesouro. Temos uma vantagem enorme sobre eles: sabemos que Grégory Carnot e o assassino anônimo estão ligados pelo livro de Terney. Os dois piraram de repente, os dois são jovens, grandes, fortes e sou capaz de pôr minha mão no fogo que os dois são canhotos.

— Como você sabe?

— Estamos diante disso desde o início. Éva Louts foi ver uns caras desse tipo na prisão, até encontrar Carnot. Ela foi morta por causa de suas pesquisas sobre os canhotos. Precisa de outras justificativas? Então vamos dividir o fardo. Você vai alugar um carro e visitar hoje à tarde todos os médicos de Fontainebleau.

O jovem inspetor arregalou os olhos.

— Está de brincadeira?

— E eu estou com cara de quem está brincando? Procure um paciente masculino, jovem, parrudo, que apresente algum tipo de desequilíbrio e que, de vez em quando, enxergue o mundo de cabeça para baixo. Talvez tenha se expressado dessa forma, talvez tenha se queixado de problemas visuais ou de dores de cabeça. Enfim, qualquer coisa que possa levar a pensar em alucinações e problemas mentais.

— Mas isso é loucura... Por quê?

— Grégory Carnot, a última identidade da lista de presidiários, apresentava esses sintomas. Ele costumava ver as pessoas de cabeça para baixo de tempos em tempos. Por instantes, nunca duravam muito, mas com intensidade suficiente para que perdesse seu equilíbrio. Isso tinha a ver também com sua agressividade.

Levallois pareceu intrigado.

— Por que você não nos falou disso durante a reunião?

— Porque não era importante.

— Não era importante? Está brincando?

— Não leve a mal.

Levallois permaneceu um instante em silêncio, frustrado.

— Tudo bem. E você, o que vai ficar fazendo em Fontainebleau enquanto eu encaro essa infinidade de médicos? Tomar uma cerveja?

— Você está de brincadeira?! Eu vou mergulhar no passado, me aproximar do ninho do pássaro. Vou voltar à infância do assassino, esperando que ele more e sempre tenha morado na cidade. Na verdade, um pouco como Éva Louts, vou dar uma passada em todas as escolas maternas em busca desses raros canhotos.

[Q]uando estacionou em frente ao hospital Colombe, em Reims, Lucie sentiu seu coração apertar. As maternidades eram todas iguais. Apesar da aparente austeridade daqueles longos corredores de concreto perfurados de janelas idênticas, elas transpiravam vida, as pessoas entravam marido e mulher e saíam papai e mamãe, mais responsáveis, mais orgulhosos, mais felizes. Um fruto da natureza nascera da mistura de seus cromossomos, e a incrível alquimia do nascimento os transformava para sempre.

Lucie pensou em sua própria experiência. Nove anos, já... A maior parte de suas lembranças da época se embotara, mas com certeza não aquelas relacionadas ao nascimento das gêmeas. Lucie se lembrava do pânico de sua mãe, quando a bolsa estourou, bem no meio da noite. A corrida até a policlínica de Grande-Synthe, no Nord, sob a chuva, depois sendo recebida pela equipe médica. Podia ouvir ainda o bipe dos monitores nos minutos que antecederam seu parto. Via o rosto da mãe perto dela, suas mãos se buscando na dor, enquanto as pessoas se agitavam em torno de sua barriga inchada. A parteira, a enfermeira, a auxiliar médica, o médico... Clara chegou primeiro, Lucie ouvia ainda seu gritinho agudo, com os pulmões se inflando. Ela se recordava de ter chorado todas as suas lágrimas, quando a parteira colocou os dois bebês idênticos, viscosos, a pele tão olivácea, um de cada lado de seu corpo. Rapidamente, uma enfermeira se aproximou com dois pequenos braceletes com os nomes. Então, ela perguntou a Lucie quem era Clara. Ela indicara a criança à sua esquerda, a primeira a sair de seu ventre.

O destino de Clara foi então selado.

E hoje, ela estava morta, assassinada por um monstro que nascera naquele hospital, ali, bem diante dela. Sua irmã Juliette por pouco não a seguiria.

Fazia vinte e três anos que o desgraçado tinha nascido.

Lucie bateu a porta de seu carro, cheia de dúvidas. Por que ela estava ali, sozinha, longe de casa, diante de um local simbólico, enquanto praticamente naquela mesma data, um ano antes, era dentro de um necrotério que se encontrava? Quem teria estendido aquele fio macabro entre a vida e a morte? Por que, afinal, ela tentava voltar no tempo, perseguir sombras? Ainda lembrava com clareza das palavras da sua mãe, alguns dias antes. Aquela espécie de maldição que se abatera sobre sua família, o trauma dos gêmeos mortos, propagando-se de geração em geração. Teria o mesmo drama ocorrido com os ancestrais de Grégory Carnot? Um mal invisível, que atravessa gerações, teria transformado Carnot em assassino de crianças? Teria ele nascido com algum tipo de predestinação para o homicídio? Como tal violência podia jorrar assim de um ser civilizado? Quem tinha sido responsável? A cultura? A sociedade? O mesmo tipo de memória genética que levava o embrião de Henebelle a absorver sua irmã gêmea?

— Eu não sou como eles — murmurou Lucie. — Eles tiram vidas...

Com o envelope contendo as fotos da cena do crime de Terney na mão, Lucie se dirigiu à recepção e mostrou rapidamente sua falsa identificação policial, o suficiente para imprimir na cabeça de sua interlocutora a insígnia tricolor.

— Inspectora Courtois, Divisão de Homicídios de Paris. Eu gostaria de falar com o chefe do serviço de obstetrícia.

Aquele tipo de apresentação, com voz firme e confiante, seguida de uma solicitação precisa, cortava pela raiz qualquer hesitação ou recusa. Bastava ouvirem a palavra “homicídio” para logo pegarem o telefone e obedecer. A secretária falou por alguns segundos e desligou, com um sorriso ansioso.

— O Dr. Blotowski a aguarda no setor de obstetrícia. O consultório dele fica no segundo andar, no fim do corredor à esquerda. Seu nome está escrito na porta.

Lucie agradeceu e subiu pela escada, lentamente. Fazia nove anos que não colocava os pés numa maternidade. Imersa no universo masculino, os partos eram apenas algo de que ela ouvia falar. Um colega, que era pai pela primeira vez... Outro, cuja esposa esperava o segundo filho... Uma mensagem de texto, às vezes, de amigos distantes de Dunquerque, aos quais ela se limitava a responder “Minhas felicitações”... O que havia de errado com ela? Por que havia se isolado de tal modo desses momentos de felicidade que fazem parte da vida de uma mulher? Por que se trancara naquele miserável trabalho na polícia, a ponto de negligenciar suas próprias filhas, suas relações com os homens, seus amigos?

Perturbada, ela seguiu por um interminável corredor passando por várias portas semiabertas. Bebês choravam, fazendo bom uso dos instintos de sobrevivência que a natureza lhes havia dado ao nascerem. Lucie já ouvira falar que aqueles gritos eram tão possantes quanto o ruído de uma perfuradora, e podiam provocar um aumento de leite nos seios das mães. Decididamente, nada podia ir contra esses curiosos mecanismos gravados em nossos genes.

Ela bateu à porta e em seguida entrou no consultório do médico que chefiava o departamento, um homem entre trinta e cinco e quarenta anos, no máximo. A cabeça raspada, um cavanhaque bem aparado e o cabelo com um belo tom cinza-claro que valorizava seus olhos azuis. Ele convidou Lucie a se sentar, se apresentou rapidamente e foi direto ao que interessava:

— Em que posso ajudar?

Lucie — Amélie Courtois para o médico — tinha colocado o envelope contendo as fotos sobre as pernas. As mãos, que ainda tremiam um pouco, se pousaram sobre as coxas e ela falou com uma voz relativamente segura.

— Para começar, gostaria de saber se você conheceu Stéphane Terney. Ele foi chefe do serviço de obstetrícia, como você, nesta maternidade, entre 1986 e 1990.

— Assumi minhas funções há seis anos, depois do Dr. Philippe, sucessor de Terney. Eu o conheço apenas por sua reputação. Apesar das divergências de opinião com algumas pessoas e de suas ideias um tanto inflexíveis, sua contribuição para este hospital foi imensa. Seus trabalhos sobre pré-eclâmpsia são muito estimados e servem como base

de pesquisa atualmente em toda a França. Sua investigação diz respeito a ele?

— Um pouco, sim. Ele foi assassinado.

O médico recuou em sua cadeira, boquiaberto. A notícia o atingiu como um golpe.

— Meu Deus! E em quais circunstâncias?

— Vou lhe dizer os detalhes. Se eu vim até aqui, é porque no dia 4 de janeiro de 1987, uma criança com a identidade de Grégory Carnot nasceu de parto anônimo neste hospital. Sei que foi transferido para um centro de acolhimento de crianças do serviço social em Reims, onde foi adotado aos três meses de idade. Para o prosseguimento da investigação, gostaria que fosse revelado o sigilo de seu nascimento. Em primeiro lugar, quero conhecer a identidade de sua mãe biológica. Preciso falar com ela sobre o parto, sua relação com o Dr. Stéphane Terney. Saber até que ponto se conheciam. E, também, falar com ela sobre o filho.

O médico pareceu desconcertado. Começou a manipular uma faca de cortar papel que apanhara no bolso de seu jaleco.

— O parto anônimo é bem protegido pela lei francesa. Em geral, só a criança nascida de um parto anônimo poderá, ao alcançar a maioridade, ter acesso a essa informação. Ele recebe então um envelope selado oficialmente, deixado pela mãe, no qual ela revela sua identidade e diversas informações sobre o pai, as razões do abandono. Às vezes, esses envelopes estão vazios, a mãe pode muito bem optar por não deixar qualquer vestígio e, desta forma, nunca ser encontrada. Aliás, é isso o que acontece na maioria das vezes, para dizer a verdade. Assim, espero que compreenda por que não posso permitir o acesso a esse envelope sem autorização de um juiz, explicando claramente o motivo da investigação.

Sua voz era clara, seus olhos fixavam os de Lucie. Sentia-se o tom didático daqueles que não deixam nada transparecer e aplicam os regulamentos. Ela sustentou seu olhar, assentindo com a cabeça após cada frase do médico. Seria preciso convencê-lo, se não quisesse sair dali com as mãos abanando.

— A solicitação já foi feita. Garanto que este documento estará aqui em dois ou três dias. Os juízes estão sobrecarregados de trabalho, e você sabe tão bem quanto eu como a burocracia é lenta. Nós, policiais nas ruas, precisamos agir rapidamente, com base no essencial, doutor. A maior parte do tempo, há vidas em jogo, há pessoas sofrendo. Você sabe o que é isso.

— Eu entendo, mas...

As fotos que Lucie colocou à sua frente o calaram.

— Você queria conhecer as circunstâncias da morte de Terney. Aí estão.

O homem pegou as fotografias e as observou com repulsa.

— Como alguém pode fazer uma coisa dessas?

— Os doentes estão em todos os lugares. Este torturador o fez sofrer durante horas, com queimaduras e mutilações. Quanto a Grégory Carnot, esse pobre bebê, filho de um parto anônimo, ele abriu a própria garganta dentro de sua cela na semana passada, com as próprias mãos. E sabe por que ele tinha sido preso?

— Não.

— Ele matou uma garotinha de oito anos com dezesseis facadas, depois queimou seu corpo no bosque. Essa garotinha era minha filha.

O obstetra baixou o olhar e largou as fotos sobre a mesa. Lucie o bombardeara com detalhes sórdidos e, pela primeira vez, ela o sentiu confuso. Ele lançou um olhar furtivo na direção da foto de seu próprio filho, perto do computador.

— Eu... sinceramente, lamento muito.

— Não, não lamente. Em vez disso, me ajude. A única pessoa que poderia vir buscar esse envelope selado está morta e enterrada. Um assassino da pior espécie está solto em nossas ruas. Estamos atrás dele, doutor, estamos atrás dele e não podemos nos permitir a espera dessa papelada. Eu peço pela última vez: mostre-me este envelope.

Blotowski hesitou ainda por alguns segundos, depois pegou seu telefone.

— Vou até os arquivos — disse ele com uma voz seca à interlocutora.

Depois de desligar, ele colocou a faca de cortar papel no bolso da frente e se levantou.

— Acompanhe-me. Está tudo arquivado no subsolo.

Com um suspiro de alívio, Lucie guardou as fotos e o seguiu. Blotowski acionou com uma chave o painel do elevador e eles desembarcaram no andar subterrâneo, em um corredor iluminado de néon. Tubos espessos se estendiam ao longo das paredes pretas. A ventilação fazia um som ruidoso, como a sala de máquinas de um navio.

— Estes corredores subterrâneos permitem aos funcionários transitar entre as diferentes clínicas do hospital. É por aqui também que são transportadas todas as análises de sangue entre a maternidade e os laboratórios. Elas passam principalmente por esses tubos nas paredes. E, por fim, é aqui que arquivamos os documentos dos pacientes dos últimos trinta anos. Em breve, a informática acabará com tudo isso. Graças a Deus.

Diante deles se estendia um verdadeiro labirinto. Algumas pessoas andavam, outras corriam, os jalecos roçavam uns nos outros sob a claridade fosca. A intervalos regulares, letreiros luminosos indicavam as direções dos diferentes prédios, tão fácil era se perder. Desenvolvia-se ali uma vida subterrânea, fervilhante, insuspeita.

Eles tomaram outro corredor. Com outra chave, Blotowski abriu uma porta metálica, que dava acesso aos arquivos da maternidade. Acendeu as luzes fosforescentes e, após os tubos crepitarem, surgiram dezenas de metros de dossiês — vidas fossilizadas em papel e tinta —, cuidadosamente alinhados, em várias estantes. Como um peixe dentro d'água, o médico se dirigiu ao local certo, no fundo da área de arquivos. Etiquetas coladas nas prateleiras indicavam os anos e os meses. Lucie se sentia pequenina, humilde. Tantos nascimentos, novas almas, corpos prontos para se aventurarem na vida, haviam preenchido os dossiês antes de se dispersarem.

— Janeiro de 1987, aqui está. Então... Letra C.

Com o dedo indicador, ele percorreu as lombadas das pastas, até parar.

— Vai de Brachet a Debien. Ok... Tudo que procuramos deve estar aqui. Documentos administrativos, relatórios ginecológicos, certidões de nascimento,

informações sobre o parto...

Ele apanhou a pasta, que reunia vários dossiês, e virou as páginas espessas até o nome que lhes interessava.

— Pronto, achei. Grégory Arthur Tanael Carnot. Nascido em 4 de janeiro de 1987.

Ele removeu da pasta um envelope plástico, etiquetado com a identidade. Lucie fixava os olhos naqueles três nomes de batismo, Grégory, Arthur, Tanael... Por que aqueles? Seriam os nomes de seu pai e de seu avô, como faziam habitualmente as famílias francesas? Em seu anonimato, Carnot talvez tivesse conservado, através daqueles nomes, vestígios de seu passado, de seus ancestrais, segundo a vontade de sua mãe. Ainda que esta o tivesse cruelmente abandonado, por uma razão que Lucie teria gostado de conhecer.

No interior do plástico nas mãos do médico, encontrava-se o tal envelope. Ele o colocou de lado e examinou os históricos médicos. As luzes de néon clareavam com tons frios, azulados, o papel envelhecido. Reinava ali uma noite perpétua, gelada.

O obstetra leu, um pouco a contragosto.

— Então... A mãe deu entrada no dia 29 de dezembro de 1986 na obstetrícia. Foi mesmo o Dr. Terney que se encarregou de tudo desde sua chegada ao hospital. E, de fato, pelo que estou lendo, ele foi seu ginecologista e a acompanhava desde o quinto mês de gestação. Aliás...

Ele olhou dentro do plástico.

— Estranho... Onde está o relatório ginecológico? As ecografias, os exames? Deveriam estar aqui, com o restante.

— Tem certeza?

Ele vasculhou outra vez, a fim de se certificar de que não tinha se esquecido de nada.

— Não estão aqui. Talvez um esquecimento. Talvez alguém tenha consultado este dossiê algum tempo depois e não o recolocou no lugar? Infelizmente, não é raro que essa papelada se perca nos meandros administrativos.

— Não é raro... digamos que seja assim.

Lucie sentia cada vez mais que estava na pista correta. Alguma coisa curiosa, misteriosa, estava escondida no passado de Stéphane Terney. Ela indicou o envelope plástico na mão do médico.

— Você tem entre as mãos o dossiê de admissão dessa mulher, portanto, tem sua identidade, sem que seja preciso abrir esse documento selado?

Ele mostrou o dossiê para Lucie. Em todos os espaços reservados aos nomes, estava escrito “Senhora X”.

— E só vamos encontrar isso. Preservação do anonimato, conforme a vontade da mãe.

Lucie cerrou os dentes. Felizmente, ainda havia o envelope lacrado. Inúmeras perguntas ardiam em seus lábios.

— Por que essa admissão na obstetrícia uma semana antes do parto? Problemas particulares da mãe?

Blotowski folheou algumas páginas. Estava tudo anotado. As perfusões, os medicamentos administrados, os exames sanguíneos, a frequência cardíaca, o nome da enfermeira responsável pelo quarto. Nesse ponto, a transparência era total, Stéphane Terney não ocultara nada.

— Pelo que leio aqui, Terney diagnosticou uma pré-eclâmpsia. A paciente precisava ficar em observação. Por isso foi hospitalizada.

A pré-eclâmpsia... Especialidade de Stéphane Terney, lembrou-se Lucie.

— No que consiste exatamente a pré-eclâmpsia?

— Significa uma vascularização insuficiente do complexo feto-placentário. Uma placenta muito pobre em vasos sanguíneos, para simplificar, o que resulta geralmente em bebês que nascem com atraso no crescimento. Isso provoca incontroláveis problemas para a mãe, sobretudo uma hipertensão arterial e uma proteinúria, ou seja, uma eliminação demasiadamente grande de proteínas pela urina. Na maior parte do tempo, nos três últimos meses de gravidez, a futura mãe se queixa de dolorosas cefaleias, zumbidos nos ouvidos. É a doença das teorias. Hoje em dia, podemos preveni-la, mas ainda não conhecemos as causas. O Dr. Terney trabalhou muito nesse campo, o dos genes responsáveis pela pré-eclâmpsia e da carência de vascularização da placenta. Ficou mais claro, agora?

— Ficou... um pouco.

O obstetra virou as páginas.

— Muito bem. Então... Antecedentes médicos da mãe, nada de importante a dizer. Exceto o fato de ela apresentar intolerância à lactose.

— Como o filho.

— Faz sentido. É genético, é transmitido de uma geração a outra.

O folhear das páginas fazia um barulho singular ali, parecendo amplificado, cristalino.

— O parto ocorreu às duas e trinta e quatro da manhã, na sala três. Terney, uma parteira, um anestesista e a enfermeira que cuidava da paciente estavam presentes na sala de parto. O doutor anotou que a Senhora X entrou em convulsão, seu batimento cardíaco acelerou. Nossa!

— O quê?

Ele inflou o peito e olhou para Lucie.

— A mãe de Grégory Carnot morreu no parto, de uma hemorragia cataclísmica. Para ser mais claro, perdeu todo seu sangue.

Lucie recebeu a informação como um choque elétrico. Contra sua vontade, ela pensou nas explicações de sua mãe sobre a psicogenealogia, e aquela transmissão do mal. Imaginou Carnot como uma criança maldita, demoníaca, a ponto de matar a própria mãe para vir ao mundo. Imaginou seu rosto cheio de sangue, seu choro estridente inundando a sala de parto, enquanto a mãe sangrava até morrer.

Lucie foi incapaz de esconder sua decepção: sua pista parecia terminar ali, naqueles

arquivos.

— E o bebê?

— Grégory Arthur Tanael Carnot... Nascido por cesariana. Quatro quilos e quinhentos gramas e... cinquenta e cinco centímetros? É bastante... incomum. A maioria dos bebês cuja mãe sofre de pré-eclâmpsia nasce com um atraso no crescimento, justamente por causa da falta de vascularização da placenta. Entretanto, esses tipos de caso acontecem.

— Com frequência?

— Não. Raramente. Mas ainda não conhecemos todos os mecanismos da pré-eclâmpsia, principalmente as interações entre a mãe e o feto, que fogem a todas as pesquisas. As predisposições genéticas também podem influenciar. Enfim, tudo isso é muito complexo.

Um bebê que já nasce diferente dos outros, pensou Lucie. Ele leva a mãe à morte e foge às estatísticas relacionadas à pré-eclâmpsia...

O médico percorria a folha com o dedo indicador.

— Aparentemente, um bebê sem problemas ao nascer. As observações anotadas aqui são comuns a todos os nascimentos.

O obstetra pegou nas mãos o dossiê de neonatologia e o folheou rapidamente.

— Crescimento, exames... Tudo normal. Por outro lado, o Dr. Terney solicitou uma quantidade relativamente grande de exames de sangue da criança, pelo que vejo.

— E sabe-se por quê?

Ele balançou a cabeça.

— Não há nada aqui. A criança ficou nove dias na enfermaria neonatal, antes de ir para o centro de acolhimento. Isso também é normal.

Ele voltou ao envelope transparente, de onde retirou as cópias das certidões de nascimento e de óbito. Lucie sentiu-se estranha ao ver aqueles dois papéis, um ao lado do outro. A mãe e o filho. Uma morta, enquanto o outro vinha ao mundo.

— Data da elaboração da certidão de nascimento: logo após o parto. Identidades da mãe e do pai: nada, o que é normal para crianças nascidas de partos anônimos. Para sua informação, quando a criança é adotada, o cartório, que possui sua própria certidão de nascimento, preenche as linhas em branco com a filiação dos pais adotivos. Mas nós, nestes arquivos, dispomos sempre de uma certidão original, feita logo após o nascimento, pelo chefe de serviço.

Ele virou a página.

— Quanto à certidão de óbito, redigida pelo Dr. Terney: “Óbito em consequência de eclâmpsia e hemorragia cataclísmica.” Hora, data, pessoas presentes. Tudo parece correto aqui.

— Como assim? Só isso? Uma mulher morre no hospital e não há uma necrópsia nem uma investigação?

— Se nenhum de seus parentes pedir, não. Este parece ser o caso aqui, já que não há outros documentos. Depois de um falecimento, há sempre uma reunião com o chefe

do serviço e um inquérito médico, às vezes acompanhado por uma necropsia científica, somente se as causas do óbito não forem conclusivas. Voltamos também a analisar os dossiês, tentando entender o que aconteceu. Pode acreditar em mim, um falecimento em hospital, principalmente durante um parto, é sempre levado a sério.

Lucie cruzou os braços, aquelas revelações lhe atingiram como um banho de água fria. Tinha a impressão de que lhe faltava o essencial. A relação entre Terney e sua paciente, as razões para o abandono da criança...

Quanto mais Lucie refletia, mais ficava nervosa. Sabia que estava bem perto das respostas, mas era incapaz de obtê-las. Enquanto seu olhar vagava sobre o dossiê, ela teve uma ideia, repentina, em relação aos três nomes de batismo de Carnot, inscritos na grande etiqueta da pasta.

— Grégory Arthur Tanael Carnot. Mas, claro...

Seguiu-se um longo silêncio, em que Lucie se manteve totalmente imóvel. O médico notou sua perplexidade.

— O que houve?

Lucie custou a recuperar a voz. Seu corpo fervia por dentro.

— Este... Este nome, quem lhe deu?

— Deve se tratar de um desejo da mãe, que provavelmente disse o nome completo que queria lhe dar, antes do parto. Depois do nascimento, sua escolha é transposta para a certidão, pelo obstetra ou pela parteira que participou do nascimento. Se a mãe não tivesse escolhido os nomes e o sobrenome, estes espaços estariam em branco, e a autoridade do cartório teria escolhido três nomes de batismo, dos quais o último assumiria o lugar do sobrenome da criança. “Carnot” não é um nome de batismo, portanto, foi inevitavelmente a mãe que forneceu esta identidade... Por que a pergunta?

Lucie pegou o dossiê e pôs o dedo em cada uma das primeiras letras do nome composto que constituía a identidade do assassino de sua filha.

— Suas iniciais formam G A T C. As bases da molécula de DNA.

O médico franziu as sobrancelhas.

— É verdade. Como você conseguiu detectar uma coisa dessas?

— Digamos que... Venho encontrando essa molécula várias vezes nos últimos tempos.

Intrigado, Blotowski retirou o envelope pardo de dentro do plástico.

— De qualquer modo, é uma curiosa coincidência.

— Não é coincidência. Não foi a mãe que lhe deu essa identidade. Foi Terney.

— Mas por que ele faria isso?

— Não sei. Mas isso me lembra das marcas a ferro quente que fazem no gado para identificá-los facilmente. A rastreabilidade, entende?

Blotowski não respondeu, refletindo profundamente. O que a mulher falava estava além da sua compreensão. Lucie apontou com o queixo para o envelope lacrado que estava entre seus dedos.

— Vai abrir agora?

O médico violou o lacre com seu cortador de papel. Lucie disse a si mesma que aquela história de segredo em um envelope era bem simbólica. Qualquer pessoa que tivesse acesso à chave podia ir ali e abrir o lacre para descobrir a identidade da mãe. Ele abriu o envelope e o mostrou para Lucie.

— Vazio. A mãe preferiu conservar seu anonimato. Sinto muito.

Lucie não poderia ir embora com tal fracasso. Grégory Carnot tinha nascido ali. As pessoas citadas naqueles dossiês tinham cuidado dele, alimentado, feito sua higiene, a partir de seu primeiro choro. Era impossível que não soubessem nada sobre ele. No momento em que o médico recolocava o envelope na pasta, ela o impediu de continuar.

— Espere dois segundos.

Pegando o dossiê de admissão no hospital, ela o consultou rapidamente e apontou para a identidade da enfermeira presente ao parto. Aquela mulher também acompanhara os cuidados com a mãe na unidade de obstetria. Certamente, as duas teriam conversado. Essa enfermeira devia conhecer a relação entre Terney e a mãe.

— Pierrette Solène, enfermeira. Ela ainda trabalha aqui?

— Nunca ouvi falar dela.

O médico guardou a pasta e sorriu.

— Para abrandar sua decepção, vou dar uma olhada nos arquivos do pessoal e lhe darei o endereço de seu domicílio à época, talvez ela ainda more lá. Interessa? E, depois, podemos tomar um café, Srta. Courtois?

[J]á era mais de uma da tarde quando Lucie bateu à porta de Pierrette Solène. Exceto pelo café tomado na maternidade com Blotowski, que começara a paquerá-la abertamente, ela não tinha comido nada desde sua partida de Paris. Após aquela visita, precisaria realmente almoçar em algum lugar. Recarregar a bateria, para não acabar no fundo de uma vala, inconsciente atrás do volante. Em dois dias percorrera mais quilômetros do que durante um ano inteiro.

A enfermeira morava em uma dessas casinhas simples de cimento, com a fachada branca de argamassa, no coração de um conjunto habitacional tranquilo na periferia da cidade. Segundo os dados fornecidos por Michel Blotowski, a mulher tinha atualmente sessenta e oito anos e deixara o hospital Colombe oito anos antes, para uma bem merecida aposentadoria.

Pierrette Solène abriu parcialmente a porta, protegendo-a com o corpo. Estava vestida com um vestido florido e escarpins pretos de outra época. Rugas percorriam a testa e as faces, desenhando complexas formas geométricas. Seus óculos grandes de armação marrom tinham lentes espessas e um cordão se encontrava atado às hastes.

— Sinto muito. O que quer que você esteja vendendo, não estou interessada.

— Não estou vendendo nada. Sou da polícia.

Desta vez, Lucie mostrou mais demoradamente sua identificação. Desconfiada, Pierrette Solène examinou-a com bastante atenção, os olhos levemente franzidos. Lucie tentou tranquilizá-la.

— Não se preocupe, não é nada dramático. Minha investigação me levou até o hospital de la Colombe. Segundo os registros do pessoal, a senhora trabalhou lá por mais de trinta anos. Estou coletando informações antigas e só vim até aqui para fazer algumas perguntas sobre um período preciso.

Pierrette Solène lançou um olhar na direção da calçada e viu o Peugeot 206 de Lucie estacionado ao meio-fio.

— Onde está seu colega? Os policiais andam sempre em pares nos seriados da TV. Por que você está sozinha?

Lucie sorriu educadamente por um instante.

— Meu colega está interrogando outros funcionários do hospital. No que diz respeito aos seriados...A senhora não deveria acreditar em tudo o que eles mostram, a realidade do trabalho de policial é bem diferente.

Após uma breve hesitação, a sexagenária a convidou para entrar. Cinco minutos depois, Lucie se encontrava sentada em um sofá coberto por uma grossa manta de lã e com uma xícara de café forte e açucarado nas mãos. Um gato roçou afetuosamente suas pernas. A televisão transmitia um seriado americano, justamente, e no momento diziam algo sobre o fogo e o amor. A expressão de Pierrette logo se animou, quando Lucie lhe pediu informações sobre Stéphane Terney.

— Trabalhei com ele durante quatro anos, o tempo que estive no de la Colombe. Era um bom médico, dedicado, sempre querendo fazer o máximo.

— O que quer dizer com isso?

— Ele se metia em todos os serviços: obstetrícia, ginecologia, imunologia. Tudo o que girava em torno da procriação o fascinava. Não ligava para as horas de trabalho, passava o tempo todo no de la Colombe. No seu departamento, ele comandava o pessoal com mão de ferro. Não gostava que tirássemos folgas. Trabalho, trabalho e trabalho.

— Ele fazia partos com frequência?

— Fazia. Apesar de sua rigidez aparente, ele adorava trazer os bebês ao mundo. Em todo caso, todos os dias, ele passava pelo menos uma vez nas salas de parto, para cortar um cordão umbilical e cumprimentar as mães que havia acompanhado durante a gestação. E isso, a qualquer hora. Nunca vi um chefe de serviço fazer algo parecido. Ele nos fazia trabalhar arduamente, mas, no fundo, a gente gostava dele.

Lucie se lembrava do artigo da Wikipédia. Terney, soldado-enfermeiro que descobre um bebê caído no chão, ligado à mãe pelo cordão. A Argélia e seus traumas de fato nunca o haviam abandonado. Levando a xícara de café aos lábios, Pierrette lançou um olhar triste para Lucie, como se percebesse repentinamente a razão daquela visita.

— Aconteceu alguma coisa com o Dr. Terney?

Lucie lhe deu a terrível notícia e deixou que ela a absorvesse. Por trás das grossas lentes de seus óculos, com o olhar vazio, Pierrette mirava fixamente o chão. As lembranças do hospital deviam desfilar na sua cabeça, as boas, as ruins, que ganhavam agora outro valor, por conta do falecimento, e que ela guardaria dentro de uma caixa preciosa. Lucie aproveitou a ocasião.

— Fale-me sobre a noite do dia 4 de janeiro de 1987. Uma noite fria de inverno, em que o Dr. Terney trouxe ao mundo um menino que depois chamou de Grégory Carnot. A senhora estava de plantão nessa noite, na sala três da maternidade. A mãe morreu na mesa de parto, por causa de uma séria hemorragia associada a uma pré-eclâmpsia. A senhora se lembra?

O rosto da enfermeira pareceu se comprimir em um espanto glacial. Seu lábio superior começou a tremer, a idosa passou a mão pela boca, estupefata. Ela pousou sua xícara, que estalou sobre o pires de porcelana. Lucie cerrou as mãos: vinte anos depois, Pierrette Solène ainda carregava o estigma daquela noite. Inesperadamente, a antiga enfermeira se levantou e se contentou em dizer:

— Tudo isso faz muito tempo, tempo demais. Não me lembro, sinto muito.

Lucie também se levantou e chegou bem perto dela.

— A senhora não pode ter esquecido. Por que está com medo?

Pierrette hesitou por alguns segundos.

— Você pode me garantir que isso não vai complicar minha vida?

— Eu garanto.

Um silêncio. A enfermeira refletia. Lucie disse a si mesma que ela carregava um grande segredo, um segredo que Terney, talvez, a tivesse feito guardar durante todos aqueles anos. Agora que ele estava morto, que ela saía do hospital, as comportas se abriam.

Pierrette levantou-se e desligou a televisão. Um silêncio fúnebre envolveu as duas mulheres. Lucie retomou a palavra, supondo que a enfermeira precisava ser orientada:

— Durante sua estadia no hospital, a senhora esteve ao lado dessa mulher, levou suas refeições, cuidou dela antes do parto. A senhora sabe como ela se chamava? É importantíssimo para minha investigação.

— Claro que eu sei. Chamava-se Amanda Potier.

Lucie sentiu um grande alívio em poder finalmente dar um nome àquele rosto invisível, àquela mulher morta no parto, provavelmente em grande sofrimento. Ela não pediu papel ou caneta para anotar as informações. Sobretudo, não queria assustar sua interlocutora e provocar qualquer bloqueio. Tudo devia permanecer informal, volátil. Mas Lucie memorizava cada palavra.

A enfermeira prosseguiu:

— Ela era bem jovem, vinte ou vinte e um anos. Uma bela mulher de longos cabelos pretos e olhos bem escuros.

— Por que ela queria o anonimato de seu parto?

— Ela não queria mais a criança, e era tarde demais para abortar... Ela havia sido covardemente abandonada pelo namorado algumas semanas antes. Em sua idade, ela se sentia incapaz de criar a criança sozinha.

Lucie voltou a cerrar as mãos. Uma futura mãe, jovem, abandonada pelo homem que amava, que provavelmente lhe prometera tudo e em quem ela acreditara, ingenuamente. Aquilo coincidia demais com sua própria história. As suturas de seu passado foram arrebentando uma após a outra, aquela maldita investigação feria sua carne. Ela tentou afastar os sentimentos que floresciam, abstrair suas próprias dores de mulher e de mãe. Precisava manter-se concentrada e forte.

— Conte-me as lembranças à medida que elas forem aparecendo. Não há pressa.

Pierrette fechou por um bom tempo os olhos, e depois os reabriu.

— Amanda Potier era pintora, estava começando e tinha dificuldades para viver de seus quadros. Morava em um pequeno apartamento na periferia de Reims, perto de Neuville, a alguns quilômetros daqui. Ela e o Dr. Terney se conheciam antes de ela dar entrada no hospital, ele comprara alguns de seus quadros em um *vermissage*, para encorajá-la. Ela parecia gostar muito dele. Ele chegou a encomendar alguns quadros. Desenhos com relação ao DNA e ao nascimento, para decorar sua casa. Ela me confidenciou que era um homem de gosto bem estranho, mas lhe pagava bem.

Lucie se lembrou então do quadro que vira rapidamente, tanto ao vivo na biblioteca de Terney como nas fotos do local do crime. Aquela espécie de placenta ignóbil e a assinatura, Amanda P., no canto. Tinha uma vaga lembrança daquele nome e daquela inicial, percebidos ligeiramente numa das fotos.

— ...Amanda contava que às vezes almoçavam juntos, principalmente para conversar sobre arte. Então, um dia, a conversa abordou a gravidez. O médico a convenceu a deixar seu antigo ginecologista e a consultar-se com ele. Ele a acompanhou nos quatro últimos meses de gestação.

Lucie tentava raciocinar ao mesmo tempo. Stéphane Terney quis realmente aproximar-se de Amanda e de seu futuro bebê. Ela aprofundou ainda mais seu raciocínio: teria Terney se aproximado voluntariamente de Amanda Potier? Talvez a vigiasse, enquanto ela achava que ele era seu amigo? Teria comprado suas obras somente para conquistar sua confiança? Lucie perguntou algo que subitamente lhe veio ao pensamento:

— A senhora sabe por que o doutor se instalou aqui em Reims, em 1986? Por que esta maternidade? Terney tinha um cargo excelente em Paris, fazia muitas pesquisas, viajava o tempo todo. Então, por que vir trabalhar no interior do país?

Pierrette encolheu os ombros, timidamente.

— Simplesmente aproveitou uma oportunidade, eu acho. O Dr. Grayet, seu predecessor, estava a três anos de sua aposentadoria. Ele pediu demissão assim que o Dr. Terney se candidatou ao posto.

Lucie sentiu um baque no peito.

— Demissão? Faltando três anos para se aposentar? Essa demissão estava prevista?

A enfermeira balançou a cabeça, os lábios franzidos.

— Grayet nunca nos disse nada, e tampouco teríamos acreditado, se dissesse. Mas foi assim... Queria aproveitar um pouco a vida, eu acho. Saiu discretamente do hospital, sem chamar a atenção.

— Qual era o nome completo desse médico?

— Robert. Robert Grayet. Mas não vai poder interrogá-lo. Faleceu em decorrência de Alzheimer há cinco anos, eu fui ao enterro. Um triste fim, o dele.

Lucie armazenava essas informações capitais. Seria possível que Terney tivesse encorajado a partida de seu predecessor para substituí-lo e, assim, aproximar-se de Amanda Potier e tornar-se seu médico? Lucie sentia-se um pouco tonta. Aquilo parecia totalmente inconcebível. Mas, no entanto, as datas coincidiam. Terney deixa Paris em 1986, instala-se em Reims, onde Amanda se encontra, grávida... Ele cuida de sua gestação, para que ela dê à luz no início de janeiro de 1987. Lucie voltou um pouco mais no tempo. Paris, ainda em 1986. Segundo o artigo da Wikipédia, Terney teria se divorciado algumas semanas antes de partir. Talvez algum evento tivesse provocado essa ruptura... Talvez sua primeira mulher estivesse a par de algo em relação à Amanda Potier ou a Robert Grayet.

Lucie deixou de lado aquelas questões e perguntou:

— Amanda Potier não tinha família? Ninguém vinha visitá-la na maternidade?

— Vinha, é claro. Seus pais vieram de Villejuif, eles a ajudavam. Sua mãe era uma bela mulher, jovem ainda, que se parecia muito com ela. Uma futura avó com pouco mais de quarenta anos...

A enfermeira percorria com o dedo a borda da xícara de café. As lembranças a entristeciam, mas Lucie insistiu:

— Durante a hospitalização, como o doutor se comportava com ela?

— Ele estava sempre por lá, bem próximo da paciente. Tanto à noite quanto de dia. Ele chegava a nos substituir no trabalho de enfermagem. Eu me recordo dos exames de sangue que ele prescrevia para ela. Amanda estava extremamente cansada, a barriga enorme. Eu lembro também que ela comia muito. Frutas, torradas, tudo o que lhe caía nas mãos.

— O doutor e ela eram íntimos?

Ela cerrou os lábios.

— Não o suficiente para que o doutor chorasse por sua morte sobre a mesa de parto, pelo menos.

Lucie refletiu, cada vez mais confusa. Agora, tinha a certeza de que Grégory Carnot jamais tinha sido uma criança como as outras. Alguma coisa nele interessava muitíssimo ao médico. Alguma coisa que, talvez, pressionasse o médico a se divorciar, mudar de casa e construir sua vida em função dessa criança. Aquilo era um desafio para o entendimento.

— Agora, conte-me como foi o dia do parto.

Pierrette Solène engoliu com dificuldade a saliva.

— Na noite do dia 4 de janeiro, os equipamentos conectados a Amanda Potier enlouqueceram. Sua pressão estava altíssima, o coração acelerado. Estava a uma semana do previsto para o parto, mas era preciso retirar o bebê o mais rápido possível. O médico imediatamente convocou o anestesista, uma parteira, e a levou para a sala de cirurgia.

Sua voz começava a tremer e a emoção a tomá-la.

— Em seguida, tudo aconteceu muito rápido, e foi ficando cada vez pior. A paciente entrou em convulsão e começou a ter hemorragia. Não conseguíamos estabilizá-la. O doutor fez uma cesariana. Foi... Foi horrível. Ela logo perdeu mais de um litro de sangue. Era como se o corpo se esvaziasse de toda energia, de maneira incompreensível.

Lucie sentiu seus pelos se arrepiarem.

— Amanda Potier nem sequer assistiu ao nascimento do filho. Em trinta anos de carreira, só vi três mães morrerem na mesa de parto. A cada vez, era uma experiência profundamente traumática, inumana, que não desejo a ninguém.

Lucie imaginou o ambiente na sala de parto. Sangue para todos os lados, o traço horizontal do eletroencefalograma, os rostos encovados. A ignóbil sensação diante de um fracasso.

— E o bebê?

Pierrette fez uma careta de náusea.

— Em perfeitas condições, ao passo que a mãe se esvaía. Um verdadeiro bebezão, muito maior do que o normal, aliás. Um caso raríssimo em um quadro de pré-

ecâmpsia.

Havia muita amargura em sua voz, com laivos de certa repugnância.

— A senhora conseguiu acompanhar o bebê depois do parto?

— Não. Ele foi levado para a enfermaria neonatal, não fazia mais parte de minhas obrigações. Para falar a verdade, nunca mais soube dele. Acho que... Acho que não queria mais saber. Sua mãe morrera diante de meus olhos, enquanto ele... ele estava em plena forma. — Ela fez outra careta. — E com o que você acaba de me contar... Fico ainda mais devastada...

A imaginação de Lucie se acelerava, imagens sórdidas atravessavam seu pensamento. Não conseguia se impedir de ver um bebê monstruoso, coberto de matéria orgânica, sangue, agitando seus pequenos membros viscosos em toda direção, berrando. Pierrette esfregou longamente seu rosto. Parecia hesitar. Finalmente, soltou um suspiro e disse:

— Naquela noite, eu vi uma coisa. Algo sobre o qual nunca falei para ninguém. Que ia contra o diagnóstico de pré-ecâmpsia estabelecido pelo doutor.

Lucie se inclinou para a frente. Sentia-se no limite de suas forças, como também a enfermeira, que prosseguiu bem de vagar:

— Era em relação à vascularização da placenta.

A placenta... Lucie voltou a pensar no quadro da biblioteca de Terney. A enfermeira sofria para emitir palavras que jamais haviam lhe saído da boca.

— Você sabe, a pré-ecâmpsia deixa a placenta muito, muito pobre em vasos sanguíneos, é sistemático, mesmo no caso de bebês de tamanho normal. Quando aquele bebê nasceu de cesariana, o doutor se apressou para aspirar a placenta que permanecia no ventre materno. A parteira e o anestesista não viram nada, ela cuidava do bebê e ele tentava estabilizar a paciente e enxergar alguma coisa através de todo aquele sangue que jorrava. Mas eu... Eu vi...

Seguiu-se um silêncio. Lucie devorava suas palavras.

— O que a senhora viu, exatamente?

— A placenta... parecia uma... uma teia de aranha, de tantos vasos sanguíneos que se viam em sua superfície. Para você ter uma ideia, em trinta anos de carreira, nunca vi uma placenta tão irrigada. É por essa razão que o bebê era grande e forte, ele dispunha de todos os recursos para se desenvolver corretamente.

Com os nervos à flor da pele, Lucie se ergueu bruscamente.

— Volto em dois segundos...

Ela correu até o quadro e voltou com o envelope pardo que continha as fotos do local do crime. Ela pegou uma em que retratava o quadro da placenta bem de perto e a entregou à enfermeira.

— A placenta de Amanda parecia com essa?

Pierrette confirmou, com repulsa.

— Exatamente. Tão vascularizada quando esta. Mas... De onde vem isso?

— Da casa do doutor. Ele pediu à Amanda para pintá-la.

— Amanda teria pintado a própria placenta. Oh, meu Deus, isso é repugnante...

— Isso significa que o doutor tinha conhecimento dessa placenta bastante irrigada, e que isso era de seu maior interesse.

A enfermeira devolveu a fotografia a Lucie e assoprou as próprias mãos.

— Tudo é tão estranho. Ele teria visto nas ecografias?

— Acho que sim.

Houve um silêncio. As duas tentando compreender. Lucie mostrou também o quadro da fênix, não custava tentar, mas a enfermeira não sabia do que se tratava.

— Talvez você não acredite em mim, mas quando... quando o doutor descobriu a placenta, durante o parto, vi seus olhos brilharem. Como se... se estivesse fascinado. Foi bem rápido, não durou se sequer um segundo, mas foi a impressão que tive.

Ela esfregou seu antebraço.

— Olhe, não estou mentindo, fico toda arrepiada. Quando notou que eu o tinha surpreendido, ele me lançou o olhar mais frio que já vi. Durante a aspiração, ele me encarou sem nada dizer. Então eu entendi que devia guardar o segredo... E um minuto depois, a mãe estava morta.

O raciocínio de Lucie estava a mil. Sentia-se profundamente perturbada pelas palavras de sua interlocutora. O que queria dizer essa história de placenta? O que significara aquele olhar de contentamento de Terney, enquanto sua paciente morria sobre a mesa? Teria ele sacrificado a mãe para fazer seu bebê nascer a todo custo?

Sempre a mesma pergunta voltava a seus lábios sem cessar: por que aquela criança precisava vir ao mundo? Pierrette continuava falando em um tom monótono, sentindo agora necessidade de desabafar até o fim.

— Tivemos uma reunião algumas horas depois do parto, com o diretor do hospital, o Dr. Terney, o anestesista e a parteira. Foi feito um relatório. Oficialmente, Amanda Potier morreu em consequência de uma pré-eclâmpsia. Terney tinha todos os dados, os resultados dos exames de proteinúria, a pressão arterial, até mesmo as estatísticas de pré-eclâmpsia com os bebês bem-proporcionados. O hospital não teve nada com isso. E os pais dela nunca quiseram processar ninguém.

— E a senhora não falou sobre a placenta?

Pierrette balançou a cabeça, como uma criança que não quer admitir seu erro.

— O que isso mudaria? Era a minha palavra contra a de um médico. A placenta foi destruída. E depois, a mãe havia falecido, e não houve erro médico. A hemorragia ocorreu sem que tivéssemos tempo de agir. Eu não queria complicar as coisas, nem colocar minha carreira em perigo.

Ela suspirou, aparentemente abatida.

— Você quer saber o que me parece agora, vinte e três anos depois? A doença que matou Amanda Potier tinha características de uma pré-eclâmpsia. Era possível diagnosticá-la assim, porque certos elementos não mentiam, mas não era isso. E hoje, estou convencida de que o doutor sabia do que se tratava. Esse quadro monstruoso, por sinal, é a prova flagrante disso.

Ela se esforçou para sair da poltrona, apoiando-se nas mãos.

— Agora, a senhorita me desculpe, mas acho que não tenho mais nada a contar. Tudo isso está no passado. Tarde demais para voltar aos velhos fantasmas. O doutor está morto, que sua alma descanse em paz...

— Nunca é tarde demais. Ao contrário, é no passado que se escondem as respostas.

Lucie também se levantou do sofá. Sua viagem não havia sido em vão, ainda que as perguntas não parassem de se multiplicar. De qualquer modo, de uma coisa tinha certeza: de maneira lenta, porém, firme, o obstetra tecera uma teia que conduzira ao nascimento de um monstro.

Ainda que avançasse no escuro, Lucie sentia que sua busca pela verdade se refinava cada vez um pouco mais. Amanda Potier, Stéphane Terney, Robert Grayet, seu predecessor no hospital de la Colombe, estavam mortos. Para Lucie não havia outra solução: seria preciso voltar ainda mais no tempo e procurar conhecer a primeira das ex-mulheres de Stéphane Terney.

Aquela da qual se divorciara, pouco antes de sua partida precipitada para Reims.

Uma das pistas do passado que, talvez, detivesse parte da verdade.

[S]harko tinha uma ideia bem precisa e totalmente louca na cabeça: como fizera Éva Louts em maior escala, ele ia recensear as crianças canhotas da cidade de Fontainebleau de uma determinada época. Antes disso, tinha passado na prefeitura e conseguido a lista das escolas maternas: no total, havia sete estabelecimentos para os pequeninos.

Enchendo-se de coragem, ele se dirigiu ao primeiro endereço da lista: a escola Lampain, situada no leste da cidade. Ofuscado por seus pensamentos, atravessou diferentes bairros sem sequer olhar em volta. Pensava naquela investigação tortuosa, nos terríveis assassinatos, é claro, mas, principalmente, pensava em Lucie Henebelle. Teria ela dado uma olhada nas fotos propositalmente deixadas próximas do computador? Estaria ainda em seu apartamento em LHaÿ-les-Roses, ou já partira? Sua razão privilegiava a segunda hipótese, mas seu coração se inclinava sem rodeios para a primeira. Esses analogismos, a luta entre sentimentos e lógica, a dilatação interior, lhe faziam tão mal que não pôde se impedir de ligar para ela, só para saber.

Ela atendeu após o terceiro toque. Sharko compreendeu, pelo ruído, que ela também estava dirigindo. Sua decepção foi imediata.

— É Franck... Está dirigindo? Melhor eu ligar mais tarde.

— Tudo bem, estou no viva-voz.

E não disse mais nada. Por que ela não falava? Por que não lhe perguntava como andava a investigação?

— Está na estrada para Lille?

Lucie hesitou, não esperava que ele telefonasse. Deveria dizer a verdade e correr o risco de ele tentar impedi-la de ir até o fim? Preferiu mentir por enquanto, só para poder investigar mais em sua pista, e para garantir que suas deduções não levassem todos a um impasse.

— Estou. Li seu bilhete sobre a mesa da cozinha. Doeu a maneira como você me expulsou de sua casa. Mas entendo que sua raiva de mim chegou a esse ponto.

— Não estou com raiva de você, Lucie... Nunca estive.

Um intervalo. O coração de Sharko batia forte em seu peito. Parado em um sinal vermelho, ele fechou brevemente os olhos. A voz feminina voltou a soar ao telefone.

— Não tranquei a porta ao sair, porque não tinha a chave. Sinto muito.

Sharko raciocinou rapidamente, com certo ceticismo. Algo o atormentava. Seria possível que ela tivesse abandonado o combate assim tão facilmente, por causa de um bilhete sobre a mesa? A Lucie Henebelle que conhecia? Ele tentou sondá-la:

— Por que saiu tão tarde?

— Você deveria ter me acordado de manhã. Levei alguns minutos para me dar conta de onde eu estava. O que aconteceu ontem à noite? Não me lembro mais.

— Você desmoronou de cansaço. Então a estendi sobre o sofá, como... como fiz no ano passado. É estranho como as coisas se repetem... Eu... nunca acreditei que isso fosse

possível.

Os espaços entre suas palavras eram intermináveis. Sharko sentia-se incomodado e desarmado. Não conseguia se impedir de lhe perguntar:

— Eu trabalhei um pouco de madrugada e deixei o computador ligado. Você conseguiu fazer as pesquisas sobre Stéphane Terney antes de sair?

— Para quê? Já entendi que é você o investigador, que dispõe de todos os meios. Nesse caso, eu não sirvo para nada.

Sharko sentiu as lágrimas lhe invadirem os olhos. Ele suspirou, afastado do microfone: estava tudo terminado desta vez, aquele maldito acaso que acabara por reuni-los não existia mais. Agora, Lucie tinha partido para longe dele, rumo a suas próprias trevas. De alguma forma, ele se sentiu aliviado, mesmo que seu coração sangrasse.

O GPS anunciou sua chegada.

— Bem, preciso desligar. Voltarei a telefonar, um dia, se conseguir chegar ao fim dessa história. Até mais, Lucie.

— Espere aí. Só uma coisa: o rapaz de pijama...

— Ele não tem nada a ver com o caso. É um autista, ele e Terney mantinham uma relação, mais nada. Estava no lugar errado na hora errada.

Ele desligou bruscamente, os maxilares cerrados, antes mesmo que ela respondesse. Permaneceu cinco minutos no carro para se recompor. Sua mente parecia atolada em uma maré negra e viscosa.

Pondo de lado seus sentimentos e sua decepção, ele se dirigiu à escola, um belo prédio cheio de flores com um grande parquinho cercado por grades verdes. Um aroma de juventude, de inocência, de vida que começa. O portão de entrada estava trancado. Sharko voltou a se sentir febril. Sempre que se aproximava de uma escola, a lembrança de sua filha, Éloïse, lhe vinha à mente. Ele a imaginava ainda entre as crianças, entretendo-se com brinquedos de madeira ou correndo com as coleguinhas. Em sua mente, tudo se misturava: os rostos, o tempo, os sentimentos. Ele se recordava de sua esquizofrenia tenaz, daquele tempo em que a pequena Eugénie, seu personagem imaginário, vinha lhe falar, tranquilizá-lo e também amaldiçoá-lo. Ela teria provavelmente corrido por aquele pátio, subido nos brinquedos, gritando e rindo. Felizmente, ela já havia saído da cabeça de Sharko quando, por fim, ele fechara a tampa de um luto jamais feito.

Eugénie *era* esse luto...

Com um suspiro, ele tocou o interfone e se apresentou. A diretora, Justine Brevard, o recebeu em sua sala. Uma mulher corpulenta, cinquentona, o ar simpático e que devia inspirar confiança nas crianças. Evidentemente, ela estava ciente do duplo assassinato na floresta, como todo mundo na cidade.

— É horrível o que aconteceu com aqueles jovens. Mas em que posso ajudar?

Sharko limpou a garganta.

— Bem... Graças a certos elementos do inquérito, conseguimos elaborar um perfil

bastante preciso do assassino. Acharmos que ele tem hoje entre vinte e trinta anos, é um homem grande, provavelmente corpulento, mora nesta cidade e, principalmente, é canhoto. Eu sei que há vários anos cada professor preenche fichas de avaliação individual para cada aluno da seção dos menores, estou enganado?

— Não. Anotamos o equilíbrio, a capacidade de se expressar, a participação nas aulas... e diversos outros critérios.

— Como a lateralidade, não é? Canhoto ou destro.

Uma luz cintilou nos olhos da diretora.

— Exatamente. Já sei aonde quer chegar. Vocês acham que o assassino frequentou nosso estabelecimento, quando era pequeno, é isso? E que essas fichas poderão ajudar a identificá-lo?

— Em sua escola ou em outra da cidade. Eu estou simplesmente procurando o que é incomum em uma turma de cerca de vinte alunos: meninos maiores, mais fortes que os outros. E, acima de tudo, canhotos, que é o critério mais seletivo. É possível dar uma olhada nesses arquivos? As turmas que me interessam estariam, digamos, entre 1985 e 1995. Espero que vocês ainda tenham todas essas fichas. Com isso conseguimos abranger a idade entre dezoito e trinta anos.

Ela se levantou.

— Eu tenho todas as fichas, assim como as fotos da turma correspondente. Acompanhe-me, por favor.

Eles passaram pelas salas com as portas abertas. As crianças estavam em plena atividade: pintura, leitura, brincadeiras, cantos. Algumas delas observaram o policial com olhos arregalados. Sharko as cumprimentou com um gesto rápido com a mão e elas retribuíram com um sorriso.

Entraram em uma sala repleta de armários, cada ano numerado por uma etiqueta. A diretora abriu a gaveta do ano 1985. Seus dedos percorreram várias pastas e apanharam o que era preciso. Elas continham documentos administrativos, uma foto da turma assim como as célebres fichas de avaliação individual, que ela separou. Aquela folha de cartolina, ligeiramente amarelada, trazia ainda mais detalhes do que previsto, com vários espaços preenchidos. Além disso, no alto, à direita, havia uma foto 3x4 da criança.

Justine Brevard se pôs a dar algumas explicações:

— Nós preenchemos essas fichas a cada trimestre, a fim de avaliar o progresso da criança e suas aptidões em sala. Veja, a informação sobre a lateralidade está bem aqui. Há também um espaço para as observações eventuais que o professor considere pertinente. Principalmente os problemas de saúde, o regime alimentar, as alergias.

Ela umedeceu a ponta do dedo e com agilidade, percorreu todas as fichas, uma após outra, separando uma delas.

— Encontrei uma canhota.

— Pode passar. Segundo o DNA identificado, trata-se de um homem.

Ela continuou a folhear, até chegar ao fim do lote.

— O ano de 1985 está terminado. Não tenho nada, exceto essa menina canhota.

— Melhor assim. Quanto menos houver, melhor será.

— Passemos ao seguinte.

Sharko a ajudou. Juntos, eles reuniram primeiro todas as fichas relacionadas a meninos canhotos. Um, dois, ou, nos casos mais raros, no máximo três garotos em cada sala tinham tal característica, o que resultou em vinte e poucas fichas para os dez anos analisados.

Entre essas fichas, Sharko examinou os rostos, a corpulência, o tamanho, usando as fotos de turma e as fotos 3x4. Ele viu cabelos louros, escuros, encaracolados, alguns de óculos, intimidados ou confiantes, de diferentes estaturas. Alguns, frágeis, pequenos, não correspondiam à imagem que o comissário fazia do assassino, mas será que convinha eliminá-los? Não seria possível que tivessem se desenvolvido mais tarde? Tantos anos entre um período e outro... Diante desta realidade, o policial entendeu que a tarefa era mais difícil do que previra. E depois, ele não tinha qualquer certeza que fosse definitiva. O assassino podia muito bem morar em Fontainebleau há pouco tempo e não ter vivido lá durante a infância. Considerando a dimensão e o caráter aleatório do trabalho, ele se encheu de dúvidas. Ainda assim, pediu uma fotocópia de todas as fichas que tinha em mãos, agradeceu à diretora e saiu do prédio, um tanto decepcionado.

Apenas um ponto positivo: a operação não durara mais que meia hora.

Sentado em seu carro, Sharko tentou refinar sua triagem e privilegiar alguns perfis entre todos aqueles canhotos. Selecionou os meninos maiores, os mais fortes. Mais uma triagem: algumas daquelas crianças tinham agora trinta anos. Talvez tivessem passado da idade de frequentar uma festa publicitária em uma boate. A partir daí, ele fez nova seleção. Por fim, restavam nove fichas. Meninos de quatro ou cinco anos, sorrindo, e muito diferentes. Era absolutamente impossível privilegiar um perfil em detrimento de outro. Nenhum olhar demoníaco, nenhuma chama sinistra nos olhos. Apenas a inocência irradiante daqueles rostos consumidos pelo tempo.

Embora desapontado, ele continuou sua busca, dizendo a si mesmo que, no pior dos casos, a Seção de Inquérito em Versalhes poderia recolher o DNA de todos aqueles indivíduos, a fim de compará-lo ao encontrado na cena do crime. Acontecia, às vezes, em certas investigações delicadas, de se fazerem análises de DNA em excesso, depois de estabelecer uma seleção mais ou menos grosseira. Isso custava caro, mas a verdade não tinha preço.

As escolas que visitou, com suas arquiteturas variadas, tinham sempre o mesmo funcionamento interno. Fichas arquivadas, perfeitamente organizadas, facilmente disponíveis. Neste ponto, o sistema de educação nacional havia feito um ótimo trabalho. O tempo passava e Sharko empilhava folhas, eliminava tantas quanto possível, separava, sem que nada lhe chamasse realmente a atenção. Tinha esperado que uma conexão se criasse em sua mente, uma intuição que o orientaria imediatamente para o rosto certo. Mas nada, absolutamente nada surgia... Aquelles garotos eram jovens demais, ostentando fisionomias infantis: bochechudos, a expressão divertida. Como encontrar ali um assassino? Como bem observara Levallois, a impressão genética não vinha escrita na

testa.

Ele parou para beber um café bem forte em um bar, a fim de recarregar as baterias. Depois de telefonar para o colega, que, por sua vez, nada encontrara, Sharko engoliu um sanduíche e cochilou no assento do carro. Meia hora mais tarde, acordou e se pôs ao volante, a boca pastosa.

Era a penúltima das sete escolas maternas a visitar. Chamava-se Victoire. *Talvez um nome predestinado*, pensou Sharko, suspirando. Interfone, diretora, apresentação, explicação, arquivos. Um circuito que ele começava a conhecer de cor, e que começava a lhe dar nos nervos.

Mais uma vez, os anos passaram sob seus olhos, as fichas se acumularam. Sharko considerava incrivelmente prodigiosa aquela distribuição tão precisa, regular, de canhotos na natureza, a proporção era sempre a mesma. Zero, um ou dois canhotos em uma turma de vinte alunos, era totalmente preciso, previsível, como se a própria natureza houvesse composto as turmas. Ele se recordou do que dissera a primatologista, dos dados apresentados na tese de Éva Louts, prevendo que dali a centenas, milhares de anos, não haveria mais canhotos em nossa sociedade. Algumas turmas de escolas maternas já testemunhavam essa extinção.

Novamente, nomes, rostos e fisionomias passaram diante dele. Enquanto percorria mecanicamente as fichas, colocando de lado as poucas que correspondiam a meninos canhotos, sentiu o coração pular no peito.

Seus dedos tremeram e ele pegou de novo a ficha que acabara de separar.

Datava de 1992. O menino, nascido em 1988, tinha atualmente vinte e dois anos.

Chamava-se Félix Lambert. Canhoto. Cabelos castanhos, olhos azuis, a pele ligeiramente bronzeada, e bem grande, ainda que houvesse outros maiores que ele na foto da turma. À primeira vista, nada de extraordinário, Sharko já deparara com aquele tipo físico em fichas anteriores.

E se seus olhos não houvessem batido no espaço dedicado a “comentários suplementares”, ele teria simplesmente posto de lado aquela ficha. Mas, naquele importante espaço para observações, estava escrito: “Não dar laticínios. Intolerante à lactose.”

Grégory Carnot também tinha intolerância à lactose.

Sharko examinou o olhar do menino, que sorria mostrando os dentes. Ele passou o dedo sobre o rosto angelical.

O policial estava quase certo de ter, diante dele, a identidade do assassino do casal de excursionistas. Aquela mesma identidade que Stéphane Terney havia ocultado no interior de seu livro, atrás de um conjunto de quatro letras A G T C misturadas em longas seqüências anódinas.

O comissário não se deu o trabalho de prosseguir suas pesquisas e avisou a Levallois que interrompesse imediatamente as dele. Saiu da escola apressado, após agradecer à diretora. Cinco minutos depois, consultava um catálogo telefônico da cidade, na agência dos correios que já estava para fechar as portas. Achou dois Lambert em Fontainebleau:

Félix e Bernard. Mesmo número de telefone. Provavelmente pai e filho...

Ele buscou seu colega diante da locadora de automóveis e arrancou com o carro, o endereço sob os olhos.

No fim do trajeto, um assassino o aguardava.

[D]e acordo com as informações obtidas, Gaëlle Lecoupet, a primeira esposa de Stéphane Terney, morava em Gouvieux, uma cidade tranquila próxima de Chantilly. Desde que saíra de Reims, Lucie perdera um tempo enorme nos engarrafamentos nas imediações da capital, de forma que era fim da tarde quando alcançou o castelo de Chantilly, seu hipódromo e seus terrenos de golfe. Alguns quilômetros depois, ela estacionou em uma alameda de cascalho de uma *villa* recuada em relação à estrada, bem atrás de um Audi grande e um Mercedes conversível.

Um homem de cabelos grisalhos, que estava aparando as roseiras, aproximou-se dela. Depois que Lucie lhe mostrou sua falsa identificação policial e explicou que gostaria de falar com a Sra. Lecoupet sobre seu primeiro marido, ele a orientou em direção à casa, sem abrir a boca. Considerando seu silêncio, ela deduziu que nem ele nem sua mulher deviam ter sido avisados da morte de Terney — já que as comunicações de óbito não eram responsabilidade da polícia — e que os policiais do 36 Quai d'Osèbres não tinham ainda sentido necessidade de seguir essa pista tão longe. Interrogar a ex-mulher, de vinte e cinco anos antes, de um sujeito que fora presa de um assassino particularmente sádico, e que havia matado uma estudante, devia estar longe de suas prioridades.

A proprietária da casa se encontrava em uma ampla varanda repleta de plantas trepadeiras e de uma dezena de gatos de todos os tipos e cores. Os animais andavam em torno dela, ronronando, enquanto ela lhes servia leite e biscoitos em pequenos pratos.

— Querida, a polícia quer falar com você — disse o homem de cabelos grisalhos. — A respeito de Stéphane Terney...

Gaëlle Lecoupet interrompeu o que estava fazendo e olhou surpresa para Lucie. Era uma mulher alta, esbelta, bela mesmo sem maquiagem, vestida com uma camiseta velha e uma calça jeans que não se encaixavam muito bem com a classe da residência. Seus longos cabelos grisalhos, bem cortados, caíam sobre os ombros frágeis. Ela largou enfim a comida dos gatos sobre a mesa, limpou os dedos em uma toalha e se aproximou de Lucie.

Antes de lhe apertar a mão, olhou rapidamente para o companheiro, implorando que as deixasse a sós. Com uma expressão inquieta, o homem condescendeu e voltou às atividades do lado de fora. Gaëlle Lecoupet fechou uma porta de vidro, isolando os gatos na varanda, e depois se dirigiu à Lucie.

— Algum problema com meu ex-marido?

A policial lhe anunciou a morte violenta, sem suavizar a realidade. Queria mergulhar imediatamente sua interlocutora no ambiente nauseabundo da investigação e provocar uma espécie de eletrochoque.

Funcionou. Gaëlle Lecoupet se deixou cair sobre a cadeira da sala, trêmula, as mãos no rosto.

— Meu Deus! Assassinado... É tão estranho ouvir algo assim!

Lucie ficou em pé, diante dela, avaliando-a rapidamente. A sexagenária parecia ter recebido um enorme golpe. *Amélie Courtois* foi direto ao ponto, fazendo perguntas diretas.

— A senhora ainda mantinha contato com ele?

Tristemente, Gaëlle Lecoupet balançou a cabeça em negativa, demorando a responder.

— Nós rompemos relações depois do divórcio. Mais nenhum telefonema, carta, nada. Desde então, só ouvi falar dele em alguns artigos científicos de revistas especializadas.

— Nós achamos que o assassinato está relacionado com o passado dele, particularmente por volta do ano de 1986, quando trabalhava em Reims. A senhora saberia me explicar por que, há quase vinte e cinco anos, ele se mudou subitamente para aquela cidade, quando tinha um excelente cargo em Paris?

Desta vez, a mulher respondeu sem delongas.

— Exercer a medicina no interior lhe pareceu uma boa oportunidade. Saindo da capital, poderia trabalhar em tempo integral com a ginecologia e a obstetrícia, suas áreas preferidas. Ele sempre apreciou o contato simples e direto com os pacientes, as futuras mães, os bebês. Em Paris, era permanentemente solicitado para conferências, para escrever artigos ou dar entrevistas. Ele queria se isolar de tudo isso e retornar às suas verdadeiras raízes: a prática da medicina.

Era a espécie de resposta típica, boa demais, bem elaborada, que não satisfazia Lucie. Aquela frase, Gaëlle Lecoupet devia ter repetido em outras ocasiões, cada vez que foi obrigada a se justificar. Por sinal, ela nem sequer precisou refletir para responder. A ex-policia! pensou consigo mesma que precisaria cavar mais fundo, vasculhar ainda mais a intimidade do casal. Seu trabalho lhe ensinara que as respostas se ocultam sempre nos ângulos cegos do espelho. Ela fez então outras perguntas banais, pouco provocantes, a fim de deixar sua interlocutora confiante e restaurar o passado. Não ficou sabendo de nada novo: Stéphane Terney era brilhante, ambicioso, dedicado... Gostava que falassem dele, dava inúmeras entrevistas, sempre ávido para explicar seu percurso. Um marido com ares de homem ideal, que dedicava toda a sua vida às ciências médicas e à biologia, e cuja profissão importava mais do que a família. Ele não queria ter filhos, “por medo de vê-los crescer em um mundo fadado ao fracasso”. Uma visão do futuro fatalista e maculada de pessimismo.

Após escutar aquelas frivolidades, Lucie decidiu atacar de frente:

— Vou fazer uma pergunta um pouco mais pessoal e direta: o divórcio estava relacionado à mudança dele para Reims?

A sexagenária franziu as sobrancelhas.

— Como você disse, é muito pessoal. Não entendo bem em que isso poderá ajudar nessa investigação, senhorita...?

— Inspetora Amélie Courtois... Seu ex-marido foi assassinado, nós tentamos

explorar todas as pistas, compreender as motivações de seu carrasco que, certamente, o conhecia bem. Todas as informações que pudermos recolher, incluindo as que se referem ao passado de Stéphane Terney, são importantíssimas. Portanto, responda à pergunta, por favor: o divórcio estava relacionado à mudança dele para Reims?

A Sra. Lecoupet hesitou, mas acabou cedendo diante do tom imperioso da interlocutora.

— Eu não queria recomeçar do zero, largando tudo. Em Paris, foi difícil criar meu escritório de advocacia, e eu estava começando a contar com uma boa clientela e a desfrutar de boa reputação em um ambiente em que a concorrência é cruel. Então, me recusei a acompanhá-lo. Eu adorava Paris. Foi tudo assim, bem simples.

— A senhora já ouviu falar em Robert Grayet?

— Nunca.

— Deveria, no entanto. Ele era o chefe de serviço que seu ex-marido substituiu em Reims. Imagino que ele tenha mencionado esse nome. Essa partida para o interior, afinal, deu origem ao divórcio, não é mesmo?

— É que... Já faz tanto tempo. Não me recordo mais. Meu marido encontrava muita gente. É possível que eu tenha ouvido falar dele. Mas seria incapaz de dizer em quais circunstâncias.

Lucie sentiu o sangue esquentar em suas veias, mas tentou manter a calma. Estava convencida de que essa mulher lhe ocultava a verdade e que, apesar de tudo, ela protegia um homem que sem dúvida tinha amado muito.

— Escute com atenção, Sra. Lecoupet. Seu ex-marido foi torturado com queimaduras de cigarro e cortes à faca por um indivíduo abominável. Se estou aqui, repito, é porque tenho certeza de que seu assassinato está ligado ao que se passou vinte e três anos atrás, na maternidade de Reims. Algumas semanas depois de assumir seu cargo no de la Colombe, seu ex-marido acompanhava uma paciente em ginecologia que se chamava Amanda Potier. Ela morreu na mesa de parto no dia 4 de janeiro de 1987, diante dos olhos dele.

Lucie deixou correrem alguns segundos, avaliando a reação da interlocutora. Seguramente, ela não estava a par daquela história. A ex-policial prosseguiu com um tom firme e confiante:

— Não acredito que vocês tenham se separado unicamente por razões geográficas ou de carreira. Tenho certeza de que seu marido foi para essa maternidade somente para continuar tratando dessa paciente e trazer seu filho ao mundo a qualquer preço. A saída de Robert Grayet, chefe de serviço à época, foi de certo modo provocada por causa de dinheiro. E esse dinheiro, é claro, veio de algum lugar. Então, veja bem, Sra. Lecoupet, eu gostaria que parasse com essas frases feitas e me explicasse o que aconteceu de fato. Por que seu ex-marido quis ir para Reims de qualquer maneira?

A mulher passou a mão no rosto, suspirando profundamente. Depois, se levantou.

— Vou buscar algo no sótão... Espere aqui.

Assim que se viu sozinha, Lucie começou a andar de um lado para o outro, os braços

cruzados, observando os gatos. Sentia-se carregada de energia e, de certo modo, orgulhosa de si mesma pelo progresso que fizera sozinha, longe das pistas mais óbvias. Aquilo provava que estava viva, capaz de fazer algo que não fosse atender telefonemas naquela porcaria de *call center*. Por outro lado, ela se arrependia mortalmente de pensar menos em Juliette, em sua mãe, e mesmo em Klark, sobretudo nesses últimos dias. Mas, por enquanto, essa investigação era a coisa mais importante do mundo. Se agia assim, era para o bem de toda a sua família. Para que o não dito, os segredos, as maldições se rompessem definitivamente. Para poder recomeçar uma vida sobre bases mais limpas...

Gaëlle Lecoupet reapareceu finalmente com um pequeno saco transparente, ligeiramente empoeirado, entre as mãos. Dentro dele, havia uma velha fita VHS preta, sem etiqueta, que inseriu no equipamento que lia tanto DVDs como fitas VHS. Pegando um controle remoto, ela se dirigiu até a janela que dava para o jardim. Brusquement, fechou as pesadas cortinas e foi trancar a porta de entrada.

— Não quero que Léon veja essas imagens... Ele não sabe sequer da existência dessa fita.

Voltando para o lado de Lucie e convidando-a a sentar-se em uma poltrona, ela cerrou os lábios, com os dedos crispados sobre o controle remoto.

— Você tem razão. Não me divorciei por causa do escritório e tampouco de minha clientela. O divórcio está ligado a algo que... algo que Stéphane escondia de mim.

Houve um silêncio. Lucie tentou ajudá-la.

— Teria algo a ver com suas ideias eugenistas?

— Não, nada disso. Eu conhecia as inclinações de Stéphane antes de nos casarmos. Na época, por sinal, eu compartilhava de algumas de suas ideias.

Gaëlle Lecoupet captou o olhar espantado de Lucie e julgou que era melhor se justificar:

— Não devemos tomar os eugenistas por monstros ou nazistas. Dizer que os serviços de proteção social, o álcool, as drogas, o envelhecimento das populações vão contra o que criou a natureza e impedem o desenvolvimento de nossa sociedade não tem nada de abominável. É uma maneira como outra de nos colocarmos diante de nossas responsabilidades e do holocausto ecológico que estamos criando.

Ela olhou afetuosamente para seus gatos, alguns dos quais vindos da rua, ainda com aparência de doentes, depois se voltou para Lucie.

— Cerca de dois anos antes de nosso divórcio, Stéphane começou a sair para encontros secretos. Ele dizia que ia jogar bridge no clube, mas o acaso me fez descobrir que era mentira. Pensei tratar-se de uma amante e passei a espioná-lo. Na verdade, descobri que não era uma mulher que ele visitava, mas dois homens. Ele os encontrava várias vezes por mês na tribuna do hipódromo de Vincennes, onde morávamos naquela época. Meu marido não apostava nas corridas, então, o que estaria fazendo com aqueles desconhecidos?

— A senhora sabia quem eram esses homens?

— Nunca soube. Não tinham nomes. Stéphane jamais deixou um rastro por escrito. Eram provavelmente cientistas, como ele, ou antropólogos.

— Especialistas em civilizações? Por que acha isso?

— Quando você vir essa fita, compreenderá.

— E a senhora conseguiria descrever esses homens fisicamente?

Ela balançou a cabeça, negando.

— Não, faz tempo demais, tudo ficou muito vago. Eu sempre me mantive afastada e, na verdade, nunca os vi com nitidez. Posso dizer por alto que um deles era meio moreno, estatura mediana, comum, sem dúvida da idade de meu marido, ou com pouca diferença. E o outro... Não sei mais. Um louro, talvez. Mas o que mais posso dizer sobre eles? Em vinte e cinco anos, as pessoas mudam tanto, e a memória se desagrega tão rapidamente... Posso falar sobre Stéphane. Frequentemente, quando voltava do hipódromo, ou de seu clube de bridge, como dizia, ele parecia mudado, ficando cada dia mais misterioso. Ele se trancava a maior parte do tempo em seu escritório.

— E a senhora nunca conversou com ele sobre esses encontros, e sobre seu comportamento?

— Não. Eu queria saber o que andava fazendo. Esses encontros aconteceram durante um ano. Stéphane estava cada vez mais paranoico e proibia todo mundo de entrar em seu escritório, mesmo com ele lá. Toda vez que saía, por sinal, ele o trancava. Eu não sabia onde escondia a chave, pois ele tomava todo cuidado para dissimular tudo. Não deixava nunca nada ao acaso.

Seu olhar tornou-se sombrio, as pupilas dilatadas. As portas do passado acabavam de ser escancaradas.

— Mas, com frequência, é quando queremos que certas coisas não sejam percebidas que elas se tornam mais visíveis. Então, eu entendi que Stéphane devia estar escondendo em seu escritório algo de importante, de primordial. Eu quis saber o que era. Certa manhã, ele ia ficar o dia todo ausente, chamei um chaveiro para que abrisse discretamente a porta. Entrar no escritório não foi um grande problema. Mas no fundo da sala, havia um grande armário em metal, trancado também, que Stéphane comprara alguns meses antes.

— Na época em que encontrava esses homens...

— Acho que sim. Eu queria saber o que continha, a qualquer preço. Então, pedi ao chaveiro para abrir a primeira das dez gavetas. O problema é que era uma fechadura mais difícil de abrir e aquele imbecil, que se dizia especialista, arrebentou tudo. Claro, a gaveta estava aberta, mas eu sabia que Stéphane notaria imediatamente que eu tinha mexido ali. E não havia como reparar o estrago. Aquilo me deixou realmente muito mal.

Com tristeza, ela apontou para o leitor de VHS.

— Dentro da gaveta, havia uma fita de vídeo. Uma das que, certamente, lhe fora dada por um dos homens do hipódromo.

— Então havia várias fitas?

— Nas outras gavetas, havia, tenho certeza disso. Infelizmente nunca pude vê-las. Esta fita é uma cópia que eu me apressei em fazer, naquele mesmo dia, e que escondi antes de sua volta. A fita original trazia, em uma etiqueta, a menção “Fênix 1”, o que leva a crer que existiriam várias delas.

Ao ouvir aquele termo, Lucie se sentiu como aspirada por um redemoinho. Ela se recordava do quadro com o pássaro de fogo, pendurado na biblioteca de Terney, bem à esquerda da placenta. A fênix... Ela sentiu que estava a ponto de desvendar algo importantíssimo, insuspeito, mas cuja essência era absolutamente incapaz de captar.

A voz grave de Gaëlle Lecoupet a resgatou de seus pensamentos.

— Agora, se quiser, vamos assisti-la. É preciso ter o estômago forte.

Excitada por suas descobertas e os encadeamentos que se formavam em sua mente, Lucie fixou o olhar na tela.

— Tenho estômago de policial. Ele é bastante forte.

A mulher apertou o “Play”.

[D]iante das duas espectadoras, uma tela preta. Em seguida, na parte inferior da tela, a inscrição: “9/6/1966”, e tons cinzentos começam a aparecer. Folhas, árvores. Uma floresta virgem. As imagens desilam em preto e branco. Um filme de qualidade razoável, provavelmente realizado com equipamento amador. Em volta do homem por trás da câmera havia uma profusão de palmas, cipós e samambaias. A seus pés, uma ladeira, o mato se agitando. Diante dele, abre-se uma brecha em um muro de plantas, desvendando cabanas mais abaixo. Considerando a fraca claridade, a filmagem acontecia ou no fim da tarde ou ao amanhecer. A menos que a selva fosse muito densa impedindo a luz de entrar.

A câmera avançava sobre um chão negro e úmido: uma clareira de cerca de cinquenta metros que a vegetação circundante tentava devorar. Podiam-se ouvir passos, o frêmito das árvores ao redor. A objetiva se fixou em um vestígio de fogueira. No meio das cinzas, pequenos ossos calcinados, pedras dispostas em círculo, crânios de animais.

Lucie coçou rapidamente o queixo, sem tirar os olhos da tela.

— Parece uma aldeia indígena abandonada?

— Isso mesmo, uma aldeia indígena. Mas “abandonada” não é o termo exato. Você já vai entender.

O que ela queria dizer? A ex-policia sentia as mãos começarem a suar, à medida que o filme avançava. Na tela, gritos perfuraram o silêncio, a imagem se fixou no teto coberto de vegetação. Não se via sequer mais um pedaço de céu, agora. A folhagem se estendendo sem fim. Três ou quatro metros acima, um grupo de pequenos macacos se dispersou entre as ramagens. Urros estridentes se sucederam. A câmera fez um zoom em um dos primatas, o corpo escuro e a cabeça clara, provavelmente branca. O animal cuspiu e desapareceu, subindo por um cipó. Apesar da imensidão do lugar, as impressões de enclausuramento, de opressão, predominam. Uma prisão viva, com grades de clorofila.

O *cameraman* acabou deixando os macacos inquisidores de lado e avançou mais um pouco, na direção de uma cabana. A imagem adernava ao ritmo de seus passos pesados e lentos. À primeira vista, o telhado parecia feito de folhas de palmeiras trançadas, as paredes de bambu, atados uns aos outros com cipós. Habitações arcaicas, que pareciam poder abrigar quatro ou cinco pessoas cada, vindas de outra era.

À entrada, desenhou-se subitamente uma nuvem de mosquitos e de moscas que dava a impressão de uma tempestade de areia. Lucie recuou um pouco em sua poltrona, nada à vontade. Seus olhos esperando descobrir o horror a qualquer momento.

O *cameraman* entrou devagar na cabana, como um intruso, à espreita de qualquer movimento. Toda claridade se apagou e manchas negras se esvoaçaram. O áudio estava saturado de zumbidos. Inconscientemente, Lucie coçou a nuca.

Uma infinidade de insetos... Ela temia o pior.

O foco de uma lanterna, provavelmente acoplada no alto da câmera, rasgou a escuridão.

E o horror surgiu.

No fundo da cabana, sob o foco de luz, seis corpos, retorcidos como lagartas, lado a lado. Aparentemente, uma família inteira de indígenas, todos nus. Uma amálgama de rostos deformados, olhos ressecados e invadidos por moscas e larvas. O sangue resudado dos narizes, das bocas, dos ânus, como se os corpos tivessem implodido. As barrigas estavam inchadas, provavelmente por causa dos gases intestinais. Quem filmava não poupou detalhe algum, multiplicando planos e zooms intermináveis. Todos os cadáveres tinham cabelos pretos, os pés gastos, a pele curtida das tribos ancestrais. Mas estavam irreconhecíveis, devorados pela desgraça e pela morte.

Lucie teve a impressão de que se esquecera de respirar. Podia imaginar facilmente o mau cheiro dentro da cabana, a devastação do calor, da umidade sobre os corpos em putrefação. A fúria de enormes moscas verdes testemunhava isso.

De repente, um dos corpos estremeceu. O moribundo abriu seus olhos sombrios e enfermos na direção da câmera. Lucie teve um sobressalto e não conseguiu reter um breve grito. Na tela, a mão se esticou como se pedisse socorro, dedos finos e negros se contraíram antes de o braço tombar no chão como um tronco de árvore morto.

Vivos... Alguns deles ainda estavam vivos...

Lucie olhou rapidamente para a mulher a seu lado, que apertava um lenço entre as mãos. Ela se lembrou da violência de seu pesadelo: aquela criança carbonizada que abre bruscamente os olhos, como naquela cena. Estarrecida, voltou a se concentrar no filme. O horror prosseguia. Com o pé, o *cameraman* chutou levemente os corpos, a fim de verificar se estavam mortos. Um gesto puro e simplesmente insuportável. Lucie recuperou o fôlego quando o homem se afastou daquela chacina. Os macacos continuavam lá no alto, uma presença opressora, imobilizada desta vez sobre os galhos. Era como se uma tampa cobrisse a selva. A pausa foi curta. Nas outras cabanas, o mesmo espetáculo se repetiu: famílias aniquiladas, misturadas aos últimos sobreviventes que eram filmados e deixados para morrer de forma desumana.

O filme terminou com um plano geral da aldeia dizimada: uma dezena de cabanas com seus habitantes mortos ou agonizantes, abandonados às trevas da selva.

Escuridão.

[—]Fale sobre a intolerância à lactose. Quem sofre disso, em que proporções e por quê?

Enquanto dirigia, Sharko ligara para Paul Chénaix, seu amigo legista. Queria se certificar da causa e da raridade dessa característica, para provar definitivamente a si mesmo que não estava indo na direção errada. Ele acionou o viva-voz, para que Jacques Levallois pudesse escutar.

O médico respondeu após alguns segundos de reflexão.

— Você está pedindo para me lembrar de meus estudos de medicina e biologia, mas a explicação é formidável o bastante para que eu ainda me recorde. Na época, fiquei vidrado no assunto. Estamos falando dessas histórias de seleção natural e da Evolução. Você sabe algo sobre isso?

Sharko e Levallois trocaram olhares intrigados.

— Sabemos, sim. Eu e meu parceiro estamos com isso até o pescoço. Prossiga.

— Muito bem. Antes de tudo, é preciso saber que a lactose é um componente específico do leite dos mamíferos. A diferença individual entre tolerância e intolerância à lactose é puramente genética. Ela se manifesta no ser humano após o desmame, a partir do momento em que tentamos fazer o bebê consumir leite de vaca.

— Até aí, nada de extraordinário.

— Mas é a partir de agora que se torna formidável. Escute bem. A tolerância à lactose, e eu disse tolerância, é relativamente recente na escala da Evolução, datando de uns cinco mil anos, e só ocorre nas populações humanas que domesticaram as vacas com a intenção de consumir diretamente seu leite. Na espécie humana encontramos o gene da tolerância à lactose principalmente em regiões geográficas nas quais as vacas têm seus genes afetados por conta de uma vasta produção de leite.

— Então...A natureza age tanto nas vacas como nos homens, modificando seu DNA ao criar genes que não existiam anteriormente...

Ao mesmo tempo, Sharko pensava na tese de Louts: a violência de um povo, que grava o caráter “canhoto” em seu DNA. A cultura influenciando a genética...

— Exatamente. Gene de alta produção leiteira para as vacas, e gene de tolerância para os homens. Se bem me lembro, é o que chamam de coevolução, ou ainda uma corrida armamentista entre a vaca e o homem: a seleção natural fez com que o homem, que na origem era caçador e coletor, alimentando-se exclusivamente de carne e frutas, pudesse beber o leite das vacas que ele domesticava. Por isso, ela fez também com que as vacas se tornassem melhores produtoras de leite. E, quanto mais produzem, mais os homens bebem... Daí a expressão “corrida armamentista”. Formidável, não?

— Se entendi direito o teor da explicação, isso quer dizer que as pessoas que são intolerantes à lactose não possuem o gene porque seus ancestrais não domesticavam vacas?

— É exatamente isso. Esses indivíduos não tolerantes devem ter tido ancestrais que viviam afastados dos centros de domesticação das raças bovinas leiteiras. Quanto mais longe estavam as vacas, menos os indivíduos suportavam o leite e desenvolviam o gene. Na época em que eu fazia meus estudos, os números indicavam cerca de cinco por cento de intolerantes à lactose na Europa, e algo perto de noventa e nove por cento na China, por exemplo. Setenta por cento da população mundial são intolerantes. Dê leite para um asiático beber e ele vomita imediatamente. Por outro lado, qualquer francês genuíno, há gerações, pode consumir leite à vontade. Eu respondi à sua pergunta?

— Perfeitamente. Obrigado, Paul.

O comissário desligou, perplexo. Essas histórias de Evolução desafiavam a compreensão, mas era realmente assim que a natureza, o homem, as espécies foram tallhados, ao longo de milênios. Por isso, aquela impressão de se achar na direção correta se fortalecia ainda mais. Levallois tirou suas próprias conclusões em voz alta:

— Se eu entendi bem, Grégory Carnot e Félix Lambert não têm somente em comum a violência extrema e a juventude. Razões genéticas os aproximam. Há aquelas que notamos, como a estatura, o fato de serem canhotos e a compleição física, e, ainda, as invisíveis, como a intolerância à lactose.

— Você entendeu certo. Eu não faço ideia do que temos diante de nós, exatamente, mas há um cheiro de medicina e genética por trás de tudo isso.

O carro seguiu sob as árvores frondosas, uma fileira delas se fechou em copas sobre o Peugeot 407 e o céu desapareceu. Os troncos escuros se sucediam em ambos os lados, deixando entrever apenas de vez em quando as fachadas discretas das belas residências. Naquela claridade declinante, o comissário confiou nas indicações do GPS. Um pouco mais adiante, em uma bifurcação, ele optou pela Route Ronde, avançou mais algumas centenas de metros e notou, mais afastada na direção do bosque, ao final de um grande parque arborizado, a propriedade de Lambert: um fantástico palacete do século XIX com dois andares, feito de enormes pedras brancas e com um telhado em ardósia. As heras devoravam a fachada, constituindo uma espécie de segunda parede vegetal. Dois carros estavam estacionados em uma alameda: um modelo esportivo e um Peugeot 207, clássico.

— Eles estão em casa — sussurrou o comissário. — O pai e o filho. E dá para ver que não passam necessidade.

— É agora que deveríamos pedir reforço.

— Eu gostaria de sondar o terreno, antes.

O comissário estacionou mais à frente, no acostamento, e voltou andando os dez metros que os separavam da entrada. O acesso estava protegido por um portão fechado, o restante da propriedade — que se estendia por vários hectares — parecia cercado por um muro de tijolos de três metros de altura.

— Apresentar-se por interfone está fora de questão — disse o comissário em voz baixa. — Temos que aproveitar o efeito surpresa e evitar que Félix Lambert se

esconda ou fuja.

— Então me explique como vamos entrar.

— Você às vezes é meio lento, não é? Siga-me.

— Como assim? Não vamos chamar alguém? Você sabe que isso vai contra...

Sharko seguiu ao longo do muro, avançando na direção do bosque.

— ...os procedimentos — murmurou o inspetor entre os dentes.

Depois de uma hesitação, ele acabou seguindo o colega, que já sumia em meio à vegetação. As árvores o espremiavam, a mata açotava suas pernas, alguns galhos se retorciavam contra o muro, como se a natureza buscasse retomar seus direitos. Depois de progredirem por alguns minutos, Sharko recuou um pouco, a fim de aumentar seu campo de visão, e conseguiu avistar a parte mais alta da fachada do lado esquerdo da casa.

— Uma fachada sem janela, ao que parece. Um bom lugar para entrarmos no parque sem sermos vistos.

Levallois hesitou.

— Isso é loucura. Porra, esse cara massacrou dois jovens. Não sabemos com que tipo de pessoa estamos lidando. E depois, a gente...

Sharko se aproximou dele e o encarou, abreviando seus resmungos:

— Ou você me segue, ou fica lamentando aqui mesmo. De um jeito ou de outro, boca fechada, certo?

O comissário observou as árvores e achou um galho suficientemente baixo para subir, apoiando os pés contra o muro. Ele já não estava mais em forma para aquele tipo de acrobacia e escalou-a como um boneco desarticulado. Mas pouco importavam seus modos e a dor em seus membros cansados, só o resultado contava. Com o terno manchado de musgo, os sapatos parcialmente esfogados, ele aterrissou sobre a grama úmida com um gemido, então correu até a parede da casa.

Levallois o seguia a alguns metros de distância e veio se colar a seu lado, a arma na mão.

Sharko recuperou o fôlego. Nem sequer um movimento ao redor, nada se mexia, exceto alguns passarinhos nos galhos e as folhas trêmulas. Estava tudo calmo demais, silencioso demais. Sharko pressentia que aquilo não era um bom sinal. Rapidamente, avançou até a outra fachada, seguido pelo colega. As heras roçavam em seus ombros. Progredindo com prudência, deu uma olhada pela primeira janela que encontrou. Um cômodo amplo, teto alto, lustre enorme. Sem dúvida se tratava da sala. Sharko percebeu ruídos. Ele fechou os olhos e parou para ouvir com atenção. Batidas graves faziam vibrar a parede.

Buum, buum, buum...

— É a televisão — sussurrou Levallois. — Parece que está no volume máximo.

Curvado, sua pistola Sig Sauer na mão, o comissário continuou avançando na direção de outra janela, que dava para a cozinha. Levallois cobria a retaguarda, olhando em todas as direções. Ele viu Sharko empalidecer e se imobilizar bruscamente.

— O que houve?

O comissário observava pela janela. Seus olhos franzidos na direção do assoalho. Seu coração começou a bater acelerado.

— Merda. Não é possível...

No interior da casa, rastros de sangue partiam de uma cadeira e se afastavam até outro cômodo. Sem dúvida um corpo gravemente ferido tinha sido arrastado pelos pés, considerando as marcas no chão. Subitamente, encharcado de suor, Sharko se precipitou até a janela seguinte.

Uma sala de jantar. E o horror. Um cadáver caído, o olhar dirigido para o teto. Seu rosto estava escuro, coberto de sangue coagulado, assim como suas roupas parcialmente rasgadas. Um ataque de arma branca, provavelmente. O homem tinha a cabeça quase calva, exceto por alguns fios de cabelo grisalho. Devia ter uns cinquenta anos.

— O pai.

Os dois policiais se colaram contra a parede, a respiração entrecortada. A situação mudara repentinamente. Levallois estava branco como uma folha de papel.

— É melhor irmos embora. Precisamos pedir reforços.

Sua voz saía em espasmos por conta de sua respiração descontrolada. Sharko se aproximou de seu ouvido.

— Eles vão levar muito tempo para chegar. Tem um assassino aí dentro. Talvez haja outras pessoas em perigo. Vamos entrar. Você se sente capaz de intervir?

Levallois se encostou contra as heras, a cabeça apoiada na parede. Ele olhava para o céu, atônito. Em seguida, assentiu sem descerrar os lábios. Em silêncio, Sharko se dirigiu até a porta. Ele abaixou a maçaneta com o cotovelo. Trancada à chave. Então, decidido, retirou seu paletó e o enrolou em volta da mão.

— Afaste-se. Vamos invadir. Você cobre a esquerda e eu, a direita.

Diante da janela, ele golpeou o vidro com a coronha do revólver. Ouviu-se um estrondo. Tão rápido quanto possível, removeu os cacos de vidro sobre seu braço protegido e abriu a maçaneta por dentro. Menos de dez segundos depois, duas sombras armadas pularam para dentro da sala de jantar. O som emitido pela televisão fazia as paredes vibrarem: certamente um canal de música. A casa parecia estar sob tensão. Os cômodos, grandes demais e sem vida, causavam vertigens. Tenso, Levallois avançou com agilidade até uma sala adjacente. Segundos depois, ele voltou, balançando negativamente a cabeça.

De repente, os dois policiais se imobilizaram, sem respirar. Perceberam o ruído de passos, bem acima deles. Um movimento pesado, regular como um pêndulo, que não durou mais que cinco segundos. Eles atravessaram o saguão com cuidado e se dirigiram para a escada, Sharko à frente, Levallois atrás. Seus pés pisaram repentinamente sobre água, que escorria do andar superior. Ao longo das paredes oblíquas, sucediam-se sobre a tapeçaria marcas de mãos ensanguentadas. Parecia o antro de um trem fantasma.

— São mãos esquerdas... Porra, o que está acontecendo aqui?

O mais silenciosamente possível, o comissário subiu os degraus apontando sua arma

contra a parede lateral, diante dele. Seu coração bombeava o sangue, fazendo-o latejar nas têmporas. Com os músculos retesados, ele podia quase sentir cada uma de suas veias pulsando, ouvir seu corpo se preparando para o perigo. Uma mistura ignóbil de odores se abateu sobre ele: fezes, urina, hemoglobina. Pedços da tapeçaria tinham sido arrancados, os degraus de madeira apresentavam poças d'água. Tinha a impressão de evoluir dentro de um pesadelo.

No primeiro andar, os policiais entraram à direita e passaram pelo banheiro.

A torneira da pia estava aberta ao máximo, a água escorria solta sem parar. Roupas stijas flutuavam dentro da banheira.

Eles continuaram avançando. Todas as portas estavam escancaradas, exceto uma, ao fundo, cuja maçaneta estava coberta de sangue. As mãos ensanguentadas haviam passado por lá, sem a menor dúvida. O monstro estava escondido em sua gruta.

Esperando.

Ofegante, Sharko se posicionou bem ao lado da porta, ligeiramente agachado. Prendendo o fôlego, ele tentou abrir a maçaneta com a coronha de sua arma. Mas estava trancada.

O policial colocou o revólver ao lado do rosto e soltou o ar. Podia sentir a respiração quente de Levallois atrás de si.

— É a polícia! Vamos conversar um pouco?

Silêncio. Os dois perceberam então um leve miado, como se fosse um choro. Eram incapazes de dizer se se tratava de um homem ou de uma mulher. Talvez uma vítima que Lambert ainda mantivesse viva.

Eles se olharam com apreensão. Sharko tentou mais uma vez conseguir algo com cordialidade.

— Nós podemos ajudar. Basta abrir esta porta e se render... Há alguém aí com você?

Nenhuma resposta ou reação.

Sharko esperou um pouco mais, pronto para agir. O indivíduo provavelmente estaria armado, mas sem dúvida com uma arma branca, senão já teria atirado. Agora, imperava o silêncio absoluto. O policial não podia mais esperar e decidiu entrar em ação.

— Você, fique aqui. Não quero privar uma mulher grávida de seu marido.

— Não fode. Vou entrar também.

Sharko concordou. Sem fazer barulho, os dois policiais se puseram diante da porta. Levallois apontou o cano na direção da fechadura e abriu fogo. Logo em seguida, o comissário meteu o pé na porta e se precipitou para dentro do quarto, a Sig Sauer a postos.

Imediatamente, ele apontou para o homem colossal que se encontrava em um canto, em pé, curvado, os punhos cerrados contra o peito. Estava sozinho. Seus olhos tinham uma cor amarelada intensa, pareciam febris, envoltos por sombras roxas.

Ele havia arranhado o próprio rosto e encarava fixamente Sharko. Bem posicionado,

com as pernas afastadas, o comissário não se deixou intimidar. Levallois também apontou sua arma contra ele.

— Não se mexa!

Félix Lambert não estava armado. Ele fechou os olhos e mordeu os dedos até sangrarem, enquanto seu rosto se contorcia de dor. Suas gengivas estavam em carne viva, os lábios, ressecados como um pergaminho. A loucura queimava em seu semblante. Parecia maléfico e irreal. Trêmulo, ele reabriu subitamente os olhos e saiu correndo até a janela. Sharko mal teve tempo de gritar e o assassino atravessou a vidraça, pulando de cabeça.

Ele caiu de uma altura de dez metros, sem sequer soltar um berro.

[G]aëlle Lecoupet apertou a tecla “Stop” e retirou a fita com um gesto ligeiramente trêmulo.

— Já faz anos desde que assisti a isso pela última vez. Continua sendo uma monstruosidade...

Lucie precisou de tempo para voltar à realidade. Teria ela visto direito? O conteúdo do filme a horrorizava, tanto quanto seu aspecto documental: a veracidade das imagens, a crueza do som, não havia razão para crer em falsificação ou encenação. Aquilo acontecera, em algum lugar do mundo, quarenta anos antes. Alguma coisa violenta se abatera sobre os indígenas, no meio da selva, e um indivíduo, a par do massacre, viera immortalizar o instante com sua câmera. Um monstro, que tivera o sadismo de filmar os sobreviventes sem sequer esboçar o menor gesto para salvá-los.

Os homens do hipódromo... Os autores de Fênix nº 1.

Talvez, o ou os assassinos que Lucie procurava.

Soltou um profundo suspiro. Desde o começo, aquela investigação conduzia somente a trevas e mistérios, confrontando-a com seu próprio passado, forçando-a a extrair todas as suas forças para prosseguir. Ela já havia enfrentado monstruosidades nos últimos minutos, mas parecia que agora alcançava o paroxismo do horror, e aqueles poucos minutos regurgitavam toda a violência do mundo.

Aquilo não acabaria nunca.

Após se recompor, Lucie se virou para Gaëlle:

— Essa aldeia foi completamente aniquilada. Parece, sei lá... um vírus, no meio da floresta.

— Sem dúvida nenhuma. Um vírus, como você disse, ou uma infecção qualquer.

Lucie agora só sentia uma vontade: compreender, obter respostas.

— O que a senhora sabe sobre esse documentário?

A mulher franziu os lábios e ignorou parcialmente a pergunta, respondendo dissimuladamente:

— Você pode muito bem imaginar o que aconteceu, quando Stéphane voltou, naquele dia em que entrei em seu escritório. Descobriu que eu tinha revistado seu armário, enquanto eu lhe pedia explicações sobre aquele filme ignóbil e sobre aqueles homens misteriosos, com quem ele vinha se encontrando secretamente há meses. Ali, tudo ruiu entre nós. Stéphane desapareceu durante alguns dias, levando todos os seus segredos, papéis, fitas de vídeo, sem qualquer explicação, sem me esclarecer nada. Quando voltou, foi para me anunciar que estava partindo para Reims e queria o divórcio.

Ela soltou um longo suspiro, certamente muito perturbada. Mesmo vinte e cinco anos depois, as lembranças daquele momento doloroso ainda estavam ali.

— Foi tudo tão simples e violento. Ele sacrificou nosso casamento por... alguma coisa

que o atormentava. Eu nunca soube por que ele se exilou tão bruscamente naquela maternidade de Reims. Eu supus, como já disse, que queria abandonar tudo para retornar à origem. E, talvez, se afastar de toda aquela imundície, daqueles homens estranhos, capazes de filmar cenas abomináveis. Agora, tudo o que me restou dele é essa velha fita de vídeo.

Lucie fez sua pergunta:

— E... a senhora concluiu alguma coisa a partir dessas imagens? Tentou entender de que se tratava?

— Tentei, no começo. Coloquei essa fita nas mãos de um antropólogo. Ele nunca havia visto nada parecido. Considerando o estado dos corpos e as poucas informações de que dispunha, não consegui reconhecer qual era a tribo. Somente os macacos puderam lhe dar uma informação segura.

Ela rebobinou a fita e fez uma pausa na imagem de um dos primatas filmados de perto.

— São macacos-prego-de-cara-branca, encontrados unicamente na floresta amazônica, próximo da fronteira entre o Brasil e a Venezuela.

Lucie teve a repentina impressão de que uma cratera se abria sob seus pés e que, de súbito, a evidência explodia diante de seus olhos. A Amazônia... O destino de Éva Louts, depois do México. Para onde se preparava para voltar. Não restava mais dúvida alguma. Lucie tinha certeza de que a estudante tinha saído de Manaus para se embrenhar na selva, que ela partira em busca dessa aldeia, dessa tribo. Isso explicava o saque de dinheiro, a viagem de uma semana: uma expedição...

Gaëlle Lecoupet prosseguiu:

— A partir daí, eu parei de investigar. Estava me fazendo muito mal. O episódio de nossa ruptura violenta e de nosso divórcio havia sido suficientemente difícil. Eu queria deixar tudo isso para trás e me reconstruir. A primeira coisa que fiz, em seguida, foi colocar essa fita horrenda no fundo de um baú. Senti uma profunda rejeição pelo que tinha visto, não queria acreditar. No fundo de mim mesma, eu recusava ir até o fim e tentar compreender tudo.

Ela balançou a cabeça, os olhos baixos. Aquela mulher, que tinha tudo para ser feliz, ainda mantinha uma dor intensa sob seu verniz elegante.

— Não sei por que razão nunca joguei essa fita fora. Sem dúvida, pensava que um dia tentaria descobrir a verdade. Mas nunca o fiz. Para quê? Tudo isso ficou no passado. Hoje, vivo bem com Léon e é isso o que me importa.

Ela colocou a fita nas mãos de Lucie.

— Você, que se deu o trabalho de vir até aqui, descobrirá a verdade, retornando às origens. Fique com essa maldita fita, faça o que quiser com ela, mas leve-a daqui. Nunca mais quero ver nem ouvir falar dela.

Lucie concordou, sem perder seus reflexos de policial:

— Antes que eu vá, a senhora poderia gravar em um DVD?

— Claro que sim.

Finalmente, as duas mulheres se despediram. Antes de entrar em seu carro, a ex-policicial fez um cumprimento com a cabeça na direção de Léon, colocou a fita e o DVD no banco ao lado e então se foi, a mente em ebulição.

As viagens, a fita, os indivíduos do hipódromo... A que empreendimento secreto e misterioso havia se entregado Terney? O que havia de fato acontecido com aqueles indígenas? Que horrores dissimulava a palavra “Fênix”? Como Éva Louts tinha conseguido chegar até a tribo? O que ela procurava? Os autores da carnificina? Aqueles seres de violência pura que tinham filmado e, talvez, provocado todas aquelas mortes?

A poucos quilômetros da autoestrada A1, Lucie se perguntou que direção tomar. Lille ou Paris? Esquerda ou direita? Sua família ou a investigação? Rever Sharko ou esquecê-lo definitivamente? Lucie sentia que, diante dele, ela podia fraquejar a qualquer momento: jamais teria acreditado que pudesse voltar a sentir alguma coisa por um homem. Depois da tragédia, seu corpo e sua mente tinham se tornado raízes mortas. Mas, agora, todas as emoções que pensava terem desaparecido para sempre retornavam lentamente à superfície.

Paris à direita. Lille à esquerda... As duas extremidades de um rasgo profundo.

No último instante, ela decidiu seguir à direita.

Novamente, seria preciso voltar no tempo e mergulhar ainda mais nas trevas. Uma de suas filhas havia sido assassinada sob o sol de Les Sables-d’Olonne, mais de um ano antes, sem que tivesse compreendido realmente a razão.

E hoje, ela ficara sabendo que era nas entranhas assustadoras de uma selva, a milhares de quilômetros de sua casa, que talvez todas as respostas esperassem por ela.

[O]sol começava a declinar através das copas das árvores, quando as viaturas policiais invadiram a propriedade isolada dos Lambert. A van da polícia técnica, o carro com o fotógrafo da cena do crime, veículos com autoridades da Polícia Judiciária. No entardecer daquela quinta-feira de temperatura ainda estival, os homens estavam irascíveis: já haviam enfrentado um começo de semana farto de horrores e a situação realmente não parecia estar em vias de melhorar, com dois novos cadáveres e uma residência que fazia pensar nas cenas mais sombrias de *Horror em Amytville*.

Sharko estava sentado, apoiado em uma árvore, diante da casa, as mãos na cabeça. As sombras espalhavam-se sobre seu rosto, ávidas, como se quisessem engoli-lo. Em silêncio, ele observava a movimentação das diversas equipes, aquela espécie de balé mórbido comum a todas as cenas de crime. Quaisquer que fossem o local, a situação, a morte talvez trocasse de roupa, mas nunca de rosto.

Após o trabalho minucioso da polícia técnica, o cadáver de Félix Lambert tinha sido encoberto com um lençol e seu corpo levado para o IML, juntamente ao de seu pai. Pelos primeiros indícios fornecidos pela resorção da rigidez cadavérica, a morte de Bernard Lambert ocorrera há pelo menos quarenta e oito horas. O pai passara dois dias estendido no chão de uma sala de jantar, banhado no próprio sangue, a televisão no volume máximo e a água escorrendo da pia do banheiro, no segundo andar.

Meu Deus... O que passou pela cabeça de Félix Lambert? Que demônios o levaram a cometer tais atrocidades?

Com um suspiro, Sharko se recompôs. Sentia-se febril, vazio, exaurido por um dia longo demais e uma investigação tortuosa em que nada era simples. Com passos arrastados, ele caminhou até Levallois e Bellanger, que conversavam irritados à entrada da casa. A tensão entre os dois policiais era perceptível. Quanto mais o tempo passava, mais aumentava a pressão sobre aqueles homens cansados, os nervos à flor da pele. Talvez alguns casais acabassem rompendo; seria no balcão dos bares que policiais em fim de carreira iriam tentar esquecer o passado.

O chefe do grupo acabou de falar com Levallois e se afastou com o comissário na direção de uma enorme hortênsia azul.

— Você está melhor? — perguntou ele.

— Só um pouco cansado, mas estou bem. Vou esvaziar a garrafa térmica com o café açucarado que vocês trouxeram, isso vai carregar minhas baterias. Para falar a verdade, não tenho comido muito ultimamente.

— Mas o pior é a falta de sono. Um bom repouso vai lhe fazer bem.

Sharko apontou para a área cercada pelas fitas “Polícia Nacional”. Era o maldito local onde, alguns minutos antes, o cadáver de Félix Lambert jazia.

— O repouso vai ficar para mais tarde. Vocês conseguiram avisar às pessoas mais próximas?

— Ainda não. Sabemos que a irmã mais velha de Félix Lambert mora em Paris.

— E a mãe?

— Não temos a menor pista, por enquanto. Acabamos de chegar e há muito a ser feito...

Ele suspirou, aparentemente abatido. Algum tempo atrás, era Sharko quem estava naquele lugar. Chefiar uma equipe de Homicídios era um ninho de aborrecimentos, um cargo em que se apanha de todos os lados.

— O que você pensa dessa merda toda?

Sharko olhou para a vidraça quebrada no segundo andar.

— Eu vi o olhar do filho, antes de pular, vi algo em seus olhos que nunca vi em outro ser humano: o sofrimento em estado puro. Ele arranhou a pele do próprio rosto, urinou nas calças, como um bicho. Alguma coisa o roía por dentro a ponto de enlouquecê-lo, desconectá-lo da realidade. Um mal que o levava a cometer atos de violência desmesurada, incluindo o massacre dos dois viajantes e do próprio pai. Não faço ideia do que seja, mas estou cada vez mais convencido de que o que estamos procurando se esconde dentro dele, em seu organismo. Algo genético. E Stéphane Terney sabia o que era.

Silêncio. Nicolas Bellanger coçava o queixo, o olhar perdido.

— Neste caso, vamos ver o que nos dirá a necrópsia.

— Quando ela vai ser feita?

O superior não respondeu de imediato. Sua mente devia estar como um campo de batalha depois do combate.

— Ehh... Chénaix inicia às oito horas. Começará pelo pai e depois pegará o filho. Programão para a noite.

O jovem policial limpou a garanta, ele parecia aborrecido e constrangido. Sharko constatou sua inquietação.

— O que está havendo? — perguntou.

— É sobre o livro de Terney, *A chave e o cadeado*... As impressões genéticas, obviamente, orientaram nossa atenção para Grégory Carnot, o último prisioneiro da lista de Éva Louts. Por isso, Robillard ligou diretamente para o presídio de Vivonne. E adivinha...

Sharko sentiu-se empalidecer. Então, pronto... eles tinham chegado lá... Ele ficou calado e Bellanger prosseguiu:

— Ele descobriu que você não telefonou simplesmente para eles, mas que foi até lá para interrogar o prisioneiro em seu dia de folga. Você conhece o Robillard, ele cavou um pouco e ficou sabendo que alguém mais havia ido até lá também, no mesmo dia: a mãe das duas meninas sequestradas por Carnot, ela se chama — ele tirou um papel do bolso — Lucie Henebelle... Você a conhece?

O sangue de Sharko gelou nas veias, mas ele não vacilou.

— Não. Eu fui até lá para conversar com um psiquiatra sobre um dos prisioneiros que estavam na lista, só isso.

— E você não nos disse nada. O que me aborrece é que você já sabe há um bom tempo que Carnot foi encontrado morto na cela dele. Então, por que nunca nos disse nada? Por que não contou para ninguém essa história de mundo de cabeça para baixo, de surto de violência ou de intolerância à lactose?

— Eram detalhes. Não achei que tivessem algo a ver com nosso caso. Louts foi até lá para vê-lo e lhe fez as perguntas clássicas, as mesmas que fizera a todos os outros prisioneiros.

— Detalhes? No entanto, foram esses *detalhes* que trouxeram você até aqui! Você mentiu, guardou segredo, foi egoísta, em detrimento de nossa investigação e de seus colegas. Transformou tudo em assunto pessoal.

— Não é verdade. Estou tentando pegar um assassino e entendê-lo, como todos nós.

Bellanger balançou a cabeça em negativa, energicamente.

— Você saiu várias vezes dos trilhos. Invadiu uma propriedade particular sem informar aos colegas e sem autorização. São esses vícios de procedimento que podem mandar para o espaço todo o nosso trabalho. O pior é que você arrombou a casa e agora nós estamos com dois cadáveres nas costas. Isso vai precisar ser justificado.

— Eu...

— Ainda não acabei. Por sua causa, Levallois vai pagar o pato e provavelmente receber uma advertência. E eu vou encarar um monte de aborrecimentos. A Seção de Inquérito de Versalhes está uma pilha de nervos, eles vão querer entender como foi que nós chegamos aqui, porra. O que deu em você para passar por cima deles?

Ele não parava de andar, extremamente tenso.

— E para piorar tudo, Manien entrou no caso.

Sharko ficou irado. Só de ouvir o nome daquele babaca, sentia vontade de vomitar.

— O que ele falou?

— Voltou a comentar seu comportamento na cena do crime de Frédéric Hurault. Sua negligência, irresponsabilidade... Ele voltou a dizer que você queria stajar a cena do crime porque não gostam um do outro.

— Manien não passa de um safado. Vai aproveitar a situação para me derrubar.

— Já aproveitou. — Ele encarou Sharko com firmeza. — Você entende que eu não posso deixar passar?

O comissário cerrou os maxilares e foi andando na direção da casa.

— A gente vê isso mais tarde. Por enquanto, vamos trabalhar.

Uma pressão sobre seu ombro o fez se virar.

— Acho que você não entendeu direito — disse Bellanger, a voz firme.

Sharko tirou a mãos do chefe de seu ombro.

— Entendi, sim. Mas estou pedindo: preciso ficar neste caso mais alguns dias. Tenho a impressão de que a gente está quase conseguindo. Deixe-me assistir à necrópsia, cavar novas pistas. E depois, juro, você faz o que bem entender.

O jovem chefe balançou a cabeça.

— Se fosse só entre nós, eu poderia deixar as coisas assim por mais um tempo. Mas...

— É por causa do Manien, não é?

Nicolas Bellanger aquiesceu.

— Ele já está ciente da merda que deu aqui e em Vivonne. Já espalhou tudo no 36, e não me deixou escolha.

O comissário cerrou os punhos, observando Marc Leblond, o braço direito de Manien, que falava ao telefone mais adiante e olhava para eles.

— Ele tem seus espões...

— É o que parece. Sou obrigado a tomar as medidas que se aplicam a este caso, para me blindar e proteger a equipe. Não quero ver ninguém prejudicado por sua causa, principalmente Levallois.

Sharko olhou com tristeza o rapaz que andava de um lado para o outro, braços cruzados e cabisbaixo. Devia estar preocupado com seu futuro, suas ambições, que podiam ir por água abaixo em um piscar de olhos.

— Principalmente Levallois, tem razão. É um bom policial.

— Eu sei... Mas nem tudo está perdido. Vão julgar seu caso. Certamente, levarão em conta os serviços prestados e todos os casos que você resolveu. Todos sabem o que você já fez pela polícia durante todos esses anos.

Sharko deu de ombros, com um riso nervoso.

— Passei os últimos cinco anos entre meu escritório e um hospital psiquiátrico, onde me tratavam de uma porra de esquizofrenia. Todas as segundas e sextas eu me encontrava com um psiquiatra que tentava entender o que não funcionava na minha cabeça. Se estou aqui hoje, é graças ao apoio de um homem que não está mais na ativa. Ninguém mais vai me apoiar. Estou ferrado.

Bellanger lhe estendeu a mão aberta. Com um suspiro, o comissário lhe entregou sua identificação policial e a arma de serviço. Aquele gesto lhe doeu no peito. Ele olhou para o chefe, sem conseguir esconder sua tristeza.

— Este trabalho era tudo que me restava. Você acabou de enterrar um homem.

Com essas palavras, ele se afastou, seguindo pelo parque sem olhar para trás.

[D]e início, Sharko achou que estava sonhando.

Mas ela estava ali mesmo, em sua cozinha.

Lucie Henebelle.

O policial ficou imóvel por um instante, na soleira da porta de seu apartamento. O sofá, a mesa, a televisão, os pequenos móveis haviam sido mudados de lugar. Uma enorme planta verde estava sobre uma mesinha, no canto, e havia um agradável cheiro de limão no ar. Sharko avançou devagar até a cozinha, desorientado. Lucie lançou um breve sorriso.

— Gostou? Pensei que uma mudança poderia fazer bem. E depois, eu precisava fazer alguma coisa enquanto esperava você. Acuitar os nervos... sabe? Eu comprei a planta perto daqui. Sei que você gosta quando estão bem verdes e razoavelmente grandes.

Ela parecia transbordar sua energia, preparando a mesa para o jantar. Apanhava pratos e talheres nos armários certos, como se sempre tivesse morado entre aquelas paredes.

— E também achei que você iria voltar com fome.

Abrindo a geladeira, ela pegou uma grande embalagem colorida de comida e duas latinhas de cerveja.

— Não sabia a que horas exatamente você ia chegar, então pedi uma refeição pronta do restaurante japonês. Só para variar um pouco do macarrão. Tem uma quantidade enorme de massas no armário. Parece até o Exército da Salvação. Muito bem, vamos comer e, depois, a gente começa a trabalhar.

Sharko a olhou com uma ternura que foi incapaz de dissimular. Ele teria gostado de assumir um tom mais firme, mas faltava-lhe força.

— A gente começa a trabalhar? Mas... Lucie? O que você está fazendo aqui? Pensei que tivesse voltado para sua casa.

Ele se dirigiu até a janela e olhou para a rua. Ao passar, Lucie pôde ler a inquietação em seu olhar.

— Eu menti — disse ela. — Não queria que você me impedisse de fazer o que eu tinha de fazer. Venha, sente-se.

O policial ficou em pé, de costas para a janela, com os braços caídos e a cabeça tomada por emoções contraditórias. Finalmente, retirou seu paletó e seu coldre vazio, pendurando-os no cabideiro. Esse detalhe não escapou ao olhar de Lucie.

— Cadê sua arma?

Ele a encarou com os lábios cerrados.

— Eles... Você foi afastado?

Ela entendeu imediatamente e foi abraçá-lo.

— Droga, não é possível... A culpa é minha.

Com um suspiro, Sharko acariciou suas costas. Ele sentia-se bem ali, seu corpo apertado contra o dela, e teria gostado tanto que se aproximassem de outra maneira, que não fosse através da sordidez...

— Não, não é culpa sua. Andei fazendo muita bobagem nesses últimos tempos.

— Pois é, mas eles estão sabendo de Vivonne, não é?

Sharko fechou os olhos.

— Eles ignoram completamente a viagem de Louts a Montmaison e o roubo do Cro-Magnon por Terney.

— Por que está tão preocupado, então?

Sharko se afastou um pouco e massageou as têmporas.

— Meu ex-chefe, Bertrand Manien, está no meu pé desde o início da investigação, fazendo de tudo para estragar minha vida. Nosso encontro em Vivonne deve ter chamado a atenção dele. O cara não me larga, ele vai fuçar e acabar sabendo sobre nós dois, há um ano. Vai descobrir que eu estou mais do que envolvido com o passado assassino de Carnot. Vai descobrir nossa história, e a das gêmeas.

O coração de Lucie batia forte, por razões diversas.

— Eu entendo seu transtorno. É muito pessoal e você não quer que eles fiquem sabendo. Mas, se vierem a saber, qual é o problema?

O policial puxou uma cadeira, desabou sobre ela e abriu uma cerveja. Seu paletó e sua camisa estavam bem amassados após um dia extremamente longo.

— A gente... Quer dizer, eles acharam mais dois cadáveres, hoje.

Lucie arregalou os olhos.

— Dois cadáveres? Explique melhor isso.

O comissário soltou um longo suspiro para se livrar do estresse das últimas horas, enquanto Lucie tirava sushis e potinhos de molho da embalagem.

— Tantas coisas aconteceram... Para simplificar, tudo gira em torno do livro de Terney, *A chave e o cadeado*. As páginas dele dissimulam sete impressões genéticas. Foi Daniel, o rapaz autista encontrado no local do crime, que nos colocou nessa pista. Duas dessas impressões estão presentes no Arquivo Nacional Automatizado de Impressões Genéticas. A primeira refere-se ao assassino de... de Clara.

Ele esperava uma surpresa maior nos olhos de Lucie, mas ela se manteve calma, bebendo sua cerveja.

— E a segunda?

Sharko explicou todo o processo que o levou até Félix Lambert. A conversa com o gendarme Claude Lignac, a visita a todas as escolas maternais, a tal intolerância à lactose. Lucie notou que ele revelava tudo, sem erguer o menor obstáculo, sem reter quaisquer informações. Sua impressão era de que, quanto mais eles se aprofundavam dentro da escuridão, mais ela reconhecia o homem que havia conhecido um ano antes. Somente a carapaça apresentava algumas rachaduras, mas, dentro dele, não mudara nada. Ele lhe falou de seu ressentimento, do sofrimento que leu nos olhos do jovem Lambert, daquela horrível sensação de que um mal o roía por dentro. A mesma

impressão que tivera o psiquiatra de Grégory Carnot, antes que este se matasse em sua cela. Ainda que não tivesse visto desenhos de cabeça para baixo na casa de Lambert, Sharko tinha certeza de que os dois homens sofriam do mesmo mal incompreensível.

Depois de escutar com atenção, Lucie foi buscar o envelope pardo com as fotos da cena do crime de Stéphane Terney, uma fita de vídeo e um DVD. Ela pegou a fotografia com os quadros da fênix, da placenta e da múmia de Cro-Magnon, pendurados na biblioteca do médico assassinado, e entregou tudo a Sharko.

— Minha vez, agora. Eu também fiz alguns progressos.

Com os dois pauzinhos, o comissário enfiou um sushi na boca, ao mesmo tempo esboçando uma espécie de sorriso. Era a primeira vez que Lucie via seus lábios relaxarem.

— Por que isso não chega a me surpreender? — perguntou ele. — Você é incrível.

— Sou apenas uma mãe disposta a tudo para descobrir a verdade.

Ele esboçou uma foto, enquanto Lucie mastigava.

— Por que você está me mostrando esses quadros? Essa placenta nojenta?

— Você quer saber como Terney conseguiu a impressão genética de Carnot? Ele deu um jeito para fazê-lo nascer, há vinte e três anos. Em seguida fez uma série de exames de sangue, que analisou e dos quais extraiu um perfil de DNA. Simples assim.

Ela, por sua vez, começou a relatar suas descobertas desde aquela manhã. Reims, o local de nascimento de Carnot, onde Terney trabalhara. Sua visita à maternidade de la Colombe, seu encontro com a enfermeira, que a convenceu de que Terney tinha feito de tudo para poder acompanhar a gravidez daquela mãe, Amanda Potier. A placenta hipervascularizada, o brilho nos olhos do médico no momento do parto... E, por fim, sua visita à primeira mulher dele, que lhe falara do estranho comportamento de seu ex-marido e lhe dera aquela curiosa fita de vídeo.

Sharko examinou a caixa plástica, com uma expressão sombria.

— Nós encontramos fitas de vídeo incineradas na lareira de Terney. Estavam escondidas sob o assoalho. O assassino tinha ido buscá-las, daí a tortura. Infelizmente, nada foi salvo.

— Com toda certeza, tratava-se de originais. Esta aí é uma cópia.

— O que tem aí dentro?

— Talvez a chave de todo esse mistério. Na embalagem original, havia uma etiqueta, a ex-mulher dele me disse. Estava escrito “Fênix nº 1”.

Sharko passou o dedo sobre a fotografia.

— Fênix... O pássaro que renasce das cinzas.

— Exatamente, eu pesquisei um pouco. A fênix é dotada de longevidade. Desta forma, simboliza os ciclos de morte e ressurreição. Diz a lenda que, não tendo uma fêmea, ao ver a hora de sua morte se aproximar, o pássaro garantiu sua descendência pondo fogo no próprio ninho. Assim, ele sucumbia nas chamas e um novo pássaro nascia das cinzas. Isso me fez pensar em Amanda Potier e Grégory Carnot. Ela morre, mas a

criança nasce de suas entranhas, depois de destruir o ninho...

Sharko percebeu a importância das descobertas de Lucie. Ela havia seguido uma pista paralela, improvável, levada quem sabe por seus instintos maternos. Eles, por sua vez, tinham ficado apenas na pista dos assassinatos, dentro do ambiente que emanava de cada cena de crime, pesquisando vestígios materiais, no máximo. Eles tinham percorrido o espaço, e Lucie, o tempo...

— Parece que cada quadro pendurado tem um sentido — disse Sharko. — O projeto Fênix, primeiro... A placenta de Amanda Potier, em seguida... Só resta entender o que significa essa múmia do homem de Cro-Magnon, disposta ao lado dos outros quadros. Talvez possua um significado oculto, uma razão de ser... Esses três quadros... É como se Terney expusesse seus segredos, mas sem que ninguém pudesse entendê-lo.

Lucie pegou o DVD.

— Venha ver.

Ela foi até a sala e inseriu o disco no computador.

— Antes de começar, devo dizer que essas cenas se passam na Amazônia.

— Na Amazônia. O destino da viagem de Éva Louts... Não me diga que você tem também a resposta para a presença da estudante no Brasil?

— Não exatamente. Mas estamos chegando perto. Não dura mais do que dez minutos. Prepare-se.

Sharko mergulhou no universo doentio do vídeo. Ele também recuou em sua cadeira, quando aqueles olhos, destilando doença e febre, se abriram completamente. Tantos golpes que levavam às trevas cada vez mais profundas.

Assim que o filme chegou ao fim, o comissário se levantou com um suspiro e voltou para a cozinha, com a fita na mão, sem dizer nada. Ele a manipulava sem vê-la, seu olhar fixando o vazio. Lucie se aproximou dele.

— Em que você está pensando?

Ele estava abalado.

— Nós não temos certeza de nada, Lucie. Exceto pela viagem ao Amazonas, nada liga Éva àqueles indígenas. O filme é tão antigo... Imagina... 1966? Não há qualquer vínculo aparente.

Num silêncio desconfortável, ele começou a comer um sushi depois do outro, sem sequer apreciar o gosto. Lucie notou que ele estava profundamente perturbado. Ela se moveu, entrando nervosa em seu campo de visão.

— Mas, claro que sim, temos certeza! Seria uma coincidência grande demais se esses dois elementos não estiverem associados. Temos tudo de que precisamos para prosseguir com a investigação, mas nos falta o essencial: a identidade dessa tribo indígena.

— Ainda assim, como isso nos faria avançar?

— Entenderíamos por que Louts queria voltar lá, munida de nomes e de fotos, depois de visitar os presídios. E muitas outras coisas.

Sharko percebeu um brilho assustador no olhar dela. Sentia que ela era capaz de largar tudo e partir até o fundo daquela maldita selva. Ele tentou retomar o controle da conversa; era um terreno escorregadio e perigoso demais.

— Vamos esquecer essa fita por um momento e fazer uma recapitulação de tudo, com calma.

Ele pegou uma folha de papel e um lápis, estimulado pelas incríveis revelações de Lucie e quase se esquecendo de que acabara de ser demitido. A investigação continuava a fisgá-lo, a devorá-lo, sem que dela pudesse se defender.

— Vamos colocar tudo em ordem de novo. O que temos exatamente? Precisamos de um núcleo central, em torno do qual gira toda a investigação.

— Terney, evidentemente.

— Ok, Terney. Vamos nos concentrar nele... Vamos tentar rastrear seu percurso para analisar melhor, para encontrar concordâncias entre as suas pistas e as minhas. Certamente há elementos que podem se destacar e nos ajudar a esclarecer. Você pesquisou sobre ele e sobre seu passado. Então, vamos lá.

Lucie andava de um lado para outro, elétrica. Sharko fez anotações enquanto ela falava.

— Tenho a impressão de que o ano de 1984 marca o início de nossa história. O ano em que Terney encontra esses homens no hipódromo. Um deles ou os dois são, sem dúvida, os autores dessa fita. São, portanto, os homens que precisamos encontrar agora, com idades próximas à de Terney, visto que estavam lá e eram adultos em 1966. Um deles ou os dois são *ossos* homens.

— Devagar! Evite tirar conclusões apressadas e continue, por favor.

— Muito bem. No período entre 1984 e 1985... São inúmeras as reuniões entre esses três homens. Terney se fecha, torna-se discreto e misterioso. Em seguida, ocorre a entrega de várias fitas de vídeo feita pelos dois homens a Terney... Fênix n^o 1. A primeira de uma série...

— Por que eles lhe deram essas fitas?

— Para lhe mostrar suas descobertas? Colocá-lo a par da existência de um... um programa de pesquisa? De um projeto monstruoso ao qual ele poderia contribuir? Fênix n^o 1 seria somente uma... uma introdução. O início de algo.

— E como esses três homens teriam se conhecido?

Lucie respondia sem hesitação.

— Terney é um cientista renomado. Os dois outros vieram até ele.

— Parece plausível. Continue...

— Em 1986, o divórcio, a partida de Terney para Reims. Imediatamente, ele entra em contato com uma mulher grávida, Amanda Potier. Torna-se seu ginecologista. Em janeiro de 1987, ele traz ao mundo Grégory Carnot, a mãe morre no parto. Placenta bem vascularizada, contradizendo a pré-eclâmpsia. Terney faz exames de sangue no bebê. O sangue traz o DNA. E o DNA... esconde alguma coisa? Fênix?

— Espere aí, espere aí... Pronto. Continue.

— Estamos em 1990, retorno de Terney para Paris. Clínica de Neuilly. Nesse ponto, ainda não tenho muita coisa.

— Eles estão cuidando disso no 36. Interrogando os colegas de trabalho, as relações de amizade dele. Infelizmente, não conseguiremos essas informações.

— Não faz mal, por enquanto. Vamos em frente.

Sharko consentiu.

— Certo. Chegamos à minha parte. Em 2006, a publicação de *A chave e o cadeado*, com a ajuda de um jovem autista que, aliás, ele não cita em momento algum em seu livro. Nestas páginas, Terney esconde sete perfis genéticos. Carnot, Lambert... E cinco outros que, fazendo uma generalização, devem apresentar as mesmas características morfológicas e genéticas.

Ele ficou calado por alguns segundos, depois acrescentou:

— Seguramente, sete indivíduos canhotos, altos, fortes e jovens. Com intolerância à lactose. Tomados por uma violência extrema e súbita no começo da vida adulta. Se Terney não trouxe ao mundo todos eles, com certeza os conheceu ainda pequenos. Em sua opinião, como poderiam sete indivíduos apresentar características tão semelhantes?

— Manipulações genéticas? Sete mães teriam feito algum tratamento medicamentoso durante a gestação, sem que tomassem conhecimento disso? Amanda Potier e Terney eram próximos. Ele a acompanhou clinicamente, ela estava desiludida e sozinha. Ele poderia muito bem ter-lhe receitado o que bem quisesse. Por que não poderia ter agido da mesma maneira com as outras mães? Ele ou outro médico... Gente com quem ele trabalhava, por conta de suas conferências sobre a pré-eclâmpsia. Por que não eugenistas? Não nos esqueçamos de que Terney proclamava suas teorias em alto e bom som. Talvez essas pessoas se reúnam em algum tipo de seita.

Sharko concordou, convicto:

— Excluindo essa história de seita, faz sentido.

— Então... Quando fazemos o balanço de nossas investigações cruzadas, vemos que funciona bem. Sobre esses bebês, Terney talvez não tenha feito todos os partos, mas, em todo caso, ele esteve em contato com as mães. Ou ele ou os outros dois homens, tão malucos quanto ele.

Sharko prosseguiu de imediato.

— Mais alguma coisa?

— Sim, e coisas importantes. No início de 2010, o roubo do Cro-Magnon e de seu genoma, em Lyon.

O comissário pegou a foto com os três quadros. Ele se concentrou na ampliação do homem pré-histórico, estendido em uma mesa.

— É verdade. Qual seria a real razão desse roubo? Nós ainda não paramos para refletir sobre esse ponto.

— Ainda não tivemos tempo para fazê-lo e para descobrir uma relação entre nossas investigações paralelas. Talvez este seja o momento, já que estamos inspirados.

Ela pegou as fotografias feitas no Instituto de Genômica Funcional de Lyon e as colocou sobre a mesa.

— Aí está a cena de um crime que data de trinta mil anos atrás. O Cro-Magnon, canhoto, certamente com vinte e três anos, massacrando três espécimes de Neandertal com algum tipo de arpéu. Terney roubou o Cro-Magnon, depois o fotografou e o emoldurou.

Sharko observou com atenção as fotos, uma a uma.

— Eu me pergunto onde estará essa múmia.

— Esta cena de crime pré-histórico não faz você lembrar de alguma coisa? — perguntou Lucie.

— Exatamente o que aconteceu hoje, com Lambert.

— Ou o que aconteceu com Carnot e Clara, há um ano.

Sharko fez uma pausa, imerso em reflexões, depois disse finalmente:

— A mesma fúria inexplicável. Um súbito arrebatamento de violência.

Lucie assentiu.

— Uma coisa é certa: na época pré-histórica, Terney não estava presente. Não foi ele quem fez o parto do Cro-Magnon.

Eles deixaram escapar um breve sorriso, o que os fez relaxar um pouco. Lucie prosseguiu:

— Vamos voltar no tempo e nos concentrar nos sete perfis do livro. Por alguma razão que ainda ignoramos, Terney acompanhou nos anos 1980 um grupo de crianças com determinadas características genéticas comuns, dentre elas a tal intolerância à lactose. Crianças que, *a priori*, são predestinadas à violência e cometem um massacre assim que se tornam adultas. Na época, Terney se mostra interessado no sangue e no DNA delas, como se procurasse neles algo bem particular.

Sharko engoliu um sushi de salmão.

— O mítico gene da violência?

— Já falamos disso, ele não existe.

— Hoje, sabemos que não. Mas, talvez nos anos 1980, ele acreditasse nisso? E afinal não estamos lidando com um desencadeamento de violência quase que espontâneo e incompreensível nesses indivíduos? Francamente, podemos nos colocar essa questão.

Interpelada, Lucie o observou por alguns segundos, antes de prosseguir.

— Para falar a verdade, não tenho ideia. Mas... Deixe-me desenvolver meu raciocínio. Imagine que a descoberta recente da caverna, desse massacre pré-histórico, chegue aos ouvidos do médico. Imediatamente, ele traça um paralelo: e se o que ele procurava nessas crianças, ou o que ele constatava, ou o que provocava artificialmente por meio de remédios nas grávidas, existisse igualmente, de forma natural, no homem de Cro-Magnon, há mais de trinta mil anos? Talvez, guiado pelos homens do hipódromo, ou agindo sozinho, o médico então tenha entrado em contato com um biólogo do Instituto de Genômica, deixado os cientistas decifram o genoma e roubado o conjunto de dados no momento oportuno, sem deixar vestígios.

Lucie ergueu o dedo indicador. Seus olhos brilhavam.

— Imagine então a importância que esse genoma tem para Terney. Da mesma maneira que ele dispõe do perfil genético das sete crianças, ele tem a seu alcance o conjunto da molécula de DNA decifrada de um ancestral com vários milênios de idade. Um ancestral que massacróu uma família inteira, que se encaixa exatamente no campo que Terney parece estudar.

— Mais uma de suas “crianças”, de certa forma.

— Exatamente. Para ele, trata-se de uma descoberta fundamental, monstruosa. Talvez a descoberta de sua vida.

— Aonde você quer chegar?

Ela examinou a foto do Cro-Magnon em sua moldura.

— O ginecologista era alguém extremamente prudente, metódico, no limite da paranoia. Ele sempre protegeu suas descobertas e deixou sinais, como se ele não estivesse nem aí para o mundo: os códigos genéticos em seu livro, o quadro da fênix, o da placenta, essas fitas de vídeo que trancava dentro de seu armário de metal, em um escritório também fechado à chave.

— E que escondia sob as ripas de um assoalho quase novo.

— Isso mesmo. Dessa forma, você não acha que ele teria habilmente conservado as informações do genoma do Cro-Magnon em algum lugar? Que as teria protegido, como todo o resto?

— E é por esta razão que seu assassino roubou todos os seus arquivos de computador.

Lucie balançou a cabeça.

— Não, não. Terney não teria se contentado com um simples *backup* dos arquivos, era evidente demais, muito fácil de ser roubado. A gente sempre teme ter nossos dados roubados por *hackers*, nada jamais está seguro, mesmo com todas as precauções. Os sistemas também dão problemas, os discos rígidos estragam sem motivo. Ele era bem mais esperto que isso. E mais extravagante também.

— Você está pensando nesse terceiro quadro, não é? Com a foto do Cro-Magnon?

— Certamente. Mas... Como entendê-lo? Tudo isso obedece a uma lógica implacável.

Depois de refletir um pouco, Sharko se empertigou bruscamente, estalando os dedos.

— Caramba, é claro! A chave do cadeado!

Lucie franziu as sobrancelhas.

— Como assim, a chave do cadeado?

— Acho que descobri. Está pronta para darmos uma volta por Paris?

Sharko rompeu os lacres judiciais da porta de entrada da casa de Terney sem dificuldades. Lucie o aguardava, mais recuada, vigiando na rua de modo a não serem

surpreendidos. Rapidamente, ele subiu até o segundo andar, na direção da biblioteca. Com as mãos enluvadas, ele soltou a moldura que enquadrava a foto do Cro-Magnon. Depois de removê-la, enrolou a fotografia e a apertou com a mão. Dois minutos depois, ele já estava lá fora...

Rumo ao décimo quarto *arrondissement*.

Daniel Mullier dessa vez estava vestido com um traje esportivo, mas parecia não ter saído do lugar desde a última visita. A mesma caixa de canetas, o mesmo computador ligado, o mesmo volume número 342. Sharko avisara a Lucie que se preparasse para um “choque” dentro daquela sala estranha, onde a vida de um homem se resumia a quilômetros de papel. Na soleira da porta, ela olhou silenciosamente ao redor, enquanto o diretor Vincent Audebert abordava sozinho Daniel. Sharko mantinha-se calado e afastado.

Audebert entrou no campo visual do jovem autista, disse-lhe algumas palavras para atrair sua atenção, depois colocou a foto do Cro-Magnon e algumas folhas em branco diante dele. Daniel então interrompeu sua tarefa insana. Com um gesto meio canhestro, ele pegou a foto ampliada e olhou-a com atenção. Lentamente, como se tudo aquilo seguisse uma lógica inabalável, ele apanhou uma folha em branco sem mover os olhos, trocou a caneta por outra, vermelha e, espontaneamente, começou a anotar séries de letras.

Audebert se afastou com discrição, acariciando com os dedos o próprio queixo.

— Não acredito. Está funcionando. A foto agiu como um gatilho. Stéphane Terney utilizou Daniel como...

— Uma memória viva... — completou Sharko. — Um autista anônimo, perdido no meio de um centro especializado. A chave que vai abrir o cadeado.

Ele e Lucie o observaram em silêncio. A ponta de uma caneta Bic vermelha corria sobre o papel; Daniel estava curvado, concentrado, mas escrevia em ritmo desenfreado. Ao fim de meia hora, o jovem autista empurrou a foto e as folhas para o lado e, sem qualquer pausa, retomou sua tarefa inicial.

O diretor do centro apanhou os dados e os passou para Sharko.

— Uma sequência de DNA — sussurrou ele — escrita a partir desta foto de múmia, que se encontra em notável estado de conservação. Isso quer dizer que vocês têm aí um código genético que pertenceu a este ancestral pré-histórico?

— Ao que parece — respondeu Sharko. — Esta sequência lhe diz alguma coisa?

— Como poderia? É apenas uma sucessão de letras, que não se parece com uma impressão genética, desta vez. Não tenho conhecimento suficiente para saber do que se trata. Vocês deveriam procurar um geneticista.

Lucie demorou-se um pouco examinando as folhas com atenção.

— Talvez seja isso, finalmente, o famoso código genético oculto do DNA. A chave

de toda a história.

Os dois policiais agradeceram ao diretor, que os levou até a saída.

— Até logo, Daniel — murmurou Lucie, tendo ficado alguns segundos sozinha com o rapaz autista.

Isolado em sua bolha, porém, Daniel não lhe deu ouvidos. Lucie acabou saindo, depois de fechar delicadamente a porta.

Ao chegarem ao estacionamento, Sharko examinou as seqüências de letras, com um ar preocupado.

— Estamos nos empolgando demais, Lucie. Nós dispomos desses dados, mas... O que fazer com eles? Não temos mais acesso aos elementos do dossiê.

— Você foi despedido? E daí? Eu sei que a situação é grave, não é isso que eu queria dizer, mas... isso não vai nos impedir de avançar. Podemos ir em frente sem eles. Dispomos dessa seqüência de DNA, da fita de vídeo da Amazônia, vamos colocar tudo isso nas mãos de especialistas amanhã de manhã. Um geneticista para a seqüência, um antropólogo para a fita.

— Ainda assim, Lucie...

— Não seja derrotista, temos mais o que fazer. Félix Lambert e o pai dele morreram, mas eles têm familiares. Podemos interrogar a mãe sobre sua gestação, sua internação na maternidade. Vamos tentar descobrir se ela recebeu algum tratamento médico, ou se houve algo de extraordinário durante sua gravidez. Se conseguirmos achar outra relação com Terney, será um grande passo. Talvez haja um meio de rastrear os homens do hipódromo? Vamos em frente, do jeito que der.

Lucie encarou com uma expressão grave as três folhas misteriosas.

— Preciso saber o que gira em torno da fênix. Vou tentar chegar o mais longe possível, com ou sem você.

— Você vai se embrenhar no meio da selva e arriscar sua vida? Para encontrar respostas?

— Não só por simples respostas. Mas para poder estar de luto pela minha filha.

O comissário expirou todo o ar de seus pulmões.

— Vamos embora. Você vai acabar com os sushis e recuperar sua força. Porque vai precisar dela.

Lucie lançou-lhe um generoso sorriso.

— Então, você concorda? Vai encarar comigo?

— Você não deveria sorrir, Lucie. Não há graça alguma no que estamos nos arriscando a fazer ou no que vamos descobrir. Há pessoas morrendo.

Ele consultou o relógio.

— Vamos voltar para o meu apartamento, descansar um pouco e às dez horas retomamos nossa investigação.

— Às dez da noite? Para ir aonde?

— Procurar respostas no Instituto Médico Legal.

[A]s ruas próximas ao Quai de la Rapée dormiam em paz. Pequenas claridades amareladas oscilavam nas cabines das barças. Reflexos alaranjados dançavam sobre as águas do rio Sena, desaparecendo e surgindo mais adiante, em uma fuga perpétua. Apesar dessa calma aparente, um lufada de ferragens e borracha perturbava regularmente a tranquilidade do local: os esparsos passageiros da linha 5 do metrô sendo transportados para suas casas ou rumo à noite parisiense.

Eram dez e meia da noite. Jacques Levallois, Nicolas Bellanger e um gendarme uniformizado acabavam de sair do IML. Bem protegidos, dentro do Peugeot 206, a cinquenta metros dali, Sharko e Lucie avistavam nitidamente as pontas amarelas dos cigarros, girando no ar como vaga-lumes.

— Eles estão com um gendarme da Seção de Inquérito — murmurou Sharko. — Estavam investigando o assassinato em Fontainebleau, e nós passamos por cima deles. Isso deve ter causado confusão.

Sob o afago das luzes dos postes, os três homens conversavam, bocejavam, indo de um lado para outro, aparentemente bastante nervosos. Cinco minutos depois, embarcaram em seus respectivos carros e se foram. Os dois ex-policiais se agacharam, quando os veículos passaram por eles, trocando olhares cúmplices, como dois adolescentes que não quisessem ser descobertos.

— O que eu não faço por você — sussurrou o velho policial. — Com você, tenho a impressão de reencontrar uma segunda juventude.

Lucie estava com o celular na mão, inquieta. Tinha ligado para Lille uma hora antes, mas Juliette já dormia. Sua mãe praticamente a rechaçara, furiosa com sua longa ausência.

Eles aguardaram um pouco mais, depois saíram, avançando pela noite. Sharko carregava um saco no ombro, dentro do qual se encontravam as três folhas escritas à caneta vermelha por Daniel. Chegaram em frente ao Instituto, uma espécie de Moby Dick que devorava todos os cadáveres em um raio de dez quilômetros. A porta central se abriu como uma goela, pronta a abocanhá-los e levá-los até um estômago cheio de cadáveres de todo tipo: acidentados, suicidas, assassinados. Lucie interrompeu seus passos. Com as mãos nos quadris, ela se imobilizou em frente ao prédio austero. O comissário voltou até ela.

— Tem certeza de que vai ficar bem? Já faz algum tempo que você não diz nada. Se entrar aí ainda lhe faz tão mal assim, é só me dizer.

Lucie inspirou com força. Era, sem dúvida, o momento para expulsar velhas imagens de sua cabeça e superar seu sofrimento de mãe. Ela deu um passo.

— Vamos lá — disse ela.

— Fique bem a meu lado. E não diga nada.

Eles atravessaram a porta e, instantaneamente, a temperatura caiu. As espessas paredes

de tijolos vermelhos não deixavam nada se infiltrar, sobretudo a esperança. Sharko sentiu um alívio ao reconhecer o vigia noturno que andara vendo regularmente nos últimos tempos. Não seria preciso usar aquela identificação policial grosseira que Lucie lhe fabricara em poucos minutos.

— Boa noite — disse ele, com a voz neutra. — A dupla necrópsia... Por acaso você sabe em que sala é?

O homem olhou para Lucie e depois respondeu sem interesse:

— Sala dois.

— Obrigado.

Lado a lado, os dois ex-policiais sumiram pelos túneis sinistros, timidamente iluminados. O prédio era imenso, o trajeto, interminável. As solas dos sapatos rangiam, os odores de carne estragada fluuavam como névoas de amoníaco. Caminhar pelo IML no meio da noite tinha algo de profundamente dramático. Quando Lucie notou a forma quadrada de luz, atrás da janela da sala, ela se sentiu subitamente transportada para um ano antes por um imenso redemoinho negro. Aquele reflexo amarelado fez com que se lembrasse de repente do quarto que tinha visto à noite, no primeiro andar da casa de Carnot, ao desembarcar com as forças policiais. Bem nitidamente, Lucie se viu avançando naquela residência, seguindo os homens fardados que derrubavam as portas aos gritos. Podia se recordar dos odores de enxofre nos cômodos, como fósforos acesos. Ela viu Grégory Carnot imobilizado no chão pelos policiais, enquanto subia correndo a escada, quase sem ar, em meio aos berros. Ela...

Bruscamente, uma voz soou em seu ouvido. Sua face sendo levemente estapeada.

— Ei, Lucie. Fique de pé.

Lucie sacudiu a cabeça. Ela se deu conta de que estava apoiada na parede, o rosto nas mãos.

— Ah... Desculpe. Acabou... acabou de passar algo estranho em minha cabeça. Eu me vi entrando na casa de Carnot para buscar Juliette no segundo andar.

Sharko a observava em silêncio, incitando-a a prosseguir.

— O mais estranho é que eu não tenho qualquer lembrança de ter entrado na casa dele.

— O que aconteceu, exatamente, naquela noite?

Seus olhos se turvaram.

— Os homens entram na casa de Carnot. Eu chego um pouco depois com uma segunda equipe. Eles me dizem para ficar lá embaixo, me impedem de entrar. São os segundos mais longos da minha vida. Depois, um dos policiais aparece com Juliette nos braços. Ele a larga e ela se lança sobre mim, chorando.

Lucie colocou as mãos nas têmporas, os olhos parcialmente fechados.

— É tão estranho. Eu... Eu tenho a impressão de ter vivido duas realidades diferentes. Foi tudo tão traumatizante...

Sharko segurou seu pulso com delicadeza.

— Venha, vou levá-la de volta para o carro.

Ela resistiu.

— Não, está tudo bem. Pode me soltar.

— Por que você se tortura dessa maneira? Você está muito pálida. Eu vou sozinho e depois explico tudo.

— Não, não. Por favor.

Resignado diante de tal determinação, Sharko largou o pulso dela. Ele sabia que ela iria até o limite de suas forças, de seu sofrimento, até mesmo ao fim do mundo para pôr o dedo na verdade. Ele foi à frente e se apresentou primeiro na sala.

Paul Chénaix estava entre duas mesas de dissecação vazias, limpando o chão com a água de uma mangueira. Outro médico legista, que o comissário já vira duas ou três vezes, etiquetava tubos de ensaio para serem examinados. Indiferente, ele os cumprimentou com um gesto da cabeça e um “boa-noite” exausto. Depois de pelo menos três horas de trabalho, os dois homens estavam extenuados.

Chénaix interrompeu a lavagem, surpreso. Olhou as horas em seu relógio.

— Franck? Seu chefe disse que você não estava de serviço esta noite — disse ele, olhando em seguida na direção de Lucie. — Há lugares mais românticos para uma visita noturna. A senhorita não parece estar se sentindo muito bem, não é?

Febre, Lucie avançou e lhe estendeu a mão.

— Estou muito bem. Eu sou...

— Uma colega que trabalha em Lille — cortou Sharko.

— Uma colega de Lille?

Um tênue sorriso se desenhcou sobre seu cavanhaque bem aparado.

— Minha primeira esposa morava em Lille. É uma cidade que conheço bem.

Sharko mudou imediatamente de assunto, sem deixar à Lucie a oportunidade de responder.

— Gostaria que você me falasse do essencial sobre as necrópsias dos Lambert.

— Por que você não pergunta a seus colegas? Eles acabaram de sair daqui.

Sharko raciocinou rapidamente. Bellanger evitara comentar seu afastamento.

— Eles já devem ter voltado para casa, para suas esposas e seus filhos — respondeu o comissário. — Não vai levar mais do que alguns minutos, você sabe ir direto ao essencial. Vou trabalhar nesse caso hoje à noite. É importante.

Chénaix largou a mangueira e se dirigiu ao outro legista.

— Vou até o necrotério, já volto.

Com seu jaleco ainda manchado de sangue, ele se dirigiu até uma bancada do laboratório.

— Vou levar isso.

Ele apanhou um recipiente cheio de líquido translúcido e ligeiramente amarelado. Sharko franziu os olhos: o recipiente continha algo que parecia parte do cérebro humano.

Eles seguiram o Dr. Chénaix pelo corredor. Ao descer a escada, ele murmurou no ouvido de Sharko:

— Posso falar na frente dela?

Sharko pôs uma mão em seu ombro, como se fosse um amigo.

— Você vai me fazer um favor, Paul. Não fale a ninguém sobre esta visita. Por causa de uma falha nos procedimentos, eu não estou mais neste caso. Não queria dizer isso diante do outro legista.

Paul Chénaix franziu as sobrancelhas.

— Neste caso, você me coloca em uma situação embaraçosa. O inquérito tem certo sigilo e...

— Eu sei. Mas se vierem a interrogar você sobre isso, diga simplesmente que eu menti. Eu assumo as consequências.

Um breve silêncio.

— Tudo bem.

Chénaix não fez mais qualquer pergunta, o que era melhor para todos. Eles chegaram ao subsolo. O legista acionou um interruptor. As lâmpadas de néon crepitaram, emitindo suas luzes suaves. Não havia janela alguma. Centenas de gavetas metálicas, alinhadas vertical e horizontalmente. Uma verdadeira biblioteca macabra. Num canto, havia sacos com roupas, sapatos, com os quais, provavelmente, não sabiam o que fazer e que logo iriam direto para o incinerador. Um pouco atrás, Lucie cruzou os braços e massageou os ombros. Estava com frio.

O legista colocou o tal recipiente sobre uma mesa, perto da parede, dirigiu-se até uma das gavetas e a puxou, fazendo surgir um cadáver com a pele levemente azulada. Tinha o aspecto flácido, como borracha, as veias mais superficiais pareciam a ponto de saltar do corpo. Todas as incisões entre o pescoço e o púbis tinham sido costuradas zelosamente: se os restos mortais fossem reivindicados pelas famílias, era preciso que estivessem apresentáveis. Sharko se aproximou ainda mais, quase encostando no trilho da gaveta. O cheiro da carne em putrefação era forte, mas ainda suportável. Chénaix apontou para certas partes da anatomia e explicou:

— O pai foi atingido por golpes de um atizador de lareira. Várias vezes. Foi a mesma arma usada para perfurar seus órgãos vitais. Algumas costelas foram quebradas, o assassino devia ter uma força inimaginável. Foi um ato brutal, violento, e durou apenas alguns segundos. Para obter detalhes mais precisos, a localização dos ferimentos, será preciso ler o relatório, que entregarei amanhã a seu chefe. Se quiser ler, vai ter que resolver isso com ele. Não haverá cópia alguma saindo daqui. Lamento...

Sharko observou ainda por alguns segundos o corpo dilacerado, depois assentiu.

— Não vou precisar disso. Agora, o filho. É ele que me interessa.

Chénaix deixou a gaveta aberta e puxou a do lado. O rosto de Félix Lambert se encontrava num estado deplorável, a tez mais clara, de um branco amarelado. Seu corpo imenso ocupava toda a gaveta, como um bloco de gelo.

— Eles se parecem — constatou Sharko. — Mesmo nariz, mesmo formato de rosto.

— Pai e filho biológicos, esses dois. Sem a menor dúvida.

Acometida por breves estremecimentos, Lucie se aproximou um pouco. Aquele era

realmente um dos lugares mais horríveis do mundo. Ali só havia almas extintas, corpos dilacerados. O ar parecia desprovido de toda aura, todo calor que pudesse lembrar a presença de alguém. Teria gostado de poder abraçar Sharko, para que ele a confortasse, a aquecesse, mas o olhar do comissário continuava grave, imperturbável, inteiramente preocupado com a investigação. Constatando sua presença, o legista se afastou um pouco para lhe dar espaço.

— A causa da morte é ruptura da coluna cervical. Neste caso, também, não há a menor dúvida, foi uma morte instantânea.

— Posso confirmar isso. Assisti de camarote. Ele se jogou pela janela diante de meus olhos.

— Mas mesmo quando as causas são tão evidentes quanto estas, o protocolo nos obriga a praticar todos os procedimentos. E, às vezes, deparamos com pequenas pérolas, como foi o caso aqui.

— Explique isso.

Ele apontou o dedo para o crânio do cadáver. O escalpo havia sido recolocado no lugar, mas ainda dava para ver o traçado vermelho e regular deixado pela serra Streker.

— É aqui dentro que tudo acontece. Quando abri, me dei conta de que o cérebro apresentava uma degradação incrível, em torno das zonas frontais e pré-frontais. Ele chegou a ficar esponjoso nessa área, crivado de pequenos orifícios. Nunca vi nada igual.

Ele foi buscar o recipiente. A massa esbranquiçada flutuava dentro do líquido.

— Olhem isso...

Os dois policiais puderam constatar o estrago. A parte superior do órgão parecia ter sido roída por centenas de camundongos minúsculos. O aspecto esponjoso era impressionante.

— E o que isso significa? — perguntou Lucie, sem esconder sua inquietação.

— Talvez uma infecção que tenha começado a degradar lentamente o tecido cerebral, até chegar a este estado. Eu seccionei e observei meticulosamente a outra parte do cérebro, o hemisfério esquerdo, para tentar entender melhor. Creio que as primeiras degradações ocorreram há meses, ou mesmo anos. Uma vagarosa afecção que acabou chegando a este ponto. A doença de Creutzfeldt-Jakob, a famosa síndrome da vaca louca, resulta exatamente neste tipo de degeneração esponjosa. Mas, em nosso caso, não vejo qualquer afecção conhecida. O restante do organismo está perfeitamente intacto.

O silêncio os envolveu por um instante. Lucie olhou os dois corpos, os lábios cerrados. Ela pensava em Grégory Carnot, morto ao ferir a própria garganta. Teria seu cérebro sido consumido da mesma forma?

— Você acredita que Félix Lambert pode ter matado os dois viajantes e seu pai por causa dessa... coisa?

— A meu ver, é evidente que há uma ligação, as zonas que atribuímos ao centro das emoções foram fortemente degradadas. Melhor dizendo, invadidas. E isso aconteceu ao

longo de muitos meses.

Lucie assoprou as mãos. Essa descoberta, evidentemente, colocava em questão a responsabilidade de Grégory Carnot. A doença, essa forma de degeneração, talvez o tivesse levado a agir daquele modo, independentemente de sua vontade ou de sua consciência. As perguntas jorravam em sua cabeça. Como Félix Lambert havia contraído aquela “coisa”? Era nisso que Stéphane Terney estava tão interessado? Mas qual era a relação com a placenta, o nascimento, o fato de o ginecologista se interessar por Carnot antes mesmo que este nascesse? Remédios, tratamentos para a mãe poderiam ter provocado tais abominações no filho? E qual seria a maldita relação disso tudo com a selva?

O legista prosseguiu com suas explicações:

— ...Essas regiões associadas às emoções, quando funcionam, utilizam especialmente a serotonina, um neurotransmissor que inibe a agressividade. Sem essa capacidade de utilizar a serotonina, e sem um bom funcionamento dessas regiões, o indivíduo retoma os comportamentos primitivos que lhe permitem atender às suas necessidades fundamentais para...

— ...garantir sua sobrevivência — completou Sharko.

O legista assentiu.

— É curioso que você diga isso e que tenhamos falado sobre a intolerância à lactose, hoje à tarde, pois são noções puramente evolutivas que me fizeram lembrar de uma série de coisas que estudei.

— Que coisas?

— Deixe para lá, é insensato. Não falei sobre isso com seus colegas e não...

— Nós queremos ouvir.

Ele hesitou por alguns segundos, antes de explicar.

— Para falar a verdade, quando vi este cérebro, eu fiquei me perguntando como este homem podia ainda estar vivo, se alimentar, dormir. Ele vivia com um quinto do cérebro em péssimo estado e, de um ponto de vista neurológico, isso derrubaria qualquer especialista. Depois, pensei em Phineas Gage, um operário da estrada de ferro que viveu no século XIX em Vermont, nos Estados Unidos. Seu caso é apresentado em todas as turmas de neurologia. Após uma explosão, um vergalhão perfurou seu crânio, atravessando o cérebro do olho esquerdo até o topo da cabeça. Várias partes da região frontal de seu cérebro foram destruídas, mas Gage sobreviveu. De um homem honesto, leal e correto, ele se transformou num sujeito grosseiro, agressivo e colérico, sem com isso perder sua inteligência e sua capacidade de sobreviver.

Chénaix se apoiou na mesa.

— O que é notável no cérebro de Félix Lambert é que, à primeira vista, as zonas esponjosas só se desenvolveram no que chamamos de neocórtex e no cérebro límbico. O cérebro reptiliano, que corresponde aproximadamente ao tronco cerebral, situado na parte de trás, estava completamente intacto. O vergalhão de Gage também não

chegou a atingir esta zona.

— Cérebro reptiliano, límbico... Você está falando grego. Explique melhor.

— Essa teoria dos três cérebros é aprovada pelos cientistas no mundo todo. Ela se baseia no fato de que, ao longo de milênios, a evolução do cérebro humano teria sido feita em três fases. Três estruturas cerebrais sucessivas teriam de algum modo se sobreposto umas às outras, em camadas, a fim de formar nosso grande cérebro inteligente e pensante de hoje em dia. Isso explicaria igualmente o aumento do volume do crânio, desde os primeiríssimos primatas. O primeiro cérebro, o mais antigo e comum à maior parte das espécies vivas, é esse chamado cérebro reptiliano. Bem protegido, nas profundezas de nosso crânio, ele é a estrutura cerebral mais resistente a um traumatismo, por exemplo. Ele assegura nossa sobrevivência e atende às necessidades primárias: alimentação, sono e reprodução. Ficam também sob sua responsabilidade certos comportamentos primitivos, como raiva, medo, violência. O segundo cérebro, o límbico, comanda principalmente a memória, as emoções. O terceiro, chamado neocórtex, mais recente, situa-se mais externamente e cuida das faculdades intelectuais, como a linguagem, a arte, a cultura. Aí está o pensamento, a consciência.

Intrigado, Sharko observou com atenção o cérebro doente. Conceitos relacionados à Evolução voltavam a se apresentar, bem ali, no necrotério, no interior do órgão mais fascinante do corpo humano. Poderia se tratar de uma coincidência, de um estranho encadeamento de circunstâncias?

— Então...Você está me dizendo que essa enfermidade que devora o cérebro teria deixado intactas as faculdades que asseguram a sobrevivência? Que teria feito ressurgirem os instintos mais violentos que estavam até então sob o controle dos dois outros cérebros, por meio de uma infecção?

— De um ponto de vista teórico, sim. De um ponto de vista patológico e anatômico, é bem mais complicado. Sabemos que há uma interação entre os três cérebros, e que uma lesão de um milímetro no lugar errado, mesmo no cérebro límbico ou no neocórtex, pode matar ou enlouquecer. Félix Lambert, em sua desgraça, talvez tenha tido sorte em viver tanto tempo. Quanto ao fato de a afecção, pode chamar de infecção, por ora, não ter atingido o cérebro reptiliano, não pense que se trata de algum tipo de inteligência da doença. Acho que era unicamente uma questão de tempo. De qualquer maneira, o prognóstico deste homem é que ele estava destinado a morrer.

Lucie e Sharko se olharam em silêncio, bem conscientes de que se aproximavam de algo monstruoso. Éva Louts e Stéphane Terney tinham sido selvagemmente assassinados para que ninguém pudesse remontar às origens. Que doença era essa? Teria sido injetada, transmitida de forma genética, destravada?

— Você não achou nada parecido no cérebro do pai? — indagou Sharko.

— Nada, nada. Um órgão plenamente sadio, se é que posso falar assim.

— E essa afecção poderia ter provocado distúrbios visuais? Como ter algo a ver com

desenhos feitos de cabeça para baixo, por exemplo?

— Poderia. Ao que parece, certas zonas em torno do quiasma óptico são também afetadas. O indivíduo deve ter sentido, primeiramente, problemas de visão, desequilíbrio... Os primeiros sinais precursores do desencadeamento da violência e do sofrimento. Se Lambert e Carnot acabaram se suicidando, é porque eles não suportavam mais a dor que pulsava em seu crânio. Lá dentro devia ser como Hiroshima.

Com um gesto firme, o médico legista fechou as duas gavetas. Os dois corpos desapareceram, engolidos pelas frias profundezas. Quando a porta de metal estalou, Lucie sentiu um arrepio e se apoiou no comissário. O legista removeu finalmente suas luvas de borracha e as jogou numa lata de lixo, esfregando uma mão na outra, antes de pegar um cachimbo e o tabaco no bolso.

— As duas metades do cérebro vão ser levadas para exames biológicos de vários tipos. Este caso me intrigou, e os pesquisadores deverão nos dizer do que se trata bem rapidamente, eu espero.

Ele se dirigiu até o interruptor para apagar a luz, mas Sharko se antecipou, com um DVD na mão.

— Vá fumar tranquilamente seu cachimbo, sem pressa. Mas, depois, ainda vou precisar de sua opinião sobre um filme. Uma opinião médica.

— Um filme? Que tipo de filme?

Sharko olhou pela última vez o cérebro girando dentro do recipiente, parcialmente iluminado pelas luzes de néon do corredor. Ele disse a si mesmo que cinco outros indivíduos, em algum lugar, nas ruas, no campo, sozinhos ou em família, tinham dentro do crânio uma bomba-relógio que, provavelmente, já estava ativada. Monstros capazes de matar os próprios filhos, seus pais ou qualquer um que cruzasse seu caminho.

A contagem regressiva começara.

Ele sentiu então um arrepio percorrer sua nuca e respondeu, por fim:

— Do tipo que faz ficar sem dormir.

[S]ituado no segundo andar, o gabinete do Dr. Chénaix era similar a um consultório médico. Um esqueleto preso a um arame em um canto, duas estantes ameaçando desmoronar sob os volumes de livros especializados em patologia, antropologia médico-legal, medicina geral. Cartazes velhos com o corpo humano revestiam as paredes, só faltava a mesa de exame. O único toque de humanidade eram as fotos de família, que o legista pendurara em vários lugares: a esposa e duas filhas, que não deviam ter ainda dez anos. Uma maneira de se lembrar de que a vida não se resumia às mortes.

Impregnado pelo cheiro de tabaco, misturado ao dos cadáveres, o médico-legista se posicionou diante de seu computador e colocou o DVD. Lucie e Sharko sentaram-se à sua frente, silenciosos. Nenhum deles tinha vontade de conversar sobre o que quer que fosse. A imagem daquele cérebro devastado, que levava aos piores atos criminosos, assombrava suas mentes. Lucie pensava também na implicação das derradeiras descobertas, que os colocava diante da evidência: Grégory Carnot talvez não fosse mais do que o resultado de algo monstruoso, que tinha o nome de Fênix. Um projeto, experiências, um programa de pesquisa? Pouco importava. Mesmo que o jovem adulto de cabelos pretos tivesse matado sua filha com as próprias mãos, os verdadeiros responsáveis estavam em outro lugar, em liberdade. Eles também tinham assassinado Clara. Eles também teriam que responder por seus atos.

O médico visualizou com toda atenção os dez minutos do filme. Como qualquer outro ser humano, ele se sobressaltou com as imagens dentro da cabana. Mas, em geral, seu rosto não expressou qualquer forma de repulsa ou emoção particular, de tal modo que os dois policiais seriam incapazes de dizer o que ele sentira. A morte, sob todas as formas, era seu ofício, ele aprendera a domesticá-la e a observava como um pedreiro observa uma parede que construiu.

Só após terminar o filme, ele demonstrou um evidente interesse.

— É um documento excepcional. Vocês sabem de onde vem?

Sharko balançou a cabeça.

— Não. É apenas uma cópia. No que diz respeito ao local onde foi filmado, é a Amazônia.

— Amazônia... Essa tribo foi dizimada por uma epidemia de sarampo.

Lucie franziu as sobrancelhas. Ela estava esperando algo cem vezes pior, à altura dos horrores que tinham descoberto até então. Algo ignóbil, ebola ou cólera. Ou, por que não, aquilo que infectara Lambert? Para ela, o sarampo estava associado a essas doenças que todo mundo tem na infância. Sarampo, rubéola, caxumba...

— Só um sarampo? Tem certeza?

— Não diga “só um sarampo”. É um vírus muito agressivo que já devastou populações e que, quando provoca a morte, produz sofrimentos assustadores. Quanto

ao fato de eu ter certeza... Eu diria que há noventa e cinco por cento de chances. Os sintomas se encaixam perfeitamente. Evidentemente, há a presença de sinais de Köplick, ainda que a erupção cutânea não seja muito flagrante, e os olhos lacrimejantes, muito escuros porque deviam estar avermelhados. Mas uma das características da doença é que ela provoca, nos casos mais graves, hemorragias internas, que levam o doente a perder sangue pelo nariz, pela boca e pelo ânus. Como é o caso, no filme. E, considerando a singular virulência da doença, posso garantir que essa população nunca havia enfrentado esse vírus anteriormente. O sistema imunitário deles foi absolutamente incapaz de reagir à agressão. Simplesmente não a reconheceu.

Ele encarou Sharko com um ar grave que ganhava, com seus olhos sombrios, uma impressão finesta.

— Você se lembra de nossa história sobre as vacas e os consumidores de leite. O princípio é sempre o mesmo. O vírus do sarampo, a varíola, a caxumba ou a difteria se incubam primeiro nos animais domésticos. Em seguida, eles sofrem mutações e adquirem a capacidade de infectar os humanos. Isso se revelou bastante vantajoso para eles, e assim foram favorecidos pela seleção natural. As altas densidades populacionais os beneficiaram, os propagaram no Novo e no Velho Mundo, e, ao mesmo tempo, desenvolveram obstáculos imunológicos para que não morressem sistematicamente. Os vírus e os humanos coabitaram, numa luta armamentista. Eles praticamente se autoalimentaram e atravessaram séculos e séculos juntos.

— O vírus que dizimou essa aldeia vinha, portanto, de um indivíduo “civilizado”.

— Não há dúvida quanto a isso. Hoje em dia, o homem é o único reservatório possível do sarampo. O vírus estava dentro dele, em seu organismo, como talvez esteja neste momento no de vocês. Simplesmente vocês não sabem, por conta da eficácia de seu sistema imunológico e das vacinas que devem ter tomado, que o tornam inofensivo.

Chénaix retirou o DVD do computador e o entregou ao comissário.

— Até onde eu sei nenhuma epidemia de sarampo tão virulenta e mortal assim jamais foi filmada. No começo dos anos 1960, era impossível encontrar sociedades, mesmo primitivas, em que os adultos carecessem de anticorpos a ponto de provocar um estrago desse tamanho. Portanto, é fácil tirar uma conclusão: antes da data desse filme, essa civilização nunca havia encontrado o homem moderno, visto que o sarampo, mesmo milênios antes, nunca a atingira. É provável que a pessoa que filmou esse documentário tenha sido o primeiro estrangeiro que essa civilização viu, por séculos. Trata-se de uma tribo extremamente isolada.

Finalmente, o legista se levantou, convidando os dois policiais a fazer o mesmo. Ele desligou o monitor.

— Pessoalmente, é tudo o que posso concluir.

— Já é bastante coisa. Você conhece Jean-Paul Lemoine, o especialista em biologia molecular no laboratório de polícia técnica de Paris?

— Eu o conheço muito bem, ele e sua equipe cuidam da maior parte das análises biológicas que enviamos daqui. Por sinal, são eles que analisarão o cérebro de Lambert.

Por quê?

Sharko abriu sua pasta e lhe entregou as três folhas de dados, elaborados por Daniel.

— Você pode lhe pedir para dar uma olhada nisso o mais rápido possível?

— Uma sequência de DNA? O que ela significa?

— É esta a questão.

O médico suspirou.

— Você está abusando da minha boa vontade, sabe disso?

— Mais uma vez, obrigado. E não esqueça...

— Não esqueci. Você nunca esteve aqui.

[A]ssim que saíram, os policiais inspiraram bem fundo, como depois de uma longa imersão no mar. Nunca o ruído de um carro passando a toda velocidade por eles lhes soara tão tranquilizador. Tudo parecia pesar sobre os ombros, até mesmo o ar. Sharko avançou para a beira do Sena e, com as mãos nos bolsos, observou as cintilações amareladas, que pareciam acenar para ele. Ao redor, Paris se aninhava sob sua espessa manta luminosa. No fundo de si mesmo, ele amava esta cidade tanto quanto a detestava.

Discretamente, Lucie parou a seu lado e perguntou:

— Em que você está pensando?

— Um monte de coisas. Mas, principalmente, nessas histórias de Evolução e de sobrevivência. Nesses genes que querem se propagar a todo custo, mesmo que às vezes precisem matar seus portadores.

— Como os machos do louva-a-deus.

— Os louva-a-deus, os zangões, os salmões. Mesmo os parasitas, os vírus, seguem essa lógica, eles nos colonizam para continuarem existindo, com toda a inteligência que lhes é característica. Eu estava pensando nessa história de corrida armamentista, sabe? Isso me lembra de um trecho do segundo volume de *Alice no país das maravilhas*. Você leu Lewis Carroll?

— Não, nunca. Infelizmente, minhas leituras eram um pouco mais sombrias.

Lucie aproximou-se ainda mais dele, os ombros quase se tocando. Sharko fixava o horizonte, as pupilas dilatadas. Sua voz, suave, límpida, contrastando com toda aquela violência que a cada minuto os esmagava um pouco mais.

— Em dado momento, Alice e a Rainha de Copas se lançam numa corrida enlouquecida. Então, Alice pergunta: “Mas, Rainha de Copas, é estranho, corremos tão rápido e a paisagem à nossa volta não muda?” E a rainha lhe responde: “Nós corremos para ficarmos no mesmo lugar.”

Ele deixou pairar o silêncio e depois olhou nos olhos de Lucie.

— Somos como qualquer outra espécie, qualquer outro organismo: fazemos tudo para sobreviver. Eu e você, o antílope na savana, o peixe no fundo do mar, o pobre, o rico, o negro, o branco, todos corremos para sobreviver, desde sempre. Não importam quais são os dramas que nos derrubam, levantamos novamente e recomeçamos a correr para alcançar essa paisagem que passa rápido demais. E quando, finalmente, recuperamos esse atraso, essa maldita paisagem acelera de novo, nos forçando a nos adaptarmos e corrermos ainda mais rápido. Se não conseguimos fazer isso, se nosso espírito não encontra recursos para continuar nos impulsionando, nossa corrida armamentista cessa e nós morremos, eliminados pela seleção natural. É simples assim.

Sua voz vibrava com tanta emoção que Lucie sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos. Pensou nos gêmeos de sua família. Naquela disputa desenfreada pela

sobrevivência, ela agira como os filhotes de tubarão, havia devorado a própria irmã gêmea no ventre materno, porque, talvez, só houvesse espaço para uma delas, a mais competitiva, neste mundo. Lembrou-se da irmã de sua própria mãe, morta por causa de uma granada, enquanto Marie Henebelle sobrevivera e tinha mesmo lhe dado a vida... Tantos e tantos mistérios, questões que provavelmente nunca encontrariam respostas.

Sem mais se fazer perguntas, dessa vez, Lucie acabou apertando seu corpo contra o dele.

— Nós passamos pelos mesmos sofrimentos, Franck. E ambos continuamos correndo. Mas, hoje, estamos correndo juntos. É o mais importante.

Ela se afastou um pouco. Sharko colheu com a ponta dos dedos a lágrima que ela não pôde reter e observou atentamente aquele pequeno diamante de água e sal. Ele tomou fôlego e, depois, disse simplesmente:

— Eu sei o que Éva foi buscar no Brasil, Lucie... Eu compreendi isso nos primeiros minutos do filme.

Lucie olhou para ele, perplexa.

— Mas por que você...

— Porque tenho medo, Lucie! Tenho medo do que nos espera no final do caminho, entende?

Ele deu-lhe as costas e se aproximou ainda mais da beira do rio, como se fosse saltar. Ficou olhando na direção da outra margem, por muito tempo, calado. Em seguida, inspirando com dificuldade, concluiu:

— E, no entanto... É para lá que sua mente a empurra, Lucie. Para que enfim descubra a verdade.

Ele pegou seu celular e digitou um número. Sharko limpou a garganta, antes de falar:

— Clémentine Jaspard? Aqui é o comissário Franck Sharko. Eu sei que é bem tarde, mas você me disse que eu poderia ligar a qualquer hora. Precisamos conversar.

[S]harko não pronunciara sequer uma palavra ao volante. Lucie o observava dirigir, via os músculos de seu pescoço e de seus maxilares tensos sob a pele. Ela sabia em que ele estava pensando. Nas respostas que viriam da boca da primatologista. Palavras que os lançariam, ambos, nos rastros de Éva Louts, longe, muito longe dali. Um lugar que Sharko temia.

Clémentine Jaspas morava a apenas alguns quilômetros do Centro de Primatologia, em uma casa na periferia de Meudon-la-Forêt. A residência não parecia muito grande, mas o terreno, completamente arborizado, devia ter alguns milhares de metros quadrados. Quase em todo canto, pequenas luminárias despejavam a energia acumulada durante o dia, criando agradáveis oásis azulados entre as árvores. Clémentine Jaspas tinha desejado sem dúvida recriar um ambiente que fizesse lembrar uma terra longínqua.

Vestida com uma túnica larga e bastante colorida, a primatologista os recebeu numa ampla varanda com móveis de madeira clara, suavemente iluminada. Quando se sentou, Lucie se surpreendeu ao ver um macaco abrir a porta da varanda e se aproximar dela.

— Oh, meu Deus!

Com suas mãos grandes e hábeis, Shery pegou um copo cheio de chá gelado sobre a mesa e aspirou o líquido ruidosamente com um canudo. Clémentine Jaspas olhou um pouco constrangida para Sharko, que assistia à cena com olhos de criança.

— Eu tinha fechado a porta, mas... Olhe, conto com sua discrição quanto à presença de Shery em minha casa. Eu sei que é proibido, mas, depois do que aconteceu, não posso deixá-la sozinha lá no Centro.

— Não se preocupe. Nós também contamos com seu silêncio quanto à nossa presença aqui. Digamos que estamos em missão oficiosa. A investigação judicial seguiu por um rumo diferente, mas nós dois estamos convencidos de que as repostas se encontram em outro lugar.

A cientista assentiu com um olhar cúmplice.

Depois de esvaziar seu copo em tempo recorde, Shery se dirigiu lentamente para o jardim, perto de uma luminária solar e ali se instalou, como um Buda em meditação. Ela encarava os visitantes com grande sabedoria em seus olhos.

— Amanhã vai chover — disse Jaspas. — Shery sempre faz isso na véspera de um dia chuvoso. Ela é o melhor barômetro.

— Minha filha iria adorá-la — comentou Lucie, com um sorriso.

— Shery adora crianças. Venha um dia com sua filha, elas poderão passar bons momentos juntas.

— Sêrio?

— Sêrio.

Clémentine Jaspas ofereceu chá gelado aos convidados. Lucie a observava se movendo, captando as trocas de olhares entre ela e seu animal. Dizia a si mesma que ninguém foi feito para viver sozinho neste planeta, as pessoas deviam sempre se agarrar a qualquer coisa: um amigo, um cão, um macaco, miniaturas de locomotivas... Ela provou sua bebida em silêncio, pensando em sua filhinha, que devia estar com saudades da mãe. Lucie se perguntou se havia falado pelo menos uma vez com ela ao telefone, depois de sair de seu apartamento em Lille. Sentia-se decepcionada consigo mesma.

A temperatura exterior ainda estava agradável, a brisa de fim de verão aliviava as pálpebras pesadas. A primatologista se informou sobre o desenvolvimento do inquirido. Sharko se apressou para colocá-la a par de tudo.

— O cerco está se fechando. Mas nós ainda vamos precisar de sua ajuda e de seus conselhos. Não queria falar sobre isso por telefone.

Ele se inclinou um pouco, as mãos abertas à frente.

— É o seguinte: agora, todos nós sabemos que Éva Louts pesquisava a violência no mundo e através dos tempos. Ela foi até uma das cidades mais perigosas do planeta para vasculhar arquivos criminais e encontrar assassinos canhotos que tivessem matado de modo hediondo. Investigou, com a ajuda de documentos e de fotos, os bárbaros, os povos que incessantemente causavam derramamento de sangue. Ela estudou todos esses casos extremos com um só objetivo: verificar a correlação entre lateralidade e violência.

Clémentine aquiesceu, intrigada com as explicações. Sharko prosseguiu, se espantando ele mesmo com sua competência em biologia evolutiva, já que até alguns dias antes não entendia nada do assunto.

— Você me disse anteriormente que, em nossos dias, ser canhoto não é mais uma vantagem para os indivíduos violentos, ou procedentes de um ambiente propício à violência, por causa da modernidade de nossa sociedade e das armas de fogo.

— Era esta a explicação proposta por Éva.

— ...E foi também uma imensa decepção para ela, quando constatou isso no México, você afirmou.

— Suponho que sim. Como todo pesquisador, ela devia sonhar com a concretização de suas hipóteses, por meio de uma observação direta de um número importante de canhotos. Constatar com os próprios olhos a prova formal, viva, de sua teoria, a fim de poder apresentá-la ao mundo. Infelizmente, esses criminosos mexicanos não eram mais canhotos do que você ou eu.

— Mas Éva nunca abandonou o combate. Ela fracassou no México, então foi investigar em outra parte. Na mata virgem da Amazônia...

Ele deixou o silêncio se espalhar pelo ambiente. As duas mulheres o encaravam com o olhar intenso.

— Assim que assisti a esta fita, compreendi que ela foi procurar na selva a violência em seu estado mais puro. Uma violência apartada de toda civilização, de toda influência humana. Uma violência ancestral, que continuaria a ser veiculada no coração de uma

tribo primitiva. Será que conseguiria agora encontrar esses benditos canhotos?

Lucie levou a mão à boca, como se a evidência se chocasse contra seu rosto também. Enquanto isso, Clémentine levava o copo de chá gelado à boca, refletindo, depois acabou assentindo com a cabeça, convicta. Seus olhos brilhavam.

— Seu raciocínio faz sentido, embora eu não aprecie muito a expressão “tribo primitiva”, já que elas evoluíram tanto quanto nós. As tribos indígenas não são “contaminadas” pelo mundo moderno, com suas fábricas, suas guerras, sua tecnologia. As árvores deles não escureceram por causa da poluição e, lá, a espécie de mariposas dominante é sem dúvida a branca. Qualquer etnologista lhe dirá: estudar essas tribos é uma maneira real de voltar no tempo, porque os genomas evoluíram de modo diferente, mais próximos dos primeiros *sapiens* do que os nossos. Eles, provavelmente, conservaram antigos genes pré-históricos, e não adquiriram outros.

Lucie e Sharko se entreolharam: os elementos se conectavam logicamente em suas mentes. Afinal, a investigação girava em torno de três pilares: primeiro, o Cro-Magnon; segundo, Carnot e Lambert. E, entre os dois, como um elo óbvio, a tribo indígena, verdadeira ligação entre a pré-história e o mundo moderno, uma transição humana entre o passado e o presente.

Com um gesto determinado, o comissário pegou o DVD e o pôs sobre a mesa.

— Aqui está, exatamente, o que estamos procurando: uma tribo amazônica que teria sido descoberta nos anos 1960. Alguns desses indivíduos foram dizimados por uma epidemia de sarampo. Trata-se de uma tribo que provavelmente combatia seus vizinhos com mãos nuas ou com armas brancas, a fim de sobreviver e conquistar territórios. Uma tribo que, no passado e talvez ainda em nossos dias, era considerada como das mais violentas, mais sanguinárias que já existiram na Amazônia, ou mesmo no mundo. Foi essa tribo que Éva Louts queria encontrar na América do Sul, em busca dos tais canhotos.

Ele lhe entregou o DVD e lhe explicou seu sórdido conteúdo, antes de concluir.

— Éva estava a par da existência dessa comunidade, sabia onde encontrá-la. Portanto, esse povo está forçosamente compilado. Você pode nos ajudar a identificá-lo rapidamente?

A cientista se levantou e foi apanhar algumas folhas e anotou as principais informações reveladas pelo comissário.

— Não conheço muito bem o assunto e não poderia responder. Mas tenho um amigo antropólogo. Entrarei em contato com ele amanhã bem cedo e ligo para vocês logo em seguida.

— Ótimo.

Os ex-policiais terminaram seus chás, ao mesmo tempo em que falavam sobre o caso e sobre o que Éva Louts poderia ter se tornado, em um mundo onde o crime não existisse.

Mas esse mundo ainda está longe de nós.

Finalmente, eles se levantaram e se despediram da anfitriã.

Quando alcançaram o jardim, Lucie olhou por um bom tempo para o grande macaco, a extrema sabedoria daquele animal que observava as estrelas como se procurasse vestígios dos seus. Ela disse a si mesma que nós, humanos, éramos únicos porque possuíamos características positivas que nenhum outro ser possuía, nem mesmo os macacos, mas únicos também pelos nossos comportamentos sinistros: genocídio, tortura, extermínio de outras espécies. Todo esse mal poderia compensar o bem do qual éramos capazes?

Antes de chegarem ao carro, ela pôs a mão sobre o ombro de Sharko.

— Obrigado por tudo o que você está fazendo.

Ele se virou para ela e esboçou um sorriso que logo sumiu.

— Eu não queria vir aqui, não queria contar minhas descobertas para você. Agora, a caixa de Pandora está aberta. Sei que seu corpo e sua mente vão levar você até lá, custe o que custar. Mas se você deve fazer isso, então vamos juntos. Vou acompanhá-la até o Brasil. Vou acompanhá-la até o fim do mundo.

Ela apertou seu corpo contra o dele.

Ele fechou os olhos quando ela o beijou na boca.

Suas sombras se estenderam então ao longo das árvores.

As sombras de dois amantes amaldiçoados.

[E]les tinham corrido para alcançar a paisagem.

Porque ambos queriam sobreviver.

E viver.

Viver além da morte que os havia separado.

Abraçados na cama, Lucie e Franck apreciaram cada segundo após o amor, pois logo o tempo se aceleraria novamente. Como em *Alice no país das maravilhas*, seria necessário então se levantar e correr, correr sem respirar, sem se virar. Talvez, correr para nunca mais parar.

Então eles aproveitavam os gestos delicados, se perdiam em seus olhares, sorriam, o tempo todo, como se quisessem proteger, naquele segmento da Evolução curto demais, a soma de tudo aquilo que tinham perdido. Um segundo não é nada na escala da humanidade. Mas cada segundo possui essa magia de ser único.

Por fim, as primeiras palavras saíram da boca de Lucie. Seu hálito era quente, seu corpo nu, ardente.

— Quero que a gente fique juntos desta vez. Não importa o que aconteça. Não quero mais ficar longe de você.

Sharko tinha os olhos fixos nos números do rádio relógio. Eram três e seis. Finalmente, ele empurrou-o até que aqueles números malditos saíssem de seu campo de visão e parassem de assombrá-lo todas as noites. Nunca mais três e dez, nunca mais berros dentro de sua cabeça. Era preciso apagar o passado. Tentar se reconstruir.

Com ela.

— Eu também quero. Era o meu desejo mais profundo, mas como poderia ainda acreditar que fosse possível?

— Você sempre acreditou. É por isso que guardou todas as minhas roupas no armário, protegidas por duas bolinhas de naftalina. Você se livrou dos trenzinhos, mas nunca de minhas roupas.

Ela afagou suas costelas proeminentes, seus quadris talhados por um desespero imenso. Depois, sua mão subiu carinhosamente até o peito dele, o queixo, a face.

— Sua concha está rachada. Vou ajudar você a reconstruí-la. Vamos ter tempo, nós dois.

— Eu estou devastado por fora, mas com você, é algo no interior. Eu também, Lucie, vou ajudá-la a se reconstruir...

Lucie suspirou, depois apoiou a orelha no peito de Sharko, na altura de seu coração partido.

— Sabe, quando eu segui o biólogo, em Lyon, e dei de cara com aquele rapaz me ameaçando com um pedaço de vidro, eu... eu quase o matei, porque ele riu da foto de minhas filhas. Eu pressionei o cano da arma na cabeça dele e estava prestes a apertar o gatilho. Pronta para abandonar Juliette e lhe meter uma bala na cabeça.

Sharko não se mexia, deixando-a falar.

— Acho que transferei para ele toda a violência que não pude expressar contra Carnot. Aquela pobre rapaz era como um catalisador, um para-raios. Aquela violência estava oculta dentro de mim, dentro dessa merda de cérebro reptiliano, do qual falou o legista. Todos nós temos isso dentro de nós, porque fomos caçadores como o Cro-Magnon. Essa história me fez entender que... que eu tinha no fundo de mim mesmos restos de... algo ancestral, de animal, provavelmente, talvez ainda mais do que qualquer outra mãe.

— Lucie...

— Dei à luz minhas filhas, as criei como pude, fiz como qualquer uma das espécies vivas: propaguei a vida. Mas não as amei como deveria ter feito. Eu devia ter ficado perto delas, o tempo todo. Nós não estamos aqui somente para fazer guerras, nos odiar uns aos outros ou perseguir assassinos. Estamos aqui também para amar... Quero amar Juliette agora. Quero abraçar minha filha e pensar no futuro, não mais no passado.

Sharko cerrou os maxilares, precisava controlar a emoção que o invadia. Lucie viu sua pele estremecer na altura das têmporas. Ele tentava falar, mas seus lábios mantinham-se definitivamente inertes. Lucie sentiu seu desconforto e lhe perguntou:

— O que eu acabo de dizer o perturba? Eu estou assustando você?

Um longo silêncio. Finalmente, Sharko balançou a cabeça.

— Eu gostaria de poder lhe falar uma coisa, mas não consigo. Não me pergunte mais nada, por favor. Diga apenas se seria capaz de viver com alguém que guarda seus segredos. Alguém que gostaria de deixar para trás tudo o que viveu, que gostaria de perceber, enfim, um raio de sol. Eu preciso saber. É importante para mim, para o futuro.

— Nós todos guardamos segredos. Posso aceitar sem o menor problema. Franck, eu queria lhe dizer, em relação ao nosso término violento, no ano passado... Eu não estava num estado normal. Minhas filhas tinham desaparecido e... Eu lamento tanto ter agido daquele jeito com você...

— Psiu...

Ele a beijou nos lábios. Depois se virou para o lado e apagou o abajur.

Quando colocou o rádio relógio no lugar, a tela indicava três e dezenove.

Ele fechou os olhos e, ainda que se sentisse bem, sereno, não conseguiu dormir.

Já podia sentir o sopro nauseante da selva batendo em seu rosto.

[L]ucie despertou com o cheiro de leite quente e croissants. Depois de se espreguiçar longamente, ela vestiu qualquer coisa e foi até a cozinha, onde Sharko a esperava, já pronto. Ele usava uma bela camisa branca sob o eterno paletó, e cheirava bem. Lucie o beijou nos lábios antes de se instalar diante do café que a aguardava.

— Faz muito tempo que não como um croissant — admitiu ela.

— Faz muito tempo que não saio para comprá-los...

Ela apreciava reencontrar aqueles gestos simples, partilhados, dos quais quase se esquecera. Ela mergulhou o croissant no leite, ao qual adicionara um pouco de chocolate. Quis consultar seu celular, mas a bateria tinha acabado. Notou que Sharko, ainda em pé diante dela, manipulava nervosamente o próprio celular. Ele se contentara com uma xícara de café e alguns biscoitos.

— O que é?

— Eu recorri a um colega da Divisão de Narcóticos para conseguir o endereço de um dos membros da família Lambert.

— E...?

— Tenho o endereço da irmã dele. Ela mora no quarto *arrondissement*. Liguei e foi o avô quem atendeu. Estão todos arrasados por lá, e o homem não queria falar comigo. Ele não entende por que os assediamos, nossos colegas já passaram por lá ontem e os Lambert estão precisando ficar em paz por algum tempo. Resumindo, ele me dispensou.

Lucie mordeu seu croissant.

— Tudo bem. Assim que acabar meu café da manhã, tomo um banho e depois nós seguimos para lá.

Uma dezena de pessoas com rostos tristes estava reunida dentro de um grande apartamento situado no quarto andar de um imóvel ao estilo Haussmann, perto da ilha de la Cité. Um lugar sofisticado, cujo aluguel deveria ser uma aberração. Lucie e Sharko tinham ficado no vão da porta, diante de um homem de seus sessenta e cinco ou setenta anos, bigode grisalho bem aparado, usando um terno preto e com uma fisionomia dura. Atrás dele, a família estava de luto, sob o choque da notícia, sem dúvida, incapaz de compreender a carnificina da casa de Fontainebleau. Os olhos vermelhos, inchados, se viraram para eles.

O senhor de bigode, que falara com Sharko ao telefone, não tardou a profereir hostilidades.

— Deixem-nos em paz! Policial ou não, não dá para perceber que vocês não têm

nada a fazer aqui?

Ele se preparava para fechar a porta, mas Lucie o impediu.

— Escute, senhor. Nós entendemos seu sofrimento, mas não temos muito tempo. Achamos que seu neto talvez não tenha sido totalmente responsável por seus atos, e queríamos conversar sobre isso com o senhor.

Lucie pesava as palavras. Ela se imaginou no lugar daquele homem, e a reação que teria tido, se tivessem vindo lhe anunciar que o assassino de Clara não era responsável pelo que fizera. Provavelmente ela teria estripado seu interlocutor. Por outro lado, ali, a situação era um pouco diferente: o assassino do filho era o próprio neto.

— Não tenha sido totalmente responsável? O que você quer dizer com isso?

Não era a voz do avô, mas de alguém atrás dele. Uma moça apareceu ao lado da porta. Devia ter uns vinte e poucos anos e parecia bastante fragilizada. Lucie notou sua barriga redonda e inflada, estava grávida, o bebê certamente nasceria em breve.

— Não se preocupe, Coralie — disse o senhor de bigode. — Eles já estavam de saída.

— Quero saber o que eles têm a dizer. Deixe comigo, vovô.

Cerrando os maxilares, o homem deu-lhe passagem e a moça precisou se apoiar na porta, meio titubeante. Seu avô a amparou e olhou friamente para os policiais.

— A criança deve nascer em menos de quinze dias, meu Deus! Vocês querem mesmo interrogá-la? Então, eu fico a seu lado. Tentem não traumatizá-la ainda mais com suas perguntas.

A mulher usava um colar de ouro com um crucifixo sobre a roupa escura. Ela limpou o nariz com um lenço e disse com a voz fraca, quase imperceptível.

— Félix é... Félix era meu irmão.

Lucie pôs uma das mãos sobre seu ombro e a conduziu até um local mais amplo, perto da escada, onde havia algumas cadeiras empilhadas. Sharko e o avô se mantiveram recuados. O homem idoso se apoiou na balaustrada, com a cabeça entre as mãos, suspirando profundamente. De seu lado, Sharko se deu conta de que aquele homem, em breve, seria bisavô, apesar de ter menos de setenta anos. Sem essa tragédia, ele teria deixado uma bela e grande família atrás dele.

Coralie Lambert afundou lentamente em uma cadeira. Ela manipulava o crucifixo com a ponta dos dedos, sem notar.

— Como... Como vocês podem dizer isso? Félix não foi responsável pelo que fez? Ele... ele matou meu pai e assassinou dois jovens a sangue-frio.

Sharko manteve-se afastado, deixando Lucie entrar em ação. Ele sentia que Coralie Lambert confiaria mais facilmente em outra mulher, capaz de partilhar seus sofrimentos. Por sua vez, Lucie estava ciente de que não deveria de modo algum falar da necropsia, nem de suas descobertas; tinha conversado sobre isso com Sharko, ao subirem. Falar demais poderia ser explosivo. O velho de bigode, que velava por sua neta, seria capaz de ligar para os investigadores, os médicos, e ela e Sharko seriam imediatamente descobertos. Era preciso que se mantivessem discretos, invisíveis.

— Por ora, é apenas uma hipótese — disse Lucie, a fim de não se comprometer. — Seu irmão parecia são, equilibrado. Jamais tinha tido problemas de violência. Realizar repentinamente atos de tal crueldade, que geram total incompreensão, pode às vezes ter uma causa psiquiátrica ou neurológica que vem de longe.

— Nunca tivemos esse tipo de pro...

Sharko interrompeu o avô, que já queria de meter.

— Por favor, fique calmo e deixe minha colega fazer seu trabalho.

O homem cerrou os lábios. Lucie prosseguiu:

— Temos que explorar todas as pistas. Pelo que você sabe, seu irmão apresentava algum problema de saúde?

Lucie avançava no escuro, não sabia nada da vida de Félix Lambert, mas esperava assim suscitar reações em sua interlocutora.

— Não. Félix e eu sempre nos entendemos muito bem. Moramos juntos até os dezoito anos. Sou um ano mais velha que ele e posso garantir que tivemos uma infância maravilhosa, sem qualquer tipo de preocupação.

Suas palavras se prolongavam em breves soluços.

— Félix sempre foi... perfeitamente equilibrado, o que aconteceu é incompreensível. Ele estava terminando seus estudos de arquitetura. Ele... tinha tantos projetos!

— Vocês costumavam se ver com frequência?

— Uma vez por mês, mais ou menos. É verdade que, nesses últimos tempos, eu não o vi muito. Ele vinha se sentindo... um pouco fora de forma e se queixava de cansaço, dores de cabeça.

Lucie se lembrava do estado de seu cérebro, uma verdadeira esponja. Poderia ser diferente?

— E ele morava com seus pais?

— A casa pertence a meu... pai. Ele é... era um homem de negócios que vinha muito pouco à França. Tinha voltado da China, onde ficou por quase um ano.

— E sua mãe?

De repente, Coralie Lambert acariciou seu ventre, com gestos breves e inconscientes. O ventre, o Cristo... O Cristo, o ventre... Lucie sabia que o futuro bebê e Deus iriam ajudá-la a atravessar aquela provação. Coralie falaria com eles, quando se sentisse mal, e um deles a escutaria mais que o outro.

Depois de um longo silêncio, ela olhou para o avô, perdida. Apesar das advertências de Sharko, o velho não pôde ser impedido de vir em seu auxílio:

— A mãe dela, minha filha, faleceu durante o parto.

Lucie se virou e se dirigiu até o homem, parecendo de repente em estado febril.

— Quando ela deu à luz seu neto, Félix, não foi?

O homem de bigode confirmou, comprimindo os lábios.

— É muito importante que nos conte o que souber sobre esse parto.

— Por quê? — perguntou o homem, secamente. — Qual é a relação? Minha filha

está morta há vinte e dois anos e...

— Por favor. Não podemos negligenciar pista alguma. As causas do ato de seu neto podem estar relacionadas ao seu nascimento.

— O que vocês querem que eu diga? Não há nada a contar. É um assunto muito pessoal, e... mas será que vocês conseguem perceber o que estamos vivendo neste momento?

Ele estendeu a mão na direção da neta.

— Vamos, agora. Entre...

Coralie não se mexia. A confusão era tão grande em sua cabeça que ela parecia desprovida do conjunto de suas capacidades de reflexão.

— Meu pai me falou muito sobre minha mãe... — murmurou, enfim. — Ele a amava profundamente.

Lucie se virou para ela.

— Estou ouvindo.

— Ele queria que ela continuasse existindo em nossa mente. Ele queria que... que nós compreendêssemos sua morte... Pelo que ele me contou, os médicos concluíram se tratar de uma pré-eclâmpsia gravíssima, que resultou em hemorragia interna irreparável. Minha mãe... perdeu todo o seu sangue na sala de parto e os médicos não puderam fazer nada.

Lucie custou a engolir sua saliva. Amanda Potier tinha morrido exatamente da mesma maneira.

— Você já ouviu falar no nome de Stéphane Terney?

— Não.

— Tem certeza? Ele era ginecologista obstetra.

— Certeza absoluta. Nunca ouvi falar.

— E o senhor? — perguntou Lucie ao avô

O homem balançou a cabeça e Lucie voltou-se para Coralie.

— Onde foi o parto de sua mãe?

— Numa clínica de Sydney.

— Sydney... Na Austrália, você quer dizer?

— Sim. Eu e meu irmão nascemos lá. Meu pai trabalhou em Sydney durante três anos, minha mãe o acompanhou. Depois da tragédia, ele voltou para a França e fomos morar na residência da família, em Fontainebleau.

Lucie se recompôs, passando nervosamente a mão sobre a boca.

— E... seu pai falou sobre algum problema que sua mãe poderia ter tido durante a gestação? Ela teve acompanhamento médico?

Coralie balançou a cabeça.

— Meu pai sempre me disse que mamãe praticamente não tomou nenhum comprimido na vida. Era uma mulher de saúde excelente, vovô pode confirmar isso. Ela era contra remédios e tudo o que é sintético, manipulado pela ciência. Ela queria um parto natural, dentro d'água, e recusava qualquer acompanhamento médico. Era

sua escolha de vida. Durante as duas gestações, ela não sabia se traria ao mundo um menino ou uma menina. A ciência, os progressos, nada disso lhe interessava. Ela acreditava na magia da procriação, do nascimento, ela sabia que tudo correria bem, porque era profundamente religiosa e tinha confiança em Deus...

Seu olhar se perdeu no vazio durante um bom tempo. Lucie não via outras perguntas a fazer, suas teorias desmoronavam. Se um dia Terney se aproximou de Félix Lambert, foi depois de seu nascimento, durante um exame rotineiro, para uma análise laboratorial ou de alguma outra maneira. Mas, certamente, não antes.

Coralie finalmente reagiu, ao sentir um leve chute no ventre. Ela tentou se levantar. O avô se apressou em ajudá-la.

— Está vendo, você precisa descansar. Vamos entrar, agora.

— Só uma última coisa — interveio Sharko. — Por acaso, alguém da família teria origens ameríndias? Da Venezuela, do Brasil, da Amazônia?

O avô fuzilou o policial com o olhar.

— E nós temos cara de ameríndios? Somos franceses há muitas gerações, ora veja! Pode ter certeza de que isso não vai ficar assim.

Rapidamente, Lucie anotou seu número de telefone em um cartão e conseguiu enfiá-lo no bolso do avô.

— Esperamos que não.

Sem responder, os dois Lambert voltaram para o apartamento. A porta se fechou lentamente atrás deles.

— As vidas se fazem e se desfazem — disse Lucie com pesar. — E Deus não tem nada a ver com isso. Deus tem uma fita adesiva na boca e as mãos atadas nas costas.

Sharko preferiu não dizer nada, Lucie estava com os nervos à flor da pele. Seu celular vibrou dentro do bolso e ele o pegou.

— Terney não manipulou o nascimento de Félix Lambert, como fez com Carnot. Não foi ele quem criou esse monstro.

— Aparentemente, o monstro se criou sozinho. E Terney simplesmente se contentou em identificá-lo para acrescentá-lo a sua lista.

Sharko mostrou a tela de seu celular para Lucie.

— É Clémentine Jasar.

O comissário se afastou no corredor, respondeu e voltou alguns minutos depois. Lucie o interrogou com o olhar e Sharko assentiu com a cabeça.

— Sim... O amigo antropólogo dela descobriu.

Lucie fechou os olhos, aliviada. Sharko prosseguiu:

— Ele quer nos encontrar por volta das onze horas em Vémars, um lugar a alguns quilômetros do aeroporto Charles de Gaulle. Vamos para lá.

[E]stava chuveando quando os dois policiais chegaram diante de uma casa recuada do vilarejo, perto de um silo de grãos. Sob um céu cinzento de nuvens lanosas, face a visão do horizonte de campos verdes e amarelos, a casa parecia um animal adormecido e ferido. O jardim estava descuidado, a tinta descascava das paredes em vários lugares, alguns vidros estavam quebrados.

Uma casa abandonada. Sharko e Lucie se entreolharam, surpresos.

O comissário estacionou seu carro no final de um caminho de terra, atrás de um velho Renault da década de 1980, como já não se via mais. Um homem veio ao encontro deles. Eles se apresentaram e apertaram as mãos.

O antropólogo Yves Lenoir, na faixa dos cinquenta anos, parecia ser um homem simples. Vestido com roupas um tanto fora de moda — calça de camurça marrom, suéter de lã vermelho, camisa quadriculada —, ele inspirava confiança com sua barba branca e esparsos cabelos grisalhos. Sob os traços espessos de suas sobrancelhas claras, brilhavam olhos de um tom de verde profundo, numa espécie de osnose com todas as selvas das quais havia provavelmente estudado as populações. Apoiado em uma bengala — ele mancava visivelmente da perna esquerda —, se aproximou do portão, que não estava trancado: bastava empurrar para que se abrisse.

— Clémentine me falou da importância desse caso para vocês. Eu preferi que nos encontrássemos aqui, onde Napoléon Chimaux viveu. Na verdade, essa casa pertencia ao pai dele.

— Napoléon Chimaux? Quem é ele?

— Um antropólogo. Com certeza, foi ele o autor do filme que vocês encontraram. Foi ele que descobriu a tribo do DVD.

Lucie cerrou os punhos. Só uma pergunta lhe interessava.

— Ele ainda está vivo?

— Até onde sei, está.

Eles entraram na residência por uma ampla porta lateral, que dava para um cômodo que devia ser a sala. Ali, os móveis estavam cobertos com lençóis, as poltronas, com os revestimentos rasgados e cobertos de poeira. A umidade tinha se apoderado do local, empenando a madeira. Não havia qualquer enfeite ou quadro. As gavetas e as portas dos móveis estavam todas escancaradas, revelando o interior vazio. A claridade diminuía, como se o dia tivesse resolvido chegar mais tarde ali do que em outros lugares.

— Todos os moradores desta região devem ter entrado nesta casa pelo menos uma vez. Por curiosidade. Vocês sabem como as pessoas são.

— Pelo visto, levaram tudo — replicou Sharko.

— É verdade...

Yves Lenoir aproximou-se de uma mesa em estado lamentável, assoprou a poeira e

colocou sua bengala em cima, assim como uma pasta marrom, de onde retirou o DVD.

— Para começar, eu gostaria, na medida do possível, de ficar com este precioso filme e apresentá-lo em vários conselhos e fundações de antropologia, principalmente nas venezuelanas e brasileiras.

Sharko compreendia agora a estratégia do sujeito. Ele oferecia uma visita guiada ao universo de Napoléon Chimaux, mas, em contrapartida, tinha suas pequenas exigências. O comissário decidiu entrar no jogo.

— Claro, poderá ficar com ele, quando chegar o momento. — Sharko notou um breve lampejo de alegria nos olhos de Lenoir. — Mas vou pedir para não falar sobre isso com ninguém, enquanto a investigação estiver sendo realizada.

O antropólogo concordou e colocou o DVD na mão estendida do comissário.

— É claro. Mas me permita insistir... Eu gostaria de saber como vocês conseguiram esse documento excepcional e de uma crueldade inimaginável. De onde vem? Quem deu esse filme para vocês?

Sharko encheu-se de uma paciência resignada e lhe explicou rapidamente as linhas gerais da investigação, enquanto Lucie andava pela sala. Lenoir nunca ouvira falar de Stéphane Terney, de Éva Louts e tampouco de Fênix.

— Nós gostaríamos de fazer algumas perguntas — interveio Lucie, se reaproximando dos dois homens. — Na verdade, para ser clara, gostaríamos de saber mais sobre Napoléon Chimaux e essa tribo.

Suas vozes ressoavam no interior da casa, enquanto, lá fora, a chuva crepitava cada vez mais forte sobre o telhado. Yves Lenoir contemplou o céu por alguns segundos.

— A tribo que vemos no filme é chamada ururu. Uma tribo amazônica que continua, até hoje, praticamente desconhecida.

Ele retirou um livro de sua pasta, assim como um mapa geográfico que imediatamente recolocou no lugar. O livro estava em mau estado, a capa, encarquilhada. Era um volume bem grosso. O autor era Napoléon Chimaux.

— Napoléon Chimaux... — murmurou Lenoir.

Ele pronunciou este nome como se dissesse uma blasfêmia. Depois, mostrou a fotocópia colorida de uma foto a Sharko.

— É uma das raras fotografias recentes que se tem dele. Foi tirada apressadamente com uma teleobjetiva há um ano, na selva. Chimaux é o antropólogo francês que descobriu os ururus, em 1964, em uma das regiões mais isoladas e inexploradas da Amazônia. Na época, durante a ditadura no Brasil, ele tinha apenas vinte e três anos. Ele seguia os passos de seu pai, Arthur, um dos maiores exploradores do século XX, mas também um dos menos recomendáveis. Sempre que retornava de uma expedição, Arthur vinha para Vémars. Apesar de todas as maravilhas que tinha visto, acho que ele gostava da simplicidade de um lugar como este.

Sharko observou a foto. Napoléon Chimaux não olhava para a câmera. Estava ao lado de um rio com suas roupas cáqui como as dos militares. Apesar de seus sessenta e tantos anos, o cabelo era intensamente negro, o rosto parecia liso e polido como aço.

Sharko não soube identificar exatamente o que o desagradava naquela foto. Chimaux, que hoje teria sessenta e nove anos, parecia dez anos mais jovem. Havia algo de sombrio em seu olhar que o comissário não conseguia definir.

Lenoir falava com uma espécie de compaixão, havia respeito em sua voz.

— ...Arthur Chimaux, o pai, conhecia bem a Amazônia. Foi um dos principais atores da cena política no Norte do Brasil e contava com forte apoio de parte dos exploradores dos garimpos de ouro e dos mais importantes opositores aos direitos dos índios. Arthur morreu dramaticamente em 1963, na Venezuela, um ano antes de seu filho descobrir os ururus. Deixou uma enorme herança.

Lenoir pegou o livro e o estendeu para o comissário.

— *Como eu descobri os ururus o povo feroz...* foi a única obra que Napoléon Chimaux escreveu sobre o tema, entre 1964 e 1965. Nela, ele fala de sua incrível expedição, de todas as vezes em que quase morreu, do horror quando do primeiro encontro com aqueles que ele qualifica como “o último grupo vivo originário da idade da pedra”. Ele mostra claramente esse povo como uma relíquia viva da cultura pré-histórica, um povo de uma violência espantosa. “Tenho diante de mim uma inacreditável representação daquilo com que podia se assemelhar à vida durante uma boa parte da Pré-história”, escreveu.

Lenoir dava a impressão de saber o livro de cor. Sharko folheou algumas páginas e parou na foto em preto e branco de um indígena, completamente nu. Um colosso de olhos belicosos, lábios carnudos, que encarava a objetiva como se fosse devorá-la.

— Os ururus têm a pele clara, olhos amendoados. Chimaux os chamava de “índios brancos”. Ele trouxe para a França, em 1965, fragmentos de esqueleto que sugeriam características “caucasoides”.

— Os ururus então são originários da Europa?

— Assim como todos os indígenas nativos da América. Eles descendem dos primeiros caçadores da era paleolítica, que passaram pelo estreito de Bering há pelo menos vinte e cinco mil anos. Os ururus seriam, contudo, a única tribo que permaneceu morfológica e culturalmente bem próxima do Cro-Magnon.

O comissário entregou o livro para Lucie. Em silêncio, seus olhares inquietos se encontraram, seguindo sempre o mesmo encadeamento incompreensível: Cro-Magnon, os ururus, Carnot e Lambert... Cro-Magnon, os ururus, Carnot e Lambert... A cadeia do tempo.

Apoiando-se em sua bengala, Lenoir começou a andar pela casa, na direção da escada, sem parar de falar.

— Em sua obra, Napoléon Chimaux não é gentil com os ururus. Ele os descreve como um povo sanguinário, uma horda de assassinos que vive travando guerras tribais. A maior parte dos indivíduos é jovem, forte, agressiva. Pratica ritos de imensa barbárie, culminando em uma morte abominável. Chimaux descreve com bastante ênfase a extrema violência deles, o método arcaico que usam para matar, e isso desde bem jovens. Se você reparar nessas fotos, verá que as ferramentas, as armas, são feitas de

madeira ou de pedra. Em 1965, eles não conheciam o metal.

Sharko, que continuava a folhear o livro, apontou o dedo para uma fotografia de quatro homens ururus, armados com machados.

— Venha ver, Lucie. Venha ver com que mão eles seguram o machado.

Lucie se aproximou e, antes mesmo de olhar, já sabia a resposta.

— Quatro guerreiros, três canhotos... Chimaux fala dessa particularidade no livro?

O antropólogo observou a foto, como se fosse a primeira vez que a visse.

— Canhotos? É mesmo, tem razão. Não, ele não fala sobre isso. Curioso que sejam assim tão numerosos.

Eles se dirigiram ao segundo andar, os degraus da escada estalando sob seus pés... A impressão de violar a intimidade de alguém... Lenoir acendeu uma lanterna portátil. Nas paredes, os jovens que tinham invadido a casa haviam deixado várias mensagens, do tipo “Marc + Caroline” dentro de um coração. Lucie não se sentia nada à vontade dentro daquela casa insalubre, silenciosa, sem vida. Eles entraram em um pequeno quarto, cuja janela dava para o campo. Havia um colchão no chão, ao lado de um estrado semidestruído.

— Foi aqui que Napoleón Chimaux cresceu, criado por sua mãe.

Ainda era possível perceber o revestimento de parede de um quarto de criança, os barquinhos e as palmeiras se repetindo regularmente. O gosto precoce por viagens.

— ...Em seu livro, Napoleón Chimaux cria um paralelo estreito entre a estrutura dos ururus e a de numerosos primatas. Como os grupos de babuínos, as aldeias se dividiam em duas, assim que superavam uma determinada dimensão. Segundo Chimaux, os “ferozes” se assemelhavam a esses macacos: primatas amazônicos cuja perfeita imoralidade faz do assassinato e dos ritos sanguinários ideais tribais.

No centro da sala, Lucie folheou o livro, parando a cada vez que achava uma foto. Os índios possuíam rostos assustadores, às vezes pintados. Lucie não conseguiu se impedir de pensar nos filmes de canibais que tinha visto quando era mais jovem, e sentiu um arrepio.

— Onde ele está? — perguntou ela. — Onde está Napoleón Chimaux atualmente?

— Já explico. Primeiro, deixe-me terminar o que estava contando. Entre 1964 e 1965, Napoleón correu o mundo para apresentar sua descoberta e escrever seu livro. Ele levava as fotografias e as ossadas para as universidades, os institutos de pesquisa. Inúmeros cientistas se mostraram interessados em suas descobertas.

— Cientistas? Por quê?

— Porque o “valor de mercado” de um grupo tribal é maior quando ele se encontra afastado ou isolado. Para os cientistas, biólogos, geneticistas, o sangue dessas tribos vale mais do que ouro. Esse sangue oriundo de outra era tem um caráter genético único, entende?

— Entendo perfeitamente.

— Mas, seja em seu livro ou em suas viagens, Napoleón jamais revelou o local onde

vivem os ururus na Amazônia, de tal forma que ninguém foi capaz de lhe “roubar” seu povo. Somente ele, e sua equipe expedicionária, marginais, garimpeiros que ele protege com muito zelo, são capazes de encontrar essas pistas... Em 1966, Chimaux desapareceu de repente da civilização. Segundo as pessoas daqui, ele voltava a esta casa muito raramente, e ficava por apenas alguns dias.

— Em 1966, justamente a data do filme — observou Lucie.

Yves Lenoir confirmou, com uma expressão grave.

— Sabemos que ele viveu por muitos anos em uma grande aldeia ururu, onde, ao que parece, reina como mestre sobre o povo. Vocês sabem, com o passar do tempo as terras virgens acabaram. Hoje em dia, não existe sequer um quilômetro quadrado deste planeta que não tenha sido explorado. Fotos de satélites, aviões, expedições cada vez mais espetaculares, equipados com meios sofisticados. O local onde vivem os ururus é conhecido geograficamente, se situa nas proximidades da parte alta do rio Negro, é possível alcançá-lo agora com relativa facilidade. Mas os ururus fazem parte das sessenta comunidades indígenas que não têm contato algum com o mundo exterior. Os aventureiros, por muito tempo, tiveram medo de tentar uma viagem, por causa da ferocidade desse povo, descrita no livro de Chimaux. Mas o gosto pela descoberta foi mais forte. As expedições se multiplicaram. Entretanto, aqueles que se arriscaram nessas regiões a fim de tentar estudar os ururus foram expulsos de forma resoluto, com uma mensagem no mínimo direta de Napoléon Chimaux: “Nunca mais voltem aqui.”

Cada uma de suas palavras foi lançada como uma flecha envenenada. O povo, a região que ele descrevia se assemelhava ao inferno. Entretanto, Lucie estava convencida de que Éva tinha conseguido se aproximar de Chimaux, e que estava se preparando para visitá-lo novamente.

Na intimidade daquele quarto, Lenoir bateu com sua bengala contra a parede, fazendo cair um pouco de gesso.

— Nós, antropólogos, sempre quisemos saber como Chimaux conseguiu se integrar tão bem a esse povo, se erguer ao topo de sua hierarquia e ali impor sua lei. Com este filme, tenho agora a resposta, razão pela qual este documentário é essencial. Não resta dúvida de que, em 1966, ele foi para lá carregando o vírus do sarampo em sua bagagem.

Instalou-se um silêncio que só a chuva e o vento conseguiram perturbar. Sharko se deu conta da crueldade e da loucura de Chimaux.

— Quer dizer... quer dizer que ele levou o vírus voluntariamente, em um frasco ou coisa parecida, com o objetivo de aniquilar os ururus?

— Exatamente. Os povos primitivos têm suas crenças, seus deuses, sua magia. Dispondo de uma arma de destruição como essa, o antropólogo se impôs como um ser capaz de aniquilar todos sem tocar em nada. Um deus, um bruxo, um demônio... A partir de então, os ururus devem ter começado a venerá-lo com a mesma intensidade com que o temiam.

— Isso é monstruoso — disse Lucie.

— É por essa razão que este documento deverá ser mostrado às fundações de antropologia. As pessoas precisam saber, para poderem reagir de forma adequada. Hoje em dia, nenhuma fundação, nenhuma ONG, sabe como integrar o destino dos ururus dentro do ambiente indígena amazônico. Todo mundo tem medo de chegar perto.

— Isso é certamente monstruoso, mas não explica o projeto Fênix n^o 1, anotado na lombada da fita de vídeo — ressaltou Sharko. — Não é só essa história de sarampo, esse plano sugere algo mais amplo, ainda mais monstruoso. A contaminação seria apenas o início de *alguma coisa*...

Lucie continuou a partir daí, em sintonia com o companheiro.

— Napoléon Chimaux foi visto várias vezes na França, em Vincennes, entre 1984 e 1985, acompanhado de outro homem. Eles estavam em contato com um obstetra, para o qual entregaram diversas fitas como esta. Isso quer dizer alguma coisa para você?

O antropólogo refletiu por alguns segundos.

— Chimaux saía frequentemente da selva. Foi visto no Brasil, na Venezuela, na Colômbia e, muitas vezes, aqui mesmo. Ele mantinha relações com a França, isso é certo. Em 1967, na Venezuela, foi interceptado com um carregamento de tubos de ensaio vindo justamente da França, que pretendia utilizar para coletar amostras de sangue dos ururus. Ele não tinha autorização de nenhuma comissão de vigilância científica, nenhum documento. Alegou que pretendia fazer uma coleta de sangue para ajudar *seus* índios, a fim de estudar as diferentes formas de malária que infestavam a região. Isso chamou atenção, mas Chimaux conseguiu se safar, com certeza, enfiando algum dinheiro nos bolsos certos, e também graças à aura que seu pai deixara naquele país.

Lucie andava de um lado para o outro, a mão pousada no queixo. A ruptura de Napoléon Chimaux com o mundo civilizado, em 1966, a fita de vídeo do mesmo ano, os tubos de ensaio em 1967... Na época, Stéphane Terney não podia estar envolvido, tinha vindo da Argélia alguns anos antes para se lançar em sua carreira de ginecologista obstetra. A que tráfico sinistro Napoléon teria se dedicado no coração da floresta amazônica? Quem o ajudara? Quem lhe fornecera o vírus do sarampo? E quem iria analisar o sangue dos ururus? Um cientista? Um biólogo? Um geneticista?

Tratava-se seguramente do segundo homem no hipódromo.

Três homens conheciam o segredo de Fênix.

Terney, o obstetra... Chimaux, o antropólogo... E o cientista desconhecido...

— Sabe-se com precisão de que laboratório francês vinham esses tubos de ensaio? — perguntou Lucie, nervosa.

— Até onde sei, um avião decolou da França com essa embalagem, porém, Chimaux não deu mais qualquer informação. Ele devia trabalhar com um laboratório, isso é certo. Mas sabia como proteger suas fontes.

Lucie se apoiou no beiral da janela. Lá fora, a chuva vinha açoitar a vidraça, como mãozinhas de crianças. Ela suspirou.

— Ele foi flagrado dessa vez, mas é óbvio que continuou com seu tráfico. O que ele

vinha fazer nesta casa?

— Também não sabemos. Mas, desde que tentaram matá-lo, ele desapareceu definitivamente na selva e nunca mais voltou.

— Tentaram matá-lo? Como foi isso?

— Saiu na primeira página de todos os jornais, foi em... 2004, se não me falha a memória. Eu fiquei bastante interessado nessa história, pois acompanhava a carreira de Chimaux. Napoléon recebeu uma facada bem aqui. — Ele apontou para a virilha. — Mas estava dormindo com uma prostituta naquela noite, que surpreendeu o assassino no momento em que ele atacou. Foi o que lhe salvou a vida. A artéria ilíaca foi ligeiramente atingida. O assassino fugiu e Chimaux teve uma sorte extraordinária de ter saído vivo.

Lucie e Sharko trocaram olhares significativos. A maneira de matar não deixava a menor dúvida: o homem que eliminara Terney cortando sua artéria ilíaca tinha tentado eliminar Chimaux quatro anos antes.

— E como ficou a investigação policial? — perguntou Lucie.

— Não deu em nada. Chimaux afirmou o tempo todo que se tratava de um roubo. Mas a verdade é que, assim que se recuperou, ele partiu para a selva, para juntar-se a seus “ferozes”, para sempre.

Por fim, Sharko quis lhe devolver o livro, mas ele recusou.

— Fique com ele, e com a foto de Chimaux. Podem me devolver tudo quando vierem entregar o DVD.

Ele deu de ombros, demonstrando certo despeito.

— Tudo isso é uma perda de tempo. Hoje em dia, é claro que os ururus estão cada vez mais contaminados pela civilização que, mesmo que ainda não os tenha de fato alcançado, se aproxima deles. Não são mais puros e sabem que o mundo existe em outro lugar. Descobriram a existência do metal, da tecnologia, viram aviões no céu. Guardando esse povo para si mesmo, Napoléon Chimaux privou o mundo de uma descoberta primordial, da verdadeira história desse povo e do que foi, talvez, a Pré-história... Em linhas gerais, é tudo o que posso dizer sobre ele.

Eles desceram a escada e chegaram à sala em silêncio, mentalmente esgotados. Aquela casa tinha abrigado uma criança como as outras, que cresceu e se tornou um monstro. A que sórdida empreitada ele se dedicara na tribo ururu? Que horrores continham as famosas fitas do projeto Fênix? Quantos litros de amostragens de sangue haviam transitado pela selva e, de avião, até a França? E com que objetivo?

Quando Yves Lenoir estava se preparando para sair, Lucie o interrompeu.

— Espere... Nós gostaríamos de ir até lá. Como foi que Éva Louts conseguiu? Diga como devemos proceder.

Ele arregalou os olhos.

— Ir até as terras dos ururus? Vocês dois?

— Nós dois — repetiu Sharko, num tom que não dava margem a qualquer comentário.

Após hesitar, o antropólogo foi até o centro da sala.

— Isso não é nada fácil, vocês sabem?

— Sabemos.

Ele pegou um mapa do Norte do Brasil e o abriu sobre a mesa. Lucie e Sharko se aproximaram.

— Ir ao Brasil não é problema. Não precisa de visto, basta um passaporte. As vacinas não são obrigatórias, mas recomendo que tomem uma contra a febre amarela e contra a malária. Se essa estudante foi encontrar os ururus, deve ter ido a oitocentos quilômetros da capital do estado, na direção da fronteira venezuelana. Certamente, pegou um avião de Manaus até São Gabriel da Cachoeira, a última cidade antes do nada. A partir do aeroporto Charles de Gaulle, há dois ou três voos semanais, um trajeto usado por turistas que vão fazer a caminhada rumo ao Pico da Neblina, a mais alta montanha brasileira.

— Parece que você conhece bem.

— Muitos antropólogos já foram até lá, onde se acham as maiores reservas indígenas. Alguns chegam a tentar alcançar os ururus, sem sucesso, é claro. Procurem uma agência de viagem para comprar suas passagens. Dessa forma, os trajetos serão organizados até São Gabriel e, principalmente, eles cuidarão das autorizações emitidas pela FUNAI. Os policiais e os militares que navegam por aquelas águas não são muito gentis, é melhor estar dentro da lei para atravessar os territórios indígenas ao longo do rio Negro. Quando chegarem lá, deixem o guia da agência e consigam outro, da região. Os habitantes estão acostumados com os estrangeiros, será fácil encontrar um.

Ele apontou com precisão o local em um mapa mais detalhado. Uma verdadeira terra de ninguém.

— Chegando lá, podem contar um dia de barco e mais uma caminhada para alcançar o território dos ururus. Os guias os conduzirão, se pagarem bem. Eu não diria que esses pedidos sejam frequentes, mas acontecem. Em todo caso, até onde sei, os resultados são sempre os mesmos: Chimaux e os ururus expulsam qualquer um que se aproxime de suas aldeias, e, às vezes, com trágicas consequências.

Lucie observou com atenção o mapa. Uma área verde e plana a perder de vista, montanhas, rios imensos rasgando a vegetação. Longe, muito longe de Juliette.

— Vamos tentar assim mesmo.

— Eu poderia acompanhar vocês, se minha perna não estivesse ferrada. Eu conheço bem a selva, não é uma floresta como as outras. É um mundo movediço, feito de falsas aparências e de ciladas, onde a morte nos espreita a cada passo. Não se esqueçam disso.

— É nosso dia a dia.

Eles se despediram, desejando boa sorte, depois se separaram sob a chuva e partiram em seus respectivos automóveis. Antes de ligar o carro, Sharko observou a foto de Napoléon Chimaux.

— Tentativa de assassinato em 2004...A época em que Stéphane Terney começou a redigir seu livro *A chave e o cadeado*, para esconder nele os códigos genéticos. Sem

dúvida alguma, ele ficou com medo e passou a se proteger. Esse cientista assassino devia terrorizá-lo.

— Após essa tentativa de assassinato, Chimaux alegou tratar-se de um ladrão, para se proteger também. Ele certamente conhecia a identidade do assassino. Mas se falasse...

— ...estaria queimado, por causa do Fênix. Tenho a impressão de que isso explica o papel de Éva Louts nisso tudo. Preso na selva, Chimaux serviu-se dela como de um batedor, ou um pombo correio. Ele a enviou para que viesse buscar alguma coisa para ele.

— Nomes, características e retratos de assassinos canhotos?

— Talvez, sim. Assassinos canhotos ultraviolentos, entre vinte e trinta anos.

Sharko ligou o carro.

— Tem uma última coisa que eu gostaria de verificar.

No setor dos animais do Centro de Primatologia, Sharko e Lucie seguiram Clémentine Jaspard em silêncio. A cientista se colocou diante de Shery e lhe mostrou a fotografia recente de Napoléon Chimaux. Com o auxílio de seus gestos na língua dos sinais, ela fez a seguinte pergunta: “Você conhecer homem?”

Como qualquer humano teria feito, Shery pegou a foto com suas grandes mãos, observou-a e sacudiu negativamente a cabeça. Não, ela nunca o vira.

Lucie olhou para Sharko, com um suspiro.

— Temos Terney, temos Chimaux. Só falta o terceiro homem: o cientista...

— ...Que elimina alegremente todos aqueles que se encontram em seu caminho. Um indivíduo extremamente perigoso, um animal acuado, disposto a tudo para sobreviver.

— E, considerando a situação, infelizmente só vejo uma maneira de podermos descobrir sua identidade.

— Pelos lábios do monstro: Napoléon Chimaux.

[A]partida para Manaus estava prevista para dois dias depois, domingo, ao meio-dia, o que dava a Lucie tempo para preparar a viagem e, sobretudo, passar alguns momentos com Juliette. Antes de partir de Paris, três horas antes, ela pegara emprestado o celular de Sharko — o dela estava descarregado —, a fim de avisar à mãe que estaria de volta por volta das quatro e meia da tarde.

Eram quinze para as cinco. Embora soubesse que estava bem atrasada para a saída da escola, ela estacionou no bulevar Vauban e correu até o estabelecimento de ensino. Mas os portões estavam fechados. Os pais e as crianças já haviam deixado o local para aproveitar o fim de semana. Diante dela, o pátio de recreio estava desesperadamente vazio. Mas isso não tinha importância. Lucie adorava aquela escola e seria capaz de passar horas ali, sozinha, com suas próprias recordações de criança. Ela contemplou a vasta área de cimento com alegria no olhar.

Apressada, voltou para seu apartamento. Pela primeira vez depois de muito tempo, sentiu-se feliz ao reencontrar as fachadas familiares, aqueles muros de tijolos, ao cumprimentar os estudantes que moravam na vizinhança. Será que aquilo se devia a Sharko, àquela noite de amor e suas confidências? Talvez por ela se sentir ainda capaz de amar, de dizer a si mesma que nem tudo estava perdido? Quando entrou, ela viu Marie Henebelle sentada no sofá, assistindo à televisão. Os brinquedos, as bonecas, os cadernos de exercício estavam ainda ali, espalhados pelo chão, aos pares. Lá dentro também, havia um odor de infância, risos, uma presença feliz.

Lucie afagou Klark, que a lambeu avidamente, depois ela se precipitou para beijar o rosto da mãe.

— Oi, mamãe.

— Oi, Lucie...

Elas trocaram um sorriso um tanto tenso.

— Já volto. Vou ver você sabe quem — disse Lucie.

Marie notou que ela levava um presente na mão. Tratava-se de um jogo de moda criativa. Empolgada, Lucie se dirigiu ao quarto da filha. Seu coração batia tão forte em seu peito... Ela abriu a porta. Juliette estava lá, sentada na cama, no meio de seus bichinhos de pelúcia. Com calma, ela brincava com algumas pequenas miçangas coloridas, transpassando-as delicadamente por um longo fio de náilon. Havia centenas no chão. Lucie sentiu seu coração soçobrar, quando a menina olhou para ela, abrindo seu belo sorriso.

Contentíssima, a garotinha pegou um colar e o colocou em volta do pescoço da mãe.

— Este é para você. Depois, vou fazer um para Clara.

Elas se abraçaram forte, os corações batendo ao mesmo tempo.

— Senti tantas saudades! — admitiu Lucie, com um suspiro.

Ela lhe entregou o presente.

— Com isso, você vai poder criar miniaturas de vestidos verdadeiros. Gostou?

Juliette assentiu.

— Clara também vai gostar. Vou esperar ela chegar para abrir.

— Tudo bem, meu amor.

Lucie percebeu, num canto, o celular que tinha comprado para a filha. Ela o pegou e olhou a tela.

— Você não ouviu as mensagens que eu enviei até agora? Mas, por quê?

Juliette, que continuava enfiando suas contas no fio, ergueu os ombros.

— A vovó não me ensinou a ver. Ela não quer ouvir falar disso, eu acho. Ela fica nervosa com essas coisas.

Lucie piscou para ela.

— Às vezes, sua avó é um pouco antiquada.

Elas trocaram carinhos e conversaram por um bom tempo. Falaram da escola, das novas colegas, das professoras. Juliette tinha tanto a contar que Lucie nem sequer percebeu quando sua mãe entrou no quarto, por trás dela.

Marie estava rígida, o olhar grave.

— Lamento interromper, mas um policial de Paris veio até aqui, hoje pela manhã. Você não acha que está na hora de começar a me dar algumas explicações?

Lucie se levantou, as sobrancelhas franzidas, e se dirigiu à Juliette:

— Volto já, querida. Você faz mais um colar para mim?

Depois de sair do quarto e fechar a porta, as duas mulheres retornaram à sala.

— Como assim, um policial? — perguntou ela em voz baixa. — Quem?

— Bertrand Manien, de Paris. Ele me fez um bocado de perguntas sobre Franck Sharko e você. Sobre o que aconteceu no ano passado.

Lucie se lembrava daquele nome. Sharko tinha falado dele.

— Manien é o ex-chefe de Franck Sharko. Por que veio até aqui?

— Não sei, ele não me disse nada. Só fez perguntas.

— E você contou tudo para ele? Sobre nossa relação e... o que aconteceu em seguida?

— O que você acha? Era um policial, e um desses metidos a durão. O mais curioso é que ele queria saber tudo sobre Clara e Juliette, e da relação delas com Sharko.

— As gêmeas? Mas isso não faz o menor sentido. Ele estava sozinho?

— Sozinho...

Marie franziu os lábios.

— Franck Sharko está fazendo parte de novo de sua vida, é isso? Como pode? Como isso é possível?

— É complicado.

— Você não percebeu que eu tinha o tempo todo para escutá-la? Você desaparece por quatro dias, volta, se fecha no quarto e não me diz nada?

— Eu também tenho o direito de ficar um pouco com minha filha, não tenho?

Lucie retirou suas coisas da bolsa de viagem, perturbada. Manien tinha vindo de

carro de Paris e entrara em sua casa. Estava sozinho... Portanto, era uma investigação paralela que fazia. O que estaria buscando? Por que esse interesse pelas gêmeas? O que Sharko estava lhe escondendo?

Um pouco desanimada, ela foi buscar uma Coca-Cola na geladeira. Conversaria sobre essa história com o comissário no avião. Por ora, certificou-se de que Juliette não estava por perto, desabou numa poltrona e contou tudo, em linhas gerais, para a mãe. Ela explicou a que ponto aquela investigação lhe era visceral e a consumia, de tal forma que se sentia agora obrigada a ir o mais longe possível. Marie escutava, todas as expressões possíveis se estampavam em seu rosto ao longo do relato. Várias vezes sentiu vontade de chorar, de gritar, de esbofetear a filha por sua falta de consciência, aquele combate cego que ela travava. Quando Lucie anunciou que partiria novamente dentro de dois dias, Marie sentiu que ia explodir.

— Para onde você vai, agora? — indagou ela, com um tom aborrecido. — Em que lugar maldito você vai se meter desta vez?

— Amazônia.

Marie se levantou com o rosto entre as mãos.

— Você está louca. Totalmente louca.

Lucie tentou tranquilizá-la como pôde.

— Não estarei sozinha. Franck vai me acompanhar e nós iremos com um grupo de turistas, um guia também. É um destino bem conhecido, sabia? Aliás, devo ter recebido as passagens pela internet. Franck é muito organizado. Estarei segura com ele. Aterrisaremos em Manaus, partiremos para encontrar um antropólogo e voltaremos. Só isso.

— Só isso? Você se dá conta do que está dizendo?

Lucie trincou os dentes.

— Claro que sim. Você pode gritar, ficar nervosa, mas nada vai me impedir de ir até lá.

Marie fixou seu olhar no de sua filha.

— Nem mesmo a menininha que está no quarto? Por ela você não ficaria?

Lucie baixou seus olhos tristes.

— Lamento, mamãe. Mas... Ainda vai ser preciso que você cuide de Juliette por alguns dias.

Marie suspirou entre seus dedos trêmulos. No limite de suas forças, ela se deixou submergir pela emoção. As lágrimas escorreram por seu rosto, e as palavras, as palavras secretas que por tanto tempo guardara no fundo do seu peito, pareceram sair sozinhas:

— Cuidar de Juliette? Você ainda não compreendeu que é de você que estou cuidando há um ano? Que estou protegendo você de si mesma?

Lucie olhou para ela, espantada.

— O que você quer dizer?

Marie calou-se por um momento, tentando se recompor.

— Estou dizendo que tudo está explodindo dentro de você, e não sei se isso é bom

ou não para você. Então, tudo bem, talvez você tenha que ir até lá, no outro extremo do mundo, para conseguir suas respostas. Talvez seja mesmo este o caminho de sua cura.

— Que cura?

Sem responder, Marie foi buscar a bolsa e os sapatos, que ela colocou ao lado da porta do apartamento. Em seguida, assoou o nariz com um lenço.

— Faça o que você precisa fazer. Vou pegar algumas coisas minhas que estão por aqui há algum tempo e voltar para casa. Voltarei antes de você partir, para me despedir e cuidar de... do seu cachorro.

No corredor, Marie reteve seus soluços. No quarto, apanhou sua pequena mala de rodinhas e enfiou em seu interior as roupas que estavam dentro do armário.

Lucie suspirou profundamente diante da porta fechada do quarto de Juliette. Aquele maldito celular estava tocando novamente. Provavelmente, a caixa postal tocasse indefinidamente, até que alguém decidisse atender.

Ela escancarou a porta do quarto.

Passando pela cama, pegou o telefone e apagou todas as mensagens sem escutá-las. Depois, guardou o jogo que estava no chão, perto de uma mochila da escola ainda dentro da embalagem e de uma série de objetos novos: uma caixa de miçangas, um patinete ainda embrulhado que fora comprado no Natal, um vestido dentro de um plástico com a etiqueta de preço.

Não havia criança alguma naquele quarto.

Nem no apartamento, tampouco.

[S]ábado à noite.

Sharko empurrou sua velha mala para um canto do quarto e se disse que tudo estava pronto para a aventura na Amazônia. Ainda se surpreendia de ter encontrado tão facilmente uma agência de viagens por meio de um site de “passagens de última hora”. Certamente, um sinal da crise. O planejamento oficial era fazer uma excursão a pé — considerada de dificuldade mediana — ao Pico da Neblina, chamada de “excursão às nuvens”. Seu interlocutor mal se informou sobre seu estado de saúde (felizmente) e lhe deu uma lista de material para levar na viagem. Sharko pagara os dez dias de excursão, taxas, alimentação e seguro-saúde para duas pessoas. Um dinheiro, em parte, gasto inutilmente, mas isso não importava.

Apesar do prazo apertado, ele tentara pensar em tudo. Remédios, diversos cremes, antissépticos, artigos de banho, botas de caminhada, calças grossas, mochila nova, lanterna, mosquiteiro... Sobre a mesa de cabeceira repousavam seu passaporte e sua passagem. Lucie devia ter recebido a dela por e-mail, com uma lista idêntica de itens a levar.

Na mensagem, ele acrescentou que pensava muito nela.

Ela respondeu que também pensava nele.

Eles marcaram de se encontrar no aeroporto Roissy-Charles-de-Gaulle às oito e meia, no dia seguinte, com decolagem prevista para as dez e meia da manhã. Um guia se encarregaria de levar o grupo até São Gabriel, os deixaria pernoitar em um hotel, antes de partirem pelas águas do rio Negro na direção das mais altas montanhas do Brasil. Exceto que, neste momento, Lucie e Sharko fingiriam ter decidido ficar na cidade, para em seguida procurarem outro guia que os levasse até o território dos ururus.

Apenas uma excursão em uma reserva natural gigantesca, suspirou o comissário.

Finalmente, ele foi se deitar, sabendo que o sono dificilmente viria. Todas aquelas trevas a seu redor. Estava morrendo de vontade de ligar para Lucie, escutar sua voz, lhe dizer o quanto já estava com saudades. Ele esperava o momento em que tudo aquilo estaria acabado, em que poderiam se reencontrar, em que ele cuidaria dela, enfim, protegendo-a das tempestades.

O momento em que poderia dormir, dormir, dormir.

Dois amantes amaldiçoados... pensava ele, trincando os dentes. Tinha se livrado de sua pequena Eugénie imaginária e, agora, Lucie a substituíra, como se o Mal transitasse de um ser ao outro, sem jamais se apagar. Sharko conhecia bem demais a silhueta infame daquela praga subterrânea. Eugénie permanecera dentro de sua própria cabeça por mais de três anos, resistindo a todos os ataques. No início, provavelmente disseram a Lucie que sua pequena Juliette não existia — ou não existia mais —, que não passava de um fruto de sua imaginação, mas isso não adiantara de nada: seu espírito obstruía tudo,

ela criara sua própria realidade e rejeitava tudo que viesse contrariá-la, por meio de crises, denegação e recusa. Então, as pessoas próximas — sua mãe — haviam provavelmente resolvido fazer seu jogo, esperando e temendo o momento em que Lucie seria de novo confrontada com a verdade.

Na realidade, Clara e Juliette estavam mortas, por causa do ato insano de Carnot.

Mas na mente de Lucie, uma delas ainda estava viva.

Desde o começo, Sharko sabia exatamente o que havia acontecido, naquela noite de fim de agosto de 2009, sete dias após a descoberta do corpo de Clara na floresta. A investigação estava quase concluída. Graças a verificações meticulosas, testemunhos e retratos falados, a polícia estava a ponto de prender Carnot. Apesar de seu sofrimento infernal, Lucie tinha acompanhado o caso, tendo se integrado às equipes. Na noite em que a prisão foi efetuada, ela havia subido ao segundo andar com as forças policiais, seguindo na direção da luzinha acesa no quarto. Descobriu então o corpo carbonizado no chão — o de Juliette — e desabou, só acordando dois dias depois em um hospital. Sua mente tinha se espatifado. Amnésia parcial devido ao choque psíquico, entre outros males... Na cabeça de Lucie, Juliette tinha então voltado, progressivamente, nos dias que se seguiram à tragédia.

Juliette tinha se tornado uma alucinação. Um pequeno fantasma, que só Lucie conseguia ver em certos momentos, quando sua mente queria se recordar. No quarto da criança, perto da escola, em passeios a seu lado.

Era sua imaginação, nada mais...

Sozinho em sua grande cama, encolhido sob os cobertores, o policial sentiu um frio imenso. Lucie, aquela investigação, seus próprios demônios... Na noite anterior, ele lera o livro de Napoléon Chimaux, descobrindo por si mesmo a violência dos ururus, seus ritos selvagens, inumanos, mas também aquela ambição misturada à crueldade do jovem antropólogo. Esta é uma de suas descrições:

“O chefe organizou um ataque para raptar as mulheres de uma tribo longínqua. Eles foram até o lugar e propuseram aos indígenas ensinar-lhes a rezar, com o auxílio de gestos e gritos. Os homens se ajoelharam, a cabeça inclinada para a frente, e eles cortaram seus pescoços com machados de pedra talhada, pegaram as mulheres e fugiram.”

Qual seria a situação hoje em dia? Como essa tribo teria evoluído, em quarenta anos, ao lado do explorador francês? As pesquisas no Google não haviam dado em nada. Os ururus, assim como o chefe branco, continuavam misteriosos, inabordáveis, sujeitos a todas as lendas e interrogações. Ele voltou a dizer a si mesmo que tentar entrar em contato com eles talvez fosse uma loucura.

Mas já tinham arrancado tudo dele. Dele e de Lucie.

Ou melhor, não havia mais nada a arrancar.

Nas neblinas de suas reflexões, na fronteira do sono, o comissário não conseguia se impedir de pensar em um filme de Francis Ford Coppola, *Apocalypse Now*: aquele

mergulho viscoso nas entranhas da loucura humana, que se expande à medida que os heróis penetram na selva. Ele imaginou Chimaux como uma espécie de coronel Kurtz, coberto de sangue e de tripas, urrando para o céu e escravizando uma horda de bárbaros. Ele ouviu distintamente essa palavra repetida por uma voz assustadora e assombrada, bem no final do filme: *O horror, o horror.*

O horror...

Depois de algum tempo, as imagens e os sons se mesclaram em sua cabeça. Sentiu-se incapaz de dizer se estava sonhando, dormindo ou despertando. Mas, de um modo ou de outro, foi tomado por um sobressalto ao escutar golpes surdos em sua porta. Semiconsciente, ele olhou para o despertador. Eram exatamente seis horas da manhã. Nem seis e um nem cinco e cinquenta e nove. Não, seis horas. Sharko sentiu então um nó na garganta. Aquela hora tinha um significado bem particular para qualquer policial.

Então, ele entendeu.

Levantou-se, enfiou apressadamente uma calça e uma camiseta. Escondeu seu passaporte e a passagem de avião sob o travesseiro, guardou a mala dentro de um armário e se encaminhou, calmamente, até a porta.

Ao abri-la, nenhuma palavra. Dois vultos sombrios se precipitaram sobre ele e o imobilizaram contra a parede. Com gestos precisos, violentos, juntaram suas mãos nas costas e as algemaram. Colocaram diante de seus olhos o mandato de prisão temporária, assinado pelo procurador.

Depois o levaram, enquanto o dia nascia.

[T]erminal 2F do aeroporto Charles de Gaulle... Milhares de elétrons gravitando em torno de átomos de aço. Litros de estresse, milhões de neurônios interconectados, uma visão compactada sobre o mundo por intermédio de telas eletrônicas gigantes: Bangkok, Los Angeles, Pequim, Moscou...

Em meio àquela tempestade de indiferença, Lucie olhava nervosamente para seu relógio, diante dos balcões de check-in de bagagens. Estava cercada de aventureiros de todos os tipos, a maioria jovem, em casal ou solteiros, carente de sensações. Vinte e duas pessoas — incluindo ela e Sharko — partindo em uma expedição de dez dias ao coração da selva, todos sob a responsabilidade de Maxime, o guia da excursão. Algumas pessoas já tinham tentado puxar assunto, abordá-la, mas Lucie certamente não estava no mesmo clima.

Ela tomou seu lugar na fila, pois o avião partiria em menos de uma hora e quinze minutos, conforme insistia exageradamente Maxime. Por onde andava Franck Sharko? Impossível contatá-lo e ele não havia dado qualquer notícia. Será que seu telefone estava com problema? Ele estaria preso no trânsito? Lucie disse a si mesma que ele acabaria aparecendo. Assim, quando chegou sua vez, pôs a bagagem sobre a balança, confiante. A funcionária da empresa verificou a passagem, o passaporte, prendeu uma etiqueta em sua grande mochila de trilha novinha e apertou um botão. Seus pertences desapareceram atrás de uma cortina de borracha, em direção ao controle e em seguida ao porão do avião.

Lucie se afastou do grupo, agitada, nervosa, preferindo se manter afastada. Mais tarde, ouviu a chamada: o voo para Manaus estava confirmado no horário, os passageiros deveriam se dirigir à sala de embarque. Lucie esmagou com a mão seu copo descartável de café e, depois de alguma hesitação, foi até um caixa eletrônico. Ela sacou o máximo autorizado pelo cartão, ou seja, dois mil e quinhentos euros. A conta estava no vermelho, azar. Ela passou nervosamente pelo controle de segurança. O tempo todo, virando-se para trás, procurando com os olhos, esticando o pescoço. Esperava que finalmente alguém lhe fizesse sinal, ou chamasse seu nome no meio da multidão. Depois de permanecer um instante atrás das cabines de controle policial, seguiu os retardatários até a sala de embarque, onde funcionárias prosseguiam com o controle de acesso à aeronave, que já havia começado. Seu grupo de aventureiros, outros turistas de todas as idades, brasileiros que voltavam para casa... Lucie pensou mais uma vez em deixar tudo de lado e voltar atrás.

Carregada pelo fluxo de pessoas, ela se aproximou da tripulação. Depois, esperou até o último instante para, finalmente, entregar seu cartão de embarque.

Houve duas chamadas: *O passageiro Franck Sharko deve se apresentar o mais rápido possível na sala de embarque, portão 43.* Lucie se surpreendeu ainda esperando, tentou até telefonar pela última vez antes de ser obrigada a desligar o celular.

Em seguida, a porta do avião se fechou.

Vinte minutos mais tarde, o Airbus A330 decolava da pista do aeroporto parisiense. Um rapaz de seus vinte e cinco anos, que lembrava o personagem Tintim, aproveitou o lugar vazio para se instalar ao lado de Lucie. Um solteiro pegajoso, que começou a falar de caminhadas selvagens e materiais de acampamento. Ela se livrou dele educadamente.

Com a testa colada à janela, esbravejou em silêncio, dizendo a si mesma que nunca mais teria sossego na vida.

Como Éva Louts, ela partia ao encontro dos selvagens, mas com uma pergunta na ponta da língua: o que teria acontecido a Franck Sharko para que perdesse o compromisso mais importante de toda sua vida?

[A]s “salas de interrogatório”, no 36 Quai d’Orfèvres, nada têm a ver com a ideia que as pessoas fazem delas. Não há espelho falso, equipamentos sofisticados, detectores de mentira. Nada disso, somente um escritório risível, sob a mansarda, com um teto que parecia a ponto de desabar e os arquivos criminais empilhados dentro de armários esmagados sob o próprio peso.

Sharko estava sozinho, sentado em uma cadeira de madeira simples, punhos algemados, diante de uma parede com um calendário e uma luminária sobre a mesa. Manien e Leblond o tinham deixado esperando por várias horas, trancado ali como um leão na jaula. Era domingo. Os corredores estavam vazios e Manien escolhera uma sala no andar administrativo, no andar de baixo da Divisão de Homicídios, garantindo assim que ninguém viesse incomodar. Nada de água, café ou telefone. Os safados não respeitavam regulamento algum. Queriam deixá-lo com os nervos à flor da pele, em tensão máxima e, principalmente, que interrogasse a si mesmo. Técnica de policial, que forçava o suspeito a se fazer um bocado de perguntas e começar a ter dúvidas.

O comissário não aguentava mais. Era quase meio-dia. Seis horas algemado, a bunda na cadeira, dentro daquela sala sufocante que exalava rancor. Ele pensava em Lucie e isso o roía por dentro. Ela provavelmente teria ligado para seu celular, várias vezes, ao mesmo tempo inquieta e impaciente. E, depois, teria embarcado para Manaus, não havia a menor dúvida.

Tinha partido sozinha, rumo às trevas, sem nada compreender.

Esta era a única coisa que o estava deixando maluco.

Os dois safados entraram de novo na sala, cigarros nos lábios. Regularmente, eles entravam e saíam, sem dizer nada, só para mostrar que controlavam a situação. Desta vez, Manien trazia uma pasta espessa sob o braço. Ele colocou um CD sobre a mesa e perguntou:

- Você já discutiu com Frédéric Hurault no hospital Salpêtrière?
- Discussão nunca foi motivo para assassinar alguém.
- Responda somente à minha pergunta.
- Algumas vezes.

Manien se foi novamente, conversando em voz baixa com o colega. Iam deixá-lo mofoando, aproveitando as vinte e quatro horas de detenção provisória para deixá-lo exausto. Muita gente, quando encurralada nessas salas, às vezes confessava crimes que nunca tinha cometido. Privava-se um viciado de sua heroína, um alcoólatra de sua bebida, uma mãe de seu filho. Ameaçavam, intimidavam, levavam ao esgotamento total. Existia em cada ser humano uma barreira psicológica que podia ser rompida à força de ameaças, intimidações, humilhações.

Sozinho, Sharko olhou para o CD sobre a mesa. O que haveria nele? Por que aquela pergunta sobre o hospital Salpêtrière? Por que o procurador da República

autorizara sua prisão temporária? Mais de uma hora depois, os dois homens voltaram com outras perguntas e saíram. Agressão psicológica.

Mais uma visita. Desta vez, Manien se instalou à frente de Sharko, do outro lado da mesa, enquanto Leblond se mantinha ao lado da porta fechada, com os braços cruzados. O imbecil brincava com um elástico.

Manien acionou o gravador e depois apontou para o CD.

— Temos a prova de que você matou Frédéric Hurault.

Sharko não estremeceu. Qualquer policial, qualquer psiquiatra teria dito a mesma coisa: para sobreviver a um interrogatório, é preciso negar, negar sempre, pesando suas palavras. Não responder, por exemplo: “Que prova?”

— Eu não o matei.

Manien abriu sua grande pasta, tomando cuidado para que Sharko não visse seu interior. O comissário apontou o queixo na direção da pasta.

— O que tem aí dentro? Uma resma de papel em branco?

Manien pegou uma foto e a empurrou diante do comissário.

— São virgens, mas não são papéis. Dê uma olhada.

Sharko hesitou. Ele podia se recusar a colaborar, resistir, mas acabou cedendo. Com toda certeza, desde o começo da detenção, Manien lhe propunha um duelo. Ambos conheciam as regras, ambos sabiam que ao cabo de vinte e quatro horas só um deles sairia vitorioso.

Quando viu as fotografias, uma golfada violenta de angústia lhe subiu à cabeça e seu rosto se contorceu. Sentiu uma só vontade: berrar. Não foi capaz de conter um estremecimento.

— Pelo visto, desta vez você está reagindo — perguntou o interrogador.

Sharko cerrou os punhos nas costas.

— Porra, você está me mostrando os cadáveres de duas meninas dentro de uma banheira!

Manien soltou uma baforada, como se para se encobrir de uma aura maléfica.

— Você se lembra da primeira vez que falamos sobre Frédéric Hurault, em minha sala? Foi segunda-feira passada.

— Eu sei que foi segunda-feira passada.

— Por que você não me disse que as filhas dele eram gêmeas?

Sharko se recordava perfeitamente da visão apocalíptica, naquela remota manhã de domingo de 2001. Os pequenos corpos nus, rigorosamente idênticos, a cabeça enfiada dentro da banheira. Ele tentou manter o sangue frio, ainda que presentisse que seus nervos podiam se romper a qualquer momento. Manien encontrara o ponto fraco, a rótula avariada sobre a qual ele faria pressão, até arrebentar os ligamentos. Sharko disse a si mesmo que, agora, era preciso resistir. Apenas resistir.

— Por que eu falaria sobre isso? É importante? Você acha mesmo que isso vai ajudar você a pegar seu assassino? Não acredito que ainda esteja tão longe de elucidar esse caso.

Manien endireitou a foto e a colocou bem na frente de Sharko, intensificando seu suplício.

— Olhe bem para elas. Duas lindas gêmeas louras de apenas dez anos. O pai delas enfiou as duas cabecinhas dentro d'água ao mesmo tempo. Imagina só a cena... Isso não lhe faz lembrar de nada?

Sharko sentia a tempestade rugir dentro de sua cabeça, mas manteve o silêncio. Palavras e frases soando em seus ouvidos. *Temos a prova de que você matou Frédéric Hurault.*

Manien expôs calmamente suas conclusões:

— Vamos voltar no tempo. Agosto de 2009. Você flerta com uma colega de Lille, Lucie Henebelle, um mulherão, bem gostosa, aliás, parabéns.

— Vá se foder.

— Ela é mãe de duas gêmeas de oito anos. As duas foram raptadas perto da praia, enquanto você conversava tranquilamente com a mãe delas.

Ele entrecortava suas frases com silêncios demorados, observando a menor alteração no rosto de seu suspeito.

— Nós encontramos o primeiro corpo cinco dias depois, no bosque, carbonizado... Nem a própria mãe é capaz de reconhecê-lo. E o segundo, encontrado após sete dias, tendo sofrido o mesmo destino, na casa de Grégory Carnot. Oito anos depois de Hurault, você está aqui novamente, confrontado a um crime de gêmeas. Só que agora está bem envolvido. É incrível como o destino é tenaz.

Sharko tinha se isolado mentalmente. Seu corpo parecia de mármore, mas por dentro fervia. Como Manien havia conseguido todos aqueles detalhes sobre sua vida privada? Até que ponto tinha violado sua intimidade?

— ...A partir de então, foi a derrocada para você. Saída de Nanterre e retorno à Divisão de Homicídios, meu território. Você se torna um verdadeiro detrito humano, não se recupera e passa a recolher a merda das ruas, porque é tudo o que lhe resta. Henebelle não o perdoa. De algum modo, você roubou suas filhas. E não tem como devolvê-las...

Sharko não podia mais responder. Dizer o quê? Fazer o quê? Ele se contentou em encarar Manien com repulsa. Este lançou outra baforada em sua direção. Seu rosto estava sombrio, impassível.

— Às vezes, para devolver algo a alguém, somos obrigados a tomar de outra pessoa. Foi o que você fez, você tirou uma vida. Uma vida que merecia queimar no inferno. Uma vida que lhe pareceu equivalente à de Grégory Carnot. Aplicou a lei de talião. Olho por olho, dente por dente.

Sharko suspirou e se levantou. Deu alguns passos, alongou o pescoço. Depois, parou diante do réptil silencioso e o olhou dentro dos olhos.

— Como está arriscado nós ficarmos aqui por um bom tempo, não dá para tirar essas algemas?

— Pode tirar — ordenou Manien a seu subordinado. — Ele conhece o

regulamento.

Leblond obedeceu. Sharko se esforçou para sorrir.

— Você é muito gentil. E se pudesse apanhar um pouco d'água e um café também...

“Melhor não abusar” foram as únicas palavras antes de o policial se retirar. Manien também se levantou. Ele se dirigiu até a janela de vidro gradeada e, com as mãos nas costas, observou os telhados da cidade, antes de retomar a palavra.

— Essa história de sobranceiras e de DNA na roupa de Hurault me perturbou por um bom tempo. Um policial como você que iria se transformar em assassino não poderia deixar um fio de cabelo na cena do crime. Você teria colocado uma touca ninja, uma máscara, você teria tomado todas as precauções necessárias.

— Então você tem todas as respostas. É melhor começar a procurar outra pessoa.

— A menos que tenha feito de propósito.

Ele se virou bruscamente, sondando profundamente o olhar de Sharko.

— Você matou, você é policial, alguma coisa no fundo de você mesmo, algo de inconsciente, murmurou em seu ouvido que você precisava pagar essa dívida. Deixar uma prova de sua passagem, era como... a absolvição de um crime. Dizer a si mesmo que, se não o pegassem, então não era de fato sua culpa. Mas não queria que fosse muito fácil. É por esta razão que você contaminou a cena do crime no dia da descoberta do cadáver. Considerando a localização do homicídio, você sabia que o pessoal do 36 interviria, e você queria semear confusão. Complicar nosso trabalho, plantando essa ambiguidade sobre o DNA: você o deixou lá na hora do crime ou no momento em que o cadáver foi descoberto?

— É uma teoria interessante, mas não sou tão masoquista assim. Quem ia querer terminar seus dias na prisão?

Manien esboçou um sorriso. Depois, dirigiu-se até a mesa e pegou o Smith & Wesson de Sharko, embalado e descarregado, e o balançou à sua frente.

— E por isso, esta arma... Com apenas uma bala no tambor.

Sharko sentiu vontade de destruir o nariz dele com uma cabeçada. Manien prosseguiu:

— ...Você a comprou em março do ano passado, em um armeiro do sexto *arrondissement*, segundo suas operações bancárias. Você elimina Hurault e, se a justiça for feita e descobrirem, você se mata. Porque, afinal de contas, você quer morrer, mas não tem colhão para fazê-lo sem motivo. Para isso, é preciso que você seja encurralado, como um animal selvagem. De maneira que não haja outra solução.

— Você está delirando.

— Só que Henebelle volta à sua vida. E isso muda tudo, porque você decidiu não mais morrer. Agora, só tem uma ideia na cabeça: se safar.

Sharko encolheu os ombros.

— Quanto ao Smith & Wesson, eu estava pensando em me matricular em um clube de tiro. Pode verificar. Essa bala no tambor vem de uma caixa de cartuchos que você também deve ter encontrado em meu armário. Eu não o descarreguei, e daí? Às vezes

a gente se esquece, não é? Sua explicação é comovente, mas não se sustenta em nenhum tribunal. Vocês não têm nada contra mim, nenhuma prova material, nenhuma testemunha. Estão com as mãos vazias, e é por essa razão que estão agindo de forma tão estabanada. Ficam nessa de intimidar, correndo o risco de mandar para o espaço a própria carreira. É extremamente delicado atacar um policial do 36...

Sharko voltou a sentar-se na cadeira.

— É você ou eu. O procurador deve ter dito isso, não disse?

— Não interessa o que o procurador disse.

— Se não conseguirem nada, amanhã, às seis horas em ponto, vou poder destruir a carreira dos dois.

Manien trincou os dentes.

— Você terá esse poder, sim.

O chefe da equipe pegou os copos descartáveis bruscamente nas mãos de Leblond, que retornava, e os colocou com violência sobre a mesa. Metade da água derramou nas pernas do comissário. Manien pegou a pasta e se precipitou em direção à porta.

— Só que, esse poder, você não vai exercer. Porque a prova está neste CD. E para mostrar que não estamos em pânico e que temos certeza de nosso caso, só voltaremos bem mais tarde esta noite, para o golpe de misericórdia. Enquanto isso, você vai ficar assando lentamente em fogo brando.

[A]eroporto Eduardo Gomes. Segunda-feira, cinco e meia da tarde, hora local.

Manaus, ou a terra do suor sem fim. Uma cidade esmagada pela umidade do calor equatorial. O termômetro não baixa jamais, nem mesmo à noite. Assim que passou pelas portas automáticas, a transpiração inundou seu corpo. A selva respirava, as águas do rio Negro saturavam a atmosfera e impregnavam os pulmões. A floresta amazônica, embora invisível, anunciava suas cores.

Depois de passar em uma casa de câmbio, Lucie e o grupo guiado por Maxime pegaram um micro-ônibus para o terminal de voos domésticos. Dois quilômetros de asfalto. Torres de concreto distantes, grandes artérias, fábricas. Cartazes publicitários em português entre as palmeiras e o mangue. Nenhum vestígio da floresta, a civilização *sapiens* cavava, devorava, estendendo seu território, como um ávido formigueiro.

Maxime distribuiu garrafas de água, lanches, tudo acompanhado de explicações turísticas nas quais Lucie não estava nem um pouco interessada. Manaus, antiga cidade da borracha... Mansões coloniais construídas com materiais franceses etc. Seu celular foi habilitado para uma rede brasileira de telefonia, e ela tentava desesperadamente ligar para Sharko. Deviam ser por volta de dez horas da noite na França. Nenhuma mensagem, ainda, nenhuma notícia. Ela estava angustiada, arrependida de ter ido até ali, a treze horas de avião de sua casa. Ao redor, as pessoas estavam alegres, encantadas, animadas. Com tristeza, ela observava um casal de sexagenários que também tinha embarcado naquela aventura. Estavam de mãos dadas e trocavam olhares afetuosos. Tinham tanto a partilhar, ainda estavam se descobrindo, depois de tantos anos, inventando desafios, porque, talvez, o grande infortúnio os tivesse poupado. Movida pela cólera, pela inveja ou simplesmente para provar que existia, Lucie escreveu uma mensagem de celular para a mãe e para Juliette.

Uma única empresa aérea ligava a capital a São Gabriel da Cachoeira. Às seis e trinta e dois, o grupo decolava a bordo de um pequeno avião da Embraer. A paisagem era de tirar o fôlego, a abundância se manifestava com vaidade. Lucie viu com os próprios olhos a formação do rio Amazonas, resultado da confluência das águas escuras do rio Negro com as amareladas do rio Solimões. Em certos trechos, a largura atingia quase quarenta quilômetros. Algumas aldeias esparsas assinalavam os últimos vestígios de civilização. Lentamente, o sol vinha morrer no horizonte de esmeralda, rachado de estrias líquidas, lodaçais obscuros e pântanos secretos. Chagas sombrias se abriam, montanhas rompiam a vegetação. Lucie imaginou a misteriosa vida que fervilhava lá embaixo, milhões de espécies vegetais e animais, perpetuando seus genes dentro da sufocante atmosfera tropical. Os ururus eram uma dessas espécies. Predadores das trevas que haviam atravessado séculos, transportando em si uma violência pré-histórica.

Ela cochilou e sacudiu a cabeça quando o trem de pouso tocou a pista, duas horas mais tarde. Uma salva de palmas soou no momento em que o motor parou de roncar. O

aeroporto se resumia a duas pistas, cercas de arame farpado ao redor e um prédio grande e em mau estado. Ali, nada de esteira rolante, as bagagens eram colocadas diretamente na pista. Um cheiro de asfalto quente e das águas do rio, aquela mistura particular de lama e madeira morta. Na alfândega, verificação dos documentos. Uma presença esmagadora de agentes da polícia militar. Olhares severos, inquisidores. Segundo Maxime, resquícios dos anos sombrios em que as companhias mineradoras caçavam e massacravam os indígenas por causa do ouro, do chumbo e do tungstênio daquelas regiões do alto rio Negro. Hoje, esses policiais eram homens da floresta, que navegavam em canoas e perseguiram os saqueadores: traficantes de madeira nobre, plantas medicinais, animais. Sem falar nas drogas. As fronteiras com a Colômbia e com a Venezuela ficavam a menos de duzentos quilômetros, e também as FARC, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. Pela primeira vez, Lucie ficou feliz por se encontrar na companhia daquele grupo. Ela não falava uma única palavra em português — não era uma língua que se aprendia no Norte da França — e queria evitar qualquer transtorno.

Assim que saíram do aeroporto, algumas pessoas se lançaram sobre eles. Ofereciam-lhes fotos com um bicho-preguiça nos braços, com uma cobra em volta do pescoço ou pegando um filhote de jacaré no colo. Alguns entregavam prospectos em inglês: passeio de barco no rio Negro, visita às reservas indígenas, excursão na selva. Comerciantes ambulantes e dezenas de guias se precipitavam ao redor do grupo...

Lucie achou que talvez pudesse acelerar as coisas. No tumulto, ela se afastou voluntariamente dos turistas, pegou na bolsa uma fotografia de Éva Louts, que tinha ampliado antes de viajar, e se deixou cercar pela população local.

— Quem a conhece? — perguntou ela em inglês. — Quem a conhece?

A foto passou de mão em mão, sendo amassada, por vezes desaparecendo até que um homem de barba preta, o rosto devastado e escuro, se aproximou dela. *Uma mistura de branco e índio*, imaginou Lucie. Um homem com cerca de quarenta anos lhe respondeu em inglês.

— Eu conheço.

Mais atrás, Maxime fazia o possível para reunir os viajantes no estacionamento, perto de um micro-ônibus. Lucie encarou seu interlocutor e se afastou com ele.

— Eu quero ir ao mesmo lugar em que ela foi... É possível?

— Tudo é sempre possível. Por que os urutus?

Ele sabia dos urutus, portanto havia de fato acompanhado Éva Louts até lá. Sua voz era grave. A camisa do homem estava encharcada e parcialmente aberta, exibindo os pelos negros de seu peito. *A imagem de um sujeito malandro*, pensou Lucie, mas não havia realmente escolha.

— Para encontrar Napoléon Chimaux, como ela fez. Quanto é?

O homem fingiu pensar. Lucie o observou atentamente. Ele era grande, forte, repleto de cicatrizes pelo corpo. Suas mãos eram enormes.

— Quatro mil reais. Inclui a tripulação, o barco, o material, a comida. Eu cuido de

tudo e levo você até lá.

Ele dissera isso em francês, com um forte sotaque sul-americano, é verdade, mas compreensível. Lucie não procurou negociar o preço. Essa quantia correspondia ao que Éva Louts sacara no caixa eletrônico.

— Tudo bem.

Eles apertaram as mãos.

— Você está hospedada no King Lodge? — perguntou ele.

— Estou.

O homem devolveu-lhe a foto.

— Amanhã cedo, às cinco horas. Assim, chegaremos ao final do rio perto do fim do dia. Passaremos a noite lá, antes da caminhada do dia seguinte. Você vai me pagar tudo de uma vez. Não esqueça sua autorização da FUNAI e traga um pouco de dinheiro para o percurso no rio.

— Diga uma coisa. Como transcorreu a viagem com Éva Louts? O que ela foi procurar?

— Amanhã. Aliás, eu me chamo Pedro Possuelo.

Ele desapareceu no meio da multidão, com a mesma discrição com que surgira. Uma sombra entre as sombras...

A partir de São Gabriel, o trajeto em si já era uma excursão. Eles tomaram um micro-ônibus com a porta enguiçada e em péssimo estado. Mesmo com a claridade da lua cheia, Lucie não conseguiu perceber muita coisa da cidade, mas pôde presumir a miséria. Muros de cimento parcialmente desabados, telhados de zinco, calçadas poeirentas sob lâmpadas nuas. Aquelas pessoas nem sequer dispunham de uma estrada para sair da região; a selva os cercava, os sufocava. Maxime, cujo rosto começava a demonstrar cansaço, ainda assim deu algumas explicações, desempenhando seu papel com perfeição: depois da ocupação pelos carmelitas, até início do século XX, as cascatas ao longo do rio haviam transformado São Gabriel em uma cidade de guarnição militar. Os grandes barcos de carga, provenientes de Manaus, não podiam ir mais longe dentro da selva, por causa das correntezas. Os indígenas, por sua vez, vinham pelo outro lado, em canoas ligeiras, para vender e comprar mercadorias, fazendo do local um ponto de comércio de bens e de experiências. A população atual — menos de vinte mil habitantes — era, por sinal, composta basicamente de nativos, vindos da floresta, agricultores, comerciantes, artesãos, que conservavam laços com suas regiões de origem.

São Gabriel não era apenas uma cidade dentro da floresta, onde se encontravam algumas ONGs, posto da FUNAI, do IBAMA ou da FUNASA. Ela era também uma cidade florestal.

Os viajantes foram conduzidos até o King Lodge, um pequeno hotel na beira da

mata. A decoração era em cores vivas, os ventiladores, enormes e havia palmeiras no saguão. Maxime reuniu o grupo, pegou as autorizações da FUNAI com um de seus colegas, que já o esperava por lá. Depois, distribuiu um papel com o nome de cada um, em que explicava o programa do dia seguinte: saída às dez horas em barco a motor com destino a um acampamento a cem quilômetros dali, a jusante, pernoite em uma rede no meio da selva, com refeição típica.

Depois de dar as últimas instruções, ele se despediu de todos, lhes deixando tempo livre, finalmente.

Exausta, Lucie foi até seu quarto no andar térreo e ligou o ventilador. Ficou um tempo olhando para o celular. Não havia mais sinal, tinham chegado aos limites do mundo civilizado. Com um suspiro, ela decidiu tomar um longo e interminável banho. Sentia necessidade de se livrar daquela umidade obscena, refrescar o espírito e regenerar o corpo.

Vestiu um short, uma camiseta, calçou seus chinelos de borracha e foi até o saguão do hotel, onde, ao chegar, notara uma cabine telefônica. Um homem lia um jornal sentado em um banco, rapazes bebiam no balcão do bar, o casal de sexagenários saía para a cidade de braços dados. Ela tentou pela última vez ligar para Sharko. Deviam ser quase três da manhã na França. Caiu na caixa postal. Sem muita esperança, deixou o número de telefone do hotel e desligou.

Quando foi se deitar, ela se surpreendeu ao ver que não havia mosquito, mas se recordou do que dissera Maxime: as águas ácidas do rio Negro afastam os insetos. Ainda assim, notou uma enorme borboleta no vidro da janela. Ao abri-la para liberar o inseto, Lucie contemplou a noite. Um negror sem fim num céu puro, um punhado de vagalumes, estalos, piôs, uivos. Lucie pensou nos macacos da fita de vídeo, os macacos-pregos-de-cara-branca. Talvez estivessem ali, bem perto, talvez a vigiassem. Ao redor, as árvores estremeciam, os galhos vibravam, e Lucie esperava ver surgirem dezenas de animais misteriosos.

Pouco antes de fechar a janela, ela notou uma leve claridade no meio da escuridão. Algo circular, cintilante.

Parecia o reflexo da lua cheia sobre...

As lentes de um binóculo.

Lucie engoliu em seco. Será que estava enganada? Sua imaginação estava lhe pergando uma peça, por conta do cansaço? Não... Um vulto sombrio olhava em sua direção, à beira da mata, a trinta metros dali.

Seu coração batia com toda força. Ela tentou controlar as emoções, fechou a janela, mas não a trancou. Fechando as cortinas, apagou a luz e voltou imediatamente até a janela para espiar discretamente por uma brecha. Ela olhou para aquele vazio. Sem a menor dúvida, havia alguém perto das árvores. Parecia se mexer, mas sem se aproximar.

A sombra aguardava.

Aguardava que Lucie adormecesse.

Em pânico com essa ideia, ela começou a examinar o quarto. O luar se infiltrava por cima da cortina e pelas laterais. Pôde notar um abajur, um vaso com flores tropicais... Puxou com toda a força um cabideiro aparafusado na parede e conseguiu arrancá-lo. Agora, tinha nas mãos um pedaço de madeira de cerca de quarenta centímetros, com os ganchos de ferro. Rapidamente, ela arrumou a coberta e os travesseiros sob o lençol, improvisando a forma de um corpo.

Depois, foi se esconder no banheiro, que ficava entre a cama e a janela.

Quem saberia que ela estava ali? Quem a vigiava? Seria um nativo? Índios? Militares? A foto de Éva Louts que circulara na saída do aeroporto teria caído em mãos erradas? Será que ela tinha mexido em casa de marimbondo? Aquela cidade era bem pequena, as novidades deviam se espalhar rapidamente.

Lucie pensava nos assassinatos de Éva e de Terney. Na tentativa de assassinato de Chimaux. O tempo parecia não passar. O ventilador roncava, revolvendo um ar úmido, insalubre. Lucie escutava a própria respiração, como a de um animal acuado. Era loucura ficar ali, em vez ir até a recepção, pedir ajuda.

Mas ela queria saber.

De repente, um ruído na janela: a maçaneta sendo girada. Depois, um corpo pesado se deslocando pelo tapete. Lucie prendeu a respiração, escutando o leve sibilar de uma tampa sendo aberta. Sabia que o indivíduo estava bem próximo, do outro lado da parede. Ele certamente estaria de costas. Ela segurou com firmeza sua arma, empunhou-a sobre a cabeça e entrou no quarto.

Lucie golpeou no momento em que a sombra, agora perto da cama, se virou em sua direção. A madeira atingiu o crânio, e os ganchos acertaram o rosto. O ferro penetrou na carne da bochecha como uma faca na manteiga. Lucie teve tempo de ver o rosto curtido, o uniforme, o quepe verde: um militar. O homem gemeu e, um pouco tonto, fez um largo gesto com o braço à frente e o punho cerrado. Lucie recebeu um baque na têmpora e foi lançada contra a parede. A madeira tremeu, o vaso de plantas se partiu. Um barulho infernal. Mal ela teve tempo de recuperar os sentidos e viu a silhueta pular pela janela. Ainda tentou se lançar à perseguição, mas uma enorme sombra atravessou seu campo de visão e a imobilizou.

Uma aranha.

O bicho estava na beira de sua cama, equilibrando-se para não cair. Parecia olhar para ela, explorando a textura do lençol com suas longas patas. Era preta e tinha uma cruz vermelha sobre seu abdômen.

Lucie recuou, arrastando-se com auxílio dos braços, um grito contido entre os lábios. Depois, ela se virou parcialmente e saiu correndo para o corredor do hotel, onde encontrou seus dois jovens vizinhos, que vinham saber o que estava acontecendo, inquietos com o barulho.

Emocionada, ela desabou em seus braços.

[Q]uai d’Orfèvres, 36... segunda-feira, três horas da manhã.

A voz rouca do fumante Manien.

— A gravação que está neste CD, à sua frente, vem do hospital Salpêtrière, serviço de psiquiatria. Data de 14 de março de 2007 e nos foi entregue pelo Dr. Faivre, o psiquiatra de Frédéric Hurault. Você conhece o Dr. Faivre?

Sharko franziu os olhos. Na minúscula sala, a luz forte demais da lâmpada agredia suas retinas. As sombras haviam baixado sobre a pilha de arquivos e as estantes, afogando tudo em uma escuridão tenaz. Manien o pressionava havia vinte minutos. Durante o dia, ele lhe trouxera sanduíches, café e água, mas continuou se recusando a deixá-lo fazer uma ligação.

Leblond não estava na sala, mas devia estar por perto. De vez em quando, era possível ouvir seus passos no corredor.

— Eu conheço o Dr. Faivre de nome — respondeu Sharko.

— Um sujeito simpático, com uma memória excelente. Eu lhe fiz algumas perguntas. Pelo que ele me contou, você e Hurault se viam de vez em quando, já que você estava sendo atendido na sala ao lado. Está lembrado agora?

— Vagamente. E daí?

Manien manipulava o CD.

— Você sabia que havia câmeras de vigilância na psiquiatria?

— Como em todo lugar, eu suponho.

— Principalmente no saguão e diante do hospital, onde os pacientes podem sair para fumar um cigarrinho e conversar um pouco. Lá onde você costumava beber café, esperando a hora da consulta... Eles arquivam tudo, por razões de segurança e em caso de problemas posteriores. Chegam a guardar as gravações por mais de cinco anos. Cinco anos, imagine só! Compreensível, afinal de contas, quando se trata de malucos...

Sharko tinha a impressão de estar em uma ladeira escorregadia. Se aquele interrogatório estivesse ligado a um aparelho para medir a tensão, eles teriam percebido que, apesar de sua segurança, seu nível de ansiedade chegara ao máximo, e seu corpo havia começado a suar anormalmente. Seu dia e sua noite tinham sido infernais. Desta vez, ele não respondeu nada. Manien sentiu que começava a ganhar e prosseguiu:

— Você pode imaginar que encontramos várias gravações em que você e Hurault estavam juntos e conversavam, copos de café na mão. Essas pesquisas me devoraram nesses dois últimos dias. Horas e horas assistindo às imagens, vendo débeis mentais passeando de pijama.

— E daí?

— E daí? E daí eu me perguntei: o que um assassino de crianças, julgado irresponsável, tendo sido condenado a “somente” nove anos de internação em um

hospital psiquiátrico poderia contar para o policial que o prendeu?

— Certamente, coisas do tipo: “Como vai sua esquizofrenia? Ainda está ouvindo vozes?” O papo banal de dois doidos juntos. Como você vai querer que eu me lembre?

Manien girou o CD entre os dedos. Um raio de luz dançava na superfície, como um farol sinistro.

— O vídeo que está neste CD não tem som, mas podemos ver claramente os lábios de vocês dois. Conseguimos reconstituir o diálogo, graças a um especialista em leitura labial. Sabe, o que é, não sabe?

Manien se divertiu com o olhar repentinamente intrigado de Sharko. Ele se levantou com um movimento brusco e exibiu uma expressão satisfeita.

— Pois é, comissário. A gente ferrou você, encontramos uma gravação.

Silêncio. Manien foi mais fundo:

— Nesse dia, Hurault disse para você que ele havia enrolado todo mundo. Os policiais, os juízes e os jurados. Ele confessou que estava plenamente consciente de seu ato, quando tirou a vida das meninas. E é por esse motivo que, três anos depois, você enfiou várias vezes uma chave de fenda na barriga dele. Você o fez pagar por isso.

Desorientado, Sharko se inclinou para pegar o copo d’água. Seus dedos tremiam, seus olhos ardiam. Todo seu organismo se contorcia. Ele bebeu devagar, ingerindo cada gole, gelado como as grades de uma prisão. É claro, ele podia pedir para assistir ao CD, mas, se o fizesse, não estaria entrando no jogo deles e se afundando ainda mais? O que dissera, como reagira, tudo estava gravado e tudo seria usado contra ele agora...

Sharko examinou Manien, hesitando por um bom tempo. Seu olhar se orientou então para o calendário na parede.

Ele segurou as palavras que se preparavam para sair de sua garganta.

Recuando em sua cadeira, fez um cálculo mental.

Em seguida, colocou as duas mãos sobre o rosto.

— Você está blefando. Pelo amor de Deus, todo este interrogatório não serve para nada!

Por uma fração de segundo, Manien sentiu-se perturbado. Sharko estava contente agora. Ele tomou o tempo que quis para se recompor, antes de perguntar:

— Essa gravação data de quando, você disse agora há pouco?

— Do dia 14 de março de 2007... Mas...

Manien se virou para o calendário, atrás dele, sem entender imediatamente. Quando se voltou para Sharko, o comissário estava em pé, os dois punhos fechados sobre a mesa.

— Faz três anos. Se meus cálculos estão certos, deve ter sido... uma quarta-feira. Nunca, jamais, isso poderia ter acontecido em uma quarta-feira. Esses encontros eram sempre às segundas ou às sextas-feiras, quando havia dois por semana. Mas, na quarta-feira, nunca. Sabe por quê? Porque minha mulher e minha filha foram mortas em uma quarta-feira, e é nesse dia que vou até o cemitério. Ir até o hospital em uma quarta-

feira para tirar da cabeça a menina que lembrava minha filha era simples e puramente inconcebível. A doença me impedia, entende?

Sharko soltou um risinho.

— Você quis me derrubar com detalhes, fornecendo datas e locais e me fazendo acreditar que tinha algo contra mim. Excesso de detalhes matam os detalhes. Você se enrolou na própria armadilha... Você não tem vídeo nenhum de mim e Hurault. Você fez apenas uma... suposição.

Sharko deu alguns passos para trás. Ele mal conseguia ficar em pé.

— São três horas da manhã. Faz vinte e uma horas que estou detido aqui. Acabou o combate. Acho que podemos parar agora, não acha?

Manien olhou para o teto, com uma expressão ressentida. Ele pegou o CD e o jogou no lixo. Em seguida, interrompeu a gravação, com um suspiro, antes de começar a rir descontroladamente.

— Porra... Filho da puta...

Ele se levantou e, com um gesto brusco, pôs a mão no calendário.

— Não se pode culpar alguém por ter estacionado seu carro na garagem subterrânea. Hein, Sharko?

— É, isso não é possível...

— Há só mais uma coisa que eu gostaria de saber. Aqui entre nós, como você conseguiu atrair Hurault para o bosque de Vincennes sem deixar pista? Sem sequer uma ligação telefônica, sem o ter encontrado e sem testemunha? Porra, como você fez isso?

Sharko deu de ombros.

— Como você quer que haja alguma pista, se eu não o matei?

No momento de sair, Manien o interpelou mais uma vez.

— Vá em paz. Vou abandonar o caso, Sharko. O dossiê vai ser arquivado, vai se acumular junto aos outros.

— Eu devo lhe agradecer?

— Não se esqueça do que eu disse antes: ninguém sabe de nada. O procurador agiu sigilosamente, assim como eu. Nós não queremos levantar poeira.

— O que você quer dizer com isso?

— Se você me ferrar com o que se passou aqui, pode ter certeza de que isso vai explodir na sua própria cara. E, francamente, Sharko, só entre nós dois: você agiu bem matando esse safado.

Sharko voltou ao interior da sala, apanhou sua arma no saco plástico e estendeu a mão para Manien, que a apertou com um sorriso. Sharko a agarrou, puxou o capitão da polícia em sua direção, dando uma cabeçada bem no meio do nariz.

O estalo foi à altura do choque: colossal.

[A]ssim que entrou em seu apartamento, Sharko pegou o celular e ouviu as mensagens. Havia seis. Lucie, no aeroporto Charles de Gaulle. Lucie em Manaus. Lucie em São Gabriel. Sua voz cada vez mais nervosa, desesperada, distante. Depois da sexta mensagem, ele ligou imediatamente para o número do hotel que ela havia deixado, o King Lodge. Funcionários de operadoras de chamadas internacionais, uma espera interminável. Cinco minutos depois, finalmente conseguiram se falar. Sharko sentiu o coração apertado. A voz de Lucie estava tão fraca, tão longe dele.

— Eu tive uns problemas, Lucie. Problemas com Manien. Eles me impediram de ligar para você e me colocaram em prisão preventiva.

— Prisão preventiva? Mas...

— Manien está tentando me encrencar desde o início. Eu explico depois. Desculpe. Lamento muito tê-la deixado sem notícias. Mas, agora, acabou. Vou pegar o primeiro avião e nós nos encontraremos. Quero estar a seu lado, temos que ir juntos em busca da verdade. Por favor, Lucie, diga que você vai me esperar.

No saguão do hotel, Lucie estava sozinha, encostada à cabine telefônica. Tinha colocado um curativo na têmpora esquerda. Tudo ainda estava muito confuso em sua cabeça.

— Tentaram me matar, Franck...

— O quê?

— Alguém entrou no meu quarto e colocou uma viúva-negra sobre minha cama. Parece que é a espécie mais perigosa e mais agressiva. Há um bocado delas por aqui. Se eu tivesse caído no sono, não teria a menor chance.

Sharko pressionou com força o celular. Ele andava de um lado a outro, com vontade de bater a cabeça contra a parede.

— Você precisa ir até a polícia! Você precisa...

— A polícia? O sujeito era um policial, ou um militar. Não conheço nada nesta cidade, neste país, acho que ir até lá para falar sobre isso só pode piorar as coisas. Estamos num fim de mundo. Para o pessoal do hotel, eu disse que tinha deixado a janela aberta, o que não se deve fazer nunca. Depois contei que entrei em pânico e machuquei a cabeça quando vi a aranha. Ninguém duvida de nada.

Lucie notou que o recepcionista olhava para ela. Virando-se para o lado, disse em voz baixa:

— Esse maldito cientista assassino sabe muito bem por que eu estou aqui, isso é certo. Mas como podia saber da minha chegada? Como pôde me reconhecer? Eu mostrei a foto de Éva Louts para algumas pessoas no aeroporto, e ela passou na mão de um monte de gente, talvez a informação tenha vazado nesse momento. Eu não sei. De qualquer maneira, queriam que minha morte fosse vista como um acidente. Não estavam a fim de chamar a atenção.

Sharko já estava diante do computador, pesquisando os voos para Manaus.

— Só tem voo daqui a dois dias. Merda!

Silêncio.

— Dois dias? É muito tempo, Franck.

— Não, não. Escute: você vai ficar quieta aí no hotel e em contato com as pessoas até eu chegar. Mude de quarto, evite sair sozinha, coma no restaurante do próprio hotel e, principalmente, não vá até a cidade.

Um sorriso triste se desenhcou nos lábios de Lucie.

— Dois dias é tempo demais. Se eu ficar aqui, sem me mexer, vou ter problemas. Esse assassino não vai me deixar, ele... Ele vai tentar novamente. Não tenho arma, nenhum modo de me defender. Olha, encontrei um guia. Vou sair às cinco da manhã para a selva. A melhor proteção é me aproximar de Chimaux.

Sharko pôs as mãos na cabeça.

— Por favor, espere por mim.

— Franck, eu...

— Eu amo você. Sempre a amei.

Lucie sentiu vontade de chorar.

— Eu também amo você... Telefonarei mais tarde.

E desligou.

Sharko deu um soco contra a parede. Lá estava ele, a milhares de quilômetros dela. E não podia fazer nada. Em meio àquela raiva e impotência, ele abriu uma cerveja e a bebeu toda em alguns goles. Mais uma. A cerveja escorreu por seu queixo.

Depois, emendou com uísque. Sem moderação.

Titubeando, viu seu Smith & Wesson sobre a mesa. Ele o pegou e o lançou contra a televisão.

Uma hora depois, acabou desabando, totalmente bêbado.

Sharko sofreu para levantar do sofá, quando escutou baterem à porta. Ele olhou seu relógio, a vista embaçada: eram cinco da tarde.

Quase doze horas de sono pesado, etílico.

Sua expressão estava devastada, um gosto ruim na boca. Arrasado, ele se levantou com dificuldades e se arrastou até a porta de entrada. Quando a abriu, seu chefe, Nicolas Bellanger, estava à sua frente, o olhar sombrio. Ele não fez rodeios.

— O que você está aprontando com Chénaix e Lemoine?

Sharko não respondeu. Bellanger entrou, sem ser convidado, percebeu as garrafas vazias sobre a mesa, o revólver no chão, o televisor quebrado.

— Porra, Franck, você achou que suas atitudes sorrateiras iam passar despercebidas? Você continua investigando sozinho, não é?

Sharko esfregou as têmporas, os olhos parcialmente fechados.

— O que você quer?

— Quero entender por que você queria a qualquer preço conseguir a decodificação de uma sequência de DNA. Entender o que você descobriu, onde, como, quem anotou aquela sequência?

Lentamente, Sharko se arrastou até a cozinha, deu uma olhada no celular. Nenhuma mensagem de Lucie. Ela devia estar em algum lugar no meio das águas amazônicas. Ele colocou duas aspirinas dentro de um copo d'água e escancarou a janela. O ar fresco lhe fez bem. Então se virou para o chefe.

— Diga primeiro o que vocês descobriram.

Bellanger indicou com um gesto de cabeça o peito do comissário.

— Vá se vestir, engula um tubo de pasta de dentes, melhore um pouco essa aparência. Vamos até o laboratório. Você falou com alguém sobre essa sequência? Quem mais está sabendo?

Suas palavras transmitiam gravidade e urgência.

— O que você acha?

— Muito bem. Sigilo total. Ninguém deve saber, nada deve vazsar. Essa história corre o risco de se tornar um assunto de Estado.

O comissário engoliu o líquido efervescente com uma careta.

— E por quê?

Bellanger respirou profundamente.

— Aquelas três folhas cheias de letras que você lhes deu representam o código genético de um verdadeiro monstro.

O jovem chefe encarou Sharko e concluiu:

— Um vírus pré-histórico.

[O]rio estava acre e negro, como um prenúncio do inferno. Em seu negror, as águas acumulavam o tanino extraído dos detritos vegetais, das marés estagnadas das ilhas arborizadas, dos cipós entrelaçados e das raízes nodosas. O rio Negro se alargava, se estreitava, estrangulado pela muralha da floresta. A luz nascente mal se infiltrava pelo cima das árvores, onde se agitavam colônias de macacos, atraídos pelo ronco do motor. O *Maria Nazaré*, um barco cheio de redes, assemelhava-se a uma embarcação a vapor em miniatura, com capacidade máxima de seis pessoas. Lucie estava a bordo, além dos três tripulantes. Havia seu guia, Pedro Possuelo, assim como Cândido e Silvério, dois jovens irmãos da etnia baniua que, segundo Pedro, viviam em São Gabriel com os outros doze membros da família... Três homens armados de fuzis, peixeiras e facões, sentados entre os cabos, os galões de combustível, painéis e mantimentos espalhados. Pessoas que ela conhecia apenas os nomes. Lucie não se sentia realmente segura, mas seu guia parecia honesto: ele viera buscá-la no saguão do hotel, cumprimentara os funcionários, conversara com eles e lhes explicara que, a partir dali, ele se responsabilizaria por ela. Aquelas pessoas conheciam o guia e sabiam que ele estava com ela.

Regularmente, ao longo das margens, surgiam cartazes imponentes, anunciando os territórios indígenas: “Atenção! Área Restrita. Proibido ultrapassar...” Eram como postos de controle em uma autoestrada fluvial. Pedro veio se apoiar ao lado de Lucie, na popa do barco. Ele comia biscoitos à base de mandioca — ali, tudo era feito à base de mandioca — e ofereceu à Lucie. Ela aceitou. Era gostoso, suave, ligeiramente salgado. Dava para enganar a fome.

— Encontrei Éva Louts na saída do aeroporto, como aconteceu com você — explicou Pedro. — Eu lhe disse que podia levá-la até lá, na fronteira das terras dos ururus.

— E o que aconteceu lá?

Depois de engolir o último pedaço de biscoito, Pedro enfiou as mãos em uma bacia e molhou o rosto com água. O ar estava pesado, viscoso, saturado de umidade, marcando a transição entre a estação das chuvas e da seca. Diante deles, o sol acabava de se levantar: um grande fruto cortado, cor de sangue.

— A primeira vez que tentei fazer uma excursão até o território dos ururus foi há quinze anos. Um antropólogo milionário, meio excêntrico, queria tentar a sorte e abordar os inabordáveis.

Ele mostrou uma grande cicatriz na clavícula esquerda, assim como pequenas bolhas sob a pele, na altura das coxas.

— Tiros de fuzil... Eu guardo como lembrança de meus anos de luta contra os saqueadores da floresta. Era jovem, não tinha medo de morrer. Na época, o homem me pagou uma fortuna para me aventurar por lá. As condições de exploração eram

bem mais difíceis do que hoje em dia. Os barcos não eram tão bons, não havia GPS e os ururus estavam bem mais distante, no meio da floresta. Hoje, estão mais próximos das margens do rio. Algumas horas depois de termos desembarcado, Chimaux e seus selvagens quase nos mataram — ele estalou os dedos —, assim... Mas ele se deu conta de que podia ganhar mais nos deixando vivos que nos massacrando. Hoje em dia, Chimaux usa os guias como mensageiros.

Batendo nervosamente com suas botas de caminhada no convés, Lucie observava os flancos obscuros e pacatos do rio. Imaginava as feições pardas que talvez olhassem para ela, armadas com seus arcos e suas zarabatanas. Ela via surgir serpentes gigantescas das águas. Excesso de filmes de terror e de outras bobagens, que lhe davam uma falsa imagem daquele mundo perdido.

— Mensageiros? Como assim?

— Nós levamos os curiosos, os cientistas e os especialistas até as fronteiras das terras dos ururus sem fazer perguntas. Não me interessa saber o que você vai fazer lá. Enquanto entrar dinheiro para o negócio... Entende?

— Perfeitamente.

— Chimaux assusta e ameaça os estrangeiros. Ele se esconde dentro da mata, os cerca, às vezes se disfarça de maneira aterradora. Acontece também de agredir as pessoas, só para deixar uma advertência, mostrar que aqui é seu território. Ele é totalmente louco.

Lucie apertou os dedos sobre a amurada. Pedro falava com um tom de naturalidade, como se a morte e o inferno fizessem parte de seu cotidiano.

— A roda do acaso gira, decidindo o destino de cada um deles. Todo aventureiro sabe como é isso, conhece as regras, o perigo, mas todo aventureiro quer tentar sua sorte, porque a exploração é isso. Todo mundo quer descobrir o segredo da tribo ururu. Quem são eles? De onde vêm? Qual é a origem de sua lendária violência? O livro que Chimaux escreveu teve efeito contrário ao que ele pretendia. Em vez de assustar, agiu como um catalisador dos desejos, desencadeando paixões. As pessoas que buscam decifrar o horror são muitas em nosso planeta.

Pedro apontou para as margens inacessíveis.

— Os índios são perigosos. Não faz muitos anos, o que se via ao longo do rio não eram cartazes de proibição, mas cabeças decapitadas. Os indígenas estão aí, a nossa volta. A maioria deles nos detesta. Sempre que os brancos apareceram por aqui, trouxeram guerras, conflitos, doenças. Esses indígenas foram massacrados, submetidos à escravidão, as mulheres estupradas. Os anos passam, mas as feridas ficam. Hoje, os ocidentais gentis pensam que podem conquistá-los com bonés ou aparelhos eletrônicos, mas continuam sendo os invasores.

Lucie se deu conta da fragilidade daquele mundo, com suas fronteiras sensíveis, mutantes, como a vegetação. Pedro olhou bem em seus olhos.

— Como aquela moça, você não parece o tipo de pessoas que costumamos levar até lá. Você está ciente de que, comigo, não há qualquer segurança, que você também pode

perder a vida?

— Sim... Eu sei...

Lucie deixou-se envolver pelo silêncio e a claridade esmeralda. Sentia medo, não de morrer, mas de partir sem se despedir daqueles que ela amava. Apesar de tudo, pressentia que era naquela mistura exuberante de vida e bolor que seu destino a aguardava.

O ruído do motor a trouxe de volta a si. No meio do rio, um tronco morto flutuava, girando lentamente como um jacaré fêrido.

— Éva Louts conseguiu entrar em contato com Chimaux e os ururus?

Ele assentiu.

— Alguma coisa aconteceu com ela na selva. Não sei como fez, mas conseguiu. Chimaux a levou com ele por três dias. Nunca, que eu saiba, ele tinha permitido que alguém entrasse em suas terras. Eu e minha tripulação ficamos esperando, acampados fora da terra deles, com as armas nas mãos.

Ele cuspiu no rio.

— No trajeto de volta, ela não nos disse nada. Sabia guardar segredo. Mas me confidenciou que iria voltar e entraria em contato comigo quando chegasse. Depois, ela voltou para a França e nunca mais a vimos.

Pedro Possuelo se virou, ao chamado de um de seus homens. Ele se dirigiu à proa, acompanhado de Lucie. A sirene soou no nevoeiro. Depois, o brasileiro apontou para uma enorme cabana na extremidade de um pontão distante, que quase bloqueava o rio.

— Estamos chegando ao posto avançado da FUNAI. Eles controlam todos os acessos rio acima. Não esqueça, oficialmente, você está visitando as margens das reservas indígenas. (Ele lhe entregou uma câmera fotográfica.) Fotorreportagem, ok?

— Ok.

Ele estendeu a mão.

— Duzentos.

Lucie lhe deu o dinheiro que evitaria um excesso de perguntas, revistas e atrasos. O motor mudou de marcha. Uma espessa fumaça branca escapou de cada lado da embarcação. Progressivamente, as sombras humanas se delinearam na bruma. Roupa camuflada, metralhadoras a tiracolo, botas: eram militares. Eles andavam calmamente sobre o pontão, enquanto um deles tinha ficado na cabana, com um enorme telefone via satélite ao ouvido. O barco veio lentamente chocar-se contra as grandes boias de atracação. Pedro saltou sobre o pontão, apertou as mãos dos militares. Eles se conheciam. Depois de trocarem algumas palavras em português, verificarem os papéis e o dinheiro passar de uma mão a outra, eles lançaram um olhar desconfiado para Lucie. Em seguida, sorrisos, tapinhas nas costas e abraços: tudo bem. Pedro voltou para o barco e deu ordem de partir.

Cheiro de combustível, desatracação...

Naquele instante, o homem da guarita saiu e se dirigiu até o meio do pontão, as

mãos na cintura. Através do nevoeiro intermitente, ele encarou Lucie com um sorriso frio. Duas grandes cicatrizes vermelhas, recentes, marcavam seu rosto.

Lucie engoliu em seco. Era ele. O sujeito da viúva-negra.

Quando o barco voltou a ganhar velocidade, ela o viu apontando o dedo indicador para a própria garganta, fazendo um lento gesto horizontal, enquanto movia os lábios.

Lucie não precisava falar português para entender.

Você vai morrer...

Sua sombra espessa acabou por se dispersar na neblina. Pálida, Lucie olhou desconfiada para Pedro, que começara a descamar peixes com uma faca, sentado no convés. Os militares os tinham deixado passar. Por quê? Deveria desconfiar daqueles homens que a acompanhavam? O que os aguardava no fim do caminho?

— Quem é aquele homem na cabana? — perguntou ela.

Pedro respondeu sem olhar na sua direção, ocupado com seu peixe.

— Álvaro Andrades. Aqui, ele é chamado de “o dono do rio”. Eu vi o gesto que ele fez e acho que entendi o que quis dizer: “Na volta, você vai morrer.” Qual é o problema com ele? Eu não quero saber de problemas.

— Não haverá problemas. Ele tem alguma relação com Chimaux?

Pedro se levantou, carregando o peixe e a bacia.

— Andrades controla o rio. Dizem por aí que ele está à procura de Chimaux. Ele revista todos os barcos que descem para São Gabriel. Quando voltarmos, o nosso também vai ser vasculhado. É por isso que o gesto que ele fez me preocupa. O que ele tem contra você?

— Sei lá. Não o conheço.

Ele desceu para o convés inferior, deixando Lucie entregue à reflexão. Então, Chimaux estava encurralado em sua selva. Após a tentativa de homicídio fracassada, o assassino havia comprado os militares, sem dúvida, colocando a prêmio a cabeça do antropólogo.

Na sequência, o tempo pareceu interminável. Selva sucedendo selva, cada vez mais densa, opressiva. A beleza dos contrafortes rígidos do Pico da Neblina deu lugar a um mar sem fim de árvores, cujas copas formavam uma superfície bastante plana. Um horizonte perdido, desesperançado. As folhagens formavam abóbadas, uma massa compacta e verde de plantas tropicais. Não era mais o barco que avançava, mas a paisagem que desfilava de cada lado, idêntica, como um filme retransmitido sem parar. Lucie pensou na imagem de Sharko, em *Alice no país das maravilhas...* Aquela correria impossível, vã, rumo a lugar nenhum.

Onze horas mais tarde, o motor reduziu a velocidade do barco... Nesse intervalo, eles fizeram uma refeição à base de peixe cozido com molho apimentado, uma papa de amido e cerveja artesanal. Diante deles, o entrelaçamento do rio: afluentes, sempre mais estreitos, imbricados uns aos outros até o fim. Por vezes, alguma coisa brilhava nas margens — mica, o ouro dos tolos — ou então, jacarés sumindo dentro d'água. Lucie estava cada vez mais surpresa com Pedro. Como ele conseguia se orientar naquele

labirinto de pântanos, estrangulado por troncos em putrefação? O guia se gabava: era o único a se aventurar por aquele curso, o que permitia ganhar um tempo precioso. Eles estavam agora nas fronteiras do impossível. A vegetação tomara conta de tudo: água, terra e céu. As raízes pareciam sorver, escavar e invadir o rio. Os cipós pendiam dentro d'água, como intermináveis estalactites, os galhos retorcidos arranhando a superfície escura. Um universo desprovido de fronteiras, hostil a todas as formas de existência humana.

Pedro fez o barco girar trinta graus, a fim de se aproximar a poucos metros da margem, depois lançou uma âncora.

— Nós sempre ficamos ancorados aqui — disse o guia. — O barco não vai além deste ponto. Daqui a três horas será noite. Vamos dormir e, amanhã, continuamos.

Um estalo se fez notar em meio a outros, pássaros cor de fogo levantaram voo e a atenção de Lucie foi atraída por pequenos macacos pretos com o focinho branco. Os famosos macacos-pregos-de-cara-branca do vídeo do projeto Fênix nº 1 observavam... Pedro, por sua vez, olhava para a selva. Seus olhos se franziram. Pegando seu fuzil, ele verificou se estava carregado. Trêmula, Lucie seguiu a direção de seu olhar.

— O que houve? Você viu alguma coisa?

O guia apontou discretamente para umas enormes folhas de bananeiras que se agitavam à direita e, depois, à esquerda, antes de retomar sua imobilidade congelada.

— Acho que não precisaremos esperar até amanhã, nem andar muito. Eles já estão aqui.

[U]m vírus... A palavra não parava de girar na mente de Sharko.

Um vírus vindo de outra era, tão antigo quanto a humanidade, que sem dúvida atingira o Cro-Magnon da caverna, deixando-o ébrio de violência. A que ele corresponderia? Teria também contaminado Grégory Carnot e Félix Lambert? De onde teria vindo? Como se propagaria?

O comissário e o chefe da equipe da Divisão de Homicídios chegaram a seu destino. Durante o caminho, trocaram apenas poucas palavras, cada qual imerso em seus tormentos. Sharko pensava em sua querida Lucie. Àquela hora, ela devia se encontrar nas fronteiras do desconhecido, impotente, frágil. Como iria se virar? E se lhe acontecesse uma desgraça? E se fosse ferida... Como ele conseguiria ser informado?

Em um vestiário contíguo ao laboratório, os dois homens vestiram um macacão esterilizado.

— Tem certeza de que não há risco de entrar lá? — perguntou por fim Sharko. — Quero dizer... esse vírus pode nos contaminar?

— Ele não voa e não se propaga em contato com a pele, se é disso que você está com medo. Além do mais, tudo é controlado.

Sharko enfiou as proteções para sapatos.

— E como anda a investigação? Está avançando?

— Pronto? Vamos entrar.

Depois de transpor uma câmara de transição, os dois homens chegaram ao laboratório de biologia molecular. Ali havia todo tipo de microscópios — eletrônico de varredura, de corrente de tunelamento... — enormes equipamentos instalados sobre plataformas antivibratórias, centenas de pipetas, pilhas de placas de Petri. Já eram quase quatro da tarde e a efervescência imperava naquele universo dedicado ao infinitamente minúsculo. As pessoas se agitavam, corriam, conversavam.

— Eles são instruídos a não falar com ninguém sobre o que é descoberto aqui — sussurrou Bellanger. — A pressão é enorme e eles estão conscientes de terem feito, talvez, a descoberta da década.

Jean-Paul Lemoine se precipitou na direção deles, extremamente empolgado, e apertou a mão de Sharko com firmeza.

— Explique a ele todos os detalhes — disse Bellanger. — Para que ele compreenda bem tudo o que está em jogo.

— Tudo? Mesmo o que diz respeito a Félix Lambert? Você me falou que...

— Tudo.

O chefe do laboratório esfregou o queixo, provavelmente se perguntando como abordar o assunto. Ele levou Sharko para um local mais calmo, no fundo da sala.

— Humm... Não é simples. Para começar, você sabe o que é um retrovírus?

— Não, explique.

— O vírus da Aids é um, por exemplo. Para simplificar, o retrovírus é um espertinho que, tendo em sua caixa de ferramentas tesoura e cola, consegue integrar seu próprio genoma, as bases A T C G, ao DNA das células que ele contamina, e assim se esconde ali. Ele então se torna invisível para o sistema imunológico, que, por conta disso, fica incapaz de combatê-lo. Graças ao mecanismo celular, o genoma bem escondido do vírus é lido e analisado pelo “operário” encarregado de percorrer cada letra do DNA. Esse operário, que ignora estar lidando com um intruso, faz o que costuma fazer com qualquer sequência lida: armado com sua pá de pedreiro, ele fabrica uma proteína que servirá para construir tecidos humanos. Exceto que esta proteína é, na realidade, um novo vírus liberado dentro do organismo, que vai infectar outra célula e proceder exatamente da mesma maneira. E assim por diante. Essa propagação sempre se faz em detrimento de outras células, como a baixa da quantidade de linfócitos no HIV e, por consequente, das defesas imunitárias. De um modo geral e em linguagem vulgar, esta é a estratégia do retrovírus... Última explicação: o retrovírus é considerado “endógeno” quando é transmitido de geração em geração. Ele se esconde no embrião, fruto do pai e da mãe, e desperta quando bem entende, às vezes vinte, trinta anos mais tarde.

Um embrião... Sharko pensou nos partos catastróficos de Lambert e Amanda Potier, nas hemorragias fatais. Haveria alguma conexão? Bellanger lhes trouxe café quente. O biólogo bebeu um gole e depois prosseguiu:

— Até recentemente, acreditava-se que noventa e oito por cento da molécula de DNA não servia para nada. Aliás, ainda hoje, chamam essa parte de DNA “lixo”, ou DNA não codificante. Todo nosso patrimônio genético, os trinta mil genes que fazem nossos olhos azuis, nossos cabelos pretos, nossa corpulência, repartidos pelos quarenta e seis cromossomos, está disperso em míseros dois por cento. O restante do DNA não passaria de... ornamento, detrito, escória.

— Dois por cento... Então, seria possível... queimar a quase totalidade da enciclopédia da vida sem provocar danos genéticos?

— Era o que se pensava, durante muito tempo, de fato.

Sharko imaginou a gigantesca biblioteca de Daniel reduzida a uma simples estante...

— Mas a natureza não cria nada de inútil. Nós percebemos, decifrando os genomas, que uma minhoca possui quase tantos genes quanto nós. No entanto, nós somos seres mais complexos. Então, é porque esse DNA não codificante certamente guarda seus segredos. Hoje, sabemos que certas partes do DNA não codificante interviriam no funcionamento do organismo, interagindo com os genes perfeitamente repertoriados. Seriam a chave de uma infinidade de cadeados que, sem eles, não poderiam ser abertos. Recentemente, sobretudo, descobrimos que mais de oito por cento desse DNA não codificante era composto de fósseis genéticos. Fósseis de milhares de retrovírus endógenos, que são chamados de HERV, em inglês, a sigla para *Human Endogenous Retroviruses*.

Sharko suspirou, passando a mão na testa.

— Tive uma noite dos infernos. Você poderia ser mais claro?

O biólogo deu um sorrisinho.

— Mais claro? Tudo bem. Existem milhares de *alienígenas* em nosso genoma, comissário. Eles estão entre nós, ocultos nos desvãos de nosso DNA. Equivalentes à Aids do passado, monstruosidades pré-históricas, assassinos microscópicos mumificados que, depois de infectar nossos ancestrais, milhões de anos atrás, foram transmitidos de geração em geração, adormecidos dentro do DNA de cada um dos sete bilhões de indivíduos que povoam este planeta.

Desta vez, Sharko entendeu melhor e sentiu um arrepio só de pensar. Ele imaginou a molécula de DNA como uma espécie de rede que arrastava tudo que encontrava pela frente, que armazenava sem nunca se expurgar, e que engordava, engordava. A caixa-preta de um avião que teria atravessado os séculos...

— Por que esses muitos retrovírus fósseis não acordam? Por que não nos contaminam?

— É mais complicado. A cada vez, o percurso é idêntico, o agente infeccioso se insere dentro do DNA das células, inclusive as células sexuais, depois é transmitido aos filhos como qualquer outro gene, por intermédio do patrimônio genético. Ao longo do tempo biológico, o retrovírus endógeno humano sofre várias mutações, suas letras A, T, C, G mudam, e ele perde progressivamente sua periculosidade. Pense na região de Auvergne e em todos os vulcões enfurecidos que, com o passar do tempo geológico, se extinguíram.

— Por que o retrovírus sofre mutação?

— Por conta da Evolução, da corrida armamentista entre humanos e vírus. Se ele prejudica a espécie humana, se ele provoca mais desvantagens do que vantagens, a Evolução da espécie humana vai fazer tudo para erradicá-lo, destruí-lo. Resumindo, ao longo de milênios, o vírus se encontra incapaz de desempenhar seu papel inicial, ou seja, fabricar envelopes virais completos para se transportarem de célula em célula, destruindo-as. Mas isso não quer dizer que esteja morto. Alguns retrovírus que sofreram mutações, que foram diminuídos, foram “domesticados” pela Evolução e desempenham um papel bastante vantajoso em certos aspectos fisiológicos. Por exemplo, um retrovírus que sofreu mutação da família chamada HERV-W participa bem ativamente na formação da placenta. Stéphane Terney era desses que afirmavam que, se esse retrovírus não tivesse um dia invadido as espécies vivas, os mamíferos nunca teriam existido. As fêmeas, incluindo as da espécie humana, teriam trazido ao mundo seus filhos fora de seus corpos, pondo ovos, principalmente. Os retrovírus que se transformaram, portanto, têm participação importante na evolução das espécies animais.

Sharko tentava prestar atenção. Certas palavras, como *placenta*, *imunologia*, *Terney*, acendiam pequenas lâmpadas em sua mente.

— Terney então conhecia bem os retrovírus? — perguntou.

— Enquanto imunologista e considerando o que acabo de explicar, conhecia. Vou

citar um último exemplo em que a Evolução domesticou corpos estranhos dentro do ser humano: a drepanocitose, ou anemia falciforme. É uma doença hereditária muito difundida nas populações africanas, e não foi eliminada pela Evolução porque ela confere uma resistência à malária. A vantagem que se obtém, a proteção contra a malária, é considerada superior às demais desvantagens.

Lemoine colocou dois maços de três folhas de papel impressas diante do comissário. As da esquerda haviam sido escritas por Daniel. Sobre cada folha uma infinidade de A, T, C, G.

—Vamos ao que interessa. À esquerda, trata-se da misteriosa sequência retroviral que você nos deu, e cuja origem esperamos que você nos revele.

— Como você sabe que se trata de um retrovírus?

— Todos os retrovírus têm a mesma assinatura, o mesmo *starter*, no início da sequência. Você, quando vê um revólver, sabe imediatamente qual é a marca, não sabe? O mesmo acontece comigo em relação ao DNA.

Ele pôs o dedo em uma das folhas, à direita.

— Aqui, à direita, temos a sequência de um dos milhares de retrovírus fósseis presentes no DNA não codificante de cada um de nós. O seu, o meu... Sabemos que este retrovírus pertence a essa célebre família dos HERV-W. Ele pode ser encontrado em algum lugar no primeiro terço do cromossomo número 2. Antes de hoje, nós ignorávamos completamente a função que ele podia ter nos milênios passados. Tudo o que sabíamos é que essa sequência tinha aparecido unicamente na ramificação dos hominídeos, pois não a encontramos no genoma de qualquer outro animal, vegetal ou fungo, por exemplo.

— Um vírus específico dos humanos...

— Ao que parece. Nada sabemos sobre ele. Sua função, sua virulência, seu poder de destruição na época. Mas o caso no qual você está trabalhando está prestes a marcar uma reviravolta na biologia molecular e genética. Até mesmo na Evolução da humanidade.

Sharko ficou atordoado com a retumbância daquelas palavras. Ele observou os papéis, aproximando as duas folhas de cima de cada um. A sequência da direita era semelhante à da esquerda, excetuando-se o “lixo”, a parte não codificante, que os biólogos haviam assinalado com uma caneta azul fluorescente. Havia uma diferença a cada cem letras A T C G, aproximadamente.

— Alguns desses lixos, e não sabemos quais, tornaram o retrovírus incrustado em nosso genoma totalmente inativo — precisou Lemoine. — Ele não passa de um detrito dentro de nosso DNA e não tem influência alguma sobre o organismo.

Ele afastou os dois maços de papel e colocou outro entre os dois.

— Agora, olhe com atenção esta sequência intermediária.

Sharko franziu os olhos. Mais uma vez, a nova sequência era quase idêntica às duas outras. Mas havia muito menos marcações em azul, no máximo umas vinte por página. Uma sequência bem próxima daquela do Cro-Magnon, mas, tampouco, idêntica.

Sharko encarou Lemoine com uma expressão grave.

— É o retrovírus que infectou Félix Lambert, não é? Foi o que encontrou em seu cérebro doente?

O biólogo assentiu.

— Exatamente. À esquerda, a sequência que você nos trouxe... No meio, aquela encontrada nas células cerebrais de Lambert... E à direita, a sequência de nós todos, inofensiva. Da esquerda para a direita, há um crescimento do número de lixo. Agora, dê uma olhada no microscópio eletrônico.

Sharko obedeceu. Através das lentes, ele percebeu uma grande bolha preta central, cercada de filamentos retorcidos como arame farpado e munida de dois fios mais longos, que a faziam parecer uma medusa. Ela era feia, monstruosa e parecia navegar tranquilamente sobre um mar oleoso. Sharko sentiu um arrepio. O mundo do infinitamente pequeno era extremamente glacial, assustador.

— Eu apresento GATACA — disse Lemoine. — É o nome temporário que demos ao agente patogênico presente nos tecidos do organismo de Lambert. Trata-se de um retrovírus ancestral ligeiramente transformado, visto que apresenta lixos, como você viu naquelas folhas. Seu genoma comporta exatamente oito mil e duzentos e doze bases ATGC, é só um pouquinho menor do que o HIV. É evidente que ainda ignoramos seu funcionamento e seu poder de reprodução. Considerando tudo o que descobrimos no organismo de Félix Lambert, pensamos que GATACA invadiu progressivamente, de maneira bem lenta e inofensiva, as células do corpo humano, e mais particularmente as células cerebrais, ao longo de muitos e muitos anos, como o HIV. Depois ele passa ao ataque, quando seu hospedeiro atinge a idade adulta, digamos que por volta de vinte anos. Será a secreção dos hormônios, o relógio biológico ou o envelhecimento celular que desencadeia o processo? Ainda é cedo demais para saber. O fato é que, a partir daí, ele inicia um ciclo de reprodução violento: multiplica-se em grande escala nas células nervosas do cérebro, principalmente nas zonas mais superficiais, e desregula tudo em seu hospedeiro, um pouco como faz a esclerose ou o mal de Alzheimer. Sabemos o que vem depois. Um indivíduo que se torna desequilibrado, agressivo e começa a cometer atos violentos...

Sharko terminou seu café com uma careta. Sua garganta estava seca.

— E ele é contagioso?

— Não pelo ar, tampouco pelo contato físico, mas, talvez, sexualmente. Não sabemos. Aplica-se uma estratégia diferente em homens e em mulheres? Grande incógnita. Ignoramos quando e como GATACA entrou no organismo de Félix Lambert. Ele teria sido contaminado por outra pessoa, durante uma relação sexual? Ou o teriam injetado nele? Quando? Onde? E quem criou GATACA? Se acreditarmos no livro de Terney, Grégory Carnot era portador desse vírus, e pelo menos cinco outras pessoas estão na mesma situação. Mas por que elas? Vamos precisar de semanas, meses, talvez, para compreender e sustentar isso. Imagine os danos que ele poderia causar, principalmente se for transmitido de um indivíduo a outro a cada relação sexual. O

número de pessoas contaminadas poderá crescer de modo exponencial.

Ele segurou os papéis que Sharko trouxera, com o ar sério.

— Suas descobertas são essenciais. Esta sequência que você nos forneceu parece ser a forma original, pura, sem mutação. Talvez seja ainda mais violenta, mais ofensiva, talvez se propague ainda mais. Hoje em dia é possível fabricar e cultivar um vírus. Quando vemos os danos que o GAIACA provoca, imagine as atrocidades que seria capaz de cometer um homem que possuísse a bula, ou seja, a sequência genética de um vírus pré-histórico como este.

— Sendo administrado sem o conhecimento das pessoas? Contágio?

— Sim. E propagação sexual ou endógena, quer dizer, transgeracional.

— De pais para filhos...

— Gerações futuras, que seriam gradualmente contaminadas, a uma grande velocidade. Pessoas que morreriam por volta dos vinte e trinta anos, dominadas pela violência. Agora, nos diga o que você já descobriu. Vamos entrar em contato com o Ministério da Saúde, iniciar programas de pesquisas urgentes. Tenho a impressão de que devemos agir com muita rapidez. Quanto mais o tempo passa, mais corremos o risco de perder o controle desse vírus.

— Diga o que você sabe — pediu Bellanger. — Nós explicamos tudo. Agora você nos retribui.

Sharko refletiu, ainda afetado por aquelas terríveis revelações. Precisaria ser extremamente prudente. Bellanger, Lemoine, os policiais não faziam ideia da investigação de Lucie. O roubo do Cro-Magnon, a fita de vídeo, Fênix, a tribo amazônica, a pesquisa aprofundada sobre o passado de Terney, as mães que morriam durante o parto. Até onde ele podia confidenciar, sem pôr Lucie em risco? Por outro lado, teria o direito de guardar para si tais descobertas? Havia vidas — e só Deus saberia quantas — correndo perigo.

Ele observou diretamente os três maços de papéis. À esquerda, Cro-Magnon, com o vírus em estado puro. No meio, Lambert, com o vírus ainda ativo, mas transformado. À direita, o restante da humanidade, com o vírus inativo.

Três formas diferentes, transformadas ao longo do tempo pela Evolução.

Portanto, de qualquer modo, três épocas distintas. Como isso seria possível, visto que Lambert não tinha nem vinte e cinco anos?

A cadeia do tempo, pensou ele, de repente. A cadeia do tempo com seus três elos: Cro-Magnon, o humano civilizado de hoje e, entre os dois, os urutus.

Então, como se fosse óbvio, ele compreendeu.

Com um suspiro, passou a mão no rosto.

— Félix Lambert ou Grégory Carnot não pegaram esse vírus — murmurou. — Não o injetaram neles, tampouco. Não. Essa merda já estava neles no momento em que nasceram. Receberam de seus pais, que por sua vez...

Ele se calou e mirou os olhos de seu superior.

— Preciso só de algumas horas, quero verificar uma coisa. E depois, prometo,

explicarei tudo.

— Sharko, eu...

Sem lhes deixar tempo para contestar, ele se virou para o biólogo.

— Esta sequência provém de um homem de Cro-Magnon com trinta mil anos de idade. Ligue para o Instituto de Genômica Funcional de Lyon e você terá todas as respostas.

Ele se afastou lentamente e, então, parou para fazer mais uma pergunta:

— Diga uma coisa: a presença desse vírus transformado pode tornar seus anfitriões canhotos?

O biólogo parou por um momento para raciocinar e pareceu achar algo.

— Lambert era canhoto, como Carnot, você acha então que... — Silêncio. — Pode, sim. É bem possível. As pesquisas recentes tendem a provar que existiria um vírus associado à lateralidade, situado no cromossomo 2, justamente nas proximidades destas sequências retrovirais fósseis. Na genética, ocorre frequentemente que a expressão de certas sequências de DNA, neste caso, o retrovírus, modifique seriamente o “comportamento” de genes vizinhos. Esse funcionamento, por sinal, explica a emergência de certos tipos de câncer, principalmente leucemias e linfomas. Para entender bem, será preciso que eu fale sobre translocação cromossômica e...

Sem prestar mais atenção, Sharko deu um passo atrás, se virou e saiu correndo.

[P]edro podia ler a selva. Ele interpretava as variações, decifrava as formas, presentia os riscos: insetos, cobras, aranhas, que às vezes caíam como cachos de uva do pé. Com gestos precisos, ele desbastava os obstáculos com o facão, abrindo passagens improváveis. Ele, Lucie e os dois indígenas tinham transposto aquela massa vegetal, fuzis em punho, mochilas nas costas. Por todos os lados, a selva crescia, comprimida, devorava. Bambuzais intermináveis formavam cárceres, ramagens de tectonas e seringueiras estendiam suas teias informes. A acostagem do barco ao longo do terreno alagadiço tinha sido impossível, precisaram caminhar com a água parada à altura do joelho por uma dezena de metros. Lucie estava encharcada. Testa, costas e nuca, tomadas de suor. Cada respiração parecia uma queimação de amoníaco que lhe invadia os pulmões. Com uma faca, Pedro fizera pequenos furos no couro de suas botas novas, para que a água escoasse melhor e evitasse as bolhas nos pés. Ele desferiu um golpe de facão na base de um bambu. A água jorrou do cilindro oco e ele aproximou seu cantil, enchendo-o sem nada dizer. Seus olhos fiçavam, espreitavam os entrelaçamentos sombrios. Mais adiante, ele se curvou sobre alguns espessos cipós ao longo de troncos negros.

— Veja. Foram cortados à faca.

Ele avançou um pouco mais, apontando para outros cipós decepados. Uma pista estreita, insuspeita, surgiu à frente deles.

— Isso é o que chamamos de caminho dos índios: um atalho no meio da selva... Não resta a menor dúvida, os ururus estão por aqui.

Angustiado, Lucie observou ao redor, mas a vista não alcançava mais de dez metros. Até o azul do céu desaparecera, encoberto por um túnel vegetal. Ali, tudo era exagerado, inclusive o tamanho das formigas. Pedro despejou um pouco de água fresca sobre seus cabelos cacheados e depois verificou seu GPS.

— Não vamos nos afastar do barco. Daqui a duas horas, a noite vai cair. Vamos andar um pouco mais. Antes de escurecer, eles vão aparecer, eu sinto...

Eles recommçaram a caminhar, atentos. Os galhos e as folhas estalavam sob seus passos. Lucie não podia se impedir de comparar a selva a um cérebro humano: uma rede de elementos interconectados trocando sinais, se somando, se subtraindo, visando uma cooperação ou uma competição. Simbiose, osnose, mas também predação e parasitismo. Cada elemento fundamental constituía um pequeno nó que resultava em um nó maior. A morte causava a putrefação, a putrefação resultava em bactérias que enriqueciam a terra. A terra gerava folhas, as folhas possibilitavam as espécies, que formavam o ecossistema, uma entidade frágil, de uma riqueza assustadora, em equilíbrio perpétuo entre a vida e a morte, degradação e imponência.

Finalmente, eles chegaram a uma área mais aberta, de onde podiam ouvir o rosnar de um córrego, mais abaixo. Tudo exalava umidade, até as cascas das árvores. Na floresta amazônica, o grau alucinante de higrometria — quase cem por cento — era o

pior inimigo. Isso dificultava acender um fogo, apodrecia a pele dos pés, propagava doenças. Um pouco atrás, Lucie tentava recuperar o fôlego. Seu organismo sofria. Longe do rio Negro, as picadas de mosquito se multiplicavam. De repente, ela pensou ter visto uma silhueta entre dois troncos, atrás dela.

O vulto se deslocava com rapidez e habilidade.

Alguns galhos começaram a se agitar, por quase todo lado, os cipós vibravam. À direita, à esquerda, à frente. Silêncio e agitação... Silêncio e agitação. Era como se, bruscamente, estivessem sendo cercados por uma lenta ciranda. Lucie se lembrou dos rostos assustadores no livro de Chimaux.

Eles estavam lá, em algum lugar, ao redor dela.

Obedecendo a uma ordem de Pedro, os dois índios baixaram suas armas até os pés e depois ergueram as mãos em sinal de paz. Em torno deles, as sombras ficavam mais estáveis. Olhos, narizes atravessados por ossos, semblantes apareciam entre os bambus e logo sumiam, como máscaras flutuantes. Em seguida, gritos, cantos agudos, surtos sonoros que provocaram a fuga dos macacos pelas copas das árvores. Pedro explicou em voz baixa que não deviam se mexer, apenas esperar que Napoleón Chimaux se dignasse a aparecer. Lucie tentou se manter ereta, confiante, mas não parava de tremer. Sua vida, seu futuro, nada mais lhe pertencia.

Quanto tempo iria durar aquela intimidação? Ela era incapaz de estimar. Ali, o tempo se diluía, as referências se estilhaçavam. Algumas folhas de palmeiras, enfim, se afastaram. E o antropólogo surgiu, aparentemente sozinho, embora tudo ao redor vibrasse, como um rolo compressor pronto a arrançar. Ele era grande, vigoroso, compacto, e vestia-se com um uniforme cáqui. Sua cabeça estava raspada e seus olhos negros e enormes pareciam injetados de sangue. A testa e as faces estavam cobertas de manchas ocre que formavam linhas interrompidas e zigue-zagues furiosos. Com as mãos nos quadris, ele cheirava o ar como um predador na pista de sua presa. Lucie se lembrou das imagens de Fênix nº 1: aquele pé empurrando os cadáveres dentro das cabanas... Ela sentia vontade de pegar um fuzil e pressionar o cano entre seus olhos, até que revelasse toda a verdade. Mas, se esboçasse o menor gesto, estaria morta: devia haver mais de trinta lanças e machados apontados em sua direção, prontos a lhe rachar o crânio.

Chimaux verteu sua voz grave como se fosse um lento veneno:

— Dê-me uma boa razão para eu não matar todo mundo.

O homem ignorava completamente o guia, dirigindo-se de modo direto a Lucie. Ela ergueu uma das mãos em sinal de paz, enquanto colocava a outra lentamente e com prudência no bolso frontal de sua camisa. Ela lhe mostrou uma foto.

— Esta é a razão: Éva Louts.

Sua resposta veio num tom seco, mordaz. Ela queria se mostrar forte, sem medo, porque estava no limite. No limite de sua investigação, no limite do mundo. Agora, tudo devia chegar ao fim. Chimaux esboçou um sorriso doentio.

— Aproxime-se, vamos... Mostre-me essa fotografia...

Sem refletir, Lucie cedeu, se afastando do guia. Naquele instante, estavam a menos de três metros um do outro. Chimaux estendeu o braço, intimando-a a não mais se mover. Depois, ele franziu os olhos.

— É mesmo, parece muito com ela. Éva Louts... Mas, além disso, mocinha, você não tem mais nada a me contar? Desperte um pouco minha curiosidade.

— Despertar sua curiosidade? Você está esperando Éva Louts, mas ela nunca mais virá até aqui. Foi assassinada.

Lucie acertou na mosca. Ela leu a estupefação e depois o ódio no rosto do antropólogo.

— Como assim?

— Mutilada dentro da jaula de um chimpanzé. Stéphane Terney está morto, com a artéria ilíaca seccionada. Isso o faz lembrar-se de algo? Eu estou informada sobre as mães que morrem no parto, os cérebros que se consomem e se tornam violentos. Eu vi a primeira fita de vídeo do projeto Fênix. Quando Éva Louts chegou aqui, você a aceitou porque ficou surpreso com ela. Éva sabia que os ururus eram canhotos e violentos. Ela descobriu um elo que nenhum dos outros que vieram até aqui havia suspeitado. Então, você a deixou entrar neste universo. Criou-se uma relação de confiança e você a enviou de volta à França com uma missão: trazer as identidades de prisioneiros canhotos e extremamente violentos. Você procura essas crianças malditas que se põem a massacrar as pessoas sem razão, não é? Por quê? Porque são os derradeiros frutos de Fênix, e porque o assassino impede que você saia desta selva para ver seus rostos? Estou aqui, à sua frente, para conseguir as últimas respostas. Termine comigo o que você começou com ela.

Chimaux inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro, os olhos arregalados, como se tentasse ler o interior de Lucie. Parecia um estranho animal bruscamente confrontado com seu próprio reflexo. Seu rosto, seus antebraços estavam crivados de cicatrizes. Seu peito inflou sob seu traje militar e ele soltou então um berro longo e rouco. Instantaneamente, dezenas de silhuetas nuas surgiram das árvores, armadas com machados, e correram em direção à Lucie, urrando. Paralisada, ela não teve tempo para reagir. Um ser horrendo, duas vezes mais pesado do que ela, a agarrou. Outro, abrindo a mão enorme, soprou um pó esbranquiçado em seu rosto. Lucie sentiu então uma queimação nas narinas, na traqueia. Num instante, suas pernas fraquejaram e várias mãos se precipitaram, impedindo que caísse. Peles úmidas se agarrando a ela. Pôde sentir o cheiro de plantas, lama e suor. Tudo começou a girar, as árvores, os semelhantes pareciam se distorcer, gotejar como cera derretida. Ela sentiu que decolava do chão, incapaz de se mexer. E então, enquanto moscas negras revoavam em torno da sua cabeça, o hálito quente de Chimaux envolveu-lhe a nuca.

— Você quer ver o que é Fênix? Um parto nos aguarda, esta noite. Você assistirá da primeira fila. Em seguida, eu beberei sua alma...

Eles levaram Lucie para dentro da selva.

As folhas de palmeiras se fecharam brutalmente atrás deles, como a cortina de um

teatro. Alguns estalos de galhos. Depois, o silêncio.

[U]m vírus transmitido à criança, de geração em geração, pelo pai ou pela mãe. Um monstro habilmente escondido no DNA, interagindo com o gene da lateralidade, e esperando a hora de despertar, se multiplicar dentro do cérebro do organismo hospedeiro a toda velocidade, e a aniquilação. Sharko não entendia nada sobre vírus, suas estratégias, mas aqueles dez dias de investigação colaram em sua cabeça uma hipótese demente. Uma hipótese que ele precisava averiguar de qualquer maneira.

Foi um homem magro com a aparência cansada que lhe abriu a porta, no quarto andar de um prédio de arquitetura estilo Haussmann, aonde ele já viera com Lucie, interrogar a irmã de Félix Lambert. O comissário se apresentou sem mostrar sua falsa identificação policial. Sua voz firme e seu olhar penetrante bastaram.

— Divisão de Homicídios de Paris. Gostaria de falar com Coralie Lambert. Já nos vimos antes.

— Masson... O nome dela é Coralie Masson, estamos casados há um ano.

O homem, Patrick Masson, não tinha sequer trinta anos. Ele convidou Sharko a entrar no vasto apartamento sem fazer perguntas. A moça estava deitada em um sofá, um travesseiro sob a cabeça, as mãos sobre a barriga. Assistia a um programa na televisão. Antes que ela conseguisse se levantar, Sharko se aproximou, fazendo sinal para que não se incomodasse.

— Por favor. Fique deitada. Não vou tomar muito de seu tempo.

O comissário perguntou a Patrick se podia dar-lhes um minuto a sós.

— Vou descer para fumar — disse o homem para a esposa. — Se precisar de mim, é só chamar.

Sharko puxou uma cadeira, de modo a se instalar em frente à Coralie, e observou seu ventre grande e arredondado, que em breve daria a vida a uma criança. Esfregando as mãos, ele disse a si mesmo que precisava agir com cuidado: sobretudo, não dizer nada sobre as descobertas do laboratório.

— O nascimento está próximo — disse ele, calmamente, com um breve sorriso.

Com gestos vagarosos, Coralie desligou a TV com o controle remoto. Sua pele tinha um tom opalino e suas olheiras eram profundas. E ela ainda era tão jovem!

— Não acho que você veio até aqui para falarmos de meu bebê.

Sharko limpou a garganta.

— Tem razão. A pergunta que vou fazer pode parecer estranha, mas por acaso você tem intolerância à lactose, como seu irmão Félix, Sra. Masson?

A moça sentou-se, fazendo uma careta, e se instalou confortavelmente no meio das almofadas. Seus calcanhares estavam inchados, sem dúvida um efeito da gravidez que chegava ao fim com certa dificuldade. No chão, dentro de um prato, alguns caroços de maçã, uma embalagem vazia de biscoito e outra de compota de morango.

— Tenho, sim. Mas por que a pergunta?

— Porque, como eu disse antes, nossa investigação nos leva a uma pista médica, e não diz respeito unicamente a Félix. É mais amplo do que isso, embora eu não possa revelar mais nada, por enquanto. Assim que for possível, eu explicarei. Seu pai e sua mãe sofrem dessa mesma intolerância?

— Meu pai bebia leite sem problema, mas minha mãe também tinha essa intolerância.

— Você sabia que, na Europa, a intolerância à lactose ocorre principalmente nas populações imigrantes e seus descendentes?

— Não, não sabia. Mas o que você quer me dizer exatamente?

— Que, num dado momento, provavelmente houve sangue estrangeiro na linhagem de sua família. Um sangue que teria trazido essa intolerância e... hum... e algo de ruim. Eu acho que isso é relativamente recente.

Coralie pareceu ofendida. Ela passou a língua pelos lábios ressecados e franziu as sobrancelhas. Com dificuldades, ela se levantou, abriu uma gaveta e voltou com um álbum, que entregou a Sharko.

— Não somos imigrantes, nosso sangue é francês há muitas gerações. Várias pessoas da família fizeram árvores genealógicas, com raízes remontando até o século XVIII. As cópias estão logo nas primeiras páginas.

Sharko abriu o álbum. Havia ali folhas de papel coladas e dobradas, nas quais se espalhavam os ramos da árvore genealógica.

— Não tenho dúvidas sobre a autenticidade desse documento — disse Sharko. — O que quero dizer é que uma criança pode muito bem ter nascido de uma aventura extraconjugal, sem que isso esteja escrito nesta árvore. Um marido enganado, por exemplo.

Coralie ficou calada, os lábios apertados. Rapidamente, Sharko notou a ramificação de Coralie e Félix Lambert. A mãe deles, Jeanne, falecida em uma mesa de parto e filha única... Seus avós... Datas, nomes, locais de nascimento tipicamente franceses. Na árvore, Jeanne Lambert, mãe de Coralie e Félix Lambert, nascida no ano de 1968, em Paris... 1968... Uma data que, imediatamente, provocou um *insight* no policial: a fita Fênix nº 1, filmada em 1966... As transferências de tubos de ensaio entre a Amazônia e a França, em 1967...

Como um mecanismo implacável, tudo se encaixava logicamente na mente do comissário. Suas hipóteses pareciam se confirmar. Ele fixou os olhos de Coralie.

— Você tem intolerância à lactose. Sua mãe, Jeanne, também, mas não seu pai. Portanto, a intolerância vem do lado materno. — Ele apontou com o dedo dois nomes: Geneviève e Georges Noland. — Sua avó ou seu avô maternos tinham também esta intolerância?

Coralie refletiu por alguns segundos.

— Meu avô bebeu café com leite alguns dias atrás, neste mesmo lugar onde você se encontra agora. Faz muito tempo que está divorciado de minha avó, mas ela também bebia leite. Eles... Eles não têm esta intolerância. — Pausa. — Isso quer dizer...

Sharko estava ansioso, tinha diante de seus olhos o ponto de “ruptura” genética na linhagem familiar de Félix Lambert. Passando a mão nos lábios, ele se deu conta da amplitude de suas descobertas e de todo o horror que isso significava.

— Você tem fotografias de sua mãe e dos pais dela, Georges e Geneviève?

Coralie pegou o álbum e o folheou, antes de entregá-lo ao comissário.

— Aqui estão minha mãe e minha avó. E aqui, mamãe e meu avô. Não há foto dos três juntos, porque meus avós já estavam separados há muito tempo. Nestas fotografias, mamãe devia estar com quinze anos. Ela era linda... Ela tinha dezenove anos quando nasci, e vinte anos quando Félix nasceu.

Sharko olhou com atenção as fotografias coloridas. A mãe de Coralie, Jeanne, era uma adolescente morena, olhos escuros, com certos traços de flagrante semelhança com a própria mãe, como o nariz, a expressão ao sorrir. Coralie disse em voz alta o que Sharko pensava.

— Minha mãe não se parece nem um pouco com meu avô, é o que você está pensando. Mas isso... é inconcebível!

Sharko franziu os lábios. A criança não era filha do avô, agora ele não tinha mais dúvida. Uma única hipótese se desenhava em relação aos ururus da Amazônia, os tráficos, aquelas histórias de vírus e Evolução: por mais insano que pudesse parecer, a avó de Coralie e de Félix recebera, provavelmente sem conhecimento, o produto seminal de um índio intolerante à lactose, um ser colossal e violento. Espermatozoides portadores do vírus. Esse horror se passara entre 1967 e 1968. Um horror destinado a se propagar por várias gerações.

Confuso, soterrado por perguntas, o policial fechou o álbum e o entregou bem devagar à Coralie, obrigando-a a estender o braço. Ele observou com atenção qual seria o braço que ela usaria.

O esquerdo.

GATACA acabara de trair sua presença.

Ele sentiu o coração apertado. Depois, respirou bem fundo, a fim de calar sua cólera, aquela vontade de berrar que crescia em seu interior. Com a voz hesitante, disse:

— Diga que seu bebê será uma menina.

Coralie o olhou com uma expressão curiosa, depois balançou a cabeça.

— Não, é um menino.

Sharko tentou manter a calma, mas, por dentro, estava totalmente atordoado.

— Você... você está sendo acompanhada por um médico?

— Estou, mas eu...

— O que mostram as ecografias? Está tudo normal?

Coralie parecia intimidada por aquele policial que lhe falava de maneira áspera e fazia perguntas cujo sentido ela ignorava.

— Claro que está tudo normal! O bebê é grande e está muito saudável. — Ela sorriu. — Ele se mexe o tempo todo! Nunca tive tanto apetite, não paro de comer, ele é um glutão. Só minha placenta apresenta um probleminha, mas nada gra...

— Uma hipervascularização?

— Como você sabe? O que significa tudo isso?

As últimas dúvidas de Sharko se confirmaram. Coralie portava um GATACA adormecido dentro de si. Após aniquilar a mãe, o bebê de Coralie nasceria, cresceria, transmitiria, por sua vez, o retrovírus a seu filho, até que o cérebro dele fosse consumido e ele se tornasse violento. Um ciclo maldito, destinado a se repetir enquanto nascessem crianças naquela família. Perdido, ressentido, Sharko se agachou diante da moça e procurou as palavras.

— Sua avó materna está viva?

— Claro que está. Mas o que está acontecendo? Diga tudo, de uma vez por todas!

Sharko custava a entender todas as sutilezas do vírus: as mães pareciam morrer ao parto, quando davam à luz seus filhos homens, mas eram poupadas, quando se tratava de mulheres? Por quê? Como? Tantas e tantas perguntas que lhe queimavam os lábios.

— Estou a par de alguns fatos que não posso revelar neste momento, pois ainda não temos absoluta certeza. Só posso dizer que aconteceu alguma coisa entre seus avós maternos. Algo genético, associado à procriação de sua mãe. Foi aí que surgiu um problema, se assim posso dizer, que se estendeu até seu irmão, Félix...

Ele se calou por um instante, evitando revelar que ela também estava envolvida, e que um monstro em forma de medusa se aninhava em seu DNA e no do futuro bebê.

— ...Eu preciso interrogar seus avós. Preciso saber como decorreu a gestação de sua avó e com que médicos, com que especialistas ela teve contato.

— Você disse um problema? Que problema? Nunca ouvimos falar disso. Meu avó teria, com certeza, falado com a família. Ele é geneticista e especialista em reprodução. Ele acompanhou a gravidez de minha mãe. Identificar os problemas era seu trabalho, não existe pessoa mais indicada para isso...

Sharko sentiu como um tapa na cara.

— Ele... era geneticista, você disse?

— Um grande geneticista. Eu não conheço muito essas coisas, mas sei que ele descobriu genes importantes, já faz algum tempo, que lhe valeram grande fama. Há muito tempo ele dirige um grande laboratório encarregado de receber casais com problemas de fertilização, insuficiências hormonais. Ele os aconselha, os ajuda a ter um filho. O que você está querendo dizer? O que está acontecendo?

Sharko se levantou, indagando se iria conseguir ficar de pé. Tudo lhe parecia tão claro. Inseminações...

Agora, ele compreendia também a tentativa de assassinato contra Lucie, em São Gabriel. Georges Noland estava presente quando Lucie havia interrogado Coralie. Sharko se recordava de ter perguntado se alguém de sua família tinha origens ameríndias, e Noland cortara o assunto imediatamente. A partir daí, o geneticista devia ter se dado conta de que a pista era séria e se perguntado se um dos dois não acabaria indo para o Brasil. Lucie lhe dera até um cartão com seu número de telefone. Sem saber, ela se entregara ao monstro, que devia ter acionado seus contatos com militares

da Amazônia para tentar eliminá-la discretamente e simular um acidente.

O comissário olhou para a moça com pavor, incapaz no momento de avaliar o alcance de sua descoberta e, principalmente, de estimar a perversidade de Georges Noland. Aquele homem tinha injetado um vírus no organismo da própria mulher, criando assim uma maldição sobre todas as gerações futuras. Ele matara Éva Louts, torturara Terney. Ao abrigo de seu laboratório, ele provavelmente havia inseminado mulheres com problemas hormonais, incrustando um vírus mortal bem no coração de seu DNA. Como podia um ser humano fazer algo semelhante?

Com a mão tremendo, ele pegou uma caneta e um pedaço de papel no bolso.

— Gostaria de falar com seu avô. Pode me dar o endereço dele?

Um longo silêncio. Coralie suspirou. Para se acalmar, ela acariciou seu ventre.

— A esta hora, ele deve estar no laboratório. Meu avô nunca para de trabalhar. O nome é Génomics, a sede fica em Villejuif, perto do Instituto de Pesquisa do Câncer.

Sharko anotou as informações com os dentes cerrados. Atrás dele, o marido reapareceu, um isqueiro na mão. O comissário guardou o papel, depois apertou delicadamente a mão da moça.

— Cuide-se bem.

Ele se levantou, deixando-a muito angustiada, depois conduziu o marido até o corredor do apartamento e lhe disse em voz baixa.

— Coralie contou para você sobre a mãe dela? O falecimento por conta de uma terrível hemorragia durante o parto de Félix Lambert?

— É claro que sim.

— Nesse caso, escute bem: vocês devem ir imediatamente para o hospital, pois é provável que o que aconteceu com a mãe de sua esposa se repita com ela. Informe aos médicos todos os detalhes sobre a morte de Jeanne Lambert, diga a eles que, se nada for feito, algo vai acontecer com Coralie durante o parto. Algo que vai provocar sua morte por hemorragia. É genético.

O homem ficou muito abalado. Sharko pôs a mão em seu ombro.

— Talvez haja meios de salvar sua esposa, se você agir imediatamente. E, por favor, não deixe que ela avise ao avô. Estou indo para Villejuif. Isso tudo é culpa dele.

Ele desceu correndo a escada. Assim que entrou em seu carro, sacou seu Smith & Wesson do coldre, carregou-o e arrancou a toda velocidade.

[L]ucie sentia-se fora do tempo. Com os olhos avermelhados, ela tinha dificuldade para mover as pálpebras. Havia uma enorme fogueira à sua frente, as chamas altas pareciam incendiar a escuridão. Estava sentada no chão, com as pernas cruzadas, incapaz de se levantar, como se seus membros não lhe pertencessem mais. Atrás dela e ao redor, um rumor de vozes graves masculinas, em uníssono, os pés descalços batendo no chão, num ritmo lento de tambor. Bum, bum, bum... Mãos e braços se agitavam na escuridão, desenhando figuras incompreensíveis. Lucie se sentia oscilar, seus globos oculares pareciam saltar das órbitas, atormentados por lampejos violentos. Onde ela estava? Não conseguia mais raciocinar, tudo se misturando dentro da cabeça, como se um túnel tivesse sido aberto para o nada, onde se precipitavam suas lembranças. Rostos... Seu pai, sua mãe, Sharko. Eles giravam, se confundiam, se esticavam, devorados por uma garganta negra. Em algum ponto de seu cérebro ela escutou o riso de meninas, e viu uma nuvem de areia branca cobrir lentamente sua visão. De início imprecisos, os rostos de Clara e Juliette aos poucos foram se definindo. Lucie estendeu a mão para a frente, a fim de tocá-los, mas as meninas evaporaram na noite. Sorrisos, depois, lágrimas. Lucie perdeu o equilíbrio, a cabeça pendendo para trás, enquanto as lágrimas inundavam seu rosto. Sentiu o corpo desabar e, em seguida, um afago na nuca. Grãos e pó de cogumelos caíram sobre o carvão incandescente disposto entre suas pernas. Uma golfada de fumaça quente envolveu seu rosto. Lucie perdeu os sentidos e voltou a si em estado de transe. A fumaça, os odores de plantas e de raízes a envolviam e atordoavam.

De repente, todos se afastaram, houve um clamor crescente, encorajado pelos machados brandidos no alto. Quatro homens chegaram transportando uma mulher estendida sobre um tapete feito de folhas e galhos. Ela estava totalmente nua, o corpo todo pintado. Eles a colocaram perto da fogueira. Desenhos envolviam seu ventre protuberante.

Chimaux se instalou ao lado de Lucie e aspirou um pó de cor marrom.

— Essas plantas que inalamos possuem poderes inimagináveis, principalmente para curar corpos e mentes doentes. Inspire, inspire profundamente e se deixe levar...

Ele fechou os olhos por alguns segundos. Quando voltou a abri-los, eles ardiam como um braseiro.

Sharko largou seu carro diante de uma placa de "Proibido estacionar" e saiu correndo, seu Smith & Wesson na cintura. Ele passou pelo imenso Instituto Gustave-Roussy, antes de alcançar um grande prédio de vidro e aço, com linhas retas e portas automáticas, sobre as quais lia-

se, em letras vermelhas e pretas: “Genômics”. Foi até a recepção, apresentou rapidamente sua falsa identificação policial e pediu para ver imediatamente Georges Noland. A recepcionista pegou o telefone para avisar ao chefe, mas Sharko a impediu.

— Não. Leve-me diretamente a ele.

— Ele trabalha na “sala esterilizada”, no nível -1, onde ficam estocadas todas as mostras de tecidos. Eu não tenho acesso e...

Sharko apontou para o elevador.

— O acesso é por ali?

— Com um crachá, sim. Não há nenhum outro jeito de descer.

— Então, telefone, sem dizer que a polícia está aqui. Diga que é sua filha que veio falar com ele.

Ela obedeceu e, alguns segundos depois, desligou.

— Ele está a caminho.

Sharko se dirigiu até o elevador e aguardou. Quando as portas se abriram, ele entrou bruscamente e empurrou Noland para o fundo do elevador, enfiando a arma bem no meio de sua barriga.

— Nós dois vamos descer.

A porta do elevador voltou a se abrir, dando para um corredor. Na frente, protegido por uma espessa vidraça, se estendia uma grande sala com toda tecnologia de ponta. Homens e mulheres com máscaras e trajes esterilizados trabalhavam diante de monitores, acionando botões que controlavam enormes aparelhos criogênicos de pressão. Assim que pôde, Sharko obrigou Georges Noland a entrar em seu escritório. Ele trancou a porta atrás de si, empurrando o geneticista contra a parede e desferindo uma coronhada em sua têmpora. O homem se agachou, as mãos sobre a cabeça. O policial apertou o cano contra seu rosto.

— Vou lhe dar dez segundos para telefonar para o Brasil e anular a missão contra Lucie Henebelle.

Georges Noland balançou a cabeça.

— Não sei do que você está...

Sharko o derrubou no chão e enfiou o cano da arma dentro de sua boca, até o começo da garganta.

— Cinco, quatro, três...

Noland teve um acesso de náusea e concordou rapidamente. Ele cuspiu algumas vezes O policial o conduziu com violência até o telefone, o corpo todo tremendo. Ele digitou o número e aguardou... Depois, algumas palavras em português Sharko não falava o idioma, mas adivinhou se tratar de números de dinheiro. Finalmente, Noland desligou e desabou sobre uma cadeira de rodinhas.

— Eles atravessaram o rio ao amanhecer. Álvaro Andrades, o militar que vigia o rio, vai deixar que ela passe sem problemas, quando voltar.

Sharko sentiu um grande alívio. Lucie ainda estava viva, em algum lugar. Ele se aproximou de Noland e agarrou a gola de sua camisa, antes de lançá-lo ao chão junto com a cadeira.

— Vou matar você. Pode ter certeza. Mas antes, fale sobre o retrovírus em forma de medusa,

sobre perfis genéticos, sobre essas mães que morrem no parto. Explique sua relação com Chimaux e Temey. Eu quero toda a verdade. Agora.

Napoléon Chimaux apontou para a futura mãe ururu, que outras mulheres, jovens e idosas, vinham acariciar a testa numa longa procissão. A seu lado, o corpo de Lucie oscilava, a cabeça pendendo para a frente e para trás. As palavras soavam graves, deformadas:

— Toda a magia, o mistério, o segredo dos ururus se encontra aí, diante de você. O modelo de Evolução mais fantástico que um antropólogo podia esperar encontrar. Observe como essa jovem grávida está serena. No entanto, ela sabe que vai morrer. Nesses momentos, eles estão todos em perfeita comunhão. Você está vendo alguma forma de violência neste povo?

Os globos oculares dela rolaram para cima, as pupilas desapareceram por alguns instantes, e reapareceram ainda mais dilatadas. Veias espessas se inflaram em seu pescoço.

— Os ururus sabem exatamente qual será o sexo do bebê que vai nascer. A mãe come mais quando se trata de um menino, o ventre cresce muito e ela fica bastante cansada nos quatro últimos meses de gravidez. O feto macho suga toda a sua energia. Quer a qualquer preço vir ao mundo, com as melhores chances de sobrevivência. A placenta se hipervasculariza a fim de levar mais oxigênio e alimento. A criança será grande, forte e terá excelente saúde...

Os cantos se sucediam, o ritmo dos pés acelerava, os rostos rodopiavam. Lucie não enxugava mais o suor que escorria de seus olhos em chamas. Salvo vagas silhuetas, não conseguia distinguir coisa alguma. Ela se lembrou vagamente... O barco, a selva... Via a si mesma deitada sobre as folhas, o rosto de Chimaux bem perto do seu. Ouvia a si mesma falar, chorar, contar... O que tinham feito com ela? Quando aquilo havia acontecido?

De repente, um homem se destacou dos demais, armado com uma pedra talhada, a lâmina fina como a de um bisturi. Ele se agachou ao lado da mulher grávida.

Noland secou em silêncio o sangue que escorria de sua cabeça. Depois seus lábios funestos se contorceu bruscamente.

— *Não é fabricando cadeiras de rodas que a ciência vai progredir. A ciência sempre exigiu sacrifícios. Mas você não é capaz de compreender esses valores.*

— *Eu já enfrentei outros desequilibrados como você, iluminados que acreditam poder fazer o que quiserem, negando a existência do outro. Não se preocupe com o que eu sou ou não capaz de*

compreender. Eu quero toda a verdade.

O geneticista fixou seus olhos negros nos do policial, e neles viu apenas desprezo.

— Eu vou revelar toda a verdade. Mas você tem certeza de que quer ouvi-la?

— Estou preparado para tudo. Comece pelo início. Os anos 1960...

Houve um silêncio... Dois pares de olhos vorazes... Noland cedeu, enfim.

— Quando descobriu a etnia unuru, Napoleón recorreu a meu laboratório para a análise de algumas amostras de sangue da tribo, a fim de julgar, de início, o estado de saúde deles. Não havia nisso qualquer outra intenção, era algo que se fazia sistematicamente, cada vez que uma nova população era descoberta. Isso foi em 1965, na época em que acabara de escrever seu livro e fazia contato com os institutos de antropologia, com suas ossadas de unuru. Fui eu e somente eu o único a ter usufruído do privilégio de trabalhar com ele, porque ele apreciava meu trabalho com os genes e partilhava de minhas ideias.

— Que tipo de ideias?

— As que falam do aumento da esperança de vida. O crescimento no número de idosos vai contra as escolhas originais da natureza. A “gerontocracia” só serve para... criar problemas, desencadear doenças e estragar nosso planeta. A velhice, a procriação tardia, todos esses remédios que prolongam a existência são uma violação à seleção natural...

Ele falava com desgosto, enfatizando cada palavra.

— ...Nós somos o vírus da Terra. Um vírus que se propaga e nunca morre. Quando Napoleón Chimaux se deu conta de que, exatamente como nos tempos pré-históricos, a velhice não existia para os homens unuru, que essa sociedade equilibrava-se sozinha por meio de seus partos e mortes trágicos, ele quis minha opinião científica. A questão era saber se os unurus exerciam seus rituais por causa da cultura, da memória coletiva perpetrada de geração em geração, ou se os exerciam porque a genética não lhes dava outra escolha. Simpatizamos um com o outro, desenvolvemos afinidades. Ele me levou aonde ninguém jamais foi, para que eu visse com meus próprios olhos seus grandes índios brancos.

Sentado com as pernas cruzadas, Chimaux pôs calmamente suas mãos sobre os joelhos. As chamas se refletiam em suas pupilas dilatadas. Lucie mal conseguia escutá-lo. Pensamentos relâmpagos e estrondosos saltavam de sua mente, ao ritmo das chamas imensas que dançavam à sua frente: ela viu bolhas de gelo se esmagarem contra o quebra-mar... Um carro que segue pela autoestrada... Um corpo carbonizado sobre uma mesa de necrópsia... Lucie virou a cabeça, como se esbofeteada. Ela divagava, tentava escutar a voz de Chimaux, entre os gritos e os uivos dentro de sua cabeça. Ela queria muito entender.

— Este homem na sua frente é o genitor, ele vai retirar o bebê antes de matar a mãe.

O jovem indígena, paramentado da cabeça aos pés, tinha se ajoelhado perto da mulher. Falava bem baixo, acariciando seu rosto. E ainda havia a voz de Chimaux,

obstinada, ao mesmo tempo longe e próxima.

— Esse marido teve sucesso na reprodução, seus genes estão seguros, porque seu bebê vai nascer forte, grande e será um bom caçador. Esse homem tem exatamente dezoito anos. Logo, encontrará outras parceiras entre as mulheres da tribo. E continuará difundindo seu sêmen... Depois, daqui a alguns anos, ele se entregará à morte em outra cerimônia. Os anciões lhe terão transmitido a arte de se matar corretamente, sem sofrimento, de acordo com as tradições. Tente imaginar minha estupefação, quando descobri o... funcionamento dos ururus, há muito tempo. As mulheres eram eliminadas quando geravam meninos, e as deixavam viver quando nascia uma menina. Matavam os homens que não tinham sequer trinta anos, mas que haviam realizado tudo o que a natureza exigia deles: combater quando preciso, assegurar a própria descendência e a perenidade de sua tribo. Por que essa cultura tão particular, tão cruel, existia somente nessa tribo? Qual era o papel da seleção natural nisso tudo? Como intervinha a Evolução?

Ele bebeu um líquido escuro que lhe arrancou uma careta, depois cuspiu para o lado.

— Suponho que você tenha lido meu livro. Não devia, é uma grande bobagem. A violência dos ururus não existe, pois ela não tem tempo de se manifestar: os adultos machos se sacrificam aos primeiros sintomas dos desequilíbrios, *as visões invertidas*. Eu inventei a violência lendária desse povo, levei-a de uma universidade à outra. Era preciso que essa tribo assustasse tanto quanto causava fascínio, entende? As pessoas deviam ter medo de vir até aqui, diante desses grandes e poderosos caçadores. Em todo o mundo, me tomaram por louco, assassino, um degenerado sedento de sangue, mas essa imagem só me favorecia. Era preciso que causássemos temor. Este povo é meu e jamais o abandonarei.

— *O inato, o adquirido... A cultura, os genes.. Margens para tantos debates O DNA influenciava a cultura unuru, ou a cultura unuru modificava o DNA? Chimaux era partidário da segunda opção, evidentemente. Ele possuía uma teoria própria, puramente darwinista, sobre o modo de funcionamento dessa tribo: os unurus eram canhotos para combater melhor seus adversários e essa característica se inscrevera em seus genes porque ela representava uma enorme vantagem evolutiva. Os machos nasciam em detrimento de suas mães pois sobreviveriam e iriam de qualquer maneira reconquistar mulheres mais tarde, que eles fecundariam. As meninas não matavam as mães ao nascer, porque não combatiam, não caçavam, não precisavam, portanto, ser fortes, mas também para que suas mães pudessem se reproduzir novamente dando à luz uma menina. Os machos unurus morriam jovens porque se reproduziam jovens como o Cro-Magnon, e porque a natureza não precisava mais deles. Quanto às mulheres, estas morriam mais velhas, porque cuidavam da prole... Para Chimaux, a cultura unuru modificava realmente seus genes e criava esse magnífico modelo evolutivo. Mas quanto a mim, eu estava convencido de que isso era*

antes de tudo genética, que os genes haviam influenciado essa cultura baseada nos sacrifícios humanos. Que os unurus não tinham jamais podido escolher: era preciso eliminar as mães se não quisessem vê-las perderem todo seu sangue em meio a terríveis sofrimentos. Que a violência incompreensível que os afetava, quando se tomavam adultos, e que anunciava o fim de sua vida era puramente genética, oculta em níveis desconhecidos de suas células, e não por influência do meio ambiente ou da cultura. Os ritos não passavam de fantasias e superstições.

— Então, você e Chimaux tiveram uma ideia monstruosa para confrontar suas duas teorias.. Você fez as inseminações.

Noland apertou os maxilares.

— Chimaux tinha um ego exagerado. Queria estar sempre com a razão, mas era incapaz de tomar decisões. A ideia foi minha, só minha. Sempre fiz as escolhas mais importantes. É meu nome que deve ser lembrado, não o dele.

— Vamos nos lembrar, quanto a isso não precisa se preocupar.

O cientista cerrou os lábios.

— A única coisa que Chimaux teve que fazer foi tomar o poder do povo unuru. De onde surgiu a ideia do sarampa.. Minha ideia. Fui eu que filmei os corpos dizimados, não ele. Eu que fiz o trabalho sujo, para que ele pudesse se apoderar da tribo.

Bolhas de saliva espumavam em seus lábios. Sharko tinha consciência de estar diante de uma das expressões mais perversas da loucura humana: homens que desperdiçavam sua inteligência superior com a única intenção de fazer o mal. A figura do sábio louco se encontrava encamada bem à sua frente.

— Depois.. de fato, eu fiz a inseminação nas mulheres sem que elas soubessem. A criogenia existia desde os anos 1930, os espermatozoides congelados dos unurus atravessaram milhares de quilômetros em pequenos recipientes criogênicos para chegar até aqui. Casais de franceses comuns vinham me procurar porque não conseguiam ter filhos. Espermiogramas fraquíssimos, óvulos pouco fecundos.. Eu examinava essas mulheres, algumas queriam uma inseminação do esperma de seus maridos. Era fácil introduzir o produto seminal dos unurus. Era invisível. Esses índios eram brancos, tinham traços caucásios, os bebês que nasciam podiam muito bem ser europeus. Somente a intolerância à lactose, inevitavelmente transmitida pelo espermatozoide unuru à criança, podia traír essa manipulação. E também o fato de a criança não se parecer com o pai. Mas mesmo nesses casos, as famílias sempre encontravam pontos de semelhança...

Sharko apertou ainda mais a coronha do revólver. Nunca sentira tanta vontade de atirar.

— E você inseminou até sua própria mulher.

— Não procure me julgar assim tão rapidamente. Para seu conhecimento, eu nunca a amei. Você não sabe nada sobre mim, sobre minha vida. Ignora o que significam as palavras “obsessão” e “ambição”.

— Quantas pobres inocentes você inseminou?

— Eu quis fazer a inseminação em dezenas delas, mas a proporção de insucessos era enorme, não estava funcionando bem. Estávamos engatinhando nessa técnica e, talvez, os espermatozoides suportassem mal a criogenização e o transporte. Por fim, só funcionou com três mulheres...

— A sua... e a avó de Grégory Camot estavam entre elas, não é?

— *Exatamente. Essas três mulheres inseminadas geraram três meninas.*

— *Uma dessas crianças era Amanda Potier, a mãe de Grégory Camot, e a outra, Jeanne Lambert, a mãe de Coralie e Félix...*

Ele aquiesceu.

— *Três mulheres com genes dos ururus, portadoras do vírus que, por sua vez, deram à luz sete crianças, três meninos e quatro meninas...*

A geração de crianças cujos códigos genéticos se encontravam no livro de Terney, pensou Sharko.

— *...Essa geração dos sete foi, para mim, a geração da verdade. Félix Lambert... Grégory Camot... e cinco outros Sete netos com os genes dos ururus nascidos em boas famílias, que receberam amor e que, no entanto, reproduziriam o esquema da tribo. Suas mães morriam se gessem meninos e sobreviviam se fossem meninas. Homens adultos que começam a... se tomar violentos Isso começou há apenas um ano. Grégory Camot foi o primeiro a, enfim, exprimir o que eu esperara durante todos esses anos. Camot, vinte e quatro anos... Lambert, vinte e dois anos... Tudo indica que o vírus entra em ação alguns anos mais cedo em nossa sociedade, mais próximo dos vinte do que dos trinta. Sem dúvida, isso se deve à mistura com os genes ocidentais, que modificou ligeiramente o comportamento do retrovírus.*

Ele suspirou.

— *Eu estava certo: a cultura não tinha nada a ver com isso. Tudo era puramente genética. Mais do que genética, já que eu descobri bem tarde que se tratava na verdade de um retrovírus com estratégia incrivelmente eficaz, que soube encontrar na tribo quase pré-histórica seus hospedeiros ideais.*

Apesar da situação tensa, seus olhos continuavam brilhando. O tipo de fanático que nunca mudaria e acreditaria naquilo até o fim, e que prisão alguma seria capaz de deter.

— *Qual era o papel de Stéphane Temey nisso tudo?* — perguntou Sharko.

— *Na época, eu não sabia da existência do vírus. Não compreendia o que matava as mães, pensava tratar-se de um problema imunológico, as trocas entre mães e fetos durante a gestação. Temey era sem dúvida um fanático, além de paranoico, mas era um gênio. Conhecia como a palma de sua mão o DNA e os mecanismos da procriação. Ele me ajudou a entender, e foi ele que conseguiu o retrovírus. Imagine em que estado eu fiquei, quando o vi pela primeira vez pelo microscópio...*

Sharko pensou na ignóbil medusa, flutuando no líquido. Uma assassina de humanos...

— *...A esse retrovírus, nós demos o mesmo nome que o projeto de inseminação: Fênix. Eu sabia que Temey morderia a isca, que não poderia recusar a oportunidade de acompanhar uma mãe que carregava nela um puro produto da Evolução. Eu vigiava Amanda Potier, sabia que estava grávida. Ela era quase a materialização do sentido da vida de Temey, de sua busca, de suas pesquisas... Grégory Arthur TAnaël CAmot, GA TA CA, era um pouco filho dele... Com sua reputação e competência, foi fácil para ele colher as amostras sanguíneas das sete crianças depois do parto, analisá-las e me ajudar a conhecer Fênix melhor.*

— *Fale-me deste projeto Fênix. Como é que essa portaria funciona?*

O macho ururu soprou um pó verde no rosto de sua mulher, que arregalou os olhos repentinamente vermelhos. Em seguida, fez com que ela mordesse um bastão. Chimaux observava o macabro espetáculo com certo fascínio nos olhos.

— O recém-nascido será diretamente confiado a outra mulher da aldeia, que se tornará responsável por sua criação. Assim se perpetua a vida entre os ururus. É cruel, mas esta tribo atravessou milênios com seus ritos. Se ela ainda existe, é porque em algum lugar se criou um equilíbrio natural, evolutivo. A tribo ururu não conheceu a decadência das sociedades putreficantes do mundo ocidental. Não teve essa necessidade absoluta de se reproduzir cada vez mais tarde, de prolongar sua vida sem uma utilidade real, de viver dentro do modelo familiar tal qual nós conhecemos. Olhe os danos no Ocidente: doenças que se desencadeiam em série após os quarenta anos. Você acha que o mal de Alzheimer é uma doença nova? E se eu dissesse que ela sempre existiu, mas que nunca se declarou simplesmente porque os homens morriam mais jovens? Ela velava no coração de nossas células aguardando sua hora. Hoje, todo mundo pode conhecer seu genoma, suas predisposições para doenças como o câncer. Probabilidades inúmeras que orientam nosso futuro... Nós nos tornamos loucos e hipocondríacos por causa delas. A Evolução não decide mais nada.

— Por que Éva Louts? — murmurou Lucie, num lampejo de consciência.

— Éva Louts chegou aqui com uma teoria formidável, que poderia ter sido minha, há vinte anos: a cultura de combate de uma sociedade, que “imprime” a característica canhota no DNA, forçando assim os descendentes a serem canhotos também, a fim de se tornarem melhores lutadores... A memória coletiva que modifica o DNA... Ela possuía *minha* concepção da Evolução, ela era exatamente como eu.

Ele baixou um pouco a calça e mostrou uma grande cicatriz na virilha.

— Eu quase morri, cinco anos atrás. Noland queria ir longe demais. Quando ele e Terney identificaram o funcionamento exato do vírus, ele começou a falar de um projeto de grande envergadura. Se você o conhecesse, saberia o que essas palavras significam saindo de sua boca. Eu quis me opor, porque não se tratava mais de algumas mortes, desta vez, mas sim de reinjetar um vírus vivo no patrimônio genético da humanidade. Uma Aids dez vezes mais possante, que deveria fazer uma grande limpeza. Então, ele tentou me matar. Desde então, eu não saio mais desta selva.

Ele ajeitou a roupa, bebeu outro gole. Lucie tentava memorizar suas palavras. Um vírus... Noland... Ela precisava lutar, as brumas a envolviam, devorando seu pensamento, apagando suas lembranças.

— Quando Éva Louts veio me encontrar, tive uma ideia. Eu queria saber se... os primeiros sintomas do vírus haviam afetado jovens homens adultos. Se algum deles tinha se tornado ultravioleto, e se todas as hipóteses de Terney e de Noland se confirmavam. Então, usei a estudante, pedi que visitasse as prisões e procurasse canhotos violentos, jovens, apresentando sintomas de desequilíbrio. Ela devia simplesmente me

trazer uma lista de nomes e de fotos, eu sabia que reconheceria entre eles as crianças ururus e que, se isso se confirmasse, então todas as teorias de Noland se verificariam válidas. Como ela não voltou, eu soube que tinha ido longe demais. Que suas pesquisas e sua obstinação lhe teriam custado a vida. Noland a matara...

Lucie contorcia-se. As imagens continuavam se sobrepondo em sua cabeça. Tudo se misturava, enquanto os gritos das mulheres aumentavam em torno do fogo. Vozes distintas do passado se mesclaram aos clamores do presente. Policiais que gritavam, que se precipitavam. Trêmula, encharcada, Lucie se viu claramente andando com as forças de ordem. Arrombavam a porta, Lucie os seguia. Carnot, ali, estendido no chão... Ela correndo pela escada, o cheiro de queimado. Uma porta. O quarto. Outro corpo, cujos olhos haviam ficado abertos.

Juliette, ali, morta, bem à sua frente, os olhos arregalados.

Lucie rolou para o lado, as mãos no rosto, e soltou um longo grito de dor.

Seus dedos se crispavam no chão, as lágrimas se misturando àquelas terras ancestrais, enquanto, diante dela, mãos ensanguentadas brandiam aos céus um bebê arrancado do ventre de sua mãe. Num derradeiro instante de lucidez, ela viu Chimaux se inclinar sobre seu corpo e o ouviu murmurar:

— E agora, vou aspirar sua alma.

Noland falava calmamente, limpando sua ferida com toques breves e precisos.

— Fênix saiu do ventre da Evolução e contaminou gerações de Cro-Magnons, há trinta mil anos. Acredito que, em algum momento, ele contribuiu para a extinção do homem de Neandertal, por meio de um genocídio perpetrado pelos Cro-Magnons infectados, mas isso é outra história. O fato é que a corrida armamentista entre vírus e homem, dentro das sociedades ocidentais emergentes, deu vantagem ao ser humano: o retrovírus se tomou ineficaz ao longo dos séculos e se encontrou fossilizado no DNA. Entretanto, ele persistiu na tribo ururu, com mutações mínimas ao ritmo da lenta evolução dessa tribo isolada e oriunda da Pré-história. Numa sociedade ocidental, a cultura avança rápido demais, ela orienta os genes, os guia, assume a ascendência sobre a natureza. Mas na selva, não. Os genes preservam sempre um avanço em relação à cultura.

— Como funciona o vírus?

— Basta um portador, homem ou mulher, para que a criança seja infectada. Fênix se esconde no cromossomo número 2, próximo dos genes que determinam a lateralidade. É sua presença que toma os hospedeiros canhotos. Mas para se tornar ativo e se multiplicar, Fênix precisa de uma chave. Essa chave qualquer homem do planeta a detém, em seu cromossomo sexual Y.

Sharko pensou no livro de Tëmey, A chave e o cadeado. Não havia dúvida de que esse título aludia secretamente ao vírus Fênix. Mais um de seus artifícios.

— Quando eu inseminei as mães saudáveis, há mais de quarenta anos, elas geraram uma criança infectada, a geração G1, uma vez que o vírus se encontrava no espermatozoide ururu e,

portanto, no patrimônio genético da criança. Suponhamos que a criança G1 seja uma menina, como foi o caso todas as vezes e, em particular, com... Jeanne, a mãe de Coralie.

Ele falava da mulher que seria sua filha, mas que no entanto não possuía qualquer gene seu. Uma estranha a seus olhos, o simples produto de uma experiência.

— Jeanne, portanto, é portadora do vírus No momento da futura fecundação de seu ovócito com o espermatozoide de um homem ocidental, vinte anos mais tarde, o acaso decide: o novo feto será menina ou menino. Jeanne teve primeiro uma filha, Coralie, e depois um menino, Félix. Duas crianças infectadas da segunda geração, G2. No caso de Coralie, o marido transmitiu seu cromossomo X, o vírus não entrou em ação em Jeanne, porque o cadeado permaneceu fechado. Isso não impede que Félix seja transmitido geneticamente a Coralie por meio do cromossomo 2... No caso de Félix, o pai transmite seu cromossomo Y. Este cromossomo se encontra na composição da placenta, que interage intensamente com o organismo de Jeanne. A partir daí, o cadeado que tem o vírus no cromossomo 2 de Jeanne se abre. Proteínas são fabricadas no corpo materno e então o vírus se multiplica com um único objetivo: garantir a própria sobrevivência e a propagação dentro de outro corpo. A expressão do vírus se caracteriza então por uma hipervascularização da placenta, acarretando, em contrapartida, uma deterioração das funções vitais da mãe. O vírus vence: mata seu hospedeiro e se propaga por intermédio do feto, garantindo assim sua própria sobrevivência... Você sabe o que vem depois Félix cresce, se torna adulto, provavelmente tem relações sexuais. Ele transmitirá o vírus caso fecunde uma mulher e a criança vier a nascer. Depois, acontece aquilo que se deu no organismo da mãe G1: o vírus se multiplica em Félix e o mata, se manifestando dentro de seu cérebro. O sistema funciona em todos os cenários possíveis Mãe ou pai infectado, menino ou menina que nasce. Félix adotou a estratégia de qualquer vírus ou parasita: sobreviver, se propagar, matar. Se ele sobreviveu entre os uninus, foi porque o vírus e o homem encontraram vantagens bem superiores às desvantagens Uma tribo jovem, forte, de evolução lenta, cujo tamanho se regulava sozinho e que não sentia qualquer outra necessidade além de sobreviver e assegurar sua perenidade. O restante, e principalmente o envelhecimento, não passa de... supérfluo.

Ele suspirou, os olhos no teto. Sharko sentia um forte impulso de extirpá-lo.

— Eu registrei tudo em documentos com todos os detalhes. As sequências analisadas do Félix com mutação e do Félix sem mutação com trinta mil anos. Você nem imagina o impacto da descoberta do Cro-Magnon na caverna, há um ano. Um indivíduo isolado, que tinha massacrado uma família Neandertal... O desenho de cabeça para baixo... Ali estava a expressão da forma original de um vírus cuja existência era conhecida por apenas três pessoas no mundo, e sobre a qual nós nos dedicávamos há anos Stéphane Témey deu um jeito de roubar a múmia e seu genoma.

— Por que não roubar apenas os arquivos virtuais? A que serviria a múmia?

— Nós não queríamos deixá-la nas mãos dos cientistas, que conseguiriam inevitavelmente um novo extrato do genoma e o passariam na peneira... Com o tempo, eles perceberiam as diferenças genéticas entre o genoma ancestral e o nosso, acabariam entendendo e descobrindo meu retrovírus...

Ele estalou a língua.

— *Terney queria a todo custo guardar o Cro-Magnon em seu museu particular, e eu precisei pressioná-lo um pouco para que se livrasse dele. Em seguida, exploramos o genoma. Nossos trabalhos avançavam rápido e satisfatoriamente, sobretudo graças à explosão de conhecimentos neste ramo da genética. Até que Terney me telefonou, em pânico, no início do mês, falando de uma estudante que estava metendo o nariz nas histórias de canhotos e violência. Éva Louts.. Então eu a investiguei e descobri que ela havia estado na Amazônia. Sem dúvida, Napoleón Chimaux tinha algo a ver com aquela história. Por conta disso, resolvi dar um jeito na situação, estava ficando perigoso demais. A paranoia de Terney começava a levá-lo seriamente ao pânico. Eu os matei, queimei as fitas de vídeo que mostravam os ritos dos unurus, os materiais que havíamos colhido, as inseminações. Apaguei todos os vestígios. Ter deixado Terney fotografar o Cro-Magnon e não sumir com os três quadros da parede de sua biblioteca foram meus maiores erros. Mas nunca, nunca eu imaginaria que vocês fizessem qualquer tipo de associação.*

Ele cerrou os punhos.

— *Eu queria... dar vida ao verdadeiro Fênix, ver do que ele era capaz, em relação a sua forma unuru com mutação em forma de medusa, mas não tive tempo. Você nem sequer imagina o trabalho que tive, os sacrifícios a que me submeti. Você, um policialzinho qualquer, estragou tudo. Você não entendeu que a Evolução é uma exceção. A extinção é a regra. Estamos todos destinados a nos apagarmos. Você primeiro.*

Sharko se aproximou e apertou o cano contra o nariz do homem.

— *Sua neta, Coralie, ia morrer diante de seus olhos e você sabia disso.*

— *Ela não ia morrer. Iria desempenhar seu papel, ditado pela natureza. A natureza deve decidir, não nós.*

— *Você é um fanático incurável. Isso é o suficiente para que eu atire.*

— *Pode atirar, então. E você nunca saberá quem são os quatro perfis restantes. Ou então, só os descobrirá tarde demais, quando o pior tiver acontecido. E você sabe o que acontecerá de pior, comissário.*

Sharko trincou os dentes e precisou combater seus maiores demônios para tirar o dedo do gatilho. Ele baixou sua arma.

— *É bom que a mulher que eu amo volte viva, seu infeliz, porque mesmo na prisão, onde você vai passar o resto de seus dias e conhecer os piores dejetos dessa sua maldita Evolução, eu juro que acabo com você.*

Lucie abriu bruscamente os olhos. A paisagem oscilava, como se repousasse sobre um colchão de ar. O ronco de um motor... O cheiro de lama... As vibrações no chão... Ela se ergueu, uma das mãos na cabeça, e levou alguns segundos para se dar conta de que estava a bordo do *Maria Nazaré*. Agora, o barco navegava no sentido da corrente.

Estavam voltando.

O que havia acontecido?

Pálida, Lucie se arrastou até a amurada e começou a vomitar. Vomitou porque via,

com a mesma nitidez, a verdade sórdida e a paisagem, os brinquedos ainda embrulhados no quarto das gêmeas... E depois, via a si mesma, diante da escola, no dia de retorno às aulas, sem ninguém para acompanhar... O telefone celular abandonado num canto... Seus passeios, somente com Klark, ao longo da Citadelle. Os olhares curiosos de sua mãe, as alusões, os suspiros... Sozinha, sozinha, sempre sozinha, falando com um cachorro, com a parede, se dirigindo ao vazio.

O estômago de Lucie recomeçou a se contorcer. A selva e as drogas lhe tinham revelado que suas duas filhas estavam mortas; que, há mais de um ano, ela vivia com um fantasma, uma alucinação, uma pequena criatura de fumaça que viera para confortá-la, ajudá-la a superar o drama.

Meu Deus...

Titubeando, Lucie dirigiu seus olhos embaçados para Pedro, que estava apoiado na proa e mascava fumo. Bem à frente, se erguia o posto da FUNAI. Não fizeram menção de pará-los; o homem com a cicatriz fazia sinal para que seguissem direto, e rápido. Ele encarou Lucie sem se mexer, com seu olhar glacial, depois voltou apressado para seu posto.

O guia se aproximou de Lucie, sorrindo.

— Você voltou para a gente.

Lucie inspirou o ar, sentindo dores, depois enxugou as lágrimas com os dedos. Tinha a impressão de ter voltado do além-túmulo.

— O que aconteceu? Eu me lembro de nossa caminhada... Da fumaça... Depois, o buraco negro. As imagens em minha cabeça. Imagens... pessoais. Mas... onde está Chimaux? Eu quero voltar para lá, eu...

Pedro pôs uma das mãos em seu ombro.

— Você ficou com Chimaux e os índios dele. Eles a trouxeram de volta ao barco, três dias depois.

— Três dias? Mas...

— Chimaux foi bem claro: não quer mais que ninguém volte lá. Nunca mais. Nem você nem eu. Mas ele tem algumas palavras para você. Algo que me pediu que lhe transmitisse.

Lucie passou as mãos no rosto. Três dias. O que haviam feito com ela? Como tinham conseguido abrir sua mente a tal ponto?

— Diga — murmurou ela, tristemente.

— Ele disse: “Os mortos podem sempre estar vivos. Basta acreditar e eles retornam.”

Depois de proferir essas palavras, ele voltou para o leme do barco, fez soar ruidosamente sua sirene de cerração e acelerou o motor.

Algumas horas mais tarde, o barco atracou no pequeno porto de São Gabriel. Em meio à multidão de nativos, destacava-se um europeu, com uma bela camisa aberta no peito e óculos escuros.

Uma das hastes dos óculos estava remendada com cola.

Lucie sentiu seu coração bater forte e, mais uma vez, seus olhos se embaçaram. Com um suspiro, ela fixou silenciosamente as águas escuras, tenebrosas, sob as quais, porém, abundavam milhares de espécies. Do ponto mais profundo de sua tristeza, ela disse a si mesma que tudo o que havia de mais sombrio podia também trazer esperança e vida.

EPÍLOGO

[O]céu do Nord estendia sua luz prateada sobre os túmulos. Lucie fez o sinal da cruz diante da sepultura das filhas e, depois, erguendo um pouco a gola de seu casaco, deu o braço a Franck Sharko. O vento frio do norte arrancava as últimas folhas dos álamos, anunciando um difícil mês de novembro. Diziam que o inverno que se aproximava seria rigoroso. Para Lucie e Sharko, não seria mais difícil do que o verão.

Sozinhos nas grandes alamedas, o casal acabou indo embora a pé, rumo ao centro da cidade de Lille. Naquela tarde, os grandes centros comerciais estavam cheios, alguns sem-tetos pediam esmola ou se aqueciam nas saídas de ar do metrô, os ônibus e bondes transportavam seu lote cotidiano de trabalhadores, estudantes e turistas: gente que seguia cada qual sua trajetória, mas que participavam, sem sequer se dar conta, do grande canteiro de obras da Evolução.

Franck e Lucie pensavam em entrar num café da Grand-Place para conversar um pouco, mas, bruscamente, o comissário pegou a mão da companheira e a conduziu na direção da parte antiga de Lille, na rua des Solitaires. Entraram então num bar que não parecia grande coisa, o Nêmo. O leteiro era recente, o estabelecimento fora comprado há pouco tempo por um ex-caminhoneiro. Assim que transpuseram a porta, Sharko sentiu seu coração apertar. Ele respirou o cheiro bom dos tijolos antigos e do cimento poroso. Lucie e ele se instalaram sob uma pequena arcada pouco iluminada. Com os olhos brilhando, Sharko observou ao redor.

— Foi bem aqui que eu conheci Suzanne. Eu ainda era militar. Faz tanto tempo que não venho a este lugar...

Ele tomou as mãos de Lucie nas suas. Seus dedos haviam recuperado um pouco de espessura e seus punhos, a solidez.

— É neste lugar, tão importante para mim, que eu queria dizer que amo você, Lucie.

— Eu também amo você. Se soubesse...

— Eu sei.

Eles se olharam sem dizer mais nada, como faziam com frequência, depois pediram dois chocolates quentes, que logo foram servidos. Sharko percorreu com a ponta do dedo a borda de sua xícara.

— Eu soube ontem que você voltou a ver o seu comandante da polícia. E também que se informou sobre uma reintegração ao 36 Quai d'Orfèvres. A Divisão de Homicídios de Paris... Kashmarek gosta muito de você, parece estar se virando para ajudar, e há grandes chances de conseguir voltar. Por que está fazendo isso?

Lucie deu de ombros.

— Só quero estar perto de você. Quero que fiquemos juntos o tempo todo. Quero formar uma equipe.

— Lucie...

— Eles fizeram uma boa faxina no setor de Manien, graças as suas revelações. Há postos disponíveis. Eu não tenho mais nada a fazer em Lille... Há lembranças demais. — Ela suspirou com um ar triste. — Enquanto você não pedir demissão, eu vou segui-lo.

— Não posso me demitir. Ainda não. Alguém matou Frédéric Hurault perto do 36 para me envolver no caso. Acharam meu DNA nas roupas dele e estou quase certo de que eu não fui descuidado a ponto de deixá-lo lá. Hurault era pai de duas gêmeas. Estou convencido de que *alguém* tinha conhecimento sobre o caso de Clara e Juliette... Esse assassinato era para me envolver. Agora que estou pensando com mais clareza, tenho convicção de que me enviaram uma mensagem por meio de um cadáver.

Lucie negou com a cabeça.

— O problema é ter as ideias tão claras, justamente. Como eu, você conhece bem a força das coincidências. Pois, *são* coincidências, mais nada. Ninguém está atrás de você. Esse crime não passa de uma notícia das páginas policiais, entre tantas outras.

— Talvez. Mas agora que me reintegraram, não vou largar meu posto até ter resolvido esse último caso.

Lucie colocou açúcar em seu chocolate e misturou com uma colherzinha.

— Nesse caso, eu também. E é com você que eu quero trabalhar. Você, só com você.

Sharko acabou sorrindo.

— Dois meses atrás, nós juramos que íamos parar com tudo, meu Deus!

— Sim, mas a paisagem de *Alice no país das maravilhas* recomeçou a avançar. Não temos escolha.

— É, não temos escolha.

Eles trocaram um sorriso franco, depois um beijo.

— Você acha que vamos formar uma boa dupla? — perguntou Sharko.

— Nós já demos provas disso, não é?

Eles se calaram e cada um tomou seu chocolate, os olhares perdidos. As lembranças da última investigação ainda estavam grudadas à pele... Georges Noland tinha finalmente revelado as sete identidades correspondentes aos sete perfis genéticos do livro de Terney. Homens e mulheres jovens submetendo-se naquele mesmo instante a exames, ecografias, ressonância magnética, incapazes de entender o que lhes acontecia. Noland contara tudo, mas quem poderia afirmar que ele não havia feito outras experiências, outras inseminações, que não teriam sido notificadas em lugar algum? E se tivesse cúmplices? A que ponto chegara sua loucura? Teria contado aos policiais toda a verdade, ou ainda escondia uma parte em algum desvão de seu cérebro doente?

Quanto a Napoléon Chimaux... ele ainda se encontrava em algum lugar nas profundezas da floresta. Retirá-lo de lá e fazer com que ele admitisse sua responsabilidade não seria tarefa simples.

Coralie Lambert não pôde ser salva. No momento em que foi internada, milhões de minúsculas medusas já tinham invadido seu corpo, GAIACA se multiplicara desde o primeiro mês de gestação, dando início a um processo implacável. Seu bebê veio ao

mundo muito saudável, mas dissimulando em suas entranhas um monstro adormecido. Só se podia esperar que geneticistas, biólogos, virologistas encontrassem um modo de aniquilar GAIACA, antes que aquele bebê inocente se transformasse, um dia, em um Grégory Carnot ou um Félix Lambert.

Atormentado por essas lembranças, boas e más, Sharko cerrou os lábios. A Evolução construía coisas maravilhosas, mas ela sabia se mostrar extremamente cruel. O policial repetia para si mesmo com frequência a frase que Noland lhe dissera no último encontro: *A Evolução é uma exceção. A extinção é a regra*. Ele tinha razão... A natureza fazia experiências, sem cessar, testando milhões, bilhões de combinações, das quais apenas algumas perdurariam através de milênios. Nesta alquimia, se desenvolviam inevitavelmente monstruosidades: Aids, câncer, GAIACA, as grandes epidemias, os assassinos em série... a natureza não sabia distinguir o bem do mal, tentava somente resolver uma equação incrivelmente complexa. Uma coisa era certa: ela assumira um risco enorme ao criar o homem.

Um casal entrou, dois jovens de mãos dadas que foram se instalar em torno de uma mesinha redonda. Eles se olhavam timidamente e Lucie sentiu no ar o lampejo de uma relação que nascia. Um dia, talvez, seus cromossomos se abraçariam, seus genes se cruzariam. Os olhos azuis dele, os cabelos louros dela... A curva de um nariz, as maçãs do rosto ovaladas, uma covinha no queixo. O acaso decidiria quem, entre o pai e a mãe, transmitiria suas particularidades ao bebê. O amor deles geraria um ser pensante, inteligente, capaz de belos atos, e que provaria que não éramos apenas máquinas de sobrevivência.

Tomada por devaneios, Lucie olhou para Sharko e se surpreendeu imaginando, pela primeira vez desde que se conheceram, qual seria o fruto daquela união. Certamente, haveria um pouco de Clara e de Juliette em algum lugar do ser que viria.

Sim, Clara e Juliette estavam dentro dela, em seu DNA, e não fora dela, dois metros sob a terra. Bastava apenas uma pequena centelha para que uma parte desses pequenos tesouros voltasse à vida.

E essa centelha chamava-se Franck Sharko.

PALAVRAS FINAIS

[C]hegamos ao fim de uma bela aventura.

A escrita deste díptico me deu a oportunidade de refletir longamente sobre o tema da violência. De onde ela vem? Quais são seus fundamentos, suas origens? Ela pode atingir qualquer um, em qualquer momento? O livro *A síndrome E* mergulhou mais particularmente na violência dentro de nossa sociedade contemporânea e na maneira como ela se espalha entre os indivíduos do planeta, deixando de lado, voluntariamente, o fator cronológico. Eu qualificaria essa abordagem como “vertical”: diluição no espaço e não no tempo. Com *GATACA*, eu quis abordar o outro eixo, o eixo horizontal ou cronológico, que se estende por vários milênios. Como a violência evoluiu desde os primeiros homens até nossas civilizações modernas? Por qual viés ela se propagou? Genético ou cultural?

Preparar e escrever essas duas histórias foi uma aventura árdua, mas apaixonante, que me permitiu tratar de temas igualmente incríveis e variados. Para nos atermos unicamente a *GATACA*, espero ter conseguido transmitir a vocês, em algumas páginas, o prazer que senti ao mergulhar no universo da antropologia, da paleontologia, da biologia e suas múltiplas ramificações, uma mais interessante que a outra.

A maior parte das informações científicas descritas nesta obra é verdadeira. Por mais incrível que isso possa parecer, a lateralidade e a violência estão bastante ligadas. Mas convém lembrar que os canhotos não são violentos, são apenas mais numerosos em sociedades violentas. A paleogenética permite fazer com que múmias milenares nos deem muitas informações. A extinção do homem de Neandertal ainda não encontrou sua explicação, mas a tese de genocídio por parte do Cro-Magnon nunca foi totalmente descartada. Lyuba, o bebê mamute do qual falo rapidamente, existe e seu estado de conservação é formidável. Todas as informações relativas ao DNA são comprovadas, especialmente a presença de uma infinidade de retrovírus fósseis dentro da longa cadeia de nucleotídeos, constituindo o célebre *DNA não codificante*.

Essas histórias de coevolução ou de corrida armamentista são fascinantes, e existe igualmente entre os parasitas e os hospedeiros, de maneira ainda mais evidente; esta, porém, é outra história e poderia até merecer um livro. Quanto à última parte, relativa a essa famosa tribo amazônica e às experimentações das quais ela teria sido vítima... Talvez seja recomendada a leitura de *Tievas no Eldorado*, de Patrick Tierney, ou então uma busca na internet, para que o leitor crie sua própria opinião. Vocês verão que realidade e ficção não estão tão afastadas assim.

Por questões de fluência do texto, simplifiquei as explicações associadas aos mecanismos complexos que se produzem nos organismos humanos, em especial sobre a codificação das proteínas, o comportamento dos genes, os modos de replicação dos retrovírus. Conforme afirmo no livro, GATACA possui uma autêntica estratégia que funciona em todos os casos, qualquer que seja a geração. Teriam sido necessárias inúmeras páginas de explicação; então, falarei mais sobre isso um dia, talvez, ao vivo, num eventual encontro no futuro.

Quanto aos canhotos que lerão este livro... Espero que essa história os tenha deixado com uma pulga atrás da orelha!

Aos curiosos que se interessem pela Evolução e pela compreensão de certos mistérios da vida, eu sugiro as obras apaixonantes de Jared Diamond (*O terceiro chimpanzé*), as de Yves Coppens e Richard Dawkins (especialmente *O gene egoísta*) e, evidentemente, Charles Darwin, cujo livro *A origem das espécies* deveria ser recomendado por todos os professores de biologia. Aconselho também a leitura muito instrutiva de *Troglodita é você!*, de Michel Raymond, que dá uma excelente ideia do que é a biologia evolutiva. Foi dessa obra que extraí minha ideia sobre os “consumidores de leite”!

Agora, sobre os personagens... Para os leitores que conhecem Lucie Henebelle e Franck Sharko há alguns anos, vocês perceberam que a trajetória deles não é fácil (é o mínimo que podemos dizer). Mas há uma coisa que eu entendi, e que é uma força motriz de minha escrita: construir bons personagens é tão importante quanto criar uma boa história. Como diria o célebre especialista em biologia evolutiva(!), as lebres correm mais rápido do que as raposas simplesmente porque elas o fazem para sobreviver. Pessoas como Franck e Lucie correm para sobreviver, e é no sofrimento, na contradição, no combate, que eles se expressam melhor. Gosto deles assim e espero que continuem me acompanhando. Àqueles para quem esses personagens são importantes, saibam que eles voltarão em novas aventuras. Eu proponho um *one shot*, um thriller original que os levará até as profundezas da alma. Imaginem simplesmente que vocês acordem um dia acorrentados no fundo de um abismo, com dois desconhecidos, e descubram que jamais virão salvá-lo...

E visto que os números são para mim uma paixão, não posso deixar de fornecer

alguns sobre esta intrigante molécula de DNA. Vocês podem encontrar a sequência G, A, T, C no final deste livro. Ela representa, *grosso modo*, os trinta mil primeiros nucleotídeos do cromossomo 1 do genoma humano. Portanto, é correspondente a quinze páginas da famosa enciclopédia da vida de Daniel, que contém, não custa lembrar, cinco mil volumes de trezentas páginas cada (com algumas divergências entre a sua enciclopédia e a dele, constituindo as diferenças entre vocês dois!).

Para dar outra ideia, este único cromossomo 1, para ser decifrado na sua integridade, necessitaria de cerca de cinco mil volumes em seis mil (ele é imenso) e se, em vez de escrevê-lo, nós o desenrolássemos completamente de modo concreto, ele mediria uns oito centímetros. Colocado uns ao lado dos outros, os quarenta e seis cromossomos que formam o DNA de uma única célula dariam um filamento do tamanho de um homem. Isso está ficando interessante. Mas, ao se fazer o mesmo com todas as células que compõem o corpo humano, isso resultaria num comprimento aproximado de... um bilhão e quinhentos milhões de quilômetros, ou seja, a distância do Sol a Saturno, para um só indivíduo.

Milhares de quilômetros retorcidos, enrolados, ocultos no coração de nossas células, de nossa intimidade, desde a aurora dos tempos.

Uma coisa é certa: a vida ainda não acabou de nos revelar todos os seus segredos.

Agradeço de todo o coração às pessoas que me acompanharam, encorajaram e apoiaram ao longo de toda a escrita deste díptico. Primeiramente, a Sylvain Billiard, conferencista e pesquisador de biologia evolutiva, sem ele esta história não teria existido: seu repertório me fascinou e me fez refletir sobre o sentido da vida... Agradeço aos professores Dubucquoi, Fily, ao Dr. Renouf, ao Dr. Tournelle, talentoso médico-legista. E também a Hervé Jourdain, escritor e capitão da polícia no 36 Quai d'Orfèvres, que sempre soube responder às minhas perguntas prontamente. A Laurent Guillaume, outro escritor, pela exatidão de suas explicações sobre o funcionamento da polícia. A Laurent B., pelas informações sobre os conflitos internacionais. Agradeço muito, igualmente, àqueles que, de um jeito ou de outro, contribuíram com uma frase, uma palavra. A soma de todas essas palavras resultou em dois livros...

Agradeço a François Laurent por suas leituras e opiniões entusiasmadas e por ter me orientado tão bem. Agradeço a Céline Thoulouze por sua perspicácia e seu profissionalismo, e a Deborah, por seu acompanhamento. Agradeço também a Aurélie e Julie, pelo trabalho dedicado, antes mesmo da publicação deste livro. Agradeço a toda equipe da Fleuve Noir, que acreditou nestas histórias desde o início. Sua motivação foi infalível e me deu asas. Agradeço particularmente aos profissionais que trabalham na sombra, mas que possibilitaram que esta obra existisse. Um pensamento para cada pessoa com a qual eu cruzei na Place d'Italie...

Agradeço aos dois Laurent, meus grandes, grandes amigos, eles se reconhecerão sem

problemas. Que nossas conversas possam se prolongar *ad vitam aeternam*.

Agradeço aos cavalheiros da Ligue de l'Imaginaire, Patrick Bauwen, Maxime Chattam, Olivier Descosse, Eric Giacometti e Jacques Ravenne, Henri Loevenbruck, Laurent Scalese (ainda ele), Bernard Werber e Erik Wietzel.

Agradeço a minha família. Estas últimas palavras são para eles.

AATTCCTTGATTGATAATTTTTCTCTCAGTCTTTATCTTGTCTCTCCTTGAACACATTATTTCTG
GTGTTGAACATTCAGACACTTCTCCAATTTCTTATACTTTTTCTCCTATTTTTACCT
TTTAGACTCTTTTTGTTGATTCTTTCTGTGAGGTTTACCAACTTTATCTAGTACAAGT
TTTATGGAATTTAAAAATGTTTCAGAGTTAAGTTCAGATCCTCTTTTTTTAAGTGTTCAT
TTTTCATGACTCCAGTCTTTTAGGGTACGTATCTTTTTCTCTCTGAAGACAGTATTACAGT
TACTGGAATTCCTCCTGCTCCACCTGTCTTTGGTCTGTTTTCTTTTTCCCGTTTTGATCTCT
GTCCTGTGCTGGGGTACCGGGCCACGCAGTCTCCCTTGGCAGCTCTCAGCTGTCTGTATCCGT
CAGCATTTCTCTTTGGTCTGGTCAAGTTTTCCAGAGGGGACAGTCCGTTCTCCAGCCTGGGACA
GAGGTCAGGGACACATGTGCTCCCTCCCTGGGTTGGCTCTTATATAGGTGAGTGGCAACTGGT
TTTGACCTCTCTTTGCAGGCTGGGCTGTGGGATGAATTAAGAAAGCACTTTATTTCTAT
TCACTTACATTTATTCATTGGAGGAGGAGTTCTCTTTCTAGGGTACACGTGGACATGCCTAT
GACTTTCTGCTTTGTCTTATGTTTAAAAATGCTTCTCAGTCAATGCAGGTCACAAGCAGGCTAT
CAGCTCAGTAATTAATAAATTCGGTCTTTCATAGTGAATGTAATTCAAAATTAACCCAGACACT
GAGCTCCATCCTACAGGGGGCATACCGGGATCTTCCATTTTCAGAGGCTTCTCTGTACAGT
GAAGTGTGATGACAGACTTGGGGGAGGGCAATGGTAGTCTTCAAAGCCGCTGGCAGCTTAGT
GATAAATTTAAATTAAGTGACGGGTAGTGAGGTGTTTTGCAAGGAAAGTGCCGTC
CAAATGCTAAATACTGATTATTTCTGCAGCAGTGAATCACTCACTCAATCTCTGTCTTTCTT
GAAGAAGTCATAAATAACACGATGAATCTATGTAGAAGCGGTAAGTCAGAAAAATCTGTGTGT
TTCATTACATAAACAACGGTTTATCATAATGACAGGCTGGATTGGGAGTGTGAATGAAACT
GATGAGATGTTGGACAGATGAGCTCCCTTATTTCAAAGAGCTTATCTAGGGCTGAGTCATGG
GACCTGTAGCGCTTTGTGGTGTCTTCTTGTAGATATATCCGTTTTAGAGGATTTAGT
TTTTAAAAATTTCTCTAGAAATGTAATTTTAAAAAAGCACTTCCAAATGGATGATTATTT
GAAAAATGAATGGTCAGACAAAACACTGACACATCAGGTTATGGAAGAAAACCCCTTCAAGAACT
GGCTTTAAATGTGTTTTAGTGGGAGCCACAGTGTGGAGAGAAACAGAAGAGGGAGGAGAGG
CGCCCTTGTCTTCTCTCCACAGCCAGGCTTCCGCCACCTTCTCAGTGTCTTCAA
GAATAAATGCTCCGTTGTTGGTTTTAGCTGCTTTTCTCCCTCGGGTAGGTAAGTGGTTC
CAAACGACAAGCATCCTGTAAGTCGGAAAGAGCTGTGTCAACATTAAGCTGCGTGACTTTGGC
TATGAGGGAAAAAAGGCTGGTGTGAGTGACAGAGAAGACAGAGCTGTGGCAGGCTCCTCCGCCAA
GTCGCCATGGAGAGGGGCTGTGAGGTCTTAAACCGGCTGGTCTCCAGGGTACTCAGGAAG
GGCTGAGAGTGGTCACTCCCTCACTGCTAAACCCGACAGCCCGCTCAGCACACACCTC
CAGCTCCCAACTTCCCAAGTGTGGTCCGTCACGACAGGACAGGCTGAGGATGGAGACTTG
GGCTGATTCTTTTTCTCTCCCTTCTCCTCTTTTTTTTTCTTCTCACTCCTCCTTTTTCT
TTCTGCTGTTTCTGCTCCTGTTTTCTGTCTGCAAGTGTCTGGAGCTCCAGAGAGGCTGGCCCT
GGGGTGGGTCACATGGACATGGGCGTAAGCAGGTTTGTAGTGTGATGGGCATAGGCAGGT
TCGATGGCCAGAGTCTTTCACTCAGTAAGTTTTGTTTTGTTTTGTTTTGTTTTGTTTTG
TTTTTTTTTTTTAGATGGAGTCTTGTCTTTGTCGCCAGGCTGTAGTGCAGTGGCGTATCTGGCT
CACTGCAGCCTCCACCTTAGAGCAATCCTCTTGCCTCATCTCCCGGGTAGTTGGGACTACATGTG
CATGCCACATGCTGGCTAATTTTTGTATTTTTAGTAGAGACAGGTTTACCATGTTGGCCAGGCT
GGTGTCCAACCTCTGACCTCAGGTGATCCATCCGCTCAGCCTCCCAAAGTGCCGGGATTACAGG
TATGAGCCACTGCACCTGGCTCAGCTGACAGTAGGTTTTAGAGCCAGATATTTACA

CACTAACTTGCCAGAAACATATGACTTTATTATTCTAATTGATTTAAGAGATATTATGAAC
CAAATCCAAAGTACGTCACCCACCTATCATGACAATTCATTAAGGAAAAAGTCAAACCCATTTG
GAAATGATTTAAGTGAGCAACTTGGAAAAATTTCTACATTCTCAACTACTTTCCAGGGGATCGT
TCCTGACTTAACATCTATCAGGTGCTTAGTTACTTTCCAGGGGATCGTTCTGACTTAACATCTAT
CAGGTGCTTAGCTTAGCTCTCTTTTACTTCAGGTTTTTCTTGCCTCCTCAGTGTGCTGG
GAGTCCCCTCCACTCAAATGCCCTCAGGTCTAATAATTAACCTCATTGCAGGCTCCTGG
CAGGCCCTGGTGGCGGCAGCTGCATTGTCTCCTGAAGAAGATTAAGTGGGTTTGGTGAAC
GGTAGAATTTGCATTTGCTGTTCTTCCCTCCTCCAGAATTTGTACCTTTAAATAGGTTTTTAGT
GTCATTAAGTATATCAAAGGAAACCCAGTGGGGCAAATTTGGCCGGCTCCATAGAGGT
GGCCTTGCTAAGCCTTTCATCTTATCGATAAGGAAAGACAGGACCAGAGAAGTCGCCGACT
GTCCTGGTCCCCTGCTTGGTTGGGGCAATTTCTGAAAATAATATCCAAGATGCAAAGCATAT
GGCTTGGTGAGACATGTGTGAGAGCTGAGAATGAGACGGCTGAGTGTCCGGGGCAGAT
CACGAAGGGTGGCTCCACCTACAGGAGGTCTGGACTTCGCTGTGAAAGACACAGGCCCTCATG
TACGTCCAGGATGCGGTGACAGCGAGGCTTGCAGGAGACAGGTCCTGCTGTGTGGGGT
GAAGCTGGAGGCAAGATGATGCCCTGGAGCTAAGAGATGGTCACAGGAAATCCGGCAAGAAT
TAACGTGGGCAAGTTTGAACCTGCTGTTGTTCCCCAGCATAGTCTCAAGCGAGTGAATGACGGT
TTCTATAGAAGCACAGTTCTACAGGAAAGAGGCGTGGTTAAGAGCATGAGGCCAAGGAAAA
GGAGGGGATTAGAGATAGCCAGCAGTGTGAGGGAGACGGTTCAGACACAGGCCGGAGGGGG
CAAAGCAGGGAATCAAGAGAGAGAGGAGCATATATTACGCAAATTTAAATTTTATGAAGGTG
CAAGATGTTCTGCTTCCGGCCACGTCGCTCCTGGGCTATGGAGTCATCTGTAGCTACAGGGAAC
CACCATTAGTCAGTCTTGTGGTGGAGATCAGGGGGAAGACTGTCATCAAAGGGCCAGAGTGG
GAAGGATTCACACCTCAACCCACCTTACCACCTAACCCGTTTATCCATTTGATCCATTGACAGT
CACAAACCATCCTTAATCTGTAATTTCTCCATCCCTGTCCCTTGCCTCCCTCCCATC
CATTGCCATCCCTCCATCCACTTTCATCTCTCGTTTCTCCCTCCCCATCCCTCCACCCCT
GTTCAACCACCCAGGCAGGGAGCTTGGAGGCGGCTGTCACTGTGCAGCCCCCATGTCCCCTGC
TCTCCCTCCCAATCCCATCTCCCAACTCCCTACTGGCCCCCTGGCCTC
CATCTGCCCCGTCCTCTGTTCCCTCCCTGCTCCCTCAGAGTCCAAAGAGGCCACACCA
GACCCCGGGCAGCCGGAGCCCGGGGCACACGGGCGTGGGGCTGCTACTACAAGCTGAGG
GGGCTGTGGGGCTGCGGCCCCCATCCTTGGCTGAGCCCCGGTGTCTGTGAGCGGCTGTG
GACTGCAGGGGCTCCCTTCTTGGAGAGCAAGTAGGGGCAACGGGGCCGTAGGAGCAGGAGC
GAGGTCAGAGGCAGGCACAGACACAGGCACCGAGGGGAGTGGGCTCAGGGGCTGGGTG
CAGGTGCACTGTGCATGGCACTGAGGAACTGCAGGGAGAGCCAGGCTGGGGCTGGGTGG
CAGCCAGGGGCCCCAGAACCTCAACCTCCCATCAGAGCCTGAACAGACCTCAGGCTGGGG
CAGCCCCAGACCCAGGGTGTGAGCGCAGGTCTAGACCTCCCAAGCCTCAGGCTGCAGG
CACCTCCACCCCTTCTGTCAACCCAGCAGGGGCTGACCTCCTCAGGCCCGGCATCTGT
GACCCTGCGGTGGGAGGTGGCGGGTGGTGTGTAGGGGTCGGCATAGAGGGGCGAGTGTGATGT
TTCCGAAGTGTGGTCAAGGGGCTGCTGGGCTGCTCCTCAGGCTCAGCCTGTGCAGCTGCAGGGCA
GAGGTGGGAGAAATGGGCTTCTCGGCTAGAAACAGCCTAGGCCACCCCTTCTGTGCAA
GAGGCTCTGGGTGGCTCCAGGACAACCTGGGCCAGAGACAGAGACCAGTGGTGGGAACGGTG
GAAACCAGGCCAGGGGCTGTGTGGGTGTCTGGGCCACCTGGGTCAAGTCCAGGTGCAGTGG

GTGACAGGGCCGCGGCCCTCTGCCCGGGCCTTGCTCCCGGGTGACCGGCTGCTGCCACTGCGTCT
CAGCTCGGTCTCCGTCGGCCAATGCTGGCACGGTCAGAGTGGGCTGGTCTGTGGGGACCA
CAAACCTCCAGGAAGAGCCCTTTGGCCCTCTCCGTCGAACCTCTGAGGCTGCAAGG
GGCTCCCTCAGTCTAGTTCCTCGAGGAACCAGGGTCCCCAACACACACTCCCGACCGCT
TCTGCCCACTTTCGTCTGCCACCCGTAAGCGCTCACCGGTGTGTGCTGGGAGGAG
CAGCCCACGGTGGATGGCACTGAGGACTCAGGCAGGGAGTGGCTGGTGGGGTGGAGGGGG
CGCCAAAGCACCCGAGTCCCAGCTGGTCTGTCCGCTGAGGAGAGTGAGCCTCGGC
CACTGCCATAA CCTGGATGGGCAGTGAGTGGGGTGAGTGAGGGGCTG
GACCCCTCCCACCCGCCCTGCTGGACCACCGTGTGTCCCCCTTTATCTTTTTGG
GACGAAGTCTATTCTGTGCCCCAGGCTCAGTACAGTGGCACGATCTGGGCTCACTGCAACCTC
CGCTCCTGGTCAAGCGATTCTCTGCCTCAGCCTCCTGAGTAGCTGGGGTACAGGGATGAC
CGCATGCCCGGCTAATTTTTGATTTTTAATAGAGACAGGGTTTCCACGTCGGTACAGCT
GATCTCGAACCCCTGACCTCAAATGATCCGCCCGCTCAGCCTCTAAAAATGCTGGGATTACAG
CGTGGCCACCACGCCGGTCTGCTGCCCCCTTTTACCCTGCCAGGACTTGGGCTGTGG
GGCTATTGACCCCTCACCTGCGACCCGGAAGCTCTCGGCACCAGGCAGCGGGCGG
GGCCCTCCTGTGGGTGACAGCGCGAAGGCACAGCAGCCAGTGACCGTAGTCTCGTAGCT
GGCGCACACCACGGGATGGTGTGATGAGGGGGCTGGCATACTGCCCCACCAGCCTG
CACCCCTGTCTGAGAGGCCATCCGACCTCTCGGTGCCCTGCTGCCCGCCCTCTGTG
GGCTGGCCTGCTCCACACCTGCTGCCACGAGGAGGACCGGCTGTGTGCCCTCCGACTTGGC
CACACTGGTCTGCTGCCCTGACGCTTCCATTCAAACAGGTGTGGGGCTGATCACGAACAATC
CACTAATGAATAAATCAGAAAACTTGTAGGTAGTATCTGTGGAGAATTAAGGTGATTGCTACTG
GTGAGTCTGGGTGTCTAAGGCCCATCTGACAGGGGAAGCTGTGAGCCTCGCCTTGGCCAGGAG
GAGACCCCTCAGGTGAAGGAACAGCCTGGGAAGTCCCGGGGGGCTTGGCGAGCAGGGGGCAGG
GAGCCAGTGATGGGCCCTCCTCCAGATCGGGGAGGGTCTGTACTCTCTCGGCTGGTCAAG
GACCGGGCAGGAGGGAGTGAAGAGGGTGTCTTAGCCCTCGGGATCCCCAGGAGGGGAA
GTTTTCTGAAAAAGGAGGACTGGACAGTGACAGGCAGGCCAAAGAGTGAGAGGAACTTCACT
GGCAAGAGCCAAACAGGGCTTGTGATTAGGAGAGGAGACAAGGACTGAGGGGTTGGGGGCT
GGGGCTGGGAGGGTGGAGAAGCCACTGTCTGCATTATGGGATGAGGAGGAGAAGCATTAGT
TCTCCACACAATGAGTTCCTGAGAGGTGTCTCAGTGGGATCGTGGTGCAGTGGAAATGTTCA
GAGAAAGATGAGAAGCGGCACCAGCAGCAAAACATCCAGGAACCCAGAAACCATCAGCACAG
GTGCTGCTGAGTCCATAGACCCACTAATGGCCACACAGGACCAACCGGAAGCAAGTGTG
GAGTGGGAGTGAGGGAGCTGGGTGTGGAGATCAGGGGGAAGACTGTCATCTAAGGGCGA
GAGTGGGAAGGATGGAGTCATCTGTAGCTACAGGGAACCACCATAGTCAGTCTTGTGGCACT
GTCTAGCCGGCTCTCCTTTCATGACCACAGAGACCCTTGTCTCAGAGAGCTGCCAG
GGAGCTGCTGACTAGGGACCCCAATAATTTGCTGAGTGAGAAAGGGCTGAGGGTGAAGAG
CAGGCAGGTCTGAAAGCCAGAGGGCATCTGTGGTTGCACACAGGATGCTCTACCTCCAGCAG
GAGGGTAGCAGAGCCCAAGGACTAAACATGGAAGAAGGTGAAATACTCAACCAAGGCCA
GAGGCCAGGGTCTGGTTAGGAAAGCTGGAGGCCCTGGCGGAAACTCTGAGCCTATGCAAT
CAGCTCCTCTTGGGCACTGGGCTGAGAAAAGGCCAGCTCAACGGCACATGCTGGGCTGCTG
CAGGACACAGTGTCTGGCAAGAGGGTGGGTAGTGAGGAGGGCTTTGACCCAAGAAGAT

GGCCCTCCGGGGCTGCCACTGAGGAGACTGAACATGCTAAAGGCCAAGGTCTGCTGGAGG
CAGGGGTTGAAGCTCCAGGAGGCCAAAAGGAGCGGGGCCAGCCTGGCAGCAGGCCAAGGG
CAAGAGTCTGGTGGGTGGGATCTGGGTGGGGCTTGGTGGCCGGTCAAGGCCAGGGCTGG
GGGCCAAAGGGTCTACCCGTAGTTCAGGGAAAATGGGAGGGTGGCTTAGACTGGCTGGTGTG
GAGCCTGGGTGAGGGCAAAGGTGGTACACCCAGAAAGACCCTGCTCCAGGCCGGGTGGGGTG
GGCCCTGCAGCCAGCTTGACCTATTATTCTATTGAGATGAAATTCACATACAAAAATTAATGACGT
TAAAGCAAACAATTCAGTGGCATTAGCGCTTTCATCTTGTCTGCAACCCTGACCTC
GACCTCGTCCAGAACACGTCTCACCTGAAGGGGAACCACTACACGTTAAGCAGTCCGGAC
CATGTTGGCCCCCTCCCGAGTAGCTCTGGCAACCACCATGTCTTTTCATATAATGTGAAT
TACTTGTGTGGACATTTTCAGTTCACAGGCTGTACCTGTTGCACAGACCCTGGGACCG
CGGCACGGCCCAAGTCTTCAGCTCTGTACGGAGCGACCGGAAGAGCAACTCCGGGCCCTGTG
GAACTTAGTGTCAACTATCTGAGAAAGGTCCTTTTGCACACGATCTGCACCCGGCCCGA
CAATGCGAGAGGGGTCCACCGCTCCATCTCCTCGCAGCACTTACGCTCCGGTTCATTAATAATCA
CAGCCATTCAAGTGGATGTGCCTGGCTGGGTTTATGTCTGTTTTCTCGGTGAACGTGAACGGGGG
GGTACAAGTGGTCACTCATGGAACCTGAATGGCTGGAAGAAGGAAGGGTGATCCTGCTAAGA
CAGGGCGTTGTGAAGATTTCCCTCCGAACTAACATCTCACTCACTTCTCAGTTCCAT
CATTGGAAGAAGGAAGGGTGATCCTGCTAAGACAGGGCGTTGTGAAGATTCTCAGAC
GATGCTTGCAACAACGCCATGCGATTGCGCCACTCTGGGTAGGTGGAGACATTGGGGCTCAGGT
GTGGGTAAGTGATTGTGTGACTCCTGTTAAGCGGCAGAACCCGGGACTCAAATTCACACAGATCT
GATTCCTGAATTTTTCTTTGAACCCAGGAAGTGCCTGGCACAGTTCCTGAAGAAATAGAATG
CAGCCAGTGGTACTAAAAGAAATGAATAAGTCAAGTAAATGGACAGAGCTGTGTCTAAGAGT
TCTTTTGGACACAGAAAATGGGTGAGAATGGAAAATGTCCAGAAAATACTCTTGATAAATTAT
GAAAGCTACATATAGGAGCTCAGGTTTAACTCCATATGAAATGAAGAGTCAAAAAGAAAAGGAG
GAGGAGCGTGTTCAGGGCGAACCTCAAGCTTGAGAGTGCATGAAATATGTTGAGACT
CAGAAAACAGTTCCTGAAAGAAATGACACATTAATGAATGAAGGTATAGTTATTTGGAGAAAAT
GAACCTAGATATAAGAGTAACCATATCAAAATGTGTTTCTTAACTGCGGTCTTCAGAACCTATGAG
GTTCTTTTCAAGTAAATGCTGTAAGAAAATACTTCTCTTTTTACTGTTAATTCACAATTTAAAA
GTGTTTTCTACTGAACACTATGTTGGTCCCTCAGATAAGGATTTCTCGAGTCTCAGGCTTTGGG
GTCTTTGAGGAGTGTGACTTCTCAAATGGATGACACTGATCTAACTGGCTGTAGTATCCAT
TCAAGCATGAGGAGGCTCAGAGCCTGGGAAAGCTCAGGTCCAAACAGCTCTTGAAGAGG
CAGGTTGCAGGGCAGGCTGCTTTGCACAAAAGGGACCTGTAGACACTGAGAATCAGTATACCAG
GAACCAGCCACCCTTCACTCTCATAGCAAAAACAAAAAATCTCACTGTTTGTAAACACATATA
GTTCAAGACGGAAGGGCCTACACTGAAGCAGAAAGGATTGAGGTTTATCAGCATCTTCGCT
TTGAGGCCCTCATAATGTACTTCCCATGGACTAAAGTTGTTCACTAAAAGTGAATATTCAAAA
CAAATGTATATGGTGATTATTTAATAGTTTTCACTCCACTTCGCAACTCAACTTTTGGTTGATG
CAAGAGGGATGCGAAGGGAAGTGTGCTTCTAATTCAGCATTGTGGTGAATAAAGAGCA
CAGCATTGCAGCTGTTGAATATAGGCAGTTTTTTCTTTTATAGGCAGTTTTAAGAAGAATGCATT
GATTCATAACAGTGTATTGTGAAGCCATCCGGGACTGTTCACTCACTCATTGAAGAAAGGTG
TATTTTCACTTGAGGTGTGAGAGAAAAGTGGTGTTCACTCATTGCTCTTCTCTGGCTTTTAT
TTTTCTACTTTTAGAGAAAATAAGAGAAGTATCCTGAAGGATGAAATATCCTCGAATATGAAAA

GGTCTGCTCTCTGAAGACCAACTGTCTCAGTCTGCTTTTTGCTGCTGTAACAGAATACCACA
GACTTGGTAATTTATAAACAGTACAACCCTCCCATGATAATGGCATAATCCATTGACGAGGG
CAGAGCCTTCGTGACCCCATCCCTCTAAGGCTCCGCTCAGCATGGTTCAGCTGGGTTAAAT
TTCTAACACCTGAACTTTGGGGACATGTTCAAACCATAGCCAGGGCTTGAGAAAACCCATTT
CACTGACTTCAAATAGTTCATGAAAATGGAGTGTGAGAGAGCAGCAGGGCATTACAAGAATG
GTTTTGAGAGGCTCACTGTGCCAGGCATGGCCCTCAGGGCAGGCAGCTGCACAGCCCCCAT
GGCAGCAGCTGGTCAGGCTGCCAAAACCTCACCCTTTGGAATCACTTCAGCACCACCTGTCT
TCAGTGAATCAATTTGTCTGCAGATTTAAACTCGTTTCTATGTGCCAGTAGGCAGAGAAGCCT
TCAGAGAAAAGAACAGAGCTGGCCAGGGATGACGGACGCATCTAGGCCCTTCGCGCTAAG
GGCAAGTCCCATTCTCCTTGATAGGTCTTTAGATGTACCAGTCAGCAATATGCATCCCCCTCTG
CATTACGCTCAAGCTGTGCAGGGAATGCTAAACAGAGGCAGATCTAAACTTAGGAGTTAGGCT
CTTCTCCATGGAGATGTGGATCTGCACAGACAAAGTGTCCAAGTGGGATTTTCTGCTAT
TTCAAGGACTGCTGTGCACCCTGCTGGCTTCTCCTGCATCCCTGCATCATTGTGCAAGT
TAGTTACATATGTATACATGTGCCATGCTGGTGGCTGCACCCACTAACTCGTCATGTAGCATTAG
GTATATCTCCAGTGTATCCCTCCCCCTCCCCACCCACAACAGTCCCAGAGTGTGAT
GTTCCCTTCTGCTGTCCATGTGTTCTCATTGTTCAAGTCCCACCTATGAGTGAGAACATCGGGT
GTTTGGTTTTTGTCTTGAATAGTTTACTGAGAATGATGATTTCCAATTTGATCCATGTCCT
ACAAAGGACATGAACTCATATTTTTATGGCTGCATAGTATCCATGGTGTATATGTGCCA
CATTTTCTTAATCCAGTCTATCGTTGTTGGACATTCGGGTTGGGTCGAAGTCTTTGCTATTGT
GAATAATGCCGAATAAACATACGTTGCATGTCTTTATAGCAGCATGATTTATAGTCTC
TTGGGTATATACCAGTAATGGGATGGCTGGTCAAATGGTATTTCTAGTTCTAGATCCCTCAT
CAACCTTTTAAAGACATTTAGGAGCTGCTGGTGTAAATGATCACTGAGAAAATAGTATTTCCCT
CACTGTAGCCATCTGCTTCTTTTTGGTCTGGAACATTCTAGAACCTTGGAAAGTGGCTG
GGGCTGAGTCTCAGCCAGCAGGGTTGCCAGTGGCCCTTGTACCCCCGAGCAACACAAGC
CAGGCTCGGTTACTCTGGGTCTGTGCGTCTGGGATCATAGTTTTAAATCTGCCCCAGGGCTCTC
CAGTCCCAGCTGTGGAAGTCAACCTCAGAGGGTGAGGCGGGCGGGCCTCTGTGTGAGT
GGCCCATCCTTACAGCGGAGTTTGTGTACTGAATCGCAGACTCTGGGAGGCTGAAGGGT
TACAGGAGGTCGTGTCTCACGTCGCCACTTCACGGTTGAGGACCCCGTACCCGCTTTGCT
CAGTGGCTGCCAAGATGAGTAATGACCTGAAACAGGGAAAATGTCTTGGATAATACTCTGC
CAGTGTCTGCCATAAATGACAGGCGAATTTTCAGTAGCAGATTCTCTAATAGTTCTGTGGTCT
TCTAAGTGCTAACTGTTAAGTATCTACATTTTTCTAAGCCCGCCTAATGCAAAATTTCTCAAAA
CATAAACCCCTTATTCTTCTCAAATAGGTTACATTAGTTATACACTCTGGAGGTGACTTGACCT
GTCATTGTGAACAATTATTGCTCTTGGACGACCCAGGACATAGGCCAGCCAGTACGTCACCCAGT
GTGTGGAGAATCGCGCTCGGCTTCTCCTCTGTGCTGAGTCATGAAAGTGGCCGGAGCAG
GTGCAGTTACACAACCTCCAGGTAACATCACATGATGTTCAAAAATAATCATCCAAGTCCAG
GATGCGAGCATCTGTCTAGTTTTTGGCATAGGATGACAGTCTGAAATACACTTACTGAATTT
GAATAAGAACGGGCTCAGGTCAGTGATTATCGCTAGTGCCTTATCAACGCCCTGTGGCTTTTCAG
CATTAGTCCCATATCCTCGTCCGGTGTGGCACTGAGAGCAGCTAACTGTTGCCCTCGTTG
GTTCCAGTGGCTTCCGTGACTGGTCAGGGTCAGGTCACCTGCCAACAGGCTGGTGT
GAATCCCTGGAGAAACACAGACATTCTGACCCTAAATATGCTTTCAATGCCATGTGTTTCTAT

CACAAAATCCTGGTCTCAAGTTCTTCTTTATTTTATTTCATTTCATTTTAGCATTCCCTC
CACAAITTCATGGCCAAATCTACTTTTTACTCAATTTACTTGCTTTGGTCATTTTTCAATATAGCACT
TTAATTTCTAGACAAATATTTCAACATTCTCCTGTTTTCTCAAGGATGCTGTTTTCTCCCCAG
GTATGATCCTGTTTAAAGGACTGGATTTAGGATAACTACTTAGAGGTAAAAAGTACAAGGGT
GTATGGATGAGGCTGGAGTGATCTGGGACCAAAGGTATGGGTGATAAAGCAGAGTATCTAAG
CAGCTCCTGGGATGGTGTCTTAAAAAAGTAATAATGCATTTGCTTATTTTAGAGACAGGGTCT
CACTATGTTGCCAGGCTAGACTTGAACCTCTGGGCTCAAGGGATCCTCCACCTCAGCCTCCTAA
GTAGCTGAAACTGCAGGCATGAGCCACCACACTCAACTCACTATCTTTTTTTTTGGAGACG
GAGTCTCGCTTTGTCCCCAGGCTGGAGTGCAGTGCCTGTGATTAGCCACCTGAGTAGGGTG
GATTACAGGCGTGGCCACCATGCCCGTCAATTTTTGATTTTCAGTAGAGACGCGGTTTCGC
CATCTTGGCCAGGCTGGCTTTGGAACCTCTGACCTCAAGTGATCTGCCCGCTCGGCCCTCCAAA
GTGCTGGGATTACAGGCATGAGCCACTGTGCCCTGCCTAGCTCACAAGTGTCTGGGATTA
CAGGCATGAGCCACTGTGCCCTGCCTAGCTCACTATCTTCAATCAGTAGAGATCTTTAGTTAT
TTTTAACTCCATGGATCCCAAGCTTTGATTTTGTTTTTCCAAACAATTCATTTATAAATAATAAT
TTTTATTATAATCAACAGACATCTAGGCTTGCTGCAAGGCTTCTGATCAACATGAGATGAC
CGCCGTGTGGTAAACTGATGAACCCTGACCCATTAGGCTTTGGCTACAGAATGTGGAAATAA
GTTGTGTACTACATGTGTGTAATCCTAGGGTGCAGGACACCGCCGGGAGGTTCCATAGAGT
GATGGGTTCTGCAGGTAACCTCATCCTCTAGTCTCTGTAAGCTCCTAGAAGGAAGAAATTAT
GTCCTTTAGACTAATAAAATCCTCCAAACCAATACAGCACCTACTGTGAAGACACAAAGA
TACTTTAGAAATGAAAACTTTATCCATTGAGAAATTCCTTAATGAAACAGTATCCAAGAA
GTCATTTGCCAGCAGATTTCTTAGAGGTGGGATAAAGAAGAGGACATGCCAGTCTGCACAG
CAGCTGCAATAGCTCCTCTCTATTGTAAACAGTGGGATATCTTGTGCAGGTTTTCAGTTGA
CAATCAATTTAAAGATTAGTTTGGTCCCATCAATCAATTTATTATAACCCATCAATAAAAAAT
TTAAATGCTCTGTGAGGTACAATAGCTATTAAGAGACAGAGGCACCTTCTGTGTCCAGAG
GGGCTTTAGTCTGCTCTGGAAGCAAGATGCGTGCAGATGAGTGACGCAGTGCATCGTGTG
GATGCAAAGGGAGGGACTCATATGGGAACCAGAGGAGTACGAAGGGAGGCAGTGGGGACT
GGTGGTGCAGACCTGGAATAACACATGAATAGGCAACAAGGTTTCTTTCCCTCTTCCATG
CACTTCACTCTTGA AAAACGCTTACCACGGAAATCCACAGCGTACCAAGCGATTCCACAGCTT
GATGGCACACTCTCTTTCTCAGCATTCTTGAAAATGGCGTGTGAGCCAAGCCATTCTACTT
GAAAAATTTTACCCTAAACCCATTTGATGAACCCAAAAATATTTTGAATACCCATCTCCGA
CATTTAGGTAGCCAAATCACACAGAAACACCGAGGCTCTGAGTCAATTTATCTGAAAAAAT
CACAGCTTGGGTGCATGTGAAGCCAGAGGAGCACTCCTGGGGCTGCGGTGCCATCACT
CAGCTCCCTGGGCTTCACATGGCCATGGAGCACCCAGCAAGTGTAGGCTCTGAGCCTCAG
GGAGGGGGCCATCAGCCAGCACCATCGTCTCCTGGGCTTTGTGCCTCTCCTTGGTGGGGT
GTTGTCAGGGCCAGAATTTGGCAATTCGGGGTGACATCCAGGTGTGGCTGCTGACACGGAGCA
CAGGTGAGGTTCACTGAGGTAAGTGGCCATGGCCTTGGGCTTCTAGTTGAGAGCACACCATC
CACTCAGCATGTGAACCCAGCTCCAAAGCGTATGGTGCCTTTGATGCATGTTGATGTACGGGT
GTATCTGTGATTGTGTATGCACACAGGACATATGTGTACATGAATTTGATTGCACATGTGT
TTAATGCGAACAGTGTGATGTGTATGTGTTACATGCATGTGTGCTGTGTACTGTGTGCAA
CAGTGTGTCAAGTGTGATATGTGGGTTATGTTGTACAGTGTGTGTAGTGTGTGTACACATATA

CACCTGTGTGCATGTGTACATGGTATTTAAGCATGTTTGCACGTGTGTTTGTGCTTGCATGTGCTG
CGTGTGTTGTGTTGGTGGGATGTGGGGAGGCTGCTGTGGAGACAAAAGCTGGAGAGAACTTGGTA
GAGTAACCCAGTCAGGAAATGGCACCTGCAAAGGAAGGCTGGAGTGCCTGGGATCCACGT
GAAATGGCCAATCCGTGAGCTGGGCTGGACACAGCCATCACGCTGGGACAGTGTGAGGTTAAAA
CAGAAAGTCTGGGCTGTGGGGAGGCTGAGAATTGAGATGCATGTATGAGATGAGTACCGAG
GGCCAAGTGGTGTGTGTGAGAAAGCAGGCACAGCACCCTAACTAAGGAGATTTGAG
GGGAGTTACGGTGGAGGGAGGACATCAGATCTACCCTGGAAGTTAAACGTGTTTCGAGTG
CATTAAATACTATGGGCCACAGACGCCCTTGCTCCATATCTACTCTTTTATAAATGAAGTAA
GTTCTTGGGAAATACTTTTCTCACTCTAAAGCTCAACAATCTATCTTGCAAAAAATATTTAAAT
TCCATCTCAATAAGCCAGGGTAAAAGGGAGGCTGTGCACCAGACACTGCCAGCCTTGCT
GGCTCTCGCCTTCTTGCTCTTCTCCACCTGCTGGGGATTTTCTTAACGATGGAGATGG
GTTTGGGTTTGCCTGCTGTGCTGCTGCTCCCATTCCTGGATCCAAGGTCCTGCCTGTGCT
GTCCCTGAGCCACTCAGGGATGCAGGGTCCCCACCTGGTCAAGTGCACAGTGTGTTGT
CATTTGCAAGTCTTCTGTGACTGAACTCCAATGGCACTGGGACTGCTGACTCCACCCACT
GGACAACCCGTGTTCTTGCTTTTGGGGTTTCTGAAACAGCCCCAAGACTCTGGGCATCTTGAT
TTGCTCCCATGCTTCTCAGGACACCCTGCTCTGTGGTTTGCAGCCCCGGCCTTCTCTC
GAGGAGCCTCTGCTCTTCTGCTCACACTCGGATTGGACCTTCTTACGACAGCCAGTGGC
CGAGGCTTCTCCCTGGGGCTCAGTGGAGAGGACAGATGCTGCATCAAACCTTCCATTG
GGGAGACGTAGCAGCTGACAGCACTTCCACTTGATTTGGTGGACTCCAGCCTCCCCAG
CAACAATAAGAGATCAAAGCATCGTTGAGGAAGCAGCTTGTGAAACGCTGAGTGCCCGC
CACTCTCAGGTGAGTGGGACCGGCAGCCAGCATGAGTTCCTGAACACTTGGTTCTCAATACT
GGCCACAGCCACACTGTAAGGGGAAACAAGAGGGCACTGTATGCAAAACATCTTGAACCTG
GAGTCTGCTCACCTTCTGCTCAAGCCCTCTCCACGTGGTCCAGTACCATTCTCCACAGA
GACTACCCTAAAACCCAGGACTCTCGTGTGCTGCAGAATGGCACAGCCGTTCTCATAGCAG
CACTCCTGTTAATCAGAGGGATGTTAACGACCAAGTCATATTTGCTCGATTTGTTCAACAT
ATTTCAATTTGACCGATAAACTTAAAAATATCCCCACACATGCATTGCCTATTAAGAGTATCT
TCCAGGTACACCTCCCTTACACATCAGTAACTTGATAATTTCTCCATTCTTGTGCAATAAAT
TTCTTCTGATCAGCTCTGTCCAGCAGCAACAATAATCCACGTAGAGACATGCAAACTAAAA
GTCCGTTAGTGGAGGCACGAAGCTGATGAGGCTTGGAAAAAATGACCGATTTGATTAATAAT
AGGACCATGGGAGTGGAGCTCTGCCTATTTAGAGGCAAAGTAAATGCCTGGGAGTCCAATCAC
CGACTTCTGTTGAGGTTTTCTAATACAAGGAAGATGGAGAAAAATGCAGAACAAGTGGTCAA
GAACAGGGAAGCCAAAGAAGCAAGATGAACAGAGAACGTGCTGACTGCGCTCGTTTGGAAA
GGCTCATGGCCAAAGGAGGAGAGGCATTATGAGGAGCAGTACCAGTGGGACAGGACCCCG
GGGATCAGGAAAGGTGCACGGGGGAAATGAGAGGCCGTGAGCGGCTTCCACGGAAGGTTTT
GAAGCACGGTTGATTTCTCTCTCCCTCACCATCCCAAAATTTAGTTGTGACTATCTCCAG
GTACATGGCTTGCACAGCGGTGTATAAAACTAATGTGACGTTAATTTAAACCTTAGCCAT
TTTCTGGAACTTAAATATCAAAGAGAAAATGCCACATATGATGTTAATTGAGGTTTGTCTCACT
GGTGATTTGTGCTGATTAATCTGTTCTTTTTTTTTTCTTAAGGGGTCAGTTTTAGAATTG

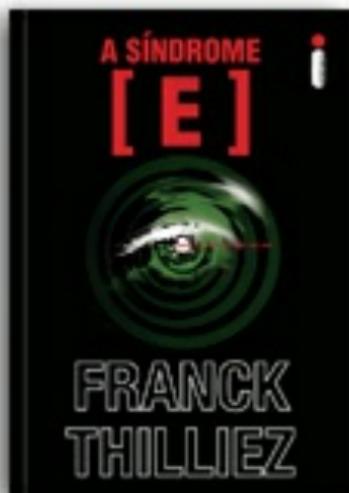
Sobre o autor

® Philippe Matsas Mars



[F]ranck Thilliez nasceu em 1973, em Annecy, e vive atualmente em Pas-de-Calais. Trabalhou com novas tecnologias antes de dedicar-se inteiramente à escrita. É autor de 11 romances que, juntos, já venderam mais de 2 milhões de cópias. A série de títulos que traz como personagens os policiais Lucie Henebelle e Franck Sharko alcançou a marca de 500 mil exemplares vendidos e teve os direitos de publicação adquiridos por 13 países.

Conheça o outro
livro do autor



A síndrome E